**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

ELLEN TALINE DE RAMOS

**Entre salas, celas e vozes: relatos sobre formação escolar em prisões
femininas**

São Paulo
2019

ELLEN TALINE DE RAMOS

Entre salas, celas e vozes: relatos sobre formação escolar em prisões femininas

Versão Original

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em Psicologia Social.

Área de Concentração: Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Martineli Massola

São Paulo
2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ramos, Ellen Taline de

Entre salas, celas e vozes: relatos sobre formação escolar em prisões femininas. /
Ellen Taline de Ramos; orientador Gustavo Martineli Massola. -- São Paulo, 2019.
352 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) -- Instituto de
Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

1. Mulheres Presas. 2. Educação Escolar. 3. Formação. 4. Semiformação. 5.
Humanização. I. Massola, Gustavo Martineli, orient. II. Título.

Nome: RAMOS, Ellen Taline de

Título: Entre salas, celas e vozes: relatos sobre formação escolar em prisões femininas.

Tese apresentada ao ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em Psicologia Social.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

A todas as mulheres que lutam contra a opressão e violência do patriarcado e do machismo cotidianamente. Sigamos todas na luta!

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a todas as mulheres privadas de liberdade que lutam diariamente contra a invisibilidade de estar em um sistema de homens para homens, e por suportarem a pressão social de ser mulher e estar presa. Em especial, agradeço àquelas que gentilmente compartilharam suas histórias comigo e que, ainda que brevemente, puderem ser olhadas e ouvidas.

Gostaria de agradecer também a todas e todos que ao longo desses 4 anos disseram e apoiaram a célebre frase “Bandido bom é bandido morto”, pois estas e estes só me motivam a agarrar ainda mais a causa daquelas e daqueles que, invisibilizados, são única e exclusivamente postos como responsáveis “pelos erros de suas vidas”. Essas pessoas só apontam o quanto nossa sociedade precisa ser olhada de uma forma mais humanizada.

Agradeço à Débora, minha companheira, que me ajudou a dar conta do longo processo de doutoramento, e que suportou os anos monotemáticos e angustiantes de escrita. Aproveito também para agradecer ao Zé (cachorro) e à Preta (gata) que acompanharam as madrugadas de escrita e que tiveram seu sono diretamente afetado por isso.

Agradeço aos meus pais Plínio e Leide, a minha irmã Eloise, que carinhosamente me ajudou neste trabalho, e a meus irmãos Everton e Enido, que sempre apoiaram minhas decisões e muitas vezes, mesmo com a distância e a correria do dia-a-dia, mostravam presença e apoio.

Agradeço também a todas as minhas alunas e os meus alunos que suportaram minhas reclamações, desabafos a respeito do doutorado e que também, por meio dos diálogos em aula e curiosidades sobre a temática, contribuíram para que eu não desistisse, ajudando-me a entender o quão ímpar é este trabalho.

Sigo não podendo deixar de agradecer à Claudia, minha mãe acadêmica, que me apresentou a riqueza dos encontros humanos nos locais mais esquecidos socialmente.

A Ari, meu psicólogo, que na reta final da escrita suportou as sessões repetitivas sobre a construção do texto e todas as suas amarras, inseguranças e angústias

Aos meus alunos Camila, Diego, Iara, Kelly e Marcel pelo apoio na coleta de dados e transcrições das entrevistas.

À Lilian, pelo cuidado e atenção aos dados brutos da pesquisa e pela troca ao longo de nossos bate-papos.

À Vivian, por sua paciência ao ouvir, ao longo dos intervalos de trabalho, longas falas sobre o doutorado e pela atenção na revisão textual.

Ao meu amigo Daniel (*In Memoriam*) pelo carinho e apoio nas trocas pelas ruas de Itu.

A todas minhas amigas e amigos que compreenderam minha ausência nos encontros e que vibraram comigo a cada capítulo concluído.

Por fim, e não menos importante, agradeço ao Gustavo, meu orientador, por toda paciência, cuidado e apoio ao longo dessa caminhada de encontros presenciais e virtuais para acolhimento de desesperos psíquicos e arremates textuais.

De modo geral, as pessoas tendem a considerá-las [as prisões] algo natural. É difícil imaginar uma vida sem elas. Ao mesmo tempo, há relutância em enfrentar a realidade que se esconde nas prisões, medo de pensar o que acontece dentro delas. Dessa maneira, o cárcere está presente em nossa vida e, ao mesmo tempo, está ausente de nossa vida. Pensar nessa presença e nessa ausência simultâneas é começar a compreender o papel desempenhado pela ideologia em modelar a forma como interagimos com nosso entorno social (DAVIS, 2018a, p.16).

RESUMO

RAMOS, Ellen Taline de. **Entre salas, celas e vozes:** relatos sobre formação escolar em prisões femininas. 2019. 352 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Este trabalho tem como objetivo compreender como se dá a escolarização nas prisões femininas do estado de São Paulo, bem como as percepções das alunas, das professoras e dos professores envolvidos neste processo. Ao longo do trabalho, são apresentadas discussões a respeito das estatísticas ligadas ao sistema penal, a história e organização das prisões tal como as conhecemos hoje, as especificidades de gênero e suas interfaces com o sistema prisional, a escola na prisão, seu surgimento e desenvolvimento, e como os teóricos da escola de Frankfurt contribuem para a compreensão da temática deste estudo. A coleta de dados desta tese foi realizada por meio de visitas a unidades femininas do estado e de entrevistas semiestruturadas com alunas, professoras e professores. Além disso, realizaram-se observações em sala de aula a fim de compreender a organização e o andamento das aulas. Após a transcrição literal das entrevistas, realizou-se a análise de conteúdo, que gerou quatro categorias. Os principais resultados encontrados foram de que, no encontro marginal entre professoras e professores precarizados e mulheres presas, há uma potência de humanizarem-se e também uma hipervalorização alienante (aluna ideal e melhores professores); além disso, uma das principais motivações para a volta à escola foi para que as mulheres presas sirvam de exemplo para seus descendentes, reproduzindo a perspectiva dos papéis social (im)postos às mulheres na sociedade. Viu-se também a escola como possibilidade, ainda que remota, de ascensão social. Neste ponto, discursos bastante idealizados surgiram. A última categoria analisada traz as precariedades das salas de aula nas prisões e a falta de suporte técnico e pedagógico para os docentes. Por fim, foi possível verificar as contradições do espaço que se pretende educativo dentro de uma instituição punitiva, sendo que esta última acaba por delinear todas as regras da escola, interferindo direta e indiretamente em seu cotidiano. Além disso, os encontros entre professoras/professores e alunas, ao mesmo tempo em que se mostra potente, se apresenta carregado de valores ideológicos e de alienação, o que contribui para a não ocorrência da formação cultural, propagando a semicultura. Desta forma, compreende-se que este trabalho de cunho histórico, político, social e de gênero atingiu o que se propôs, quanto a analisar seus objetivos e, sobretudo, olhar e dar voz ao socialmente invisível e inaudível. No entanto, diante do que se mostra como possibilidades futuras, é essencial que este não seja o fim desta discussão - o ponto final deste trabalho constitui-se apenas como uma lacuna provocante e instigante, para novos parágrafos, lutas e resistências.

Palavras-chave: Mulheres Presas. Educação Escolar. Formação. Semiformação. Humanização.

ABSTRACT

RAMOS, Ellen Taline de. **Between classrooms, lockups and voices: schooling reports in women prisons.** 2019. 352 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

This study aims to understand how the schooling process works at the women prison of São Paulo State, as well as the perceptions of the students and the professors involved of all these procedures stages. All over the text, we present discussions about the statistics related to the penal system, the history and the organizational methods of the prisons as we know today, also the gender specifications and its interfaces with the prison system, the prison's school as it was originated and developed, and how the Frankfurt theorists contribute to the subject-matter of the study. The data collection of the present thesis was made through the women units visitation and the semi-structured interviews to the students and professors (women and men), in addition, there were classrooms observational sections to comprehend the organizational methods and the classes progress. After the literal transcription of the interviews, the content analysis was made considering four categories. The main discovered results were that by the marginal meeting among the precarious professors and the arrested women, there is a powerful humanization process of themselves and an alienating overvaluation (the ideal student and the best professor), moreover, one of the arrested women major motivations to the school return was to be their descendants examples reproducing the social perspective roles (in)posed to the women in society. There is also the school as one possibility, albeit remote, of social ascension, at this point, rather idealized discourses emerged. The last category analyzed brings us the prison classrooms precariousness and the lack of technical and pedagogical support for the teachers. By the end, it was possible to verify the local contradictions of the place which is intended to be educative within a punitive institution, also considering that the last one will design every scholar rule, interfering directly and indirectly in their daily life. Furthermore, the meetings among professors and students at the same time that is powerful are loaded with ideological values and alienation, which contributes to the non-occurrence of the cultural formation, diffusing the semiculture. According to it all, it is understood that the present research reached the historical, political, social and gender imprint of its purpose, including itself analysis of the claims and above all, to look and to give it a voice to the socially invisible and inaudible ones. However, up to the future possibilities, it is essential to not put an end of the discussions, the endpoint of this study it is only a provocative and incendiary gap, to new paragraphs, struggles and resistance.

Keywords: Arrested Women. Scholar education. Formation. Semi-formation. Humanization.

SUMÁRIO

1. PESQUISA E PESQUISADORA: AS INTERFACES DO ESTUDO DA EDUCAÇÃO NAS PRISÕES.....	11
2. SOBRE PESSOAS E NÚMEROS	18
3. GÊNERO E SUA RELAÇÃO COM A REALIDADE CARCERÁRIA.....	31
4. EDUCAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO NAS PRISÕES	50
4.1. Educação: escola e prisão como reprodutoras da verticalidade e das desigualdades sociais	50
4.2. Escolarização das mulheres	53
4.3. Educação escolar nas prisões.....	57
5. ESCOLA DE FRANKFURT: REFLEXÕES SOBRE O FEMININO, O CRIME/CRIMINOSO E A EDUCAÇÃO COMO FORMA DE COMBATE À VIOLÊNCIA.....	69
5.1. Indivíduo, Sociedade e Progresso: A representação da mulher na família e na sociedade	69
5.2. A Formação e a Semiformação.....	81
6. (DES)CAMINHOS PERCORRIDOS	90
7. AS VOZES INAUDÍVEIS	101
7.1. O valor do que vem “da rua”: o visível no invisível	101
7.2. O espelho de si, em si e no outro	131
7.3. (Re)produção para o trabalho.....	143
7.4. (Des)estrutura escolar	154
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	169
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	174
APÊNDICE A - Roteiro de entrevista com alunas	183
APÊNDICE B - Roteiro de entrevista com professores	185
APÊNDICE C - Roteiro de observação	186
APÊNDICE D – Diário de Campo	187
APÊNDICE E - Entrevistas transcritas das alunas.....	197
APÊNDICE F - Entrevistas transcritas dos Professores	299

1. PESQUISA E PESQUISADORA: AS INTERFACES DO ESTUDO DA EDUCAÇÃO NAS PRISÕES

Pensar a educação realizada nas unidades prisionais constitui um processo que se iniciou há cerca de dez anos. Esse percurso surgiu por meio de dois estudos realizados por mim na Iniciação Científica e no Trabalho de Conclusão de Curso, relacionados ao fracasso escolar na Educação de Jovens e Adultos (EJA), quando constatei que esse fenômeno era condicionado às histórias de vida dos alunos.

Após essas investigações, passei a participar de um grupo de Pesquisa coordenado pela minha então orientadora, no qual estabeleci contato com a questão prisional e as especificidades do cárcere feminino. Esse contato ocorreu devido a minha participação em uma pesquisa voltada para a reflexão e para a compreensão dos limites e possibilidades da existência de creches dentro das unidades prisionais. O trabalho se deu por meio de visitas a uma unidade que mantinha mães e bebês juntos durante o período de amamentação (STELLA et al., 2010).

A vivência desta pesquisa, que possibilitou idas frequentes à prisão, despertou-me o interesse em prosseguir estudando essa população, uma vez que alguns incômodos que eu sentia foram recorrentes. Já a partir dos primeiros contatos, era perceptível que havia poucas coisas que diferenciavam a nós, “mulheres livres”, daquelas privadas de sua liberdade. Ao olhar, conversar e conviver com elas, uma série de estereótipos gradativamente caíam por terra, como, por exemplo, a ideia propagada de que são “monstros” e de que são “menos mulheres”, pois do contrário não estariam presas.

Além disso, pude perceber que todas aquelas mulheres, independentemente do que fizeram ou não, possuíam uma história de vida, tiveram e têm famílias, passaram pela infância e adolescência, frequentaram escolas, trabalhos, etc., ou seja, embora apresentem singularidades e vulnerabilidades, em pouco diferem das ditas “mulheres livres”. Não só esta constatação, mas também o fato de as mulheres privadas de liberdade serem punidas e invisibilizadas de diversas maneiras foi gerando em mim cada vez mais o desejo em seguir estudando essa população.

Na situação da referida pesquisa sobre creches nas prisões, ao adentrar às prisões e passar por todo seu aparato de vigilância, vi-me, naquele momento, diante de uma situação nova e angustiante, uma vez que, simultaneamente, havia um

misto de curiosidade pelo que ocorre além das muralhas observadas de fora, com o receio e o medo impostos pela sociedade em geral de que aquelas(es) que se encontram privadas(os) de sua liberdade fossem “monstros” e fizeram por merecer as penas a que se viam submetidas, e desta maneira, foram postas às margens da humanidade. Talvez tenha sentido algum reflexo da presença e ausência simultâneas da prisão em nosso cotidiano, como referido por Davis (2018a) na epígrafe deste trabalho.

Todavia, ao passar pelas trancas, foi possível, por meio dos contatos contínuos, romper as barreiras dos preconceitos e estereótipos, quiçá como sugerido por Crochík (2001; 2006) via contato. Esses contatos frequentes me levaram a reconhecer em mim e nelas semelhanças, construindo-se um processo de identificação, que, por sua vez, me levou a um caminho de olhar e buscar a humanidade em suas diversas e, muitas vezes, sutis manifestações.

Conforme ocorriam as visitas e diálogos com as mães e seus bebês, a sensação era de que as grandes muralhas da arquitetura prisional iam se esfarelando, o que possibilitou contatos cada vez mais genuínos. Creio que um episódio em especial tenha sido determinante para o rompimento das barreiras institucionais postas pelos papéis de mulher privada de liberdade *versus* pesquisadora.

Em uma situação em que conduzia as rodas de conversas que fazíamos semanalmente, as mães falavam do desenvolvimento de seus bebês quando passaram a falar da alimentação ofertada na unidade prisional e comentaram da má qualidade da margarina disponibilizada. Neste momento, de forma espontânea, acabei por concordar com a reclamação por também já ter consumido tal marca de margarina. A situação ora inusitada possibilitou que a aproximação humana, além dos papéis estabelecidos, ocorresse de ambos os lados, justamente partindo de um detalhe do cotidiano de todas nós.

A partir desta vivência, é que hoje vislumbro a origem motivacional em seguir os estudos com essas mulheres, e a cada ida às prisões, é como se revivesse aquele momento, buscando a humanidade - e que fique claro que me refiro à busca pela humanidade não apenas nas presas, mas também em mim, dadas as constantes investidas postas na dialética indivíduo/sociedade rumo à coisificação, como bem discute Adorno (1995a; 1995b; 1995c; 1995d; 1995e; 2005) - por trás das

grades, que, por meio de todo seu aparato repressivo, encarrega-se de desacostumar as pessoas de suas identidades as desaculturando e as mortificando, como bem explica Goffman (2010).

Por meio desses trabalhos, surgiu o interesse em me aprofundar nas histórias de vida das mulheres presas e suas peculiaridades, bem como compreender os desafios de retornar aos bancos escolares neste contexto tão específico que é o cárcere. Assim, após a conclusão da graduação, a ideia de realizar o mestrado se concretizou por meio da junção dos temas anteriormente estudados e por acreditar que a educação pode funcionar como mecanismo para a emancipação e combate à barbárie, conforme discutido pelos frankfurtianos (ADORNO, 1995a; 1995b; 1995c; 1995d; 1995e; 2005).

Durante o mestrado, foram realizadas várias visitas às prisões para observar e vivenciar as práticas educacionais nesse ambiente. No decorrer deste período, a responsável pela organização das escolas nas prisões era a Fundação de Amparo ao Preso (FUNAP), que delegava a função de ministrar aulas às chamadas monitoras presas. Essas monitoras tinham como responsabilidade ensinar suas companheiras em salas multiseriadas e, em troca, eram remuneradas e recebiam a remição por trabalho, conforme previsto em lei (três dias trabalhados correspondem a um dia a menos na pena) (RAMOS, 2013).

Ao observar algumas aulas ministradas por essas monitoras, ficou evidente a ausência de preparo técnico para a condução das atividades. Além disso, era frequente a realização de brincadeiras por parte das demais detentas em relação à monitora – não havia nas aulas, aparentemente, respeito pelas presas que lecionavam. Presenciei, por exemplo, episódios nos quais as alunas depreciavam a forma de falar da monitora, por ter cometido alguns erros de concordância. Outro ponto perceptível era a dificuldade da monitora, muitas vezes sem formação para dar aulas, em ensinar os conteúdos de todas as séries do ensino fundamental, uma tarefa árdua inclusive para os que a escolheram (RAMOS, 2013).

Atuar ministrando aulas para adultos que cursam EJA já apresenta certa complexidade, pois os que estão nesta situação deixaram a escola em momentos distintos e por diversos motivos. Isso acarreta, por exemplo, a necessidade de o educador compreender o significado do retorno à escola para cada uma das alunas e alunos e o nível educacional em que cada um está para assim nortear seu

trabalho. Realizar tal tarefa no interior de uma penitenciária, onde muitas vezes o que sobressai é um sentimento de injustiça e de exclusão social, e o fato de ser realizada em salas multiseriadas, acrescenta a esta complexa tarefa diversos obstáculos, tais como: organizar as aulas para dar conta das distintas séries e níveis educacionais na mesma classe, lidar com a alta rotatividade das educandas nas salas de aula, além da adequação de conteúdo e metodologias para o interior do cárcere, o que apresenta uma série de limitações e imposições institucionais.

Nesse sentido, ao observar as peculiaridades dessa realidade escolar e as mudanças ocorridas na legislação nos últimos anos, é possível verificar que, embora os investimentos para a realização da educação nas prisões sejam precários, contando com uma estrutura física muitas vezes improvisada e enfrentando a ausência de materiais, o simples fato de haver a inserção de professores “da rua” – como denominado pelas mulheres privadas de liberdade – na unidade, já dá ao encaminhamento das aulas outro tom.

Lembro-me da dificuldade em me imaginar em uma sala de aula ao assistir à aula de uma monitora presa, o que ocorria por diversos motivos: as conversas paralelas eram constantes, a evidente deslegitimação da companheira como professora, entre outros fatores. Ao assistir à aula de uma professora da rede estadual, o sentimento de estar em uma escola foi imediato – a própria postura física das alunas em sala bem como os relatos nas entrevistas dizem muito do quanto são respeitados esses profissionais e esse espaço – talvez até mais que extramuros – no ambiente prisional.

Por vezes, ouvi o reconhecimento por parte das presas sobre o quanto consideram um desafio para o professor ir à prisão dar aulas devido aos procedimentos de segurança que são necessários para entrar nas unidades. Além disso, tornou-se aparente em pouco tempo que essas mulheres se desvalorizam de tal forma que, ao falar sobre o esforço dos professores, é como se dissessem que não são dignas dessa dedicação.

Nesse sentido, embora seja possível questionar a ideia de qualidade na educação ofertada, é inegável que há uma disponibilidade maior das presas para aprender e, como muitas relatam, “sair da prisão ao ir à escola”, pois, ao lidarem como uma professora da rede em vez de uma companheira, a sensação de estarem além dos muros da prisão é ainda mais forte: a professora apresentará temas

distintos daqueles “de cadeia” (como elas dizem). Rompem-se, desse modo, barreiras institucionais, mesmo ainda no interior do cárcere.

Outro ponto que chamou atenção nos contatos com as alunas está relacionado às suas perspectivas pessoais e ao papel da educação nesse processo. Muitas veem a educação como forma de operacionalizar uma melhor colocação no mercado de trabalho e uma possível ascensão social, enquanto outras se vinculam ao conhecimento em razão das questões afetivas, como a família – algumas das entrevistadas relataram voltar aos estudos para servirem como exemplos para seus filhos além de conseguir ajudá-los com os estudos.

Além disso, foi bastante relevante e interessante verificar – por meio de uma das entrevistadas – quão receosas ficaram no final do ano de 2015 devido às “ameaças” da reorganização escolar e, conseqüentemente, do fechamento de salas de aulas “na rua”. A partir disso, a entrevistada traçou uma reflexão muito pertinente em relação a sua preocupação, pois segundo ela, se as pessoas consideradas “de bem” estão com seu direito à educação ameaçado, por que elas, “criminosas”, seriam dignas dele? Diante dessa constatação, relatou um temor intenso de ter a escola fechada.

Após esses breves relatos sobre a experiência na escola do cárcere, muitos questionamentos e reflexões a respeito dessa realidade e suas mudanças surgiram, ligados à busca por tentar compreender como as relações sociais têm se estabelecido nesse ambiente agora povoado por professores “da rua” em contato com as mulheres presas, e como – ou se – a educação pode apresentar-se como uma possibilidade de ressignificação de suas histórias e quiçá uma possibilidade de emancipação no sentido explicitado pelos frankfurtianos.

Por conseguinte, o trabalho aqui apresentado tem como intuito dar continuidade aos estudos realizados por mim no que concerne à educação de mulheres presas e às diversas modificações ocorridas nesse âmbito. Essa temática é relevante uma vez que, além do aumento do encarceramento de uma maneira geral, o número de mulheres presas também vem crescendo gradativamente e, embora seja considerado pelos documentos oficiais numericamente pouco significativo (5,8%), vemos que a taxa de encarceramento de mulheres desde 2000 aumentou 455% (BRASIL, 2018), o que salienta a importância e a relevância deste trabalho ao tratar desta população.

Diante destes dados sumariamente apresentados, e que serão explanados mais adiante, podemos questionar a respeito do porquê desse aumento tão abrupto nesta taxa, e quais seriam as causas do encarceramento feminino.

Outro elemento relevante para o presente trabalho refere-se às alterações ocorridas nos últimos anos no âmbito educacional nas prisões do Estado de São Paulo, o que tem impactado diretamente a forma de organização da escolarização no interior das unidades prisionais. Além disso, é importante ressaltar a questão de gênero que perpassa nossa sociedade e se potencializa em relação às mulheres presas, considerando-as como indignas de seus papéis sociais por serem mulheres e “criminosas”, colocadas, em função desta dupla condição, ainda mais à margem da sociedade.

As problemáticas expostas brevemente nesta introdução serão apresentadas de forma mais detalhada no decorrer deste estudo, ao longo dos capítulos subsequentes.

O segundo capítulo, “Sobre pessoas e números”, tem como intuito apresentar um panorama geral (Brasil) e específico (Estado de São Paulo) sobre as estatísticas ligadas as prisões, tais como o aumento de encarceramentos no país, os índices relacionados às mulheres privadas de liberdade, escolarização e perfil das presas e presos, etc. Além disso, inicia-se nesse capítulo as discussões sobre a criminalização da pobreza, a racialização da pena e o esboço da discussão de gênero, que atravessa toda a tese.

No terceiro capítulo, “Gênero e sua relação com a realidade carcerária”, me detenho em explorar o conceito de gênero e seus reflexos no sistema penitenciário, aprofundo neste item aspectos da construção histórica dos papéis sociais postos e impostos no imaginário social ao longo do século XIX, influenciados pelo pensamento burguês e embebido em aspectos religiosos, que acabam por criar a ideia de que à mulher destina-se a vida privada e ao homem a vida pública. Essas perspectivas atravessam o sistema penal, uma vez que as primeiras penitenciárias femininas no Brasil, além de geridas por religiosas, foram pensadas para acostumar a mulher desviante aos padrões da vida doméstica.

Em “Educação e escolarização nas prisões”, o quarto capítulo, discorro, a princípio, sobre a educação e a escolarização e seus significados de maneira geral,

e traço um breve histórico a respeito da escolarização de mulheres. Apresento também a escola e a prisão como instituições voltadas ao controle social e reprodutoras das desigualdades sociais tão centrais em nossa sociedade para, na sequência, discutir as possibilidades denominadas educativas no interior das prisões, assim como as mudanças ocorridas nos últimos anos, a fim de compreender como historicamente se organizaram as escolas dentro das unidades prisionais.

Frente à perspectiva teórica adotada neste texto, o capítulo quinto, “Escola de Frankfurt: reflexões sobre o Feminino, o crime/criminoso e a educação como forma de Combate à violência”, traz aspectos abordados, principalmente por Theodor Adorno e Max Horkheimer, a respeito da organização da sociedade e seu movimento dialético, além de apresentar o que esses autores dizem sobre aqueles que cometem atos ilícitos, no que tange aos preconceitos e às mulheres. Neste item, são apresentados também os conceitos de formação e semiformação, que são centrais para o direcionamento deste trabalho e, além disso, discorro sobre como a educação pode ser essencial para a desbarbarização da sociedade (ADORNO, 1995c).

No capítulo sexto, “(Des)Caminhos percorridos”, indico o problema de pesquisa, objetivos, hipóteses e a organização da pesquisa, e, ainda, como os dados foram captados e analisados para, na sequência, no capítulo sétimo, “As vozes inaudíveis”, apresentar a análise das entrevistas e observações realizadas divididas em quatro categorias temáticas, que, após leitura e releitura dos dados brutos, saltaram aos olhos.

Por fim, traço minhas considerações finais, visando sintetizar o que foi discutido ao longo do trabalho, além de apontar para novas possibilidades e problemáticas voltadas para a discussão das prisões brasileiras, da escolarização em seus interiores e, principalmente, para a questão de como a variável gênero perpassa as prisões de maneira invisibilizada.

2. SOBRE PESSOAS E NÚMEROS

A ideia deste capítulo surgiu após uma palestra proferida, em maio de 2018, para estudantes de psicologia, sobre a institucionalização nas unidades prisionais. Nesta ocasião me deparei com o desafio de apresentar este tema, que ao mesmo tempo que desperta uma curiosidade única, “entender a mente do criminoso”, também apresenta uma série de resistências, estereótipos e preconceitos, ainda mais potencializados quando falamos das mulheres.

No momento de montar a fala para a palestra alguns incômodos apareceram: devo lançar mão dos números para introduzir a temática? Se o fizer, estarei reduzindo as pessoas privadas de liberdade a eles?

Ao me deparar com estes incômodos, me recordei da seguinte citação:

A reflexão a respeito de como evitar a repetição de Auschwitz é obscurecida pelo fato de precisarmos nos conscientizar desse elemento desesperador, se não quisermos cair presas da retórica idealista. Mesmo assim é preciso tentar, inclusive porque tanto a estrutura básica da sociedade como os seus membros, responsáveis por termos chegado onde estamos, não mudaram [...]. Milhões de pessoas inocentes — **e só o simples fato de citar números já é humanamente indigno, quanto mais discutir quantidades** — foram assassinadas de uma maneira planejada. Isto não pode ser minimizado por nenhuma pessoa viva como sendo um fenômeno superficial, como sendo uma aberração no curso da história, que não importa, em face da tendência dominante do progresso, do esclarecimento, do humanismo supostamente crescente. O simples fato de ter ocorrido já constitui por si só expressão de uma tendência social imperativa (ADORNO, 1995c, p.120, negrito meu).

Nesta citação, o autor apresenta seu argumento da ressalva em citar números para falar sobre os grandes genocídios da história da humanidade, e no caso específico do texto, os números de mortos nos campos de concentração nazista. Concordo com o autor quanto ao fato de que, ao lançarmos mão de estatísticas, corremos fortemente o risco de reduzir toda e qualquer humanidade daqueles dos quais falamos à frieza numérica, dessa forma, após refletir sobre a inserção ou não dos dados na referida fala, optei por apresentá-los às estudantes e, posteriormente, inseri-los na presente discussão.

Analisando as argumentações de Adorno (1995c) e as respeitando, creio que, passados mais de 50 anos desde que proferiu na rádio a discussão sobre Auschwitz, o avanço técnico e tecnológico vêm empurrando ainda mais

compulsoriamente a humanidade à desumanidade. Em nome do chamado progresso, cerramos os olhos às opressões e aos genocídios de nosso tempo, somos atropelados pela enxurrada de semiformações que só fomentam e validam a tendência social imperativa que Adorno explicita.

Desta maneira, sabendo dos riscos, opto por apresentar as estatísticas mais recentes disponibilizadas pelo Governo Federal a respeito da população carcerária geral e feminina, uma vez que como indivíduos produzidos pela historicidade e produtores da mesma temos sido impelidos pelo progresso, assim como o anjo da história citado por Benjamin (1987), a um futuro obscuro sem, necessariamente, conseguirmos digerir a avalanche e rapidez das semiformações vividas nos tempos atuais.

Assim, dada a ascensão irrefreada da racionalidade tecnológica, o que gera cada vez mais indivíduos afinados com a técnica e incapazes de identificar-se com seus semelhantes, lançarei mão das estatísticas não para reduzir a humanidade das pessoas privadas de liberdade, mas num esforço de humanizá-las, pois, se vivemos em uma realidade em que parece que cada vez mais negamos nossas especificidades, talvez escancarar números seja uma estratégia extremamente importante e necessária para que algumas pessoas, encoraçadas pelas alienações de nosso tempo, sejam capazes de encontrar pequenas clareiras de consciência, reconhecendo os horrores de nosso Sistema Carcerário, porque talvez só assim consigam entrar em contato com o que resta de sua própria humanidade.

A progressão numérica de encarceramento que vimos nos últimos anos tem demonstrado o quanto a implementação de políticas públicas é falha em nosso país, além de possibilitar que compreendamos o recorte claro de classe social das encarceradas e encarcerados.

Enquanto vemos nos últimos 15 anos esforços de vários países para o desencarceramento, notamos o Brasil na contramão desse fenômeno, tal como veremos com os dados mais recentes.

Entre 2000 e 2015, a população carcerária da Europa em geral foi reduzida em 21%, processo parcialmente ligado à crescente influência de certo consenso forjado em inúmeras decisões do Tribunal Europeu de Direitos Humanos contra tratamentos desumanos e degradantes e pela redução do número de pessoas presas como medida imediata de enfrentamento à superlotação e também nas posições do Conselho da Europa, entre as quais a de

estabelecer como critério de solução do problema da superpopulação carcerária a excepcionalidade da construção de novos presídios, “uma vez que, em geral, não é [medida] cabível a oferecer uma solução duradoura ao problema da superlotação” [apud Roig, 2014: 107].

Nas Américas do Norte e Latina, no entanto, houve, no mesmo período, um aumento de 40% da população prisional – crescimento bastante influenciado pela persistência do alto ritmo de crescimento da população prisional no Brasil (enquanto, entre 2000 e 2015, houve nos Estados Unidos aumento de 14%, no Brasil o aumento foi de aproximadamente 170%) (PASTORAL CARCERÁRIA, 2018, p. 15).

Nos últimos dados gerais disponibilizados em 2017 pelo Ministério da Justiça, vemos as informações referentes ao mês de junho de 2016, nas quais “a população prisional brasileira ultrapassou, pela primeira vez na história, a marca de 700 mil pessoas privadas de liberdade, o que representa um aumento da ordem de 707% em relação ao total registrado no início da década de 90” (BRASIL, 2017, p.10).

Diante deste crescimento, passamos a ocupar o 3º lugar no *ranking* de países com maior número de pessoas privadas de liberdade, “perdendo” apenas para os Estados Unidos e para a China.

Em números absolutos: o sistema carcerário contava, na época dos levantamentos, com 726.712 pessoas privadas de liberdade o que significa uma taxa de ocupação de 197,4%, escancarando um dos problemas mais comentados quando se fala em prisões – a superlotação (BRASIL, 2017).

Em relação às mulheres, a taxa de aprisionamento feminino aumentou em 455% entre 2000 e 2016, o que leva o Brasil a ocupar o 4º lugar em números absolutos totalizando 42.355, com taxa de ocupação de 156,7%, “perdendo” apenas para Estados Unidos, China e Rússia respectivamente. Todavia

em relação à taxa de aprisionamento, que indica o número de mulheres presas para cada grupo de 100 mil mulheres, o Brasil figura [hoje] na terceira posição entre os países que mais encarceram, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e da Tailândia. Se observarmos em série histórica a evolução da taxa de aprisionamento nos cinco países que mais encarceram mulheres no mundo [Estados Unidos, China, Rússia, Tailândia e Brasil], é possível observar que a expansão do encarceramento de mulheres no Brasil não encontra parâmetro de comparabilidade entre o grupo de países (BRASIL, 2018, p.13).

Entre 2000 e 2016, enquanto o Brasil deu um salto na taxa de encarceramento de mulheres, a Rússia, por exemplo, diminuiu essa taxa em 2%. De

acordo com a Pastoral Carcerária “atualmente, estima-se que haja mais de 11 milhões de pessoas presas em todo o mundo”, deste número a soma dos 10 países “que mais aprisionam (Estados Unidos, China, Brasil, Rússia, Índia, Tailândia, Indonésia, Turquia, Irã e México) corresponde a mais do que 60% desse total” (PASTORAL CARCERÁRIA, 2018, p.14). Isso demonstra claramente o quão necessário é pensarmos políticas públicas de segurança mais efetivas para que consigamos refletir e propor diferentes formas de punição, para além do encarceramento.

Embora quantitativamente sejam menos mulheres presas que homens

a população prisional feminina atingiu a marca de 42 mil mulheres privadas de liberdade, o que representa um aumento de 656% em relação ao total registrado no início dos anos 2000, quando menos de 6 mil mulheres se encontravam no sistema prisional [...]. No mesmo período a população prisional masculina cresceu 293%, passando de 169 mil homens encarcerados em 2000 para 665 mil homens em 2016 (BRASIL, 2018, p.14-15).

A situação é preocupante, pois com a taxa crescente de encarceramento e o aumento abrupto de homens e mulheres privados de liberdade, vemos, além da superlotação, a precariedade do sistema penal brasileiro que por sua morosidade acaba por manter encarceradas pessoas que não necessariamente deveriam estar privadas de sua liberdade. Do total de presas e presos, cerca de 40% não foram julgadas e condenadas (BRASIL, 2017). Quando refinamos estes dados, apenas para as mulheres, a situação se potencializa, uma vez que cerca 45% delas ainda não foram julgadas e condenadas (BRASIL, 2018).

Há também outros dados importantes a respeito da população prisional, quando falamos da população carcerária de maneira geral, vemos que esta se compõe majoritariamente por pessoas jovens - 55% têm entre 18 e 29 anos -, negros - 64% das pessoas privadas de liberdade, contra 53% da população total – e com pouca ou nenhuma escolaridade - 61% são analfabetos, alfabetizados e/ou têm o ensino fundamental incompleto (BRASIL, 2017).

Ao tratarmos das mulheres, algumas dessas variáveis se potencializam como a taxa de não julgadas e condenadas. No caso delas: 62% são negras, 50% têm entre 18 e 29 anos, 50% são analfabetas, alfabetizadas e/ou têm o ensino fundamental incompleto, 62% solteiras e 74% com filhos (BRASIL, 2018).

A última estatística é bastante interessante, pois já começa a despontar uma característica própria das mulheres, a maternidade aparece, e esta é uma das variáveis que perpassa todas as entrevistas realizadas neste estudo, além de ser uma temática costumeiramente abordada e delegada às mulheres.

Em relação a São Paulo, onde esse trabalho se realiza, é o estado que concentra em números absolutos 240.061 pessoas presas o que representa 33,1% da população prisional do país. Quando falamos das mulheres, São Paulo segue na dianteira com 15.104 mulheres presas, o que constitui 36% da população prisional feminina do país, com isso, salienta-se a relevância do estudo e de sua localidade.

Considerando que “o acesso à assistência educacional é um direito garantido à pessoa privada de liberdade e deve ser oferecido pelo Estado na forma de instrução escolar e formação profissional, visando a reintegração da população prisional à sociedade” (BRASIL, 2018, p.66). Importante salientar, ainda, o que o Infopen considera como atividades educacionais

ensino escolar, que compreendem as atividades de alfabetização, formação de ensino fundamental até ensino superior, cursos técnicos (acima de 800 horas de aula) e curso de formação inicial e continuada (capacitação profissional, acima de 160 horas de aula); e atividades complementares, que compreendem as pessoas matriculadas em programas de remição pelo estudo através da leitura, pessoas matriculadas em programas de remição pelo estudo através do esporte e pessoas envolvidas em demais atividades educacionais complementares (tais como, videoteca, atividades de lazer e cultura) (BRASIL, 2018, p.66-67).

Neste sentido as últimas informações disponíveis apresentam que, das mais de 700 mil pessoas privadas de liberdade no país, apenas 12% estavam envolvidas em algumas das atividades descritas na citação acima (BRASIL, 2017). Em relação às mulheres, a porcentagem aumenta para 25% da população feminina do país (BRASIL, 2018).

No Estado de São Paulo, especificamente, 10% do total de presas e presos estão em atividades educativas, quanto à educação formal, foco deste estudo, 8% (19.082 pessoas) (BRASIL, 2017). Quanto às mulheres, 28% realizam atividades educativas, destas 19% (2.755 mulheres) estão na educação formal. No que se refere às atividades ligadas ao Ensino Fundamental da população geral, 41% estão nesta atividade, já no Ensino Médio, são 31%, na população feminina, são 41% e 33% respectivamente.

Diante destes índices podemos inferir que de maneira geral as mulheres buscam acessar propostas educacionais proporcionalmente mais, o que reflete o que ocorre além dos muros das prisões, e será discutido adiante.

Após a breve apresentação dessas estatísticas, alguns pontos se explicitam: o processo de encarceramento em massa, de criminalização da pobreza e de racialização do crime (tendência a imputar cor ao crime). Quando analisamos o Gráfico abaixo retirado do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN) Mulheres, vemos o crescimento acentuado do encarceramento em nosso país, principalmente a partir do ano de 2006.

Gráfico 1 – Mulheres privadas de liberdade entre os anos 2000 e 2016

Fonte: INFOPEN Mulheres 2ª edição (2018).

Ao verificarmos tais informações recorreremos a Löic Wacquant (2004), que em seu livro *As Prisões da Miséria*, apresenta uma leitura histórica do processo de criminalização da pobreza e sua expansão pelo mundo. O autor aponta que, com a ascensão de uma política liberal e posteriormente neoliberal, salienta-se uma ideia de “mais Estado” policial e penitenciário e “menos Estado” econômico e social, e consequentemente, mais encarceramento.

Tal fenômeno de

aumento exponencial do encarceramento é global e está conectado, [...], à nova ordem neoliberal do desemprego em massa, do subemprego e da gestão punitiva da insegurança social [Wacquant, 2007, 2011], tendo nos Estados Unidos o laboratório central de produção e exportação das políticas “contra a violência urbana” do “lei e ordem”, da “guerra contra o crime e às drogas”, do “tolerância zero”, entre outras especiarias tecnocráticas do novo punitivismo neoliberal (PASTORAL CARCERÁRIA, 2018, p.14).

Os estudos de Wacquant começam explicando como a chamada teoria da “vidraça quebrada”, formulada em 1982 pelo criminologista James Q. Wilson, trabalha a ideia de que “quem rouba um ovo, rouba um boi”, e como “essa pretensa teoria sustenta que é lutando passo a passo contra os pequenos distúrbios cotidianos que se faz recuar as grandes patologias criminais” (WACQUANT, 2004, p. 16). Ou seja, prega-se a ideia de que seria necessário “cortar o mal pela raiz”. Ao juntar essa teoria com o aumento da criminalidade em Nova Iorque, há um terreno fértil para o início da política de “tolerância zero” implementada, primeiramente, nos Estados Unidos (EUA)¹ e que, gradativamente espalhou-se pela Europa.

Tal política serve para legitimar o poder policial e judiciário e sua atuação sobre os pobres, uma vez que se dissemina a noção de que somente os pobres cometem crimes e que além da influência econômica, há também a questão étnica, pois devido às construções históricas de exclusão, grande parte dos que estão à margem da sociedade são negros.

Com isso, alimenta-se um estereótipo de que aqueles que cometem crimes, além dos pobres, seriam os negros, fato que desencadeou e ainda desencadeia o encarceramento dessa população, que no Brasil, assim como no caso das mulheres presas, ultrapassa a média nacional, como já apontado anteriormente.

Angela Davis (2016; 2108a) também nos ajuda a compreender a historicidade das prisões da criminalização da pobreza e da racialização da pena seja em relação aos homens seja às mulheres. Realiza a leitura estadunidense do processo histórico de abolição da escravidão e suas interfaces com a ascensão e potencialização da prisão, o que, em muitos aspectos, podemos transferir para nossa realidade.

A autora indica que “é fato que é possível se tornar alvo da polícia por nenhuma outra razão além da cor da pele” (DAVIS, 2018a, p.32) o que vemos cotidianamente no Brasil, embora haja esforços sociais e midiáticos de negar tal fenômeno, os dados apresentados apontam para este sentido, uma vez que, como comentado, o número de negros e negras na prisão supera proporcionalmente a média nacional.

¹ Sobre a questão da política de encarceramento nos EUA, sugere-se o documentário a 13ª Emenda de 2016, pois apresenta de maneira didática a construção histórica, política e ideológica do maior sistema carcerário do mundo.

Ainda em relação às questões étnicas, é possível notar que além do encarceramento temos o genocídio da população negra e periférica, o que alertou a ONG Anistia Internacional em 2012, e foi reafirmado pelo Atlas da Violência Publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em parceria com Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

Em 2016, por exemplo, a taxa de homicídios de negros foi duas vezes e meia superior à de não negros (16,0% contra 40,2%). Em um período de uma década, entre 2006 e 2016, a taxa de homicídios de negros cresceu 23,1%. no mesmo período, a taxa entre os não negros teve uma redução de 6,8%. Cabe também comentar a taxa de homicídios de mulheres negras foi 71% superior à de mulheres não negras² (IPEA; FBSP, 2018, p.40).

Diante do exposto, vemos que não é possível discutir sistema prisional sem pautar a criminalização da pobreza e a racialização da pena, tais fenômenos não são exclusivos do Brasil, mas tampouco podem ser ignorados, há uma historicidade vinculada a este processo que tentarei expor ao longo deste estudo.

Dessa maneira

penalizar a miséria significa aqui 'tornar invisível' o problema negro e assentar a dominação racial dando-lhe um aval de Estado [...]. Em tais condições, desenvolver o Estado penal para responder às desordens suscitadas pela desregulamentação da economia, pela dessocialização do trabalho assalariado e pela pauperização relativa e absoluta de amplos contingentes do proletariado urbano, aumentando os meios, a amplitude e a intensidade da intervenção do aparelho policial e judiciário, equivale a (r)estabelecer uma verdadeira ditadura sobre os pobres (WACQUANT, 2004, p. 06).

Frente a isso, o que vemos é a propagação de uma cultura preconceituosa e “determinista” com relação à população marginalizada, a qual é justificada pela “necessidade” de guerra ao crime, expressão que, segundo Wacquant (2008, p.10), seria

[...] inapropriada sob três aspectos, retóricos tanto quanto materiais. Em primeiro lugar, guerras são empreendidas por militares contra inimigos externos da nação, enquanto o combate ao crime, independentemente do quão duro seja, envolve órgãos civis que lidam com cidadãos e detentos protegidos por uma série de direitos e que, ao invés de serem expulsos ou aniquilados, são reintroduzidos na sociedade após um período em custódia penal. Segundo, a chamada guerra declarada por autoridades federais e locais nunca foi empreendida contra o “crime” em geral. O alvo na verdade eram determinadas categorias de ilegalidades cometidas em um setor bem definido dos espaços físico e social: basicamente crimes de rua

² O documento considera não negros: brancos, amarelos e indígenas.

cometidos em bairros de classes desfavorecidas e segregadas das metrópoles norte-americanas. Terceiro, e mais importante: o acionamento da luta contra o crime serviu tão-somente como pretexto e trampolim para uma reformulação do perímetro e das funções do Estado, que resultou no enxugamento (*downsizing*) do seu componente de *welfare* e no inchaço (*upsizing*) dos seus setores policiais, jurídicos e correcionais.

Outro fator relevante levantado por este autor é a diminuição da taxa de desemprego nos EUA em decorrência do aprisionamento da população mais pobre, pois esta trabalha predominantemente no mercado informal. Assim, ao aprisioná-la, o desemprego “diminui”, e em contrapartida, há o crescimento do

emprego no setor privado de produtos e serviços carcerários, um setor com altas taxas de empregos precários e rotatividade, e que cresce paralelamente à privatização da punição (já que a fonte da “competitividade” das empresas correcionais são os salários incrivelmente baixos e os benefícios insuficientes concedidos ao seu quadro de empregados) (WACQUANT, 2008, p.11-12).

O sistema penal vai, gradativamente, transformando-se no que Davis (2018a) denomina como complexo industrial-prisional ganhando interesse de empresas que, em nome de maiores ganhos, emprega presos e presas de maneira extremamente precarizada a baixo custo, fazendo assim sua “boa ação” enquanto sua margem de lucro é amplificada.

No caso do Brasil, a Lei de Execuções Penais prevê a obrigatoriedade do trabalho com, supostamente, finalidade educativa e produtiva. Vemos os reflexos do complexo industrial-prisional ao compreendermos, via esta lei, que a pessoa privada de liberdade possui contratação não pertencente a Consolidação das Leis Trabalhistas, tendo remuneração não inferior a $\frac{3}{4}$ (três quartos) do salário mínimos vigente, no entanto fora constantemente relatados que este valor nem sempre é atingido, visto que muitas empresas remuneram mediante produção, esta por vezes possui exigência exacerba e inviável de ser cumprida (BRASIL, 1984).

Além disso, ainda que timidamente, a legislação brasileira incluiu em 2003 a previsão de parcerias com a iniciativa privada para a instalação de oficinas de trabalho nas unidades prisionais (BRASIL, 2003), o que aponta para a precarização de trabalho e à “venda” de mão de obra conforme debatido por Davis (2018a).

O que se vê frente a este encarceramento em massa da população pobre é que, a médio e longo prazos, aumentam os números de trabalhos informais, pois

após a saída da prisão, dificilmente o indivíduo é aceito formalmente em um emprego, em decorrência de seu passado.

Contudo, em contrapartida à ideia da associação entre criminalidade e miséria, Cunha (2010) ressalta que a classe mais abastada, como ela denomina, também comete crimes, mas

não são penalizados, pois esta possui recursos para sua defesa. A prisão hoje é uma instituição de criminalização da pobreza, uma vez que somente aquele que não possui conhecimento e recursos materiais para se defender é que acaba penalizado, muitas vezes com sentenças e julgamentos tardios e medidas punitivas severas à natureza (CUNHA, 2010, p.175).

Relacionando a temática da criminalização da pobreza às mulheres vemos que estas constituem uma população que vem crescendo nas penitenciárias e que acaba por ser duplamente marginalizada e discriminada: em primeiro lugar por ser mulher e, em segundo, por estar presa (DRIGO, 2010).

A mulher encarcerada apresenta-se à sociedade como desqualificada e destituída de seus papéis sociais. Além disso, o que vemos se repetindo no sistema carcerário feminino é o encarceramento das mulheres negras, com baixa escolaridade e de classes sociais mais pobres, como apontados pelas estatísticas já apresentadas, o que demonstra o quanto esta política de “tolerância zero” e de “Mais Estado Penal” atinge também as mulheres, contribuindo ainda mais para a propagação de estereótipos e preconceitos em relação aos que cometem crimes e às “mulheres criminosas” que rompem com todos os padrões (im)postos pela sociedade.

Outro ponto interessante no que diz respeito ao encarceramento feminino, é a questão do tráfico de drogas e da política antidrogas instituída em 2006 por meio da Lei 11.343, que embora aponte para a não criminalização do usuário, não estabelece claramente qual é a quantidade de droga que se caracteriza ou não como tráfico, o que faz com que a decisão de enquadrar uma pessoa flagrada com posse de entorpecentes na categoria de usuário ou traficante repouse sobre critérios subjetivos, como aponta o segundo parágrafo do artigo 28

Para determinar se a droga destinava-se a consumo pessoal, o juiz atenderá à natureza e à quantidade da substância apreendida, ao local e às condições em que se desenvolveu a ação, às circunstâncias sociais e pessoais, bem como à conduta e aos antecedentes do agente (BRASIL, 2006).

O que vemos nesse parágrafo é que as circunstâncias sociais e pessoais utilizadas como critério de caracterização do tráfico são perpassadas por estereótipos e, conseqüentemente, aquelas pessoas vistas como traficantes e não como usuárias via de regra são homens e mulheres negros e periféricos, fato que sustenta e justifica a política de tolerância zero.

Ainda a respeito da subjetividade envolvida no julgamento do referido parágrafo o levantamento realizado pela Pastoral Carcerária aponta que a “maioria absoluta das condenações por tráfico de drogas é baseada apenas na palavra do agente policial responsável pela abordagem e prisão, etc” (2018, p. 62). Dada a discussão realizada até aqui tal fato aponta para uma possível parcialidade na avaliação e julgamento desta temática tão sensível, principalmente, para a população prisional feminina.

É possível verificar que a aprovação desta lei parece ter influência direta sobre o aumento do cárcere feminino, pois, embora já estivesse em ascensão, é a partir de 2006 que vemos um aumento significativo do encarceramento feminino, como demonstra o Gráfico 1. Além disso,

de modo geral, podemos afirmar que os crimes relacionados ao tráfico de drogas correspondem a 62% das incidências penais pelas quais as mulheres privadas de liberdade foram condenadas ou aguardam julgamento em 2016, o que significa dizer que 3 em cada 5 mulheres que se encontram no sistema prisional respondem por crimes ligados ao tráfico. Entre as tipificações relacionadas ao tráfico de drogas, o crime de Associação para o tráfico corresponde a 16% das incidências e o crime de Tráfico internacional de drogas responde por 2%, sendo que o restante das incidências referem-se à tipificação de Tráfico de drogas, propriamente dita (BRASIL, 2018, p. 53).

Dessa forma, a partir do que vem sendo discutido neste texto, verificamos que a política de tolerância zero, que passa a ser implantada nos Estados Unidos na década de 1980, chega e ganha força no Brasil, principalmente nos anos 2000, e passa então a fortalecer e justificar prisões arbitrárias, fato que coloca o Brasil no *ranking* de países com maior quantidade de presos e presas no mundo, além de levar ao problema da superlotação, ausência de vagas e assistências adequadas.

Diante dos dados apresentados, nota-se que as mulheres, muitas vezes por necessidades econômicas ou por questões afetivas, por exemplo, acabam envolvendo-se com o tráfico de drogas ligado direta ou indiretamente ao

parceiro/parceira, sendo usadas nos casos de tráfico internacional, frequentemente, como “mulas”, portando uma pequena quantidade de entorpecentes, sendo comum os casos em que são denunciadas pelo próprio grupo, a fim de criarem uma situação de distração propícia ao tráfico de maior quantidade (CARREIRA, 2009; RODRIGUES; FARIAS, 2012; HOWARD, 2006).

Essas informações demonstram quão subalterna é a inserção da mulher no crime, uma vez que seu envolvimento com o tráfico, por um lado, está atrelado às relações afetivas ou familiares, entretanto, por outro lado, é comum o relato de que, antes de serem encarceradas, essas mulheres eram, por diversos motivos, “chefes de família”, e devido às suas necessidades socioeconômicas e ao baixo nível de escolaridade, acabam recorrendo ao tráfico como possibilidade de sustento familiar e sobrevivência (SOUZA, 2009; DRIGO, 2010; TEIXEIRA, 2010).

Além disso, frente às dificuldades vivenciadas no dia a dia da sociedade capitalista

furtar, traficar sendo socialmente reprovados e juridicamente criminalizados, constituem práticas correntes de um processo de sobrevivência do cotidiano, em que falta o trabalho, a educação, e do qual a comunidade e o Estado estão ausentes, sem efetivamente aplicar políticas públicas de assistência, apoio e acompanhamento (RODRIGUES; FARIAS, 2012, p. 18).

Por fim, é possível verificar o quanto as desigualdades sociais e econômicas favorecem tanto a entrada no “mundo do crime” como também define quem serão os punidos, que via de regra são os negros e pobres, pois socialmente são vistos como “naturalmente perigosos”, por causa das questões geográficas (onde vivem), ausência de educação e “esforço individual”, questões estas pautadas na falácia a que alguns setores chamam de meritocracia, conceito que tentarei discutir, ainda que brevemente, ao longo deste estudo.

Assim, cabe deixar para reflexão os seguintes questionamentos: como criminalizar pessoas que compulsoriamente são postas à margem? De que maneira romper com essa lógica que marginaliza, finge ofertar possibilidades para então justificar a “ausência de esforço e mérito”?

Com isso, damos o pontapé para as discussões que seguem a respeito das entrevistas realizadas com as alunas e com professores, a fim de compreender a função da instituição escolar no interior das prisões e pensar em como a educação

pode ser um caminho para a superação da violência e possibilitar novas perspectivas reais e/ou ilusórias de ascensão e reconhecimento social.

3. GÊNERO E SUA RELAÇÃO COM A REALIDADE CARCERÁRIA

Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso... [alguém da audiência sussurra, "intelecto"]. É isso querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, porque você me impediria de completar a minha medida?

Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com isso.

Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de conserta-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem³.

Diante do trecho do discurso de Sojourner Truth, citado acima, inicio este capítulo de forma provocativa e elucidando seu objetivo de evidenciar alguns aspectos, essenciais para o presente trabalho, relacionados a características gerais da prisão, à mulher em nossa sociedade e à maneira pela qual a desigualdade de gênero se impõe no cotidiano feminino no cárcere.

De início, crê-se necessário discorrermos sobre a prisão e suas características para então adentrarmos na discussão de como o gênero estrutura e delinea as entranhas do sistema penal.

Rusche e Kirchheimer (2004) apresentam no livro *Punição e Estrutura Social* a organização das práticas punitivas ao longo da história, mostrando a evolução das penas conforme seu tempo e finalidade. Trazem as influências dos diferentes sistemas econômicos na imputação das penas e como esse processo vai delineando quem serão os atingidos. Além disso, demonstram o quanto a questão social configura-se como essencial para a delimitação do que é ou não é crime e daquilo que deve ou não ser punido. Os autores passam dos regimes de penalização do corpo até as prisões como as conhecemos hoje sendo uma das influências para a obra de Foucault (2013).

³ Discurso proferido por Sojourner Truth, ex-escrava, como uma intervenção na Women's Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851. O discurso completo pode ser lido no site Geledes. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>>. Acesso em: 13 dez 2018.

Um ponto importante que Rusche e Kirchheimer (2004) deixam claro em seu texto é que desde dos primórdios as penas vão configurando-se de forma a criminalizar as populações mais pobres. Quando discorrem, por exemplo, sobre a vadiagem e a necessidade de se lutar contra tal prática, a fim de que os homens alcancem a retidão divina, deixam claro, além da influência religiosa calvinista, o foco da pena como redenção e possibilidade da pobre alma ser dignificada. Outro ponto que marca a questão socioeconômica das penas é o estabelecimento do pagamento de fiança, a partir disso, torna-se claro que aquele que pode pagar terá privilégios.

Segundo Foucault (2013) - que desenvolve longo estudo sobre a história das prisões - as prisões, tal como as conhecemos hoje, surgem uma vez que os suplícios começam a ser alvos de protestos ao longo do século XVIII, neste sentido, passa a ser necessário “punir de outro modo: eliminar essa confrontação física entre soberano e condenado [...]. O suplício se tornou rapidamente intolerável” (FOUCAULT, 2013, p.71). No intuito de abandonar as práticas punitivas corporais “o direito de punir se deslocou da vingança do soberano à defesa da sociedade” (FOUCAULT, 2013, p.87). Neste sentido, a privação de liberdade pune o malfeitor com o isolamento que lhe servirá como punição do espírito.

O autor discorre sobre como ao longo dos anos o poder e a vigilância estabelecem-se na sociedade de tal forma que a torna carcerária, “‘naturalizando’ o poder legal de punir, como ‘legaliza’ o poder técnico disciplinar” (FOUCAULT, 2013, p. 287), ou seja a vigilância e a punição se esparramam para toda a sociedade, por meio de suas instituições, contrói-se assim

um grande *continuum* carcerário que difunde as técnicas penitenciárias até as disciplinas mais inocentes, transmitem as normas disciplinares até a essência do sistema penal [...] Uma rede carcerária sutil, graduada, com instituições compactas, mas também com procedimentos parcelados e difusos, encarregou-se do que cabia ao encarceramento arbitrário, maciço, mal integrado da era clássica (FOUCAULT, 2013, p.282, *itálico do autor*).

A arquitetura se modifica, projetando cada vez mais a eficiência do controle social e da domesticação dos corpos. Ao tratar das prisões, especificamente, vemos todos os esforços para que sua estrutura seja o mais efetiva possível para a punição, uma vez que ao longo da história deixa-se a ideia de punir o corpo para então se punir

o espírito ou antes um jogo de representações e de sinais que circulem discretamente mas com necessidade e evidência no espírito de todos. Não mais o corpo, mas a alma, dizia Mably. E vemos bem o que se deve entender por esse termo: o correlato de uma técnica de poder (FOUCAULT, 2013, p.97).

Objetiva-se assim, enclausurar todo aquele que rompe com as leis sociais, a fim de lhe gerar reflexão e conseqüentemente transformá-lo em um indivíduo útil e dócil à sociedade. Veremos ao longo deste capítulo que essa docilidade e utilidade gradativamente demarcam classe social, raça e gênero.

Ao longo do desenvolvimento das prisões Cunha (2010) ressalta “que, no decorrer da história, o tratamento dado aos presos e presas esteve atrelado ao modelo social vigente, ou seja, os suplícios deixam de ser necessários a partir do momento em que o infrator passou a ser considerado uma possibilidade de mão de obra” (2010, p.164). Constata então que a ideia de humanização aparece na prisão apenas no momento em que se nota nesse local a possibilidade de seu funcionamento em prol do capitalismo. Claro que, em paralelo a esse fato, há a preocupação com a humanização da pena, por meio da discussão sobre direitos humanos, principalmente após a Revolução Francesa: muitos setores sociais “passaram a cobrar das autoridades a redução da arbitrariedade e a humanização das penas” (CUNHA, 2010. p.164).

Com o estabelecimento das prisões como conhecemos hoje, foi constatado logo de início o fracasso das instituições penais em recuperar o criminoso, uma vez que as condições às quais se expunham os sujeitos, longe de recuperá-los, contribuíam para seu aperfeiçoamento no mundo do crime (FOUCAULT, 2009). Segundo ele, o fracasso da instituição

foi imediato e registrado quase ao mesmo tempo que o próprio projeto. Desde 1820 se constata que a prisão, longe de transformar os criminosos em gente honesta, serve apenas para fabricar novos criminosos ou aprofundá-los ainda mais na criminalidade (FOUCAULT, 2009, p.131-132).

Assim, até aproximadamente o século XVIII não havia, na prisão, o objetivo de ressocialização, pois esse ambiente se relacionava apenas à ideia de punição e depósito de pessoas à espera dos suplícios. Todavia, com o surgimento arquitetônico do Panóptico⁴, entre 1780 e 1820, “a prisão assume uma tripla função:

⁴ Estrutura arquitetônica criada Jeremy Bentham, com finalidade de exercer um papel de controle social sobre os indivíduos. Possui uma torre central “esta é vazada de largas janelas que se abrem

punir, defender a sociedade isolando o malfeitor para evitar o contágio do mal e inspirando o temor ao seu destino, corrigir o culpado para reintegrá-lo à sociedade, no nível social que lhe é próprio”. (PERROT, 2017a, posição 5090). Funções estas reproduzidas fielmente pela legislação do nosso país (BRASIL, 2010).

Frente a esse fracasso, criou-se, no decorrer da história penitenciária, uma série de estigmatizações a respeito do encarcerado, seja por meio dos preconceitos e estereótipos que a sociedade constrói e reproduz, seja pela apropriação e interiorização desse lugar pelos próprios presos, conforme discutido por autores como Goffman (2010) e Adorno et al. (1984).

Quanto ao primeiro autor, esse discute a mutilação do eu e a morte civil causadas aos indivíduos por instituições como a prisão, levando-os a se despirem de suas identidades e papéis sociais (GOFFMAN, 2010).

O segundo autor afirma que a prisão, para esse indivíduo – com sua identidade deteriorada e sua constante relação com a realidade prisional marcada por contato com policiais e com as adversidades da prisão – constitui uma lógica irreversível que o colocará numa situação de subalternidade, que será apenas potencializada quando ele retomar seus direitos civis, ou seja, no momento de sua saída da prisão (ADORNO, et al., 1984). Ao sair do sistema prisional, o indivíduo deveria estar supostamente recuperado e ressocializado, todavia

a condição de vida do egresso penitenciário parece por si só evidente. Portador de uma “identidade virtualmente deteriorada”, constituída no curso de um projeto de vida em que a situação de inferioridade e desigualdade social pode significar um ponto de partida, o cotidiano marcado pelo contato permanente com a polícia e com a justiça significa um trânsito necessário e o acesso à prisão uma lógica irreversível; ele vivencia a experiência mais cruel de sua condição de subalterno, justamente ao retomar seus direitos civis (ADORNO et al., 1984, p.103).

Isso relaciona-se com o fato de que ao sair da prisão o(a) egresso(a) possui uma série de manias institucionais (postura, gírias etc.) e, principalmente, ao estigma social sobre a questão penitenciária.

sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas dotorre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado [...]. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções — trancar, privar de luz e esconder — só se conserva a primeira e suprimem-se as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha (FOUCAULT, 2013, p. 190).

Assim é abarcado por uma sociedade que o estigmatiza e volta a excluí-lo por conta da sua trajetória de vida, o que muitas vezes contribui para a reincidência, no caso das mulheres, como veremos, os estereótipos se potencializam dificultando ainda mais a saída do cárcere.

Entretanto, não se pode negligenciar os problemas carcerários que interferem no processo de ressocialização, constantemente discutidos por estudiosos da área e também expostos nas estatísticas oficiais como: as superlotações, ausências ou deficiências nas assistências à saúde, laborais, educacionais e jurídicas, além da hostilidade e violência existente nas prisões, seja por parte dos funcionários com os encarcerados, seja entre os internos (ADORNO; FISCHER, 1987). Diante das influências e interferências dessas instituições insalubres junto aos indivíduos que por ela passam, é possível verificar que a chamada ressocialização acaba sendo questionável e muitas vezes impedida (CARLEN, 2007).

Quanto às mulheres, vamos percebendo que as punições serão marcadas, principalmente, pela questão de gênero, ou seja, por ser mulher subentende-se certa fragilidade e docilidade que vai no sentido oposto ao da violência e do crime, desta forma, a mulher que o comete é vista como anormal, insana, a priori sendo tratada como caso de saúde mental (RUSCHE; KIRCHHEIMER, 2004; DAVIS, 2018a).

Para iniciar a discussão de gênero, crê-se necessário defini-lo diferenciando-o de sexo, pois muitas vezes, erroneamente, esses conceitos são equiparados. Para que se possa trazer à tona essa discussão, é importante salientar que de forma geral entende-se sexo como biológico, enquanto a ideia de gênero é mais ampla, atrelando-se às questões sociais. Dessa forma,

quando falamos em *gênero*, fazemos referência a um conceito construído pelas ciências sociais nas últimas décadas para analisar a construção sócio-histórica das identidades masculina e feminina. A teoria afirma que entre todos os elementos que constituem o sistema de gênero – também denominado “patriarcado” por algumas correntes de pesquisa – existem discursos de legitimação sexual. Esses discursos legitimam a ordem estabelecida, justificam a hierarquização dos homens e do masculino e das mulheres e do feminino em cada sociedade determinada. São sistemas de crença que especificam o que é característico de um e outro sexo e, a partir daí, determinam os direitos, os espaços, as atividades e as condutas próprias de cada sexo (GARCIA, 2011, p. 19, *itálico da autora*).

Diante dessa definição, entende-se que a concepção de gênero se associa à famosa frase de Simone de Beauvoir, segundo a qual “não se nasce mulher, torna-

se”, ou seja, o “ser mulher” reporta-se diretamente com o que é esperado para as mulheres na sociedade, trazendo, assim, o ponto de partida para a discussão crítica quanto à divisão social e de trabalho entre homens e mulheres, bem como de que forma esse fato relaciona-se e reflete-se na história e no cotidiano das mulheres encarceradas.

Com a admissão de que o “ser mulher” é uma construção social, torna-se necessário pôr em relevo o histórico de opressões sofridas pelas mulheres, justificado pela ideia de superioridade masculina em detrimento da feminina, o que faz com que muitas vezes a diferença entre gêneros seja ignorada e as especificidades do feminino deixadas de lado (BARATTA, 1999), como ocorre com as mulheres presas.

Além disso, é importante considerarmos como a categoria “mulher” se organiza, uma vez que no processo histórico da luta por direitos esta em alguns sentidos

foi ideologicamente definida como uma luta pelos direitos das mulheres brancas de classe média, expulsando as mulheres pobres e da classe trabalhadora, expulsando mulheres negras, latinas e de outras minorias étnicas do campo do discurso coberto pela categoria “mulher” (DAVIS, 2018b, p.92).

Considerando o exposto na citação acima e que o gênero estrutura não só a sociedade mas também o sistema prisional, Angela Davis (2018a) discorre a respeito da invisibilidade feminina neste meio, desde políticas públicas específicas até as projeções midiáticas, o que revela “perigosas intersecções entre racismo, dominação masculina e estratégias estatais de repressão política” (DAVIS, 2018a, p. 66). A autora argumenta ainda que a marginalidade da mulher encarcerada é tão potencializada que por vezes os ativistas antiprisionais têm dificuldades em reconhecer a centralidade do gênero na questão da punição estatal.

Enquanto a criminalidade masculina sempre foi considerada mais “normal” e passível de punição estatal, pois estes seriam delinquentes, a criminalidade feminina é vista, historicamente, como “anormal” tendo maior propensão a ir para instituições psiquiátricas como forma de controle (RUSCHE; KIRCHHEIMER, 2004; DAVIS, 2018a).

“Ou seja, os homens delinquentes eram tidos como criminosos, enquanto as mulheres delinquentes eram vistas como insanas” (DAVIS, 2018a, p.72). Podemos

afirmar que até os dias atuais há, embora a prisão já esteja mais disseminada entre as mulheres como forma de punição, a perspectiva de que aquela que rompeu com a lei tem certa insanidade, uma vez que contradiz tudo o que creem ser feminino.

A distinção entre criminalidade e insanidade segue estruturando o sistema penal sendo esta última classificada como feminina e altamente sexualizada, neste sentido, muitas das violências contra as mulheres presas perpassam esta perspectiva, inclusive os abusos sexuais, frequentemente, subnotificados (DAVIS, 2018a).

No entanto a autora salienta que além da questão de gênero há também um recorte de classe e raça de acordo com ela

para as mulheres brancas e ricas, essa equalização tende a servir como evidência de transtornos emocionais e mentais, para as mulheres negras e pobres, indica criminalidade [...]. Assim, as mulheres rotuladas como “criminosas” são mais estreitamente associadas à negritude do que suas contrapartes “normais” (DAVIS, 2018a, p.73-74).

Este recorte do racismo que a autora apresenta é extremamente importante quando falamos da construção histórico-social das prisões femininas, pois as mulheres, que a priori eram consideradas insanas, passam a serem consideradas criminosas e amorais, todavia a estrutura hegemonicamente patriarcal e branca não cessa por aí suas interferências, a mulher negra historicamente invisibilizada segue à margem, inclusive proporcionalmente mais marginalizadas que os homens negros, uma vez que estes, por seu sexo, acessam, ainda que de maneira bastante problemática, mais direitos do que as mulheres negras.

Conforme organiza-se a punição e as prisões, a questão de gênero, em consonância com o que ocorre extramuros, vai se consolidando

a punição masculina estava ligada ideologicamente à penitência e à reforma. A própria perda de direitos e liberdades implicava que, por meio da reflexão, do estudo religioso e do trabalho, condenados do sexo masculino poderiam alcançar a redenção e recuperar esses direitos e liberdades. No entanto, uma vez que não se considerava que as mulheres estivessem seguramente em posse desses direitos, elas não estavam aptas a participar desse processo de redenção. De acordo com os pontos de vistas dominantes, as mulheres condenadas eram irremediavelmente perdidas, sem possibilidade de salvação [...] eram vistas como mulheres que tinham transgredido princípios morais fundamentais da condição feminina (DAVIS, 2018a, p. 75-76).

Embora Davis (2016; 2018a; 2018b) esteja referindo-se ao tempo passado e a realidade estadunidense, intersecções com nossa história e realidade podem ser feitas, pois assim como sucedeu no país com maior população prisional do mundo, nosso país teve um processo de escravidão intenso e extremamente violento, ademais quando tratamos de sistema penal, o Brasil tende a seguir a risca aquilo que ocorre/ocorreu nos EUA, haja vista o fenômeno da criminalização da pobreza que, como apresentado, espalhou-se pelo mundo e recai intensamente em nossa história e realidade penal.

Um outro ponto que é potencializado quando falamos das mulheres negras é o que historicamente se constrói e passa a perpassar o imaginário social, estas são apresentadas como subalternas e hipersexualizadas em relação a mulher branca, o que justificaria uma série de violências institucionalizadas ou não contra elas desde as limitações de acesso a direitos até a validação de abusos sexuais (DAVIS, 2016; 2018a; 2018b).

Ao tratar, especificamente, da questão das mulheres na sociedade brasileira, acreditamos ser importante resgatarmos, ainda que brevemente, a construção do lugar designado à mulher no decorrer da nossa história. De acordo com D’Incao (2012), há uma relevante modificação no papel da mulher em decorrência da ascensão da família burguesa pautada na ideia do homem como provedor, o qual, por assumir esse papel, torna-se detentor de poder sobre seus dependentes, processo que se intensifica no decorrer do século XIX. Além disso, há, neste período, mudanças significativas nas realidades das cidades brasileiras, principalmente no Rio de Janeiro – concomitantemente aos processos de urbanização e higienização das cidades, busca-se europeizar o Brasil.

Tais alterações potencializam a criação e a proliferação das periferias urbanas, que começaram a “perturbar” a família burguesa, principalmente no que diz respeito à mulher. Com todo o avanço dos processos de urbanização e posteriormente com a mudança do sistema escravocrata na consolidação do capitalismo, uma série de problemáticas relacionadas à segurança pública começaram a surgir (D’INCAO, 2012). É com a ascensão da família burguesa que se constrói e se efetiva o papel social contemporâneo da mulher no Brasil, ditando quais seriam aqueles comportamentos mais ou menos femininos.

Além disso, vamos percebendo ao longo do desenvolvimento e estabelecimento do papel social feminino grande influência religiosa que inclusive refletirá na organização do sistema penal feminino.

A caracterização da mulher como frágil, submissa, passiva, sem poder na área pública, educada para ser mãe, assexuada através da repressão sexual, com base no modelo de Maria, uma imagem de mulher deificada e incapaz de transgredir e ser violenta, seria ditada pela prescrição normativa patriarcal (Narvaz & Koller, 2006), a fim de manter o domínio masculino sobre o feminino, legitimado socialmente (SOUZA, 2009, p. 652).

As sociedades burguesas consolidaram a ideia de público e privado (já presente na Antiguidade, especialmente em Atenas e em Roma) como entendida contemporaneamente, sendo a rua (pública) oposta à casa (privada), e estabelecendo-se o que é esperado em cada um desses ambientes: em termos definidos socialmente pelos gêneros, aos homens cabe a vida pública, o trabalho, a economia e a política; já às mulheres, é reservado o espaço doméstico (ALMEIDA, 2001; SOUZA, 2009; D'INCAO, 2012; ARTUR, 2011; 2017; DAVIS, 2018a). Sendo assim, valoriza-se cada vez mais

a ideia de que ser mulher é ser quase integralmente mãe dedicada e atenciosa, um ideal que só pode ser plenamente atingido dentro da esfera da família “burguesa e higienizada”. Os cuidados e a supervisão da mãe passam a ser muito valorizados nessa época, ganha força a ideia de que é muito importante que as próprias mães cuidem da primeira educação dos filhos e não os deixem simplesmente soltos sob a influência de amas, negras ou “estranhos”, “moleques” de rua (D'INCAO, 2012, p. 229).

Como pode-se observar, as mulheres tendem, devido a construção histórica à qual estão identificadas, a incorporar aquilo que se entende como feminilidade, diante disso, o crime, entre outras coisas, pode ser considerado uma forma de resistência em relação a este papel pré-determinado (ALMEIDA, 2001; SOUZA, 2009). No entanto, o que vemos é que socialmente a mulher criminosa vincula-se a insanidade e ao rompimento com o padrão o que a coloca como escória da sociedade.

Na virada do século XX, os teóricos atribuíam a violência feminina às influências dos estados fisiológicos pelos quais a mulher passaria na vida: a puberdade, a menstruação, a menopausa e o parto - ou seja, às influências relacionadas à sexualidade e à maternidade (SOUZA, 2009, p. 653).

Ao longo da história da mulher na sociedade constantemente vemos uma dicotomia santa/puta. Para a mulher, é negada a integralidade de tal forma que soa

quase que socialmente impossível ser santa e puta. Boa parte deste processo justifica-se via cristianismo, a mulher deve manter sua retidão e aproximar-se da Virgem Maria, distanciando-se veementemente de Eva, considerada a desgraça da sociedade ou a que virou o mundo de cabeça para baixo como dito por Sojourner Truth no início deste capítulo. Veremos também que a religiosidade e seus preceitos serão determinantes para a inserção e desenvolvimento das práticas penitenciárias para mulheres.

Dessa maneira, a igreja pregava e ainda prega que todo pecado provém do feminino, neste sentido

era preciso adestrar o corpo feminino à sua função de procriadora [...]. Por outro lado, a ciência, através da medicina higiênica, a grande mestra para manter o *status quo* da burguesia, regulou os comportamentos íntimos. Reprovava a sexualidade gratuita, observando o “mau” exemplo dos negros, como já o fazia a religião, mas, ao contrário desta, exaltava a sexualidade conjugal, o prazer sexual do casal. O casamento entre pessoa brancas e higiênicas tornou-se a instituição responsável pela coesão social e econômica. E, muito mais, da relação sexual higiênica é que surgiram filhos saudáveis para garantir o povoamento branco do país (ALMEIDA, 2001, p.101).

Por essa via, valoriza-se o que hoje chamaríamos, ironicamente, de “bela, recatada e do lar”⁵. Há uma supervalorização das mulheres casadas em detrimento das solteiras, sendo estas últimas vistas de forma “suspeita” pela sociedade e, no caso de ser negra, tal suspeita se potencializa. Esta situação recai, principalmente, sobre as camadas mais pobres da população, nas quais as mulheres, por necessitarem frequentar constantemente o ambiente público para buscar trabalho e subsistência, fazem-no desacompanhadas. Isso as estigmatiza sobremaneira, uma vez que outros padrões de comportamento são típicos da mulher da tradicional família burguesa – é sempre muito comportada em público, afinal precisa preservar sua imagem, pois dela depende a imagem do homem para que mantenha sua posição social (ALMEIDA, 2001).

Nesse sentido, nos estratos mais ricos da sociedade proliferam, também o controle do amor e os casamentos são conduzidos de maneira a incentivar a ascensão social, a imagem da família e o aumento de seu capital. Com isso, há por

⁵ O termo utilizado aqui faz referência ao texto: Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. Publicado na Revista Veja em 18 de abril de 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 05 dez. 2018.

consequência um maior controle da sexualidade, principalmente a feminina, como forma de manter sua honra. A virgindade passa a ser venerada de uma forma específica às sociedades burguesas, e aquelas mulheres que se atrevem a romper com essa lógica são consideradas indignas do casamento e do respeito perante a sociedade (D'INCAO, 2012; SOIHET, 2012). “Às mulheres ‘santas’, a domesticação e o enclausuramento, o abafamento dos desejos e sentimentos. Às pecadoras, a marginalidade e a completa exclusão da vida social” (ALMEIDA, 2001, p.100) esta é a lógica que passa a vigorar.

A fim de controlar as mulheres, impõe-se a vigilância de seus atos, de tal forma que, gradativamente, a autovigilância se estabelece, e ela (a mulher) automaticamente se responsabiliza por controlar seus comportamentos e reproduzir o que dela se espera. Tal ideologia é tão forte que ultrapassa as classes sociais sendo essa lógica também introjetada pelas camadas mais pobres da população. Além disso, essa doutrinação de gênero que ecoa até os dias atuais não brotou aleatoriamente, e tampouco apenas relacionada as questões religiosas como afirma Soihet (2012, p. 363)

A medicina social assegurava como características femininas, por razões biológicas: a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal. Em oposição, o homem conjugava à sua força física uma natureza autoritária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios. As características atribuídas à mulher eram suficientes para justificar que se exigisse delas uma atitude de submissão, um comportamento que não maculasse sua honra. Estavam impedidas do exercício da sexualidade antes de se casarem e, depois, deviam restringi-la ao âmbito desse casamento [...]. Aquelas dotadas de erotismo intenso e forte inteligência seriam despidas do sentimento de maternidade, característica inata da mulher normal, e consideradas extremamente perigosas. Constituíam-se nas criminosas natas, nas prostitutas e nas loucas que deveriam ser afastadas do convívio social.

Tal concepção descrita e tomada como regra na sociedade, passou, então, a pautar todas as decisões, implementando no cotidiano a ideia de feminilidade vinculada ao que chamamos de moral e bons costumes, inclusive as relacionadas à questão da violência e da criminalidade feminina que serão avaliadas nesta perspectiva, e o controle das “criminosas” se organizará, a priori, com o intuito de treiná-la para a vida doméstica, o que ficará mais claro quando tratarmos da história das instituições prisionais femininas.

Como discutido por diversos autores (BARATTA, 1999; ANDRADE, 1999; CAMPOS, 2013), o Direito é uma ciência predominantemente masculina e direcionada pela ideia de gênero. Diante disso, a criminologia também se abastece dessa mesma fonte. Veem-se os reflexos dessa perspectiva desde o século XIX até os dias atuais no tratamento das mulheres consideradas criminosas.

Segundo o estudo de Soihet (2012), no qual a autora realiza um levantamento no arquivo nacional a respeito das mulheres criminosas no século XIX, não é de hoje que essas mulheres têm classe social e estado civil. Como mencionado acima, a imposição do modelo familiar burguês toma a sociedade de tal forma que a discrepância entre esse molde e o vivido pelos mais pobres ganha distâncias abismais, assim, enquanto existe uma determinada “regra” para a elite, a família

dos populares assumia uma multiplicidade de formas, sendo inúmeras as famílias chefiadas por mulheres sós. Isso não se devia apenas às dificuldades econômicas, mas igualmente às normas e valores diversos, próprios da cultura popular. A implantação dos moldes da família burguesa entre os trabalhadores era encarada como essencial, visto que no regime capitalista que então se instaurava, com a supressão do escravismo, o custo de reprodução do trabalho era calculado considerando como certa a contribuição invisível, não remunerada, do trabalho doméstico das mulheres. Além disso, as concepções de honra e casamento das mulheres pobres eram consideradas perigosas à moralidade da nova sociedade que se formava (SOIHET, 2012, p. 362-363).

Com todas as mudanças na configuração das famílias e na reorganização das cidades, muitas pessoas foram desalojadas de suas casas, locais de maior trabalho das mulheres pobres, fato que também contribuiu para sua ida ao mercado de trabalho. Isso começa a pôr em xeque a organização do capital, que não previa o trabalho remunerado das mulheres.

Tal prerrogativa, das famílias populares, não constitui-se como privilégio de nosso país, de acordo com Perrot (2017a), na França do Século XIX também há o papel, fortemente constituído, da mulher “dona de casa”, o que, segundo a autora, não diz respeito apenas ao “interior do lar”, representa uma resistência “da classe operária ao trabalho externo das mulheres casadas, sobretudo nas cidades [...] a dona de casa está investida de todos os tipos de função” (posição, 4256) desde dar à luz e acompanhar as etapas de desenvolvimento de seus filhos, até a manutenção da família e de toda rotina doméstica que demandava, e podemos dizer que ainda

demanda enorme tempo e trabalho, aspecto que foi um dos responsáveis pelo crescimento da sociedade francesa daquele século.

Voltando a nosso país, outro ponto é que, diferente da elite, os homens e as mulheres mais pobres tinham as ruas e praças como espaço para seu lazer e frequentemente eram importunados pela polícia e, gradativamente, a rua passou a simbolizar “o espaço do desvio, das tentações, devendo as mães pobres, segundo os médicos e juristas, exercer vigilância constante sobre suas filhas, nesses tempos de preocupação com a moralidade como indicação de progresso e civilização” (SOIHET, 2012, p. 365). Com essa imposição e com a impossibilidade de essas mães cumprirem essa vigilância, por causa da necessidade de trabalhar muito para suprir minimamente seu sustento, a repressão contra as mulheres se acentuou, ocorrendo, conforme relatado por Soihet (2012), casos de prisões devido a comportamentos considerados impróprios à mulher no espaço público como proferir palavrões. Tais comportamentos levavam não apenas à prisão da mulher, mas também à atribuição de determinados adjetivos, como: vagabunda, prostituta, desordeira e ébria.

Frente ao padrão burguês que vai se estabelecendo, determinando os papéis sociais dos homens e da mulheres, vemos que o machismo e o patriarcado sobressaem-se, e vão gradativamente sendo validados e até mesmo incentivados pelo Estado e pelas instituições religiosas. A este “novo homem”, direcionam-se o controle e cuidado de sua “propriedade privada”, a mulher, que, conforme científica e religiosamente comprovado, necessitava de um norte para se organizar e se manter no caminho da retidão e domesticidade da Virgem Maria, contrapondo-se aos prazeres da carne (ALMEIDA, 2001).

Considerando o que foi discutido até agora, foi possível observar que o julgamento da mulher como culpada ou inocente, muitas vezes pautava-se no fato de ser ou não casada, afinal se não fosse toda sua “sensibilidade”, “fragilidade” e “cognição inferior à do homem”, ficariam livres; e assim, “desorganizadas” e “sem autoridade de um homem”, sua propensão ao crime seria maior (SOIHET, 2012).

Diante das questões econômicas e sociais nas quais se encontravam as classes mais populares, o estereótipo do marido dominador e da mulher dominada e submissa não se aplicava, levando as mulheres a reagirem às violências e a não suportarem determinadas humilhações. Sendo assim, optavam muitas vezes por

abrir mão do casamento. Por serem minoria da população, no início do século XX, “a diferença quantitativa entre os dois sexos favorecia às mulheres que eram, assim, altamente disputadas pelos homens e tinham condições de reivindicar uma relação mais simétrica” (SOIHET, 2012, p. 377).

Neste ponto vale a pena lançar mão do estudo de Davis (2016) intitulado “Mulheres, Raça e Classe”. Neste trabalho, a autora nos apresenta todo o percurso histórico da luta pelos direitos femininos nos EUA, lançando, meticulosamente, seu olhar para a população negra e mais especificamente para as mulheres negras que, ao longo do caminho em direção à conquista de direitos, foram por vezes postas à margem, eram a escória da sociedade, e podemos dizer que ainda o são. Desde a escravidão, a mulher era trabalhadora em tempo integral prestando serviços a seus proprietários e sofrendo os reflexos da

crescente ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatizava [como discutido neste trabalho] o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos, as mulheres negras eram praticamente anomalias (DAVIS, 2016, posição 250).

Todavia o que se observa é que, embora também influenciada por tal ideologia, a rotina das famílias negras tendia a ser mais igualitária, existindo certa cumplicidade entre os casais.

Voltando à questão de como as prerrogativas ligadas ao gênero se espalham pela sociedade, vemos que, como discutido, a criminalidade e a violência em tese opõem-se à ideia de feminilidade, neste sentido, as mulheres que rompem com tais padrões necessitam de auxílio estatal para regressarem a ele, frente a isso, ao longo do século XX, as prisões femininas vão adquirindo caráter vinculado à vida doméstica, à moral e à religiosidade.

Considerando a história dos presídios femininos no Brasil, Angotti e Salla (2018) apontam que há uma série de lacunas que dificultam a compreensão de como eram e/ou funcionavam as penas vinculadas às mulheres antes do século XX, que é quando a discussão da delinquência feminina emerge mais intensamente e as possibilidades de direcionar tal demanda para entidades religiosas aparece.

Sabe-se que após a independência do Brasil de Portugal, os aprisionamentos tinham como principal função a manutenção da ordem pública, mas pouco se sabe sobre seu funcionamento, “o movimento pela reforma das prisões no Brasil,

incluindo a condição das mulheres encarceradas ganhou corpo com o regime republicano instalado em 1889 e nas primeiras décadas do século XX” (ANGOTTI; SALLA, 2018, p.10).

As poucas informações sobre o encarceramento feminino no século XIX já apontam para a moralização da mulher, com atividades policiais voltadas para mulheres da rua “por conta de escândalos, embriaguez, arruaças, prostituição, vadiagem” (ANGOTTI; SALLA, 2018, p.12). Nota-se, diante disso, que as contravenções penais vinculadas às mulheres relacionam-se ao rompimento com o que deveria ser “feminino”, fato que marca, transversalmente, toda a organização deste sistema penal.

Os modelos prisionais que se organizam e se estabelecem prezam por programas que objetivem o treinamento de tarefas domésticas, a fim de que estas “criminosas” se regenerem assimilando comportamentos femininos como: cozinhar, limpar, costurar, ser boa esposa e mãe (SOUZA, 2009; STELLA; SEQUEIRA, 2013; DAVIS, 2018a; ANGOTTI; SALLA, 2018). Seguindo, assim, o modelo previsto pela classe média, mas obviamente com um recorte étnico, de modo que as mulheres brancas se tornariam boas mães e esposas, enquanto as mulheres negras e pobres seriam empregadas domésticas qualificadas (DAVIS, 2018a).

Pensando, especificamente, nas prisões femininas brasileiras, ao ingressarem nestas instituições, as mulheres permaneceram dividindo os espaços prisionais masculinos no Brasil até o final da década de 1930, quando se iniciou a discussão sobre a separação de homens e mulheres no espaço prisional. Tal separação se daria considerando, principalmente, o estereótipo da boa mulher e pautada em pressupostos religiosos, uma vez que quem assume a gestão e organização destas unidades é a Congregação Bom Pastor D’angers (ARTUR, 2009; 2011; 2017; KARPOWICZ, 2016a; 2016b; ANGOTTI; SALLA, 2018).

A Congregação Bom Pastor D’angers, criada na França em 1829, tinha como objetivo espalhar-se pelo mundo, a fim de possibilitar a salvação moral das almas de meninas e mulheres. Ao longo de seus primeiros 26 anos de existência, a Congregação já havia se espalhado por vários países do mundo, chegando na América Latina em 1855, no Chile, espalhando-se rapidamente por outros países latinos até sua chegada ao Brasil em 1891 (ARTUR, 2017; KARPOWICZ, 2016a; 2016b).

As primeiras prisões femininas administradas pela Congregação no Brasil surgem em 1942, sendo a primeira o “Presídio de Mulheres” instalado no mesmo terreno da Penitenciária do Estado de São Paulo, e a segunda a “Penitenciária Feminina do Distrito Federal” no Estado do Rio de Janeiro (ARTUR, 2009; 2011; 2017; ANGOTTI; SALLA, 2018). Souza (2009, p. 652-653) aponta que as instituições religiosas tiveram como função “o exercício do trabalho da domesticação das presas e uma vigilância constante da sua sexualidade”.

Na unidade inaugurada no Estado de São Paulo, adaptações foram realizadas na antiga casa do diretor da unidade masculina, projetada em 1920 por Ramos de Azevedo, neste sentido, a primeira unidade prisional feminina não fora construída com o intuito prisional-penal, mas sim para residência, o que marca consideravelmente sua organização posterior (ARTUR, 2009; 2011).

Como, brevemente discutido, a arquitetura das prisões é um marco extremamente importante ao longo de sua história. Diversas reformas ocorrem e projetos arquitetônicos são criados com a finalidade de “organizar e delimitar o espaço de modo que este operacionalizasse a punição ao mesmo tempo em que disciplinava o comportamento” (ARTUR, 2011, p. 83).

A inauguração do “Presídio de Mulheres” manteve a arquitetura original da casa do diretor, ou seja, o espaço fora projetado para servir de residência e não como instrumento de punição, todavia a manutenção do projeto prisional neste espaço justifica-se via expectativas de correção da mulher criminosa, a fim de que se torne uma “boa mulher”.

No momento em que se realizava um trabalho de regeneração e readaptação social utilizou-se uma casa para tal fim. As mulheres deveriam ser readaptadas ao seu habitat e para isso foram enclausuradas numa casa. O que Fávero estava dizendo é que a casa era habitat das mulheres e que é para lá que elas devem ir [voltar] [re] adaptadas. O investimento público que ora se fazia estava voltado à definição e manutenção de certo grupo de mulheres em um devido lugar social. Para tal o Presídio objetivava certa ordem de regeneração (ARTUR, 2011, p. 87).

Considerando que o ambiente doméstico seria o espaço da mulher, o trabalho prisional, também projeto da prisão moderna para a reintegração social dos criminosos e criminosas, deveria estar alinhado com tais princípios, logo os trabalhos predominantes eram de lavar, passar e engomar. Com o passar dos anos, vemos que os trabalhos ofertados nas prisões femininas em certa medida ainda

seguem esta mesma lógica. Nas unidades que conheci, é frequente o relato de cursos, denominados de Educação para o Trabalho, voltados ao trabalho estético como manicure e maquiagem, atividades laborais sabidamente ligadas as concepções sociais do feminino.

Mais do que a elaboração de uma nova ideologia do trabalho, os esforços para punir e recuperar uma mulher agora se concentravam na manutenção de uma antiga [e ainda atual] concepção dos papéis sociais. A atividade dignificadora da mulher só poderia ocorrer por meio de sua manutenção dentro e de acordo com o espaço doméstico (ARTUR, 2011, p. 92).

Diante do discutido até aqui, podemos dizer que, quando se discute criminalidade feminina, entende-se que esta mulher destitui-se de toda a feminilidade a ela entregue pela construção histórico-social, devendo, assim, a prisão readaptá-la à vida doméstica, para tal função, as congregações religiosas são essenciais, pois tentarão reaproximar a desviante dos caminhos divinos, reproduzindo aquilo que é esperado pela sociedade machista e patriarcal estabelecida.

Tais perspectivas recaem ainda hoje sobre as mulheres encarceradas, o que poderemos observar em algumas das falas das entrevistadas neste trabalho, nas quais apresentam as “falhas” na maternagem, na conjugalidade e na feminilidade como justificativas para estarem sós e muitas vezes sem visitas.

A criminalidade feminina reproduzia, e ainda reproduz, as duas faces de Eva uma

traz a mulher merecedora de um tratamento especial por sua fragilidade, doçura, pelo seu erro cometido por fatalidade, que deve ser reconduzida ao lar e às tarefas a ele associadas. A outra face é aquela na qual a loucura e o sexo movem as ações das mulheres (a prostituição, a embriaguez, os escândalos, o vício, o desatino, a perfídia) [e] eram as irmãs do Bom Pastor que melhor poderiam realizar essa tarefa de conter as “paixões” desenfreadas das mulheres (ANGOTTI; SALLA, 2018, p.17).

O Presídio de Mulheres em São Paulo funcionou até o ano de 1973, quando foi fechado, e foi inaugurada a Penitenciária Feminina da Capital. A Congregação permaneceu na gestão do Presídio de Mulheres até seu fechamento, assumindo a gestão da Penitenciária Feminina da Capital desde a sua inauguração até 1977 (ARTUR, 2009; 2011; 2017).

Um ponto interessante a se destacar é que, embora tenha se passado cerca de um século e meio desde estas imposições sociais e a criminalização daqueles que fugissem a elas, ou seja, os mais pobres e os negros, o que se vê é a continuidade deste processo de criminalização da pobreza e, nesse trabalho, especificamente, num viés de gênero, da mulher presa. É interessante avaliarmos a invisibilidade e a marginalização da mulher privada de liberdade no Brasil como discutido por Angotti e Salla (2018), uma vez que, de acordo com os autores, até nos dados oficiais passam quase despercebidas, conforme se observa a partir dos últimos dados gerais apresentados pelo DEPEN referentes ao ano de 2016 (BRASIL, 2017).

Todavia podemos considerar certa tentativa em pautar a discussão sobre tal população, pois em 2015 é publicado o primeiro relatório de informações penitenciária específico para as mulheres (BRASIL, 2015a), e sua segunda edição aparece três anos depois, em 2018, cujos dados já foram apresentados no capítulo “Sobre Pessoas e Números”.

Embora, atualmente, já existam leis que garantem a igualdade de gênero, a mulher segue tendo, no imaginário social, como função prioritária o cuidado com a família “tendo como papel principal a formação da personalidade dos filhos” (CUNHA, 2010. p. 161). Impõe-se a ela, assim como nos séculos passados, uma série de repressões ao corpo e à linguagem, sendo muitas vezes proibidas de dizerem palavras ligadas às questões que possam “ameaçar” sua feminilidade, tais como as relativas à genitalidade e ao sexo (VIEIRA, 2005).

Apesar de ser delegado à mulher o cuidado com a casa e com os filhos, a ascensão do capitalismo e o direcionamento da mulher para o mercado de trabalho geraram a necessidade de aumento de sua escolarização.

No entanto, essa mudança na rotina das mulheres, ao invés de possibilitar sua emancipação e igualdade de gênero, levou ao aumento das discriminações sofridas, pois como ainda são vistas como inferiores aos homens, tornam-se uma possibilidade interessante de exploração pelo capital, já que qualificam profissionalmente e são uma mão de obra de baixo custo, além de assumirem triplas jornadas (cuidados com a família/casa, educação e trabalho) (BARATTA, 1999; CUNHA, 2010; VIEIRA, 2005).

“Desse modo, a sociedade constrói, então, não só uma identidade social, mas também uma sexual, que pode ser reforçada em qualquer domínio da vida compartilhada, como nas relações afetivas, familiares, educacionais e profissionais” (VIERA, 2005, p. 222).

4. EDUCAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO NAS PRISÕES

Neste item, discorrerei, inicialmente, sobre a educação e a escolarização de maneira geral e seus significados, para, na sequência, discutir as possibilidades denominadas educativas no interior das prisões e as mudanças ocorridas nos últimos anos, a fim de compreender como historicamente se organizaram as escolas dentro das unidades prisionais.

É importante ressaltar as controvérsias que veremos ao longo do trabalho, uma vez que é difícil pensarmos possibilidades escolares educativas e emancipatórias em um local historicamente desenvolvido para distanciar os “indesejáveis”, no qual, ao verificarmos sua complexidade, notamos que, ao invés de apresentarem um atendimento humanizado e “ressocializador”, “as estruturas penitenciárias existentes não favorecem a recuperação do preso, mas sim sua adaptação à vida do crime. A própria arquitetura indica que a maior preocupação da instituição penal é com a contenção daqueles que a habitam” (MOREIRA, 2007, p.37).

4.1. Educação: escola e prisão como reprodutoras da verticalidade e das desigualdades sociais

Ao falarmos de educação, de maneira geral, esta perpassa fortemente nosso cotidiano desde os modelos informais, no interior das famílias e atividades diversas, até a escolarização, que pressupõe modelos mais formais, foco deste trabalho. Todavia, o que podemos observar é que as formas pelas quais a educação se configura não destoam das questões sócio-histórico-culturais, tal como vêm sendo discutidas.

Considerando as desigualdades sócio-econômicas gritantes em nosso país, a escola tem um papel importantíssimo na manutenção do *status quo*, uma vez que vemos nesses espaços a busca pela legitimação de questões ligadas às desigualdades. Um aspecto que contribuiu para a diferenciação social nas escolas dos países capitalistas foi a técnica de seleção implementada via coeficiente de inteligência e outros testes, tal técnica contribui para a “diferenciação social no

âmbito do sistema escolar a aparência legitimamente de uma justa promoção social dos indivíduos, segundo o seu talento e a sua atitude” (BARATTA, 2017, p.173).

Além disso, para legitimar tal diferenciação social, o que se vê, frequentemente, é o sistema escolar baseado no sistema de mérito. “Com o sistema dos testes de inteligência e do mérito escolar estas diferenças são aceitas acriticamente e perpetuadas” (BARATTA, 2017, p.173).

Com o passar dos anos, as atividades ligadas aos testes, embora ainda utilizadas, passaram a ser questionadas. Entretanto, a ideia de mérito escolar perpetua-se nos mais diversos cotidianos escolares e aparece também nos discursos das mulheres privadas de liberdade.

É perceptível que, embora se venda a ideia de que a educação escolar é disponibilizada democraticamente a todos, há na realidade uma função extremamente ideológica no princípio meritocrático da escola preservado, visto que existem diferentes tipos de escolas, dependendo de a que público ela se destina.

Castro (2015) considera que há uma sistematização ideológica educação-controle-consenso que perpassa todas as instituições consideradas de alguma maneira educativa como a família, a religião, a escolar, os meios de comunicação e informação, etc. Tal sistematização faz com que haja diferentes tipos de serviços ofertados a depender de quem os acessa.

Por exemplo, assim como há escolas privadas para ricos e escolas de massa para pobres, há hospitais seletos para ricos e hospitais de massa para pobres, transporte de massa para pobres e individualizados para ricos, lazer de massa para pobres e individualizados para ricos. Isso no que se refere às instituições não compulsórias. Quanto às compulsórias (prisão e exército), são só para pobres e, portanto, são de massa. (CASTRO, 2015, p.155-156).

Neste sentido, não só as práticas educativas, mas também as práticas escolares servem para a manutenção do controle social entendido como “conjuntos de táticas, estratégias e forças para a construção da hegemonia, isto é, para a busca da legitimação ou garantia do consenso” (CASTRO, 2015, p.153).

Ao pensarmos na educação escolar ofertada nas prisões, vemos a junção de dois sistemas de controle: escola e prisão, e neste encontro potencializam-se a escolarização precária e a punição penal. Ao afunilarmos para a educação escolar de mulheres presas, o que se vê é um encontro ainda mais marginal, pois como

discutido acima, as mulheres já são sócio-historicamente postas à margem, e a presas ainda mais.

Tanto a escola quanto a prisão apresentam mecanismos de controle semelhantes, aos quais Foucault (2013) denomina como recursos para o bom adestramento pautados no poder disciplinar, que só são bem sucedidos devido ao olhar/vigilância hierárquica, às sanções normalizadoras e ao exame.

A vigilância hierarquizada se organiza via a institucionalização de normas e regras otimizadas pelas diversas formas arquitetônicas. Gradativamente, os espaços se organizam para que potencializem a vigilância, um exemplo disto é o Panóptico de Bentham, já explicitado neste texto. Assim “a vigilância se torna um operador econômico decisivo, na medida em que é ao mesmo tempo uma peça interna no aparelho de produção e uma engrenagem específica do poder disciplinar (FOUCAULT, 2013, p.169).

Nas escolas, este aspecto aparece na disposição das cadeiras escolares, no local destinado aos professores e na própria divisão de papéis entre os alunos, sendo por vezes definido aquele que será o “ajudante do professor” que então ficará responsável por intensificar a vigilância “contínua e funcional [...]”. O poder disciplinar, graças a ela, torna-se um sistema ‘integrado’, ligado à economia e aos fins do dispositivo onde é exercido” (FOUCAULT, 2013, p.170).

Quanto as sanções normalizadoras, verifica-se que em sua essência os sistemas disciplinares funcionam como pequenos mecanismos penais organizando-se em prol de um sistema de gratificação-punição (FOUCAULT, 2013). Esse sistema mostra-se presente em diversas instituições sociais, como na família, na escola, na religião, na fábrica e/ou nas prisões, sendo institucionalizadas as maneiras de funcionamento e de resposta dos indivíduos em cada um desses espaços.

Se pensamos na sociedade em geral, são gratificados aqueles que se mantêm dentro do parâmetro do esperado, no caso das mulheres por exemplo: aquela que se casa, tem filho(s), estuda, trabalha e cuida do lar será gratificada. Em contrapartida, são punidas aquelas que não seguem à risca o socialmente estabelecido. As punições podem ter diversas formas, no caso deste trabalho: a privação de liberdade para as mulheres que acarreta também em outras punições como: baixa frequência de visitas e ausência ou pouco contato com filhos. No caso

das escolas: são gratificados aqueles que seguem o padrão “aluno ideal” (comportado, estudioso, silencioso, atento), esses são recompensados com boas notas, já os que fogem a este modelo são estigmatizados e punidos com reprovações, baixas notas, etc.

Além dessas formas de adestramento, como abordado por Foucault (2013), temos também o exame que “combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir” (FOUCAULT, 2013, p.177). Tanto as escolas como as prisões possuem formas de exame ritualizadas e constantes. Nas escolas há avaliações constantes para compreender quem aprendeu ou não os conteúdos ministrados, quem se comportou adequadamente e pode ser gratificado com notas e aprovações. Nas prisões os exames também são frequentes a fim de verificar e controlar a delinquência e a capacidade da pessoa privada de liberdade se “ressocializar” e assim voltar ao convívio social extramuros.

Diante do discutido, notamos como discutido por Baratta (2017) que

a homogeneidade do sistema escolar e do sistema penal corresponde ao fato de que realizam, essencialmente, a mesma função de reprodução das relações sociais e de manutenção da estrutura vertical da sociedade, criando, em particular, eficazes contraestímulos à integração dos setores mais baixos e marginalizados do proletariado, ou colocando diretamente em ação processos marginalizadores. Por isso, encontramos no sistema penal, em face dos indivíduos provenientes dos estratos sociais mais fracos, os mesmos mecanismos de discriminação presentes no sistema escolar (p.175).

Com isso, pode-se considerar que a escola e a prisão constituem-se como agentes disciplinadores que controlam os corpos, os gestos, as aprendizagens, etc.

Ao pensarmos especificamente nas escolas ofertadas nas unidades prisionais femininas crê-se necessário explorar a escolarização de mulheres e a oferta da educação escolar nas prisões o que será discutido a seguir.

4.2. Escolarização das mulheres

Como já discutido no capítulo 3, as mulheres, historicamente, ocupam um lugar marcado pela dominação e exclusão social. Além disto, “em muitas

sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranquila” (PERROT, 2017b, p.17).

Mesmo após anos de lutas e conquistas, ainda há uma longa jornada em direção a igualdade de gênero, um desses pontos nevrálgicos é a escolarização, pois, embora a qualificação feminina venha crescendo nos últimos anos, as diferenças salariais e a tripla jornada de trabalho ainda são mantidas.

Quanto à escolarização, Perrot (2017b) afirma que o acesso à educação pelas mulheres ocorreu de maneira tardia na França, pois o saber era considerado contrário à feminilidade. Contudo, com a Reforma Protestante, inicia-se certa ruptura com esse paradigma, pois,

ao fazer da leitura da Bíblia um ato e uma obrigação de cada indivíduo, homem ou mulher, ela contribui para desenvolver a instrução das meninas. Na Europa protestante do Norte e do Leste espalharam-se escolas para os dois sexos. E constata-se na França, uma dissimetria sexual na alfabetização entre um lado e outro da linha Bordeaux/Genebra. A instrução protestante das meninas teria consequências de longa duração sobre a condição das mulheres, seu acesso ao trabalho e à profissão, as relações entre os sexos e até sobre as formas do feminismo contemporâneo. O feminismo anglo-saxão é um feminismo do saber, muito diferente do feminismo da maternidade da Europa do Sul (PERROT, 2007b, p.91).

No decorrer do século XIX, a crença de que educação se oporia à feminilidade volta à tona, apresentando como justificativa “que a instrução é contrária tanto ao papel das mulheres quanto à sua natureza: feminilidade e saber se excluem. A leitura abre portas perigosas do imaginário. Uma mulher culta não é uma mulher” (PERROT, 2017b, p.93). Com o passar dos anos, chega-se à conclusão de que é necessário instruir as mulheres para que se tornem agradáveis e sociais, formando-se como mães, esposas e donas-de-casa. O objetivo era “inculcar-lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, sacrifício... que tecem a coroa das virtudes femininas” (PERROT, 2017b, p.93).

Mesmo com alguns “avanços” na educação feminina, ainda não era possível ver mulheres frequentando a escola, o que só vem a ocorrer nos anos de 1880, por meio da escolarização das meninas no primário, e

no secundário em torno de 1900; o ingresso de jovens na universidade aconteceu entre as duas guerras, e maciçamente a partir de 1950. Atualmente as jovens universitárias são mais

numerosas que os rapazes. Efeito da modernidade, provavelmente: os homens desejam ter “companheiras inteligentes” (PERROT, 2017b, p.94-95).

Contudo havia certa desconfiança frente ao ensino oferecido, pois as mulheres temiam sua desvalorização. “É por isso que as feministas da Belle Époque reivindicavam a ‘coeducação’ dos sexos, os mesmos programas e espaços que garantiriam uma certa igualdade” (PERROT, 2017b, p.96).

A escolarização além de ser vista como contrária a feminilidade também apresentava-se como problemas em relação a servidão/escravidão da população negra, uma vez que se considerava que o conhecimento tornaria a pessoa inadequada para a escravidão “estragando-o”. No entanto, a busca pelo saber tinha certa constância, sendo frequente a quantidade de pessoas que ansiavam “inadequar-se” à escravidão (DAVIS, 2016).

Neste sentido, “as pessoas negras que recebiam instrução acadêmica inevitavelmente associavam o conhecimento à batalha coletiva de seu povo pela liberdade” (DAVIS, 2016, posição 2752). Vemos então que a escolarização de negros e negras constitui-se como uma ameaça à supremacia branca, sendo que, em alguns casos, haviam castigos físicos para que as escravas e escravos reprimissem seu desejo por conhecimento (DAVIS, 2016).

No caso das mulheres que eram extremamente invisibilizadas nos movimentos ocorridos nos EUA, ao longo do processo de escravidão e sua abolição, a escolarização era tida como resistência e possibilidade emancipatória, ofertando às mulheres acesso a um mundo proibido. Àquelas que obtinham algum conhecimento por vezes davam aulas durante a madrugada para dividí-lo com os demais (DAVIS, 2016).

A história das mulheres por educação nos Estados Unidos alcançou o auge quando as mulheres negras e brancas comandaram juntas, depois da Guerra Civil, a batalha contra o analfabetismo no Sul. A união e a solidariedade entre elas ratificaram e eternizaram uma das promessas mais férteis da história (DAVIS, 2016, posição 2837).

Tomando o que é descrito por Perrot (2017a; 2017b) e Davis (2016), nota-se que o caminho percorrido pelas mulheres até adquirirem essa coeducação foi longo, sofrendo muitas mudanças e restrições, fato que não ocorreu de maneira tão distinta no Brasil.

Segundo Louro (2012), desde meados de 1800,

Nísia Floresta, uma voz feminina revolucionária, denunciava a condição de submetimento em que viviam as mulheres no Brasil e reivindicava sua emancipação, elegendo a educação como o instrumento através do qual essa meta seria alcançada” (p.443).

E em 1827 já existia legislação que determinava a existência de escolas de primeiras letras em todas as localidades do Brasil.

Mas a realidade estava, provavelmente, muito distante dessa imposição legal. [...] Aqui e ali, no entanto, havia escolas – certamente em maior número para meninos, mas também para meninas; escolas fundadas por congregações e ordens religiosas femininas e masculinas; escolas mantidas por leigos – professores para as classes de meninos e professoras para as de meninas. [...] Ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura (LOURO, 2012, p. 444).

Com o avanço industrial do século XIX e da crescente urbanização, com repercussões no Brasil, elevou-se “a necessidade de educação para a mulher, vinculando-a a modernização da sociedade, à higienização da família, à construção da cidadania dos jovens” (LOURO, 2012, p.447). Assim, segundo a autora, em meados do mesmo século começaram a ser criadas as Escolas Normais com o objetivo de formar professores e professoras. “Mas tal objetivo não foi alcançado exatamente como se imaginava: pouco a pouco, os relatórios iam indicando que, curiosamente, as escolas normais estavam recebendo e formando mais mulheres que homens” (LOURO, 2012, p.449).

Em decorrência dessa inserção da mulher nas escolas normais, observou-se no final do século XIX e início do século XX, os primórdios da chamada “feminização do magistério”, legitimando assim o lugar da mulher na educação, fenômeno este ainda predominante, uma vez que as mulheres representam cerca de 80% da força de trabalho relacionado à educação (ROSEMBERG, 2001).

A partir das informações sumariamente apresentadas, pode-se considerar que, embora se tenha empreendido esforços pela igualdade educacional de gênero, ainda há uma longa caminhada para que esse objetivo seja atingido de fato, pois o que se vê atualmente é uma desigualdade mascarada por uma pseudo-igualdade, uma vez que, oferecendo “acesso igualitário” a homens e mulheres, fortalece-se a noção meritocrática e, ao mesmo tempo, machista, pois se uma mulher consegue chegar a ocupar um cargo dito “masculino”, foi porque batalhou, superou todas as

dificuldades; logo, justifica-se sua posição com a interpretação de que se trata de uma exceção. Se, por outro lado, a mulher “fracassa”, não termina seus estudos ou termina e não tem “sucesso” profissional, é vista como incapaz, incompetente, colocada à margem, afinal “só podia ser mulher”.

Dessa maneira, ao questionarmos se as desigualdades deixaram de existir devido ao acesso mais igualitário aos direitos das mulheres, vemos que as desigualdades e preconceitos, seja quanto ao gênero ou quanto à etnia, foram e têm sido mascarados por uma onda do chamado discurso “politicamente correto”, no qual apodera-se da ilusão da não discriminação quando, na verdade, a sociedade sexista e racista predomina nos acontecimentos cotidianos e corriqueiros. Frente a isso, estudar a temática proposta por este estudo apresenta grande relevância, uma vez que aborda uma dupla discriminação: a situação de indivíduos presos que frequentam a escola na prisão e, mais especificamente, de mulher e criminosa. As características mais específicas da escolarização no interior das unidades prisionais será explanada a seguir.

4.3. Educação escolar nas prisões

Cabe discutir agora fatores que contribuíram para a constituição da ideia de prisão ressocializadora, uma vez que, como descrito, em suas origens, possuíam objetivos distintos. Assim, um dos fatores para a inserção do trabalho e da educação no ambiente prisional é que, com o passar dos anos, estes ganharam caráter terapêutico, fato que, para Carlen (2007, p.1007-1008), não é possível, pois “quaisquer tentativas de terapêutica isolada em diminuir o sofrimento da prisão serão inevitavelmente minadas pelo contexto de punição e encarceramento”, ou seja, um ambiente voltado à reclusão do indivíduo e à privação de sua liberdade não pode simultaneamente punir e ressocializar,

e apesar de muitos governos pretenderem dizer-nos o contrário, a prisão está, em primeiro lugar, essencialmente organizada para punir os excluídos, controlando-os de forma segura durante o período de tempo definido por um tribunal. Independente de outras funções que as prisões possam ter, a única característica comum a todos os sentenciados à prisão é a de terem sido condenados por um crime que é punido (CARLEN, 2007. p.1009).

Onofre (2009; 2016) também aponta para as dificuldades em se pensar

espaços educativos e escolares no interior da prisão, visto que as prisões constituem-se como espaços essencialmente ligados à punição, ao isolamento. Em contrapartida, a escola tem como princípio fundamental a transformação do sujeito se opondo a cultural prisional “caracterizada pela repressão, pela ordem e disciplina, visando adaptar o indivíduo ao cárcere” (ONOFRE, 2009, p.2). Todavia, para essa autora, a inserção das escolas nas prisões, mesmo que contraditória, pode consolidar possibilidades de enfrentamentos do binômio punir/educar (ONOFRE, 2016).

Outro fator relevante, além da ideia terapêutica, que levou ao investimento em trabalho e educação no sistema prisional, foi o avanço do capitalismo que, como descreve Cunha (2010), pauta-se na economia e no aumento das riquezas materiais, o que leva a uma ampliação tecnológica e do bem-estar de uma seletiva parcela da sociedade. Com isso, a sociedade capitalista aumentou a pobreza e a marginalização social, uma vez que a ascensão econômica beneficiou apenas uma pequena parcela populacional (ADORNO, et al., 1984). Cunha (2010) relata o efeito desumanizador do capitalismo, pois este reduz

a participação da maioria da população trabalhadora tanto no que se refere à disponibilidade de trabalho como ao usufruto dos bens produzidos, produz marginalização social e miséria. Essa classe marginalizada busca, de diferentes formas, estratégias de sobrevivência, o que nem sempre está em consenso com a ordem social estabelecida [...] A desumanização do trabalhador provocada pela sociedade e seu sistema capitalista de produção, onde o principal objetivo é o acúmulo de riqueza a qualquer custo, traz para essa mesma sociedade conflitos de ordem econômica, social, política, cujas principais expressões são a violência e o medo (CUNHA, 2010, p.159).

Podemos inferir que tal efeito do capitalismo também impulsiona o aumento da violência urbana e do encarceramento, visto que as desigualdades sócio-econômicas se intensificam neste sistema, levando muitas pessoas à criminalidade.

Uma vez vinculada a atividades ilícitas e encarcerada, a pessoa adquire hábitos e costumes característicos do sistema prisional, tais como linguagem, postura corporal, etc., o que dificulta, após o período do cárcere, a “volta” para vida livre, sendo esse indivíduo estigmatizado e marginalizado (ONOFRE, 2009; 2016).

Sua personalidade foi forjada para *com-viver* e sobreviver na “sociedade dos cativos”. O processo de desterritorialização [...] embora desejado pela pessoa em privação de liberdade, acaba por enraizá-la e, em muitos casos, faz com que o indivíduo liberto se

mantenha ao redor do espaço e volte a infringir a lei, nem sempre por falta de opção de vida, mas porque ali criou raízes e vínculos afetivos (ONOFRE, 2016, p.45).

Importante retomar aqui a questão da criminalização da pobreza e a racialização da pena, uma vez que tanto o perfil das pessoas privadas de liberdade quanto os objetivos da instituição penal evidenciam “uma política higienista [...] com vistas a *manter limpo* o ambiente urbano para a circulação daqueles considerados *cidadãos de bem*” (MOREIRA, 2007, p.31, *itálico do autor*).

Embora o termo ressocialização apareça em muitos momentos no texto, salienta-se que este é utilizado por ser comum na literatura ligada ao tema do trabalho, no entanto há ressalvas importantes de serem feitas, pois

a bibliografia mais crítica sobre o tema faz restrições ao uso de alguns termos muito recorrentes no discurso político sobre a pena e a prisão: ressocialização, reeducação, reinserção e outros res, pois nestes termos estão subjacentes a idéia de que antes do cometimento do delito e da respectiva condenação, os réus tiveram oportunidades de participarem de processos significativos de socialização ou de Educação. [...] Isso significa que, se antes de cometer o delito, o indivíduo já se encontrava em uma situação que não o habilitava ao convívio social, não vai ser a ênfase na punição que vai reabilitá-lo ao convívio social. (MOREIRA, 2007, p.36).

Ou seja, falar nos “res” ligados à Política Penal é um assunto bastante delicado, pois a prisão não se constitui apenas como um aparato punitivo, funciona também como um filtro de classe como brevemente discutido ao observarmos as estatísticas.

Para compreendermos melhor alguns apontamentos que serão traçados ao longo deste trabalho, recorreremos rapidamente ao histórico das escolas nas unidades prisionais.

Ao longo dos anos de desenvolvimento e aperfeiçoamento do mecanismo punitivo, não havia interesse na construção de propostas voltadas à ideia de “reinserção” o que somente ocorreu quando houve a preocupação com o treinamento técnico dos presos para o trabalho.

Com mudanças nos sistemas econômicos ao longo da história

os métodos de punição começaram a sofrer uma mudança gradual e profunda em fins do século XVI. A possibilidade de explorar o trabalho dos prisioneiros passou a receber crescentemente mais atenção, com a adoção da escravidão nas galés, deportação e servidão penal através de trabalhos forçados; as duas primeiras por

um certo tempo, a terceira como precursora hesitante de uma instituição que tem permanecido até hoje. [...] Essas mudanças não resultaram de considerações humanitárias, mas de um certo desenvolvimento econômico que revelava o valor potencial de uma massa de material humano completamente à disposição da autoridade (RUSCHE; KIRCHHEIMER, 2004, p.43).

Ao longo do tempo, esses métodos se desenvolvem e, se antes não haviam projetos voltados para a profissionalização dos encarcerados, era por se acreditar que a detenção levaria o indivíduo a refletir e mudar seus comportamentos, contudo, observou-se que o número de reincidentes se manteve, e a transformação dos presos não ocorria, constatando, assim, o fracasso da instituição prisional, o que ocasionou a inserção da educação nas prisões (PERROT, 2017a).

Notamos, assim, que tanto o processo de avanço do capitalismo como a tendência “atual” de marginalização da pobreza e encarceramento em massa incidem sobre a desigualdade, como discutido por Oliveira (2003). O autor apresenta uma mudança que marca a sociedade brasileira, dizendo que

[...] toda a transformação ocorrida fundou outra desigualdade, qualitativamente diferente sobretudo quando vista sob a ótica da liberdade, e quantitativamente maior se observadas as distâncias entre os muito ricos e os muito pobres. Mas a nova diferença quantitativa obriga os dominados a um esforço descomunal para superá-la, o que introduz uma nova qualidade na desigualdade, que, se já não é a completa ausência de liberdade, é a quase completa ausência de horizonte de superação. De fato, embora continuemos a ser uma sociedade racista, na semântica social e nas relações sociais o escravismo foi superado. Mas superar a desigualdade capitalista supõe poder superar o próprio capitalismo, o que é uma tarefa de titãs. (OLIVEIRA, 2003, p.10).

Diante disso, podemos inferir que vivenciamos um constante e naturalizado estado de exceção, como discutido por Oliveira (2003), pois políticas higienistas e de encarceramento, que eram consideradas exceções, hoje são extremamente naturalizadas; prendem-se e se deixam presas pessoas que cometeram pequenos delitos, para os quais outras medidas poderiam ser tomadas sem a privação da liberdade e dos demais direitos, fato que constitui a institucionalização da exceção.

É importante salientar que o passado colonial e escravocrata ainda guarda seus vestígios na sociedade brasileira da atualidade, principalmente relacionados à transição do escravismo para o capitalismo. Quanto ao trabalho, observa-se que, historicamente, há a tentativa de torná-lo o mais duradouro possível, a fim do aproveitamento máximo da mão-de-obra escrava. O trabalho oferecido nas prisões

se assemelha ao trabalho escravo, pois, fazendo uma analogia ao escrito por Schwarz (2001, p.63), “é preciso espichá-lo, a fim de encher e disciplinar o dia do escravo. O oposto exato do que era moderno fazer”. Ainda neste quesito, Wacquant (2008) ressalta que o trabalho nas prisões evoca uma situação de escravidão penal, pois submete o preso a um trabalho precário, mal remunerado e que dificilmente o empregará fora da unidade penal.

Além disso, constata-se que os trabalhos exercidos pelos presos são em sua maioria obsoletos em relação à sociedade extramuros, ou seja, o que o preso aprende como profissão dentro da prisão não é viável extramuros, levando, assim, a considerarmos que o “trabalho de presos assim como é conhecido passa a ser uma alternativa a despendar o tempo e conquistar alguma remição dos dias na prisão” (FAVARO, 2008, p. 226).

Atualmente, ao se falar de ressocialização, as possibilidades que se apresentam de imediato são as relacionadas ao meio laboral e ao educativo.

Considerando que as possibilidades ofertadas para a chamada ressocialização são as laborais e educativas, dentre elas o ensino formal, recorremos a Santos (2005) para iniciar nossa compreensão sobre como surge a educação escolar nas prisões brasileiras. De acordo com esse autor, as escolas nas prisões aparecem na década de 1950, sendo, no Estado de São Paulo, inicialmente, de responsabilidade da Secretaria da Educação (SANTOS, 2002; SANTOS, 2005; MOREIRA, 2007).

Ao longo da vigência da Constituição de 1969 e da Lei de Diretrizes e Bases de 1961, não havia nenhuma previsão de Educação para população privada de liberdade no país. Todavia, nos presídios paulistas, ela ocorria via comissionamento de professores da rede pública estadual, cada presídio era vinculado a uma escola, e assim, a educação ofertada fazia parte das atividades desta escola, seguindo os moldes da educação ofertada às crianças e aos adolescentes, não havia qualquer preocupação com as especificidades da população encarcerada (MOREIRA, 2007).

Assim a educação estava - e quiçá ainda esteja como veremos no item 7.4 -

envolta num panorama que circunscreve aspectos acometedores para sua qualidade. Destacam-se, nesse sentido: a) a ausência de uma coordenação pedagógica própria que atentasse para a especificidade daquele ensino, daquela instituição; b) a não constituição dos educadores num corpo docente, que permaneciam

isolados cada qual em suas salas de aula; c) a não existência de trabalhos coletivos deste quadro, que ensejassem a organização das atividades escolares pautadas por preceitos pedagógicos; d) a não identificação destes profissionais com o exercício docente no interior da prisão, recaindo sua motivação na gratificação salarial; e) a não caracterização deste ensino na modalidade de suplência, regulamentado desde 1971, pela Lei 5692/71; f-) a impropriedade da extensão do ensino da rede regular destinado às crianças, aos adultos presos. A prisão, seus procedimentos e finalidades, são obstáculos à educação escolar, indubitavelmente (PORTUGUES, 2001, p.105).

Em 1979 a responsabilidade pela educação na prisão passou para os agentes penitenciários, o que logo foi abandonado, uma vez que as rotinas escolares não condiziam com suas rotinas de trabalho. Em seguida, a educação foi transferida para os próprios presos, sendo delegada para a FUNAP em meados de 1980 (SANTOS, S., 2002; MOREIRA, 2007).

Após discussões e denúncias sobre as situações educacionais nas prisões, com o estabelecimento das Diretrizes Nacionais para a oferta de educação para jovens e adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais (BRASIL, 2010), há o retorno da responsabilidade para as Secretarias de Educação, fato que no Estado de São Paulo foi reforçado pelo Decreto 57.238, de 17 de agosto de 2011, que instituiu o Programa de Educação nas Prisões (SÃO PAULO, 2011), e pelas Resoluções Conjuntas da Secretaria Estadual de Educação e da Secretaria de Administração Penitenciária (SEE/SAP nº 1, de 16/1/2013; SE-SAP nº 2 de 30/12/2016), que dispõem “Sobre a oferta da Educação Básica, na modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA, a jovens e adultos que se encontrem em situação de privação de liberdade, nos estabelecimentos penais do estado de São Paulo” (SÃO PAULO, 2013) e “Sobre a oferta da Educação Básica a jovens e adultos que se encontram em situação de privação de liberdade no Sistema Prisional do Estado de São Paulo” (SÃO PAULO, 2016), respectivamente.

Além da alteração na responsabilidade sobre a educação, houve também, em 2011, a alteração na Lei de Execuções Penais (LEP) concedendo remição de pena por meio do estudo, o que ocorria, anteriormente, somente com o trabalho. Fica assim estabelecido que será remido “1 (um) dia de pena a cada 12 (doze) horas de frequência escolar - atividade de ensino fundamental, médio, inclusive profissionalizante, ou superior, ou ainda de requalificação profissional - divididas, no mínimo, em 3 (três) dias” (BRASIL, 2011).

Após essas alterações da LEP, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) publicou, em 2013, a Recomendação nº 44 de 26 de novembro de 2013 que “Dispõe sobre atividades educacionais complementares para fins de remição da pena pelo estudo e estabelece critérios para a admissão pela leitura”, estabelecendo possibilidades de remição para além das possibilidades formais, o que vem ocorrendo no Estado de São Paulo via Clubes de Leitura realizados em parceria com a Companhia das Letras e FUNAP, neste projeto, as pessoas privadas de liberdade podem remir até 4 (quatro) dias de sua pena por obra lida e resumida “e ao final de até 12 (doze) obras efetivamente lidas e avaliadas, a possibilidade de remir 48 (quarenta e oito) dias, no prazo de 12 (doze) meses” (CNJ, 2013, s/p).

Um ponto a ser destacado é que, embora nas Diretrizes Nacionais de 2010 apareça o retorno da responsabilidade da educação nas prisões às Secretarias de Educação, somente em 2015, por meio da Lei 13.163, é que se modifica a LEP, garantindo a integração do ensino nas prisões ao sistema estadual e municipal (BRASIL, 2015b).

Diante do exposto acima, considera-se que a transição da educação da FUNAP para a Secretaria da Educação é importante, uma vez que, como constatado por Ramos (2013), as condições para a educação escolar no sistema penitenciário encontravam-se em situação extremamente precária, com falta de locais adequados para a realização de aulas, com ausência de material, além não haver em muitas unidades um monitor preso com formação para desenvolver tal atividade.

Essas constatações sobre a situação da escolarização sob responsabilidade da FUNAP salientam o quanto o Estado não se responsabilizava pela atenção dada aos encarcerados, pois, em vez de propiciar um programa educacional devidamente adaptado às questões prisionais e alinhado com a escola de fora da prisão, acabava terceirizando essa função para a FUNAP e para os monitores presos, fato que desonerava o Estado de suas obrigações e de investimento financeiro nessa área. Assim, entende-se que a transição é importante, pois tenta empoderar o Estado de suas responsabilidades e, possivelmente, poderá apresentar uma melhora na qualidade da educação disponível nos estabelecimentos prisionais, em termos de organização, estrutura física, conteúdo, materiais, etc.

Outros trabalhos também apontavam para as carências nas escolas prisionais ao longo dessas mudanças, o que salienta ainda mais a importância do Estado

assumi-la, no entanto, não temos a pretensão de esgotar os questionamentos e apontamentos referentes a esta temática, visto que, como se tem discutido até aqui, há uma série de contradições entre a cultura penal e a escola.

Dessa forma, vários autores (JULIAO, 2003; 2009; ONOFRE, 2009; 2011; 2016; PENNA, 2007; 2011; ARAÚJO, 2005; LOURENÇO, 2005) apontam que as escolas existentes nas prisões até antes dessas mudanças, assim como os trabalhos ofertados não visavam à promoção da cidadania, mas sim uma espécie de terapia ocupacional ou passatempo, para o combate a ociosidade e, embora estas atividades existam nos presídios há décadas, não haviam ações e projetos voltados a esta realidade. Sendo assim, as mudanças legais apontadas acima projetam uma realidade que aponta para melhorias.

Quanto à influência do ambiente escolar no indivíduo preso, Onofre (2009) e Santos (2011) destacam que, ao invés de possuir papel transformador, a escola na prisão, apresenta como uma de suas funções, e talvez a de maior impacto subjetivo, o “achatamento” do indivíduo, impulsionando-o à adaptação à rotina da escola e à da instituição prisional, ocasionando uma identidade social deteriorada. Ao ser forçado a construção de uma nova identidade, influenciada pelo processo de mortificação do eu e morte civil, evidencia-se mais uma vez a falência da instituição prisional no quesito ressocialização.

A respeito da organização escolar, do ponto de vista do conteúdo, Leme (2011) e Onofre (2019; 2016) apresentam alguns argumentos para justificar a necessidade de melhoria e instauração de políticas nessa área. Considerando a sala de aula como local possuidor de culturas e vivências objetivas e subjetivas diversas, onde se possibilita a construção de novos projetos e compreensão e reflexão acerca do meio em que se vive, assinalam que, além de regulamentar a educação ofertada nas prisões, é de extrema importância que se leve em conta as especificidades de cada unidade prisional, a fim de se criar um espaço e um modelo curricular adaptável a cada ambiente, pois, sem isso, o que se tem é uma educação para a prisão e não uma educação na prisão.

Um ponto importante que será abordado neste trabalho é que, com as mudanças apontadas acima, são os chamados pelas presas de “professores da rua” que assumem as salas de aula. No entanto, no Estado de São Paulo, as professoras

e professores que podem assumir as aulas em unidades prisionais são extremamente precarizados.

No estado de São Paulo, os professores são divididos em categorias indo desde a categoria “A”, que são professores efetivos contratados via concurso público, até as categorias mais precárias, como a “O” - por exemplo, professores desta categoria não podem utilizar o Hospital do Servidor Público, além de ter a chamada duzentena⁶ -, sendo esta categoria mais privada de direitos a mais presente nas prisões.

Atualmente podem ministrar aulas nas prisões os professores que se enquadram nos critérios de habilitação/qualificação estabelecidos na Resolução Conjunta SE-SAP nº 2 de 30/12/2016.

a atribuição de classe ou aulas dar-se-á, observada a ordem de prioridade, na seguinte conformidade: 1. a docente em situação de adido; 2. a docente ocupante de função-atividade, que esteja cumprindo horas de permanência correspondentes à carga horária mínima de 12 horas semanais [Categoria “F”]; ou 3. a docente contratado, nos termos da Lei Complementar 1.093/2009 [Categoria “O”] (SÃO PAULO, 2016, s/p).

Como visto acima, o professor enquadrado na categoria “O”⁷ é o último a poder escolher as aulas na prisão, ficando ainda mais excluído dentro do sistema educacional, no entanto, ao longo do desenvolvimento deste trabalho, observou-se que são esses os professores mais presentes nas salas de aula prisionais. Isso aponta, como veremos na análise, para dificuldades de manejo de conteúdo, uma vez que, de acordo com a regulamentação do ensino formal nas unidades prisionais as aulas são atribuídas por blocos, ou seja, um professor formado em matemática, por exemplo, poderá ter aulas atribuídas também de física, química, etc. O que obviamente trará dificuldades no processo de transmissão de informações.

Diante do exposto até aqui, esse trabalho busca verificar como a transição legal, a passagem da responsabilização para a Secretaria de Educação do Estado, tem ocorrido nas penitenciárias femininas do Estado de São Paulo, e, dessa forma, analisar se a qualidade do ensino, dos materiais, da estrutura física e se a

⁶ Após a finalização de seu contrato o professor tem que ficar 200 dias fora de sala de aula.

⁷ Para mais informações sobre as categorias dos professores do Estado de São Paulo acessar a página do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (<http://www.apees.org.br>).

participação das alunas foram aspectos que melhoraram, e, ainda, se é possível pensar em uma educação mais alinhada com a emancipação dos sujeitos.

Quanto a este ponto, se pretende observar e analisar mais especificamente, pois não há garantias de que a educação ofertada pela Secretaria da Educação forneça essa possibilidade. Assim, intenta-se verificar se há algo nesse sentido ou se o que ocorre, ou tende a ocorrer, é apenas uma reprodução de conteúdos não adaptados à realidade das alunas, e a sustentação de estereótipos e preconceitos em relação a essa população.

Diante dessas mudanças legais recentes e dessas possibilidades citadas acima, questiona-se: como está a educação nas prisões femininas paulistas? Será que essas alterações já se refletem no cotidiano das unidades? Estas são algumas perguntas que se pretende responder com este estudo.

Sabe-se que historicamente, como já discutido, as mulheres são discriminadas devido ao lugar em que são postas em nossa sociedade como aquela desprovida de agressividade e consequentemente dócil, o que as excluía e ainda exclui de uma parcela de oportunidades e direitos que deveriam ser garantidos a todos. Além disso, vários estudos apresentam a luta travada pelas mulheres durante anos em prol da igualdade de direitos como o direito à educação, que foi ao longo de muito tempo compreendida como oposta à feminilidade (PERROT, 2017b; LOURO, 2012; ROSEMBERG, 2001; SCOTT, 1995; CUNHA, 2010; VIERA, 2005; DAVIS, 2016; 2018a; 2018b).

Embora as mulheres venham apresentando melhoria nos índices de alfabetização em relação aos homens, ainda há as distinções de gênero quanto às questões salariais e aos índices de desemprego (AÇÃO EDUCATIVA; CARREIRA, 2011).

De acordo com os últimos índices apresentados pelo Ministério do Trabalho e Emprego, apesar da mulher ter investido em sua escolarização ao longo dos anos e, com isso, tenha conquistado mais espaço no mercado de trabalho, a situação igualitária ainda está longe de se concretizar, pois, conforme os dados apresentados, de maneira geral, independente do nível de escolaridade, as mulheres ocupam 43,25% dos postos de trabalho; quanto ao salário, apesar de ter apresentado ligeiro aumento em comparação gênero masculino no ano de 2014 e de

apontar para um contínuo no crescimento em prol da igualdade salarial, as mulheres ainda ganham em média 17,61% a menos do que os homens, podendo chegar a 38,33% a menos, no caso de empregos com o grau de ensino superior completo (BRASIL, 2014).

Provelmente em decorrência do Golpe ocorrido no Brasil, não foram encontradas novas estatísticas do Ministério do Trabalho em relação aos dados acima. Acredita-se ainda que, possivelmente, dados referentes ao mundo do trabalho no Brasil passem a ser cada vez mais escassos visto que o atual presidente Jair Bolsonaro, mesmo sendo alvo de questionamentos, extinguiu o referido Ministério na primeira semana de seu mandato.

Os dados apresentados, recentemente, pela Oxfam Brasil (2018) demonstram que os índices apresentados acima têm piorado e que, após 15 anos, a desigualdade social voltou a crescer. Os pontos que nos interessam aqui são: desigualdades entre negros e brancos e entre homens e mulheres.

De acordo com as informações publicadas no relatório País Estagnado, as pessoas negras passaram a ganhar menos ainda em comparação com as brancas entre 2016 e 2017. Em 2017, uma pessoa negra teve o rendimento médio de R\$ 1.545,30, enquanto uma pessoa branca ganhava R\$ 2.924,31, ou seja uma pessoa negra ganha o equivalente a 53% do salário de um branco. Quanto a diferença salarial em relação às mulheres, enquanto em 2016 ganhava-se 72% do que um homem recebia, em 2017 esse número cai para 70% (OXFAM, 2018).

A escolarização é outro ponto que deprecia a mulher presa, pois devido a condições históricas, sociais e econômicas há ausência de subsídios escolares para romper com seu lugar de excluída e assim se adaptar ao exigido para uma “mulher de verdade” - os cuidados com o lar, o sustento financeiro e a qualificação acadêmica.

Essa falta de qualificações, que justifica a exclusão potencializada da mulher presa, é apresentada nos dados do DEPEN, que salienta que, dentre as presas o maior número de mulheres não completaram o Ensino Básico, o que foi exposto e discutido no capítulo Sobre Pessoas e Números.

Podemos considerar que o aumento nos índices educacionais, de maneira geral, tem relação com o recrudescimento do capitalismo, uma vez que a mulher

passa a ser impulsionada para o mercado de trabalho, ocasionando um aumento em sua escolaridade e, conseqüentemente, ela é levada a uma tripla jornada: cuidando do que é “sua responsabilidade” (a casa), estudando para tentar garantir um emprego melhor, e trabalhando para contribuir com seu sustento financeiro e de sua família.

Contudo, o que se percebe nos últimos anos é que tanto homens quanto mulheres sofrem conseqüências das mudanças na estrutura produtiva da sociedade, como, por exemplo, o aumento da concorrência no mercado de trabalho, o que muitas vezes leva ao desemprego e que vem aumentando a exclusão e a desigualdade (CUNHA, 2010).

Perante essas modificações sociais, Cunha (2010) assinala que há no cenário nacional um aumento considerável da violência, fato que eleva a sensação de insegurança e impotência. Com o aumento da violência há, conseqüentemente, o impulso para a repressão e para o encarceramento que passa a ser a principal forma de punição em nossa sociedade, sobre esse assunto, já apresentamos a relação entre a política de encarceramento em massa, a lei antidrogas e o cárcere feminino.

5. ESCOLA DE FRANKFURT: REFLEXÕES SOBRE O FEMININO, O CRIME/CRIMINOSO E A EDUCAÇÃO COMO FORMA DE COMBATE À VIOLÊNCIA

Nesta parte do texto, serão definidos e discutidos conceitos da Teoria Crítica da Sociedade, por meio dos autores da denominada Escola de Frankfurt e por alguns autores contemporâneos que discutem tal teoria. Dentre os autores frankfurtianos utilizados estão os teóricos da chamada primeira geração, todavia este trabalho se apoiará, principalmente, em Theodor W. Adorno e em textos escritos em parceria com Max Horkheimer.

Adorno começa a escrever sobre educação na década de 1950 e ao longo dos anos seguintes participa de debates e conferências sobre o tema.

Pensou a educação como forma de combate à ideologia e “como instituição necessária ao combate à violência, como formadora de indivíduos autônomos, democráticos e emancipados, sem desconsiderar os limites desta sociedade” (CROCHIK, 2009, p. 16).

Ao longo de seus escritos sobre o tema, reconhece não ser pedagogo (ADORNO, 1995a), tampouco que tenha a pretensão de apresentar uma solução para o que ele denomina de crise da formação cultural, no entanto, se reconhece nos e se assume neste trabalho que suas reflexões e tensionamentos a respeito da escola, da educação, da formação e da semiformação são extremamente relevantes e atuais, mesmo após mais de 60 anos. Neste sentido, a intensão deste capítulo é explorar sua teoria e apontar as intersecções tanto com a sociedade do século XXI como com a temática deste estudo.

Além da discussão sobre a formação que norteará este capítulo, serão apresentadas também as contribuições dos frankfurtianos sobre àqueles denominados criminosos e, serão demonstrados aspectos relacionados ao conceito de família e mulher na sociedade.

5.1. Indivíduo, Sociedade e Progresso: A representação da mulher na família e na sociedade

Neste item, objetiva-se explorar como os frankfurtianos analisam a problemática da mulher na família e na sociedade, mas antes de explorarmos esse ponto, é importante realizar uma explanação sobre os tensionamentos entre indivíduo, sociedade e progresso, a fim de possibilitar aos leitores e leitoras uma perspectiva mais ampla para, em seguida, irmos às especificidades do feminino.

Desta forma, ao considerarmos o desenvolvimento histórico da civilização ocidental e o avanço do capital e da técnica, torna-se relevante a apresentação do conceito de sociedade; Horkheimer e Adorno (1973a), a consideram como

o conjunto de homens, com grupos de diversas dimensões e significados, que compõem a humanidade. Entretanto, é também fácil perceber que o conceito de sociedade não combina imediatamente com esse substrato e estamos mais próximos do que se considera próprio da sociedade se orientarmos o conceito para os momentos de conjunção e separação do “homem” como uma série de individualidades biológicas por cujo intermédio os seres humanos se reproduzem, controlam a natureza interna e externa, e das quais promanam, em sua própria vida, conflitos e formas de dominação (HORKHEIMER; ADORNO, 1973a, p.25).

Os autores expõem ao longo de seu texto todo o movimento histórico de tal conceito, apresentam seu desaparecimento e o seu posterior ressurgimento fortalecido “com o advento da época burguesa, quando se tornou visível o contraste entre as instituições feudais e absolutistas por um lado, e aquela camada social que já dominava então o processo vital material da sociedade e instituições vigentes” (HORKHEIMER; ADORNO, 1973a, p. 29-30). Ademais, discorrem sobre a relação entre o conceito de indivíduo com o de sociedade e cultura direta ou indiretamente, uma vez que estas só existem porque há homens que cunharam estes conceitos e os tornam reais.

Horkheimer e Adorno ressaltam que as instituições inexistiam na época primitiva, pois não havia necessidade de sua existência, no entanto, com o avanço civilizatório e o advento da propriedade privada, cada vez mais, houve demanda para o surgimento de instituições e de controle social, entrando em jogo

um novo argumento, a que a sociedade burguesa se ateria firmemente daí em diante: a doutrina segundo a qual a sociedade se baseia na propriedade privada, cabendo ao Estado a obrigação de assumir a tutela da propriedade. Com essa finalidade e para salvaguardar o primeiro contrato, ou contrato social, estabeleceu-se um segundo, o de domínio, mediante o qual os indivíduos se submetem às Instituições do Estado. O medo de todos a todos é suplantado agora pelo “temor a um poder que se situa acima de

todos”. A convivência entre os homens – ou seja, a Sociedade – só é possível em virtude da submissão dos indivíduos. (HORKHEIMER; ADORNO, 1973a, p.31).

Ao considerarmos as proposições apresentadas pelos autores e a inter-relação sociedade/indivíduo, considera-se que “desde o seu aparecimento, o conceito de indivíduo quis sempre designar algo concreto, fechado e autosuficiente, uma unicidade que se caracteriza por propriedades peculiares que só a ele se aplicam” (HORKHEIMER; ADORNO, 1973b, p. 46). Contudo, ressaltam que o indivíduo, antes da designação de indivíduo, é homem e tem relações com seus semelhantes e é por meio dessas que pode chegar à autodeterminação e, assim, ter consciência de si (HORKHEIMER; ADORNO, 1973b).

A ideia de sociedade e indivíduo são interligadas e indissociáveis tornando-se possíveis apenas porque tais conceitos estão vinculados entre si. Assim, o indivíduo seria “aquele que se diferencia a si mesmo dos interesses e pontos de vista dos outros, faz-se substância de si mesmo, estabelece como norma a autopreservação e o desenvolvimento próprio” (HORKHEIMER; ADORNO, 1973b, p. 52), ou seja, é aquele que apresenta autoconsciência da singularidade do eu. Porém, apenas essa autoconsciência “não basta para fazer, por si só, um indivíduo, é uma autoconsciência social; e vale a pena lembrar aqui que também o conceito filosófico de ‘autoconsciência’ supera o indivíduo ‘abstrato’ elevado à mediação social” (HORKHEIMER; ADORNO, 1973b, p. 52).

Pensando sobre a possibilidade de a ideia de indivíduo tornar-se um ideal inatingível na sociedade capitalista avançada os autores problematizaram a respeito do lugar do indivíduo na sociedade contemporânea, assim como acerca do papel da sociedade na constituição e manutenção do indivíduo, considerando que

a sociedade, que estimulou o desenvolvimento do indivíduo, desenvolve-se agora, ela própria, afastando de si o indivíduo, a quem destronou. Contudo, o indivíduo desconhece esse mundo, de que intimamente depende até o julgar coisa sua (HORKHEIMER; ADORNO, 1973b, p. 55).

Ou seja, nessa passagem, salienta-se que só é possível o indivíduo tomar consciência de si e para si no momento em que ultrapassa as determinações sociais por meio da formação cultural, o que viabiliza a emancipação do sujeito.

Todavia, o que vemos na sociedade atual é

a perda de diferenciação [que] não só é um fato positivo, uma espécie de economias de cargas supérfluas mas, simultaneamente, é um fato profundamente negativo, que está ligado, de forma indissolúvel, ao surgimento da barbárie no próprio âmago da Cultura e no qual vemos em ação aquele “igualitarismo nivelador” de que tanto foram acusados, em seu tempo, os críticos da sociedade (HORKHEIMER; ADORNO, 1973a, p.39).

Horkheimer (2010), em *Eclipse da Razão*, discorre a respeito do movimento de ascensão e declínio do indivíduo, salientando que “o homem emergiu como indivíduo no momento em que a sociedade começou a perder a coesão e ele tornou-se consciente da diferença entre sua vida e da coletividade aparentemente eterna” (HORKHEIMER, 2010, p.141). Com a ascensão da sociedade burguesa, a relação do indivíduo com o mundo passa a ser “determinada pelas leis cegas da produção de mercadorias e do mercado” (MARCUSE, 2001a, p.38).

Uma outra questão importante diz respeito ao desenvolvimento técnico, uma vez que, por meio deste, torna-se possível “tanto o autoritarismo quanto a liberdade, tanto a escassez quanto a abundância, tanto o aumento quanto a abolição do trabalho árduo” (MARCUSE, 1999, p.74). Com o progresso técnico, vislumbra-se o declínio dos indivíduos, pois estes são despidos “de sua individualidade, não pela coerção externa, mas pela própria racionalidade sob a qual vivem” (MARCUSE, 1999, p. 82). Racionalidade esta tornada ideologia pela sociedade baseada no consumo, tendo como resultado a pseudo-exaltação do indivíduo a partir de relações e situações que impossibilitam o desenvolvimento pleno da subjetividade

como representante dos mais elevados valores humanos que esta sociedade produziu, combinado ao achatamento subjetivo sofrido pelos sujeitos sob os apelos monolíticos da sociedade de consumo, produz este estranho fenômeno em que as pessoas, despojadas ou empobrecidas em sua subjetividade, dedicam-se a cultuar a imagem (KEHL, 2004, p.67).

Esta imagem pode ser atribuída tanto à identificação e projeção em outro indivíduo quanto à técnica, uma vez que, fragilizado egoicamente, o indivíduo tende a colocar

seu objeto supremo, sua felicidade, nesses bens [e] se converte em escravo de homens e de coisas que se subtraem ao seu poder: renuncia a sua liberdade. Riqueza e bem estar não são alcançados e mantidos por sua decisão autônoma, mas devido aos fatores mutáveis de relações imprevisíveis. Portanto os homens subordinam sua existência a um fim em seu exterior (MARCUSE, 2001a, p. 9).

Com o dinamismo e a rapidez de modificação da sociedade, o indivíduo acaba por perder sua história pessoal, “embora tudo se modifique, nada se movimenta” (HORKHEIMER, 2010, p.163). Na medida em que esse movimento da vida toma conta de nosso cotidiano, Adorno diria que “o olhar lançado à vida transformou-se em ideologia, que tenta nos iludir escondendo o fato de que não há mais vida” (1992, p.7).

Diante desse dinamismo, da ideologia e da problemática apresentada em relação à formação cultural, nota-se que “a crise da razão se manifesta na crise do indivíduo” (HORKHEIMER, 2010, p.133), levando este a aceitar e defender a dominação viabilizada por meio da

absorção administrativa da cultura pela civilização [que] é o resultado da direção dada pelo progresso científico e técnico, da submissão crescente do homem e da natureza aos poderes que organizam essa submissão e que utilizam a elevação do nível de vida para perpetuar sua organização de luta pela existência (MARCUSE, 2001b, p.82).

Com relação ao progresso tecnológico, este poderia ser utilizado para

diminuir o tempo e a energia gastos na produção das necessidades da vida, além de uma redução gradual da escassez. A abolição dos objetivos competitivos poderia permitir que o eu se desenvolvesse a partir de suas raízes naturais. Quanto menos tempo e energia o homem precisar gastar para manter sua vida e a da sociedade, maior a possibilidade de ele poder “individualizar” a esfera de sua realização humana. Para além do reino da necessidade, as diferenças essenciais entre os homens poderiam se expandir: cada um poderia pensar e agir por si só, falar sua própria língua, ter suas próprias emoções e seguir suas próprias paixões. Já sem estar preso à eficiência competitiva, o eu poderia crescer no reino da satisfação. O homem poderia encontrar-se consigo mesmo nas suas paixões (MARCUSE, 1999, p.103).

No entanto, ao invés de o progresso libertar o homem, ele o aprisiona nas entranhas do sistema, aliena-o e distorce o conceito de racionalidade ou consciência, levando-o à crença de que o indivíduo “racional é aquele que mais eficientemente aceita e executa o que lhe é determinado, que confia seu destino às grandes empresas e organizações que administram o aparato” (MARCUSE, 1999, p.97). Frente à sociedade capitalista, Marcuse (2001a) aponta que “a verdadeira satisfação dos indivíduos não pode ser enquadrada em uma dinâmica idealista que reiteradamente adia a satisfação ou desvia a mesma para aspirar algo nunca alcançado” (p. 23).

Considerando os aspectos ideológicos da relação indivíduo/sociedade, vemos que, ao falarmos das mulheres, alguns desses aspectos se potencializam. Embora Adorno não seja um autor de pesquisa e análise de gênero, ao observarmos sua obra, podemos perceber que ele expõe, em alguns de seus textos, o lugar de dominação em que a mulher se encontra na sociedade, principalmente a burguesa.

Uma das instituições sociais que Horkheimer e Adorno apontam como base para as possibilidades de formação e, principalmente, para a constituição do caráter do sujeito é a família. De acordo com Horkheimer e Adorno (1973c), esta passou por diversas modificações ao longo da história, até chegar a ideia de monogamia e das relações privadas. Todavia, cabe ressaltar que a história da família não se finda, uma vez que há alterações frequentes em suas configurações, papéis e sentidos, o que pode ser constatado via diversificação encontrada atualmente nas constituições familiares como, por exemplo, muitas das mulheres privadas de liberdade têm em suas famílias papéis maternos e paternos, além de serem responsáveis financeiramente pelo lar.

Para Horkheimer e Adorno (1973c), a família se encontra submetida a uma dinâmica de caráter duplamente social. Por um lado, a constante socialização (“racionalização”, “integração” etc.) reprime o lado natural-espontâneo da organização familiar, expresso anteriormente como corriqueiro. Por outro lado, o desequilíbrio entre o indivíduo e as forças totalitárias da sociedade intensifica-se e leva, frequentemente, o indivíduo a procurar apoio e proteção em microgrupos, tais como a família, que oferece uma espécie de novo apoio. Nota-se que a família anteriormente constituída de forma espontânea vai progressivamente sendo engolida pela lógica do capital, sendo cada vez mais institucionalizada, e adquirindo o papel de normatizar os indivíduos para que se adaptem dia-a-dia mais cegamente e irrefletidamente ao sistema.

A família, por definição, não pode renunciar aos seus elementos naturalistas nem às relações biológicas entre seus membros. Mas, do ponto de vista da sociedade, esse elemento apresenta-se como heterônomo, uma espécie de perturbação, visto que não se resolve tudo na permuta, se bem que, hoje em dia, até o sexo tende a assemelhar-se às relações de troca, ao racionalismo de dar para receber. Entrementes, é quase impossível impor o elemento naturalista de um modo que seja independente do institucional-societário. Assim, a família, na sociedade burguesa tardia, encontra-se frequentemente numa situação

que não difere muito da do cadáver que, em plena civilização, recorda a todos a relação com a natureza e será higienicamente incinerado. (HORKHEIMER; ADORNO, 1973c, p.134).

Diante disso, pode-se pensar que a família, enquanto local de espontaneidade, tornou-se um tanto quanto ultrapassada, podendo ainda atuar no processo de adaptação à sociedade, uma vez que a autoridade e a constituição do indivíduo na família contribui para adaptá-lo ao trabalho assalariado, levando-o a reproduzir o socialmente aceito, pois para aquele que

observa o mundo com a mente lúcida e sem se distrair com outras coisas, não pode deixar de reconhecer que o indivíduo tem de se adaptar, de se conformar e subordinar, e quem quiser ser alguém, segundo o ideal burguês, ou, simplesmente, não soçobrar, deve aprender a satisfazer os outros (HORKHEIMER; ADORNO, 1973c, p.138).

Assim, a mulher presa, foco deste trabalho, deixa de se submeter ao considerado “ideal” de indivíduo bem adaptado, com um trabalho assalariado, não contestador, bem formado tecnicamente, entre outras características. E por sua “rebeldia”, deixa de assumir os papéis de mãe, mulher, cuidadora e responsável pela harmonia do lar. O preço pago foi o enclausuramento, uma vez que se torna perigoso essa perspectiva de vida se alastrar.

Dessa maneira, esconde-se “o problema”, por denunciar o caráter mais primitivo e finito do ser humano; não é a toa que a mulher, como discutido por Horkheimer e Adorno (1985a), é comparada ao animal, uma vez que a ideia de diferenciação do homem se dá pela razão, e à mulher são atribuídas características ligadas à sensibilidade.

Em “Minima Moralia”, Adorno (1992) apresenta alguns aspectos a respeito da mulher na sociedade que se assemelham aos trazidos por ele, tanto no texto sobre a Família (1973c) como no texto referido acima (1985a) e no que será descrito a seguir (1985b). Na “Minima Moralia”, Adorno apresenta alguns aspectos do feminino, trazendo à tona a ideia de que o estabelecimento de um lado fraco e outro forte apresenta-se como um ponto crucial para a sociedade, uma vez que reafirma o determinismo que se sobressai em nossa história e nosso cotidiano. Todavia, traz uma crítica à imagem do femininos, afirmando que ela

é duplamente negativa: primeiro, porque reconhece que tal imagem existe a partir de uma perspectiva masculina e de dominação;

segundo, porque a ela não se faria justiça concedendo-lhe o poder que na sociedade é associado aos homens, já que também este é avaliado negativamente. Assim, se houver alguma forma de libertação feminina, ela passa pela superação de todas as formas em que a violência e a dominação se apresentam e exige a abolição da distinção entre feminino e masculino em favor da perspectiva do “humano” (PETRY, 2014, p.341).

Dessa forma, o homem é associado, no imaginário social, a virilidade, coragem, razão, pensamento estratégico e estruturado, enquanto a mulher fica com os investimentos sociais ligados ao mundo das emoções, da afetividade, da sexualidade, sendo, dessa forma, comparada ao animal ou àquele ser que, por meio da razão (homem), deve ser controlado e domesticado, pois predomina no imaginário social, ainda que mascarado pelo discurso do chamado “politicamente correto”, a ideia de que as mulheres

não tiveram nenhuma participação independente nas habilidades que produziram essa civilização. É o homem que deve sair para enfrentar a vida hostil, é ele que deve agir e lutar. *A mulher não é sujeito. Ela não produz, mas cuida dos que produzem [...]. Ela passou a encarnar a função biológica e tornou-se símbolo da natureza, cuja opressão é o título de glória dessa civilização* (HORKHEIMER; ADORNO, 1985a, p.231, itálico meu).

Como sinal de resistência à essa submissão historicamente imposta, a mulher tende a expressar sua submissão pela melancolia e devoção amorosa (como moça) ou buscar atingir os objetivos sociais/culturais, tentando igualar-se à cultura dita masculina (como megera) (HORKHEIMER; ADORNO, 1985a).

Além disso, o autor expressa a dominação patriarcal tanto em relação aos tabus sexuais que se constituem e mantêm ao longo da história (2015), como nas tentativas de Juliette (1985b) e de Nora de Ibsen (1973c; 1992) em romperem as amarras do patriarcado. Entretanto, o que o autor mostra ao longo dessas obras é que as entranhas ideológicas estão tão cristalizadas que, por mais que se lute contrariamente a elas, há uma força que as coopta de volta ao “padrão” naturalizado.

Quando tratam da questão da mulher na sociedade, numa análise da obra de marquês de Sade, Horkheimer e Adorno apresentam a tentativa da mulher (na figura da personagem Juliette) de alcançar a autonomia/esclarecimento, a fim de resistir às imposições sociais, quebrando tabus, no entanto, seus esforços acabaram absorvidos pela cultura dominante, convertendo-se em seu oposto, ou seja, a tentativa de emancipação de Juliette é minada e adquire caráter de submissão,

levando-a a se readaptar à cultura dominante, convertendo a busca pelo esclarecimento em mito a serviço da dominação social (HORKHEIMER; ADORNO, 1985b).

É inegável que ao longo dos anos algumas modificações ocorrem, como demonstrado em relação as famílias quanto aos papéis sociais. Um dos responsáveis por essas alterações é a inserção da mulher no mercado de , conforme explicita Adorno (1992)

com a dissolução da economia de concorrência, “masculino-liberal”, com a participação da mulher nos serviços assalariados – onde são tão independentes quantos os homens são dependentes –, com o desencantamento da família e o afrouxamento dos tabus sexuais na superfície, a questão não é mais “aguda”. Mas, ao mesmo tempo, a continuação da existência da sociedade tradicional distorceu a emancipação da mulher. Poucos aspectos são tão sintomáticos da decadência do movimento operário quanto ao fato de que ele não tome conhecimento dessa questão. [...] Na grande empresa elas continuam a ser o que eram nas famílias: objetos (ADORNO, 1992, p.80).

A objetificação da mulher perpassa, assim, desde sua vida privada até sua vida pública. No caso deste estudo, nota-se que essa desumanização e objetificação da mulher transborda para o interior das grades prisionais, uma vez que, como discutido, as mulheres no “mundo do crime” ocupam funções secundárias e invisíveis e, assim como Horkheimer e Adorno (1985a) apontam, chegam a ser comparadas a animais real ou simbolicamente.

Quanto a questão relacionada ao crime e ao criminoso, embora Horkheimer e Adorno não especifiquem muito a temática, trazem nas notas e esboços da “Dialética do Esclarecimento” algumas reflexões a respeito da temática. Discorrem que tanto o criminoso quanto a privação da liberdade são instituições burguesas, uma vez que

na Idade Média, encarceravam-se os infantes reais que simbolizassem uma incomoda pretensão dinástica. O criminoso, em compensação, era torturado até a morte, para incutir na massa da população o respeito pela ordem e pela lei, porque o exemplo da severidade e da crueldade educa os severos e os cruéis para o amor. A pena de prisão regular pressupõe uma crescente necessidade de força de trabalho e reflete o modo de vida burguês como sofrimento (HORKHEIMER; ADORNO, 1985c, p.210).

A partir das modificações supracitadas, o indivíduo criminoso passa a ter sua vida regulada e coordenada pela direção da prisão, sendo forçado “a absoluta

solidão, o retorno forçado ao próprio eu, cujo ser se reduz à elaboração de um material no ritmo monótono do trabalho, delineiam como um espectro horrível a existência do homem no mundo moderno” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985c, p.211).

De acordo com os autores, ao ser forçado à submissão, o presidiário reproduz

a imagem virtual do tipo burguês em que ele deve se transformar na realidade. Os que não o fizerem lá fora serão forçados a isso aí dentro numa terrível pureza. Justificar a existência de penitenciárias com a necessidade de separar o criminoso da sociedade, ou mesmo de regenerá-lo, não atinge o âmago da questão. Elas são a imagem do mundo do trabalho burguês levado às últimas consequências, imagem essa que o ódio dos homens coloca no mundo como um símbolo contra a realidade em que são forçados a se transformar (HORKHEIMER; ADORNO, 1985c, p.211).

Podemos dizer que a prisão segue propagando a perspectiva descrita por Horkheimer e Adorno (1985c), uma vez que o que se observa, no cotidiano prisional, de forma dramática, nada mais é do que a reprodução do que ocorre na sociedade, provocando ainda mais a exclusão, a adaptação e a submissão diante do capital.

Para os autores, o espaço prisional, no século XIX, era comparável à doença, pois os indivíduos criminosos eram considerados doentes devido sua “fraqueza”, já que, em prol de sua autoconservação, rompem com o “socialmente aceito”. Frente a isso, os autores consideram que o indivíduo que comete um ato criminoso devido a situações sociais em que se encontram, além de sofrerem como indivíduos, passam a sofrer por meio de um castigo cego, alheio à sua vontade, o que caracterizará em sua vida algo como uma doença, sendo assim, a prisão equivale a uma moléstia expressa pelas atitudes e posturas cautelosas dos prisioneiros. Dessa maneira,

a prisão representou o inverso de sua fraqueza. A energia necessária para se destacar como um indivíduo do mundo ambiente e, ao mesmo tempo, para estabelecer uma ligação com ele, através das formas de comunicação autorizadas, e assim nele se afirmar, estava corroída no criminoso. Ele representava uma tendência profundamente arraigada no ser vivo e cuja superação é um sinal de evolução: a tendência a perder-se em vez de impor-se ativamente no meio ambiente, a propensão a se largar, a regredir à natureza (HORKHEIMER; ADORNO, 1985c, p.212).

Os autores ainda comparam a prisão aos campos de concentração, pois

o isolamento, que outrora se infligia de fora aos prisioneiros, se generalizou neste meio tempo e se instilou no sangue e na carne dos indivíduos. Sua alma bem adestrada e sua felicidade são tão desoladoras como as células da prisão, que os donos do poder já

podem dispensar, porque a totalidade da força de trabalho das nações caiu presa deles. A privação de liberdade é um pálido castigo comparado com a realidade social (HORKHEIMER; ADORNO, 1985c, p.213).

Frente ao exposto no breve texto dos autores, eles salientam que, na sociedade contemporânea, a pena de privação de liberdade já poderia ser dispensável, pois com os progressos da sociedade, não haveria mais necessidade deste tipo de punição, uma vez que, na sociedade burguesa,

a constituição de um sistema penitenciário que obrigava os homens à disciplina monótona do trabalho, por meio da execução repetitiva de trabalhos sem sentido, representando triste e radicalmente o mundo burguês, portanto, não [é] uma necessidade econômica da sociedade. [...] [assim salienta-se] a falácia que está permeando a afirmação da necessidade de um sistema penitenciário (MASSOLA, 2007, p.137-138).

Considerando a tensão existente entre indivíduo e sociedade e a busca constante por controle social na sociedade capitalista, é possível inferir que a prisão se mantém, pois os criminosos, aqueles que rompem a ordem estabelecida, apresentam-se à sociedade como um sinal da necessidade de coerção para que a civilização possa se desenvolver, que têm como função alertar os demais indivíduos sobre a possibilidade de sofrerem punições, caso tentem cindir com a ordem. Por outro lado, cabe inferir se o indivíduo considerado socialmente criminoso não seria aquele que apresenta resistência às amarras do capital, uma vez que explicita instintos repudiados pela sociedade racionalizada e que, por tentar resistir, precisa ser aprisionado e treinado para transformar-se no “bom burguês”.

No caso das mulheres “criminosas”, inferimos que esta possibilidade de resistência se potencializa ainda mais, pois ao delinquir, rompe com os requisitos impostos historicamente a respeito da feminilidade no imaginário social, rompe com a imagem de “bela, recatada e do lar” o que pode ser considerado, com ressalvas, um enfrentamento ao patriarcado.

Diante disto, considerando que a mulher é forjada socialmente como oposta ao poder e, conseqüentemente, a masculinidade devendo ser seu oposto completo, cabe a ela a docilidade e a sensatez do papel social a ela disponível, passando a ser escrachada e extremamente marginalizada caso não cumpra esses papéis, sendo solteira, criminosa, prostituta, ou qualquer coisa que a descaracterize daquilo que é compreendido como feminino socialmente.

Todavia, Adorno (1992) aponta que, ao enquadrar-se fielmente à docilidade, a mulher bela é condenada à infelicidade. “Mesmo aquelas favorecidas por todas as condições, a quem assistem nascimento, riqueza e talento, parecem como que perseguidas ou possuídas pela ânsia de destruição de si mesmas e de todas as relações humanas de que participam” (p.150).

A partir das considerações aqui expostas a respeito das mobilizações que o criminoso provoca na sociedade, torna-se possível compreender o ódio em relação aos que rompem com a ordem estabelecida, pois o criminoso escancara os desejos latentes e reprimidos dos demais indivíduos. Os ataques investidos a esta população apontam para indivíduos fragilizados egoicamente e que, por meio de atitudes irrefletidas, voltam sua fúria aos indivíduos “errantes”, reproduzindo a barbárie e viabilizando o desenvolvimento do preconceito e a manutenção do sistema penitenciário.

A partir da discussão posta até aqui, torna-se possível problematizar o papel da mulher criminosa em nossa sociedade. Por um lado, pode-se considerar que ela rompe com o institucionalizado pela cultura machista predominante. Por outro, embora esboce essa tentativa de cisão pelo ato do crime, logo se vê que sua atitude está atrelada à esta mesma cultura.

Quando se observam as classes economicamente mais baixas, as situações de opressão da mulher tendem a ser potencializadas e mais evidentes e, ao se tratar da mulher criminosa, pode-se inferir que os ataques conscientes e/ou inconscientes contra ela são intensificados, uma vez que esta representa a cisão total com o imaginário social de mulher, a qual deveria ser amável, cuidadora, provedora emocional e educacional do lar, uma boa esposa e, na sociedade atual, aquela que também estuda e trabalha fora. Assim, a mulher criminosa tende a sofrer maiores repressões e preconceitos, pois, teoricamente, quebra com toda essa idealização; contudo, o que muitas vezes se esquece é que essa visão da mulher-objeto é produzida socialmente, de modo que a masculinidade se sobrepõe e é institucionalizada.

De outra parte, a mulher assume um papel subalterno em relação ao crime, pois, como comprovado estatisticamente, a maioria das mulheres é encarcerada devido ao tráfico de entorpecentes e/ou pequenos delitos. No universo da criminalidade, ocupam a base da pirâmide: por exemplo, em muitas das vezes são

usadas como iscas para que as atenções sejam desviadas para elas, enquanto quilos e quilos de drogas passam pelos aeroportos e fronteiras internacionais. Assim, pode-se perceber o quão oprimida é a mulher inserida no mundo da criminalidade; posteriormente, quando egressa da prisão continuará carregando o fardo de socialmente rejeitada. Por fim, observa-se em relação à mulher presa a dialética emancipação pelo crime/submissão pelo crime.

Com base na discussão teórica apresentada, supõe-se que o diálogo com as mulheres encarceradas explicita, além das desigualdades de gênero, as discrepâncias educacionais no ambiente prisional, bem como permite descrever como este processo educacional ocorre e é vivido por elas na prisão.

O combate à barbárie, ao preconceito e à ausência de consciência, constantemente reproduzidos pode ser possibilitado por meio da ascensão e emancipação do indivíduo, no entanto, para que ocorresse o fortalecimento do indivíduo, seriam necessárias também alterações na sociedade no sentido de superação da semiformação e da onipotência da técnica, o que, de acordo com os autores considerados, poderia ocorrer com uma participação efetiva da educação, o que será abordado no próximo item.

5.2. A Formação e a Semiformação

Antes de seguir na discussão sobre formação e semiformação retomaremos uma das bases de Adorno e Horkheimer (1985) para pensar o conceito de esclarecimento que está implicado nos conceitos de formação e semiformação.

Adorno e Horkheimer (1985), na década de 1940, antes de se debruçarem sobre a formação e semiformação escreveram “A dialética do esclarecimento”, e para desenvolver suas teses, utilizaram-se de Immanuel Kant (2009), que compreende o esclarecimento como o processo de saída do homem de sua minoridade, neste sentido, ao superá-la, o homem passaria a não necessitar mais da tutela de outro homem, tornando-se livre e autônomo. Todavia, compreende que o rompimento com a minoridade é um processo difícil, pois ela já está tão enraizada que se tornou cômoda, uma segunda natureza constantemente incentivada, e validada pelo cerceamento da liberdade e pelas diversas orientações externas que impulsionam à obediência alienada das regras impostas.

É por meio desta base conceitual que Adorno desenvolve sua Teoria da Semicultura (ADORNO, 2005). Ao escrevê-la Adorno (2005) nos apresenta suas reflexões a respeito do que nomeia como crise da formação cultural, afirmando que está decorre, entre outras coisas, das falhas nos sistemas e métodos da educação, além disso, aponta que tal crise perpassa até mesmo as pessoas denominadas cultas.

Para ele, há a conversão da formação social em uma semiformação socializada, esta última encontra-se sob a égide da onipresença do espírito alienado e de uma consciência que renunciou à autodeterminação, frente a isto, o que se vê são multidões semiformadas orientando-se à barbárie, que discutiremos adiante.

No ano em que escreve o referido texto, 1959, Adorno (2005) aponta que mesmo com todo o acesso à informação que poderia contribuir para a formação cultural, o que ocorre é que “a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual, o que exige uma teoria que seja abrangente” (p.02).

De acordo com Adorno (2005), para que tal teoria - que pode ajudar na superação da semiformação - seja abrangente é necessário que entendamos a ideia de cultura, a qual precisa distanciar-se do sagrado, pois tal perspectiva somente reforçaria a semiformação.

Destaca que, apesar de toda informação disseminada e do acesso quase irrestrito à cultura, por parte da parcela mais pauperizada da população, é a semiformação que passa a dominar a consciência. Para ele, formação é a apropriação subjetiva da cultura, a qual possui duplo caráter, pois, ao mesmo tempo, remete-se à sociedade e também realiza a mediação desta com a semiformação. Quando a cultura é compreendida como conformação, adaptação ao meio sem possibilidade de reflexão, os homens impedem-se de educarem uns aos outros, reproduzindo a semicultura (ADORNO, 2005).

O autor nos aponta então uma definição inicial da formação cultural a qual

devia ser aquela que dissesse respeito — de uma maneira pura como seu próprio espírito — ao indivíduo livre e radicado em sua própria consciência, ainda que não tivesse deixado de atuar na sociedade e sublimasse seus impulsos. A formação era tida como condição implícita a uma sociedade autônoma: quanto mais lúcido o singular, mais lúcido o todo (ADORNO, 2005, p. 04).

Pode-se notar nessa citação, a proximidade da ideia de formação cultural com o discutido por Kant, frisando que Adorno (2005) entende a formação como parte do processo emancipatório.

Mais adiante no texto, o autor nos apresenta as condições e contradições para que a formação cultural ocorra. Vejamos nas palavras do autor.

A formação tem como condições a autonomia e a liberdade. No entanto, remete sempre a estruturas pré-colocadas a cada indivíduo em sentido heteronômico e em relação às quais deve submeter-se para formar-se. Daí que, no momento mesmo em que ocorre a formação, ela já deixa de existir. Em sua origem está já, teleologicamente, seu decair (ADORNO, 2005, p.08-09).

Diante disso, vê-se que no interior do processo formativo encontram-se presentes aspectos heteronômicos que se apresentam ao mesmo tempo como condição e contradição.

Desta maneira, por um lado para o desenvolvimento de um indivíduo autônomo, é necessário que passe por seu desenvolvimento infantil de forma dependente de seus pais e que, gradativamente, ao desenvolver-se egoicamente, introjete a ideia de autoridade e, ao introjetá-la, torne-se capaz de se autodeterminar; mas, por outro lado, como discutido por Adorno (1995c), se vivemos em uma época em que nos tornamos pessoas tecnológicas, afinadas com a técnica, nos tornando incapazes de amar⁸, como a formação seria possível?

Ao longo de seu trabalho, evidencia-se tanto o processo dialético que atravessa nossa sociedade, assim como onde seria possível nos debruçarmos a fim de tentarmos superar a semiformação, que, enquanto consciência alienada, se alastra e se propaga cotidianamente, dando a sensação de que todos precisam saber sobre tudo, e desse modo, na tentativa de pertencer a um lugar intelectualizado, a grande massa absorve todo conhecimento pela metade crendo que dele se apropria tornando-se um *expert*; no entanto, o que se pretende com essa propagação massiva de informações semicultas é manter a onipresença do espírito alienado por meio da adaptação irrefletida do homem ao seu meio, convertendo o espírito em fetiche.

⁸ É importante ressaltar que o conceito de amor descrito por Adorno vem da teoria freudiana. Dessa maneira, amor está relacionado à energia libidinal que leva as pessoas a se ligarem afetivamente.

Assim sendo, “ergue-se uma redoma de cristal que, por se desconhecer, julga-se liberdade. E essa consciência falsa se amalgama por si à igualmente falsa e soberba atividade do espírito” (ADORNO, 2005, p.04). Cria-se assim a armadilha perfeita para a propagação da semicultura, pois, quanto mais incolor e transparente tal redoma, mais a ideia de liberdade se difunde entre as pessoas. Sendo assim, “as pessoas não percebem o quanto não são livres lá onde mais livres se sentem, porque a regra de tal ausência de liberdade foi abstraída delas” (ADORNO, 2002, p.108).

Diante disto, o que vemos é uma propagação ideológica que contribui para que as relações de poder ocultem-se também nesta redoma, que, ao mesmo tempo aliena, permite admitir maior relutância (HORKHEIMER; ADORNO, 1973b).

Para que tal processo de alienação se mantenha, possibilita-se às massas a ilusão de acesso aos bens de formação cultural, quando na verdade a indústria cultural se apropria de tais bens sucateando-os, ou seja, retira deles seu caráter formativo e implanta valores mercantis e lucrativos que servem para manter a população com a ilusão da formação. Pode-se exemplificar esta questão ao pensarmos na propagação indiscriminada do “sonho americano⁹”. Todavia, toda a organização da estrutura social e sua dinâmica impedem e negam o processo real da formação, o que acaba por viabilizar a propagação da semicultura.

No entanto, cabe ressaltar que não é possível afirmar categoricamente a universalidade da semiformação, pois seria possível que alguns grupos “graças a sua consciência de classe ainda viva, embora debilitada” (ADORNO, 2005, p. 07) deixassem de ser absorvidos pela semiformação. Mas com a ascensão da técnica que vai tomando conta da sociedade, gerando pessoas tecnológicas, e com o aumento do mundo administrado, o que, diga-se de passagem, nos dias de hoje vêm se potencializando exacerbadamente, Adorno afirma que

É possível falar da claustrofobia das pessoas no mundo administrado, um sentimento de encontrar-se enclausurado numa situação cada vez mais socializada, como uma rede densamente interconectada. Quanto mais densa é a rede, mais se procura escapar, ao mesmo tempo em que precisamente a sua densidade impede a saída. Isto aumenta a raiva contra a civilização. Esta torna-se alvo de uma rebelião violenta e irracional (1995c, p.122).

⁹ O termo sonho americano é utilizado aqui na perspectiva, propagada no imaginário social, de que ao trabalhar arduamente se alcançará sucesso, prosperidade e, conseqüentemente, mobilidade social.

Diante de tal claustrofobia e confronto com a civilização, verificam-se os perigos de caminhar em direção à barbárie contra a qual todos os esforços educativos deveriam se direcionar.

Assim, em uma sociedade dominada pela irracionalidade, o autor concebe que a educação tem com objetivo principal a desbarbarização, devendo “orientar esses traços [derivados dos instintos] contra o princípio da barbárie, em vez de permitir seu curso em direção à desgraça” (ADORNO, 1995b, p. 158). É importante frisar que a barbárie, para o autor, relaciona-se à regressão e, “continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta” (ADORNO, 1995a, p. 117).

Adorno traz a questão da necessidade de se contrapor à ausência de consciência por meio de uma educação reflexiva, crítica, para evitar “que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias” (ADORNO, 1995c, p. 121).

Essa educação crítica para a desbarbarização seria facilitada desde que fosse feita a partir da primeira infância, momento em que se forma o caráter. Todavia, considera que isto seria inviável, “pois os pais com que temos que lidar são, por sua vez, também produtos desta cultura e são tão bárbaros como o é esta cultura” (ADORNO, 1995b, p. 167), neste sentido, haveria a necessidade de um processo de esclarecimento geral, levando toda a população em direção à superação da semiformação.

Compreendemos, então, que, para Adorno, trabalhar para a desbarbarização é a temática mais urgente da educação e, para isso, seria necessário um esclarecimento geral, que poderia evitar a repetição de *Auschwitz*, tratada pelo autor como a expressão máxima da barbárie. Fica evidente que a tarefa da educação e da escola não se realizará enquanto o clima cultural também não for transformado.

Um dos espaços que pode viabilizar tal esclarecimento e formação dos indivíduos é o escolar. A escola como instituição poderia funcionar como um local de luta contra a barbárie e de superação da semiformação, no entanto, como romper com tais aspectos se a escola com a qual lidamos também está inserida nesta sociedade alienada?

Pode-se considerar, portanto, que o processo educacional em geral segue fracassando em nossa cultura.

Este fracasso é atestado também pela dupla hierarquia observável no âmbito da escola: a hierarquia oficial, conforme o intelecto, o desempenho, as notas, e a hierarquia não-oficial, em que a força física, o "ser homem" e todo um conjunto de aptidões prático-físicas não honradas pela hierarquia oficial desempenham um papel. O nazismo explorou esta dupla hierarquia inclusive fora da escola, na medida em que incitou a segunda contra a primeira, tal como incitaria o partido contra o Estado na macropolítica. A pesquisa pedagógica deveria dedicar especial atenção à hierarquia latente na escola (ADORNO, 1995a, p.110-111).

Ao analisar esta afirmação vemos que a dupla hierarquia escolar continua fazendo parte das escolas, e é possível inferir que talvez tenham se potencializado desde que Adorno escreveu sobre o tema. A soberania das notas mostra-se por meio da excessiva tecnicidade posta nas escolas desde a educação infantil até as pós-graduações, o que se sobressai é a capacidade das instituições escolares e, consequentemente, de seus estudantes em tirar notas, além das individuais, nos exames oficiais, tais como, no Brasil: Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp), Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), Vestibulares, Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), e outros indicadores que supostamente validam a capacidade intelectual de uma escola, de uma parcela da população e de um país.

Pensando na interface destas hierarquias com a temática deste trabalho, vê-se que a escola inserida nas prisões e a educação nela oferecida queda-se na marginalidade, há pouco interesse por parte do Estado, até mesmo nos índices oficiais, além disso, pode-se inferir que talvez a hierarquia não-oficial sobreponha-se à oficial, pois, embora haja nas alunas a preocupação com suas notas, a força física parece sobressair, uma vez que a denominada segurança é que aparece em primeiro plano, todos os movimentos, tempos e trânsito pela escola são extremamente controlados, e diante de qualquer deslize, aplica-se a força, muitas vezes física.

Nas escolas do interior das unidades prisionais, as hierarquias se invertem e permanece latente uma hierarquia pautada nas relações de poder, no caso punitivas e militarizadas.

Neste sentido, parece impossível esperar mudanças na complexidade educacional que se apresenta nas escolas do país e que se potencializam nas prisionais. Para Adorno “só é possível esperar alguma mudança neste complexo [...] quando até o último resquício de punição tiver desaparecido da memória escolar” (1995a, p.107).

Diante disso, como pensar na formação em uma sociedade em que o Estado Penal se sobrepõe a qualquer possibilidade de um Estado Formativo?

Um ponto apresentado anteriormente diz respeito à incapacidade de amar, Adorno (1995c) postula que uma das possibilidades para a superação da semiformação, o que, conseqüentemente, poderia levar a desbarbarização, seria a reflexão da capacidade de amar, mas não no sentido de propagar valores eternos, pois afirma que foi contra esses que se reagiu com menosprezo. O que autor postula é que atualmente os indivíduos vivenciam certa dificuldade em ligarem-se afetivamente, fato interligado com a tendência à fetichização da técnica, que torna as pessoas incapazes de amar, e

isto não deve ser entendido num sentido sentimental ou moralizante, mas denotando a carente relação libidinal com outras pessoas. Elas são inteiramente frias e precisam negar em seu íntimo a possibilidade do amor, recusando de antemão nas outras pessoas o seu amor antes que o mesmo se instale (ADORNO, 1995c, p.133).

Perante à necessidade técnica e a partir da elevação do nível de vida, cresceram as reivindicações de uma formação que elevasse o indivíduo tendo em vista a ascensão social. Como resposta a esta demanda, há incentivo a

camadas imensas a pretender uma formação que não têm [...]. Um grande setor da produção da indústria cultural vive dessa nova realidade e, por sua vez, incentiva essa necessidade de semicultura [...]. A alegre e despreocupada expansão da formação cultural, nas condições vigentes, é, de modo imediato, sua própria aniquilação (ADORNO, 2005, p.12).

Todavia, Adorno (1995d), no texto “A filosofia e os professores”, ressalta que, para que a formação cultural possibilite superação da semiformação, ela “é justamente aquilo para o que não existem à disposição hábitos adequados; ela só pode ser adquirida mediante esforço espontâneo e interesse, não pode ser garantida simplesmente por meio da frequência de cursos” (ADORNO, 1995d, p.64).

Sendo assim, a formação cultural poderá ocorrer a medida que o indivíduo “abra” o espírito e se aproprie de maneira autônoma da cultura, ao invés de apenas

aprender o que é imposto. Ademais, é necessária, para que a formação aconteça, a existência do amor, uma vez que um dos defeitos de quem educa e de quem é educado relaciona-se, certamente, à esta incapacidade.

Assim, aqueles que educam necessitam dessa capacidade, e aqueles que têm deficiências a este respeito não deveriam se dedicar a ensinar (ADORNO, 1995d), pois ocorreria o prosseguimento de suas deficiências nos alunos.

O professor deveria ter consciência, ao invés de imitar o considerado culto, pois

o indivíduo só se emancipa quando se liberta do imediatismo de relações que de maneira alguma são naturais, mas constituem meramente resíduos de um desenvolvimento histórico já superado, de um morto que nem ao menos sabe de si mesmo que está morto (ADORNO, 1995d, p.67-68).

Uma outra questão que Adorno (1995d) indica como responsável pela não formação cultural, é que nem todos tiveram acesso a experiências prévias para a verdadeira formação; isso ocorre em função das limitações impostas pela lógica social ensejada no capitalismo: divisão social do trabalho, dominação de grupos e classes sobre outros grupos e classes.

Por fim, Adorno (1995b) destaca que a educação não deve servir de modelagem de pessoas, nem ser reduzida à mera transmissão de conhecimento. Deve, portanto, produzir uma consciência verdadeira; e essa é uma exigência política, pois só é possível uma democracia efetiva se os indivíduos da sociedade forem emancipados.

Neste sentido, ao olharmos para a educação escolar ofertada nas unidades prisionais, vemos que esta serve de modelagem à submissão a uma lógica punitiva, uma vez que é necessário “merecer” estar na escola e, para que tal merecimento ocorra, deve-se “obedecer”. Diante disso, o que sobra do humano? O que sobra à formação? Talvez apenas pequenas formas de resistir.

Mas não se deve esquecer que a chave da transformação decisiva reside na sociedade e em sua relação com a escola. Contudo, neste plano, a escola não é apenas objeto. [...]. [Todavia] enquanto a sociedade gerar a barbárie a partir de si mesma, a escola tem apenas condições mínimas de resistir a isto. Mas se a barbárie, a terrível sombra sobre a nossa existência, é justamente o contrário da formação cultural, então a desbarbarização das pessoas individualmente é muito importante. A desbarbarização da humanidade é o pressuposto imediato da sobrevivência. Este deve

ser o objetivo da escola, por mais restritos que sejam seu alcance e suas possibilidades. E para isto ela precisa libertar-se dos tabus, sob cuja pressão se reproduz a barbárie (ADORNO, 1995a, p.116-117).

Ao considerarmos que a sociedade na qual temos vivido constitui-se como uma sociedade que propaga a semicultura, conseqüentemente, produz indivíduos alienados e incapazes de amar.

Um outro ponto que aparece nos estudos dos frankfurtianos é em relação ao preconceito. Ao considerarmos o exposto até agora, é possível verificar que este pode ser superado por meio da educação para a emancipação e do olhar para o agressor, pois de acordo com Adorno (1995c), seria este que teria questões psíquicas para serem observadas e trabalhadas.

A partir dessas considerações, é possível expressar, em outras palavras, que “o preconceito, ao mesmo tempo em que diz mais do preconceituoso do que do alvo do preconceito, não é totalmente independente desse último, ou melhor, das representações que são atribuídas ao alvo” (CROCHIK, 2006, p. 14). Assim, tanto os judeus quanto os criminosos – ou qualquer grupo que não está totalmente integrado ao padrão estabelecido – foram e são exemplos de alvos considerados fracos, decadentes, perigosos ou inferiores.

Para Horkheimer e Adorno (1973b), os preconceituosos perderam a capacidade de realizar e viver experiências e, para que isso ocorra,

não bastaria instruí-los, alimentar e estimular as suas convicções mais válidas; seria necessário em primeiro lugar, formar ou reconstruir nesses indivíduos, mediante processos demorados e fatigantes, a capacidade de estabelecer relações espontâneas e vitais com os homens e as coisas (HORKHEIMER; ADORNO, 1973d, p. 180).

Dessa forma, seria somente por meio do relacionamento genuíno com o outro e o reconhecimento deste como seu semelhante é que haveria possibilidade de redução ou extinção do preconceito.

Uma parcela da população vítima de preconceitos é de criminosos e criminosas, e essas últimas tendem a sofrê-lo ainda mais, uma vez que, por serem mulheres, em princípio, deveriam ser exemplos de docilidade, delicadeza e passividade. Sendo assim, a mulher, ao cometer um crime, rompe com essas concepções e é colocada à margem social.

6. (DES)CAMINHOS PERCORRIDOS

Considerando o que foi apresentado anteriormente, pode-se afirmar que há grande sofrimento psíquico nas mulheres encarceradas devido ao seu local social e, muitas vezes, à sua invisibilidade, pois além de ser mulher e pobre, está presa. Juntam-se muitos estereótipos ao mesmo tempo.

Neste capítulo, me dedicarei e expor os caminhos e descaminhos percorridos para a realização deste trabalho, visto que o Sistema Penitenciário é um local desafiador para a realização de pesquisas devido a seu fechamento quase que hermético frente a sociedade. Diferente do que ocorreu ao longo da realização do meu mestrado o caminho para a autorização da pesquisa pelo Comitê de Ética da Secretaria de Administração Penitenciária foi menos trabalhoso, uma vez que já conhecia os procedimentos necessários para a aprovação. No entanto, o pós aprovação foi árduo demandando muitos telefones e e-mails para que as autorizações judiciais das Varas de Execução Criminal dos municípios envolvido pudessem emitir as autorizações para a direção das unidades prisionais selecionadas.

Este trabalho se deteve na busca pela verificação de como a transição legal à responsabilização da Secretaria de Educação do Estado tem ocorrido nas penitenciárias femininas do Estado de São Paulo, para, dessa forma, analisar se a qualidade do ensino, dos materiais, da estrutura física, bem como e a participação das alunas melhoraram e se é possível pensar em uma educação mais alinhada com a emancipação dos sujeitos.

Diante dessas mudanças legais recentes e das possíveis mudanças que podem ter ocorrido os problemas de pesquisa que nortearam este trabalho foram: **Como está a educação escolar nas prisões femininas paulistas? Qual a percepção das mulheres presas e das professoras e dos professores sobre a educação escolar no ambiente prisional?**

Sabe-se que, historicamente, como já discutido, as mulheres são discriminadas devido ao lugar em que são postas em nossa sociedade, como aquela desprovida de agressividade e consequentemente dócil, o que as excluía e ainda exclui de uma parcela de oportunidades e direitos que deveriam ser garantidos a todos. Além disso, vários estudos apresentam a luta travada pelas mulheres durante

anos em prol da igualdade de direitos como o direito à educação, que foi, ao longo de muito tempo, compreendida como oposta à feminilidade (PERROT, 2017b; LOURO, 2012; ROSEMBERG, 2001; SCOTT, 1995; CUNHA, 2010; VIERA, 2005).

Frente a isso, o referencial teórico adotado levou em conta a necessidade de reconhecimento que essas mulheres apresentam em relação ao outro, além de pensar a educação na prisão de forma crítica, baseando-se nos estudos dos teóricos da Escola de Frankfurt, a fim de refletir sobre possibilidades e limites da educação no meio prisional e o reconhecimento do outro como ponto essencial para a visibilidade e a constituição da subjetividade.

Assim sendo, as perguntas norteadoras deste estudo adquirem sentido, pois em decorrência da inserção nas prisões das professoras e dos professores da educação pública do Estado, entende-se que grandes mudanças podem ter ocorrido, inclusive impulsionando de alguma forma para processos emancipatórios, visto que, como discutido, a escolarização foi utilizada principalmente pelas mulheres como via de resistência a processos históricos e socialmente opressores.

Diante disso, o objetivo geral desta pesquisa foi:

- Verificar e analisar como se dá a educação em unidades prisionais femininas do Estado de São Paulo, por meio da percepção das mulheres presas e das professoras e dos professores sobre a educação escolar no ambiente prisional.

Sendo os objetivos específicos:

- Analisar o processo de transição da responsabilidade da escola na prisão para a Secretaria de Educação, e de que modo ele tem ocorrido nas penitenciárias femininas do Estado de São Paulo;
- Aferir se a qualidade do ensino, dos materiais, da estrutura física e a participação das alunas melhoraram, assim como se é possível pensar em uma educação mais alinhada com a emancipação;
- Apurar e avaliar se nas falas das alunas e/ou das professoras e dos professores há a presença de preconceito e (auto)desvalorização da mulher;
- Examinar as expectativas, significados e motivações das mulheres privadas de liberdade ao retornarem à escolarização na prisão.

Para isso, o fundamento teórico da discussão foi pautado na Teoria Crítica da Sociedade, uma vez que há poucos estudos acerca da escolarização na prisão, relacionando tal teoria com esta realidade. Além disso, os aspectos apresentados em tal teoria permitiram o tensionamento da realidade social em interface com questões subjetivas de maneira dialética, tornando possível uma leitura histórico-crítica da realidade carcerária e da população feminina neste ambiente.

Outro ponto importante é que, diante da concepção teórica posta pelos autores, há a intersecção com a questão educacional e escolar. Com isso, buscou-se analisar as informações coletadas tendo como referência a discussão apresentada no capítulo anterior (ADORNO, 1995a; 1995b; 1995c; 2005; HORKHEIMER; ADORNO, 1973; 1985), além dos textos associados às questões criminais e que dialogam diretamente com esta orientação teórica (HORKHEIMER; ADORNO, 1973; MASSOLA, 2007), bem como os que trabalham a questão do preconceito (CROCHIK, 2001, 2006, 2009).

Além dos trabalhos postos pelos frankfurtianos, foram utilizados na análise outros teóricos considerados referência na temática prisão, como Foucault (2009; 2013) e Goffman (2004; 2010). Além disso, optou-se em trazer para a discussão autoras feministas, principalmente Angela Davis (2016; 2018a; 2018b), que estuda prisão, mulheres e etnia. Dessa forma, entende-se que foi possível explorar questões ligadas ao sistema punitivo e seu funcionamento; perspectivas ligadas ao feminino, à mulher na sociedade e à mulher privada de liberdade, à escolarização ofertada para as pessoas presas e demais temáticas apresentadas na revisão bibliográfica.

A fim de operacionalizar esse estudo, primeiramente, realizou-se um levantamento, por meio do site da Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo (SAP), acerca do seu conjunto de penitenciárias femininas.

Como resultado deste levantamento, foram encontradas 16 unidades prisionais. Destas, foram selecionadas aquelas situadas num raio de até 200 km da capital paulista, resultando assim em 12 unidades, dentre as quais, quatro operam exclusivamente em regime semiaberto, e que, por esse motivo, foram excluídas. Restaram assim 8 unidades, que na análise foram numeradas a fim de manter o anonimato de todas as participantes.

Em seguida, o projeto de pesquisa foi enviado para o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) e para o Comitê de Ética da SAP, a fim de obter autorização para a ida à campo para a coleta das entrevistas e observações.

Após a aprovação dos Comitês de Ética, foi necessário aguardar as autorizações judiciais das Varas de Execuções Criminais de cada município responsável pelas unidades prisionais, o que ocorreu de maneira bastante morosa. Posteriormente às autorizações, entrei em contato com cada uma das penitenciárias para que fosse obtida a autorização de sua direção para a realização da pesquisa. Obtidas as autorizações, a pesquisadora e/ou seus assistentes de pesquisa foram às unidades a fim de selecionar cinco detentas e cinco professoras(es) para serem entrevistados.

As Unidades 1 e 2 foram as primeiras a serem visitadas. Nesta, ocorreram tanto entrevistas com alunas e professores como observações em sala de aula, os convites às alunas foram realizados coletivamente nas salas de aula, já o convite para os professores foi realizado no espaço destinado à sala dos professores. A Unidade 3 recusou-se a receber a pesquisadora afirmando que não haveria alunas no perfil necessário, além de informar que quando foi notificada sobre a pesquisa, não era o melhor momento para receber quaisquer pesquisas. Com a Unidade 4, após diversos contatos telefônicos, foi agendada a ida à unidade, no dia 09/11/2017, durante a visita, a pesquisadora foi recebida pela diretora da unidade que a apresentou às funcionárias responsáveis pela escola, essas a acompanharam até o pavilhão da escola. Relataram que havia apenas ensino fundamental I e II e PET nesta unidade. Nesta data, a professora do fundamental I, não havia ido por estar machucada, por este motivo, as salas haviam sido unificadas. Ao chegar na sala, solicitamos autorização do professor para realizar o convite às alunas. Havia 8 alunas na sala. Me apresentei e fiz o convite explicando brevemente a pesquisa, no entanto, não havia nenhuma aluna que preenchesse o perfil para a pesquisa, segundo a aluna que está a mais tempo na escola, nem as que faltaram teriam estudado com monitora presa. A responsável pela educação comentou que há entre as duas salas cerca de 30 matriculadas, mas que a rotatividade é grande e a ausência nas aulas, também.

Quanto à Unidade 5, embora não houvesse alunas no perfil exato, a pesquisadora optou por realizar as três entrevistas organizadas pelo responsável pela educação da unidade e, posteriormente, optou-se por utilizar as informações contidas nestas por entender que, embora não exatamente no perfil, contribuiriam positivamente para as análises, bem como para entender que em muitos casos há um desconhecimento por parte das mulheres dos processos escolares e educativos no interior das prisões.

Em relação as Unidades 6 e 7, embora houvesse autorizações judiciais para a realização da pesquisa de campo, optou-se por não a realizar, uma vez que estas eram as unidades mais distantes da cidade de São Paulo, além disso, houve o entendimento de que as entrevistas e observações realizadas em outras unidades atingiram suficientemente a quantidade de informações necessárias para a discussão dos objetivos propostos para este trabalho.

Por fim, quanto a Unidade 8, o Comitê de Ética da SAP não enviou autorização judicial do juiz do município, o que inviabilizou o contato com a unidade, bem como a coleta de dados nesta.

A seleção das mulheres participantes da pesquisa foi realizada por meio de convite coletivo, individual e/ou por indicação do responsável pela parte educacional de cada unidade.

Quanto ao critério de seleção, foram entrevistadas mulheres que, no momento da entrevista, estavam frequentando a escola na prisão, independente da unidade na qual iniciou os estudos, desde que fosse no Estado de São Paulo, e que já tivesse estudado anteriormente com as monitoras presas, pois isso possibilitou que estas acompanhassem o processo de mudança da FUNAP para a Secretaria de Educação. Quanto aos professores, o convite foi feito de forma coletiva e/ou individualizada, dependendo da organização de cada unidade. Participaram da pesquisa aqueles que se interessaram e que já haviam lecionado e/ou que estavam lecionando em escolas fora do contexto prisional no momento da entrevista.

Todas as entrevistas foram realizadas tomando como referência um questionário semiestruturado, apresentado nos Apêndices A e B, com questões relacionadas à realidade educacional escolar no cárcere, sendo inseridas novas perguntas no decorrer das entrevistas conforme tenham sido necessárias.

Para a realização das entrevistas, foi entregue a todos os participantes um Termo de Esclarecimento Livre Esclarecido (TCLE), orientado pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, contendo os objetivos da pesquisa, autorização de gravação de áudio e a garantia de anonimato, além de outras informações pertinentes à pesquisa.

Foi garantido a todos os participantes da pesquisa o tempo necessário para a concordância ou não de sua participação. No caso das professoras e dos professores entrevistados, garantiu-se que, se necessário, consultassem seus superiores imediatos, no entanto, em nenhuma das entrevistas realizadas tal procedimento foi necessário. Quanto às entrevistas realizadas com as alunas, a pesquisadora garantiu que todos os aspectos presentes no TCLE fossem compreendidos pelas entrevistadas e, quando necessário, devido a dificuldades de leitura, a pesquisadora e, quando foi o caso, seus assistentes de pesquisa realizaram a leitura do termo ponto a ponto seguido de explicação.

Além das entrevistas, realizou-se, mediante autorização das professoras e dos professores, a observação sistemática das aulas ministradas nas unidades 1 e 2, a fim de verificar o andamento das mesmas e a estrutura da escola, conforme descrito no roteiro pré-elaborado apresentado no Apêndice C. As informações obtidas por meio dessa observação foram registradas em diário de campo (APÊNDICE D), garantindo o sigilo e o anonimato de todos os envolvidos.

A partir da experiência da pesquisadora com o tema e das perspectivas deste estudo, apresentou-se como hipóteses que após a realização das entrevistas e sua análise que a educação ofertada às mulheres presas tenha passado por melhorias (qualidade do ensino, dos materiais, da estrutura física e a participação das alunas, etc), uma vez que o Estado, após as determinações legais citadas, passa a responsabilizar-se pela organização e operacionalização das escolas nos espaços privativos de liberdade.

Além disso, crê-se que - apesar de ser um espaço que, dentro de suas possibilidades, rompe com o ambiente carcerário a escola segue intrinsicamente coordenada e amarrada às lógicas da prisão, uma vez que, por exemplo, frequentemente sua rotina é alterada em decorrência de procedimentos de segurança.

Outra hipótese é que, ao serem inseridos professoras e professores “da rua” no espaço prisional, as relações intra-escolares tenham se alterado, uma vez que em minha dissertação (RAMOS, 2013) verificaram-se certas dificuldades, principalmente relacionais, entre alunas e monitoras.

Nas relações interpessoais entre professores e alunas, foi possível observar uma supervalorização tanto por parte das alunas em relação aos professores quanto o contrário, pois, como vimos, as mulheres presas ocupam um lugar extremamente marginal e invisível, assim como os professores categoria “O”, que via de regra assumem as aulas nas unidades prisionais.

Neste sentido, embora seja plausível tal hipervalorização, esta não necessariamente descarta posturas e falas permeadas por estereótipos e preconceitos.

Por fim, tem-se como hipótese que as motivações para o retorno à escolarização nos espaços privativos de liberdade tenham a ver com aspectos subjetivos tais como: sentir-se mais humana e ser exemplo para os descendentes. Outra motivação pode relacionar-se com a perspectiva de ascensão social e melhor inserção no mercado de trabalho pós cárcere, supostamente viável devido à maior escolaridade.

Assim, ainda que acredite que ao final deste trabalho será perceptível certa melhoria na oferta escolar nas prisões femininas, é possível que pouco percebamos os processos efetivamente formativos e emancipatórios.

Depois de explicitar os objetivos e hipóteses deste estudo, apresento a seguir alguns dados acerca das mulheres entrevistadas, a fim de começarmos a apontar algumas das perspectivas analíticas.

Quadro 1 – Perfil das mulheres privadas de liberdade entrevistadas.

Unidade	Idade (anos)	Série	Crime pelo qual está presa
Unidade 1	29	8º ano do Ensino Fundamental	Tráfico e Formação de Quadrilha
	32	3º ano do Ensino Médio	Tráfico
	38	8º ou 9º ano do Ensino Fundamental	Homicídio
	42	6º ano do Ensino Fundamental	Tráfico
Unidade 2	59	3º ano do Ensino Médio	Sequestro
	29	3º ano do Ensino Fundamental	Furto
	53	3º ano do Ensino Médio	Tráfico
Unidade 5	42	Não estudava	Assalto
	32	Não estudava	Rouco e Tráfico
	29	Não estudava	Tráfico

Quadro 2 – Perfil dos professores entrevistados

Unidade	Sexo	Idade (anos)	Área de Formação	Disciplina(s)	Tempo no Sistema Prisional
Unidade 1	Feminino	28	História	História, Geografia, Filosofia e Sociologia	3 anos
	Masculino	20	Cursando Matemática	Matemática e Física	2 anos
Unidade 2	Feminino	27	Letras, Português e Inglês	Português	1 ano
	Feminino	50	Pedagogia	Ensino Fundamental I	3 anos
	Masculino	24	Física	Física e Matemática	1 ano
Unidade 5	Feminino	40	Pedagogia	Ensino Fundamental I	4 anos

Os quadros expostos permitem visualizar as características das alunas e das professoras e dos professores entrevistados, tal organização visa explicitar de maneira mais clara e objetiva as informações que serão aprofundadas nos capítulos seguintes.

Quanto ao processo de análise, as entrevistas, após áudio gravadas, foram transcritas literalmente (APÊNDICE E ¹⁰ e F), respeitando a linguagem dos

¹⁰ A opção por apresentar as entrevistas transcritas na íntegra ao final do trabalho se dá, a fim de possibilitar o acesso a informação a demais pesquisadoras e pesquisadores que se interessam pela

participantes, bem como o sigilo de suas identidades por meio do uso de nomes fictícios.

Além das entrevistas, foram realizadas observações sistemáticas das aulas ministradas no interior das prisões, organizadas em diário de campo, visando verificar o andamento da aula, as relações interpessoais, os conteúdos ministrados, o espaço físico da escola, os materiais escolares, etc.

As entrevistas ocorreram individualmente, algumas realizadas em espaços destinados à biblioteca das unidades, e outras, na sala dos professores, tendo tido a duração média de uma hora cada, aproximadamente.

É importante ressaltar também que esta pesquisa seguiu os princípios bioéticos (LOCH, 2011), e que todos e quaisquer custos provenientes desse estudo foram de responsabilidade da pesquisadora.

Ao coletar todos os dados da pesquisa, realizou-se a leitura flutuante das transcrições, selecionando trechos das entrevistas, tanto das professoras e dos professores como das alunas, que se agrupassem tematicamente, ou seja, foram criadas categorias temáticas a partir de elementos comuns existentes em suas falas para a análise de conteúdo em interface com as referências bibliográficas exploradas anteriormente.

Diante da leitura e releitura das entrevistas coletadas, muitas questões apareceram, e, por isso, optou-se por categorias em que os conteúdos e os resultados foram agrupados em decorrência de sua semântica e expressividade, por exemplo, falas das mulheres presas que expressam suas motivações para a volta à escola. As categorias expressas a seguir conterão as seguintes qualidades: exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade, fidelidade e produtividade, conforme apresenta Bardin (2000).

Sendo assim, a partir da categorização realizada, foram elaboradas as seguintes categorias:

- O valor do que vem “da rua”: o visível no invisível; na qual me detive a explorar as relações estabelecidas entre professoras, professores e alunas, relações estas que, por vezes, se hipervalorizam na

marginalidade das mulheres privadas de liberdade e das professoras e dos professores com contratos de trabalho precarizados. Ao mesmo tempo que vemos nesta categoria o doce encontro entre humanidades, vemos o amargor das marginalizações.

- O espelho de si, em si e no outro; nesta segunda categoria criada, as atenções voltam-se principalmente para as motivações afetivas decorrentes do retorno aos bancos escolares; o que mais se sobressai é a perspectiva de se tornarem exemplos para seus descendentes, bem como reproduzir os padrões dos papéis sociais destinados às mulheres “padrão” em nossa sociedade - ser boa mãe, esposa, cuidar da educação da prole, estudar e trabalhar.
- (Re)produção para o trabalho; esta terceira categoria trata dos aspectos vinculados às expectativas de que, ao ter um diploma, automaticamente, a empregabilidade estaria garantida, assim como uma melhoria salarial. No entanto, serão apresentadas as contradições desta perspectiva, visto que pairam sobre essas mulheres estigmas e preconceitos dada sua condição de mulher, pobre e muitas vezes negra.
- (Des)estrutura escolar; por fim, nesta última categoria, a ideia será apresentar a forma como as escolas têm, objetivamente, se organizado no interior das unidades prisionais. O que veremos neste item é, principalmente, a escassez e/ou ausência de materiais e, sobretudo, o poder da instituição penal sobre a escola, sendo esta submetida a rotina prisional.

7. AS VOZES INAUDÍVEIS

Reconhecendo que nos espaços prisionais é fundamental a escuta de pessoas que são silenciadas pelas normas do sistema penitenciário, abrir espaços para as narrativas de vida é dar-lhes oportunidade de saber-se no passado-presente em que estão atolados, é resgatar cidadania e dignidade, pois deixam de ser um número (conferido com base no crime cometido ou em seu número de matrícula) e assumem a sua palavra, a sua história, ganham protagonismo — deixam de ser anônimos (ONOFRE, 2016, p.53).

Neste capítulo nos debruçaremos sobre os dados coletados conforme exposto no Capítulo 6. O esforço realizado será na tentativa de, ao longo do texto, explicitar as categorias elaboradas pela leitura e releitura das entrevistas e das observações, analisando e interpretando tais categorias de forma interligada/articulada aos referenciais teóricos e bibliográficos que fundamentam este trabalho.

O título do capítulo se apresenta no sentido de, assim como discorrido por Onofre (2016), possibilitar que as luzes sejam direcionadas à população prisional feminina e sobretudo às práticas escolares que ocorrem intramuros. Inaudíveis são as vozes dessas mulheres que, ao serem privadas de sua liberdade, são também privadas de seus papéis sociais e de sua visibilidade, inaudíveis são também as vozes das professoras e dos professores que atuam nestes espaços, alijados de seus colegas de trabalho, sujeitos aos procedimentos de vigilância e disciplina da instituição, subordinados legalmente a condição de adido, ou àqueles que possuem contratos mais precarizados, como é o caso das professoras e dos professores do Estado de São Paulo denominados categoria “O”.

É nesta condição de segregadas e segregados que os encontros se potencializam, e vemos tanto nas alunas como nas professoras e nos professores a valorização deste encontro entre excluídas e excluídos. Intentarei neste trabalho ouvir as vozes por trás das muralhas e possibilitar que este texto seja uma das interfaces do sistema carcerário com o extramuros.

7.1. O valor do que vem “da rua”: o visível no invisível

Como exposto ao longo do texto, as prisões, tal como as conhecemos no Brasil, apresentam um formato semelhante às aquelas que se encontram espalhadas em diversas partes do mundo. Por outro lado, há medidas, tentativas e propostas efetivas de outras formas de punição pelo mundo e até mesmo propostas de abolição da instituição prisão. No entanto, compreendemos a imensidão e delicadeza em abordar essas propostas como intensamente discutido por autores e autoras, como Angela Davis (2016; 2018a; 2018b).

Os desafios do sistema penitenciário brasileiro são inúmeros, vão desde a conhecida superlotação, até a ausência de assistências básicas e de acesso a direitos como a educação escolar.

O objetivo, nesta categoria, é apresentar como a invisibilidade invade as unidades prisionais e se potencializa nas femininas, e como as mudanças legais e a inserção de professoras e professores “da rua” viabilizam um reconhecimento e uma visibilidade há muito esquecidos, seja pelas mulheres privadas de liberdade seja pelos professores e professoras das categorias subalternas da Secretaria de Educação do Estado.

O que se observa no decorrer da história penitenciária é uma série de estigmatizações a respeito da(o) encarcerada(o), seja por meio dos preconceitos e estereótipos que a sociedade constrói e reproduz, seja pela apropriação e interiorização desse lugar pelos próprios presos, conforme discutido por autores como Goffman (2010) e Adorno et al. (1984).

Ao egressar das unidades prisionais, o indivíduo, que deveria estar supostamente “recuperado” e “ressocializado”, é abarcado por uma sociedade que o estigmatiza e volta a excluí-lo por conta da sua trajetória de vida, o que muitas vezes contribui para a reincidência como exemplificado por Luciana.

“então depois da primeira passagem onde você passa, mesmo que você não esteja fazendo nada errado, você vai tá fazendo. Você tá ali, você já tá errada, então por causa disso né, com esse país corrupto, que os polícia também são corruptos lá fora, eu vim presa outras vezes forjada, fui embora. Desta vez, é a mesma situação, mas né é aquele velho ditado, a gente já tem tipo uma placa: ex-presidiária, ainda você tá num lugar daquele, por mais que você fala, eu não estava fazendo, ninguém vai acreditar” (Luciana – 29 anos).

Vemos na fala acima apenas uma das expressões das dificuldades em retomar a vida extramuros pós encarceramento, como dito por Luciana, sair da

prisão é voltar para o mesmo local em que vivia antes com a diferença de que já está “marcada” com “uma placa: ex-presidiária”, fato que a coloca na linha de frente de toda e qualquer suspeita, seguindo a lógica dos estereótipos e preconceitos que discutiremos mais adiante.

Ademais, de acordo com o proposto por Goffman (1988) é como se Luciana estivesse inábil para vivenciar plenamente a aceitação social devido a sua “marca” - seu estigma -, que, como ela mesma deixa transparecer, dialoga em alguns aspectos com sua identidade social, todavia essa “marca” não a constitui em sua totalidade.

Além disso, há também os problemas carcerários, como: as superlotações, a ausência ou deficiência nas mais diversas assistências, tais como à saúde, laboral, educacional e jurídica, além da hostilidade e violência existente nas prisões, seja por parte dos funcionários com os encarcerados, seja entre os internos (ADORNO, ; FISCHER, 1987; RAMOS, 2013), o que também dificulta a vida pós-cárcere, pois, com a falta de subsídios básicos de sobrevivência, os efeitos das mortificação do eu e da morte civil (GOFFMAN, 2010) são intensos.

Diante das influências e interferências dessas instituições insalubres junto aos indivíduos que por ela passam, é possível verificar que a chamada ressocialização acaba sendo dificultada e/ou impedida (CARLEN, 2007).

Um ponto interessante, apresentado em diferentes trechos das entrevistas realizadas com alunas, professoras e professores, e que norteará este item, diz respeito às consequências da inserção da rede estadual de ensino nas prisões, e as características que os encontros neste espaço propiciam. Ao falarem sobre a educação escolar nas unidades prisionais, as(os) entrevistadas(os), apresentam uma série de afirmativas que demonstram, ao mesmo tempo, a riqueza e pobreza dos encontros tanto entre as alunas com as professoras e os professores, quanto entre a Secretaria da Educação com a Secretaria de Administração Penitenciária.

Essa transição que ocorre a partir da entrada da rede oficial de ensino nas prisões tem sido importante uma vez que, com as chamadas monitoras presas, embora houvesse materiais didáticos disponíveis, havia desrespeito em decorrência de “serem como elas”, era visível e frequente, como já constatado em minha

dissertação (RAMOS, 2013), e revalidado nas entrevistas realizadas ao longo deste trabalho.

“Companheiras nossa jogava, num jogava nem na lousa, ficava sentada ali, ganhava o dela. Hoje não, hoje os professor é tem tipo uma cobrança, entendeu? Vamo em cima, eles ficam em cima e a gente fica em cima também. Se não tiver, nós cobra uma caneta, nós cobra um caderno nós cobra... Oh professora a gente num sabe isso, tem como tá falando? Não falar a resposta, né? Mas até chegar num ponto que a gente vai entender Por que igual eu falei, tem muitas pessoas que faziam muito tempo que não estudavam, até eu mesmo, entendeu? Então isso daí a gente cobra bastante, aonde a gente vê uma grande diferença [...] Tá bem melhor, bem melhor. Num quero nem enganar, tá bem melhor! Porque se eu fosse estudar igual o de prova de Ribeirão Preto eu ia sair burra, burra. Burra assim né, no sentido de falar, né? Ia obter conhecimento da minha parte, mas se dependesse da minha companheira, eu ia sair leiga” (Bruna – 32 anos).

“Ah, os professores, né! Eu acho que num mudou muito o jeito de lecionar. Eles são carinhosos, atenciosos, eles ensinam bem eu acho que foi mais isso que me fez ficar, porque isso me lembra a minha infância. A forma de... como eles ensinam é praticamente há... 20 anos atrás a mesma coisa (E: Aham) é... com bastante seriedade, bem diferente de presa ensinando, nada a ver. Eu fiquei uma vez, eu vim, era presa que ensinava, eu desisti, eu sai [...] ela num tinha pulso firme, num falava nada com nada, só coisas nada a ver ai eu num quis mais [...] quando era monitora presa ninguém respeitava, ninguém obedecia é... tipo assim, as presas mandava nela ela fazia o que as presa mandava e com o professor não” (Natália – 38 anos).

“A sentença alta, precisava de remição. No começo foi difícil né, porque assim, num to falando mal das minhas companheiras, né daqui de dentro, mas os professores incentiva bastante a gente, a gente sai daqui de dentro, a gente é... sei lá. Eu quando venho pra escola esqueço que eu to presa. Começo a estuda e é número, é história, é ciências, é geografia. Ai eu chego lá dentro, que eu tenho um monte de coisa pra conta, ai eu conto e as meninas ficam me olhando, tipo né... Vamo, vamo. Eu já consegui traze duas pra cá, pra escola. (E: Que legal) Entendeu? [...] Hoje em dia as salas são até mais cheias do que antes” (Luciana – 29 anos).

Por meio das falas de Bruna, Natália e Luciana, que vivenciaram o momento de mudança e efetivação da nova legislação, vemos a comparação entre as diferentes propostas de escolarização nas prisões, suas falas fazem eco ao que vivenciei e ouvi ao longo das idas às diferentes unidades prisionais.

“Você descobre que você realmente é inteligente. E eu sou muito inteligente. E tá sendo muito bom vir pra escola porque eu tô me reeducando. Porém tá sendo bom vir pra escola porque agora a professora é da rua. [...] Porque quando era a Funap não era legal. Eu não gostava de estudar com presa. [...] Elas não tem o mesmo conhecimento que a professora da escola. [...] não tem formação.

Como que uma pessoa que não tem formação vai me ensinar alguma coisa? [...] Pra pegar o livro ali, passar a lição do livro na lousa pra gente fazer a continha eu mesma faço na cela, eu sozinha. Eu pego o livro e vou estudar. [...] Nada contra as presas, mas pra mim é pela qualidade. [...] É a qualidade. E hoje em dia vale a pena estudar. É a melhor coisa. Sou muito mais estudar do que trabalhar” (Patrícia – 39 anos).

Nas falas de Bruna e Patrícia vemos um reconhecimento técnico e acadêmico das professoras e dos professores da rede de ensino como a possibilidade de obtenção de conhecimento, o que não percebiam que havia com a monitora presa. Além disso, a fala de Natália apresenta uma memória afetiva que vem à tona ao se relacionar com as professoras, esse afeto de infância aparentemente é um dos aspectos que a motiva a seguir escolarizando-se, por outro lado, ela indica na sua fala também certa mesmice no processo ou método de ensino, reconhecendo-o como o mesmo que fora ofertado a ela anos antes pela escola regular extramuros, o que aponta para o oposto do previsto na legislação da educação nas prisões, que propõe que o processo ou método de ensino deveria ser adequado à população em situação prisional.

Diante disso, vemos a tendência à reprodução irrefletida e conteudista daquilo que tem que ser aprendido e ensinado nos ambientes escolares, o que nos remete ao discorrido pelos frankfurtianos, há uma propagação da semicultura socializada, acredita-se que está sendo formada quando na verdade prepara-se para a reprodução do pensamento hegemônico e reprodução do status quo, uma vez que, assim como a primeira fala de Luciana, há uma marca naqueles que passam pelo sistema penal que atravessa as muralhas das prisões.

Há também aspectos importantes nas falas apresentadas, uma vez que possibilita, como dito por Luciana, “a saída da prisão”. Ao entrarem em contato com professoras e professores da rede de ensino, entram em contato, simultaneamente, com o mundo extramuros, o que, além de extremamente valorizado, traz um respiro ao cotidiano hostil. Isso se apresenta como relevante, uma vez que podemos inferir que nesses encontros viabiliza-se, mesmo com a reprodutibilidade alienada dos conteúdos, certa resistência e humanização, visto que nestes encontros torna-se possível a elas serem vistas como seres humanos, ficando o papel de presidiária por vezes em segundo plano.

Nota-se também em suas falas um pouco do que discutiremos mais adiante, a hipervalorização do professor que “vem da rua”.

Das entrevistas realizadas, houve apenas uma aluna que exaltou o trabalho das monitoras:

“Eu estudei a oitava e a nona e o primeiro. Que era supletivo. [...] com a monitora do sistema prisional. [...] Era bom. Ela ensinava tudo muito certinho, explica muito, tudo muito certinho. Então dava pra gente compreender, as dúvidas que a gente tinha, ela explicava... Estudava muito também. Pra que pudesse dar uma aula decente pra nós. E era bom. Assim como aqui também é. Aqui tem monitoras aqui. Elas são muito inteligentes.” (Camila – 32 anos).

Essa sua fala permite inferir que talvez ela tenha encontrado em sua experiência escolar acolhimento e conhecimento que antes não tinha, todavia são muitas as variáveis que nos levam a valorizar, desvalorizar ou ser indiferente a algum conteúdo acadêmico. No entanto, o que percebemos de maneira geral são posturas parecidas com as relatadas inicialmente por Bruna, Natália e Luciana.

Essas constatações sobre a situação da escolarização quando de responsabilidade da FUNAP salientam o quanto o Estado lavava as mãos, se eximia de responsabilidade em relação a atenção dada às encarceradas e aos encarcerados, pois, em vez de propiciar um programa educacional e escolar devidamente ligado às questões prisionais e alinhado com a escola de fora da prisão, acabava terceirizando essa função para a FUNAP e para os monitores presos, fato que desonerava o Estado de suas obrigações e de investimento financeiro nessa área. Assim, entende-se que a transição tem sido importante, pois tenta, ainda que a fórceps, empoderar o Estado de suas responsabilidades.

Com a mudança na Lei de Execução Penal, uma das motivações que começa a aparecer, e para muitas das mulheres torna-se a principal, é ir à escola para remir suas penas, fato muitas vezes justificável pelas penas altas como apontam Luciana e Andressa:

“Fiquei 6 meses lá. E lá eu comecei a fazer um curso também lá, de maquiagem. Ia todo dia pra rua, aí fizeram uma maldade comigo, colocaram um B.O. na minha bolsa quando eu tava vindo da rua pra dentro da unidade e aí tô aqui né. Aí num podia trabalhar quando cheguei, eu falei num vou ficar sem fazer nada, porque desde quando eu vim presa, sempre trabalhando, procurando minha remição porque minha sentença é alta. (E: Você não podia trabalhar por punição? Por causa da disciplina?) Punição, é. É um castigo que a gente tem que pagar aqui. E aí eu peguei e falei: bom, eu vim no

meio do ano, eu falei: ah vou pra escola, pelo menos fazer alguma coisa, né? Pra hora passa e num parei mais [...] precisava de remição, quando eu vim presa que fui pra Unidade 2 eu precisava de remição com 4 meses eu já era sentenciada e sentença alta eu não sou réu primária então é mais complicado, então eu fui atrás de remição. Então eu trabalhava, estudava, fazia teatro. Então tudo que aparecia que desse remição eu tava fazendo” (Luciana – 29 anos).

“Remição. Sempre remição e aprendizado, né? Sempre é bom cê tá aprendendo, né? Mas mais mesmo foi remição. [...] Então tudo que é evento assim eu gosto de participar. Se tem trabalho, curso, escola, tudo eu tento, eu procuro fazer. Pra remir pena, né? [...] (E: E o que que te manteve depois na escola? Que cê ficou um tempo) Ah, sei lá. Acho que a remição mesmo, né, que achei que ia ter e no fim acabei nem tendo acho que remição daquela escola. Nem fui procurar saber também” (Andressa – 42 anos).

Vemos muito claramente, nessas falas, a dedicação às atividades dentro da unidade prisional em decorrência da remição de pena, fato bastante compreensível visto que, como temos discutido as condições penitenciárias pouco têm de acolhedoras e sensíveis às especificidades humanas: ademais, vemos que, ao longo da história das prisões no mundo, estas vão adquirindo recortes sociais muito claros, uma vez que passam a abrigar àqueles que, supostamente, apresentam periculosidade à população, seja por serem “criminosos”, vadios, enfim ameaças aos interesses econômicos e sociais, neste sentido, a pena adquire a característica de “proteção da sociedade” (RUSCHE; KIRCHHEIMER, 2004; DAVIS, 2016; 2018a).

Além disso, é possível notar claramente na fala de Luciana a soberania da punição, conforme apresentada por autores como Onofre (2009; 2016), que perpassa todos os aspectos da vida na prisão, ao cometer uma falta, que em sua fala nega, Luciana é duplamente penalizada, além de regredir de pena – sair do regime semiaberto e voltar para o fechado – é proibida de exercer qualquer trabalho. Dessa forma, ela vê a escola como uma possibilidade que, a princípio, apresenta-se apenas como forma de passar o tempo e, conseqüentemente, remir a pena, mas que passa a ter outro sentido, vê-se aprendendo neste espaço e sobretudo de maneira humanizada.

Já na fala de Andressa, embora seja perceptível que ela tenta expor seu interesse pelo aprendizado, o que salta aos olhos é a remição, mas aponta também para as dificuldades de acesso às informações, uma vez que relata desconhecer se teve de fato algum tempo remido, ou não.

Considerando o processo de criminalização de populações específicas e as repercussões sociais de massa que hoje se espalham inflamadamente com a ascensão das redes sociais; resolvi fazer uma busca rápida no Google e no Facebook a respeito de mulheres presas, o que notei foi que, a priori, refinar a busca para mulheres encarceradas é um desafio, pois as informações que aparecem são imprecisas e extremamente genéricas, o que mostra a invisibilidade desta população que, mesmo crescendo abruptamente nos últimos anos, ainda tem pouca visibilidade midiática e, quando a tem, os comentários são duplamente pejorativos, por serem mulheres e “criminosas”.

Optei por realizar essa busca, pois, considerando o referencial teórico deste trabalho e a intensificação da semicultura propagada em todos os meios de comunicação de massa, acredita-se ser relevante verificar o que tem sido exposto midiaticamente e compartilhado nas redes sociais a respeito da população estudada neste trabalho. Foi possível notar que a ilusão do anonimato e da impunidade propagados pela internet trazem à tona a desumanização e valores bárbaros - no sentido de não civilizados - dos sujeitos e grupos sociais. Há, nas falas recortadas dos comentários retirados da internet, ausência total de identificação com o outro, sendo destilada e propagada a violência, e o ódio é reafirmando.

um esquema sempre confirmado na história das perseguições é o de que a violência contra os fracos se dirige principalmente contra os que são considerados socialmente fracos e ao mesmo tempo – seja isto verdade ou não – felizes. [...] nossa sociedade, ao mesmo tempo que integra cada vez mais, gera tendências de desagregação (ADORNO, 1995c, p.122).

Dados os resultados desta breve busca, resolvi selecionar alguns comentários encontrados em relação às mulheres presas, articulando-os com aspectos observados nas entrevistas tanto com as alunas quanto com as professoras e os professores, uma vez que frequentemente o descrédito moral acerca das mulheres presas aparece carregado de desumanidade, os termos mais comuns apresentados pelas entrevistadas e entrevistados para designar as presas foram: “bicho” e “monstro”. Outro aspecto observado foi que tais comentários, quando proferidos pelas presas, muitas vezes foram seguidos da valorização do espaço escolar, pois, com os professores “da rua”, a sensação de “sair da prisão” se potencializou, levando-as a se sentirem humanas e dignas de atenção.

Vale destacar que muitas vezes os discursos vêm carregados de sentido de “gratidão pelo favor”, descolando-se do fato de que a educação escolar é um direito de toda e qualquer pessoa privada ou não de sua liberdade.

Ao longo das buscas realizadas, comentários extremamente ofensivos aparecem, mas a reportagem que mais me chamou atenção, e por este motivo a selecionei, foi uma publicada pelo Portal G1 de Rondônia, em 14 de março de 2018. A reportagem aborda a infestação de ratazanas em uma penitenciária de Porto Velho. Ao longo da reportagem, uma das mulheres diz “Nós sabemos que a gente tá privado de liberdade porque nós cometemos erros. A gente tem que pagar, mas nós somos seres humanos. Na situação que a gente tá vivendo, nenhum animal merece”. O apelo à humanidade também é frequente na fala das entrevistadas, como explicita Patrícia:

“Tipo de você querer fazer sempre melhor! A professora ela te dá um ótimo. Puts, é muito prazeroso! Aí você quer sempre ganhar um ótimo, então você quer sempre dar o melhor de você também! Porque eu acho que eles merecem respeito. [...] Da mesma forma que ela me respeita. E ela é amorosa, ela beija, ela abraça a gente... Ela não trata a gente como presa, como arghhh, um animal. Ela trata a gente como ser humano...” (Patrícia – 39 anos).

Em contrapartida, vemos que socialmente se diz o contrário, ao verificarmos os comentários dos interlocutores na página da reportagem e selecionar os mais populares, ou seja, aqueles com mais curtidas, verificamos o seguinte.

“Absurdo oq que fazem com elas, isso não é vida, são obrigadas a conviver com essa praga. Pobres ratazanas!”¹¹

“Tenho pavor desses bichos nojentos, não sei qual me causa mais pavor...se é essas ratazanas ou cobras. ..enfim, as ratazanas e as detentas se entendem nessa bagaça aí”

“Incrível bichos da mesma espécie não estão querendo viver com seus semelhantes! Que viva as ratazanas e morram as presidiárias!”

“Presídios tem que ser daí para pior, sendo assim; super lotados, comida estragada, tudo quater pragas para todo lado, banho gelado as 6 da manhã, violência e rebeliões entre eles... ja é desse jeito e todos que saem aprontam para voltar, imagina se as cadeias forem um paraíso”.

A partir destes comentários, é possível retomarmos a questão de gênero, visto que, como apresentado por Horkheimer e Adorno (1985a), a mulher compara-

¹¹ Os comentários foram copiados na íntegra da reportagem “Detentas dizem que estão sendo atacadas por ratazanas em presídio feminino de Rondônia”. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/apenadas-dizem-que-estao-sendo-atacadas-por-ratazanas-em-presidio-feminino-de-rondonia.ghml>. Acesso em: 17 jul. 2018.

se ao natural, aos aspectos considerados mais animais da espécie humana, em oposição ao poder e ao controle - aspectos valorados como racionais, cognitivos, “humanizantes” -, entendidos, naturalizados como eminentemente masculinos é neste sentido, assim como visto nos comentários que podemos tomar como representativos de certos aspectos do imaginário social, a comparação da mulher considerada criminosa com o mais marginal dos seres é tão introjetado que é reproduzido tanto pelas mulheres privadas de liberdade como por professores e professoras entrevistados, desta forma, a mulher que o comete é vista como anormal (RUSCHE; KIRCHHEIMER, 2004; DAVIS, 2018a).

O último comentário extraído da reportagem exposto acima, chama especialmente a atenção, uma vez que a pessoa exprime muito ódio em sua fala, reproduzindo a perspectiva de que “bandido bom é bandido morto”, fato que expressa o extremo da alienação e da barbárie. O autor do comentário está golpeando para os lados sem refletir que, como apresentado por Adorno (1995c), ao aniquilar o outro, mata também o que resta de sua humanidade.

Neste ponto, creio ser relevante lançarmos mão da discussão a respeito do preconceito. Horkheimer e Adorno (1973d) assinalam formas variadas de manifestação do preconceito não-totalitário e totalitário, formas segundo as quais os indivíduos possuem ego enfraquecido e apresentam tendências distintas, uns de subordinação e outros de dominação. Para os autores, os indivíduos “não-totalitários”, e que possuem tendências que os fazem desenvolver atitudes de preconceito, seriam aqueles considerados “ouvintes”, que estão sujeitos à influência dos autoritários, podendo identificar-se

com o grande homem comum e vê-lo como um ente superior; este proporciona satisfação à necessidade de proximidade e calor e, ao mesmo tempo, à necessidade do ouvinte de ver-se confirmado naquilo que já é; e, por último, à necessidade de uma figura ideal a que se possa subordinar jubilosamente. (HORKHEIMER; ADORNO, 1973d, p.175).

Quanto ao segundo tipo de preconceituoso, descrevem que pode ser notado como o “orador”, que apresenta “uma estrutura relativamente rígida e constante, apesar da variedade das ideologias políticas” (HORKHEIMER; ADORNO, 1973d, p.178). De qualquer modo, o tipo totalitário não reflete a respeito de suas convicções e atitudes, projetando todo seu desprezo por si mesmo no alvo do preconceito

representado como um ser inferior e perigoso. Assim nascem as “conspirações” e outras coisas misteriosas e obscuras que circulam pelo mundo; e o caráter “decadente” das vítimas escolhidas intervém sempre como argumento dos carrascos totalitários de qualquer espécie, para justificar a eliminação daquelas (HORKHEIMER; ADORNO, 1973d, p.178).

A partir dessas considerações é possível expressar, em outras palavras, que “o preconceito, ao mesmo tempo em que diz mais do preconceituoso do que do alvo do preconceito, não é totalmente independente desse último, ou melhor, das representações que são atribuídas ao alvo” (CROCHIK, 2006, p. 14).

Assim, tanto os judeus quanto os criminosos – ou qualquer grupo que não está totalmente integrado ao padrão estabelecido – foram e são exemplos de alvos considerados fracos, decadentes, perigosos ou inferiores, fato que observamos nos comentários da matéria supracitada e também nas falas das alunas.

“Olha eu tenho que te fala de verdade, pra mim tá sendo prazeroso, toda... da época que eu tô estudando, de Ribeirão Preto, entendeu? Veio acontecer um fato depois que veio a sai a nossa companheira e veio a entrar professoras da rua, aonde, assim, existia uma certa discriminação com a gente, mas a gente veio a mostrar diferença. (E: Uma discriminação em que sentido?) Discriminação tipo de olhar assim, parece que é bicho entendeu? Ou vai fazer alguma coisa comigo, ou vai mandar fazer alguma coisa comigo lá fora” (Bruna – 32 anos).

“Na cadeia, a maioria dos policia, das agente... – as funcionárias, né, porque elas não são polícia - tratam a gente como lixo, entendeu? Faz pouco caso da gente. Só porque a gente veste uma roupa escrota acham que a gente não tem família, acham que a gente é abandonada. Olham pra gente com indiferença. Não todas! Não generalizando. Não todas. Tem umas que são muito humanas. Mas a maioria. Então te tratam de qualquer jeito. E as professoras já não, tratavam a gente como seres humanos, entendeu? Como algo precioso. Falavam Vocês são nosso futuro, Vocês podem sair daqui, vocês podem fazer uma faculdade, podem faz um curso... Então as professoras viam a gente com outros olhos. Coisas que as policial não vê. Então eu gostava de ir pra escola por causa disso. Porque eu odeio polícia, viu? Nossa, essa raça. Misericórdia, viu!” (Tábata – 29 anos).

Na fala de Bruna, conseguimos depreender a explicitação do que ela chama de “discriminação tipo de olhar assim, parece que é bicho, entendeu?”, vemos aí os reflexos de uma construção histórico-social dos “criminosos” e os efeitos de sentidos por ela condicionados que revelam o preconceito de professores e professoras acerca da inserção das escolas na prisão. Este preconceito, apontado por Bruna, reproduz fielmente o explicitado nos comentários da reportagem supracitada, o que

demonstra a intensidade dos papéis sociais atribuídos às pessoas privadas de liberdade.

Na fala de Tábata, vemos presente o preconceito vivenciado quando explicita: “tratam a gente como lixo, entendeu? Faz pouco caso da gente” e na sequência traz a questão do uniforme, que como discutido por Goffman (2010), é um dos artifícios de desaculturação e mortificação do eu ao adentrar uma instituição total, os rebaixamentos do eu, as exposições a situações degradantes e contaminadoras (físicas e psíquicas) são constantes. Há um despojamento de todo e qualquer papel, e as mulheres “criminosas” passam a ser reduzidas a seus números de matrícula, artigos pelos quais respondem, etc. Assim como também apontado por Onofre (2016).

Ainda sobre os uniformes, podemos invocar o que Costa (2004) descreve como o “Episódio do Uniforme”. Neste relato o autor conta que, ao vestir-se de gari e transitar pelo Instituto de Psicologia da USP, vivenciou a sensação de anonimato devido seu vestuário; ele relata: “Eu era um uniforme que perambulava: era invisível” (COSTA, 2004, posição, 673). Acerca desta ocasião, o autor contou sua angústia e desconforto em ser reduzido a um uniforme, carregado de todos os significados histórico-sociais nele investidos, que podemos considerar que, no caso dos indivíduos privados de sua liberdade, se potencializam, como explicitado por Tábata: “Faz pouco caso da gente. Só porque a gente veste uma roupa escrota acham que a gente não tem família, acham que a gente é abandonada. Olham pra gente com indiferença”. Vemos aí o apagamento do sujeito, num processo que o empurra compulsoriamente para a mortificação do eu, para a Humilhação Social, para a Invisibilidade Pública, entendida como “espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens” (COSTA, 2004, posição, 649).

Essa invisibilidade está presente em vários dos relatos apresentados anteriormente, e os rebaixamentos constates levam as mulheres presas a um desaparecimento que muitas vezes beira a desumanidade, são comparáveis e, às vezes mesmo, consideradas menos que ratazanas. Além disso, vemos que este fenômeno se potencializa de tal forma, quando tratamos de mulheres e homens privados de liberdade, que frequentemente até mesmo as grandes muralhas da arquitetura prisional desfalecem no cenário urbano: exemplo disso é o complexo do

Carandiru, que, embora demolido, em grande parte ainda mantém, naquele terreno, unidades prisionais, “invisíveis” cercadas pela “felicidade” dos “cidadãos de bem” que frequentam o agora Parque da Juventude, admirando o “sino da paz” e caminhando nas ruínas de muralhas prisionais sem se quer terem consciência de que pessoas estão sofrendo privadas de sua liberdade ali, no mesmo terreno, sujeitas aos rebaixamentos, contaminações, assistências médicas e educacionais precárias, etc.

É possível relacionarmos essa invisibilidade ao fenômeno da racionalidade tecnológica, uma vez que nesse processo desumaniza-se o outro e, ao desumanizar o outro, mata-se sua própria humanidade como apresentado por Adorno (1995c).

No caso das pessoas privadas de liberdade, passa-se a crer que, por encarcerar alguns, a sociedade estará mais segura, mas não se percebe que tal segurança é ilusória, pois, se a sociedade na qual vivemos enfatiza tão veementemente a mecanização das relações e a coisificação do humano, dificilmente pode-se falar em segurança, uma vez que esta somente seria possível se tivéssemos indivíduos com reflexão crítica e emancipados passíveis de vincularem-se genuinamente uns aos outros sem suas fragilidades na capacidade de amar. Do contrário, como vemos, as possibilidades bárbaras se sobressaem.

Um outro fenômeno percebido ao longo das vivências e dos diálogos com as mulheres presas é a Humilhação Social, discutida por José Moura Gonçalves Filho (1998).

Observamos que há uma série de fatores que marginalizam, proporcionalmente, mais as mulheres em situação de privação de liberdade do que os homens, como por exemplo, o processo histórico de submissão e invisibilidade de gênero, e, no “mundo do crime”, vemos a reprodução deste mesmo fenômeno que se intensifica quando a mulher é presa.

Ao ser encarcerada, muitas vezes pela tentativa de manter a subsistência familiar, a mulher é abandonada, recebe poucas visitas, torna-se “indigna” perante a sociedade de considerar-se mulher, mãe, esposa, etc. O rótulo que lhe resta é o de “mulher bandida”.

Conforme há uma compreensão da Humilhação Social, torna-se possível perceber como esse fenômeno é multifacetado, envolvendo uma série de variáveis,

muitas das quais difíceis de serem identificadas e narradas. Os que não sentem diretamente a humilhação social, por vezes, não compreendem as mensagens (im)postas pela sociedade, tendo assim que se esforçarem em desenvolver empatia pelo outro para entender seu “despencar”. Como vemos quando Tábata afirma: “E eu entendo. Porém não compreendo” ao relatar que crê que precisariam de mais professores “da rua” na instituição, e que esses não vêm por medo, pois elas são vistas como bichos.

Podemos afirmar que esse fenômeno ocorre também quando Luciana diz: “mesmo que você não esteja fazendo nada errado, você vai tá fazendo. Você tá ali, você já tá errada [...] a gente já tem tipo uma placa: ex-presidiária, ainda você tá num lugar daquele, por mais que você fala, eu não estava fazendo, ninguém vai acreditar”.

Frente a isso, o que vemos por parte dos humilhados é a internalização do rebaixamento político, no qual estes são excluídos do processo de reconhecimento intersubjetivo, o que age de maneira destrutiva no psiquismo destas pessoas, muitas vezes impossibilitando-as de nomear aquilo que sentem, que vivem. Vemos então que “as formas deste desencadeamento podem variar: são lágrimas, o emudecimento, o endurecimento, o protesto confuso, a ação violenta e até o crime” (GONÇALVES FILHO, 1988, p.44).

Assim que ocorre a mudança no processo de ensino para “professor da rua”, uma encruzilhada se instaura, “cidadãos de bem” trabalharão diretamente com “criminosas”, o que repercute, por exemplo, neste “olhar” diferente que as mulheres percebem e tentam nomear.

Considerando a perspectiva vinculada ao fenômeno da humilhação social, além das desigualdades objetivas impostas aos sujeitos humilhados, compreendemos que há também mensagens enigmáticas que possibilitam sentimentos inenarráveis, pois a vivência da angústia se sobressai de tal forma que há uma paralisia e/ou esvaziamento da palavra, como foi possível depreender diversas vezes nas conversas com as mulheres em situação de privação de liberdade que, no momento da entrevista com a pesquisadora, muitas vezes relatavam “não ter e/ou não saber o que dizer”, fato que cremos demonstrar o esvaziamento da palavra proletária

(GONÇALVES FILHO, 1988). Neste trabalho poderíamos dizer: esvaziamento da palavra da mulher encarcerada, uma vez que em diversos momentos era notório o esforço em “responderem corretamente” e/ou “responderem aquilo que creem ser o que a pesquisadora espera”, como, por exemplo, o fato de algumas das entrevistadas relatarem situações futuras de estudo e trabalho que beiram o irreal diante de suas realidades, como podemos ver nas falas de Luciana.

“Eu num quero parar de estudar eu vô continua estudando. Tô pra ir embora de novo. Quero termina meus estudos, tô fazendo curso profissionalizante e eu quero exerce essa profissão na rua, então eu tô me dedicando muito a isso [...] Tô aprendendo a falar até inglês, entendeu? Quero trabalhar num navio... ai quero... quero uma outra realidade. [...] Eu acredito assim que pra mim pode arruma um lugar melhor. Inigual... é inigual... eu já trabalhei como manicure, cabelereira na rua, foi uns salões mais humildes. Eu acredito que eu estudando e eu tendo um certificado eu já posso trabalhar num salão melhor do que no centro, tipo no Morumbi, né? Num lugar melhor por eu tê um estudo, eu posso conseguir... Inigual é... a gente sendo bilíngue, eu sabendo fala o inglês eu já vô pode trabalha num navio, já vem um salário melhor, eu vô te uma formação escolar. Que eu acredito que isso vai ajudar muito, nos lugar de trabalho que eu gostaria de trabalhar, entendeu? (E: Uhum) Porque cada lugar é um valor, né? E a gente sempre procura o melhor lugar. (E: Aham) Eu acredito que vai me ajudar muito sim, por causa da região de trabalho” (Luciana – 29 anos).

Que mensagens enigmáticas de rebaixamento, não ditas verbalmente, estão postas aí? Nesta situação, assim como em diversas outras, as mulheres são invadidas por um sentimento por vezes inenarrável: a angústia. Este sentimento é enigmático porque apresenta uma enorme complexidade, pairando no dito e no não dito, naquilo que está subentendido. As mensagens são enigmáticas porque tanto aquele que oprime quanto o oprimido não conseguem explicar ao certo de onde surgem e como surgem. O que a emite, poucas vezes sabe dizer o porquê diz, não consegue explicar aquilo que lhe autoriza a tais atos.

O que percebemos nas afirmações de Luciana é uma tentativa de atingir uma resposta que ela entende ser a esperada, no entanto, presentificam-se em sua entonação e fala gaguejante as incertezas, as angústias e os enigmas. Há um esforço, uma tentativa visível de me impressionar, por entender que pertença a uma outra classe social que deveria ser impressionada. Há também uma expectativa de rompimento com todo o processo opressivo vivido até então, e essa expectativa aparece calcada na escolarização, como algo que pode “salvá-la”, claro que a escolarização é importante e essencial, mas será que a ofertada nas prisões será

suficiente para romper as barreiras sociais historicamente construídas ao redor do “mundo do crime” e possibilitar uma vida considerada melhor?

Assim, podemos entender que o enigma perpassa a todos e é dificilmente decifrável, para o humilhado, só lhe resta “aceitar” tais mensagens, “despencando”, submetendo-se, mesmo que isso lhe angustie, lhe repreenda, lhe esvazie de sentido... Tudo o que consegue “apreender/sentir” é a mensagem posta de que “não é merecedor”, “de que estar no Theatro Municipal” (GONÇALVES FILHO, 1988) – no caso desta pesquisa na escola - é um favor e não um direito.

Isto também está presente na fala de Patrícia:

“Bom, eu sempre fui educada, porque depois de tanta rebelião que eu fiz, depois de ter aprontado pra caramba já, hoje em dia contra a força não há resistência, mas, assim, eu acho que a gente é vista com um pouco mais de respeito também quando a gente vem pra escola pelas guardas” (Patrícia – 39 anos).

Em sua fala é possível notarmos por um lado, uma tentativa de romper, pela escola, com sua invisibilidade e com a humilhação social, e, por outro lado, vemos que, como Goffman (2010) discute, o processo de mortificação se completa quando passa para a automortificação, o que se observa quando Patrícia em tom de desabafo e revolta diz que “contra a força não há resistência”.

Tal sentimento de “não merecedor” é também perceptível quando as mulheres presas dizem ter a “oportunidade”, o “privilégio” de estudarem na prisão e de valorizar os professores “da rua”, pois não teriam “obrigação” de lecionar nas unidades prisionais, afirmam isso como se não fossem dignas e/ou não tivessem o direito de estudar pelo fato de serem mulheres, pobres e presas. Consequentemente, ao irem à escola na prisão, sentem-se vistas, valorizadas, humanizadas como se mostra exemplificado em algumas falas. Paula, por exemplo, apresenta fortemente a questão da “oportunidade”.

“Eu acho que num tem nenhuma diferença, a diferença só é que eu to presa, mais é professora normal, professora da rua, que agora nessa oportunidade de te uma professora né, que antes era, era as companheira que dava aula pra nós e agora tá tudo mudado com a presença da professora” (Paula – 29 anos).

Já, Célia traz a reivindicação de aumento de salário para os professores, uma vez que ela entende que a escolha por dar aulas na prisão foi espontânea e despretensiosa.

Aumenta os salário dos professó que é uma vergonha né, que eles vem aqui cum tanto carinho né, isso puderia muda, mais isso o governo num vê né, isso o govero num vê, porquê pra eles vim ensina aqui na, na cadeia, que é um lugar onde a maioria do povo não qué vim né, purquê já tem o preconceito de.. de nós presa, eu acho que devia sim aumenta o salário deles, aumenta o, os salários de salubridade né, purquê eles faiz isso cum a gente, vem aqui na, na escola na cadeia purquê eles tem amor por nós, sabe e purquê eles gosta do que eles faiz, purquê se eles num gostasse, num dava aula nem aqui dentro e nem lá na rua né, purquê na rua os aluno só falta mata os professó, no, na sala de aula né, nu.. to..to cansada de vê na televisão os aluno agredino os professó e o salário é uma vergonha, num é?” (Célia – 59 anos).

Em contrapartida, temos o olhar pejorativo e discriminatório sobre as mulheres presas afirmado de forma mais ampla quando as professoras e professores relatam o que outras pessoas pensam sobre seu ofício.

“Primeiro de tudo, ‘você é louca?!’, né? Sempre assim. (E: Aham). Aí depois faz ‘ai, é bom?’. Aí você explica e faz ‘nossa, que legal!’. Mas a... O impacto é sempre assim: ‘você é louca’, porque até pra mim, porque eu nunca tinha entrado numa delegacia, nunca tinha entrado numa prisão, aí, de repente, venho dar aula no sistema prisional e vejo que os tabus que a sociedade coloca em relação a..., de como são essas pessoas é totalmente diferente do que de fato é. (E: Uhum). Porque a sociedade coloca como se fossem monstros, porque cometeu um crime aquela pessoas não tem mais coração, não consegue sentir sentimento de bom, bom por ninguém, que só vai fazer o mal, que ninguém pode encostar. Sabe o modelo a não ser seguido? Pronto, é esse” (Luana – Professora).

““Como elas são?’. ‘Nossa, você dá aula na prisão! Como elas são?’. ‘Elas são melhores que os meninos?’. Eles perguntam, né? Aí eu explico. Elas são melhores, sabia? [...] Eles ficam espantadas, aí começa a pergunta: ‘Você é revistado?’ e ‘nananã, nananã, nananã’. [...] Só lá na vinculadora¹² lá, na escola que os professores de lá são meio assim, sabe? Na verdade, até os professores, quando você fala que dá aula na penitenciária ficam meio assim. Uns tem curiosidade: ‘Ah, eu queria, saber?’, outros falam ‘não, eu não, deus que me livre!’, com repudio, sabe? E fala que as meninas... Até... Entra por aqui e sai por aqui [referindo-se a expressão ‘entra por um ouvido e sair por outro’]” (Wagner – Professor).

Das falas acima, podemos depreender o misto de curiosidade e preconceito que a temática crime e prisão gera. Ao mesmo tempo em que há a curiosidade dos conhecidos e colegas de trabalho há também o repúdio: “não, eu não, deus que me livre!”

¹² Ao usar a palavra vinculadora refere-se às escolas vinculadoras que são àquelas que enviam professores às unidades prisionais. Toda documentação escolar ofertada à pessoa privada de liberdade terá o nome dessa escola, sem a referência de que o estudo ocorreu em uma prisão.

Além disso, começamos a perceber nessas falas a potencialidade dos encontros que chamarei aqui de marginais. O professor Wagner faz questão de apontar que “elas são melhores”. Possivelmente nesta fala há uma tentativa de valorizar sua posição e trabalho, uma vez que, como vimos, os professores que vão para as escolas prisionais são, via de regra, os mais marginalizados. Neste sentido, parece necessário explicar seu local de trabalho aos demais colegas como um espaço incrível e melhor do que o extramuros.

Por outro lado, na fala de Luana, é possível perceber que via processo escolar parece ser possível o encontro humano. O que foi exemplificado por ela ao dizer que os tabus impostos pela sociedade a respeito de quem está na prisão foram abaixo ao entrar em contato com as pessoas que vivem nestes espaços.

A professora Rosângela também traz questões ligadas ao preconceito:

“Tinha essa vaga pra trabalhar dentro do projeto prisional. É, confesso que eu fiquei bem... – como posso falar pra você? – eu fiquei bem insegura por ser dentro de um presídio pra trabalhar com presas. Eu fiquei com um pouco de medo. [...] Nesse tempo que eu trabalho dentro das unidades prisionais, eu acho assim, que foi... Não me arrependo. Muitas pessoas falam ‘Ai, mas você não tem medo?’. Pra todas as professores que trabalham lá, ‘Aonde você trabalha? Aonde você dá aula?’ e eu falo ‘Dentro do presídio’ e as pessoas me ques..., todas, me questionam. Falam ‘Nossa, mas você não tem medo?’ ‘Qual que é a experiência?’. Eu não me arrependo de ter entrado. Eu gosto muito, né? Porque, queira ou não, você..., aqui dentro, eles tem um novo olhar. Lá fora muitos professores amigos meus têm mais dificuldade em dar aula, né, do que aqui dentro. Porque aqui dentro tem a disciplina, né? Algumas coisinhas que aconteceu aí, mas num..., num... Tem como relevar. Porque tem uma disciplina, tem um respeito e eles..., eles valorizam demais a educação” (Rosângela – Professora).

“Olha, eu acho que assim, única reclamação que eu tenho a fazer: Deveria ter mais professores. É porque é difícil, né? Os professores... Eu entendo também... Querer vim numa unidade prisional... Porque é medo. Querendo ou não a gente é visto como um bicho. Isso aí a sociedade, infelizmente é assim. E eu entendo. Porém não compreendo” (Tábata, 29 anos).

Essas falas apresentadas mostram aspectos importantes em torno dos tabus ligados às prisões e às pessoas que lá estão, no entanto vemos que em certa medida este contato “professores da rua”/“criminosas” pode gerar experiências, como apresentado nas falas de Luana, Wagner e Rosângela, extremamente importantes para o combate ao preconceito, uma vez que, para Horkheimer e

Adorno (1973d), os preconceituosos perderam a capacidade de realizar e viver experiências e, para que isso ocorra,

não bastaria instruí-los, alimentar e estimular as suas convicções mais válidas; seria necessário em primeiro lugar, formar ou reconstruir nesses indivíduos, mediante processos demorados e fatigantes, a capacidade de estabelecer relações espontâneas e vitais com os homens e as coisas (HORKHEIMER; ADORNO, 1973d, p. 180).

Dessa forma, seria somente por meio do relacionamento genuíno com o outro e o reconhecimento deste como seu semelhante que haveria possibilidade de redução ou extinção do preconceito.

Ao longo dos diálogos com as professoras e professores, observamos que, dentro do possível, considerando as peculiaridades das unidades prisionais, este relacionamento de fato ocorre. Como pudemos ver, as professoras e professores sentem-se, ao longo dos anos, valorizadas(os) e reconhecidas(os) e acabam humanizando os espaços destituídos de humanidade. Como diz a professora Rosângela, com essa relação, ela adquire “um novo olhar” muito valorizado pelas alunas. Este olhar é apontado com preocupação pela Tábata ao comentar sobre o medo, também trazido pela professora Rosângela, em adentrar ao meio penal, uma vez que a ideia de que são “monstros/bichos” se sobrepõe a sua humanidade.

Um ponto interessante trazido tanto por Rosângela como por Wagner é o fato de apontarem o quanto as aulas nas prisões são, muitas vezes, melhores do que as fora da prisão. A professora Rosângela referencia a questão da disciplina, que como veremos, aparecerá em relevo em muitas falas, e é um ponto presente nas diversas instituições existentes na sociedade, mas que tende a intensificar-se nas prisões.

Conforme apontado por Foucault (2013), a disciplina neste espaço teria por finalidade contribuir para a docilidade e utilidade para adequar aqueles que desviaram do (im)posto pela sociedade como certo ou errado. Por outro lado, a disciplina é exercida também na escola, via hierarquias, sanções e constantes avaliações.

Neste sentido, quando vemos as afirmações de que nas prisões, a escola e as alunas são melhores, podemos inferir que o processo de disciplinarização se potencializa, visto que a escola neste espaço, mesmo que simbolicamente, “tire as

mulheres presas da prisão” como muitas afirmam, passa a ser um apêndice do sistema penal.

Da perspectiva dos professores e professoras, é possível notar que em seus discursos aproximam as alunas da perspectiva do aluno ideal, como veremos na fala do professor Wagner mais adiante.

Retomando a questão do preconceito, Crochík salienta que:

o que leva o indivíduo a desenvolver preconceitos ou não é a possibilidade de ter experiências e refletir sobre si mesmo e sobre os outros nas relações sociais, facilitadas ou dificultadas pelas diversas instâncias sociais, presentes no processo de socialização (CROCHÍK, 2006, p. 19).

Assim, podemos afirmar que os preconceitos não são inatos, mas sim construídos e propagados ao longo da história. Uma das possibilidades de combate e superação do preconceito, que parece ocorrer com as professoras e professores que adentram às escolas prisionais, é a denominada “hipótese de contato”, que facilita a aproximação do preconceituoso com o objeto, real ou potencial, de seu preconceito, fato que permite “verificar as semelhanças existentes quanto aos valores, ideias, emoções, permitindo reelaborar a percepção inicial de diferenças. Essa hipótese implica que o preconceito é um julgamento estabelecido na ausência da experiência” (CROCHIK, 2001, p.83).

A hipótese de contato pode ser depreendida, por exemplo, na fala da Luana quando afirma: “de repente, venho dar aula no sistema prisional e vejo que os tabus que a sociedade coloca em relação a..., de como são essas pessoas é totalmente diferente do que de fato é”. Podemos ver este processo ocorrendo também na fala da Rosângela, que mesmo afirmando sua “insegurança” e “medo” ao adentrar no sistema, parece romper com suas percepções iniciais, aproximando-as de espaços mais humanizados e identificados.

“eu sempre trato o aluno não como um preso. Eu enxergo o meu aluno como um aluno ali que quer aprender. Eu procuro não saber qual foi o crime que ele cometeu aqui fora, mesmo pra mim não ter um julgamento. (E: Uhum.) Né? De querer julgar, olhar ele, como assim Nossa, ele matou!, Ele roubou!, Ele estrupou!, eu não tenho esse... Eu procuro não saber o que ele cometeu porque eu acho que isso, queira ou não, atrapalha sua relação com o aluno. (E: Uhum.) Então eu sempre procurei ter mesmo uma postura de tá ali pra ensinar, né, num ambiente de respeito entre eu e eles e eles a mim. Tanto que eu trabalhei com homens, mulheres. Nunca teve um caso

que eu falei “Nossa...”, nunca. Sempre me respeitaram, sempre respeitei eles” (Rosângela – Professora).

Diante destas falas, podemos inferir que a superação do preconceito, se não ocorreu, está ocorrendo. Uma vez que experiências e vinculações parecem respeitar e seguir as variáveis necessárias para que a hipótese de contato tenha melhores chances de ocorrer satisfatoriamente. São elas

frequência, diversidade, duração, o estatuto dos membros de grupos em relação, se essa é competitiva ou cooperativa, se é de dominação ou de igualdade, se é voluntária, se é real ou artificial, o tipo de personalidade dos indivíduos e as áreas do contato (CROCHIK, 2001, p.83-84).

Embora seja possível fazer a inferência acima, há um ponto que chama a atenção na fala da Rosângela, em todo seu discurso citado utiliza-se de artigos, pronomes e substantivos masculinos “alunos”, “preso”, “ele”, etc. Este fato, pode ser um dos indícios de invisibilidade feminina como citado por autoras como Souza (2009), Davis (2016; 2018a; 2018b) e outras já debatidas, seja no crime seja no cotidiano.

É plausível que a professora nem tenha notado seu discurso marcado pelo masculino ao se referir a um público do interior de uma unidade feminina e em uma entrevista ligada a esta temática. Essa não percepção demonstra a força e hegemonia do machismo e do patriarcado sobre a sociedade.

Uma questão bastante explicitada pelas professoras e professores é uma tentativa de experiência genuína cultivada ao longo do contato com as alunas, mesmo que as relações sejam verticalizadas e perpassadas pela dominação e opressão do sistema prisional, é perceptível que há afeto nas relações, ou ao menos uma tentativa. Além disso, quando entendemos que tais profissionais também estão à margem da educação pública, é compreensível que neste encontro humanize-se e humanize o outro como visto nas falas a seguir.

“As meninas são ótimas, viu? Elas são ótimas, ótimas, ótimas. Elas têm um interesse fora do comum [...] Muito interesse. Fazem, vêm com uma energia boa. Elas vêm com uma energia ótima! Pergunta se a gente tá bem. Muito boas [...]. Ai, eu amo elas, né? Eu gosto bastante delas. [...] Porque eu não fico num lugar que eu não me sinto bem, se eu não gostasse eu não estaria mais aqui, não [...]. Disciplina, respeito, valorização... (E: Aqui dentro você acha que tem mais?) Bem mais. São extremos, né? Elas não são obrigadas a estudar aqui, né? Elas estudam porque querem mesmo, né?” (Wagner – Professor).

“Mas lá na rua, na escola, eu tive muito mais dificuldade com os alunos, porque, primeiro, que eles são dispersos, não conseguem se concentrar. O número da turma é enorme, aqui o número é reduzido, né? Porque só fica as de fato que querem, porque a escola pra elas é chata, né? Então não é qualquer uma que consegue ficar na escola” (Luana – Professora).

Nestas falas de Wagner e Luana, nota-se claramente a perspectiva da “aluna ideal” (comportada, estudiosa, silenciosa, atenta e interessada). Além disso, Wagner, quando teceu estes comentários, demonstrou animação extrema em sua fala de tal forma que toda vez que leio este trecho a memória do momento da entrevista vem fortemente a minha memória.

Por um lado, sua excitação pode significar uma vinculação amorosa de fato, tal como idealizada por Adorno, para possibilitar a formação e emancipação dos indivíduos. Todavia sua reação pode relacionar-se com sua percepção, mesmo que incosciente, das margens em que se encontram, professores e alunas presas, e por meio desta percepção, hipervalorizar as relações numa busca por significado e visibilidade pessoal e profissional.

Essa idealização da relação professor(a)/aluna apareceu também nas falas das alunas, como já apresentado em recortes anteriores e exemplificado a seguir por Luciana e Manuela e de outras professoras, como veremos.

“Ah eu estudo, porque a gente faz muito trabalho também em casa né, modo de dizer [risos] e a gente faz, a gente... é da hora é... motiva a gente, os professor também motiva a gente de verdade, porque a gente num escuta gíria, a gente é tratada... a gente num se vê como presa que a gente é tratada de uma forma de igual, então a gente se sente à vontade de vim numa sala, dá um bom dia pro professor e sentar e aprender, entendeu? É muito gratificante, de verdade” (Luciana – 29 anos).

O mais marcante foi agora nessa escola aqui, que eu encontrei professores muito bem preparados, eu não esperava tanto. [...] Aqui! Nessa escola aqui. [...]. São professores de alto nível. Não sei nem porque que eles tão aqui, acho que é por dedicação, né, à profissão. Que poderia estar em uma escola particular né. Ganhar mais né. Porque a profissão não é bem remunerada, não é valorizada né. Professor não... não é valorizado né, deveria ser mais valorizada. Pela dedicação, pela gente, né, entrar aqui nesse sistema, deveria ser.” (Manuela – 53 anos).

Na fala de Luciana, observa-se que um dos aspectos de idealização do espaço escolar na prisão passa pelo fato de este local, ainda que temporariamente, romper com a provação de liberdade e suas características desumanas, tais como o

trato com a linguagem na interlocução presencial, direta, oral entre os sujeitos: “a gente não escuta gíria”.

Já Manuela traz em seu discurso uma exacerbação na valorização positiva em relação aos professores, uma vez que, obviamente, é possível que haja professores muito bons e qualificados no interior das escolas prisionais, mas quais as possibilidades de professores precarizados, que assumem aulas que nem sempre se vinculam a sua área de formação e que “escolheram” aulas na prisão por falta de escolha serem, como Manuela afirma, de “alto nível”?

Tanto na fala dos professores como na das alunas, nota-se a importância da vinculação afetiva, mesmo que em certo nível seja idealizada, notamos que há um esforço de ambos os lados em se relacionar.

Quanto à esta perspectiva idealizada, foi comum na fala de professoras e professores, a afirmação de que ministrar aulas dentro das unidades prisionais é bem melhor que fora delas, uma vez que estas alunas parecem se aproximarem mais daquilo que se entende como aluno-ideal.

De forma geral “há, por parte dos professores, a idealização de um aluno que não crie conflitos e seja comprometido com aquilo que a escola deseja ensinar [...]. Um aluno comprometido, crítico, autônomo e que busca conhecimento é o que idealiza a maioria dos professores” (NASCIMENTO et. al., 2016, p.42). E este aluno parece se concretizar nas escolas das prisões, como podemos ver em algumas falas anteriores, como do professor Wagner, e também nas falas que seguem:

“Eu me formei na Paraíba [...]. Aí eu cheguei aqui e vi que a escola de São Paulo é totalmente diferente. Mas mesmo assim, é mais diferença ainda entre a escola regular e o sistema prisional, porque aqui no sistema prisional você encontra o seu respeito, enquanto que na escola deixa a desejar [...] Aqui você vê um compromisso da parte das reeducandas. E eu encontrei, eu vi, eu vejo muita diferença! Esse ano eu dei umas aulas na Escola Vinculadora e como são alunos do Ensino Fundamental - que é a escola vinculadora - ,alunos do Fundamental eles até respeitam mais, eles fazem tudo o que você pede direitinho, mas o Ensino Médio, de fato eu vi muita diferença. Embora também fosse, fosse outra escola, né? Que cada escola tem um perfil diferente.” (Luana – Professora).

A fala de Luana é bastante interessante, ela faz toda uma contextualização a respeito do local de sua formação e a comparação e expectativa em relação a São Paulo. Na sequência compara a escola regular e o sistema prisional, vale salientar

aqui que não menciona a escola no sistema prisional, o que aponta para as dificuldades em se pensar espaços educativos em um local historicamente voltado a punição e ao isolamento.

A professora, assim como outros professores e alunas, segue exaltando o respeito que ocorre no interior das unidades prisionais nas relações em sala de aula, aqui vale questionar: esse respeito é de fato respeito ou é condicionado pela presença de uma punição mais severa, ou mais característica dos espaços prisionais?

Afinal, a escola na prisão é tratada como privilégio, seja pelas alunas - como explicitam em algumas de suas falas - seja pelo próprio sistema, visto que quaisquer atitudes que desagradem o sistema são passíveis de punição, como citado por Luciana no início da discussão e por Bruna mais adiante.

Além disso, presenciei a sobreposição da punição com a aluna Patrícia, que por solicitar a utilização de um dos materiais escolares disponível, foi punida com isolamento e perda da vaga na escola, esta situação talvez responda ao questionamento e tencione a afirmação da professora Luana, uma vez que independente de ser uma escola vinculada à FUNAP ou à Secretaria Estadual de Educação, o poder exercido sobre ela segue sempre o determinado pela Secretaria de Administração Penitenciária, respeitando apenas sua disciplina e ordem.

Vemos que, além dos professores e professoras, as próprias alunas também reproduzem o discurso idealizado, colocando-se no papel de alunas ideais.

“Tem, tem muito mais respeito, porque hoje eu vejo na televisão, aluno agredindo professores, entendeu? E na minha época a gente tinha que ter aquele respeito mútuo, né? Tipo assim, seria a nossa segunda casa a... na minha época de criança, nossa casa, de respeito, entendeu? É a educação que a mãe nos deu. Então, naquela época da escola era assim, hoje não, hoje eu vejo várias coisas acontecendo, tráfico de drogas, alunos com droga, dentro da sala de aula, é... meninas fazendo turminha, entendeu? Muito mais agressivas do que acontecia, agredindo professor e aqui mesmo eu falei... é... perguntei pro professor qual que é a diferença entre aqui, o que que as pessoas te vê quando fala que você trabalha aqui? Ai... os professor, um professor falou pra mim... é melhor eu trabalhar, eu gosto de trabalhar aqui do que lá fora, porque aqui vocês respeitam, vocês têm disciplina, entendeu? O pessoal lá de fora vê aqui como um monstro, mas quando vem, entra e vê, num é nada disso. (E: Uhum) Entendeu? Realmente num é nada disso. [...] Até o respeito do professor com a gente e a gente com eles” (Bruna – 32 anos).

Essa perspectiva idealizada relatada tanto pelas alunas quanto pelas professoras e pelos professores nos apresenta a educação escolar como um espaço de relações cuja hipótese é de que seja um espaço no qual se prodiza a formação de vínculos, que ainda que idealizados, propiciam a seus protagonistas interligarem-se, favorecendo a capacidade de amar discutida por Adorno (1995c).

Além disso, vemos na fala de Bruna, mais uma vez a ênfase na questão da disciplina, considerando o discutido por Foucault (2013) e por Davis (2018a), notamos a centralidade desta questão que, assim como podemos vê-la como aquilo que organiza a sociedade podemos identificá-la também como um dos grandes problemas sociais, visto que a disciplina como se organiza, hegemonicamente, vincula-se apenas à punição e a sua naturalização, o que nos direciona a uma sociedade incapaz de se pensar libertadora e emancipada.

O que sobressai, dentro e fora do cárcere, é o controle constante, o vigiar e o punir que ultrapassam as instâncias legais e as instituições do Estado, como a polícia, por exemplo, constituindo subjetividade e a vida privada de todos e todas, o que contribui para nossa desumanização e para a coisificação do outro.

Voltando à hipótese de contato para a superação do preconceito, vimos ao longo da discussão conduzida até aqui, que, aparentemente, o contato das professoras e dos professores com a população prisional possibilitou um rompimento de alguns impasses do preconceito e do estereótipo das mulheres presas, mas será que o contato seria suficiente para a superação dos preconceitos da sociedade em geral? Se sim, por que não há incentivos para que isso ocorra?

Podemos compreender diante dessas colocações e das vivências dentro e fora das unidades prisionais que, embora a temática desperte curiosidade,

não há interesse geral em conhecer e conviver com essas pessoas “rotuladas” como criminosas, a escória da sociedade ou pessoas sem caráter. Essa preocupação não existe porque o criminoso lembra continuamente a necessidade da civilização impostas aos indivíduos: o controle de seus impulsos primitivos, a fim de não sofrer punições. Além disso, considerando os aspectos psíquicos, os criminosos e os encarcerados expressaram livremente seus instintos mais primitivos, os quais o “homem direito” e “moralmente intacto” não deve deixar vir à tona. Assim, é possível inferir que, embora algumas instituições busquem a socialização da população carcerária, possibilitando condições necessárias para o teste da hipótese de contato, a extinção do preconceito contra o preso é um desafio de grandes proporções, pois ainda predomina o repúdio

social e individual aos que se encontram privados de liberdade (RAMOS, 2013, p.44).

Vemos que, embora os professores e professoras relatem afeto pelas alunas, o que foi dito é que a priori sua motivação para ministrar aulas nas unidades prisionais não tinha relação com afeto, mas sim em decorrência de seu contrato precário de trabalho, assim, devido à “falta de opções”, “escolherem” a prisão como local de trabalho.

“No primeiro ano eu comecei a dar aula na escola regular, né? Quando virou o ano, como os contratados é difícil pegar aula no começo do ano, eu fiquei sem aula. Eu tinha só quatro aulas de física lá na escola e eu precisava de mais aula. (E: Aham). E como o outro professor de matemática daqui tinha entrado em duzentena, elas estavam sem o professor de matemática. Ficaram até março sem professor de matemática. Aí minha diretora perguntou se eu queria lecionar aqui pra dar matemática e física pra elas. Aí eu aceitei e comecei [...] Eu estava sem aula mesmo aí ela falou “tem não sei quantas aulas lá, você quer?”, eu falei ‘quero’. (Wagner – Professor).

“O motivo foi: eu precisava trabalhar. (RISOS). Eu precisava arcar com as minhas... [...] É, quando eu cheguei lá que eu vi que estavam os dois abertos eu “ah, eu vou, deve ser interessante. [...] Daí gostei. E também eu fui pra palestra, como eles falavam, de como era o ensino aqui e tal e eu fiquei curiosa. [...] O momento da inscrição foi porque eu precisava trabalhar” (Luana – Professora).

“quando cheguei aqui a primeira vez, eu cheguei aqui pra ganhar dinheiro, eu não vim aqui por causa de preso, eu vim aqui pra ganhar dinheiro, depois de um mês aqui eu vi que ao, o meu pensamento era um pensamento comum, eu vivia num senso comum do pensamento da sociedade, onde a sociedade, muitas vezes ela cria inversão de valores, e a gente não entende o que propriamente é uma presa, hoje eu vej.. eu entendo que elas são abandonadas muita, muitas vezes pela própria família, pelo marido, algumas que não têm visitas são largadas e as, as únicas pessoas que elas têm são as próprias companheiras reeducandas e as pessoas que vêm de fora, o professor, alguém que vai lecionar um curso, e elas se aproximam mesmo por causa dessa carência muito grande, e você acaba criando um vínculo com todas elas, eu tenho um vínculo muito bom é, não posso dizer que sou amigo, mas posso dizer que tenho um vínculo de... de união pra poder conseguir trabalhar meu curso e leva e ter certeza que lá na frente elas vão lembrar que elas tiveram um professor que além de ser professor, ele foi uma pessoa que esteve do lado delas pra apoiar elas no, pelo menos nas coisas mínimas da vida” (Lucas – Professor).

Nas falas de Wagner, Luana e Lucas ficam bastante evidentes os efeitos do contrato temporário da categoria “O”, foi consenso entre eles que a principal motivação foi a instabilidade na quantidade de horas que teriam de aula e, no caso de Lucas, a ênfase é grande no fato de ganhar dinheiro e a reprodução do

pensamento fundado no senso comum, reproduzindo estereótipos e preconceitos que, segundo ele, caíram por terra ao aprofundar o contato e vislumbrar as humanas por detrás do considerado crime.

Neste sentido as prisões têm grande oferta, pois como as outras categorias têm prioridades nas atribuições de aulas extramuros, que a categoria “O” não possui, todos os que estão nela acabam ficando à mercê de restos de aulas e com isso muitas vezes “escolhem” a ida para as unidades prisionais, uma vez que o que é ofertado são blocos de aula, ou seja há “garantia” de ter aulas, mesmo que não seja exatamente na sua área de formação, no caso de Wagner, na ocasião da entrevista, ele estava finalizando o curso de matemática e já lecionava na prisão há algum tempo, além de matemática, física e química.

Além da alta disponibilidade de aulas, ao assumirem as salas de aulas na prisão, também recebem uma hora/aula ligeiramente melhor, pois são acrescidos valores ligados à periculosidade.

Na fala de Luana, observamos que também aparece o critério curiosidade, é interessante verificarmos que este é um substantivo bastante emergente quando se trata de prisões, como discutido por Davis (2018a) e outras autoras e autores citados ao longo deste trabalho. As prisões, por seu fechamento arquitetônico e simbólico, mesclam o medo e a curiosidade de quem as observa de fora, acredita-se que este pode ser um dos disparadores para alguns professores, como no caso de Luana.

Diante do que vem sendo discutido, percebemos que, assim como Castro (2015) e Baratta (2017) apontaram, há marcações intensas nas instituições sociais, dentre elas as escolas, em relação ao controle social e à manutenção do status quo. Sendo assim, podemos dizer que não apenas existem escolas para ricos e para pobres, como afirma Castro (2015), mas existe também escola para presos e presas com todas os aspectos que estamos depreendendo das falas das(os) entrevistadas(os). Entretanto, com as dificuldades relacionais, estruturais, organizacionais e contraditórias, a escola na prisão ainda possibilita o enfrentamento do binômio punir/educar, como afirma Onofre (2016).

Considerando que as relações estabelecidas dentro das unidades prisionais, em decorrência das características destas e de sua função socialmente contruída,

são verticalizadas e de dominação, acredita-se que, por mais que haja a tentativa de horizontalidade por parte de alguns professores e agentes penitenciários, há um limite posto. Este limite nem sempre se oculta, como o ocorrido no caso de Luciana e Patrícia e aqui exemplificado por Bruna:

“E dessa situação que veio acontecer esse bullying é... eu me alterei, entendeu? Aonde eu que... eu falei pra ela, falei umas verdades pra ela, que até mesmo eu num aceito, entendeu? Ser chamada de burra. Eu tô ali pra estudar, ela tá ali pra dá aula, entendeu? Então veio a acontecer isso comigo e mais duas companheiras, aonde o que? Eu por ser conhecida, dentro do sistema penitenciário, que eu ia muito pra tomar inalação, dormia na enfermaria, então, por causa dos meus problemas de saúde, eu sempre fui conhecida, entendeu? E eu já tinha passado por lá em 2004. Aonde que a guarda veio e me tirou, ela e mais outras, e eu num pude estudar mais. Eu num pude estudar, num pude trabalhar, entendeu? Por causa de uma guarda, a professora depois, ela já num ia na escola mesmo, quando ela ia ela fazia isso, e depois ela abandonou, entendeu? Então tipo assim, a professora num quis mais dar aula, já com problemas que ela tinha já particular dela, aí acho que ela já tava no estouro dela nas outras unidades ou, ou... escola. que trabalhava, porque é totalmente diferente, entendeu? Porque escola na rua, eu vejo assim, num tá sendo mais como antes, escola na rua é agressão, agressão física, verbalmente, psicologicamente. Os alunos num respeitam um o outro, num respeita a matéria, muito menos o professor. Então dentro do sistema carcerário tem um respeito, uma disciplina, entendeu? A gente vê elas não como animais, ou que vem acontecer alguma situação e a gente quer fazer alguma coisa contra elas, não. A gente num vê, pelo menos eu falo da minha parte, eu não vejo. eu respeito, eu respeito pra que seja, pra eu ter o respeito de volta” (Bruna – 32 anos).

Nessa fala, Bruna retrata uma situação de atrito com uma professora, que a proíbe de estudar e trabalhar. Com isso, mais uma vez, a punição se sobrepõe a qualquer outra proposta. O sistema de privilégios, discutido por Goffman (2010), só funciona para as(os) internas(os) que seguem os “combinados” ditos e não ditos, para àqueles que o descumprem, nada resta além de mais punição.

Outro ponto relevante na fala de Bruna é que novamente a questão da disciplina se sobrepõe, e neste caso, a perspectiva da disciplina aparece como algo de valor, acompanhado pela concepção de respeito, porém o que vemos é uma deturpação destes conceitos. Como falar sobre respeito em relações nas quais Bruna é a base da pirâmide hierárquica?

Diante da opressão imposta pelo sistema penal e pela punição, o que presenciamos são relações atravessadas pelas normas hierárquicas e vigilância constante e, assim, pouco resta à Bruna e a todas as demais pessoas privadas de liberdade, de possibilidade de resistência. As relações não são de autoridade, mas sim autoritárias, verticalizadas, do contrário tanto professora quanto alunas seriam no mínimo ouvidas, o que, aparentemente, não ocorreu.

A professora Luana apresenta de maneira bastante interessante essas relações assimétricas proporcionadas pela supremacia da punição e da vigilância, ainda que com dificuldade, aponta sua tentativa de rompimento, no entanto deixa claro que esta se efetiva parcialmente, pois tanto ela como as alunas mantêm os laços opressores vívidos.

“quando chega aqui a gente já diz logo: ‘esquece que tá na cadeia’. Né? E daí a gente começa a falar um monte de coisas que não pode... Não... [...] ‘Vocês tem que me respeitar que eu sou professora e não tô aqui pra queimar ninguém, mas o que vocês fizerem com a gente a gente a gente pode relatar pro guarda porque vocês podem pegar castigo por conta disso’. Então já deixo ela bem..., elas bem claras sobre o que pode acontecer. [...] Certo? Aí quando começa a vir no dia a dia a elas podem gente começa a conversar, desenvolver, mostrando pra elas que confiar na gente pra desenvolver, porque se elas não confiam no professor elas não aprendem. Até elas entenderem que você não faz parte da polícia demora. Né? [...] você tem que mostrar todos os dias quando elas te chamam ‘senhora’, e eu já digo ‘não me chame de senhora que eu não sou polícia’. ‘Me chame de profe ou de prô’, daí isso já vai mudando... Aí elas chegam ‘ai professora, eu não tô boa de mente, não fiz a atividade’, ‘não tem problema, faça agora’, ‘mas eu não tô bem!’, ‘só aceito até amanhã, se não fizer não aceito mais’. Dou oportunidade, entendeu? Porque já está no sistema totalmente opressor, se você não faz com que elas... É... Você pede uma atividade: ‘Ah, não, não recebo mais e não sei o que...’, aquilo vai desestimulando. [...] Então você tem que ter, ser compreensiva. E outra coisa, elas dizem assim: ‘é tão bom, professora, vir pra escola porque aqui vocês tratam a gente como gente, então a gente esquece o que tá acontecendo lá dentro’ ” (Luana – Professora).

Todavia, mesmo com os impasses e empecilhos para acesso à escola, Bruna vê este local como uma espécie de refúgio do cotidiano hostil da prisional.

“Ontem mesmo a gente exerceu um trabalho de pintura de... de coelho da páscoa, pra relaxar que a gente passou por um período difícil ai dentro, na... no... terça-feira que teve blitz, ai a gente pegou ontem pra gente relaxar, que a gente num tava legal, a gente começou a pintar e aquilo ali, nossa, foi muito bom pro coletivo, coletivo em sim, todo mundo. Todas as salas, entendeu? Começou a pintar, então cada um fazer uma turminha ali que você, relaciona,

entendeu? Ou a gente mesmo chamava, uma assim: vem pra cá, vem pra cá. Fizemos uma mesa com material e começamos a fazer, foi muito bom” (Bruna – 32 anos).

Esta fala nos aponta que, por um lado, a rotina escolar está completamente submetida à rotina prisional (quando têm blitz não há aviso anterior e todas as atividades da unidade prisional são suspensas, inclusive as aulas), mas por outro lado, a possibilidade de encontrar, neste espaço, apoio para lidar com as situações internas da prisão parece ser benéfico às presas. No entanto, não podemos desconsiderar que isso acaba fomentando a ideia constantemente disseminada de que a escola é um passatempo.

Além disso, a escola possibilita a “saída da prisão”, pois traz o mundo externo aos muros para o interior da unidade prisional, levando até mesmo ao esquecimento do ambiente em que se está inserido, como a professora Luana apontou no final de sua fala. Patrícia também nos apresenta este aspecto de maneira bastante enfática e também aponta para a importância do aprender como um prazer e um movimento, o que podemos inferir que tenha relação com um processo de sentir-se mais humana.

“A melhor coisa é hora que dá o sinal, e eu posso vim pra escola. Que eu nem sinto aqui. Aqui é outro ambiente, eu nem lembro que tô na cadeia. [...] É um prazer aprender, é um prazer minha letra melhorar cada dia mais, porque minha letra é linda! Só não fica bem quando eu tô sem óculos, mas eu escrevo muito bem. E eu leio bem também, né? Por ter lido muito livro, né? Eu sei me expressar bem.” (Patrícia – 39 anos).

Dito isto, é notório que a vinda de alguém “de fora” para ensinar, mesmo que propagando a semicultura, é potencialmente melhor que a ausência deste espaço, uma vez que, dentro de seus limites ideológicos, há lampejos de humanização, pois ao possibilitar, ainda que brevemente, o estímulo à imaginação, estimula-se também o sentir-se humano nos pequenos detalhes como a melhoria na grafia.

Em contrapartida, observamos também a valorização da reprodutibilidade conteudista que, como discutido, propaga a alienação e potencializa a semicultura, o que deixa brechas para uma sociedade em que a educação não cumpre o que Adorno (1995c) propõe como sua principal função: desbarbarizar.

“E eu não gosto quando professor não dá aula, passa matéria e fica falando de coisas fúteis, aí me dá vontade de desistir e continuar lá fora. (E: E isso acontece?) Muito... [...] Só o professor Wagner que

não faz isso, ele dá aula, assim, que é uma maravilha, ele ensina bem a matemática tudo [...]. Eu gosto de matéria, eu gosto de estudar, eu gosto de aprender. Pra mim tá sendo tudo novo, então eu quero aprender” (Natália - 38 anos).

Para Natália, a expectativa da escola na prisão está relacionada a uma perspectiva e prática conteudista, assim como frequentemente valorizado e predominante extramuros, mesmo bastante criticada, por exemplo, por Paulo Freire (1987).

Ela conta que somente o professor Wagner, dos professores atuais, atinge sua expectativa, pois segue aquilo que ela crê ser correto e adequado, o que não percebe é o quão acorrentada permanece diante deste modelo de ensino.

Por fim, ao longo da análise desta categoria, percebeu-se várias contradições encontradas nas relações postas e impostas pelo sistema penal às alunas e às professoras e aos professores. Se, por um lado, esses encontros marginais trazem afetos genuínos e possibilidades de superação de preconceitos e identificação humana, por outro lado, potencializam a disciplina e a vigilância presentes tanto nas prisões quanto nas escolas, mas no caso das escolas nas prisões, a Secretaria de Administração Penitenciária se sobrepõe à Secretaria de Educação, seja por meio de sua arquitetura, seja pelos procedimentos de segurança que todos são submetidos: revistas, interrupção de aulas devido à rotinas institucionais, etc.

7.2. O espelho de si, em si e no outro

A proposta nesta categoria é apresentar uma das motivações das mulheres privadas de liberdade para voltarem aos bancos escolares.

Após a leitura das entrevistas, alguns elementos saltaram aos olhos como principais motivadores para a volta à escola, um deles foi a presença dos professores e professoras “da rua” discutido na primeira categoria apresentada.

Uma outra questão bastante afetiva e significativa para a volta à escola diz respeito a perspectiva de ser exemplo para os filhos e filhas, cremos que essa motivação está intimamente relacionada à construção social do que é ser mulher em nossa sociedade. Neste sentido ir à escola para ser exemplo ao outro soa, na fala

de algumas entrevistadas, quase como uma redenção pelo “tempo perdido” na educação e relação com filhos e filhas.

Quando questionada sobre como a escola iria lhe ajudar pós cumprimento da pena, Bruna diz:

“Na educação dos meus filhos, primeiramente, um incentivo pra eles tá estudando, que eu incentivo daqui de dentro, entendeu? E eu cobro educação deles lá fora, e eu falo... [...] eu falo pro meu marido mesmo tá em cima, entendeu? Porque lá na rua eu pus meus filhos pra fazer projetos, ciranda da área social, então eles têm uma educação pra tá indo fazer, tipo curso, fazer isso, fazer aquilo. Então não ficam na rua porque eu num gosto de criança na rua. Então eu falo, eu tô estudando aqui, eu mando, até mando entendeu? O que eu tô estudando, mando o caderno, mando... que minha filha já tá no primeiro, segundo... num sei. É por aí. E ela já tem uma vó que é professora, só meu menino que é meio devagar assim, na área de raciocínio, mas o que? Eu pretendo sair e ajudar eles muito, demais e tá em cima, tá favorecendo eles na educação que eu tive. E tipo assim, minha mãe tá estudando, se a minha mãe com 33 anos tá estudando, 32 anos que seja, isso é um incentivo muito grande” (Bruna – 32 anos).

Vemos na sua fala a tentativa de encaixar-se nas funções sociais relativas à mulher na sociedade. Ao dizer que está estudando, que manda o caderno para os filhos e que “minha mãe tá estudando [...] isso é um incentivo muito grande” mostra-se clara a luta por salvação, como Davis (2018a) propõe. Por ter “transgredido princípios morais fundamentais da condição feminina” (p.76), é necessário que haja esforço e comprovação no sentido contrário provar-se, via escolarização como boa mãe, uma vez que caberia a ela evitar que seus filhos fiquem “soltos” e desprovidos de educação.

Neste ponto vale a pena retomar a discussão de D’Incao (2012), que se reflete na fala de Bruna por meio de fortes influências do padrão feminino da família burguesa, mesmo ausente do lar devido ao cumprimento de pena, esforça-se por cumprir integralmente com os cuidados e a supervisão dos filhos reproduzindo

a ideia de que ser mulher é ser quase integralmente mãe dedicada e atenciosa, um ideal que só pode ser plenamente atingido dentro da esfera da família “burguesa e higienizada”. Os cuidados e a supervisão da mãe passam a ser muito valorizados nessa época, ganha força a ideia de que é muito importante que as próprias mães cuidem da primeira educação dos filhos e não os deixem simplesmente soltos sob a influência de amas, negras ou “estranhos”, “moleques” de rua (D’INCAO, 2012, p. 229).

Ou seja, busca evitar que seus filhos fiquem na rua, uma vez que este espaço é considerado moralmente perigoso, devendo a mãe responsabilizar-se por neutralizá-lo, o que acaba reproduzindo o padrão hegemônico posto ligado a famílias mais abastadas que valorizam os espaços privados, diferentemente das famílias mais populares e pauperizadas que muitas vezes encontram no espaço público seu lazer, todavia dado o “modelo” a ser seguido, o que se deve valorizar é a vida privada sendo o externo, o público perigoso.

A questão de responsabilizar-se pela educação dos filhos também aparece na fala de Natália que também ao apresentar a hipervalorização da educação escolar, visto que sua ausência a qualifica como “ruim”, “burra”.

“na escola eu me senti bem, porque eu tô aprendendo mais... Ah! e os meus filhos tão estudando também o C. e a C. [...] e eles começaram a me perguntar as coisas e como que eu ia passa se eu num sabia. Então os meus filhos me incentivou a volta a estuda pra pode ensina pra eles. [...] E aí eles começaram a me perguntar as coisa. Eu falei: meu Deus! Como eu vou responder? Porque é tudo por carta, eu ia até traze uma carta dela hoje, esqueci, que eu gosto de mostra pra minina, porque o C. gosta de mitologia e ele começou a falar de mitologia grega, mediterrânea. E eu: filho, o que que é isso? Aí eu comecei a perguntar, eu falei: não, eu tenho que volta a estudar, pra poder educar os meu filhos, passa pra eles, eu num posso ser uma mãe burra. Como que eu vô tá do lado deles sem saber falar nada pra eles? Aí eu voltei” (Natália – 38 anos).

Um outro aspecto interessante que Natália apresenta é o que podemos relacionar ao discutido por Goffman (2010).

“Isso aqui não é ambiente pra eles, aí eu prefiro não ter visita, num é egoísmo, porque a gente fala por carta, eu escrevo pra eles, eles me escrevem, eu tenho todas as cartinhas marcada, eu marco a data que chegou, respondo e agora ela ia escreve um livro sobre a vida dela e vai escreve um livro sobre a minha vida, ai meu Deus! Mas é muito gostoso, nós somos muito amigos, e eles falam de tudo pra mim na carta e eu até prefiro assim do que... que ela tá vindo aqui vendo certos tipos de coisa que eles num tão habituado, num é do nosso meio, num é do nosso mundo, entendeu? Aí eu num quero eles aqui” (Natália – 38 anos).

Nesta fala fica explícito que, ao proibir os filhos de a visitarem, há uma tentativa de evitar o que Goffman (2010) chama de exposição, além disso, as instituições totais são incompatíveis com o elemento social família, uma vez que prega o oposto de uma vida em grupo, uma vida solitária.

Natália entende que, ao visitá-la, os filhos estariam expostos a coisas que não estão habituados. É interessante que na sequência ela aponta que “num é do nosso meio, num é do nosso mundo, entendeu?”

Ao longo de toda a entrevista de Natália, era perceptível sua tentativa, em relação as outras entrevistadas, em provar-se e mostrar-se “diferente”, não pertencente àquele espaço, é como se dissesse o tempo todo que estava ali por engano, mesmo após seis anos presa.

É possível que essa postura, além de vinculada a uma tentativa de me impressionar ou responder àquilo que supostamente seria esperado, pode estar ligada a duas das táticas de adaptação, mencionadas por Goffman (2010), a hostilidade e a insalubridade da instituição penal: o “afastamento da situação” e a “conversão”.

Na primeira tática, “o internado aparentemente deixa de dar atenção a tudo, com exceção dos acontecimentos que cercam o seu corpo, e vê tais acontecimentos em perspectiva não empregada pelos outros que aí estão” (GOFFMAN, 2010, p.59) ou seja, abstém-se totalmente da realidade em que está, o que Natália esforça-se em fazer durante toda a entrevista.

Na segunda tática, “o internado parece aceitar a interpretação oficial (ou da equipe dirigente) e tenta representar o papel do internado perfeito [...] aceita uma tática mais disciplinada, moralista e monocromática” (GOFFMAN, 2010, p.61) o que também aparece em seu discurso, uma vez que se apresenta como presa e aluna exemplar.

Tal deslocamento se faz presente inclusive no uso do tempo verbal no presente do indicativo como exposto abaixo “na rua eu *trabalho* com cabelo”.

“então estudando ou não estudando é indiferente, eu tô estudando mesmo porque eu quero aprender pra poder passar pros meus filhos, num é por remição, nada disso, é mais... é que nem o curso eu faço porque lá na rua eu trabalho com cabelo, então eu vou agregar o curso ao meu salão e a escola eu vou agregar ao ensino dos meus filhos, num é por remição é porque eu quero mesmo aprender pra poder passar pra eles” (Natália -38 anos).

Mais uma vez a preocupação com a educação dos filhos se sobressai, acrescida à perspectiva de trabalho, em sua fala “pouco importa” a remição, o

relevante é adequar-se aos moldes de boa mãe e mulher trabalhadora e escolarizada.

É importante notar que o trabalho citado por ela e também por outras mulheres vincula-se ao entendido como feminino e, nos casos exemplificados por elas, na maior parte das vezes voltados à estética e à beleza. Inclusive, os cursos profissionalizantes ofertados a elas são de: maquiagem, manicure, etc. O que aponta para aspectos discutidos por Davis (2016; 2018a), há, além da feminilização da pena, um recorte socioeconômico e étnico claro. A supremacia branca perpassa as entranhas do sistema penal, como demonstram a história, as estatísticas e as vivências no interior das unidades.

No caso de Patrícia e Célia, além de trazerem a preocupação de estudar para ser exemplo para os filhos e enquadrarem-se como “boas mães”, também demonstram as consequências da morte civil (GOFFMAN, 2010).

“Parei no tempo. Eu tenho nove filhos, como é que eu vou ensinar o meu filho a fazer lição de casa? Meu neto..., porque o meu filho mais velho vai fazer vinte e três anos. Como que vou ensinar ele a fazer a lição de casa?” (Patrícia – 39 anos).

“cê sabe que tem hora que eu, eu deito assim lá na cela, eu fico pensando que foi que eu fiz da minha vida sabia, catorze ano aqui dentro perdido, que eu podia tá lá fora ajudando tanta gente sabe e ajudando a mim mesma né... [...] Purquê que eu num vi meus neto nasce é.. não, eu não ajudo cria meus neto, ajudo assim dando dinheiro pás minha filha mais num é a mesma coisa de eu te convivência cum eles todo dia né (E: Cê tem quantos filhos?) Três. Agora eu vô tê, minha filha veio domingo, ela tá esperando nenê de novo, esse vai sê o terceiro filho dela, sabe que eu tô feliz, mais tô pedindo tanto a Deus pra mim sai logo, sabe, pá cuida dela” (Célia - 59 anos).

Nessa fala, Patrícia começa com a afirmação de que “parou no tempo”, o que é uma das características vinculadas à morte civil, que leva os indivíduos que têm uma longa estadia em instituições totais a perderem momentos, eventos da vida e direitos irreparáveis, tanto é que na sequência ela diz que estuda para ser uma boa mãe e, logo em seguida parece dar-se conta do “tempo perdido” se autocorrigindo de boa mãe para boa avó.

O mesmo é identificado na fala de Célia que verbaliza, enfaticamente, seus 14 anos de liberdade perdidos, lamentando a não convivência com filhos e netos.

A unanimidade nas falas de que a educação escolar ajudará na educação dos filhos só potencializa a compreensão de que, com a ascensão da família burguesa, o papel social da mulher se enraíza e se propaga no imaginário social de tal forma que oculta todas as desigualdades sociais, históricas, políticas e de gênero.

A escola, como instituição social, contribui muito para a manutenção e reprodução das opressões, da verticalidade e das desigualdades, como discutido por Baratta (2017) e Castro (2015). Na prisão isto se potencializa, uma vez que escola prisional é prisão, propaga a disciplina, a ordem e a ilusão de ascensão social e igualdade, como é possível ver nas falas abaixo.

“Falta um ano. É... O que me levou a vim pra escola? Eu comecei a me ver, me olhar no espelho e conversar comigo mesma e achar que eu podia melhorar. E que se eu viesse pra escola quem sabe eu conseguiria reeducar minha voz, porque eu não falo, eu grito. É, dá pra ouvir, né? [...] Que eu não falo, eu grito! E pensando também nos meus filhos e no meu futuro porque eu quero montar um restaurante, se meu restaurante não rolar eu tenho que ter um plano B [...] .E outra, a remição da escola é melhor. Imagina o juiz quando ver meu prontuário. Ó, meu prontuário é desse tamanho! Tenho duas rebelião. Tirei um ano e quatro no anexo de Taubaté. O juiz vê lá: Presa não trabalha, não estuda, não faz porra nenhuma. Porra, aí ele vai lá ver, né?: “Porra, a reeducada Patrícia se regenerou, tá até estudando, vou dar uma boa remição pra ela! E ir embora!” (Patrícia – 39 anos).

“Eu fiquei mais motivada, a sair amanhã pra rua e fala: não, eu tenho um objetivo eu comecei esse objetivo dentro da escola. (E: entendi) Comecei meio que por um acaso, por única opção e hoje a minha, é a melhor opção é essa e isso mudou até meus planos, meu modo de pensa daqui pra frente. Poderia tá trabalhando, pensando em guarda dinheiro pra fazer isso e aquilo quando sai, não. Em vez de junta dinheiro eu tô juntando conhecimento, pra mim sai e isso me ajuda um serviço melhor lá fora” (Luciana – 29 anos).

Na fala de Patrícia, podemos ver claramente a ideia de que a escolarização poderá “reeducá-la” como ela mesma diz, mas até que ponto esta (re)educação é uma possibilidade de formação? Ou será que esta educação é para a adaptação “*well adjusted people*” como discutido por Adorno (1995e)?

Para esse autor:

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe

precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambigüidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela (ADORNO, 1995e, p.143-144).

Esta citação traz à luz a dialética posta ao discutirmos a educação e a escolarização, não há dúvidas que obter algum conhecimento, mesmo que disseminando a semicultura, é melhor que conhecimento nenhum. No entanto, a ilusão posta por esta escolarização é demasiadamente exagerada e ideológica, uma vez que, dado todo o processo de estigmatização e preconceito com a população prisional e sua potencialização no caso das mulheres presas dificilmente possibilitarão à Patrícia e à Luciana a melhoria de vida esperada.

Importante salientar que perceptivelmente essa melhoria vincula-se a possibilidades mais rentáveis no mundo do trabalho, como discutirei na categoria “(Re)produção para o trabalho”.

Para Patrícia, a escola apresenta-se claramente como uma ferramenta para impressionar o outro, ela faz isso na relação comigo, o tempo todo se mostra muito aberta e interessada na pesquisa solicita um livro da minha dissertação, faz questão de apresentar sua sala de aula e, ao longo da observação realizada, fazia questão de responder questionamentos da professora e fazer contato visual comigo.

Além disso, pontua na entrevista que, ao estudar, impressionará o juiz, que, em decorrência disso, lhe concederá uma boa remição, seu comentário não só busca redenção como demonstra o desconhecimento legal, visto que, como discutido, a remição por estudo é regulamentada, não sendo uma decisão pessoal do juiz.

Com todas as críticas aqui tecidas, é interessante fazer o contraponto. Na fala de Luciana, vemos o quanto ir à escola a movimentou fazendo-a ter projeções e planos para seu futuro, o que também é enfatizado por Patrícia.

Luciana apresenta em sua entrevista a escola como uma possibilidade de sobrevivência à morte civil como vemos abaixo.

“o que é tenso é só a gente tá aqui mesmo, longe da família, né isolada no mundo, querendo de uma certa forma, a gente fica isolada, porque quando eu fui de saidinha, eu vi que eu tinha parado no tempo aqui dentro, a gente para literalmente, então você sai, pra acompanhar cê tem que dá uma aceleradinha, mas é... meu convívio com as outra é normal, eu acredito que, assim, a minha empolgação

tá incentivando elas, assim como de outras companheiras aqui também incentivam, tem uma colega nossa de sala de aula que num saia pra nada da cela, da cela dela hoje em dia ela estuda, faz curso e é uma das melhores alunas da sala, ajuda, ela ajuda gente que tem dificuldade então é igual eu falei, muita gente teria que vir pra escola e num vem por causa do serviço se mudasse a escola taria mais cheia. E lá dentro elas se interessam, elas se interessam, elas vêm, às vezes tem alguma dúvida, aqui tem uma firma que cê tem que fazê umas conta pra você consegui trabalhar, elas vão me procura pra ajuda a fazer as contas” (Luciana – 29 anos).

Nota-se em sua fala o choque de realidade ao ir de “saidinha” e o perceber as mudanças do mundo externo, sendo necessário que acelere para acompanhar. A escola aparece como fio condutor para a realidade extramuros, uma forma, ainda que limitada, de reduzir a sensação de “parar no tempo”.

É interessante que sua empolgação com a escola tem levado outras mulheres a procurarem a escolarização. É possível inferir que isto propicia um espaço potente de humanização e reconhecimento de si e do outro, o que pode abrir brechas para vínculos genuínos e para uma educação para a emancipação.

Trazendo, assim, lampejos de conscientização e autorreflexão crítica como Luciana aponta.

“Então, mas... é eu fico triste por saber que lá fora tão fechando as escolas e acredito que isso vai interferir sim aqui dentro, entendeu? E... aqui dentro, que tá cada vez melhor, mais pessoas tão vindo pra escola, e... tem gente que... até precisa trabalha, e tá precisando vim pra escola, então eu acredito que melhorou muito [...] a escola fecha com a ordem de alguém, certo? E, no caso a mesma pessoa que pode mandar fechar lá fora porque que num pode fechar o espaço aqui dentro? (E: Ah, entendi) Quem que garante pra nós que num vai fecha o nosso espaço aqui dentro? Se lá fora, que são pessoas que num cometeram crime, que paga seus impostos tudo certinho tão sofrendo essas consequências, porque nós presidiária num vamos sofrer também?” (Luciana – 29 anos).

A referência feita por ela em sua fala relaciona-se com o movimento de ocupações das escolas estaduais em 2015, devido a proposta de reorganização escolar que acarretaria em fechamento de salas de aula. A reflexão feita por ela apresenta aspectos de consciência e criticidade bastante relevantes.

A hegemonia da família tradicional burguesa e, conseqüentemente, do dito cidadão de bem transparece em sua análise, visto que, como apontado por Hokheimer e Adorno (1985c), o criminoso, ao ser submetido a pena privativa de

liberdade, é levado a reproduzir a imagem virtual do padrão burguês que é o que devia ter seguido antes de sua pena.

Ao tratarmos da mulher presa e todo o fardo de sua invisibilidade pública que a acompanha, o questionamento de Luciana encontra sentido. Por que não fechar estas escolas? Afinal se o cidadão de bem está ameaçado, por que elas não estariam?

Isso revela aspectos de relutância dentro da redoma de cristal citada por Adorno (2005), no entanto, o que se evidencia é a ilusão de acesso aos bens de formação cultural quando, na verdade, o que se propagam são valores mercantis e lucrativos. Nesta perspectiva, talvez consigamos entender o porquê do não fechamento das escolas na prisão, pois é de interesse do sistema manter essa população na ilusão de dias melhores, pois assim, ao saírem, se tornarão membros ativos da sociedade capitalistas, suscetíveis aos subempregos e à precarização da vida.

O apelo em ser vista e reconhecida é muito evidente em várias das falas expostas até aqui. A busca pela visibilidade e humanização é uma constante que Patrícia exemplifica muito bem.

“Eu gosto de sempre ser a primeira a terminar a lição, gosto de sempre ser a melhor. [...] eu gosto de... Eu gosto de... Eu gosto de ser elogiada. [...] Então é gostoso. E tipo assim, as vezes você vê uma conta, você vê lá uma lição de língua portuguesa, a professora te pede uma redação, 'nossa!', aquela tempestade num copo d'água, né? 'Eu não vou conseguir, eu não vou fazer!' Meu, minha mentalidade é muito fértil, eu faço uma redação em dez minutos. [...] E eu gosto de sempre, tipo assim, 'professora, terminei'. É gostoso terminar, e os outros não terem terminado ainda. Isso é...” (Patrícia – 39 anos).

Fica claro em seu discurso o desejo em ser reconhecida por sua produtividade acadêmica tão valorizada socialmente em detrimento de uma educação reflexiva e emancipadora, pois esta produtividade facilmente coopta os indivíduos à alienação.

Neste sentido, é valorizada(o) a(o) aluna(o) conteudista, que decora a cartilha, sendo o reconhecimento escolar fruto da competição, o que Adorno discute que contribui para a potencialização da reificação da consciência. O valorizado é o indivíduo e seu suposto mérito, descolando-o de sua dialética com a sociedade, o

que para Adorno (2005) potencializa a probabilidade de propagação e manutenção da barbárie. O distanciamento do sagrado, que o autor aponta para que a formação cultural tenha chances de ocorrer, não acontece no interior das escolas na prisão, pois esta oscila, dicotomicamente, ou é um espaço ruim ou é um espaço exageradamente visto como bom, o que acaba por reforçar a semiformação.

Vislumbramos aí o que Adorno (1995a) expõe sobre o fracasso no processo educacional, visto que está inserido e envolto numa sociedade alienada, e a hierarquia oficial da escola (desempenho, notas, etc.), citada como valorizada por Patrícia, acaba por instigar latentemente processos violentos, uma vez que estimula a competição ao invés da cooperação e, no caso específico das escolas nas prisões, as relações verticalizadas e de poder são ainda mais intensas em razão da militarização e do punitivismo posto na centralidade de ambas as instituições que coabitam (escola e prisão).

A busca pela visibilidade e reconhecimento também é percebida pelos professores tal como na fala de Luana.

“Porque querendo ou não elas querem uma aprovação quando elas chegam aqui. ‘Ah, professora, eu quero meu certificado’, ‘ah, professora, dá um visto no meu caderno porque eu vou mostrar para a minha família, eu vou mostrar pra minha filha, pra minha netinha...’.” (Luana – Professora).

Nota-se aí, a necessidade da aprovação do outro na tentativa de ser enxergada como humana, ser identificada como tal, o que, como discutido na categoria anterior, é fortemente potencializado com a presença dos professores “da rua”.

“Aqui, eu gosto mais é a interação com os professores. É, a gente conversa muito, não só das matérias, da vida. É essa interação, a relação que a gente tem entre os professo, eles não têm essa relação da gente como presa! Como uma pessoa normal” (Manuela – 53 anos).

Manuela aponta a relação com os professores como algo que a motiva, pois é vista “como uma pessoa normal” e não uma presidiária.

Ao ouvir com mais cuidado o discurso das professoras e dos professores, nota-se a tentativa de valorização de seu espaço de trabalho e também alguns aspectos de humanização das relações, mas em contrapartida, expõem preconceitos e contradições na crença de que a escolarização emancipará as mulheres.

“Só que também é aquela coisa, quando sai é diferente, né? Porque querendo ou não a sociedade é exclusi... Ela exclui muito ainda, né? É excludente. Aí as pessoas saem querendo estudar, mas precisam trabalhar... Acostumadas com muito dinheiro, né? Entre aspas, né? Muito dinheiro... Aí... Consegue pouco emprego, precisa estudar, quando diz que foi presa... E esse projeto é interessante porque não sai o nome da prisão no... [...] Sai o nome da escola. Então isso já é um ponto a favor delas, né? Porque, tipo assim, se elas quiserem esconder pra poder seguir naquilo, elas podem, né?” (Luana - Professora).

Ao mesmo tempo que Luana crê que a escola na prisão pode contribuir para mudanças na vida das alunas, ela aponta a “necessidade” do ocultamento e/ou negação do período vivido na prisão. Mas como está presente em uma das falas de Luciana, há um rótulo quase que onipresente na mulher egressa o que se relaciona não apenas com os locais que frequenta e vive como também é marcado pela criminalização da pobreza (WACQUANT, 2004) e racialização da pena (DAVIS, 2018a), envolto na opressão ligada a construção social de gênero.

O professor Wagner também expõe aspectos ligados ao preconceito com ex-presidiárias, apontando inclusive para uma perspectiva bastante determinista em relação a reincidência.

“Assim, eu só queria separar, não que elas vão... Por exemplo, só porque estudaram aqui na escola, não que elas vão... Vão sair assim... É... Como eu posso te dizer? Porque assim, tem muitas meninas que querem concluir até lá fora, fazer faculdade, isso e aquilo. Só que nossa sociedade é tão assim que, quando elas voltam, geralmente, elas voltam a cometer o mesmo delito. Voltam na mesma estrutura, sociedade... Que influenciam bastante elas. Elas até querem mudar. Só que o ambiente, o ambiente influencia bastante, né, o ser? Então se ela convive num meio que não vai ajudar ela e que é propício a fazer coisa errada a tendência é fazer coisa errada, né? Essa coisa de oportunidade de mudar. Aqui elas... Têm. Né? Aqui elas têm mas não é só escola. Tem o regime disciplinar, tem tudo isso. Mas quando elas voltarem pra lá, vão morar... A maioria são de periferia, a maioria convive com pessoas que não concluíram o segundo grau, com marginalidade... Então não sei se... A escola ajuda bastante, mas...” (Wagner – Professor).

Além disso, vemos em sua fala a valorização da disciplina que parece travestida de algo educativo e formativo “aqui elas têm [oportunidade de mudar], mas não é só escola. Tem o regime disciplinar”.

O que mais uma vez dialoga com a ilusão de que as prisões educam e, como discutido por Horkheimer e Adorno (1985c), as prisões forçam os sujeitos errantes à solidão, ao isolamento e ao padrão de vida burguês, achatando os

indivíduos na alienação de que a prisão “salvará” a humanidade de toda a violência e do crime, quando, na verdade, as condições das instituições prisionais impelem os indivíduos que nelas estão ao oposto, à marginalização e à desumanização, deixando vivos e abertos os traços da barbárie, contribuindo, desta forma, para a propagação e manutenção dos preconceitos.

Contudo, por mais absorvida pela lógica da reprodutividade e semiformação que a escola esteja, alguma mudança é possível nos encontros, e a professora Rosângela trata disso ao dizer:

“Muitos alunos meus – eu acho que isso pra mim não tem preço – falam ‘Professora, eu não sei o que seria de mim sem a escola, sem eu poder vir estudar, essa é oportunidade que eu tô tendo’ então eu acho que isso pra mim, eu acho que paga tudo, né? [...] Paga tudo aquilo que você... Algumas coisas que você vê, que você passa, então eu acho que... Eu sinto muito prazer de poder ser uma professora que trabalho dentro do presídio. Eu me sinto muito honrada de poder ajudar com o meu pouco essas pessoas que, às vezes, não tiveram oportunidade! Outras porque a cabeça estava voltada em outras situações, tava envolvida com crime... Então acredito que esse pouquinho que nós, professores, vem trabalhando, essa sementinha que nós plantamos todos os dias, eu acredito que ela vai ter um resultado” (Rosângela – Professora).

Ao mesmo tempo em que ela apresenta a ideia de que o que é ofertado constitui-se como uma oportunidade e não um direito às mulheres ela também crê na viabilidade de alguma mudança via escolarização o que é confirmado por Patrícia que, além de já apresentado, diz que a escola tem contribuído para sua diminuição no consumo de drogas.

“Comigo melhorou bem. Eu consegui diminuir bem na droga, entendeu? Eu ficava no pavilhão, queria ficar usando droga o dia inteiro. Eu venho pra escola, às vezes eu chego e nem penso em ir atrás de nada. Por quê? Tem lição de casa pra fazer, então eu me preocupo com a minha lição, não vou me preocupar com droga. Então ela tá me ajudando muito a saí das drogas, que eu tô numa batalha grande pra parar [...]Depois que eu comecei a vim pra escola, eu comecei a me olhar no espelho... Que depois que eu comecei a vim pra escola eu dei um breque com a droga, então eu fiquei mais bonita. A minha pele ficou mais bonita, eu durmo melhor, eu acordo melhor, entendeu? Eu só não como muito porque eu tenho que, né? Manter isso. Porque se eu engordar fica muito feio, então não posso passar dos sessenta” (Patrícia – 39 anos).

Ao final da análise proposta nesta categoria, podemos concluir que a escola na prisão produz e reproduz o posto ao longo da história. A disciplina se sobressai em muitos aspectos, e consequentemente aspectos mais desumanizados aparecem,

mas em contrapartida, há também, para além da reprodução do papel social da mulher na sociedade, aspectos que aparecem nas entrelinhas vinculados ao afeto que as mobilizam em direção ao conhecimento, que mesmo propagando semicultura, possibilita às mulheres o reconhecimento de si e em si como ser humano com potencialidades, e o reconhecimento na perspectiva do olhar do outro aqui representado principalmente pelos filhos e filhas e também dos professores e professoras.

Neste sentido, ainda que sumariamente, a escolarização na prisão possibilita às mulheres presas que lá se encontram um reencontro com muitas de suas potencialidades e a esperança de mudança que inspira planos e sonhos futuros.

7.3. (Re)produção para o trabalho

Dando sequência à análise das entrevistas realizadas, esta categoria tem como objetivo focalizar a perspectiva da educação escolar para o trabalho.

A ideia de que a escolarização vivida na prisão trará benefícios e melhoria nas possibilidades de trabalhos futuros, pós cárcere, aparecem tanto nos discursos das mulheres presas quanto nos dos professores e das professoras.

Ao longo desta discussão, serão explicitadas as contradições postas à esta população, pois, ao mesmo tempo que se cumpre a lei de oferta da escolarização às mulheres privadas de liberdade - visando a equidade com a escola fora das prisões - esta oferta não é suficientemente forte para romper as barreiras dos preconceitos sociais, tampouco para possibilitar chances igualitárias de acesso ao mercado de trabalho.

O que poderá ser observado em muitos momentos é uma realidade cruel, em que se vende a ilusão de uma educação para a emancipação e para a ascensão social, quando na verdade devemos questionar a que serve esta educação escolar nas prisões,

Embora o foco principal desta pesquisa não seja o mundo do trabalho, é praticamente impossível não trazê-lo à discussão, uma vez que, em nossa

sociedade, escolarização e trabalho tendem a caminhar juntos, o que é reproduzido no âmbito prisional.

Em muitas das unidades prisionais, a pessoa privada de liberdade tem que optar se prefere trabalhar ou estudar, apesar de se constituírem como direito, não há possibilidades reais de toda a população prisional ter acesso a ambos, seja pela baixa oferta de trabalho e estudo, seja pelos horários disponíveis para tais atividades coincidentes entre si. Em muitas das prisões, essas atividades ocorrem nos mesmos horários, como ressaltam Luciana e a professora Amanda.

“quando eu vim pra Unidade 2, lá eu tive como estudar, porque eu trabalhava de dia e estudava a noite [...]. Aqui eu demorei mais pra estudar porque aqui nós num tem a opção de trabalhar e de estudar, e eu tive que optar por trabalhar, né? Pra poder sobreviver” (Luciana – 29 anos).

“Na verdade, a aluna tem comportamentos diferentes. Lá, por exemplo, já a gente só tem escola pela manhã e à tarde, então as alunas, ou elas optam por trabalhar, ou estuda. Se você tá estudando, por exemplo, você tem que abdicar do trabalho e vice-versa, muitas também deixam de estudar quando são chamadas para trabalhar é um ponto importante isso. Vamos supor que elas estão matriculadas na escola ‘aí professora, a empresa me chamo para trabalhar e eu vou largar’, elas vão lá, assinam o termo de desistência e largam a escola” (Amanda – Professora).

Como visto, em muitas unidades as atividades escolares coincidem com as laborais, ocorrendo nos mesmos horários e inviabilizando o acesso a ambas como também verificado em minha dissertação (RAMOS, 2013).

Não obstante, aparentemente, as motivações para a frequência à escola tenham aumentado, seja pela oficialização da remição, seja pela participação de professores “da rua”, o trabalho por vezes é priorizado, pois mesmo que precário, oferece retribuição financeira e, como percebido nas estatísticas apresentadas, muitas das mulheres privadas de liberdade são solteiras e com filhos, necessitando assim de recursos financeiros para se manterem no interior da unidade e para a subsistência de sua família.

Além disso, não podemos descartar os aspectos morais e ideológicos voltados ao mundo do trabalho. Com muita frequência, ouvimos a frase “o trabalho dignifica o homem”, apesar de o trabalho, como transformação do meio, ser considerado um aspecto humano, a forma que adquire ao longo do processo de desenvolvimento do capitalismo é atravessada pela opressão, sendo assim, tal frase

representa o falseamento da ideia de que pelo esforço e trabalho tudo poderá ser superado.

Um paralelo a esta frase é a afirmação constantemente vista nos portões dos campos de concentração nazista "*Arbeit macht frei*" (O trabalho liberta). Vemos neste fato histórico, como enfaticamente estudado por Adorno, a bárbarie e o oposto a quaisquer possibilidades de humanização e a busca pela liberdade via trabalho era a exaustão e a morte.

Com o passar dos anos, a fusão entre escolarização e trabalho potencializaram-se de tal forma que são praticamente indissociáveis, e neste sentido, se um é alienado, a probabilidade é do outro ser também.

A crença na redenção via diploma está impregnada nas falas das alunas e dos professores e das professoras como exemplificado.

"Bom, se conseguir concluir tudo, né? Tipo, eu parei na quinta, se eu conseguisse concluir até a oitava, já é um diploma, né? Que já poderia arrumar um serviço... Né? É melhor, sei lá. Acho que é isso" (Andressa – 42 anos).

"Então, tem que ser trabalhado com o aluno... Eu acho que não é somente a grade, a matemática, a língua portuguesa. O... Você tem que trabalhar – eu penso assim com as minhas alunas, o que? – a *reasociá-las*. Não sei se é essa a palavra. Né? De trabalhar... Com muitas, você conversando com ela, você vai ver que o histórico de vida dela é um histórico que, realmente, muito complicado. Então, talvez, nesse ponto. De você trabalhar essa *reassocilia...*, *reassoc...* Qual que é a palavra? (E: Ressocialização.) É. Com elas. Seria bem legal de ter uma... Ter isso como apoio. (E: Isso você tá falando saindo da unidade? Ressocialização pra quando sair do sistema?) Isso. Pra você prepará-las. De prepará-las aqui dentro pra quando ela sair, né? Ela ter um novo olhar. (E: E você considera que a educação é importante nesse processo?) Com certeza. Nossa, muito importante. Porque nós tivemos já situações – não comigo, mas dentro – de alunos voltarem a estudar dentro da unidade prisional, conti..., terminar o ensino médio e lá fora fazer uma faculdade. Então ela mudou todinho o histórico de vida dela. [...] Né? Então eu acho que isso é um grande avanço. Isso mostra realmente que a educação dentro do presídio é você dar a chance para aqueles que não tiveram aqui fora." (Rosângela – Professora).

Para Andressa a conclusão do Ensino Fundamental já se constitui como possibilidade de novas oportunidades de trabalho, enquanto outras alunas anseiam pela graduação, uma vez que as possibilidades de acesso à esta, além de terem se disseminado nos últimos anos via programas sociais e ampliação de instituições privadas de ensino superior no país, é compreendida como o ápice da escolarização

e, conseqüentemente, de maiores possibilidades de trabalho e maiores salários, o que será visto adiante.

Na fala da professora Rosângela, vemos a idealização de “histórias de sucesso” em que o egresso terminou os estudos e não mais reincidiu, mas as probabilidades disso ocorrer são ínfimas, dadas as variáveis externas e internas ligadas a cada pessoa privada de liberdade.

Ademais, vemos na fala de Rosângela a ideia de proporcionar “um novo olhar”, “uma chance” àquelas que não os tiveram extramuros, esta perspectiva é compartilhada pelo professor Lucas em fala exposta ainda nesta categoria.

Tais falas trazem, implicitamente, a escola como salvação e como processo de adestramento para a utilidade e docilidade, como discutido por Foucault (2009; 2013).

Outro aspecto evidente nas falas é a valorização da escolarização por vezes de maneira até hiperbólica, como já vimos e ainda veremos em algumas das falas apresentadas.

Conforme já foi discutido, a educação e a escola perpassam nosso cotidiano e estão presentes em todas as camadas da sociedade. No entanto, de acordo com o que é abordado por Baratta (2017) e Castro (2015), a escola não é a mesma para todos, ela segue padrões históricos, pautando-se, principalmente, nas questões econômicas.

A cotidianidade da educação escolar e seu simbolismo como uma atividade voltada para a mudança podem ser exemplificados na fala de Camila:

“Porque estudar, né, faz parte da vida de um ser humano, né? Tanto pra arrumar um emprego decente, né? Pra ter uma boa linguagem de palavras, saber se expressar na hora certa... É saber colocar tudo no seu devido lugar. É bom, sim. É bom. [...] Mudou a minha mente. As gírias que eu usava, palavões... A cultura que se expandiu, né? Coisas assim que a gente tinha dúvidas hoje eu já tenho mais... E foi bom pra mim. Que abriu bem mais a minha mente. (Camila – 32 anos).

O que pode ser observado também na fala do professor Lucas:

“a educação, ela é um dos pilares fundamentais pra reconstrução do pensamento do ser humano, daí enquanto professor, eu sempre penso que eu estou preparando um aluno pra frente, não pra trás né e... acredito que eu enquanto professor, dando as oportunidades, mostrando caminhos que elas, elas podem aplicar tudo que elas tão

aprendendo, elas podem buscar um novo rumo, igual eu disse anteriormente, aqui na prisão, a gente não prepara só o aluno pra amanhã em questão educacional e sim pra vida também, a gente acaba sendo meio que um psicólogo, né, onde a gente aconselha, dá conselhos pra que elas não se sigam este rumo, que, com que esta preparação mínima que a gente tá dando aqui na prisão, não é uma preparação complexa, elas possam querer ingressar numa universidade, procurar um curso técnico pra fazer alguma coisa na área quando saírem daqui pra buscar um novo rumo da vida e não viver mais à margem da sociedade” (Lucas – Professor).

Na fala de Camila, é possível ver a amplitude da escolarização em nossa sociedade “faz parte da vida de um ser humano”. Além disso, ela faz alusão a novas e melhores possibilidades de “emprego decente”, percebemos em tal projeção a ideia de um trabalho considerado moralmente aceitável, ou seja, que rompa com práticas ilícitas, no entanto, para que isso possa ocorrer, Camila vê na escola uma forma de adaptar seus comportamentos ao socialmente aceito, que podemos inferir aqui ser o padrão burguês do feminino, como já explicitado em outros momentos do texto.

Há a busca pela expansão da cultura, o que poderia ser viável por meio da escolarização, todavia, como discutido por Adorno (2005), atualmente há uma disseminação e acesso quase irrestrito à cultura, inclusive para as populações mais pauperizadas, mas ao invés de ocorrer a formação pela apropriação cultural, há a propagação da semicultura e, conseqüentemente, da semiformação, uma vez que a cultura hoje é compreendida como conformação, adaptação ao meio sem possibilidade de reflexão, neste sentido, os homens são impedidos de se educarem uns aos outros.

A fala do professor Lucas também reproduz aspectos da semiformação, embora perceba que a escolarização se constitui como uma possibilidade de mudança, não aponta este espaço como de reflexão e conscientização, mas sim como um local para que ele, professor e detentor de um saber, “mostre caminhos”, “aconselhe para a vida”, atitude que pode se vincular a uma perspectiva quase colonizadora.

Será possível apontar caminhos a serem seguidos por outros?

Se, como discutido por Adorno (1995b), somos frutos desta cultura voltada às leis da mercadoria e do lucro, dificilmente conseguimos atingir a formação

cultural, sendo necessário o que ele chama de esclarecimento geral, fato que visivelmente não ocorre no explicitado por Camila e Lucas.

Os encontros se valorizam, como visto no item 7.1, mas as possibilidades de formação e emancipação não acompanham o mesmo ritmo.

Outra questão que apareceu com frequência nas entrevistas foi em relação à expectativa de cursar uma graduação, uma faculdade. Quando vislumbrada, mostra-se como o ápice acadêmico e a certeza de empregabilidade, o que sabemos não representar a realidade absoluta. Ademais, quando se é empregada, há ainda a variável de gênero que determina, frequentemente, as diferenças salariais entre homens e mulheres como explicitado nas estatísticas (BRASIL, 2014; OXFAM, 2018).

“Mas assim, a grande maioria diz que não quer mais. Que não vai querer mais, que vai sair, que vai continuar estudando. Muitas alunas minhas me disseram que iam fazer faculdade. Inclusive já tiveram algumas que terminaram e foram lá na escola atrás do histórico. Mas a maioria... É porque assim, depois que elas saem... É que São Paulo é grande, né? Muitas são do interior, muitas são de outros lugares e tão aqui, né? E você não encontra mais, você não tem esse vínculo mais, né? [...] Inclusive tem outras que são muito inteligentes, mas que não querem nada. Você fica todo dia “mulher, dá pra você fazer uma faculdade”, “você consegue fazer uma faculdade, se esforça mais!” você tem que ler isso, você tem que ler aquilo!”. Tem aluna, tem aluna que lê teóricos filosóficos que..., filósofos que eu li na faculdade. É assim. Aí esse tipo de aluna você vê que dá. Mas tem outros que... De fato, como elas mesmo dizem, “não, eu vou continuar”. Mas acho que a maioria tem a intenção” (Luana – Professora).

“E daí esse plano B é eu terminar pra fazer uma faculdade de direito. [...] Que se eu vou fazer uma faculdade de direito, eu vou ser uma boa advogada! Ah, sem sombra de dúvidas!” (Patrícia – 39 anos).

“quero terminar na rua. Vou fazer o supletivo na rua. Em um ano eu termino o meu supletivo e vou fazer minha faculdade. Gastronomia. Meu sonho é ser chefe de cozinha [...]eu tava lendo um livro... É... Sabedoria Instantânea! Eu tava lendo esse livro, e ele falava pra gente ter uma graduação nas nossas vidas. “A gente tem que estudar, temos que se empenhar porque nada cai do céu”. Resumindo, né? Aí, eu pensei e falei: “Tô aqui, tô presa, não sei quando eu vou embora. Vou estudar, porque quem sabe quando eu sair não faço uma faculdade e realizo meu sonho?!” (Tábata – 29 anos).

Na fala da professora Luana é perceptível que aponta o ingresso na faculdade como clímax do processo escolar e que muitas de suas alunas anseiam por este objetivo, mas demonstra a ideia de esforço e mérito, também exposta por

Tábata, como um fim em si mesmo, trazendo à luz as amarras alienantes do sistema, visto que, como discutido, o simples esforço e dedicação não são suficientes para romper com preconceitos históricos, sociais, de gênero e com todas as desigualdades postas e impostas.

A certeza da graduação é apontada por Patrícia e Tábata, ambas trazem a profissionalização como um sonho, o “sonho americano”, ou seja, como discutido no capítulo 5, creem que, por meio do trabalho duro, haverá ascensão e mobilidade social, o que se configura, dadas as marginalidades expostas, como uma propagação ideológica que contribui para que as relações de poder ocultem-se (HORKHEIMER; ADORNO, 1973b), e, ainda, a ideia de que, supostamente, via escolarização, haverá acesso aos bens de formação cultural, quando na verdade a indústria cultural se apropria e os sucateia, retirando-lhes seu caráter formativo, implantando valores mercantis e lucrativos que mantêm a população com a ilusão da formação. Diante das realidades econômicas e sociais apresentadas pelas alunas entrevistadas, ao que tudo indica, essas mulheres se e quando saírem do sistema prisional voltarão para os mesmos espaços pauperizados e precários de antes de sua prisão, e as habilidades e escolarização adquiridas durante a privação de liberdade servirão para, como discutido por Davis (2018a), propagar os padrões sociais hegemônicos.

Às mulheres pobres e negras cabe, quando não o trabalho como empregadas domésticas, os trabalhos entendidos como femininos: na cozinha - como citado por Tábata - secretaria, manicure, cabeleireira, maquiadora, etc. Como exemplificado nas falas que seguem:

“Isso, mais profissional, ajudar meus filhos também na escola. Porque o C. vai abrir uma escola, veterinário, a C. uma escola de balé e eu vou continuar com o meu salão. Cada um tem a sua opinião, e aí ela vai fazer faculdade de balé, o C. vai fazer faculdade pra veterinária e eu vou fazer faculdade de visagismo, aí, já pensou que legal os três na mesma faculdade, ia ser muito lindo” (Natália – 38 anos).

“[...] E também quero reabri meu restaurante de novo (telefone tocando ao fundo) porque eu gosto muito de comida do norte né, então meu restaurante vai sê só de comida do norte, eu, eu tinha já, eu tem o ponto né, só que aí minha filha foi trabalha lá, mas ela num acerto fazê comida do norte, o que que aconteceu? Perdeu todos freguêis” (Célia – 59 anos).

Tanto na fala de Natália quanto na de Célia, aparecem aspectos ligados ao considerado socialmente como feminino trabalho com visagismo e com cozinha.

Podemos notar, nesses exemplos, que ao longo dos anos, com a saída da mulher para o mercado de trabalho e com a ascensão do capitalismo, os campos de trabalho para as mulheres seguem vinculados a uma ideia de mulher construída, principalmente, ao longo do século XIX.

Todavia, passa por atualizações, o progresso que deveria libertar e emancipar a humanidade, cria novas amarras, o ambiente doméstico ligado historicamente ao feminino se expande para áreas de trabalho externas ao lar, como os campos da estética e beleza, uma vez que a imagem da mulher está voltada as ideias de sensibilidade, cuidado e também do belo.

Sendo assim, para ser plenamente mulher, não basta que seja apenas mãe e esposa exemplar, é necessário cuidar da educação dos filhos, como anteriormente discutido, e também da beleza. Aqui retomamos mais uma vez o discutido por Davis (2018a), uma vez que há espaços distintos e marcados em decorrência da origem étnica das mulheres que vão além da pobreza. Para a mulher branca, o espaço da beleza, via de regra, é acessado como cliente/consumidora, já para a mulher negra, constantemente, lhe é atribuído o espaço de trabalho na chamada indústria da beleza, como citado nas falas, e observado nos cursos profissionalizantes ofertados nas prisões femininas.

Ao falarem sobre suas vidas pós cárcere e dos planos de melhores empregos e vida melhor, nota-se que há uma tentativa de romper com as amarras do patriarcado, assim como com Juliette (HORKHEIMER; ADORNO, 1985b), mas esta é absorvida pela cultura dominante, seja na invisibilidade no mundo do crime (SOUZA, 2009), seja na marginalidade do mercado de trabalho pós liberdade.

Há na projeção da saída a idealização do acompanhamento e apoio à egressa como vemos na fala de Bruna.

“De verdade, a maneira que eu pensava antes de ganhar dinheiro fácil, hoje eu já penso diferente, entendeu? Já penso totalmente diferente, até mesmo quando eu trabalhava na rua, eu cheguei numa fase que eu trabalhei... o amadurecimento que eu tive aqui dentro, o sofrimento, toda a dor, toda a perca, de cada dia aqui dentro, todos os livros que eu li. Tinha tantos livros que eu devorei, entendeu? E conhecimento que eu obtive, se eu exercer lá fora, eu vou ser bem sucedida, bem sucedida. Se eu, não, eu quero exercer, entendeu? Em cursos que venha beneficiar a mim de uma maneira totalmente diferente do que eu achava que seria difícil, hoje se tornou mais fácil, na área da educação. [...] Me ajuda bastante, ajuda porque a gente pega e faz um curso, hoje na rua é... tem assistência pro, pro preso

quando sai, né? A gente tem uma assistência pra num sê discriminado, porque sempre tem uma discriminação, no trabalho, é tipo, fez alguma coisa errada, vai respingar em quem? na Bruna. E mesmo eu não fazendo, porque já aconteceu isso comigo no trabalho, de eu perde o serviço. De uma pessoa fazer as coisas erradas, e eu perde o serviço, depois de um período que eu já tinha passado na cadeia. Então isso aí pra mim foi... sabe... foi tipo um choque, um tapa na cara. De eu exercer... de 3 meses que eu tava trabalhando, era uma das... das... funcionárias que exercia...eu trabalhava numa lavanderia e eu gostava de fazer aquilo a noite, eu gostava muito, então quando eu pego uma coisa pra fazer, num incentivo que eu pego (E:Uhum) eu gosto de fazer direito, entendeu? E eu evolui e numa brincadeira me deram um tombo, uma rasteira, aonde que... me levaram pro mundo fácil de novo. Filho, casa, isso e aquilo, dificultou bastante. Então nessa parte da educação lá fora vai me servir demais” (Bruna – 32 anos).

Em sua fala, evidencia-se a possibilidade de, pelo estudo, vir a ser bem sucedida como êxodo de seu sofrimento, minimizando os desafios em ser egressa; ainda que ela própria os relate ao final de sua fala, evidenciando que parece ter consciência de sua situação, inclusive dizendo que as demandas de seu cotidiano a levaram novamente para o “mundo fácil”, carrega a esperança de auxílio ao egresso. Este auxílio existe, mas é incipiente e insuficiente para atender à demanda de todas as pessoas que saem das prisões, visto que as Centrais de Atenção ao Egresso e Família (CAEF's) não existem em todos os municípios paulistas em que há algum tipo de estabelecimento penal, como observarmos no mapa de Unidades Prisionais do Estado de São Paulo, no site da Secretaria de Administração Penitenciária¹³ e no site da Coordenadoria de Reintegração Social e Cidadania¹⁴.

Outro elemento que chamou atenção nas entrevistas é que duas das alunas entrevistadas expuseram a importância em conhecer e saber uma outra língua, no caso o inglês. Hipervalorizam seu aprendizado explicando que, devido a este conhecimento, serão bilíngues o que, conseqüentemente, abriria novos caminhos.

“Eu tô me dedicando muito, de verdade. Eu quero... Ah! Tô aprendendo a falar até inglês, entendeu? Quero trabalhar num navio... aí quero... quero uma outra realidade [...] Eu acredito assim que pra mim pode arruma um lugar melhor. Inigual... é inigual... eu já trabalhei como manicure, cabelereira na rua, foi uns salões mais humildes. Eu acredito que eu estudando e eu tendo um certificado, eu já posso trabalhar num salão melhor do que no centro, tipo no Morumbi, né? Num lugar melhor por eu tê um estudo, eu posso conseguir... Inigual é... a gente sendo bilíngue, eu sabendo fala o

¹³ <http://www.sap.sp.gov.br>.

¹⁴ <http://www.reintegracaosocial.sp.gov.br/db/crsc-kyu/archives/730c0d568136fad546a9e09a24b8a4ec.pdf>.

inglês eu já vô pode trabalha num navio, já vem um salário melhor, eu vô tê uma formação escolar. Que eu acredito que isso vai ajudar muito, nos lugar de trabalho que eu gostaria de trabalhar, entendeu? (E: Uhum) Porque cada lugar é um valor, né? E a gente sempre procura o melhor lugar. (E: Aham) Eu acredito que vai me ajudar muito sim, por causa da região de trabalho. [...] Quero, eu quero me forma em tudo que for em questão de beleza. Eu quero fazer os curso profissionalizante até mesmo quando eu saí... e também eu quero fazê... quero fazê é... como é que fala... ... Ai, agora me fugiu o nome da memória... ... enfim, tudo que envolve a beleza e muitas coisas as vezes, num precisa ser só cabelereira, manicure pra você fala de beleza... Estética é... é... pedólogo... é podóloga. São coisas que a gente tem que estuda um pouco mais, ter uma outra formação. Eu quero ir me aprofundando devagarzinho quem sabe amanhã eu num possa ter meu spar, né?” (Luciana – 29 anos).

“Isso vai me ajudar lá fora por que? Se o meu calo aperta, eu tenho um pouco de estudo. Eu posso ser secretária, eu posso fazer um curso de computação, eu posso fazer uma aula de inglês e uma aula de... A gente já aprende inglês aqui, eu posso sair e fazer um espanhol. Se eu posso falar duas línguas... Eu tô fazendo meu curso de maquiadora, então se eu sair com um grau de escolaridade completo, com os dois cursos, com um curso bilíngue... [...] Eu posso me inserir num navio, pra ser maquiadora num navio, entendeu? Eu posso atender em hotel chique...” (Patrícia – 39 anos).

Na fala de Luciana, além da reprodução das atividades consideradas femininas, a ideia de escolarização para o trabalho vincula-se à possibilidade de empregabilidade com beleza e estética, mas que, em decorrência de uma maior escolaridade, poderá alterar geograficamente seu local de trabalho, “tipo no Morumbi” ou então, traz, como Patrícia, a ideia de trabalhar em um navio ou hotel chique, no que o inglês aprendido na escola prisional supostamente as ajudaria.

É possível evocar aqui as dificuldades prováveis de serem encontradas, uma vez que o inglês ofertado nas escolas públicas do estado de São Paulo e, consequentemente, nas escolas prisionais dificilmente tornarão as alunas fluentes na língua. Além disso, vemos nas falas apresentadas que “a verdadeira satisfação dos indivíduos não pode ser enquadrada em uma dinâmica idealista que reiteradamente adia a satisfação ou desvia a mesma para aspirar algo nunca alcançado” (MARCUSE, 2001a, p. 23).

Há uma constante nas falas em se projetarem em realidades muito distantes das suas e das “permitidas” à sua classe social.

Poderíamos denominar essas tentativas de mudança de vida como a busca por outrarem-se, ou seja, tornarem-se outras pessoas, como pôde ser visto nas falas acima e complementada pela fala de Patrícia a seguir.

“depois que eu comecei a vir na escola eu descobri outra Patrícia Aquela que tava dormindo desde os meus dez anos de idade, sabe?” [...] Me reeduca. Pra me reeducar. Pensei bem, vou fazer quarenta anos, eu tenho filhos. Meu mais velho vai fazer vinte e três, mas o meu mais novo vai fazer quatro! [...] Como é que eu vou ensinar meu filho a fazer lição da escola sendo que eu parei lá em mil novecentos e oitenta? [...] Tudo mudou! Cartografia mudou, a Matemática tem mais coisas... E outra, e bom você vim pra escola, você se reeduca, você descobre que tem uma coisa dentro de você que você não sabia que existia” (Patrícia – 39 anos).

Diante de toda a disciplinarização imposta na vida no interior das unidades prisionais e todo o processo de desaculturação e mortificação dos sujeitos (GOFFMAN, 2010), é compreensível que se projetem em outras realidades, no entanto, embora se reconheça a possibilidade dessas idealizações se concretizarem, dado como se organiza a sociedade capitalista, dificilmente estas mulheres conseguirão se livrar de todo o suposto mal que representam real ou simbolicamente.

Dada a organização e estrutura social, somos constantemente impelidos à busca pela felicidade e pela libertação, mas como Adorno (1995c) apresenta, a sensação é que quanto mais se faz, se produz nesta sociedade, altamente administrada, mais claustrofóbicos nos sentimos.

Tal claustrofobia do mundo administrado parece ser ainda mais potente no interior das unidades prisionais, levando as mulheres entrevistadas à tendência em colocarem sua felicidade projetada nos bens e serviços, ou seja, no consumo. Reproduz-se, assim, a lógica de que

a alienação do trabalhador completa-se na sua transformação em consumidor. Ainda quando não consome as (outras) mercadorias propagandeadas pelos meios de comunicação, consome as imagens que a indústria produz para seu lazer. Consome, aqui, não quer dizer apenas que o trabalhador contempla essas imagens, mas que se identifica com elas, espelho espetacular de sua vida empobrecida (KEHL, 2004, p.44).

Notamos nas falas apresentadas em interface com a citação acima o quanto a visão de uma vida melhor, idealizada reflete a espetacularização da vida na tentativa de suprir as lacunas do reconhecimento do outro e de si como humanas, busca-se superar sua vida empobrecida.

Tornam-se escravos desta busca incessante pela felicidade e não notam que, ao buscarem sua suposta liberdade, na verdade, estão renunciando a ela (MARCUSE, 2001a).

Ao longo das análises realizadas nesta categoria, foi possível notar como o mundo do trabalho e a escolarização estão intrinsecamente relacionados, sempre atrelados à expectativa de uma “vida melhor”, à busca pela realização pessoal, profissional e ao encontro da felicidade. O que foi constituindo-se como cruel e doloroso nas relações e diálogos estabelecidos ao longo das minhas idas às unidades prisionais é que foram escancaradas uma série de contradições. Se, por um lado, há certa viabilidade em se conseguir melhores empregos devido a uma maior escolarização, por outro lado, essa possibilidade não é plena para aquelas mulheres ditas “livres” por que seria para as socialmente marcadas como “criminosas”?

Por fim, se trabalho e escolarização se vinculam, e ambos se encontram absorvidos pela lógica da produtividade e reprodutividade, enquanto não houver mudanças nos paradigmas e rompimentos com as desigualdades e barbáries, a escola pouco conseguirá contra o ódio e a opressão dentro e fora dos presídios, pois a barbárie e a anti-civilização são negadas, e ao negá-las, impedimos a luta e a resistência contra elas.

7.4. – (Des)estrutura escolar

Nesta última categoria, serão analisadas, principalmente, falas dos professores e das professoras das unidades prisionais, para isso, dadas as diferenças entre as prisões visitadas, vale ressaltar que Luana e Wagner são professores da Unidade 1; Lucas, Amanda e Neuza, da Unidade 2; e Rosângela, da Unidade 5. Além disso, esta categoria será perpassada pelos dados referentes às observações realizadas ao longo das visitas.

Aqui poderemos verificar mais detidamente as lacunas e (des)organização das escolas dentro das prisões, além de sua submissão ao sistema punitivo.

As observações das aulas foram possíveis, efetivamente, só nas Unidades Prisionais 1 e 2, na Unidade 5, foi possível conhecer o espaço físico da escola, mas em decorrência da ausência da única aluna matriculada, a observação da sala de aula não ocorreu. Quanto as demais unidades citadas no capítulo “(Des) Caminhos Percorridos”, as observações não aconteceram devido ao descrito no Apêndice D.

Em todas as unidades conhecidas, as salas de aula eram multiseriadas, ou seja, há alunas de diferentes ciclos educacionais em uma mesma sala, o que também foi observado em minha dissertação (RAMOS, 2013).

As salas são divididas em: Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio. A organização da aula e da sala, nas unidades visitadas, ocorria de acordo com o critério do professor ou da professora da sala, mas foi recorrente, como veremos a fala de que se prepara uma única aula para todas as alunas, alguns dos professores e professoras relataram que, ao iniciar as aulas, fazem uma análise/avaliação com as alunas para terem noção dos conhecimentos delas, e a partir disso preparam uma única aula para a sala toda.

Foi observado, ao longo das entrevistas, que, frequentemente, nem aluna, nem professores sabiam as séries que cada aluna estava oficialmente.

“É, não foi. É a maior dificuldade que eu tenho! Porque, por exemplo, eu tenho aluna que ela acompanha o conteúdo do Ensino Médio e está no Fundamental, mas, pelo que ela já vem desenvolvendo nesse semestre comigo, eu já percebi que ela tem base pra acompanhar o Ensino Médio. E eu tenho que dar conteúdo do quinto ano, do sexto ano, né? – que é a quinta série – por conta daquelas duas que não conseguem acompanhar. Então são quatro, praticamente quatro meses, dois bimestres, aí eu pego duas dis..., dois conteúdos do sexto ano, depois posso dar um do sétimo, um do oitavo ano, e assim eu vou tentando. Só que antes, no primeiro dia de aula, que que eu faço? Eu faço uma avaliação diagnóstica, um diálogo. Porque se cê já começa com atividade escrita, elas também já não voltam pra escola, entendeu? [...] Porque eu já tentei fazer assim, dividia a sala, “ah, esse aqui é sexto, esse aqui é...”, não dá! Porque são quarenta minutos. Se você fosse professor do Fundamental I não dava porque você passa cinco, quatro, cinco horas com aquela turma. A gente não, a gente vai mudando, então não dá [...] Sim, e até pra própria aluna porque tem informações que elas nos pedem que a gente não sabe dar. Suponhamos: “Professora, que série eu estou?”. Não sei! Eu não sei uma série que nenhuma aluna minha tá, porque você não recebe essa informação, é multiseriado. E quando vem a lista do aluno, não diz a série que o aluno tá” (Luana – Professora).

“Pra Fundamental II é pior porque é sexto, sétimo, oitavo e nono. São quatro, numa sala só. Ó, de primeiro eu tive dificuldade. Depois eu fui analisando o perfil. Por quê? De primeiro contato, eu passei uma avaliação diagnóstica. Eu peguei um pouquinho de algumas habilidades e competências de cada ano e coloquei numa avaliação diagnóstica. Quando elas fizeram e me entregaram, eu pude avaliar, né? Qual o nível que..., qual é a média de nível que elas têm. Aí eu vi que umas estão no nível sexto... Porque é assim, a burocracia aqui diz que umas estão no sexto, sétimo, oitavo pra mim não é nada. O que me diz que ela sabe mesmo é ali, ela me mostrando, porque não

adianta você ficar... Que nem, tem uma moça lá que tá no sétimo ano. Ela não é alfabetizada. Eu peço pra ela fazer uma continha de mais e ela não sabe nem qual é o sinal da operação de adição. Aí então eu vi. Eu pensei “quer saber eu vou pegar do básico e vou subindo”. Então o que que eu faço hoje em dia? Tem muita circulação de meninas, né? Eu dou conteúdo de sexto ano e vou caminhando com elas. Dependendo do que elas me respondem, eu avanço. Mas eu começo lá de baixo” (Wagner – Professor).

Na fala de Luana, vemos sua dificuldade em trabalhar com as diferentes etapas de aprendizagem das alunas, o que é bastante compreensível visto a organização das escolas nas unidades. Tanto ela como Wagner relatam avaliar as alunas para saberem o ciclo em que estão, no entanto, tal avaliação acaba servindo não para especificar os conteúdos de cada série, mas para que o professor consiga preparar uma única aula para todas as alunas da sala.

Na fala de Wagner aparece também a questão da alta rotatividade das alunas que é uma constante no sistema prisional, as evasões ocorrem por diversos motivos: transferências de unidades, liberdade, punição, etc. O último motivo citado foi o que ocorreu no caso de Patrícia, citado adiante.

Tanto as desinformações quanto as entradas e saídas repentinas são indícios de que o controle da escola nas prisões está nas mãos da Secretaria de Administração Penitenciária (SAP), e não nas da Secretaria de Educação (SE), o que será validado também em outras das falas apresentadas.

Todas as atividades submetem-se “às regras da casa” desde a entrada dos professores e das professoras na unidade até o acesso a materiais e conteúdos escolares.

Como visto com Castro (2015) e Baratta (2017), o encontro da escola com a prisão só potencializa o sistema de controle e disciplina, além de marcar qual escolarização é digna de ser ofertada às mulheres privadas de liberdade.

Na Unidade 1, isso fica evidente com a observação da estrutura física da escola que é extremamente precária. Como o prédio da prisão é da década de 1920, há no edifício um pé direito bem alto, o pavilhão onde ocorrem as aulas foi organizado posteriormente ao planejamento e construção da unidade, , sendo assim, as divisões realizadas entre as salas são improvisadas por paredes de *Drywall*, que não vão até o teto, dificultando a acústica adequada em todo o espaço como relatado por Luana.

“Por isso que a gente tem que correr com o conteúdo, porque tem essas intervenções também. [...] Olha, sendo sincera, eu acho que esse projeto foi criado, mas foi, a implantação dele foi assim, jogou. Entendeu? Vamos só criar só pro povo saber que existe, porque, você vê, a estrutura é precária. Dessa unidade principalmente. Por exemplo, ontem choveu, você tem que afastar aluna com medo do teto cair. Molhou a menina... A gente tava fazendo atividade aqui fora e ela esqueceu o material, molhou o caderno da menina todinho. A estrutura física é super precária. Ó a sala dos professores, né? Ó o barulho, a acústica daqui. Volta e meia chega um professor na sua porta: “Prô, licença...”, “oi”, tem como você falar um pouquinho mais baixo aí porque eu tô fazendo atividade?”. Cê jura que você tá falando baixo? Porque professor fala alto por natureza, né? Você tá convicto que tá falando baixo e tem um professor pedindo pra você ser mais silencioso. Então a estrutura física daqui, sinceramente, só as cadeiras são boas, o resto... (RISOS). Deixa muito a desejar. E a parte pedagógica... Então, os professores são bem esforçados, são muito bons os professores – a maioria, né? Sempre tem algum assim, mas eu também não sei, porque eu trabalho com os da manhã, e a maioria da manhã são bons. O auxílio que a escola dá pra gente é muito bom. Sinceramente, no que compete a eles e que eles podem resolver, eu nunca tive dificuldade, não. E olha que já é o terceiro diretor que eu pego lá na unidade. Seu Lorival, Dona Mariana e agora Carolina. Já é o terceiro e eu nunca encontrei dificuldade com eles” (Luana - Professora).

Nesta fala vemos tanto as dificuldades estruturais das salas quanto a influência do sistema penal sobre a escola; o que a professora chama de “intervenções”, diz respeito às *blitz* que ocorrem sem aviso prévio, suspendendo todas as atividades da unidade para que as celas sejam revistadas.

Além disso, ela se queixa da falta de apoio da escola vinculadora o que também foi apontado por outros professores.

“E daí outra coisa que eu acho que deveria que ter era um coordenador aqui, só para o sistema prisional. E que viesse aqui! Porque é complicado pra gente. A gente trabalha aqui, mas a gente tem que se remeter à escola, porque tem muitas coisas que se a gente falar aqui o pessoal não vai gostar. O pessoal da educação não vai gostar. Aí eles diz logo assim: “é porque a gente não trabalha só com esse setor”. Por exemplo, essa questão de nota, se tivesse alguém - de cadastrar aluno –, se tivesse alguém, por exemplo um coordenador pedagógico que poderia desenvolver essa atividade [...]. Só pra suprir as nossas necessidades, porque você também chega no ATPC... Não é nada relacionado a gente! [...]: Muitas informações desencontra, e é isso mesmo, não tem respaldo. É muito raso o respaldo que a gente tem” (Luana – Professora).

“Ó, nós fazemos ATPC, né? Que é uma reunião pedagógica entre professores uma vez por semana. Aí fica uma hora e quarenta, né? E como eles não têm, não sabe de... Não têm essa noção, essa experiência, esse convívio com elas, com a escola ou com a unidade mesmo, não tem nenhuma base pra dar pra gente, né? Então é

assim, nas reuniões a gente simplesmente senta, nós discutimos, lógico, de uma aluna ou de outra, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo, mas é nós que nos viramos” (Wagner – Professor).

“É, até o ano passado nós estávamos com coordenador que ele era só pro projeto prisional. (E: Aham.) Tá? Mas por conta de algumas mudanças do governo nós não temos mais um coordenador voltado somente pro projeto. Nossa coordenadora agora é a mesma que é a coordenadora lá, do ensino regular, também é do projeto. Então tá tendo muitas dificuldades porque elas não conhecem a realidade do presídio. Porque é uma outra realidade” (Rosângela – Professora).

Com as mudanças legais e a obrigatoriedade das salas de aula nas prisões estarem vinculadas a SE, a sensação que por vezes ocorre é que se elaborou uma propostas pró-forma para suprir o exigido legalmente, e, como dito por Luana, parece que o projeto “foi jogado”.

As professoras e os professores que dão aulas nas prisões estão vinculados a chamada escola vinculadora (escola “da rua” responsável pelas documentações e organização das salas na prisão), como funcionários do Estado de São Paulo, as professoras e professores precisam cumprir o chamado ATPC (Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo)¹⁵, citado por Luana e Wagner.

A queixa que apresentam é que acabam sendo subordinados ao funcionário da unidade prisional responsável por todo o setor ligado à educação, uma vez que a coordenação pedagógica da escola vinculadora pouco ou nada sabe sobre a prisão e suas especificidades. Além disso, não necessariamente os professores e as professoras que trabalham na unidade prisional se encontram no mesmo ATPC. Tanto Luana quanto Wagner e Rosângela reconhecem a importância de um apoio pedagógico próprio para o projeto e suas especificidades.

É possível verificar aqui, como citado por Moreira (2007), que a escolarização na prisão, mesmo com as alterações legais

tem sido desperdiçada, devido aos múltiplos limites impostos pela dinâmica de funcionamento da prisão, pelos problemas estruturais e de gestão e por limites na atuação dos educadores e educadoras, que muitas vezes têm uma prática que faz da escola apenas mais uma engrenagem da máquina prisão (MOREIRA, 2007, p.49).

Diante do apresentado, podem ser percebidas as dificuldades apontadas por Carlen (2007) e Onofre (2009; 2016) no que se refere às dificuldades em

¹⁵ Para outras informações consultar a Resolução SE nº de 19/01/2012. Disponível em: http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/08_12.HTM?Time=29/01/2019%2000:05:37. Acesso em: 28 jan. 2019.

compreendermos e viabilizarmos espaços educativos e escolares no interior das prisões, uma vez que o que rege estas instituições é o controle, a punição e o isolamento social, sobrando pouco espaço para as relações genuínas de troca.

Podemos entender que estas trocas, mesmo que perpassadas por aspectos ideológicos e contradições, apresentam-se como espaços de resistência, seja por conta da pena privativa de liberdade, seja por conta da precarização do trabalho vivida pelos professores e pelas professoras que estão nas salas de aulas nas prisões, como discutido ao longo da categoria 7.1.

Ainda a respeito da falta de apoio aos professores, podemos retomar a citação de Portugues (2001)

a) a ausência de uma coordenação pedagógica própria que atentasse para a especificidade daquele ensino, daquela instituição; b) a não constituição dos educadores num corpo docente, que permaneciam isolados cada qual em suas salas de aula; c) a não existência de trabalhos coletivos deste quadro, que ensejassem a organização das atividades escolares pautadas por preceitos pedagógicos; d) a não identificação destes profissionais com o exercício docente no interior da prisão, recaindo sua motivação na gratificação salarial; e) a não caracterização deste ensino na modalidade de suplência, regulamentado desde 1971, pela Lei 5692/71; f-) a impropriedade da extensão do ensino da rede regular destinado às crianças, aos adultos presos. A prisão, seus procedimentos e finalidades, são obstáculos à educação escolar, indubitavelmente (PORTUGUES, 2001, p.105).

Diante da citação relacionada a um período anterior a inserção dos professores da rede estadual de ensino nas unidades prisionais, percebemos que, mesmo com as mudanças legais e a tentativa de responsabilização do estado pela escolarização nas prisões, é possível verificar que a escola na prisão se encontra hoje com um funcionamento muito semelhante ao das décadas de 1960 e 1970, até a responsabilidade ser transferida para a Funap, período ao qual Portugues (2001) está se referindo no trecho apresentado.

É importante frisar que, , somente após a oficialização das mudanças em âmbito federal, o Estado de São Paulo reassumiu de fato as escolas nas prisões, e, neste novo modelo, ainda vemos vestígios de aspectos apontados por Julião, (2003; 2009), Onofre, (2009; 2011; 2016), Penna, (2007; 2011), Araújo, (2005) e Lourenço, (2005), de que as escolas existentes nas prisões até antes dessas mudanças assim como os trabalhos ofertados não visavam e não visam à promoção da cidadania,

mas tratam-se de uma espécie de terapia ocupacional ou passatempo para o combate à ociosidade, como relata Luana.

“Aí, às vezes, como é muito complicado dar aula aqui, né, por causa da estrutura, mas a gente sempre traz algum filme relacionado a disciplina... Quando elas tão, por dentro é muito giro, alguma coisa assim, né, de intervenção, a gente já bola uma atividade diferente. As vezes tem atividades – eu sou bem sincera -, às vezes tem atividades que nem se encaixa no meu conteúdo...” (Luana – Professora).

Luana diz que em muitos momentos a atividade desenvolvida, mesmo não se vinculando ao conteúdo da disciplina ministrada, acaba sendo realizada para passar o tempo, distrair dos problemas da prisão, etc. Em uma das idas à Unidade 1, não foi possível realizar nenhuma entrevista, nem observação de aula, pois todas as salas estavam assistindo um filme, e pelo que foi dito, posteriormente, a exibição foi para passar tempo e mudar o foco da prisão, uma vez que tinha ocorrido uma *blitz* dias antes. É claro que reconhecemos que atividades extra conteúdo são importantes para o desenvolvimento de diferentes aprendizagens, mas até que ponto este é o objetivo? Ou essas atividades são realizadas sem nenhum propósito?

Ainda sobre as estruturas físicas das escolas, nas três unidades em que as entrevistas ocorreram, foi possível ao menos conhecer os espaços das salas de aula. Em todas essas unidades, as salas de aula estavam em locais não destinados originalmente para tal fim. Nas unidades 1 e 5, os espaços eram bem improvisados, a primeira já foi descrita, e na unidade 5 havia apenas uma sala de aula no meio da unidade, sem banheiro e sem janelas. Além disso, o que também foi explicitado é a ausência e/ou a baixa qualidade de materiais escolares, bem como as interferências diretas da rotina da prisão na da escola, influenciando inclusive os conteúdos trabalhados em disciplinas como Física.

Na unidade 2, foi possível verificar uma melhor organização da escola. Há salas de alvenaria com ventilação e iluminação boas, também existe uma sala dos professores mais organizada e equipada inclusive com computadores. Das unidades visitadas, esta é a única que oferecia aulas no período noturno, o que contribui para que as mulheres que trabalham durante o dia tenham seu direito de acesso à escola garantido e também se escolarizem. No entanto, há duas problemáticas na organização da rotina escolar decorrentes de seu atravessamento pela rotina prisional nesta unidade.

A biblioteca da unidade 2 é bem equipada, porém a funcionária/bibliotecária é uma das mulheres privadas de liberdade, e seu horário de trabalho é durante o dia, ou seja, a noite as alunas não têm autorização para acessar a biblioteca, uma vez que não há a presença da funcionária responsável.

Outro problema dessa unidade é que, como as aulas começam em um horário muito próximo do final do expediente de trabalho, o início das aulas coincide com o horário do banho quente, o que acaba inibindo a participação de algumas mulheres que gostariam de estudar e/ou causando maior evasão nos períodos de outono e inverno.

Essa situação do banho esteve presente nas queixas das alunas ao longo das observações realizadas nesta unidade e também pode ser vista na fala de Amanda, que também tece comparações entre a estrutura física da unidade 2 com a unidade 1, além de introduzir as interferências das “regras da casa” na rotina escolar.

“Dessa prisão específica, eu acho muito boa, eu acho muito boa! É tanto com relação ao material quanto a estrutura física, aqui a gente tem, por exemplo, a gente tá numa biblioteca, ela é super equipada, a gente tem material didático pra funcionar, para trabalhar com elas e funciona, tem os dicionários, tem o data show, tem a televisão com vídeo que funciona, tem o rádio, agora eu tenho rádio para trabalhar, é, quando tá calor os ventiladores funcionam o quadro branco funciona. Então assim, aqui é muito bom mesmo. Em outras penitenciárias, eu trabalho na outra penitenciária, por exemplo, é mais precário é mais complicado de trabalhar. As salas de aula não são de paredes de alvenaria, são de tapume, na verdade eu não sei o material, elas não vão até no teto, tem mais ou menos um metro e, sei lá, setenta, oitenta de altura. Os outros professores lecionando, você consegue ouvir os outros professores lecionando, isso atrapalha, não tem porta, não tem ventilador, o quadro negro é ruim, é giz, é ruim, e tem uma dificuldade grande de você passar um vídeo, porque o equipamento é antigo, tá, tem outras facilidades, sim, tem outras facilidades, mas a física mesmo, aqui é muito bom. [...] às vezes a estrutura da casa não tem como a escola interferir infelizmente, a gente tem que respeitar as regras da casa não há meios de você chegar metendo o bedelho aonde você não foi convidada né, mas é só isso assim, de resto... [...] Isso é real, aqui dentro isso é uma realidade! Então se você tem um horário para tomar banho quente no inverno, por exemplo, isso vai atrapalhar, isso vai atrapalhar a escola, 'eu vou deixar de estudar, porque eu vou tomar banho quente', 'porque, se eu tomar banho frio, eu fico doente, e aí, depois eu preciso passar no médico para ter o remédio', porque eles não dão remédio sem receita, obviamente pra segurança delas mesmas. Então assim, Talvez se você tivesse um horário de liberação quando elas já tivessem estudado, perdão, já tivessem tomado banho, já tivessem jantado, talvez fosse mais fácil nesse contexto, mas, por outro lado, eu não sei se poderia, porque eu acho que tem um horário para elas circularem na área externa” (Amanda – Professora).

Vemos na fala de Amanda os contrapontos da comparação entre as unidades apresentadas; na fala da professora Luana, a respeito da acústica e da presença de goteiras na unidade 1, ela aponta também a escassez dos recursos e a dificuldade em realizar alimentação no interior da unidade, visto que, para levar algo “da rua” para o interior, haveria maior demanda de tempo de revista e procedimentos de entrada na prisão e esta não oferece nenhum tipo de alimentação e/ou espaço para que ocorram.

“Até mesmo o lanche. Porque quantas horas a gente passa na escola? No nosso intervalo aqui a gente não faz praticamente nada, são dez minutos. Mas lá tem um café [referindo-se à Unidade 2], entendeu? Porque a guarda faz um café e deixa lá. Aqui, ó! Ó a bagunça que é isso aqui! Nem parece uma sala de professores. (E: Uhum). Entendeu? Se você quiser trazer um lanche, pra não ficar todo dia tendo que passar na revista, pra você tomar um lanche na hora do intervalo, você não pode deixar aqui porque não tem onde guardar. Os meus diários eu fico morrendo de medo de deixar aqui, porque se um diário desse some, eu sou a responsável pelo diário. Mas só que aqui eu já falei pra eles, se sumir a culpa não é minha, está na unidade. Se não tem tranca o armário, a culpa não é minha. O diário tem que permanecer na unidade escolar. A lei diz isso. Então se sumir a culpa não é minha! Não deixo no armário lá fora, não deixo na minha casa, eu deixo aqui! Até um dia eles se tocarem que a gente tem que ter um armário! Quantos anos tem esse projeto e é assim?” (Luana – Professora).

Luana apresenta em sua fala, além da questão da alimentação, a indignação com a falta de organização das escolas nas prisões, com problemas estruturais e de guarda de material dos professores e a desatualização dos materiais ofertados às alunas.

“É. E aqui, pelo menos, tem muito livro que dá pra todas usarem. [...] Também trago muita atividade impressa. Embora aqui não forneça, eu mesma trago, né? Vou montando de qualquer forma pra economizar material, né, e trago pra elas pra elas fazerem, porque se for copiar, também não dá. Se for pra copiar tudo não dá. Você viu o tamanho do quadro, né? Aí tem essas duas alunas que eu falei pra você, elas copiam muito lento, então você perde muito tempo com isso [...] O material vem atrasado, quando vem livro didático vem livro que já saiu de linha – vamos dizer assim –, de linha, né? Que não é o da proposta. Às vezes você não consegue... Ah, as vezes você não consegue desenvolver algumas atividades, por exemplo, de filme porque, vejam só, em uma unidade desse tamanho é o mesmo setor educação e produção. Só tem um aparelho de DVD. Você tem que reservar com antecedência, ver disponibilidade pra fazer. Senão tiver... Escassez de material... É horrível. [...] Tem que ter autorização. Tudo isso. Aí a gente pede previamente. Só que, por exemplo, pela questão da autorização, a gente já sabe porque tem as normas e tudo. Mas, por exemplo, se você consegue autorização, “ah, prô, até consegui a autorização,

mas o DVD vai ser utilizado pelo pessoal da produção.”. Você já não pode fazer aquela aula, entendeu? Essa televisão? Linda, maravilhosa! Não funciona [referindo-se a TV de tela plana que se encontra “jogada” na “sala dos professores”]. A que funciona é aquela de tubo, desse tamanho que tá ali. Essa daqui pra funcionar, e é melhor você nem tentar porque você perde sua aula. O som tá ali, mas não pra usar porque a acústica não permite. Não dá pra você trazer uma música, uma coisa diferente. Não dá! Entendeu?” (Luana – Professora).

Em seu discurso aponta a dificuldade logística em apresentar outras formas de conteúdo para além dos livros didáticos e quadro, uma vez que há apenas um aparelho de DVD, e a televisão antiga é a única que funciona. Além disso, como a acústica da sala é prejudicada pelas paredes improvisadas, acaba sendo inviável realizar alguma atividade que não seja compartilhada por todos, como foi a exibição do filme que comentei.

Outro ponto que deixa claro que as ordens dadas são da SAP diz respeito a algumas intervenções nos conteúdos ensinados, como exemplificam Lucas e Wagner.

“Infelizmente, nós por estarmos numa prisão, nós somos muito limitados a algumas coisas, por exemplo eu não posso trabalhar com fio, então por exemplo, eu quero construir um sistema elétrico com aluno meu do ensino médio, não consigo porque eu barro nessa possibilidade né, até em alguns momentos a diretora da escola ela consegue a liberar algumas coisas, só que assim, a gente não consegue ter um espaço físico por exemplo pra criar um laboratório, seria uma boa e uma excelente ideia poder juntar o a parte teórica com a parte prática, só que infelizmente eu não tenho esse espaço e não consigo enxergar a possibilidade de ter, por conta das regras disciplinares que a unidade tem, e assim, eu, enquanto professor venho de fora, eu não posso exigir que a unidade se adeque a mim, pelo contrário, eu estou vindo de fora, eu tenho que me adequa a unidade, então o que é possível nós fazemos, ano passado por exemplo, eu fiz alguns experimentos com elas que foram possíveis e pertinentes e que foram possíveis trabalhar aqui, mas os outros que eu quero fazer eu não posso, a gente tem que sempre adaptar ou buscar coisas que sejam relevantes pra trabalhar aquele conteúdo” (Lucas – Professor).

“É, ‘isso não pode fazer’, ‘o professor não pode entrar com isso’. Por exemplo, a gente não pode mexer com mídias digitais aqui dentro. Materiais, tem uma série de restrições que não pode [...] A gente tem que tomar um pouquinho de cuidado na Física, né? Porque as vezes elas têm umas curiosidades que eu não sei da onde surge (RISOS). Né? E de materiais isolantes, condutores, né? O que pode abafar sinais... Elas têm umas perguntas assim, aí você tem que tomar cuidado, né? [...] Se elas tão perguntando isso quer dizer que por aí, né?... tem.” (Wagner – Professor).

Os professores apresentam, como exemplificado, limitações específicas para as disciplinas vinculadas aos estudos de física, uma vez que alguns dos conceitos e conhecimentos ligados a esta área poderiam, supostamente, serem utilizados de forma a ameaçar o controle e a disciplina do sistema penal, tão valorizados como discutido por Foucault (2013).

As reclamações sobre a falta de material ou a sua não disponibilidade são apresentadas não apenas pelos professores, mas também pelas alunas como podemos ver abaixo.

“Eu acho que eles poderiam deixar a gente estudar com mais dignidade. [...] Porque a Secretaria manda cola, lápis de cor, guache, giz de cera, tesoura... A gente não recebe, a gente recebe um caderno, um apontador, um lápis e uma caneta. Eles mandam caneta vermelha e caneta azul, eles dão uma caneta azul só pra gente. Eles dão uma caneta, um lápis, uma borracha, um apontador e um caderno. E uma caixa de lápis de cor – com muito custo! E não é assim. [...] Porque se a Secretaria manda pra gente, tem que chegar na gente. Um tubo de cola pra cada, uma caixa de giz de cera pra cada, porque a gente tá vindo pra escola porque a gente quer estudar, a gente quer aprender. Mas você tá fazendo um trabalho, você tem que levantar toda hora: ‘Ô, seu Marcos...’, ‘Ô, Dona Marina, me dá a cola..’. Aí eles dão um restinho de cola no vidro. A tesoura tava cega, depois que eu mandei um pipa pra Dona Ana, tá com uma tesoura boa lá. Mas eu acho que é o direito da gente, eu acho que eles tinha que dar o material da gente. [...] Eu acho que poderia.. Eu acho que deveria mudar, eles deviam dar um pouco mais de cá.., dignidade pra gente estudar! Eu não venho pra escola só pra dar um caderno e depois voltar pra vender meu caderno e cheirar cocaína e fumar maconha. Eu venho pra escola porque eu quero aprender! Eu queria ter meu material, porque não pode entrar da rua. Guache não entra da rua... Muita coisa não entra da rua” (Patrícia – 39 anos).

“Elas guardam pra material, porque, como tem muita rotatividade, o que que a presa pode fazer? Entra na escola - ela é esperta -, fica dois dias, pega o material e não vem mais. O que ela faz com o material no pavilhão? Vende. Até acho legal isso deles, segurar um pouco. Não precisa segurar muito. Segura um pouco, vê se a moça tá com compromisso mesmo de continuar na escola, e entrega. [...] Bom, ó, por exemplo, se elas ganhassem cadernos de geometria daria pra trabalhar com elas geometria plana. Se entregasse lápis de cor... – porque sabe que pintar também relaxa, né? Qualquer tipo de material... Porque elas entregam um caderno pras meninas. Elas tem quantas disciplinas? Várias. O que que elas fazem? Elas separam. Eu passo muita coisa no Ensino Médio. Às vezes, tipo, minha disciplina falta duas folha e não tem mais, aí elas tem que ficar pegando, elas grampeiam folhinhas, né, e entregam pras meninas. Tipo quatro folhinhas e entregam. Se tivesse um material bom pra elas daria pra fazer um trabalho muito bom. O professor de artes mesmo se vira com o que tem aí. Daria pra fazer um trabalho ótimo” (Wagner – Professor).

É possível identificar nessas falas um controle exacerbado sobre os materiais escolares disponibilizados pela SE. Podemos inferir que o cuidado com o material para que não seja comercializado no interior da unidade é uma preocupação válida, no entanto, diante de outras variáveis de controle e disciplina que norteiam o sistema penitenciário, é possível que esta contenção configure-se apenas como mais uma “sutil” desvalorização da escola pelo sistema.

No caso de Patrícia, na semana seguinte a sua entrevista, ela teve seu direito à educação suprimido por usar um dos materiais enviados para uso delas, mas que fica retido com as Agentes Penitenciárias. Soube pelas agentes, professores e outras alunas que Patrícia, além de perder a vaga na escola foi enviada para o isolamento.

É curioso que toda a disciplinarização e restrição do sistema penal, acaba por vezes sendo bem visto, pois com a ascensão da sensação de insegurança, violência e criminalidade associadas à precarização do ensino público do estado de São Paulo, o excesso disciplinar das prisões soa como essencial, como dito pelo professor Lucas, mas que também pudemos observar em trechos expostos em outras categorias de análise.

“Assim, eu... eu vejo que dentro do sistema prisional, não sei se por causa da estrutura que elas têm de.. de uma rigidez muito complexa, eu acredito que funciona melhor do que a rua em alguns aspectos, em outros é diferente, é, às vezes a gente tem que ter um equilíbrio, entre o que eu posso comparar como alunas de conteúdo de trabalhado e também sobre a vida que elas passam, né, a gente tem que ter meio que um pé entre a vida e a educação, entre a matéria específica, se a gente não souber conciliar os dois, a gente acaba não conseguindo trabalhar, mas eu vejo que em questão de trabalhar na rua e aqui, aqui elas têm muito mais vontade, tem muita diferença que por não ter tecnologias na aula de matemática ou de física por exemplo, eu vejo que elas são obrigadas a fazerem cálculos manualmente, o que na rua não se existe e acho que assim que também é uma forma melhor de se apreender certos conteúdos”
(Lucas – Professor).

Em sua fala é possível analisarmos tanto a hipervalorização da disciplinarização dos corpos como aspectos que parecem, por um lado, valorizar as alunas, pois são esforçadas e realizam contas sem auxílio tecnológico, aproximando-as da imagem da aluna ideal, contudo, por outro lado, parece marcar a classe social das alunas ao falar “da vida que elas passam”, o que não deixa claro se há um cuidado em relação a isto para programar suas aulas, ou se é um aspecto que diminui as expectativas em relação às alunas.

Notamos aqui a fusão entre as duas instituições, potencializando o abordado por Baratta (2017) e Castro (2015) sobre as diferentes formas e abordagens da escolarização dependendo de a quem é ofertada. No caso das prisões femininas e do Estado de São Paulo, temos ainda a precarização dos contratos de trabalho dos professores e das professoras que, ao assumirem as aulas nas prisões, são levados a lecionar o que chamam de bloco de disciplinas escolares, com isso, por vezes faz-se necessário ministrar aulas de conteúdos para os quais não se tem formação específica como exemplifica Luana.

“Aqui eles atribuem todo esse bloco. Só que é assim, é... Pra mim não foi tão... Foi mais difícil Geografia, porque por mais que eu tenha visto na Educação Básica, estudado Geografia, mas na minha grade curricular da faculdade eu não tive Geografia. Porém Filosofia e Sociologia eu tive. Então dessas aí eu até consigo porque eu tive uma base, só que Geografia, não. (E: Aham). E foi difícil. Muito difícil! Ainda eu me adapto né? Depois de tanto tempo eu ainda vou me adaptando. Aí eu tenho que tá olhando o currículo do Estado, estudando em casa... Não que eu não estude, mas pra essa é muito mais do que as outras, né? [...]. Eles explicaram na hora da atribuição, e daí explicou tudo como funcionária e tal... E que inclusive falou que poderia pegar os blocos, por isso que não precisava constatar a grade. Eu acho que também é por conta - essa questão de pegar todo o bloco de aulas - eu acho que é por conta de não ter tanto profissional que queira se inscrever, porque se você vê tem acho que Ciências a tarde, que tá sem professor ainda. Desde o início do ano” (Luana – Professora).

O que se vê em sua fala são aspectos ligados à precarização do trabalho e também à ausência de professores, fato que, segundo Luana, parece ter influência do imaginário social vinculado àqueles que cometem atos ilícitos, que é ainda mais potencializado quando nos referimos às mulheres privadas de liberdade, que, por serem mulheres, prioritariamente negras, solteiras e mães são invisibilizadas e ainda mais marginalizadas, como discutido por Davis (2018a).

Por fim o que foi perceptível ao longo das visitas e entrevistas, é que o Governo parece limitar-se a ofertar o básico com recursos limítrofes, para suprir as exigências legais, deixando a organização principal do espaço e da rotina escolar sob a responsabilidade da SAP, sujeitando alunas, professores e professoras às suas regras, o que perpassou, de alguma forma, todas as falas de professoras, professores e alunas.

Um ponto observado em todas as unidades, em comparação ao visto ao longo de meu mestrado (RAMOS, 2013), é que a presença de professoras e professores “da rua” traz ao clima da escola na prisão lampejos das salas de aula

extramuros. O mobiliário é equivalente às escolas estaduais, assim como a pintura das paredes (do chão até a metade uma cor de tinta esmaltada e do meio até o teto tinta branca acrílica). São características sutis, mas suficientes para que, dentro do possível, viabilize-se experiências de respiro e encontros para as alunas.

Para finalizar esta categoria, vale a pena recorrermos a duas falas, de Luciana e de Bruna, demandando maior atenção governamental para a escola na prisão e para elas, o que demonstra a invisibilidade pública (COSTA, 2004) das mulheres presas.

“Eu gosto de estuda, então eu acho que se tá fu... se... falta alguma coisa é... falta talvez a atenção do próprio governo mesmo, porque aqui a gente vê o esforço dos professores, o dos funcionários, então... tem, eu acredito que seja melhorando [...] É... então, algo pra melhora aqui? ... Ah, mais poderia tá... mais cursos também, né. Acredito que mais cursos pras meninas que incentiva bastante... mas... sou muito suspeita falar porque eu gosto, então eu vejo o esforço fico até meio receosa de critica porque a gente vê o esforço de todas as partes [...] Ah, bom, na escola é igual eu falei aqui, a gente sai daqui de dentro e lá fora, lá dentro no caso né, não, a convivência normal, cotidiana mesmo de uma unidade prisional, né. A gente procura traz as meninas pra cá e enfim... é tranquilo, muitas vezes eu conheço muitas meninas na escola que eu num conhecia lá dentro, mais próxima, ficamos mais próxima, né. A escola também tem essas coisas de... a gente se uni bastante sem conhece direito quem é, quando a gente vai vê, era nosso vizinho o tempo inteiro, e a gente num conhecia, entendeu? [...]. acho que o governo tinha que tá dando mais atenção a isso, porque fecha escola e abri cadeia isso é retrocede, é anda pra trás, entendeu? Tem que abri escola, dá oportunidade pra quem precisa trabalha e estuda também, entendeu? (E:Uhum) Eu acho que tem que ser assim e cedo ou tarde, por maior que o erro seja que, a reeducanda ou o reeducando fez, a escola é muito incentivo, acho que pelo menos ai 40% das pessoas mudaria muito, se todas pudesse vir a escola” (Luciana – 29 anos).

“a gente termina de estuda, acabou. E se eu tenho mais 5 anos de cadeia pra tira? Entendeu? (E: Aham) Eu vou ficar, vegetando? Tudo aquilo que eu aprendi, vai pro lixo, entendeu? Então por isso que tem que ter um, um... um... entendimento de tá trazendo cursos pra gente, cursos em cima daquilo que a gente quer aprender, em cima de uma matéria. Oh! Vamos fazer um curso, tá um curso de beleza ai, mas em cima da escola, entendeu? De coisas relacionadas a escola. Curso de cabeleireiro é outra situação, curso de maquiagem é outra situação, artesanato essas coisas. Mas é... puxar mais na área da educação. (E: Entendi). Entendeu? Porque tem pessoas que queria tá estudando, mas por opção tem que trabalhar, entendeu? [...]Poderia ter mais recursos pra gente tá aprendendo (E: Uhum) Tipo assim, testando o nosso conhecimento, adquirindo mais conhecimento do que tá acontecendo lá fora, esses livros são antigos, entendeu? Hoje existe muito aquela revista, vestibular, existe demais aquelas revista, que eu já vim estuda com elas, em

Ribeirão Preto eu consegui elas. E aqui também tinha, hoje já não tem mais, entendeu? E as vezes os materiais, eu sei que tem, fica ali jogado, fica guardado lá na gaveta, e isso é aquilo. Dá pra companheiras que tá vindo estudar, entendeu?” (Bruna – 32 anos).

Ambas mostram a potência presente nestes espaços para sentirem-se mais humanas, em contraponto trazem o descaso e/ou desinteresse do governo em ofertar mais opções de cursos profissionalizantes e até curso superior, tão almejado por algumas das alunas.

Além disso, Luciana traz uma reflexão social importantíssima, quando faz referência a abertura de novas prisões e o fechamento de escolas. Vemos nessa sua fala aspectos de um processo de conscientização, deixando claro a importância da ascensão do Estado Penal em detrimento de um Estado de Bem Estar Social potencializando a criminalização da pobreza (WACQUANT, 2004; 2016), e também a racialização da pena (DAVIS, 2018a).

Por fim, o que vemos é, via de regra, um falseamento da realidade e a potencialização da semicultura, pois, ao mesmo tempo em que se cria uma cortina ilusória de acesso integral a direitos, ao direcionarmos nossos olhares mais profundamente na temática, o que se vê é que por detrás desta cortina, a punição, a disciplina e a manutenção do sistema em prol de interesses hegemônicos é o que predomina.

Nas considerações finais realizei, além do fechamento do trabalho, apontamentos de perspectivas ainda mais nebulosas a respeito das políticas públicas para a área de segurança do Brasil e do Estado de São Paulo.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivos propostos verificar e analisar a organização da educação escolar nas unidades prisionais femininas do Estado de São Paulo, por meio de suas protagonistas: alunas e professoras e professores, compreendendo e explorando a responsabilização do Estado por este processo. Examinando, além da organização escolar, as relações interpessoais, as expectativas, os significados e as motivações das mulheres privadas de liberdade ao retornarem à escolarização na prisão.

Diante dos objetivos traçados, ao longo deste trabalho, foi possível analisar uma série de aspectos ligados às salas de aula nas prisões femininas.

Creio que um dos pontos que mais chamou a atenção foi a potencialidade de humanização nos encontros marginais, entre professores e professoras precarizados e alunas presas. Vimos nestes encontros também a hipervalorização tanto dos docentes com relação às alunas, colocando-as no papel de alunas ideais, quanto das alunas com relação às professoras e aos professores, elegendo-os como profissionais modelos.

Além disto, observamos o quão afetiva é a volta aos bancos escolares, uma vez que, via escolarização, busca-se tanto conhecer-se como tornar-se capaz de servir como exemplo para filhas, filhos e demais descendentes. Tais expectativas estão profundamente imersas na reprodução do padrão burguês do feminino, assim, essas alunas anseiam por se tornarem o exemplo de mulher burguesa, escolarizada, com trabalho, com responsabilidade sobre os filhos e boa esposa, ou seja, a “bela, recatada e do lar”.

Todavia, observamos as barreiras sociais, históricas e culturais que atravessam as realidades dessas mulheres limitando muito o alcance deste local almejado. Juntam-se a isto as expectativas de ascensão social via melhores condições e possibilidades de trabalho e salários, devido a uma maior escolarização, o que, dado o apresentado, traz chances limítrofes de ocorrer.

Quanto à organização da escola e das aulas, observou-se que algumas mudanças ocorreram devido às alterações legais dos últimos anos, no sentido de responsabilizar o Estado pela oferta e organização das escolas nas unidades prisionais, além de incentivar a participação em atividades educativas por meio de

remição de pena, o que foi visto em algumas das falas das entrevistadas. O fato da Secretaria de Educação assumir as aulas nas prisões traz às escolas maior seriedade em sua organização e maior respeito por parte das alunas.

No entanto, o que vimos é que, na parceria entre Secretaria de Administração Penitenciária e Secretaria da Educação, quem determina, prioritariamente, como as coisas devem ou não funcionar é a SAP, justificando todas suas ações em nome da disciplina e da segurança. Um exemplo da soberania da SAP foi observado na limitações de conteúdos de determinadas matérias escolares, pois supostamente poderiam fragilizar e interferir na segurança da unidade prisional. Outro limite imposto, que na verdade é uma penalidade, é o acesso à escola como prêmio e não como direito. Ao instituir-se como privilégio, fica também instituído que este pode ser retirado a qualquer momento, como ocorreu com Patrícia. Vemos, assim, que o poder centraliza-se na instituição penal marcando como frágil a “parceria” SAP/SE, uma vez que as regras do jogo parecem definidas apenas por um dos lados.

Os materiais escolares, embora fornecidos, são, frequentemente, limitados, pela unidade prisional às alunas, e os livros didáticos, muitas vezes, são antigos e/ou não específicos para o contexto escolar prisional.

A estrutura física é precária e improvisada, sendo as salas multiseriadas, o que dificulta, demasiadamente, o planejamento, a organização e a logística das aulas. Além disso, as informações acadêmicas não são claras, ninguém sabe ao certo que série/ano está, nem alunas e nem docentes sabiam informar com certeza sobre isso. As professoras e professores não são ouvidos e vistos e não há suporte contínuo da Secretaria Estadual de Educação, tampouco da escola vinculadora.

Ademais, mesmo com todos os desafios e barreiras do cotidiano, as escolas nas prisões são locais extremamente valorizados, por contribuir para a passagem do tempo e por cindir, dentro do possível, com os “assuntos da cadeia”, este aspecto mostrou-se como bastante importante para as alunas, pois a escola permite respiros diante da realidade hostil do sistema penal. Neste sentido, cabe salientar que isto é extremamente importante, uma vez que permite que encontros mais humanizados ocorram amenizando as dores do isolamento.

Todavia, apesar das mudanças no cenário escolar das prisões, quando comparado ao que vivenciei ao longo da pesquisa do mestrado, quando as monitoras presas é que se responsabilizavam pelo ensino, embora existentes e importantes,, poucas alterações ocorreram, sendo a principal delas o encontro com “a rua” via professoras e professores, e com isso, a organização intraclasse, que, como citei, sofreu alterações, a sensação de estar em uma sala de aula é mais forte com os docentes da rede estadual.

Junto às mudanças, aparecem as percepções de que há melhorias estruturais e viscerais nas escolas prisionais e, embora os encontros sejam potentes, a propagação de aspectos ideológicos também é, e, talvez na mesma intensidade, visto que há a hipervalorização da figura docente por parte das alunas, e das alunas por parte das professoras e dos professores.

Infelizmente, mesmo com a potência dos encontros, parece pouco possível a formação e emancipação dos agentes envolvidos nos processos educativos, uma vez que o que ocorre é a repetição e memorização de conteúdos, intensificando a semicultura. Além disso, o que reina na escola são a disciplina e a domesticação dos corpos em prol da adaptação da mulher aos seus devidos papéis: boa presa, boa mãe, boa esposa, boa trabalhadora e, sobretudo, dócil. E, por se tratar de uma instituição penal, tudo se submete a sua rotina, sendo dificultada a entrada de determinados materiais escolares e audiovisuais, por exemplo, em nome da segurança.

Ao longo da análise foi possível ver também que preconceitos, estigmas e (auto)desvalorização, quando não explicitados, apresentam-se de maneira transversal e latente nos discursos, como exposto em uma das falas de Luciana sobre as possibilidades de reincidência por ser “marcada” como egressa.

Diante do discutido, evidencia-se que esta pesquisa cumpriu os objetivos propostos de compreender como vem ocorrendo a escolarização das mulheres presas no Estado de São Paulo. Vimos a precariedade da oferta educacional que soa como um “cumprimento de protocolo” sem grandes preocupações com a formação cultural, o que se constitui, entre outras coisas, como reflexo da educação pública do Estado de São Paulo, que vem sofrendo precarizações ao longo das últimas três décadas. A diferença é que determinados pontos, no interior dos cárceres, são potencializados, (re)marcando que a cada classe social destina-se

uma educação e uma escolarização que servirão para a manutenção e reprodução do *status quo*.

Dados os aspectos políticos que temos visto emergirem na atualidade, infelizmente, o que se projeta no âmbito das políticas públicas são retrocessos cujos reflexos futuros, embora existam inferências, ainda não se pode mensurar.

A ascensão da extrema direita conservadora no país tem entoadado e incentivado, massificadamente, o discurso “bandido bom é bandido morto”, fazendo valera política do medo. Neste sentido, o que temos visto é o aumento do Estado Penal, acirrando-se o discurso de “tolerância zero” e instigando-se o uso da violência, inclusive armada, dado o Decreto presidencial nº 9.685 assinado em 15 de janeiro de 2019, que flexibiliza o porte de armas de fogo.

Aproveitando-se desta onda o governador do Estado de São Paulo, João Dória Júnior, anunciou, em 18 de janeiro de 2019, as privatizações via PPPs (parcerias público-privadas), das prisões do Estado, vendendo a ilusão de que esta é uma gestão eficiente espelhada, segundo o próprio governador, na eficácia deste modelo nos EUA, desconsiderando que este tem sido questionado no país e, inclusive, as prisões federais dos EUA têm passado pelo processo de reestatização desde 2016.

Uma das promessas é que este tipo de prisão oferta melhores condições de trabalho. No entanto, o que se explora nesses modelos é a mão-de-obra barata, e há uma tendência ao incentivo do encarceramento em massa, visto que, geralmente, o contrato feito com as empresas é “por cabeça”, e ao Estado, cabe a obrigação do preenchimento das vagas nas unidades prisionais.

Com as possibilidades supracitadas, é possível que vejamos nos próximos anos uma ampliação do trabalho penal, aproximando-o ainda mais da denominada escravidão penal, além da expansão do complexo industrial-penal, tudo em nome de maiores margens de lucro disfarçadas de justiça e ressocialização.

Por fim, acredita-se que este trabalho de cunho histórico, político, social e de gênero atingiu o que se propôs, analisar seus objetivos e sobretudo olhar e dar voz ao socialmente invisível e inaudível. No entanto, diante do que se mostra como possibilidades futuras, é essencial que este não seja o fim desta discussão. O ponto

final deste trabalho constitui-se apenas em uma lacuna provocante e instigante, para novos parágrafos, lutas e resistências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AÇÃO EDUCATIVA; CARREIRA, Denise (Coord.). **Informe Brasil: Gênero e educação**. São Paulo: Ação Educativa, 2011.
- ADORNO, Theodor W. **Minima Moralia: Reflexões a partir da vida danificada**. Tradução Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- _____. Tabus Acerca do Magistério. In: ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a. p. 97-117.
- _____. A Educação contra a Barbárie. In: _____. **Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995b. p. 155-168.
- _____. Educação após Auschwitz. In: _____. **Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995c. p. 119-138.
- _____. A filosofia e os professores. In: _____. **Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995d. p. 51-74.
- _____. Educação – para quê?. In: _____. **Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995e. p. 139-154.
- _____. Tempo Livre. In: _____. **Indústria Cultura e Sociedade**. Tradução Julia Elisabeth Levy et al. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 103-117
- _____. Teoria da Semicultura. **Primeira Versão**. Ano IV, n.191 Agosto - Porto Velho, 2005. Volume XIII Maio/Agosto. Disponível em: < http://www.primeiraversao.unir.br/atigos_pdf/191_.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2019.
- _____. Tabus sexuais e direito hoje. In: _____. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. Tradução Verlaine Freitas. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015. p.199-228.
- ADORNO, Sérgio et al. Preso um dia, preso toda a vida: a condição de estigmatizado do egresso penitenciário. **Temas IMESC**, Soc. Dir. Saúde, São Paulo, v. 1, n. 2, p.101-117, 1984.
- ADORNO, Sérgio; FISCHER. Rosa Maria. 1987. **Políticas penitenciárias, um fracasso?**. *Lua Nova*, São Paulo: Cedec, v. 3, n. 4, p. 70 – 79, abr./jun.1987.
- ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. **Mulheres que matam: universo imaginário do crime no feminino**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- ANDRADE, Vera Regina Pereira de. Criminologia e feminismo: da mulher como vítima à mulher como sujeito. In: CAMPOS, Carmen Hein de (Org.). **Criminologia e Feminismo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1999. p. 81-80.
- ANGOTTI, Bruna; SALLA, Fernando. Apontamentos para uma história dos presídios de mulheres no Brasil. **Revista História de las Prisiones**, Córdoba, n.6, p. 7-23, enero/junios. 2018. Disponível em: < http://www.revistadeprisiones.com/wp-content/uploads/2018/06/1_Angotti_Salla.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2018.
- ARAÚJO, Doracina Aparecida de Castro. **Educação Escolar no sistema penitenciário de mato grosso do sul: um olhar sobre Paranaíba**. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP, Campinas, 2005.

ARTUR, Angela Teixeira. **“Presídio de Mulheres”**: as origens e os primeiros anos de estabelecimento. São Paulo, 1930-1950. In: ANPUH - XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2009, Fortaleza. **Anais**. Fortaleza: Universidade Federa do Ceará, 2009. p.01-08. Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.25/ANPUH.S25.0925.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2018.

_____. **As Origens do “Presídio de Mulheres” do Estado de São Paulo**. 2011. 157p. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

_____. **Práticas do encarceramento feminino**: presas, presídios e freiras. 2017. 222p. Tese (Doutorado em História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BARATTA, Alessandro. O paradigma de gênero: da questão criminas à questão humana. In: CAMPOS, Carmen Hein de (Org.). **Criminologia e Feminismo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1999. p.19-80.

_____. **Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal**: introdução à sociologia do direito penal. Tradução Juarez Cirino dos Santos. Rio de Janeiro: Editora Ravan: Instituto Carioca de Criminologia, 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2000.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito da história. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. v. 1. Tradução Sérgio Paulo Rouanet.. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

BRASIL. **LEI Nº 7.210, DE 11 DE JULHO DE 1984**. Institui a Lei de Execução Penal. 1984. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7210compilado.htm>. Acesso em: 10 jan. 2019.

_____. **LEI No 10.792, DE 1º DE DEZEMBRO DE 2003**. Altera a Lei no 7.210, de 11 de junho de 1984 - Lei de Execução Penal e o Decreto-Lei no 3.689, de 3 de outubro de 1941 - Código de Processo Penal e dá outras providências. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.792.htm#art34§1>. Acesso em: 10 jan. 2019.

_____. **Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006**, Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11343.htm>. Acesso em: 19 fev. 2017.

_____. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (MEC/SECAD). Parecer CNE/CBE nº2/2010. **Diretrizes Nacionais para a oferta de educação de jovens e adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais**. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=51>

42-rceb002-10&category_slug=maio-2010-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 05 nov. 2019.

_____. **Lei nº 12.433/2011, de 29 de junho de 2011.** Altera a Lei nº 7.210, de 11 de junho de 1984 (Lei de Execução Penal), para dispor sobre a remição de parte do tempo de execução da pena por estudo ou por trabalho. 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12433.htm>. Acesso em: 15 nov. 2016.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. **Características do Emprego Formal Relação anual de Informações Sociais – 2014.** 2014. Disponível em: <<http://acesso.mte.gov.br/data/files/FF8080814F4D225D014FB3757F852753/Caracter%C3%ADsticas%20do%20Emprego%20Formal%20segundo%20a%20Rela%C3%A7%C3%A3o%20Anual%20de%20Informa%C3%A7%C3%B5es%20Sociais%202014%2031082014.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

_____. Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias INFOPEN MULHERES: Junho de 2014.** 2015a. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/seus-direitos/politica-penal/relatorio-infopen-mulheres.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

_____. **Lei nº 13.163/2015, de 9 de setembro de 2015.** Modifica a Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984 - Lei de Execução Penal, para instituir o ensino médio nas penitenciárias. 2015b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13163.htm#art2>. Acesso em: 23 nov. 2016.

_____. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias INFOPEN: Atualização – Junho de 2016.** Organização Thandara Santos; colaboração Marlene Inês da Rosa et al.. Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.justica.gov.br/news/ha-726-712-pessoas-presas-no-brasil/relatorio_2016_junho.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2018.

_____. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias INFOPEN Mulheres: 2ª Edição.** Organização Thandara Santos; colaboração Marlene Inês da Rosa et al.. Brasília, 2018. Disponível em: <http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen-mulheres/infopenmulheres_arte_07-03-18.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2018.

CAMPOS, Carmen Hein de. **Teoria Crítica Feminista e Crítica à(s) Criminologia(s):** estudo para uma perspectiva feminista em criminologia no Brasil. 2013, 309p. Tese (Doutorado em Ciências Criminais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

CARLEN, Pat. A reclusão de mulheres e a indústria de reintegração. **Análise Social**, v. XLII, n.185, p.1005-1019, 2007. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218641359E5mVA8vq0Vu91MS4.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2018.

CARREIRA, Denise. **Relatoria Nacional para o Direito Humano à Educação:** Educação nas Prisões Brasileiras. São Paulo: Plataforma DhESCA Brasil, 2009.

CASTRO, Lola Aniyar de. **Criminologia da Libertação.** Rio de Janeiro: Editora Revan: Instituto Carioca de Criminologia, 2015.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Recomendação nº 44 de 26/11/2013. Dispõe sobre atividades educacionais complementares para fins de remição da pena pelo estudo e estabelece critérios para a admissão pela leitura. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/busca-atos-adm?documento=1235>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis**: relatos de uma humilhação social. São Paulo, Globo, 2004. Kindle.

CROCHÍK, José. Leon. **Teoria Crítica da Sociedade e Estudos sobre o preconceito**. *Revista Psicologia Política*, São Paulo, v.1, n.1, p. 67-99, 2001.

_____. O Conceito de Preconceito. In: _____. **Preconceito, indivíduo e cultura**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 13-59.

_____. Educação para a resistência contra a barbárie. In: REVISTA EDUCAÇÃO: Especial Biblioteca do Professor – Adorno Pensa a Educação. n. 10. São Paulo: Editora: Segmento, 2009. p. 16-25.

CUNHA, Elizangela Lelis da. Ressocialização: O desafio da educação nos sistema prisional feminino. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 30, n. 81, p. 157-178, maio/ago. 2010.

DAVIS, Angela. **Mulheres raça e classe**. 1ed. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016. Kindle.

_____. **Estarão as prisões obsoletas?** 1ed. Tradução de Marina Vargas. Rio de Janeiro, 2018a.

_____. **A Liberdade é uma luta constante**. 1ed. Organização Frank Barat; Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018b.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (Coord.). **História das Mulheres no Brasil**. 10. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012. p. 223-240.

DRIGO, Sonia Regina Arrojo. Dignidade humana, educação e mulheres encarceradas. In: YAMAMOTO, Aline et al. (Org.) **Cereja discute**: Educação em Prisões. São Paulo: AlfaSol; Cereja, 2010. p. 65-67.

FAVARO, Marilsa Fátima. **Políticas de formação do Trabalhador Preso – a FUNAP**. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNICAMP, Campinas, 2008.

FOUCAULT, Michael. Sobre a Prisão. In: FOUCAULT, Michael. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009, p. 73-81.

_____. **Vigiar e Punir**. Tradução Raquel Ramallete. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FREIRE, P. A concepção “bancária” da educação como instrumento de opressão. Seus pressupostos, sua crítica. In: FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. p. 79-106.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve Histórico do Feminismo**. São Paulo: Editora Claridade, 2011.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. São Paulo: LTC, 1988.

_____. **Manicômios, prisões e conventos**. Trad. Dante Moreira Leite. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

GONCALVES FILHO, José Moura. Humilhação social: um problema político em psicologia. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 11-67, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641998000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 Fev. 2019.

HORKHEIMER, Max.; ADORNO, Theodor. W. Sociedade. In: _____. **Temas Básicos da Sociologia**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1973a. p.25-44.

_____. Indivíduo. In: _____. **Temas Básicos da Sociologia**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1973b. p.45-60.

_____. Família. In: _____. **Temas Básicos da Sociologia**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1973c. p. 132-150.

_____. Preconceito. In: _____. **Temas Básicos da Sociologia**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1973d. p.172-183.

_____. O Homem e o Animal. In: _____. **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985a. p. 229-237.

_____. Excurso II: Juliette ou Esclarecimento e Moral. In: _____. **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985b. p. 81-112.

_____. Fragmento de uma teoria do criminoso. In: _____. **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985c. p. 210-213.

HORKHEIMER, Max. Ascensão e declínio do indivíduo. In: _____. **Eclipse da Razão**. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Centauro, 2010. p.133-165.

HOWARD, Caroline (Org.). **Direitos Humanos e mulheres encarceradas**. São Paulo: Instituto, Terra, Trabalho e Cidadania; Pastoral Carcerária do Estado de São Paulo, 2006.

INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da Violência 2018**. 2018. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf. Acesso em: 16 dez. 2018.

JULIÃO, Elinaldo Fernandes. 2003. **Política Pública de Educação Penitenciária: contribuição para o diagnóstico da experiência do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

_____. **A ressocialização através do estudo e do trabalho no Sistema Penitenciário Brasileiro**. Tese (Doutorado em Educação) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

KANT, Immanuel. Resposta à questão: o que é esclarecimento?. In: _____. **Antologia de textos filosóficos**. Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2009, p. 406-415.

KARPOWICZ, Débora Soares. **Prisões Femininas no Brasil: Possibilidades de Pesquisa e de Fontes**. In: XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS Ensino, Direitos e Democracia. 2016, Santa Cruz do Sul. **Anais**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2016a. p.01-13. Disponível em: < <http://www.eeh2016.anpuh->

rs.org.br/resources/anais/46/1469038254_ARQUIVO_ArtigoANPUHRegional-Final.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2018.

_____. **Congregação Bom Pastor D'angers**: história da administração das prisões femininas no Brasil. In: II Simpósio Internacional da ABHR; XV simpósio Nacional da ABHR; II Simpósio Sul ABHR. 2016, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: UFSC, 2016b. p.01-15. Disponível em: <http://www.simpósio.abhr.org.br/resources/anais/6/1471352270_ARQUIVO_ArtigoABHR-Final.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2018.

KEHL, Maria Rita. Fetichismo. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias**: Ensaio sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004. p.63-84.

KEHL M. R. O espetáculo como meio de subjetivação. In: BUCCI, E.; KEHL, M. R. **Videologias**. São Paulo: Boitempo, 2004. p.43-62.

LEME, José Antonio Gonçalves. Analisando a “grade” da “cela de aula”. In: LOUREÇO, Arlindo da Silva; ONOFRE, Elenice Maria C. (Org.). **O espaço da prisão e suas práticas educativas**: Enfoques e perspectivas contemporâneas. São Carlos: EdUFSCar, 2011. p. 245-266.

LOCH, Jussara de Azambuja. **Princípios da Bioética**. Núcleo de Hospital Universitário da UFMS, 2011. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/bioetica/cont/joao/principiosdebioetica.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

LOURENÇO, Arlindo da Silva. **As regularidades e singularidades dos processos educacionais no interior de duas instituições prisionais e suas repercussões na escolarização de prisioneiros**: Um contraponto a noção de sistema penitenciário? Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (Coord.) **História das Mulheres no Brasil**. 10. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012. p. 443-481.

MARCUSE, Herbert. Algumas implicações sociais da tecnologia moderna. In: _____. **Tecnologia, Guerra e Fascismo**. Traduzido por Maria Cristina Vidal Borba. Editora UNESP, 1999. p. 72-104.

_____. Sobre o caráter afirmativo da Cultura. In: _____. **Cultura e Psicanálise**. Tradução de Wolfgang Leo Maar, Robespierre de Oliveira e Isabel Loureiro. 3a Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001a. p. 7-68.

_____. Comentários para um redefinição da cultura. In: _____. **Cultura e Psicanálise**. Tradução de Wolfgang Leo Maar, Robespierre de Oliveira e Isabel Loureiro. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001b. p. 69- 98.

MASSOLA, Gustavo Martineli. Mimese e crime em Adorno e Horkheimer: comentário sobre o “Fragmento de uma teoria do criminoso”. **Estudos de Psicologia**. Natal, v.12, n.2, p.133-139, ago/2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2007000200005&lng=en&nrm=iso&tlang=pt>. Acesso em: 05 jan. 2019.

MOREIRA, Fábio. Aparecido. **A política de educação de jovens e adultos em regimes de privação da liberdade no estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Francisco de. O Estado e a Exceção: ou o Estado e a Exceção. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v.5, n.1, p.9-14, mai. 2003.

Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5139/513952497002.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

ONOFRE, Elenice Maria C. Educação escolar na prisão na visão dos professores: um hiato entre o proposto e o vivido. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.17, n.1, p.1-17, 2009. Disponível

em"<<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/836/640>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

_____. Educação escolar na prisão: controvérsias e caminhos de enfrentamento e superação da cilada. In: LOUREÇO, Arlindo da Silva; ONOFRE, Elenice Maria C. (Org.). **O espaço da prisão e suas práticas educativas: Enfoques e perspectivas contemporâneas**. São Carlos: EdUFSCar, 2011. p. 267-285.

_____. A prisão: Instituição Educativa? **Caderno Cedes**, Campinas, v.36, n.98, p. 43-59. jan.-abr., 2016. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v36n98/1678-7110-ccedes-36-98-00043.pdf>>.

Acesso em: 05 jan. 2019.

OXFAM Brasil. **País Estagnado: um retrato das desigualdades brasileiras 2018**.

Disponível em:

<https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/relatorio_desigualdade_2018_pais_estagnado_digital.pdf?utm_source=site&utm_medium=social&utm_campaign=relatorio_download&utm_content=visitantes-site&utm_term=botao_botao-download_cpc_download-relatorio_baixar>. Acesso em: 05 jan. 2019.

PASTORAL CARCERÁRIA. **Luta antiprisional no mundo contemporâneo: um estudo sobre experiências de redução da população carcerária em outras nações**.

2018. Disponível em: < http://carceraria.org.br/wp-content/uploads/2018/09/relatorio_luta_antiprisional.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2018.

PENNA, Marieta G. De Oliveira. O exercício docente por monitores-presos e o desenvolvimento do processo formativo. In: ONOFRE, Elenice Maria C. (Org.).

Educação escolar entre as grades. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

_____. Relações sociais e espaço escolar na prisão: limites e possibilidades de ação educativa no interior de uma Penitenciária. In: LOUREÇO, Arlindo da Silva;

ONOFRE, Elenice Maria C. (Org.). **O espaço da prisão e suas práticas educativas: Enfoques e perspectivas contemporâneas**. São Carlos: EdUFSCar, 2011. p.131-146.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisoneiros**. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017a. Kindle.

_____. **Minha história das mulheres**. Tradução Angeka M. S. Corrêa. 2ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017b.

PETRY, Franciele Bete. Theodor W. Adorno: imagens do feminino nas Minima Moralia. **ethic@ - An international Journal for Moral Philosophy**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 339-362, dez. 2014. ISSN 1677-2954. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/1677-2954.2014v13n2p339>>.

Acesso em: 05 jan. 2019.

PORTUGUES, Manoel Rodrigues. **EDUCAÇÃO DE ADULTOS PRESOS:** Possibilidades e Contradições da Inserção da Educação Escolar nos Programas de Reabilitação do Sistema Penal no Estado de São Paulo. 2001, 208p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

RAMOS, Ellen Taline de. **Educação Escolar e Formação de Mulheres Presas.** 2013, 161p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2013.

RODRIGUES, Maria Lúcia; FARIAS, Márcia Helena de Lima. **O Sistema Prisional Feminino e a Questão dos Direitos Humanos:** Um desafio às Políticas Sociais II. São Paulo: PC Editorial, 2012.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 515-540, 2001.

RUSCHE, George; KIRCHHEIMER, Otto. **Punição e Estrutura Social.** 2ed. Tradução de Gizlene Neder. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2004.

SANTOS, Sílvio dos. **A educação escolar no sistema prisional sob a ótica dos detentos.** Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2002.

_____. O espaço administrado da prisão e a escola como locus de resistência. In: LOUREÇO, Arlindo da Silva; ONOFRE, Elenice Maria C. (Org.). **O espaço da prisão e suas práticas educativas:** Enfoques e perspectivas contemporâneas. São Carlos: EdUFSCar, 2011. p.119-130.

SANTOS, Sintia Menezes. Ressocialização através da educação. 2005. Disponível em: <https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/2231/Ressocializacao-atraves-da-educacao>. Acesso em: 05 jan. 2019.

SÃO PAULO (Estado). Decreto 57.238, de 17 de agosto de 2011. Institui o Programa de Educação nas Prisões e dá providências correlatas. Disponível em: <http://dobuscadireta.imprensaoficial.com.br/default.aspx?DataPublicacao=20110818&Caderno=DOE-I&NumeroPagina=1>. Acesso em: 05 jan. 2019.

SÃO PAULO (Estado). Resolução Conjunta Secretaria de Educação do Estado e Secretaria de Administração Penitenciária nº1 (SEE/SAP), de 16 de janeiro de 2013. Dispõe sobre a oferta da Educação Básica, na modalidade Educação de Jovens e Adultos - EJA, a jovens e adultos que se encontrem em situação de privação de liberdade, nos estabelecimentos penais do Estado de São Paulo, e dá providências correlatas. Disponível em: <http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/RESOLUÇÃO%20CONJUNTA%20S E.HTM?Time=14/07/2016%2009:01:41>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

SÃO PAULO (Estado). Resolução Conjunta Secretaria de Educação do Estado e Secretaria de Administração Penitenciária nº2 (SE/SAP), de 30 de dezembro de 2016. Dispõe sobre a oferta da educação básica a jovens e adultos que se encontram em situação de privação de liberdade no Sistema Prisional do Estado de São Paulo, e dá providências correlatas. Disponível em: <http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/RESOLUÇÃO%20CONJUNTA%20S E%20-SAP-2,%20DE%2030-12-2016.HTM?Time=06/01/2017%2020:23:17>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

SOIHET, Rachel. Mulheres Pobres e violência no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (Coord.). **História das Mulheres no Brasil**. 10. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012. p. 362-391.

SOUZA, Kátia Ovídia José de. A Pouca Visibilidade da Mulher Brasileira no Tráfico de Drogas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 4, p. 649-657, out./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n4/v14n4a05.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2018.

STELLA, Claudia et al. **Creches em Presídios: Limites e Possibilidades**. São Paulo: MACKPESQUISA, 2010.

STELLA, Claudia ; SEQUEIRA, Vânia. Exploratory Study on Child Care in Prisons. In: Johan Fuhrmann; Stefan Baier. (Org.). **Prisons and Prison Systems: Practices, Types and Challenges**. 1ed. New York: Nova Publishers, 2013, v., p. 77-95.

SCHWARZ, Roberto. 2001. As Idéias fora do lugar. In.: _____. **Cultura e Política**. São Paulo: Paz e Terra. p. 59-83.

TEIXEIRA, Alessandra. Mulheres encarceradas e o direito à educação: entre iniquidades e resistências. In: YAMAMOTO, Aline; GONÇALVES, Ednéia; GRACIANO, Mariângela; LAGO, Natália; ASSUMPÇÃO, Raiane (Orgs.). **Cereja discute: Educação em Prisões**. São Paulo: AlfaSol; Cereja, 2010, p. 74-78.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. **DELTA**, 21, Especial, p. 207-238, 2005.

WACQUANT, Loïc. **As Prisões da Miséria**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **O lugar da prisão na nova administração da pobreza**. Novos estud. – CEBRAP, n. 80, p. 9-19, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002008000100002>. Acesso em: 13 dez. 2016.

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista com alunas

1. Primeiro gostaria que você falasse seu nome, idade e por que está presa.
2. Quais são as outras atividades que você realiza no seu dia a dia?
3. Descreva a sua trajetória escolar antes do ingresso no sistema penitenciário.
4. Relate alguma experiência que você considere marcante que ocorreu na escola fora da prisão?
5. O que te motivava a frequentar as aulas fora da prisão?
6. Como eram suas relações: alunos, professores?
7. O que te levou a procurar a escola na prisão?
8. Descreva os momentos que você considera mais prazerosos e os menos prazerosos na sua rotina escolar. Explique.
9. Que série você está hoje?
10. Você estuda fora da sala de aula?
11. A educação oferecida dentro da prisão diferencia-se da oferecida fora? Em quê?
12. Você considera que o aprendizado na escola contribuirá para o processo de reinserção social? Em que? Porquê?
13. Você percebeu alguma diferença na educação na prisão nos últimos anos? O que mudou?
14. Como era a educação na prisão com as monitoras presas?
15. Como são suas relações na escola hoje? (alunas, professores)
16. Você acredita que algo poderia ser alterado na educação oferecida na prisão? O quê?
17. Essas mudanças facilitariam sua adesão e frequência às aulas?
18. Você considera que sua relação com as outras presas, com funcionários e familiares mudou ou irá mudar porque você está estudando?
19. Há mudanças em você devido sua ida á escola? Quais?

20. Há mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre a educação, escola na prisão?

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista com professores

1. Nome, Idade
2. Qual sua área de formação?
3. Quanto tempo atua como professor? E no sistema prisional?
4. Já deu ou dá aulas em outra(s) unidade(s)?
5. Qual é sua categoria? (Ex: efetivo, categoria O...)
6. Teve algum motivo específico para que você escolhesse dar aulas no interior de unidades prisionais? Quais?
7. Você percebe alguma diferença nos alunos dentro da prisão que não percebe fora? Se sim. Quais?
8. Você acredita que a educação dentro das prisões contribui para a reinserção das mulheres na sociedade? Justifique.
9. Como é a rotatividade das alunas? Como você faz para planejar suas aulas em decorrência disso?
10. Como você prepara suas aulas para as mulheres presas?
11. Como você avalia a estrutura física e pedagógica das escolas na prisão?
12. Você acredita que seria possível alguma melhoria? Quais?
13. Essas mudanças contribuiriam para melhora na qualidade da educação?
14. Como você avalia sua relação com as alunas?

APÊNDICE C - Roteiro de observação

- Estrutura física da escola;
- Horários escolares;
- Intervalos;
- Método de ensino;
- Andamento da aula;
- Conteúdos ministrados;
- Material didático;
- Plano de aula.

APÊNDICE D – Diário de Campo

UNIDADE 1 – Observações realizadas entre os dias 10/03/2016 e 19/05/2016

A escola na unidade 1 possui 3 salas multiseriadas, 1 de Ensino Fundamental I, 1 de Ensino Fundamental II e uma de Ensino Médio, além disso há uma sala na qual ocorre o Programa de Educação e Trabalho (PET), há também uma biblioteca, uma sala para os professores e uma sala com armários arquivos nos quais ficam os registros das alunas. É interessante notar que a pintura das paredes das salas, pertencentes à escola, são como as de escolas fora da prisão: pintadas do chão até o meio de uma cor e acima de branco, os demais espaços da unidade prisional não tem essa divisão

Todas as salas de aula possuem carteiras escolares e quadro, além de estante com livros didáticos. A estrutura da escola é improvisada e as paredes das salas são divisórias, como as de escritório, que não chegam até o teto devido ao pé direito alto da construção em decorrência disso, não há isolamento sonoro na escola, e é possível ouvir tudo que ocorre tanto dentro quanto fora das salas.

Quanto aos horários escolares, nesta unidade as aulas ocorrem no período da manhã e da tarde não sendo ofertadas aulas no período noturno. No período da manhã as aulas iniciam-se às 8h e terminam às 11h e 30min. tendo um intervalo das 10h às 10h e 10min., no período da tarde, no qual não foi possível a ida, as aulas iniciam-se após o almoço às 13h e encerram-se às 16h e 30min., tendo intervalo das 15h às 15h e 10 min.

Nesta unidade foi observada uma aula na sala do Ensino Fundamental I (14/04/2016), nesse dia havia 9 alunas na sala, no início da aula a professora recolheu o cadernos de algumas alunas para averiguar seus conteúdos e para que as alunas não olhassem, pois para algumas ela entregou um teste de matemática. Na sequência a professora foi para o quadro, que é dividido em 4 partes, uma para cada série.

Na 1ª parte havia o cabeçalho com o nome da escola, data e nome da professora.

A professora passou a escrever no quadro:

Parte 1 – Lagoa: Eu vi o mar/Ele é bonito/gosto de passear;

Parte 2 – Separar as sílabas: tapete, sapato, cebola, girafa, Regina, rede, rodo, pote.

As outras duas partes ficaram em branco, pois as alunas estavam fazendo teste. Enquanto as alunas faziam as atividades a professora via os cadernos.

Durante as atividades, por várias vezes as alunas solicitavam a professora, iam até sua mesa e ela as atendia, quanto ao teste de matemática que algumas alunas realizavam era permitido o uso da tabuada. Após terminar de dar o visto nos cadernos a professora passou nas carteiras para tirar dúvidas das alunas, uma das alunas, aparentemente a de série mais iniciais, estava fazendo uma redação, ao passar na sua carteira a professora a incentivou a incluir mais elementos na sua redação, mais detalhes, pois quando chegasse em séries mais avançadas seria exigida.

Após passar pelas carteiras a professora apagou o que estava na primeira parte do quadro e começou a passar o seguinte texto: Lenda da concha – Há muito tempo não chovia naquela terra estava tão seco que as flores ficaram murchas.

Na sequência a professora deu uma atividade impressa para que a aluna que estava fazendo a redação, fizesse e colasse em seu caderno depois, então ela voltou à sua mesa para sanar dúvidas das alunas que iam até ela, nesse momento ela também chamou a aluna que tinha que fazer a atividade de separação de sílabas para que ela pudesse corrigir.

UNIDADE 2 - Observações realizadas no dia 09/05/2016

A unidade possui uma ala específica para a escola, As aulas têm início às 17h30min com intervalo às 20h30min, após o intervalo as aulas seguem até às 21h15min.

Nesta escola há um espaço destinado à agente penitenciária da escola com: mesa, telefone, aparelho de som e caixa de medicamentos. Há também uma sala dos professores com a seguinte estrutura: 08 armários de metal, trancados, 02 computadores, 02 ventiladores, telefone, 03 mesas e 07 cadeiras, 01 aparelho de som e 04 armários de madeira contendo livros didáticos e dicionários. Nesta sala há grades, no entanto estas permaneceram abertas durante todo o período de observações.

Na ala da escola há também uma biblioteca com: aproximadamente 04 prateleiras amplas contendo diversos temas e variedades de livros, 02 mesas, 02 cadeiras. Este espaço estava fechado no momento da chegada, no entanto após a solicitação de abertura esta permaneceu aberta até o final das observações. Foi informado pelos responsáveis pela escola que no período da noite a biblioteca permanece fechada em decorrência da falta de profissional para ficar, pois a pessoa que trabalha nela é uma presa e esta não pode ficar a noite, pois já permanece na biblioteca o dia todo.

A escola possui ainda: bebedouro, banheiro para funcionários e banheiro para as presas e três salas de aula. Todo o local estava limpo e organizado, nas paredes continha

um quadro e atividades sobre políticas e questões sociais desenvolvidos pelas próprias detentas.

Foi observada uma aula do Ensino Fundamental II entre as 17h15 às 18h00. Nesta sala havia por volta de 32 carteiras escolares aparentemente integras e paredes pintadas remetendo ao um ambiente escolar, tons de branco e uma faixa azul claro. Havia também 01 armário com livros e cadernos aparentemente organizados e 2 lousas. Em uma delas havia um cartaz com os dizeres “Regras de convivência” nele continham as seguintes frases:

- Quando uma fala a outra levanta a mão e espera sua vez
- Toda a ideia tem que ser respeitadas
- Todos os dias terão que mudar de lugar.
- Tem de haver sempre diálogo
- Todos os problemas que tivermos na sala de aula têm que ser resolvidos dentro da sala de aula.
- Não podemos trazer problemas do pavilhão para a sala de aula
- Não Deixar sempre a sala de aula arrumada para os próximos usarem

“ O SENHOR É O MEU PASTOR E NADA ME FALTARÁ”

Ao adentrar a sala, algumas alunas questionavam a professora sobre as atividades passadas, pois segundo elas precisavam repor. A professora então orientou sobre a não possibilidade de reposição, pois uma atividade substituta já teria sido disponibilizada.

Uma das alunas diz a outra que está abalada “psicologicamente” por ter descoberto que sua pena aumentará para 8 anos, porém não recebe muita atenção. As presas se mostram interessadas na aula e apesar de algumas conversas enquanto a professora passa a atividade na lousa, elas se mantêm majoritariamente em silêncio.

Todas possuem materiais didáticos, livros, cadernos, canetas, lápis e borracha em bom estado de conservação.

Uma das alunas termina a atividade rapidamente, e a professora pede que leve até sua mesa. Essa mesma aluna leva o caderno dela e de todas as outras que terminam a atividade em seguida.

As atividades realizadas foram:

Tarefa: circular ou traçar os pronomes:

- a) The week starting for her
- b) Some of prefer coke to soda
- c) New books arrived to them
- d) The dance on Saturdays
- e) Give me a chance
- f) I am a perfect woman

Vocabulary

Starting: começando

Prefer: preferir

arrived: chegar

give: dar/dê

woman: mulher

A professora tira as dúvidas e oferece ajuda as alunas em sua própria mesa, e em geral todas a procuram em um determinado momento para fazer pergunta sobre a atividade e para que sejam realizadas correções.

Uma das alunas muda suas respostas do caderno ao observar o caderno de outra. A professora percebe seu comportamento e chama sua atenção e a orienta a procurá-la em caso de dúvida ressaltando a importância da aprendizagem.

Outra aluna coloca o caderno diante da professora enquanto esta orientava outra aluna, neste momento a professora interrompe a orientação e pede para a aluna que colocou o caderno o retire e volte para o seu lugar aguardando a sua vez. Neste momento uma das alunas sentada na carteira diz à professora que não voltaria mais à aula, pois o horário do banho quente seria no mesmo horário das aulas, e que por esse motivo já havia muito tempo que não tomava banho quente. A professora começa a falar da rapidez do banho e que ela poderia aguentar, porém sabia que era “foda”

Uma segunda aluna também diz que não vai mais para a aula devido ao banho quente (diz que só toma banho quente aos finais de semana).

A professora argumenta que o inverno rigoroso é junho e julho e estes são meses de férias e que já estava próximo.

Neste momento todas as alunas se agitam e começam a falar da falta de assistência médica e de medicamentos, uma delas diz que várias detentas se encontram com pneumonia.

A professora então chama a atenção das alunas para a próxima atividade inicia as orientações:

Atividade 02 - Tarefa: Ouvir e traduzir

A professora pega o rádio, o qual diz ter conhecimento da existência recentemente e ser esta a primeira vez que utilizaria em sala de aula, e pede para que as alunas abram seus livros na página 20. Começa as orientações contidas no livro em voz alta: “Ouça o diálogo e complete as sentenças, quadro com oito palavras e espaços em branco. Em seguida ao iniciar as falas do CD teriam que identificar quais das palavras ouvidas continham em seus livros”.

Uma das aluna pergunta o significado da palavra *hello*, e neste momento a professora vai ajudá-la a encontrar a resposta em seu caderno alegando já ter ensinado, porém não consegue encontrar o conteúdo no caderno da aluna e então explica.

Nesta segunda atividade as alunas se mostraram mais agitadas alegando não terem conseguido identificar as palavras pronunciadas no CD. Neste momento a professora pede calma a todas e diz que farão essa atividade por diversas vezes e decide recomeçar a atividade.

Então ela começa do início e algumas sinalizam compreender e aparentemente se mostram mais calmas e focadas na tarefa. A professora para a atividade e pega o livro de umas das alunas que sinaliza dificuldade em encontrar as palavras, então a orienta que o livro estava na página errada. Continua argumentando que a dificuldade que elas apresentam é devido à falta de prática e por ser a primeira vez que elas realizam esse tipo de atividade.

No decorrer da atividade as alunas demonstram-se mais calmas após a professora passar a pausar o áudio diversas vezes, repetir a frase ouvida para as alunas pausadamente e na sequência repetir a frase em voz alta com a mesma entonação e velocidade das frases ouvidas no áudio. As frases a serem identificadas foram:

- Good evening.
- What's up
- how are you doing
- sorry
- brazilian
- Let you later
- bye-bye

Ao final da aula algumas alunas manifestaram verbalmente não terem gostado da aula por terem achado muito difícil. Novamente a professora diz que a dificuldade se dá pela falta de prática e que no início do ano letivo elas também acharam muito difícil e conseguiram evoluir. Em seguida se despede de todas e se dirige a sala dos professores.

Foi observada também uma aula de biologia na sala do ensino médio, neste dia havia 15 alunas na sala, verificou-se que por se tratar de salas multiseriadas não houve distinção do conteúdo é ministrado em relação de a série sendo o mesmo conteúdo para todas.

Nesta sala também há o padrão de escola “da rua”, constituída por carteiras de modelo universitárias, uma mesa para os professores, uma lousa branca colada em cima de um quadro negro, um armário (que contém os livros didáticos), um ventilador de teto, cinco janelas grandes e dois quadros contendo informativos.

Antes de dar início às aulas o professor foi bastante atencioso perguntou como fora o dia das mães, se elas haviam recebido visitas, ouviu atenciosamente cada relato e conversou com elas a respeito disso.

O professor passou o conteúdo da matéria no quadro e em seguida realizou a chamada e aguardou enquanto as alunas copiavam. Quando terminaram, iniciou-se a uma discussão a respeito do filme “Procurando Nemo”, que havia sido passado à elas na semana anterior. Após a discussão, explicou a matéria de maneira bem didática e respondeu objetivamente a cada dúvida das alunas e passou uma série de exercícios no quadro, sem a utilização de demais material didático.

Não houve conversas paralelas durante as explicações. As alunas prestaram muita atenção e se mostraram muito interessadas na matéria.

No momento em que o professor passa os exercícios, há uma descontração entre elas, porém logo fazem silêncio novamente quando o professor começa a explicá-los. Várias dúvidas, e curiosidades surgem.

Após dar um tempo para que as alunas pudessem resolvê-los pediu que conforme terminassem, levantassem a mão para que ele fosse até suas carteiras visar os cadernos.

Quando o professor deixa a sala de aula, as alunas continuam interagindo, trocando informações sobre os exercícios e sobre o conteúdo ministrado.

Após o término desta aula observou-se a aula de Matemática, que foi bem dinâmica e interativa. O professor brinca o tempo todo com as alunas, descontra bastante. Dão muita risada e demonstram ter uma relação afetiva bem positiva.

O professor passou exercícios na lousa e fez a chamada, dando um tempo para que elas pudessem resolvê-los. As alunas sentem um pouco de dificuldade com os exercícios e reclamam que ele passa a matéria muito rápido. Em vista disso, ele toma algum

tempo da aula para explicar a elas que eles têm pouco tempo de aula, e muito conteúdo a ser visto, então eles devem ser compreensivos uns com os outros para que possam aprender todo o conteúdo com clareza.

Em seguida os corrigiu, e passou um outro mais complicado do que os anteriores. As alunas sentiram dificuldade e então ele o resolveu junto com elas.

Em determinado momento, nesta aula, quando as alunas reclamam ter dificuldade com a matéria, uma aluna pede ao professor que tenha paciência com ela, porque ela se esforça, mas ainda assim é complicado. O professor conta sua história e pede que elas se esforcem e estudem cada vez mais. Ele diz que também fala isso para suas alunas na rua. Sendo assim, as presas se manifestam dizendo que não podem nem levar o caderno para a cela, como poderiam então estudar mais? O professor diz que vai tentar fazer com que passem a poder levar o caderno para estudarem na cela.

Foi possível observar que as alunas festejavam muito a cada exercício que acertavam. Expressando-se umas com as outras: “Cê bota fé que eu acertei essa? Tô mó feliz cara, que eu acertei! Primeira vez na vida que acerto alguma coisa” (sic).

Verificou-se que o tempo das aulas é bastante curto e que as alunas reclamam e sentem dificuldade com as matérias, neste sentido boa parte do tempo de aula é utilizado para resolver essas questões com mais calma para que elas possam compreender e acompanham as aulas.

UNIDADE 3 – Nesta unidade, embora houvessem todas as autorizações para a realização da coleta de dados ocorreu a recusa da direção da unidade justificando que não havia mulheres no perfil da pesquisa e que o momento da solicitação não constituía-se como melhor momento para a realização de pesquisas na unidade.

UNIDADE 4 – Observações realizadas no dia 09/11/2017

Após contatos telefônicos foi agendada a ida à unidade, no dia 09/11/2017, durante a visita a pesquisadora foi recebida pela diretora da unidade que a apresentou as funcionárias responsáveis pela escola, essas a acompanharam até o pavilhão da escola. Relataram que há apenas ensino fundamental I e II e PET nesta unidade. E que nesta data a professora do fundamental I, não havia ido por estar machucada, por este motivo as salas haviam sido unificadas. Ao chegar na sala solicitamos autorização do professor para realizar o convite às alunas. Havia 8 alunas na sala. Me apresentei e fiz o convite explicando brevemente a pesquisa, no entanto não havia nenhuma aluna que preenchia o perfil para a pesquisa, segundo a aluna que está a mais tempo na escola, nem as que faltaram teriam estudado

com monitora presa. A responsável pela educação comentou que há entre as duas salas cerca de 30 matriculadas, mas que a rotatividade é grande e a ausência nas aulas também. Agradei a todas e me despedi.

UNIDADE 5 – Observações realizadas no dia 24/11/2017

Após várias tentativas de contato com a unidade por e-mail e por telefone no dia 17/11/2017 a pesquisadora conversou com o responsável pela educação e agendou uma visita a unidade, no dia 24/11/2017, para verificar se haviam mulheres que se encaixem ao perfil da pesquisa, segundo o responsável ele acredita que não haja. As aulas nesta unidade ocorrem nos períodos da manhã e da tarde.

No dia agendado a pesquisadora chegou à Unidade e desde o início sentiu uma certa diferença no trato dos funcionários durante todo o tempo de permanência na Unidade estes foram muitos solícitos e disponíveis para ajudar.

Na chegada, houveram os procedimentos padrões para a entrada, no entanto nesta unidade já há equipamento de Revista Mecânica, como previsto na **Lei 15.552 de 2014** que proíbe a realização da revista íntima, também conhecida como revista vexatória, o que é algo novo tratando-se desta lei, pois em nenhuma das unidades visitadas anteriormente tinham tal equipamento, foi possível compreender também que o mesmo era novo na unidade, pois durante a permanência da pesquisadora uma das Agentes Penitenciárias pediu para ser “*Scanneada*”.

Após os procedimentos de segurança a pesquisadora encontrou, na ala administrativa, com o responsável pela educação que informou que já havia uma professora esperando para ser entrevistada, isso ocorreu pois antes da visita à unidade o responsável pela educação solicitou por e-mail o perfil das entrevistadas para adiantar a seleção, no entanto foi notório que ele não havia compreendido os procedimentos e público alvo muito bem, pois selecionou alunas que não estavam estudando na Unidade, que já haviam estudado em algum momento na prisão, mas não necessariamente passaram pelas monitoras presas e pelos professores da rede. Após entender tal equívoco a pesquisadora optou por entrevistas todas as mulheres que o responsável havia selecionado, por entender que as informações obtidas, embora não exatamente no perfil, contribuiriam positivamente para as análises, para isso realizaram-se pequenas alterações no roteiro de perguntas a fim de possibilitar informações adicionais sobre o processo escolar no interior das unidades prisionais femininas, bem como entender que em muitos casos há um desconhecimento, por parte das mulheres, dos processos escolares e educativos no interior das prisões.

Ao todo foram realizadas 3 entrevistas com mulheres/alunas e 1 com a professora que o responsável pela educação havia selecionado, este último informou que atualmente há 8 alunas matriculadas no período da manhã, mas que por se tratar de uma unidade de detenção provisória a rotatividade é maior do que em outras unidades. No período da tarde há apenas uma aluna matriculada. Atualmente possuem apenas alunas de ensino fundamental. O responsável informou também que a capacidade da unidade é para 1108 pessoas, na ocasião da visita haviam 900 e poucas presas. De acordo com consulta realizada no site da SAP, no dia 19/12/2017 haviam 1040 mulheres na unidade.

A unidade conta com somente uma sala de aula, que a pesquisadora conheceu juntamente com a professora de ciências do período da tarde, esta daria aula para a única aluna, que nesta data informou que não iria à escola, logo a professora apenas foi até a sala de aula e retornou, comentou que isso era frequente e que esta aluna falta muito, e que elas ficam, geralmente, conversando sobre assuntos diversos. Esta professora conversa muito com as agentes penitenciárias e enquanto a pesquisadora a acompanhava, por diversas vezes, comentários pejorativos eram realizados, como por exemplo: “Aqui todas são inocentes” (sic). No caminho para a sala de aula, uma das agentes se queixou das condições de trabalho, as quais acredita-se ser bastante delicada, no entanto o que chamou atenção foi o comentário que seguiu às queixas: “Aqui só tem direitos humanos pra elas, para os funcionários não têm” (sic).

Como ao chegar na sala de aula, a aluna informou que não iria à aula, não foi possível observar a aula, mas segundo o relato da professora esta pareceu não ocorrer de maneira como observada em outras unidades, uma vez que por tratar-se de unidade provisória de acordo com a professora, as alunas não têm muito interesse, pois logo sairão para a rua ou para outra unidade.

A sala de aula, possui carteiras, quadro, e armário para guarda de material escolar das alunas e livros didáticos, assim como em outras unidades o espaço foi adaptado para tornar-se sala de aula.

Após realizar as coletas de dados possíveis a pesquisadora se despediu e agradeceu a todos.

Aulas da manhã – 8h aula da tarde às 14h.

UNIDADE 6 E 7

Embora houvessem autorizações judiciais para a realização da pesquisa de campo nas unidades 6 e 7, optou-se por não realizá-la, uma vez que estas eram as unidades mais

distantes da cidade de São Paulo, além disso houve o entendimento de que as entrevistas e observações realizadas em outras unidades atingiram suficientemente a quantidade de informações necessárias para a discussão dos objetivos propostos para este trabalho.

UNIDADE 8

Mesmo com todas as autorizações dos Comitês de Ética não houve retorno da Autorização Judicial do Município.

APÊNDICE E - Entrevistas transcritas das alunas

UNIDADE 1

Entrevista 1 –Luciana

E: Bem, é Luciana, né? Qual é sua idade?

L: Tenho 29 anos.

E: 29 anos. Você pode falar o porquê que você tá aqui? Só o artigo, não precisa entrar em detalhes. Só para eu ter um registro.

L: Bom [pausa] eu tô aqui porque eu tava no momento errado, com a pessoa errada e fui a maior prejudicada.

E: E aí você pegou o que? 33? 157?

L: 33 e um 35. Peguei 9 e seis. 6 anos no 33 e 6 e seis no 35.

E: Entendi. Que é tudo relacionado ao tráfico, não é isso?

L: É tráfico e formação (E: de quadrilha?)

E: Tá. É só para eu registrar essas informações para saber quem são as pessoas que eu to entrevistando, até por que a maioria das mulheres presas hoje, elas estão por envolvimento de alguma forma com o tráfico (L: a maioria) e isso é uma informação importante para a gente saber.

Bem, então falando um pouquinho da questão da escola, né. Eu queria que você me contasse primeiro como é que foi a sua trajetória na escola, sua história na escola antes de entrar no sistema?

L: Na rua?

E: Isso, na rua.

L: Eu fiz a primeira série eu tinha 10 anos.

E: Tá, você já entrou um pouquinho mais tarde.

L: É mais eu já tinha aprendido a ler por vontade própria mesmo, incentivo de algumas pessoas, aí eu comecei a ir pra escola com 10 anos. Um padrasto meu ajudou me matricular, né? Porque minha mãe, ela tem problema com álcool então ela não ligava muito.

E: Então foi seu padrasto é isso?

L: Meu ex-padrasto. (E: tá) Aí eu fiz a primeira série o ano inteiro, no outro ano num pude estudar, minha mãe teve filho. Quando foi no outro ano eu fui pra outra escola e lá começou a ter supletivo, eu sempre era muito avançada, além de ser a mais velha, né da sala, eu era sempre a mais avançada. Aí a professora pediu pra diretora tá fazendo uma prova comigo pra eu poder tá pulando de ano (E: Uhum). Aí eu fiz segunda, terceira fazendo prova (E: Tá) até a sétima. Só que aí eu pulei a quarta série. Queria estudar numa escola e a escola não fazia a quarta série, aí eu fiz, sei lá, uma prova, passei só que eu não terminei o ano, tinha muita falta e consegui mesmo assim me matricular na quinta série (E: Uhum) Aí eu fiz quinta e sexta, ninguém descobriu nada. Quando eu fui pra sétima série eu parei de estudar, por outros motivos né. Quando eu fiquei de maior, com 18 anos, eu fui tentar estudar de novo aí minha casa caiu, queriam que eu voltasse pra terceira série.

E: Por que descobriram que você tinha pulado.

L: Porque eu num tinha feito a quarta série. Naquela época não era tudo muito computador, era mais no papel. Aí eu desisti, fiquei com medo de dá algum problema pra mim, eu desisti. Ai vim presa a primeira vez e naquela época, num tinha nem trabalho nas unidades, quem dirá escola, né?

E: Você veio presa a primeira vez com 18?

L: Com 18 anos.

E: Tá.

L: Enfim, fui embora, não procurei mais estudar, não tinha como. Eram muitas responsabilidades lá fora e eu sozinha e aí dessa vez eu vim presa, eu fui pra Unidade 2, aí na Unidade 2.

E: Você veio quando presa de novo?

L: Em 2011.

E: E a primeira vez foi?

L: 2005.

E: 2005, tá.

L: Ai quando eu vim pra Unidade 2, lá eu tive como estudar, por que eu trabalhava de dia e estudava a noite (E: Uhum). Só que eu achava muito chato por que quem dava aula era outra presa (E: Sim) então eu meio que só empurrava com a barriga, eu tentava aprender, queria aprender, mas...

E: E você entrou em que série lá?

L: Então, lá colocaram eu na terceira, não deu certo. Ai fiz prova, passei. Ai quando eu vim pra cá ainda fiquei mais uns tempo sem poder... Aqui eu demorei mais pra estudar porque aqui nós num tem a opção de trabalhar e de estudar (E: Uhum) e eu tive que optar por trabalhar, né? Pra poder sobreviver.

E: Por que não tem aula a noite aqui?

L: Não tem.

E: E aí coincide com o horário de trabalho.

L: É. Ai agora, né. Agora eu voltei regredida, antes mesmo... eu voltei regredida quando eu cheguei aqui, eu num podia trabalhar, 3 meses de castigo.

E: Me explica o que significa voltar regredida?

L: Eu fui pro semiaberto, ganhei meu semiaberto, (E: Tá) chegando lá eu assinei uma falta, aí o juiz fecha e me volta pra cá.

E: Ah, tá bom, entendi. Você regrediu de pena?

L: É regredi de cadeia.

E: Tá, entendi.

L: Lá eu tava semiaberto, aqui eu tô totalmente fechada.

E: E você foi pra onde no semiaberto?

L: Butantã.

E: Ah tá, conheço.

L: Fiquei 6 meses lá. E lá eu comecei a fazer um curso também lá, de maquiagem. Ia todo dia pra rua, aí fizeram uma maldade comigo, colocaram um B.O. na minha bolsa quando eu tava vindo da rua pra dentro da unidade e aí tô aqui né. Aí num podia trabalhar quando cheguei, eu falei num vou ficar sem fazer nada, porque desde quando eu vim presa, sempre trabalhando, procurando minha remição porque minha sentença é alta.

E: Você não podia trabalhar por punição? Por causa da disciplina?

L: Punição, é. É um castigo que a gente tem que pagar aqui. E aí eu peguei e falei: bom, eu vim no meio do ano, eu falei: ah vou pra escola, pelo menos fazer alguma coisa, né? Pra hora passa e num parei mais.

E: Isso foi no meio do ano passado que você veio pra cá?

L: Em agosto, eu comecei em agosto. Eu vim em julho e em agosto eu já tava estudando.

E: Entendi. E quando você estudava na rua ainda; você é daqui de São Paulo mesmo?

L: Aham.

E: E como é que era? Tinha alguma coisa que você gostava muito? Teve alguma situação que te marcou? Enfim, alguma experiência, assim?

L: Ah, então... na primeira série me marcou muito que a gente foi fazer uma apresentação do EMEI, do ENEM não lembro direito se é ENEM ou EMEI. E a gente fizemos tipo um teatro, meio que musical com aquela música do Toquinho, Aquarela! (E: Uhum) Então toda vez que escuto essa música, eu me emociono, eu choro. Porque foi assim, foi mágico, foi uma coisa bem legal, bem legal de verdade.

E: E isso foi o que? Na primeira série?

L: Na primeira série, eu tinha 10 anos. Isso pra mim foi muito marcante.

E: Foi uma apresentação pra um dia que os pais iam na escola, alguma coisa assim, não?

L: Não, não foi nem na escola. Foi num outro lugar.

E: Mas era da escola que teve em outro lugar?

L: Era da escola, eram outros professores... eu acho que alguns foram... aí como é que fala? Esses... tipo pessoas que nem você formada, que estuda e que trabalha na educação, tinha muita gente. Aí nós fomos representar a escola. Eu num lembro direito onde foi o lugar, porque nós fomos de ônibus e tal, a mãe teve que assinar. Os pais que podiam ir foram, né. E foi muito lindo, foi muito lindo. A música até hoje quando eu escuto, me emociono de verdade.

E: Entendi. E tem mais alguma coisa que foi muito legal nesse período que você estudou?

L: Então, quando eu fui fazer as outras séries eu fui pra baixada do Glicério, lá eu gostava muito da escola. Sempre gostei muito de estudar, sempre tive notas boas, mas lá era, era complicado, porque lá quando chovia alagava tudo, então quando alaga eu já lembro de lá, que a gente saía da escola de barquinho também, então toda vez que chove eu lembro de lá.

E: Aqui alaga também, não?

L: Aqui acredito que não, mas lá alaga, é do lado da Liberdade, a Baixada do Glicério, lá alagava. E nessa última escola que eu estudei que foi no João Kolpe, ali no Campos Elíseos, ali era... já foi um lugar muito bom, hoje é conhecido como cracolândia.

E: E foi ali que ajudou a te enrolar, não?

L: Não, o que me ajudou a me enrolar foi o destino mesmo (E: Entendi) Não posso culpar a escola não.

E: Não, não, não... num é nem a escola é a região.

L: Ah, sim. Num posso culpar muito a região, porque muitas pessoas naquela época estudavam comigo e tiveram outra direção, né? Eu fui mesmo pelo destino que sempre dificultou um pouco as coisas pra mim. (E: Entendi).

E: E aí no João Kolpe, você já fez EJA lá? Já era o supletivo?

L: Então fiz supletivo lá, fiz supletivo, aí lembro que fui até a sexta série, quando passei para sétima parei de estudar.

E: E isso foi antes da primeira vez que você foi presa. Sei lá 2004? 2003?

L: Foi. Eu tinha uns 13, 14 anos. (E: entendi) É num tinha nem 15 anos. É entre 13 3 14 anos.

E: E como é que eram suas relações com os outros alunos, com os professores, na época lá fora?

L: Então na primeira série eu era monitora. Nossa! Adora ser monitora, me sentia a professora! Quando eu fui pro Duque de Caxias, a professora faltava muito e muitas vezes num tinha... isso na segunda série, num tinha substituto e eu começava lá...passa aula pras outras crianças e aí a diretora viu e pego e nessa época num era muito reforçado esse negócio de supletivo, era um exceção. A diretora foi, me ajudou, eu fui fazendo fui passando de ano. Cheguei a fazer 3 anos em um só, porque quando chegava na sala de aula, eu sabia tudo, num tinha nada que... assim, o básico do básico eu já sabia, só num tinha a formação que eu procurava muito. E era muito bom, só que esta situação também era muito precária a gente num tinha tantas alternativas. Hoje em dia nas escolas tem computação, tem inglês. Naquela época não tinha. (E: Uhum) Era muito difícil, mas eu gostei da minha época de escola.

E: E o que te motivava a ir pra escola? O que te dava vontade de ir?

L: Eu num conseguia ficar em casa com a minha mãe.

E: Então essa era a sua principal motivação?

L: Eu queria ficar longe de casa o tempo que eu pudesse ficar eu queria ficar e eu fugia na escola.

E: Era muito difícil a relação com ela?

L: Era um pouco, bastante.

E: Por causa do alcoolismo? E a sua mãe ainda é viva? Ela vem te visitar?

L: Ah então dessa vez que eu vim presa ela me visitou por dois anos, aí depois ela sumiu de novo. Ela, a primeira vez que ela foi embora eu fiquei com dois irmãos

meu, né e eu com medo da dona da casa chama o conselho tutelar, peguei as criança e fui embora. Por isso que eu num pude estudar.

E: E isso quando?

L: 13 pra 14 anos. Ai já num pude estudar, tinha duas criança pra eu cuidar eu era outra criança e sem alguém pra instrui a gente procura o caminho mais fácil que na verdade é o mais difícil.

E: E ai você achou que por esse meio seria mais fácil você conseguir as coisas?

L: É eu num tinha ninguém pra me instrui né.

E: E ai seu padrasto nessa época já tinha ido embora?

L: Já tinha ido embora.

E: E hoje sua relação com a sua mãe acontece por carta ou de alguma forma, ou não?

L: Não, então ela até tava tentando parar, ela tava se esforçando, eu tava desesperada pra mim ir embora que eu já tentava ajudar ela na rua, mas infelizmente eu num fui embora, ela num aguento ai deixo as criança de novo, já são um pouco maiores aonde a família do pai do meu filho me ajudo a fica com eles, cuido deles, tão com eles até hoje também.

E: Ah, você tem filhos então?

L: Não, meus irmãos, eu tenho um filho.

E: Ah tá, você tem um filho, que estava com a sua mãe?

L: Não, não eu não deixei com ela. Quando eu vim presa eu tinha meu marido ai ficou com ele.

E: E seu filho vem te visitar?

L: Vem a minha sogra traz ele, uma vez por mês.

E: E seu marido vem, ou não?

L: Não mais.

E: Vocês terminaram a relação?

L: Ah, é complicado. Eu e ele é complicado, nós tamo dando um tempo.

E: Entendi. E o que te fez procura a escola na prisão? Que te motivou?

L: Então, lá por que eu queria... precisava de remição, quando eu vim presa que fui pra Unidade 2 eu precisava de remição com 4 meses eu já era sentenciada e sentença alta eu não sou réu primária então é mais complicado, então eu fui atrás de remição. Então eu trabalhava, estudava, fazia teatro. Então tudo que aparecia que desse remição eu tava fazendo.

E: Isso já foi da segunda vez que você foi presa?

L: É, não. É dessa vez que eu tô, por que não é (E: agora?) é não é a segunda vez, por eu vim de um lugar já, né. Do lugar que eu morava, centro de São Paulo, onde me rodeava as pessoas, onde eu convivia, então depois da primeira passagem onde você passa, mesmo que você não esteja fazendo nada errado, você vai tá fazendo. Você tá ali, você já tá errada, então por causa disso né, com esse país corrupto, que os polícia também são corruptos lá fora, eu vim presa outras vezes forjada, fui

embora. Desta vez, é a mesma situação, mas né é aquele velho ditado, a gente já tem tipo uma placa: ex-presidiária, ainda você tá num lugar daquele, por mais que você fala, eu não estava fazendo ninguém vai acreditar. (E: Uhum). E aí...

E: E dessa vez você não estava fazendo?

L: Não, não tava. Dessa vez, não. Não to falando que eu era santa, vou tá sendo hipócrita, mas dessa vez não.

E: Entendi. Então o que te fez procurar escola então foi principalmente a questão da remição?

L: A sentença alta, precisava de remição. No começo foi difícil né, porque assim, num to falando mal das minhas companheiras, né daqui de dentro, mas os professores incentiva bastante a gente, a gente sai daqui de dentro, a gente é... sei lá. Eu quando venho pra escola esqueço que eu to presa. Começo a estudar e é número, é história, é ciências, é geografia. Ai eu chego lá dentro, que eu tenho um monte de coisa pra conta, aí eu conto e as meninas ficam me olhando, tipo né... Vamo, vamo. Eu já consegui trazer duas pra cá, pra escola. (E: Que legal) Entendeu?

E: E você estuda na cela também, não? Fora da sala?

L: Ah eu estudo, por que a gente faz muito trabalho também em casa né, modo de dizer [risos] e a gente faz, a gente... é da hora é... motiva a gente, os professores também motiva a gente de verdade, por que a gente num escuta gíria, a gente é tratada... a gente num se vê como presa que a gente é tratada de uma forma de igual, então a gente se sente a vontade de vim numa sala, dá um bom dia pro professor e sentar e aprender, entendeu? É muito gratificante, de verdade.

E: Então pra você tem uma diferença aí entre as monitoras (L: Tem...) e os professores da rua?

L: Tem, completamente. Hoje em dia as salas são até mais cheias do que antes. Antes era igual eu falava, a gente empurrava com a barriga, por que era...

E: E além da questão da gíria ou de repente de ser uma pessoa que está no dia a dia com vocês e tal, o que mais que muda nessa transição aí de monitora presa pra professor?

L: As vezes a gente tá com problema é a gente chega aqui. A gente vê o esforço do professor que, de verdade, eu num acredito que o salário deles vale a pena, vim a passar constrangimento pra ensinar a gente. Já souo véia, né? Assim modo de dizer, entendeu? E ele vem por que eles gosta, eles têm paciência, eles... então é via de mão dupla, a gente vê a atenção deles e a gente ser assim na mesma intensidade, entendeu? Pra eles se orgulharem da gente também, por que é legal, quando a gente tá ali com um problema, a gente num consegue resolver, muitas vezes depois que a gente fica adulta, a gente fica com receio e perguntar, de questionar. O professor tá ali, dá uma atenção, aí quando a gente consegue, a gente fica feliz, o professor fica feliz e é gratificante.

E: Entendi. E o que que tem de mais prazeroso hoje na sua rotina escolar? Assim, do que você mais gosta de fazer hoje?

L: As prova.

E: As provas? Você gosta das provas?

L: Eu gosto. Eu fico curiosa, quero saber minha nota. Eu não aceito pegar nota baixa e a gente disputa dentro da sala de aula, quem tem a nota maior, é... é legal, é interessante. A gente estuda quando o professor fala vai cair na nota... vai cair na prova... Vamo dá uma atenção, a gente já vai sublinhando, né. Ai é igual na escola na rua, tem aqueles bolinho, né. Cada um com a sua turminha. Ai a gente vai, depois nós quer sabe quem tiro a nota melhor, é legal.

E: E você conseguem estudar juntas fora daqui ou não? Porque cada uma é de um pavilhão?

L: Então cada uma é de um pavilhão e aqui é igual eu falei pra você, aqui a gente sai daqui de dentro, a gente realmente vai pra escola (E: Uhum) então, quando a gente volta os problema volta também, né. (E: Sim) Ai muitas vezes num dá tempo né, mas muitas vezes nós faz um trabalho junto sim, lá dentro. É tipo, duas, três no pavilhão, num são a sala inteira, mas dá pra fazer uma coisa ou outra. Quando uma falta a outra vai empresta o caderno pra repor as matérias, é legal!

E: E hoje você tá cursando que série, aqui?

L: A sétima, eu acredito que seja a sétima. Eu acho que eu passei de ano, eu num sei. Eu tenho que pergunta.

E: Então é sétima ou oitava?

L: Ou oitava. É por que já tem uns seis, sete meses que eu tô estudando. Acho que eu passei de ano. Eu num procurei ver, ainda. Boa pergunta, eu vo procura saber.

E: E como é que funcionam as aulas? Assim, porque são algumas séries juntas, num é isso?

L: É.

E: E como é que funciona a organização da aula?

L: Ah, então é tipo assim, as mais fraquinhas a gente procura ajudar, puxa com nós, né. E a gente vai uma puxando a outra, mas normalmente a gente tá sempre no mesmo nível, é porque umas são um pouco mais devagar outras já são mais pra frente. A gente meio que tenta se organiza, a gente acompanha tudo junto.

E: E ai tem uma prova específica para vocês passarem de ano, ou não?

L: Não, vale as notas né. No final do bimestre, ai fala se a gente passo ou não. Quem passo. Ai uma determinada aluna muda de sala, porque num é todas as séries numa só né, são divididas. (E: Uhum) Talvez pelo espaço e... é triste também quando elas mudam, porque a gente fica tanto tempo junto e ai de repente só uma ou duas muda de sala a gente fica mais na expectativa de que nós também vai pra lá, entendeu? (E: e ai geralmente elas mudam...) Porque quando a gente muda é porque a gente tá... (E: Elas vão para o ensino médio, né?) É tá indo pro ensino médio. Eu vô procura vê também se... que... onde... eu acredito que seja sétimo mesmo, porque... sétimo, oitava é, porque a outra já foi pra outra sala. E só foi ela que já tava mais tempo que nós. Nós tá falando com ela: nós tá chegando. É uma corrida! Ela chego, nós tá chegando atrás. É legal...

E: E ai essas coisas vão motivando, né?

L: Vão, vão motivando mesmo, de verdade. Dia que nós num acorda bem, que nós tá triste, ai nós vem pra cá, chega e ai as vezes o céu tá caindo, o professor chega todo molhado. Fala: caramba! Professor todo molhado. "Professor!!!" "Não, mas eu

tenho que vir, vocês tão me esperando”. Então isso é gratificante, incentiva a gente de verdade. Sem eles nem percebe eles acaba incentivando nós, né? (E: Aham) Que, na mesma hora que a gente vê o professor molhado. A gente fala: caramba meu, nós têm que tá aqui mesmo esperando por ele.

E: E... Você acha que a educação aqui dentro é diferente da educação de fora? Oferecida lá fora?

L: Então... eu fiquei muitos anos sem... sem estudar né. Então assim, é complicado comparar, porque eu ainda era uma criança, né. Quando eu estudava (E: Uhum) então o mundo era uma diversão... né? Era que nem... em termos né. De uma certa forma era diversão. Hoje em dia já não, eu sou mulher já uma questão mais de responsabilidade (E: Uhum) e... mais são os mesmos motivos. Eu procurei fugir da rotina e gostei, né? Procurei fugir de lá de dentro e gostei e num parei mais. Poderia já ter parado, ido trabalhar, mas não, optei por... por estudar e quando nova também, né... porque eu num queria ficar em casa então a escola pra mim era um refúgio, então é interessante, de verdade. Como as coisas são, né? ... Mas o ensino... é muito bom. É porque eu era mais mocinha eu acho que, eu acho que antigamente era mais fácil aprender, num sei se é porque velha o cérebro meio que deu uma atrofiada [risos] mas... é bom estudar. Eu num quero parar de estudar eu vô continua estudando. Tô pra ir embora de novo. Quero termina meus estudos, tô fazendo curso profissionalizante e eu quero exercer essa profissão na rua, então eu tô me dedicando muito a isso.

E: Que é de maquiadora é isso?

L: É, é de maquiagem. Eu tô me dedicando muito, de verdade. Eu quero... Ah! Tô aprendendo a falar até inglês, entendeu? Quero trabalhar num navio... ai quero... quero uma outra realidade.

E: E você tá montando condicional ou pra ir pro semiaberto?

L: Então... eu vô monta os dois. Pelo fato de eu ter voltado regredida, né? Talvez eu tenha que voltá para lá, mas talvez não. Vai do juiz, o juiz pode me dá aqui também, porque eu também vô tá na época de condicional. (E: entendi) Muita remição eu tenho.

E: Uhum. E vocês têm quantos professores aqui hoje? Tem aula com quantos professores?

L: Então... eu acredito que a gente tenha, deixa eu ver: matemática, português... não português e inglês é a mesma, geografia, história também é a mesma, matemática. Eu acredito que, assim agora, a gente deve tá com uns 5 professores mais ou menos, que me vem na memória agora são 5 professor, que cada professor num é só de uma matéria, entendeu? (E: entendi) é uma, duas... entendeu? Então fica meio difícil, mas a gente tem cinco aulas por dia, as aulas tudo inter... intercaladas, entendeu? (E: Sim) é... eu acredito que seja essa quantidade.

E: Tem alguma matéria que você gosta mais?

L: Ah, então né. Eu... eu num sou muito boa, num era muito boa em português não, mas ultimamente eu tô me surpreendendo comigo mesma, é verdade [risos] (E: Que bom!) é... matemática a minha cabeça dói um pouquinho, mas eu gosto porque eu me sinto desafiada. (E: Uhum) é... e quando eu sou desafiada, eu gosto de ir pra cima, então eu tô gostando, tô aprendendo muita coisa nova de matemática, que eu nem sabia que existia. (E: Legal) Verdade!

E: Então você tá gostando bastante?

L: Tô, tô curtindo muito.

E: E você falou um pouquinho dos seus planos futuros, né. De quando você sair e tal. Você acha que a educação vai contribuir pra essa sua reinserção? Pra quando você sair? Em que que você acha que vai...

L: Eu acredito assim que pra mim pode arruma um lugar melhor. Inigual... é inigual... eu já trabalhei como manicure, cabelereira na rua, foi uns salões mais humildes. Eu acredito que eu estudando e eu tendo um certificado eu já posso trabalhar num salão melhor do que no centro, tipo no Morumbi, né? Num lugar melhor por eu tê um estudo, eu posso conseguir... Inigual é... a gente sendo bilíngue, eu sabendo fala o inglês eu já vô pode trabalha num navio, já vem um salario melhor, eu vô te uma formação escolar. Que eu acredito que isso vai ajudar muito, nos lugar de trabalho que eu gostaria de trabalhar, entendeu? (E: Uhum) Porque cada lugar é um valor, né? E a gente sempre procura o melhor lugar. (E: Aham) Eu acredito que vai me ajudar muito sim, por causa da região de trabalho.

E: Sim, e depois que você terminar a escola... é... regular, enfim normal que é até o terceiro ano. Você pretende continuar estudando depois?

L: Quero, eu quero me forma em tudo que for em questão de beleza. Eu quero fazer os curso profissionalizante até mesmo quando eu sai... e também eu quero faze... quero faze é... como é que fala... ... Ai, agora me fugiu o nome da memória... ... enfim, tudo que envolve a beleza e muitas coisas as vezes, num precisa ser só cabelereira, manicure pra você fala de beleza... Estética é... é... pedólogo... é podóloga. São coisas que a gente tem que estuda um pouco mais, ter uma outra formação. Eu quero ir me aprofundando devagarzinho quem sabe amanhã eu num possa ter meu spar, né?

E: Você pretende fazer faculdade também, ou... ainda não sabe??

L: Então... tô...tô indo devagar. O importante agora é eu estuda, termina, faze alguns cursos profissionalizante, tá ganhando um salário melhor pra tá formando o meu, ai fazendo uma faculdade sim (E: Sim) Entendeu? Por que? Porque ai eu já vô passá de empregada à empregadora, né? (E: Uhum) Mas ai é com o tempo devagarzinho.

E: Entendi. E quais são suas atividades aqui na prisão? Assim, no dia-a-dia? Então você acorda... Assim, me conta um dia seu aqui.

L: Acordo, tomo banho gelado, tomo cafezinho da manhã.

E: Gelado por opção ou falta de opção?

L: Por falta de opção[risos]

E: Tá. Toma café...

L: É, eu como, ai já abre as tranca, venho pra escola, saio, volto pra tranca...volto pra cela, num é trancado na hora do almoço, ai eu almoço, faço minha higiene, já venho no horário do curso, venho fico a tarde inteira no curso. Quando eu chego já é hora de limpa a cela, já vem as tranca e acabou o dia.

E: Acabou o dia. E fica você e mais quantas pessoas na cela?

L: Fica eu e mais uma companheira. (E: mais uma) Moramos em duas.

E: E a capacidade é pra duas mesmo?

L: É pra duas, a capacidade é essa.

E: Tem duas camas. Entendi. É... Você percebeu, assim, alguma diferença? A última vez que você veio presa foi agora no meio do ano passado é isso?

L: Que eu voltei regredida? Foi.

E: Foi no, no...

L: Em julho.

E: Em julho. Mas o tempo que você tá aqui dentro, você percebeu alguma diferença na educação, enfim na relação, na organização das escolas?

L: Ah, então. Aqui mesmo, aqui dentro num posso fala muita diferença, porque eu tava em uma unidade que o ritmo é completamente diferente dessa unidade que eu tô agora, né. Que lá a gente podia estudar a noite, já aqui não. (E: sim) Então, mas... é eu fico triste por saber que lá fora tão fechando as escolas e acredito que isso vai interferir sim aqui dentro, entendeu? E... aqui dentro, que tá cada vez melhor, mais pessoas tão vindo pra escola, e... tem gente que... até precisa trabalha, e tá precisando vim pra escola, então eu acredito que melhorou muito.

E: E como que você acha que o fechamento das escolas lá fora vai influenciar aqui?

L: Porque a escola fecha com a ordem de alguém, certo? E, no caso a mesma pessoa que pode mandar fechar lá fora por que que num pode fechar o espaço aqui entro? (E: Ah, entendi) Quem que garante pra nós que num vai fecha o nosso espaço aqui dentro? Se lá fora, que são pessoas que num cometeram crime, que pagar seus impostos tudo certinho tão sofrendo essas consequências, por que nós presidiaria num vamos sofrer também?

E: Entendi, então é por isso que você falou: tão fechando lá fora, pode mudar aqui dentro também.

L: É. Entendeu, a gente tem medo disso, quando a gente começamo tivemos até uma conversa com o professor em sala de aula sobre isso. Nós ficamo com medo. Quando virou o ano a gente achamo até que a gente ia perde alguns professores, não perdemos e assim, a gente ficamo sim com medo, quando a gente viu umas escolas fechando lá fora (E: Entendi) Foi um medo de verdade, e num foi só meu.

E: Vocês acompanharam pela TV essas coisas?

L: Uhum, pela TV.

E: Entendi. Mas dentro da escola aqui... do período que você estudou dentro da prisão, você percebeu que também teve alguma mudança, ou não?

L: Só tá melhorando, eu acredito que só tá melhorando. É... fora a falta de material, né, mas com jeitinho a unidade tá... é...como que eu posso falar? Tá suprimindo as nossas necessidades do jeito que tá dando. A gente vê esforço até mesmo deles de tá ajudando a gente, entendeu? Na unidade.

E: Que materiais que costumam faltar?

L: Não... assim. Talvez nem seja por faltar, talvez seja pelo fato das meninas começa, para, num ir até o fim, as vezes nós fica sem material pro ano inteiro, né, mas...

E: Material você chama o que? Caderno, lápis?

L: É um caderno (E: livro?) caderno... não, livro tem bastante, graças a Deus, livro aqui num falta. Mas é mais um caderno assim, mas eu acho que é mais pelo fato do ano ser estendido, umas meninas vão embora, outra vão de bonde, a gente acaba quem fica mais tempo acaba ficando até sem, mas a gente vê o esforço dos funcionários tá trazendo pra nós, então... também vendo a parte dos funcionários também, os que trabalham aqui, a gente vê o esforço deles, sim, ajuda a gente aqui (E: Entendi) Interesse de ajuda a gente.

E: E em relação a remição, ficou mais fácil depois que mudou da... monitora presa pra... pros professores da rua?

L: Ficou bem melhor, mais incentivante.

E: Ficou mais fácil o processo também? (L: é...) Pra vocês saberem quanto... Vocês recebem, sei lá, um relatório de remição, ou não?

L: Ah, então de época em época é pedido a nossa remição, é julgada e aí a gente pede tem uma judiciária, aqui dentro da unidade, a gente pede eles mandam um papel falando quanto tempo a gente ganhou, né. Quanto... antes era por horas hoje em... é antigamente era por horas, tantas horas a gente ganhava tantos dias, num me lembro muito bem as contas. Hoje já não, é 3 por 1, então as vezes nós mesmo faz as contas, quantos meses nós estudamos, quanto dias nós foi, quanto nós ganhamos e de tempo em tempo é julgado isso e a gente toma ciência.

E: Entendi... Essas mudanças que foram acontecendo aí, ajudaram, estão ajudando, enfim, você aí, a... vontade de vir pra escola e frequentar as aulas?

L: Tá incentivando eu e ainda eu trago outras pessoas comigo, por que é contagiante, eu acredito assim, eu gosto, eu chego falando aí as meninas começa a se interessar então... aí pede pra mim trazer o nome, então eu acredito que tá melhorando, é assim... eu acredito porque eu gosto, então num tem como eu procura um defeito naquilo que eu gosto, fica difícil (E: Aham) né. Eu gosto de estudar, então eu acho que se tá fazendo... se... falta alguma coisa é... falta talvez a atenção do próprio governo mesmo, porque aqui a gente vê o esforço dos professores, o dos funcionários, então... tem, eu acredito que esteja melhorando.

E: É, isso também é uma pergunta. Assim, você acha que tem alguma coisa que poderia mudar pra ficar melhor enfim? Você foi falando um poquinho, mas...

L: É... então, algo pra melhorar aqui? ... Ah, mais poderia tá... mais cursos também, né. Acredito que mais cursos pras meninas que incentiva bastante... mas... sou muito suspeita falar porque eu gosto, então eu vejo o esforço fico até meio receosa de crítica porque a gente vê o esforço de todas as partes.

E: Mas não é criticar no sentido de ruim, assim, mas pensando melhorias.

L: É... mas quem tá aqui com nós que é os funcionários e os professores, eles fazem o que podem pela gente (E: Uhum) então a gente vê que eles também quer uma melhora (E: sim) e talvez se algo, não, a gente e não aconteça, não consiga é pela falta de atenção mesmo do Estado, né (E: Entendi) mas por parte deles, aqui dentro, que convive com nós no dia a dia, todas as partes se esforçam.

E: E você acha que assim, por que você tá estudando, aqui, enfim por que você tá estudando, as suas relações com as outras presas, com os funcionários e com a sua família, tá mudando ou vai mudar? Você acha que a escola, a educação influencia nessa, nas suas relações?

L: Ah, bom, na escola é igual eu falei aqui, a gente sai daqui de dentro e lá fora, lá dentro no caso né, não, a convivência normal, cotidiana mesmo de uma unidade prisional, né. A gente procura trazer as meninas pra cá e enfim... é tranquilo, muitas vezes eu conheço muitas meninas na escola que eu num conhecia lá dentro, mas próxima, ficamos mais próxima, né. A escola também tem essas coisas de... a gente se uni bastante sem conhecer direito quem é, quando a gente vai vê era nosso vizinho o tempo inteiro e a gente num conhecia, entendeu?

E: Quebra um pouco a tensão do clima da cadeia.

L: É, quebra, quebra... quebra. Que a gente sinta assim, as vezes a gente tem uma prova pra fazer, nós senta no chão, pega um monte de livro assim, eu e mais duas, aí todo mundo fica olhando, aí já vem uma ou duas encosta com nós, começa a folhear com nós, é... é interessante. Voltando o que você tinha me falado se tem alguma coisa que poderia mudar, eu acho que aqui seria interessante poder estudar a noite... teriam mais pessoas estudando.

E: Mais gente que gostaria de estudar?

L: É teria.

E: Por que tem muita gente que precisa (L: trabalha) sim, ou sim do dinheiro do trabalho, né?

L: Verdade.

E: Pra mandar pra fora e tal.

L: Verdade, tem muita gente que precisa. Eu acho que as... escola ficaria mais cheia se pudesse estudar a noite.

E: Entendi. Então você... de alguma forma, você falou aí que as suas relações elas mudaram, né. Têm mudado um pouco por causa da escola. Seja porque você conhece outras pessoas, que moravam do seu lado e você num sabia, seja porque você, quando vocês tão estudando, sempre tem alguém que fica curioso e as vezes vem perguntar alguma coisa (L: Uhum, é verdade) Isso de alguma forma talvez deixe... deixa menos tenso as relações, ou não?

L: Não, assim, eu num tenho problema então num é tenso, o que é tenso é só a gente tá aqui mesmo, longe da família, né isolada no mundo, querendo de uma certa forma, a gente fica isolada, por que quando eu fui de saidinha eu vi que eu tinha parado no tempo aqui dentro, a gente para literalmente, então você sai, pra acompanhar você tem que dá uma aceleradinha, mas é... meu convívio com as outras é normal, eu acredito que assim, a minha empolgação tá incentivando elas, assim como de outras companheiras aqui também incentivam, tem uma colega nossa de sala de aula, que num saía pra nada da cela, da cela dela hoje em dia ela estuda, faz curso e é uma das melhores alunas da sala, ajuda, ela ajuda gente que tem dificuldade então é igual eu falei, muita gente teria que vir pra escola e num vem por causa do serviço se mudasse a escola taria mais cheia. E lá dentro elas se interessam, elas se interessam, elas vem, as vezes tem alguma dúvida, aqui tem uma firma que você tem que fazer umas contas pra você conseguir trabalhar, elas vão me procurar pra ajudar a fazer as contas.

E: Pra passar na prova?

L: Pra passar na prova.

E: Entendi.

L: Entendeu? É interessante. Todas as unidades prisionais têm escola?

E: Eu não sei, acho que nem todas, é... eu vou em algumas pra fazer essa pesquisa, como eu tô fazendo aqui, e aí talvez mais pra frente eu consiga responder pra você assim, como é que tá funcionando em algumas outras unidades (L: Entendi) eu não tenho certeza se todas têm, deveriam, mas não sei se todas tem. E... uma, talvez uma pergunta pra gente começa a fechar. E você? Você acha que você é... sente alguma mudança em você por ir à escola?

L: Eu fiquei mais motivada, a sair amanhã pra rua e fala: não, eu tenho um objetivo eu comecei esse objetivo dentro da escola. (E: entendi) Comecei meio que por um acaso, por única opção e hoje a minha, é a melhor opção é essa e isso mudou até meus planos, meu modo de pensar daqui pra frente. Poderia tá trabalhando, pensando em guardar dinheiro pra fazer isso e aquilo quando sai, não. Em vez de juntar dinheiro eu tô juntando conhecimento, pra mim sair e isso me ajuda um serviço melhor lá fora.

E: Entendi. Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre a escola que de repente passou batido na nossa conversa? Algo que você lembre, que você gostaria de falar?

L: Ai, não. É isso mesmo, acho que o governo tinha que tá dando mais atenção a isso, porque fecha escola e abre cadeia isso é retrocede, é anda pra trás, entendeu? Tem que abrir escola, dá oportunidade pra quem precisa trabalhar e estudar também, entendeu? (E: Uhum) Eu acho que tem que ser assim e cedo ou tarde, por maior que o erro seja que, a reeducanda ou o reeducando fez, a escola é muito incentivo, acho que pelo menos aí 40% das pessoas mudaria muito, se todas pudesse vir a escola.

E: Entendi. Tá certo então, Luciana, obrigada pela sua participação.

Entrevista 2 – Bruna

E: Bem Bruna, é como a gente conversou. A gente vai falar um pouquinho sobre educação, mas antes eu gostaria que você falasse seu nome, sua idade e o porquê que você tá presa, não precisa entrar em detalhes é só para eu ter esse registro e saber: olha eu entrevistei tantas pessoas por tais motivos. Até porque isso também tem uma relevância aí.

B: É... bom dia meu nome é Bruna, tenho 32 anos e fui presa no tráfico levando droga dentro da cadeia.

E: Pra entrar na cadeia?

B: Pra entrar na cadeia.

E: Pra visitar alguém?

B: É.

E: Entendi. Então só as informações iniciais aí. Agora a gente vai falar um pouquinho sobre escola. A primeira coisa que eu gostaria de saber é como é que era, como é que foi a sua história na escola antes de entrar no sistema, fora? Desde criança, enfim, como é que foi? Que você me contasse um pouquinho aí, sua trajetória.

B: Na minha parte educacional eu sempre pus atenção eu sempre gostei de estudar, tanto que eu estudei até o primeiro colegial e vim engravidar da minha filha, aí depois num tive chances de tá estudando novamente. Engravidei dela, tive ela,

passo uns tempo tentei novamente fazer um telecurso, mas o telecurso num me chamou atenção porque num tinha muita dinâmica e era só vídeo então pra mim num me interessou. Eu assistia muito pela televisão cedo, mas na aula mesmo num me correspondia, num me preenchia.

E: Faltava relação?

B: Faltava relação, até mesmo a gente era robótica né, a gente via ali, tinha que traduzi... uma máquina, eu me sentia uma máquina, vendo um telecurso.

E: Entendi. Então você saiu quando você tinha mais ou menos uns 14 anos, foi quando você engravidou e saiu da escola.

B: Não... minha filha tinha 18 anos.

E: Não, você?

B: Eu abandonei a escola... aaaa... por ai é... por ai.

E: Quando você engravidou, você tava no primeiro colegial, uns 14 anos mais ou menos?

B: Não, eu engravidei com 18 anos. (E: Ah, com 18?) Mas abandonei antes.

E: Ah, você abandonou antes? (B: Antes, entendeu?) Entendi, e por que que você abandonou antes, você saiu?

B: Ai...o mundo, o mundo me chamou atenção. Eu vim internada, fui internada numa clínica de recuperação, porque eu vim a usar droga, então ali eu... comecei a me envolver com droga, fui internada, vim pra Campinas de Campinas eu fui pra Atibaia, Atibaia voltei pra Campinas e mudei o meu meio de ciclo de sociedade. Parei de beber, parei de usar drogas, parei de tudo, então meu ciclo de sociedade era, num, vô fala que era média ou baixa renda, eu fazia igual... como fala? Trabalho voluntário (E: Uhum) no Alan Kardec em Campinas, então ali eu tinha, a... dinâmica de aprende datilografia, mexer no computador, ali eu via todo dia, então eu tinha ali como ter o conhecimento, mas o estudo mesmo sempre foi brecado (E: Entendi) ai foi o trabalho em si, a gente já foi buscando trabalho, e ali eu era de menor, então menor a gente num podia trabalhar.

E: E você é do interior de São Paulo, é isso?

B: Eu sou, sou de Ribeirão Preto, Jardinópolis.

E: Entendi. É... e ai assim, você começou a estudar na idade certa, foi direto e ai só parou de estudar na adolescência?

B: É na adolescência, quando veio a acontecer todos esse fatos.

E: Entendi, você começou a se envolver com drogas (B: com drogas) entendi. E tem alguma coisa, algumas experiência, alguma coisa que te marcou muito nesse período que você ia na escola até o primeiro colegial? Teve alguma situação, algum professor, alguma coisa que te marcou muito na escola? Que seja bom ou ruim?

B: Ah, pelo menos eu encarava assim aulas, tinha matérias que a gente realmente num gosta né, mas eu nunca tive dificuldade não de me relacionar com nenhum professor é... as vezes a gente tá numa época de adolescência que pega e... a gente quer zuar, quer brincar, isso e aquilo, quer... tipo coagi, né o professor (E: Uhum) ou o professor quer tá coagindo a gente com uma certa maneira de ser, mas eu nunca tive dificuldade com professor na rua.

E: E com as outras alunas? (B: aluna?) Ou alunos, enfim?

B: É... eu já tive dificuldades por ter uma personalidade forte. É tipo assim, até mesmo antes de ser internada, era o cigarrinho, vamo fuma uma maconha, isso. Então eu sempre tinha que ser a primeira: A Bruna, a aluna pra bota tipo assim um respeito e um medo, entendeu? (E: Aham) Então isso aí eu exigia e conseguia, mas com uma armadura, entendeu? Dessa forma. (E: e arrumava briga também, não?) Eu [risos] (E: ou só botava banca?) não, eu já briguei já, já briguei. Tipo assim, as meninas pagava pra mim ir em outra escola e briga. Então devido a tudo isso que acontecia [risos], eu fui pro conselho tutelar, o conselho tutelar me buscava, me requisitava demais. Então por causa disso também veio a acontecer a internação, pra mim num tá indo pra Fundação. (E: Fundação Casa?) É Fundação Casa.

E: Entendi. Mas num tem nenhuma situação assim, que te marcou, sei lá, alguma passeio, alguma situação em sala de aula ou recreio, algo que fala de escola você lembra disso assim.

B: Ah, eu já fui expulsa [risos] ah, eu já... tipo assim, eu gostava muito de fazer aula de matemática, muito sempre gostei, eu adorava fazer, mas eu já fui expulsa de um colégio particular que veio me recrutar, entendeu? Por eu num pode, faz aula de educação física, entendeu? Nessas parte... Eu estudava no Sesi, entendeu? (E: Sim) uma das melhores no interior devido a minha mãe vir de geração em geração e a gente tá ganhando bolsas, então veio passa de filho... de, de mãe pra filho e vice-versa. Já tive vários passeios ecológicos, gostava muito de fanfarra, quando a gente desfilava no 7 de setembro, gostava demais. Isso daí, foi partes... é trabalho de flores, a gente distribuía no, no meio da, do 7 de setembro, vasinhos de flores com sementinhas que a gente mesmo brotava ali então era uma cultura muito legal que hoje num tem, entendeu? Então eu tive uma infância, até mesmo na escola, que se eu for fala da minha filha, minha filha hoje num tem, entendeu? Então aquilo era o contato da professora com a gente, até mesmo de uma aluna com a outra aluna mesmo que a gente fosse brigada, entendeu? Nessa parte aí era bom?

E: Entendi. E você tem só uma filha?

B: Eu tenho um casal, meu menino tem... chama Natan, tem 13 anos, fez agora. A minha menina chama Ana, vai fazer 15 anos. Inteligentíssimo.

E: Já são adolescentes.

B: São adolescentes, a minha filha é bem inteligente, bem... é... decidida no estudo igual eu era.

E: E eles te visitam, não?

B: Não, não me visitam. Por ser interior né. Ficou difícil.

E: Você não recebe visita? Nem deles?

B: Deles não, recebo do meu marido.

E: ah, do seu marido! Ele vem.

B: Agora... ele tava preso, ele saiu. Eu recebo do meu marido. Eu vi meus filhos aqui duas vezes, quando eu fui, fui só se me internar para opera do coração. (E: Entendi) Entendeu? Só. No mais é isso daí.

E: Seu marido tava preso por tráfico também?

B: Tava, foi forjado. Ele tava trabalhando e foi forjado. (E: Entendi) Entendeu? E já tem conhecimento, uma cidade que é um ovo, então imagina, Ribeirão é enorme, 15 minutos de Jardinópolis, tipo um município, então a cidade é muito pequena, veio evoluir agora. Então, tipo se essa caneta ali tava na, na... cidade, então eu conhecia a caneta, como prata e vermelha, entendeu? Então num tinha... ainda mais se ela fizesse alguma coisa errada, então sempre caia em tal fulano.

E: Por que ele já tinha passagem anterior?

B: É, foi preso trabalhando.

E: Sim. E o que te motivava a ir pra escola? A ir quando você era criança, adolescente? O que fazia você acordar e falar: nossa vou pra escola!

B: Ah, eu brigava pra ir na escola cedo, ainda mais o Sesi.

E: Mas você brigava por que você gostava ou por que não gostava?

B: Não, porque acorda cedo, dá uma preguiça enorme. Ai eu ficava na piscina, minha mãe vendia pipoca na frente da escola e eu ia... agora no período da tarde eu estudei bastante, até o primeiro colegial. A noite eu fui tentar fazer, fui pra bagunça, já abandonei e ia pra outras escolas. Tipo assim, eu estudei em Brodoski ou estudo em Ribeirão. Pegava os ônibus pra ir curtir. (E: Uhum) Mas...

E: E por que você ia pra escola? O que fazia você ir?

B: O que me fazia ir? (E: é) o conhecimento. Me chamava a atenção.

E: Mesmo você gostando de fazer uma bagunça?

B: Mesmo eu gostando de fazer uma bagunça, sempre me chamou atenção.

E: Você falou que gostava de matemática, né?

B: Eu gosto de matemática, é... eu gosto de várias matérias: ciências, entendeu? Várias matérias: português. Eu era ótima na escola. (E: Uhum). Não é falando não, mas é... até hoje eu dou aplicada, entendeu? Tipo o professor passa a matéria, eu to ali fazendo um resumo, é tipo vestibular, mas eu sempre tive, tive isso. E os professores, eles põem atenção nessa situação. Até mesmo agora na sala de aula, que eu faço a lição, eles vão explicando eu vou pondo um resumo, entendeu? Eu sempre gostei, sempre gostei de aula, de artes, sempre é... pintura, eu desenvolvo bem a pintura, mas também nas outras matérias eu gostava. É um pouco enjoativo... história eu era meio assim, entendeu? Mas o conhecimento, aprender mesmo. Gostava muito.

E: E o que te fez procurar a escola aqui na prisão?

B: Aqui na prisão? Eu desde de quando... eu tô 5 anos presa, desde quando eu vim presa, é... na rua eu num tinha tempo. Era casa, filho, marido preso, faz isso, faz aquilo, coisas erradas. E na escola o que me veio a fazer foi a seguinte maneira, eu tava em Ribeirão Preto, e eu trabalhava lá, ou você trabalha ou você estuda. (E: já presa?) Já presa. Ai eu por... vim cometer uma falta, entendeu? Disciplinar. E... sai do emprego, e nessa data que eu cometi a falta já tava tendo o estudo, o estudo com a minha, com as companheiras, entendeu? (E: com as monitora?) Com as monitoras da escola, então é... uma companheira minha, a Joana, ela começou a dar aula pra gente, mas assim... é a gente procurava, e no fim era 10 meninas, depois ficou 5, das 5 ficou 4, depois das 4 ficou 3. Eu e mais 2 companheiras. (E: e a monitora?) E a monitora, só que a monitora, ela ia, entendeu? Sentava na mesa,

senão ia pra outra sala de aula, entendeu? Presa igual a gente, e deixava ali, então se a gente quisesse aprender igual pra fazer um... aí como fala? Prova do? (E: ENEM?) Do ENEM, a gente estudava, a gente pegava aquelas revista de vestibular que tem agora, a gente estudava muito, entendeu? Então a gente ali, punha atenção eu e as mais duas companheiras, entendeu? E a nossa companheira que dava aula pra gente, ela num punha atenção pra tá fortalecendo, tá ensinando, e... tá prestando uma prova, tá fazendo, tentando testa nosso conhecimento, num tinha isso, então se a gente quisesse aprender era assim, na marra, na luta. (E: entendi). Então eu pegava vários livros, entendeu? A gente discutia e tudo mais, discutia.

E: E por que que você decidiu ir pra escola? Não foi só por causa da falta, ou foi?

B: Foi também, foi tipo uma falta de, de opção, entendeu? Mas... a escola sempre me chamou atenção. Porque eu sempre pus uma meta, já que eu num posso tá fazendo uma situação, porque eu gostaria de trabalhar e estudar, entendeu? Estudar e trabalhar, vice e versa. Então eu num tinha opção, e... querendo ou não sempre me chamou atenção. A escola sempre me chamou atenção.

E: Hoje você tá em que série?

B: Terceiro colegial.

E: Tá terminando já.

B: É, era pra mim ter terminado o ano passado, né. Aí eu fui internada e tudo, perdi o terceiro ano.

E: Internada para a cirurgia que você comentou?

B: Aham, é.

E: Entendi. E tem momentos, assim, que hoje na escola, nesse processo, na escola dentro da prisão. você considera que foi legal, prazeroso na sua rotina?

B: Olha eu tenho que te fala de verdade, pra mim tá sendo prazeroso, toda... da época que eu to estudando, de Ribeirão Preto, entendeu? Veio acontecer um fato depois que veio a sai a nossa companheira e veio a entrar professoras da rua, aonde, assim, existia uma certa discriminação com a gente, mas a gente veio a mostrar diferença.

E: Uma discriminação em que sentido?

B: Discriminação tipo de olhar assim, parece que é bicho entendeu? Ou vai fazer alguma coisa comigo, ou vai mandar fazer alguma coisa comigo lá fora.

E: Por parte do professor?

B: É, por que querendo ou não, tinha companheiras que tipo ameaçava em si, entendeu? Mas, acaba sendo ameaça, ou num sei né, da capacidade da outra companheira de fazê, entendeu? E eu tive uma deselegância com uma professora, eu por ser... eu e mais duas companheira, por ter um entendimento de uma matéria, que é matemática, entendeu? Por a gente saber um pouco mais, é... a professora, as companheiras que num sabia, ela tava dando lição de terceiro colegial, né. Elas foi aplica nas meninas do primeiro, que tinha acabado de sair da oitava série. Então eu chamei a, a... professora e falei: o professora tem como tá ensinando isso e isso? Porque as companheira tá com dificuldade até mesmo eu tô com dificuldade da forma que você tá pondo na lousa e deixando. Tipo assim, você explica uma vez, explico e acabou, você num tem paciência de tá ensinando, já que a senhora num

qué tá ensinando, então pega... já num qué fica aqui, então pega suas coisas e vira as costas e sai. Entendeu? Ai ela falou que separa eu e mais duas companheira que a gente era burra, entendeu? Então eu sofri tipo um certo bullying dentro da escola.

E: Ela disse isso verbalmente?

B: Disse, em Ribeirão Preto. Entendeu? Um certo bullying e eu era uma das alunas mais aplicadas, eu e mais duas companheira. (E: Uhum) E dessa situação que veio acontecer esse bullying é... eu me alterei, entendeu? Aonde eu que... eu falei pra ela, falei umas verdades pra ela, que até mesmo eu num aceito, entendeu? Ser chamada de burra. Eu tô ali pra estuda, ela tá ali pra dá aula, entendeu? Então veio a acontecer isso comigo e mais duas companheiras, aonde o que? Eu por ser conhecida, dentro do sistema penitenciário, em Ribeirão Preto, que eu ia muito pra tomar inalação, dormia na enfermaria, então, por causa dos meus problemas de saúde, eu sempre fui conhecida, entendeu? E eu já tinha passado por lá em 2004. Aonde que a guarda veio e me tirou, ela e mais outras, e eu num pude estudar mais em Ribeirão Preto. Eu num pude estuda, num pude trabalha, entendeu? Por causa de uma guarda, a professora depois, ela já num ia na escola mesmo, quando ela ia ela fazia isso, e depois ela abandonou, entendeu? Então tipo assim, a professora num quis mais dar aula, já com problemas que ela tinha já particular dela, ai acho que ela já tava no estouro dela nas outras unidades ou, ou... escola. que trabalhava, porque é totalmente diferente, entendeu? Por que escola na rua, eu vejo assim, num tá sendo mais como antes, escola na rua é agressão, agressão física, verbalmente, psicologicamente. Os alunos num respeitam um o outro, num respeita a matéria, muito menos o professor. Então dentro do sistema carcerário tem um respeito, uma disciplina, entendeu? A gente vê elas não como animais, ou que vem acontecer alguma situação e a gente quer fazer alguma coisa contra elas, não. A gente num vê, pelo menos eu falo da minha parte, eu não vejo. eu respeito, eu respeito pra que seja, pra eu ter o respeito de volta. Aonde que aconteceu que eu nunca mais estudei em Ribeirão Preto.

E: E isso foi em que ano?

B: Foi em 2012 ou 13. Ai eu vim pra cá, entendeu? Comecei a trabalhar, enfartei. Trabalhei 1 mês praticamente, enfartei, e... voltei pra escola, vim pra escola pra cá e falei, vou concluir meu terceiro ano, que pra mim na rua, já que eu num tô fazendo nada, na rua vai me facilitar.

E: Entendi. E você consegue estudar fora da sala de aula (B: Consigo), você estuda também na cela?

B: Ixi, eu levo um monte de livro e começo a folhear, a tipo assim, eu mesmo fico discutindo comigo mesmo, comparando, fazendo comparações e anotando.

E: Hoje você num trabalha a tarde?

B: Num trabalho, num trabalho e também num tem como né.

E: Sim. E tá acontecendo a remição certinho pela escola, você sabe?

B: Eu num sei te informar, eu sei que no ano passado eu estudei, então a gente tem que tá pedindo pro Antonio Lisboa. (E: Tem que fazer solicitação?) Entendeu? Solicitação. E por eu num ser daqui, tipo, pegar meu certificado, então eu num sei como vai ser. Entendeu? Porque eu num conheço aqui perto...tipo: ah é do lado ali na avenida, então... eu num conheço e num vô ter tempo pra tá fazendo isso, por que o processo é um dia, eu vou ficar um dia aqui... (E: Pra tirar o certificado da

escola?) É... entendeu? O processo eu num sei quanto tempo é pro certificado, mas pra mim ficar aqui na cidade, aonde que eu vou fica?

E: Entendi. E você já tá perto pra poder progredir de pena ou ir embora?

B: Tô, tô. O meu já foi pedido o meu, o semiaberto, meu LC, minha cadeia é de 6 e 9 eu já to pagando 5 anos.

E: Ai já dá pra pedir.

B: Não, já foi pedido, foi pedido e foi negado. Foi 4 vezes negado, indulto de saúde também foi negado, mas isso porque, faltas disciplinares que veio de Ribeirão Preto pra cá, entendeu? Até eu chegar aqui, tudo era a Bruna, tudo era a Bruna, Bruna tava no motim, a Bruna que fazia isso, a Bruna... mesmo se eu tava do outro lado, era a Bruna, entendeu?

E: E ai isso dá uma travada no processo, né?

B: Dá, bastante, bastante.

E: Entendi. E ai você pretende fazer o ENEM?

B: Pretendo, sempre fiz, sempre fiz, só num fiz o ano passado porque eu cheguei depois (E: Aham) entendeu? Mas já era pra eu ter terminado aquela que fala da matemática, da... do coiso da matemática, da prova... (E: as olimpíadas?) As olimpíadas também, eu fiz ela, fiquei em terceiro, ai vai ser de novo, vai ter de novo, eu vou participar.

E: E você pretende continuar seus estudos fora daqui?

B: Eu pretendo, eu pretendo.

E: E o que você quer fazer?

B: Eu gosto de... lá pro lado do interior tem muitas usinas (E: Uhum) Entendeu? Eu tava conversando com um professor de química, e ele tava me falando que pra mim tá entrando nesse processo de usina, engenharia química, né? É... é várias formas. Eu pretendo fazer curso, entendeu? Mas meu objetivo era fazer uma engenharia na área de, de... usinas, mas se eu num tiver assim, a possibilidade de tá fazendo, gostaria de tá fazendo um curso de enfermagem, ir fazendo cursos.

E: Cursos técnicos ou faculdade?

B: Eu pretendo, eu pretendo, se eu tiver a oportunidade de fazer uma faculdade, eu tenho objetivo pra isso.

E: E assim, o que que você acha que a educação de dentro da prisão e de fora tem de diferente? Tem alguma diferença? O que você acha?

B: Tem, tem bastante.

E: O que você acha que é diferente?

B: Tem tanto o comportamento nosso, da área do respeito igual eu já falei, da disciplina.

E: Você acha que tem mais respeito?

B: Tem, tem muito mais respeito, por que hoje eu vejo na televisão, aluno agredindo professores, entendeu? E na minha época a gente tinha que ter aquele respeito mútuo, né? Tipo assim, seria a nossa segunda casa a... na minha época de criança, nossa casa, de respeito, entendeu? É a educação que a mãe nos deu. Então,

naquela época da escola era assim, hoje não, hoje eu vejo várias coisas acontecendo, tráfico de drogas, alunos com droga, dentro da sala de aula, é... meninas fazendo turminha, entendeu? Muito mais agressivas do que acontecia, agredindo professor e aqui mesmo eu falei... é... perguntei pro professor qual que é a diferença entre aqui, o que que as pessoas te vê quando fala que você trabalha aqui? Ai... os professor, um professor falou pra mim... é melhor eu trabalhar, eu gosto de trabalha aqui do que lá fora, por que aqui vocês respeitam, vocês têm disciplina, entendeu? O pessoal lá de fora vê aqui como um monstro, mas quando vem, entra e vê, num é nada disso. (E: Uhum) Entendeu? Realmente num é nada disso.

E: Então você acha que tem uma diferença nos comportamentos das pessoas aí?

B: Muito, muito, muito, muito. Até o respeito do professor com a gente e a gente com eles.

E: E você acha que o ensino também é diferente? Fora e aqui? Ou não?

B: Ah, eu num sei... por muito tempo... eu acho que eles são mais aplicados porque a gente cobra (E: dos professores?) É, a gente cobra. Sabe por que? É muita, é muito tempo sem estuda, entendeu? E quando a gente vai pra estuda é tudo diferente, a gente aprendeu várias coisas diferentes antes, e hoje tá tudo moderno coisa que a gente... que nem mudou a área da língua portuguesa, os acentos essas coisas tudo, é matemática mudou pra caramba, ciências... é... tecnológicas, ciências... a... humana, até mesmo as redações dissertativas que antes a gente num fazia, era uma redação normal, então hoje tá muito mudada a educação, tá evoluindo. E pra gente que ficou um tempo sem estuda as vezes a gente já cobra mais e mesmo as companheira que bom qué fazê. Ah! num gosto da professora. A gente: Não, oh, vamos fazer uma turminha, vamos entrar num debate, tem resumo, uma vai ajudando a outra até chega num final, num finalmente, né.

E: E você acha que o aprendizado da escola, enfim. Vai te ajudar no seu processo quando você sair daqui? Na sua reinserção?

B: Com certeza.

E: Em que você acha que vai te ajudar?

B: Com certeza. No quê? Na educação dos meus filhos, primeiramente, um incentivo pra eles tá estudando, que eu incentivo daqui de dentro, entendeu? E eu cobro educação deles lá fora, e eu falo...

E: Fala por meio das cartas?

B: Não, eu falo pro meu marido mesmo tá em cima, entendeu? Por que lá na rua eu pus meus filhos pra fazer projetos, ciranda da área social, então eles têm uma educação pra tá indo fazer, tipo curso, fazer isso, fazer aquilo (E: Uhum) Então não ficam na rua porque eu num gosto de criança na rua. Então eu falo, eu tô estudando aqui, eu mando, até mando entendeu? O que eu tô estudando, mando o caderno, mando... que minha filha já tá no primeiro, segundo... num sei. (E: 15 anos ela tem?) 15 anos. (E: primeiro ou segundo) É por aí. E ela já tem uma vó que é professora, só meu menino que é meio devagar assim, na área de raciocínio, mas o que? Eu pretendo sair e ajudar eles muito, demais e tá em cima, tá favorecendo eles na educação que eu tive. E tipo assim, minha mãe tá estudando, se a minha mãe com 33 anos tá estudando, 32 anos que seja, isso é um incentivo muito grande.

E: E além do incentivo para os seus filhos, o que que você acha que pode te ajudar também esse aprendizado que você tá tendo aqui?

B: O que pode me ajudar? De verdade, a maneira que eu pensava antes de ganhar dinheiro fácil, hoje eu já penso diferente, entendeu? Já penso totalmente diferente, até mesmo quando eu trabalhava na rua, eu cheguei num a fase que eu trabalhei... o amadurecimento que eu tive aqui dentro, o sofrimento, toda a dor, toda a perca, de cada dia aqui dentro, todos os livros que eu li. Tinha tantos livros que eu devorei, entendeu? E conhecimento que eu obtive, se eu exercer lá fora, eu vou ser bem sucedida, bem sucedida. Se eu, não, eu quero exercer, entendeu? Em cursos que venha beneficiar a mim de uma maneira totalmente diferente do que eu achava que seria difícil, hoje se tornou mais fácil, na área da educação.

E: E pra trabalho, você acha que vai te ajudar também?

B: Me ajuda bastante, ajuda porque a gente pega e faz um curso, hoje na rua é... tem assistência pro, pro preso quando sai, né? A gente tem uma assistência pra num se discriminado, porque sempre tem uma discriminação, no trabalho, é tipo, fez alguma coisa errada vai respingar em quem? na Bruna. E mesmo eu não fazendo, porque já aconteceu isso comigo no trabalho, de eu perde o serviço. De uma pessoa fazer as coisas erradas e eu perde o serviço, depois de um período que eu já tinha passado na cadeia. Então isso aí pra mim foi... sabe... foi tipo um choque, um tapa na cara. De eu exercer... de 3 meses que eu tava trabalhando, era uma das... das... funcionárias que exercia...eu trabalhava numa lavanderia e eu gostava de fazer aquilo a noite, eu gostava muito, então quando eu pego uma coisa pra fazer, num incentivo que eu pego (E:Uhum) eu gosto de fazer direito, entendeu? E eu evolui e numa brincadeira me deram um tombo, uma rasteira, aonde que... me levaram pro mundo fácil de novo. Filho, casa, isso e aquilo, dificultou bastante. Então nessa parte da educação lá fora vai me servir demais.

E: Vai te ajudar num novo rumo aí?

B: Com certeza.

E: E você percebeu, assim, alguma diferença na educação dentro da prisão, nessa mudança aí de monitora presa para professor da rua?

B: Muito, bastante. (E: em que sentido?) No sentido, de aprender, entendeu? Da gente ter vontade de aprender, né? É... igual eu falei no começo. Companheiras nossa jogava, num jogava nem na lousa, ficava sentada ali, ganhava o dela. Hoje não, hoje os professor é tem tipo uma cobrança, entendeu? (E: Aham) Vamo em cima, eles ficam em cima e a gente fica em cima também. Se não tiver, nós cobra uma caneta, nós cobra um caderno nós cobra... Oh professora a gente num sabe isso, tem como tá falando? Não falar a resposta, né? Mas até chegar num ponto que a gente vai entender (E: Uhum) Por que igual eu falei, tem muitas pessoas que faziam muito tempo que não estudavam, até eu mesmo, entendeu? Então isso daí a gente cobra bastante, aonde a gente vê uma grande diferença.

E: Entendi. E são alunos de séries diferentes, né? Na mesma sala também?

B: São, são. É 1, 2 e 3. Então têm matérias que envolve o terceiro ano, então as meninas ficam confusas, até eu fico confusa. Que hoje mudou muito, mudou muito a educação assim... os exemplos de matérias.

E: Entendi. Ai você acha então que agora com os professores.

B: Tá bem melhor, bem melhor. Num quero nem enganar, tá bem melhor! Porque se eu fosse estudar igual o de prova de Ribeirão Preto eu ia sair burra, burra. Burra assim né, no sentido de falar, né? Ia obter conhecimento da minha parte, mas se dependesse da minha companheira, eu ia sair leiga.

E: Entendi. E como é que são as relações na escola? Com as outras alunas, com professor você já falou um pouquinho. Mas as relações com as outras alunas?

B: A gente é bem...a gente é assim... num vô fala que a gente é amigas, a gente são companheiras que o que que acontece, a gente... Ah! tá com dificuldade? A gente vai, se eu tenho um conhecimento um pouquinho a mais, vai explica, entendeu? Sempre puxa pro lado do companheirismo, da... de tá ali se reunindo, uma turma que é do primeiro e terceiro, a gente já senta ali e troca uma ideia, entendeu? Oh! Você tá com dificuldade disso? Tá com isso? Ontem mesmo a gente exerceu um trabalho de pintura de... de coelho da páscoa, pra relaxar que a gente passou por um período difícil ai dentro, na... no... terça-feira que teve blitz, ai a gente pegou ontem pra gente relaxar, que a gente num tava legal, a gente começou a pintar e aquilo ali, nossa, foi muito bom pro coletivo, coletivo em sim, todo mundo. Todas as salas, entendeu? Começou a pintar, então cada um fazer uma turminha ali que você, relaciona, entendeu? Ou a gente mesmo chamava, uma assim: vem pra cá, vem pra cá. Fizemos uma mesa com material e começamos a fazer, foi muito bom.

E: Então tem um companheirismo, assim?

B: Um companheirismo bastante. Ah! To com dificuldade, dificuldade disso na outra sala. Ah, mas isso eu sei. Vamos conversar? (E:Uhum) Tipo assim, num vou dar pronto, mas vamos conversando, né"

E: Mas ai fora daqui vocês não conseguem se encontrar? Porque as vezes são de pavilhões diferentes.

B: É, as vezes são de outros pavilhões. Eu encontro várias, porque direto eu vou pra enfermaria, então ali eu vejo todas.

E: Ai circula tudo?

B: É antes era mais fácil, agora não. Hoje a gente só tem contato na enfermaria ou na escola.

E: Entendi. E você acha que tem alguma coisa que poderia mudar na educação oferecida na prisão? Alguma coisa que poderia ser diferente? Sugestões, assim.

B: O que que poderia ser diferente? Olha, na cadeia masculina eu fiquei sabendo que teve um cara que se formou... dentro da cadeia masculina. (E: Se formou em que sentido você diz?) Se formou e começou a faculdade. (E: Começou a faculdade.) Entendeu? Dentro do sistema carcerário, e teve computadores, entendeu? Esse cara, é até do interior, teve dois, teve dois caras do sistema carcerário masculino que veio a obter o êxito da formação e teve o que? O computador, formado aquilo, da, na... naquilo que ele tava estudando, entendeu? Não no mundo, em geral que a gente mexe na internet, mas no que, que focava naquele ciclo que ele tava estudando ali na matéria (E: Aham) Entendeu? Acho que teria o que? Materiais, tão faltando muito materiais, entendeu? (E: Material? Caderno?) Caderno, é... porque a gente pega um caderno pra 5, 6 7 matérias, entendeu? Caderno de 96 folhas. Então num tem como a gente estuda assim, num tô falando pra dá 6 cadernos, entendeu? Mas uns 3, dá pra gente dividir, entendeu? Matérias, caneta, cola, uma régua, um lápis de cor, um isso, um aquilo. Por que é

difícil a gente ai dentro, entendeu? Agora num entra sulfite mais, senão a gente poderia tá trazendo, caderno a gente compra lá dentro, mas eu mesmo não tenho folha, tem que espera passar algum caderno na galeria pra mim tá comprando, entendeu? (E: Aham) Então tem dificuldades de materiais assim e de cursos. Uns cursos mais elevados pra gente, tipo pra prestar nosso conhecimento e através desse curso a gente ter requisito lá fora.

E: Por que hoje vocês têm a escola regular, né? (B: É) Até o terceiro ano e tem tipo o PET, num é isso? (B: é).

B: É o PET, só que a gente termina de estuda, acabou. E se eu tenho mais 5 anos de cadeia pra tira? Entendeu? (E: Aham) Eu vou ficar, vegetando? Tudo aquilo que eu aprendi, vai pro lixo, entendeu? Então por isso que tem que ter um, um... um... entendimento de tá trazendo cursos pra gente, cursos em cima daquilo que a gente quer aprender, em cima de uma matéria. Oh! Vamos fazer um curso, tá um curso de beleza ai, mas em cima da escola, entendeu? De coisas relacionadas a escola. Curso de cabeleireiro é outra situação, curso de maquiagem é outra situação, artesanato essas coisas. Mas é... puxar mais na área da educação. (E: Entendi). Entendeu? Porque tem pessoas que queria tá estudando, mas por opção tem que trabalhar, entendeu?

E: Por que aqui num tem a noite, né?

B: Entendeu? Tem várias meninas que quer vim estuda. Tem um companheira nossa aqui, que trabalha, entra 3 horas trabalha e vem estuda, eu acho interessantíssimo, entendeu? É tipo assim, pra mim é uma pessoa dedicada, entendeu? Pra mim é um exemplo, é um orgulho de ver a minha companheira trabalha a noite inteira e depois vim e sair 11 horas, entendeu? Sabe que um trabalha a noite num dorme direito de dia e a cadeia é muito agitada.

E: Ah, ela trabalha a noite? De madrugada?

B: É de madrugada e ainda vem estuda, uma companheira do... ela tá no ciclo do... oitavo, assim essas parte. Mas ela vem estudar, eu acho um orgulho, entendeu? A dedicação dela. Então pra não morrer tudo isso que a gente tá fazendo, entendeu? Poderia ter mais recursos pra gente tá aprendendo (E: Uhum) Tipo assim, testando o nosso conhecimento, adquirindo mais conhecimento do que tá acontecendo lá fora, esses livros são antigos, entendeu? Hoje existe muito aquela revista, vestibular, existe demais aquelas revista, que eu já vim estuda com elas, em Ribeirão Preto eu consegui elas. E aqui também tinha, hoje já não tem mais, entendeu? E as vezes os materiais, eu sei que tem, fica ali jogado, fica guardado lá na gaveta, e isso e aquilo. Dá pra companheiras que tá vindo estuda, entendeu?

E: Nem sempre chega?

B: Nem sempre chega, num chega.

E: Os livros didáticos sempre chegam, né? (B: Chega) Mas o material?

B: É o material mesmo, não chega. Chega isso que eu falei: uma caneta, um lápis, um isso, um aquilo.

E: Entendi. E essas mudanças que você acha que poderiam ter. Elas te ajudariam a... na escola, na sua frequência, na sua participação, de alguma forma?

B: Com certeza. No começo eu num queria vir não, porque mudou tudo os professores e... eu num me identificava, entendeu? Do que eu vim a conhecer... com

os professores. Tem uns professores, que eu num vo citar nomes, mas numa áreas que fez eu gosta, a área de história mesmo, que eu num gostava ele... o professor me fez eu gosta da história, entendeu? Da geografia, da, da... matemática, da língua portuguesa, até mesmo o inglês que eu tinha dificuldade. Hoje eu já tenho um conhecimento, entendeu? Mais um pouco de conhecimento. Eu vim estranhar as aulas, mas depois... que eu tava faltando também por causa da minha respiração, problema de saúde, aí eu comecei a vir, me interessei, entendeu? Aí eu conversei com o professor: Oh! num to me sentindo legal, to me sentindo uma robótica, de joga um negócio na lousa e num explica ou vira as costa e ir pra outra sala, entendeu? Tipo dar aula nas outras salas de aula, porque as vezes falta professor, pra num perde o dia eles vem, dá uma atenção pra gente e dá uma atenção na outra sala (E: Aham) então eu, tipo assim, questionei. Hoje tá sendo mais vantajoso, entendeu? Tá testando mais meu conhecimento e isso é bom.

E: Que legal. E você acha que as suas relações, assim, com as outras presas, com funcionários, com a família, enfim. Mudou ou vai mudar por que você tá estudando?

B: Mudou bastante, na forma de conversa, na forma de expor a situação é... na forma de eu ver hoje como que é, entendeu? Antes eu num pensava, eu fazia. Hoje eu já penso mais na consequência, mais no que tá acontecendo, entendeu? E... eu sempre fui... eu sou muito sistemática, mas eu sou na minha, eu pego meus livros, eu fico dentro da minha... fico ali naquele mundo. Quando eu num tô legal eu sento lá no fundo, faço a lição...Aí! o que você tem? num tá legal Bruna? Eu tô, na hora, ficou em paz, entendeu? Quando eu... quando eu tô legal eu já converso, antes eu num conversava, hoje eu já converso, já: vamos fazer isso? vamos fazer aquilo? Já pego um livro e já vai (E: sim) Entendeu? Mas vai me ajudar bastante, mudou totalmente minha relação lá fora, incentiva entendeu? Minha irmã, ela tá grávida, veio um neném com 16, 14 anos eu chorava demais, chorava demais. Nossa 14 anos eu vivi muito ainda, fiz tanta coisa, que você nem imagina, e você foi engravida com 14 anos, eu não aceitava. E seus estudos? Volta a estudar menina. Ah, que num sei que tem... Eu: Volta a estuda... Eu da família, nós é em 5, eu fui a única que tô terminando, entendeu? A única. E tipo até mesmo, num falo que foi um mérito vir pra cadeia, mas foi dentro da cadeia que eu tive a vontade, entendeu? De estuda. Num é assim: Nossa! Gosta da cadeia. Não. Foi aqui dentro que eu tive, tive... tenho, não a opção de estudar, mas eu tive a vontade e a opção de estudar.

E: Entendi. (B: Entendeu?) Então nesse sentido você acha que a escola mudou coisas em você?

B: Mudou bastante, muito. Muito, muito. Até mesmo assim no meu dia-a-dia, mudou demais.

E: Eu esqueci de perguntar, como é que é sua rotina aqui dentro? No dia-a-dia. Você acorda que horas? E aí o que acontece?

B: Minha rotina [risos] Minha rotina, oh! Eu acordo já tomando inalação [risos] tenho o inalador dentro da sala, lá da minha cela, tomo inalação, se eu num to legal, vou lá pra frente e tomo umas medicação e escola, venho pra escola. Da escola eu vou pra sala, pra cela, entendeu? Ali eu faço uma limpeza, faço um crochê, que eu gosto de fazer crochê, pego começo a ler, pego o caderno e começo a fazer resumos, entendeu? E é verídico, viu? Se eu pegar meu caderno e mostrar é verdade, você vai ter a opção de ver. Enfim, eu num gosto de ficar na cela do próximo, num gosto porque não gosto de muita gente na minha cela, não gosto. Uma pessoa... Não gosto de ninguém dentro da cela.

E: Por que durante o dia a tranca fica aberta?

B: É aberta, e... eu moro sozinha devido o meu problema respiratório, entendeu? Então eu moro sozinha, eu sou um pouco enjoada é... num pode ter muito pano, num pode ter muita poeira essas coisas, entendeu? E o concreto, querendo ou não a sala, a cela lá já num é legal, entendeu? Então eu evito muita coisa e... morar com duas é difícil demais, então eu... eu to num momento de morar sozinha. E fico, metade do tempo, entendeu? Sem fazer nada. Quando eu num faço um crochê, eu num faço nada. Ficou ali, por isso que eu falei que seria interessante vir uns cursos mais virados pra área educacional, entendeu?

E: Legal. Tem mais alguma coisa sobre escola que você gostaria de falar?

B: Não, não. Eu acho que já falei até demais, né? [risos]

E: Não, imagina. Pra mim é ótimo.

B: Acho que falei até demais.

E: Tá certo, obrigada.

Entrevista 3 –Natália

E: Bem Natalia, como a gente conversou, né? A gente vai falar um pouquinho sobre educação na prisão, mas é... antes de a gente começar eu queria só que você falasse seu nome, sua idade e o porquê que você está presa? Não precisa entrar em detalhes é só para eu ter um registro.

N: Meu nome é Natalia, tenho 38 anos e tô presa por homicídio.

E: Tá, antes de falar um pouquinho sobre educação eu queria que você me contasse um pouco como é sua rotina aqui dentro? Como é seu dia-a-dia? Você acorda e aí o que você faz?

N: Eu acordo, agora né. Eu tô aqui há 6 anos, aí agora eu acordo, venho pra escola e volto da escola e vou fazer culto, aí depois volto e venho pro curso, porque antes era só dentro da cela, eu num saía da cela.

E: Então você tem atividade hoje o dia todo?

N: É, faço... de manhã eu estudo e a tarde faço curso de maquiagem, mas antes do curso de maquiagem, eu estudava de manhã e a tarde eu fazia o PET (Programa educacional para o trabalho) e o Geduc também, que é a roda de leitura, eu gosto.

E: Você tá participando da roda de leitura?

N: Agora não porque eu tô fazendo o curso, né? Mas já participei da roda de leitura, Geduc...

E: Ainda tem, né? A leitura? Acho que alguém comentou comigo (N: Tem) Com a Companhia das Letras, num é isso?

N: Isso, mas num dá pra fazer tudo de uma vez, né? Por causa do curso (E: Aham) Porque o curso é 3 dias na semana (E: de maquiagem?) é, a tarde, aí ficaria só segunda e sexta a tarde, aí num dá pra fazer a roda de leitura na segunda e na sexta a tarde, porque se desse eu faria também.

E: Entendi. E tem 6 anos que você tá aqui (N: Uhum) é a primeira vez que você veio presa? (N: sim). E assim, falando agora da educação, eu queria que você me

contasse um pouquinho sua trajetória escolar antes de você entrar no sistema, quando você era criança, adolescente, contar um pouquinho.

N: É, então... né. Quando eu era criança eu gostava de ir pra escola, eu tinha muita vontade de estuda aí minha mãe me matriculou, e eu fui pra escola, só que a minha mãe é espírita e quando eu fiz 8 anos, minha tia me levou pra uma igreja evangélica, e eu num conhecia igreja nenhuma e eu gostei, só que minha mãe num deixava eu ir. Aí eu comecei... (E: Você tinha quantos anos? Desculpa.) 8 anos, aí eu comecei a ir na católica, minha mãe ficou brava do mesmo jeito, mas mesmo assim eu fiz a primeira comunhão sem a autorização dela, aí quando eu fiz 11 anos, eu fui pra igreja evangélica, aí eu comecei a mentir pra minha mãe, que tava indo pra escola e num tava, eu ia pra igreja, aí eu parei de estuda com 11 anos.

E: Então você parou de estudar pra ir pra igreja? (N: Pra ir pra igreja) Por que aí você ia pro culto (N: e num ia pra escola) na hora da escola.

N: É, era o único jeito de ir sem minha mãe achar, só que aí depois, minha mãe descobriu e eu apanhei, ela foi me buscar na igreja.

E: É... não ia dar certo pro muito tempo, né? Uma hora ela ia descobrir.

N: Não... porque, final de semana, tipo sexta, sábado e domingo eu gostava de ir pro samba, eu já num tava indo mais, aí meu irmão falava: você tem que arruma alguma estratégia pra poder ir, porque era meu irmão que me levava, aí eu falava: me deixa na igreja na vigília e de manhã você me pega e vai pro samba, mas sempre tem alguém que conta, né?

E: Mas aí você não estava mais indo pro samba por causa das questões religiosas?

N: Eu gostava de ir pra igreja, eu achava legal ficar a noite inteira lá, louvando, adorando. Era um outro mundo que eu num conheci, o qual eu gostei. Porque eu nasci e cresci dentro do... magia negra esses negócios, né? E eu num gostava daquilo que eu via (E: Uhum) e quando eu conheci esse outro lado eu já comecei a me encantar, gostar, me sentir bem. E a minha mãe num aceitava, como num aceita até hoje, né?

E: Aí você saiu da escola por causa da religião?

N: Aí eu sai.

E: E não voltou mais? Lá na rua depois disso?

N: Não, eu até voltei depois que eu casei. Eu casei com 19 anos, com esse meu marido que faleceu e falaram que eu fui a mandante, num fui, tô aqui inocente. E aí ele me incentivou a voltar a estudar e eu até voltei, mas aí eu descobri que eu tava grávida da C. e eu tava enjoando muito. Eu tava fazendo supletivo, lá perto de casa, aí acabei parando porque a gravidez era de risco, aí depois tinha a C. e o C. aí num dava pra estuda, né? Aí quando eu cheguei aqui, fiquei um pouco traumatizada com tudo que eu vi, e com tudo que eu passei aqui dentro, e aí eu num saía da cela. As meninas falava: vai estudar, é legal. Falei: Nossa! Tantos anos sem ir na escola, eu num vou nem saber o que fazer. Aí o ano passado eu resolvi vir e gostei e aí eu tô até hoje.

E: Entendi. E tem alguma experiência que você considera marcante que ocorreu na escola antes de você entrar aqui? Alguma coisa que te marcou muito?

N: Na escola na rua?

E: Na rua, é.

N: Ah, os professores, né! Eu acho que num mudou muito o jeito de lecionar. Eles são carinhosos, atenciosos, eles ensinam bem eu acho que foi mais isso que me fez ficar, porque isso me lembra a minha infância. A forma de... como eles ensinam é praticamente há... 20 anos atrás a mesma coisa (E: Aham) é... com bastante seriedade, bem diferente de presa ensinando, nada a ver. Eu fiquei uma vez, eu vim, era presa que ensinava, eu desisti, eu sai.

E: Você chegou a ficar um tempo estudando assim, com a presa, ou não?

N: Sim, mas ela num tinha pulso firme, num falava nada com nada, só coisas nada a ver ai eu num quis mais.

E: Entendi. Algo... lá na rua ainda. Teve alguma coisa que foi muito legal, assim... alguma coisa que fale de escola lá fora e você lembra? Algum passeio? Alguma bagunça?

N: Vários... tinha o passeio pro Recanto da Amizade, Paraíso do Sol... a gente fazia piquenique, era muito gostoso, nossa! Muito gostoso. As professoras iam junto, quando num era a professora de ciências, a Dona Paula, era a professora de história e geografia, Dona Mara. Nossa, uma amor. E a de matemática era a Dona Marta. Só que eu colocava apelido em todas: Geléia, Ameba... [risos] Eu era uma bença... Mas assim, era muito gostoso, muito bom, muito bom. Eu num tenho que reclama, assim, da escola, da minha infância, de nada. Só tenho recordação boa.

E: E o que te motivava a ir pra escola?

N: Isso, porque tipo, a gente ganhava presente quando tinha nota boa, né? A professora dava um presente pra gente, era mais incentivo, a gente achava que era presente. Tinha gincana na escola também, é... que mais? Tinha a rainha da primavera... tinha festa junina que tinha noiva, tinha concurso de lambada, ixi! Tinha um monte de coisa, assim, na escola. Ai tinha professora, professora ou professor de educação física também, que fazia atividades com a gente. Ai no desfile de 7 de setembro a gente saia pelas ruas da escola, tudo uniformizada, dançando, era muito bom.

E: E tinha alguma matéria que você gostava mais?

N: Matemática, geografia, história e português.

E: Gostava de tudo, quase.

N: É... só num gostava de artes, educação física, porque ficava machucando a mão com aqueles paus, que a gente dançava com os pau, né! Num é pau que fala, é outro nome, mas eu não me recordo agora, então machucava a mão. E... era qual? Esqueci... Ah! inglês, a professora de inglês era mó chata, eu num gostava de inglês, acho que eu só gostava das matérias que eu gostava dos professor... (E: Pode ser, gostava do professor e ai gostava da matéria) Ah, num sei... porque assim, a professora de matemática ela era bem rígida, mas ela ensinava direito e a professora de português ela era mó sonsa, ai sei lá, ai tudo que eu falava também as meninas acreditava, no geral assim, a sala inteira, tipo num gostava. A gente era tipo uma turminha assim, de carrossel, que era no tempo de carrossel, então era aquela turminha.

E: Entendi. (N: Era muito gostoso) O que te fazia ir pra escola é porque tinha essas relações? Tinha essa coisa com os professores?

N: Ah, tinha aquela divisão, também, né? Das riquinhas e as pobrinha... Ah, era maior legal...

E: Você estudava em escola pública, não?

N: Sim. (E: Mas tinha a divisão?) Tinha, porque sempre tinha alguém que tinha um nível mais elevado, mas os pais colocava pra estudar em escola pública. (E: Entendi) Então elas se achavam, né? E aí, vinham na nossa assim, e olhava e falava: ninguém vai brincar com elas, elas num brinca com a gente. Aí ficava aquele negócio, coisa infantil. Só que depois de um tempo, foi em dois mil... 2009, teve esse negócio do MSN e Orkut, nós nos encontramos na... comunidade da escola, leonina, e aí nós marcamos na padaria que nós se encontrava sempre (E: Aham) pra todo mundo ser rever depois de grande, foi muito gostoso, foi muito legal, nossa... e até aquelas metidinhas que a gente num ia com a cara, foi todo mundo e foi muito legal o reencontro assim (E: Aham) ninguém nunca imaginou que ia fazer aquilo (E: Que legal) e foi muito, muito legal porque tipo, cada um tinha uma vida diferente, mas a maioria se formaram, só eu que num me formei porque eu fugi da escola pra ir pra igreja, mas todo mundo já tava casado, os que não tavam casado, tavam, trabalhando, fazendo faculdade, nossa muito gostoso, muito legal. (E: Foi em 2009 isso?) Foi em 2009. Nós nos reunimos na padaria da escola, que nós íamos encher o saco todo dia do dono da padaria [risos] muito bom.

E: Entendi. E... hoje você está em que série aqui?

N: Ai, eu num sei ainda, eu entrei na 6ª, agora acho que eu tô na 7ª ou na 8ª, não me recordo

E: Você tá na sala que é de 6º à 8º?

N: Isso. (E: Do fundamental II) Do fundamental II.

E: Entendi, mas você não sabe muito bem em qual série? (N: Não) Entendi. E o que te fez procurar a escola na prisão.

N: Ah, porque assim, o trabalho eu acho escravo, porque se você trabalha 8 horas por dia, você tem que ganhar um salário mínimo, se num ganha nem um salário mínimo e ainda é humilhado e um monte de coisa, então... e também num tenho necessidade porque eu tenho a minha pensão, que eu recebo, pensão por morte do meu marido, né? E eu num gostei de trabalhar aqui dentro não, porque eu achei uma exploração. Porque eu trabalhava lá fora e num ganhava esse valor. E... na escola eu me senti bem, porque eu tô aprendendo mais... Ah! e os meus filhos tão estudando também o C. e a C. O C. e a C. fazem inglês na Fisk há 5 anos e eles começaram a me perguntar as coisas e como que eu ia passar se eu num sabia. Então os meus filhos me incentivou a volta a estudar pra poder ensinar pra eles.

E: Quantos anos eles têm?

N: O C. tá com 14 e a C. tá com 11. Ai o C. tá... agora ele tá dando... tá fazendo estágio na Fisk, ele tá dando aula de inglês, porque ele tá na Fisk desde os 8. E a C. desde os 6, 6 ou 7 por aí. Só sei que tem 5 anos que eles estão na Fisk. E aí eles começaram a me perguntar as coisas. Eu falei: meu Deus! Como eu vou responder? Porque é tudo por carta, eu ia até trazer uma carta dela hoje, esqueci, que eu gosto de mostrar pra mininha, porque o C. gosta de mitologia e ele começou a falar de mitologia grega, mediterrânea. E eu: filho, o que que é isso? Ai eu comecei a perguntar, eu falei: não, eu tenho que voltar a estudar, pra poder educar os meus

filhos, passa pra eles, eu num posso ser uma mãe burra. Como que eu vô tá do lado deles sem saber falar nada pra eles? Ai eu voltei.

E: Essa foi a principal motivação.

N: Foi, as criança, o C. e a C.

E: E você é daqui de São Paulo mesmo, não?

N: Sou, de Interlagos.

E: E eles não vêm te visitar?

N: Não, porque eles tão na Bahia com a minha mãe.

E: Ah, eles estão na Bahia! Eles foram pra lá pra ficar com ela. Que você num tem família aqui pra ficar com eles?

N: Tenho, meus irmãos, mas eu prefiro que eles fique com a minha mãe, porque o que eu num consegui eles conseguiram, dobrar minha mãe, e vão pra igreja e eu num consegui isso não [risos] mas eles conseguiram. Eles são evangélicos, eles nasceram, né? NO berço evangélico, então eles conseguiram, eles vão pra igreja. Minha mãe deixa, num bate, num vai atrás, num xinga como ela fazia comigo. Com eles ela deixa.

E: Então tem 6 anos que você não vê seus filhos?

N: Não, tem 2 anos, a última vez que eles vieram foi há 2 anos atrás, é que eu num gosto mesmo deles aqui. Isso aqui não é ambiente pra eles, ai eu prefiro não ter visita, num é egoísmo, porque a gente fala por carta, eu escrevo pra eles, eles me escrevem, eu tenho todas as cartinhas marcada, eu marco a data que chegou, respondo e agora ela ia escreve um livro sobre a vida dela e vai escreve um livro sobre a minha vida, ai meu Deus! Mas é muito gostoso, nós somos muito amigos, e eles falam de tudo pra mim na carta e eu até prefiro assim do que... que ela tá vindo aqui vendo certos tipos de coisa que eles num tão habituado, num é do nosso meio, num é do nosso mundo, entendeu? Ai eu num quero eles aqui.

E: Então você voltou mesmo por causa dos filhos. Teve alguma outra coisa que te fez voltar?

N: Não, só por causa disso. Das crianças mesmo, pra poder tá... informando eles. O que eu num sei eu pergunto pra professora pra me ajuda, pra poder escreve e passa.

E: Entendi. E hoje tem algum, alguns momentos, enfim, que você considera mais gostoso na escola? Ou menos gostoso? O que que você gosta mais, gosta menos na escola hoje?

N: Aqui... [pausa] Ai meu Deus! Eu gosto de tudo, eu gosto de todas as aulas. O que eu num gosto é dos palavrões. Quando a professora solta um palavrão, nossa, eu fico muito nervosa, eu fico muito irritada. Eu acho uma falta de respeito, até pelo que eu vivi lá atrás na escola, não tinha isso, professor não falava palavrão (E: Entendi) e eu sou muito chucra, as meninas falam que eu sou chucra, que eu sou muito antiga. Num é, é porque eu aprendi assim, tem que respeita: aluno/professor, professor/aluno. (E: Aham) E eu não gosto quando professor não dá aula, passa matéria e fica falando de coisas fúteis, ai me dá vontade de desistir e continuar lá fora. (E: E isso acontece?) Muito... só o professor... eu sinto falta do professor R. porque com ele não acontece isso. Só o professor Wagner que não faz isso, ele dá

aula, assim, que é uma maravilha, ele ensina bem a matemática tudo. Outro dia a professora deu jogo de dama pra gente jogar, num venho pra escola jogar dama, eu fiquei muito nervosa, aí eu nem vinha ontem pra escola, que tinha aula dela aí eu falei assim: ah, vou fazer o que lá? Joga dama? Aí eu fiquei no pavilhão fazendo crochê.

E: E o que que você gosta da escola?

N: Eu gosto de matéria, eu gosto de estudar, eu gosto de aprender. Pre mim tá sendo tudo novo, então eu quero aprender. Aí eu falei pra criança, escrevi, a mãe tá estudando agora. Ah, mãe que série que a senhora tá? Aí eu falei pra C., o ano passado, 6ª série. Nossa, mãe que vergonha eu já tô na 6ª série, aí ela colocou, eu vou conseguir trazer as cartinhas dela pra mostra pra senhora, tá lá as matérias que ela tem. Aí ela falou: nossa mãe, mas é bem complicado, né, aí ela coloca assim: Mas eu tenho que me focar no estudo porque senão meus 5 anos de Fisk vai tudo por água abaixo, então eu tenho que me focar no estudo. Eu olhei assim, eu falei: nossa, eu com uma... com um palavrado aqui, outro ali da professora eu tô morrendo de vergonha, num quero mais estudar, tenho que me focar também. Aí ela já tá na 6ª série, acho que ela já tá na 7ª, né? Porque foi o ano passado. Então, tipo eu tô junto com ela, o C. já tá mais avançado já, Ensino Médio, mas e aí? Como que eu vou fazer? Como que eu vou parar? E eu tô cansada de comunicar, o ano passado eu já comuniquei uma professora e ela saiu, aí eu, eu num vou ficar comunicando as professoras o tempo todo né?

E: O que que é comunicar? É reclamar?

N: Reclamei! Porque ela me deu uma caneta com farinha e eu num sabia o que era, porque eu nunca usei droga na minha vida, eu num uso droga. (E: a professora?) É, e aí eu fui assina a remissão, quando eu voltei, as meninas: você não viu o que tinha? Por isso que eu fiquei com medo e peguei minha bolsa. Eu falei: não, o que? Um negócio amarelo, né. Elas falaram: era farinha. Aí eu fiquei com raiva, não falei o que que era pra num prejudicar, mas falei que o conteúdo da aula dela não era interessante, que eu num ia ficar ali e sai.

E: Entendi. E você estuda fora da sala de aula também?

N: Sim, eu gosto de ler os livros, eu gosto de...

E: Você falou que a sua rotina tem bastante coisa e mesmo assim você consegue estudar fora?

N: Sim, porque eu moro sozinha, minha parceira tá doente e ela foi internada no hospital do câncer, e aí quando fecha a porta, fecha as 17h, aí eu sempre durmo por volta de meia noite, uma hora. Aí eu dou uma revisada em matemática, história, geografia... o livro que tiver na cela eu dou uma lida, eu amo ler, eu gosto muito de ler. (E: Entendi) Aí eu dou uma olhada, até porque eu fiquei doente, semanas atrás, então eu perdi muita matéria, aí peguei o caderno de uma colega emprestado pra mim por matéria, só que uma coisa é você repor a matéria, outra coisa é você entender a matéria, então pra entender tem que ler, aí eu tava lendo pra eu poder entender. Porque num adianta só copiar.

E: Entendi. Então você consegue estudar fora.

N: Consigo.

E: E você acha que a educação que é oferecida aqui dentro é diferente da que é oferecida lá fora?

N: Então, se for falar de 20 anos atrás não, agora eu já num posso dizer porque eu num sei, né? Mas eu acho que não.

E: E também não é diferente daquela que você estudou?

N: Isso, é o que eu tô falando, se for falar da que eu estudei, eu num acho diferente, eu acho que o conteúdo... só tá mais avançado né, mas igual.

E: Avançado em que sentido você diz?

N: Assim, porque antes a gente ficava fazendo continha de mais, menos dividir. Hoje já não tem equação, raiz quadrada, coisas que eu num conhecia. (E: entendi, nesse sentido mudou) Nesse sentido mudou, e as ortografia que mudou do, da... língua portuguesa também, mas fora isso, igual.

E: Entendi, e você acha que estudar na prisão vai te ajudar pra quando você sair?

N: Pra mim tá sendo indiferente, porque de qualquer forma em setembro abri minha cadeia, então estudando ou não estudando é indiferente, eu tô estudando mesmo porque eu quero aprender pra poder passar pros meus filhos, num é por remição, nada disso, é mais... é que nem o curso eu faço porque lá na rua eu trabalho com cabelo, então eu vou agregar o curso ao meu salão e a escola eu vou agregar ao ensino dos meus filhos, num é por remição é porque eu quero mesmo aprender pra poder passar pra eles.

E: Entendi. E aí setembro você já sai, é isso?

N: Em setembro eu entro no lapso de semiaberto já.

E: ah, você consegue monta o semiaberto?

N: Sim, e eu tenho advogado particular e ele pode montar, tanto que eu nem pedi pra ele puxa minhas remissões, eu podia pedir pra ele puxar minhas remissões o ano passado dos cursos, da escola que eu fiz que abriria antes, mas eu num pedi por que? Porque eu quero concluir pelo menos esse ano.

E: Entendi, então você acha que, não vai te ajudar quando você sair, ter estudado aqui dentro?

N: Ajuda no que? Na minha pena alguma coisa assim?

E: Não, na sua... no seu processo de saída, lá fora.

N: Ah, sim. Muito, muito. Porque, tudo que a gente faz lá fora, por mais que eu já tenha CNPJ, firma aberta, tudo... a gente precisa ter um diploma, né? (E: Aham) Então eu com meu diploma já vai me ajuda bastante, porque antes eu num tinha, então só ia na base da conversa, tinha só os diplomas dos curso que eu fiz, agora não, agora eu vou ter o diploma de ensino fundamental e médio e eu quero fazer uma faculdade também.

E: Ah é! Você pretende fazer o que?

N: Eu pretendo fazer Visagismo.

E: Visagismo? E o que é visagismo?

N: Como é que fala? Beleza visual, porque é meu ramo né, beleza. Aí eu vou fazer Visagismo.

E: Pra focar no seu trabalho?

N: Pra focar no meu trabalho.

E: Você trabalhava com salão é isso?

N: Isso, colocava cabelo.

E: Ah, legal. Então você acha que vai te ajudar nessa parte de trabalho (N: sim) pra você ser mais profissional nesse sentido?

N: Isso, mais profissional, ajudar meus filhos também na escola. Porque o C. vai abrir uma escola, veterinário, a C. uma escola de balé e eu vou continuar com o meu salão. Cada um tem a sua opinião, e aí ela vai fazer faculdade de balé, o C. vai fazer faculdade pra veterinária e eu vou fazer faculdade de visagismo, aí já pensou que legal os três na mesma faculdade, ia ser muito lindo.

E: E você percebeu alguma diferença na educação aqui na prisão nos últimos anos assim, de quando você entrou pra estudar que era monitora presa e agora, você percebeu alguma mudança?

N: Muito.

E: Quais mudanças, que mudanças que você percebeu?

N: Porque assim, quando era monitora presa ninguém respeitava, ninguém obedecia é... tipo assim, as presas mandava nela ela fazia o que as presa mandava e com o professor não. Você tem que fazer aquilo, porque o professor se impõe e passa a matéria que ele preparou antes de vir, ele prepara a matéria todo bonitinho, então já é totalmente diferente e dá mais vontade de estudar. Você vê que a pessoa num tá fazendo só pelo trabalho, você vê que a pessoa tá fazendo com amor, com vontade de dar aula mesmo, que já vem com a aula preparada aí já fala o que vai fazer na próxima aula que tá preparando, que vai preparar já é uma diferença. Você vê interesse, que num tá ali pra dá aula porque é preso, ou porque tá com dó, não. Tá ali pra trabalhar e ponto é professor, vamos fazer a lição e com respeito, com educação.

E: Entendi, então teve essa diferença aí que você acha que agora tem um maior comprometimento do que havia antes?

N: Sim, é porque se vê que o comprometimento num é só pela remição nem pelo salário é porque eles gostam do que fazem, eles fazem porque eles amam, você vê que eles falam da matéria, assim, os olhos chega a brilha, sabe? Eles dão aula com vontade mesmo e quando alguém começa a conversar: Oh! observa, presta atenção... porque vai cair na prova. Então isso é maravilhoso, então você se sente numa escola mesmo, como se você tivesse estudando numa escola lá fora na rua, então é totalmente diferente.

E: E aqui também em a... regra, entre aspas, de não falar os apelidos lá de dentro ou não?

N: Acho que não, porque as meninas falam.

E: É que tem algumas escolas que não usam os apelidos lá de dentro.

N: Não, aqui as meninas falam, os professores quanto a isso são bem tranquilos, eles só num aceitam desrespeito entre nós, aí num pode haver, desrespeito, tem que haver respeito entre nós e eles né?

E: Uhum. E como são as suas relações na escola com as outras alunas, com os professores?

N: Eu tenho poucas amigas alunas, porque eu já sou reservada mesmo. Com os professores eu num tenho do que reclamar não, maravilhoso. Acho que é legal. (E: tranquilo então) É porque dependendo da pessoa eu prefiro num me aproxima. (E: Entendi) É melhor que não, né? Ficar sozinha do que mal acompanhada, então eu prefiro ficar destacada, dependendo da pessoa.

E: E você acha que tem alguma coisa que poderia mudar na educação na prisão? Aqui dentro? O que você acha que poderia mudar?

N: Ah, esse negócio de vir só por remição, tem que vir por querer aprender, por querer ter um futuro melhor, por querer ser uma pessoa diferente, porque assim, eu não acredito nessa história de que a gente num tem oportunidade lá fora, eu não tenho o ensino fundamental completo, eu nunca roubei, eu nunca matei, nunca comprei droga, nunca comprei nada sem nota fiscal, enxoval do meu filho eu fiz vendendo chocolate, fiz vários curso. Então não tem como você morrer de fome, assim como você trabalha como autônoma, eu consegui sem curso nenhum, pela Sebrae ter CNPJ, comprei aquela máquina de fazer fralda, fazia falada, fazia chocolate, fazia quarto de bebê com madeira MDF, fazia cabelo, pintava apartamento, nunca precisei roubar nada de ninguém, então assim, não entra na minha cabeça que você não teve possibilidade, você não teve força de vontade pra correr atrás e buscar. Então assim, num adianta por a culpa em droga, porque eu também sofri o pão que o diabo amassou lá fora e nunca usei droga na minha vida, então eu num aceito as... desculpas delas, pra mim é desculpa, então assim, não consigo conviver no meio disso e até hoje eu passo mal com cheiro de droga. Então por isso eu não fico perto, então eu acho que o que deveria mudar na escola era isso, elas querer realmente aprende e se reintegrar à sociedade verdadeiramente.

E: Entendi, e tem mais alguma coisa em termos de estrutura, ou alguma outra coisa que você acha que deveria, poderia mudar? Poderia ser diferente? Melhor?

N: Ah, tipo ter todas as aulas, os professor num falta, tipo de ciências quase não vem, né. E o ano passado nós não tivemos aula de ciências, que mais? (E: Tem muita aula vaga?) Tem muita aula vaga, precisa preencher as aulas.

E: Tem mais alguma coisa que você acha que poderia mudar?

N: Só isso, a aula vaga... e os professores dar mais conteúdo, professor de geografia, história... inglês e português. É muita aula teórica, tem que ter aula prática também. (E: entendi, aula prática) Eu sou chata, né? CDF.

E: Aula prática em que sentido você diz?

N: Tipo matéria, vamos estuda, porque assim, tem muita coisa da língua portuguesa, tipo, eu num sei escreve tudo corretamente, só tenho matéria, se for olhar meus caderno, só tem mais matéria de matemática.

E: Então o que você diz de aula prática é de fazer exercícios.

N: Isso, fazer exercício. (E: Não só o professor ficar falando) Isso, praticar a leitura, praticar a escrita também, não só ficar ouvindo, ouvindo dá sono ai eu acabo dormindo.

E: Entendi. E você acha que essas mudanças facilitariam a sua frequência e a sua vinda à escola?

N: Ah, sim. Com certeza. Essa semana acho que eu vim só dois dias na semana na escola.

E: Tem um controle de frequência na escola? Tem chamada, alguma coisa assim?

N: Tem, tem chamada tudo direitinho.

E: E tem alguma regra assim, se você faltar tantas vezes perde a vaga ou não?

N: Tem, eu num sei qual é o limite de faltas, mas tem. (E: Entendi) Mas eu só falto uma vez toda semana, na aula de ciências e de artes porque o professor é mó chato.

E: Entendi. E você considera que as suas relações com as outras presas, funcionários, familiares mudou ou tá mudando porque você tá estudando?

N: Com as presa, porque com os funcionário eu sempre fui muito educada, num tenho do que reclama de nenhum funcionário, mas com as presa mudou, porque eu num tinha amizade com ninguém e agora eu já tô me abrindo e dependendo da pessoa até faço amizade.

E: Entendi, então a escola tá ajudando nisso?

N: Tá, tá ajudando eu a me solta mais, porque eu era bem mais reservada, eu era bem mais arisca.

E: Entendi, e com a sua família?

N: Com a minha família, graças a Deus, a gente sempre se deu muito bem.

E: Mas estudar, tem ajudado essa relação?

N: Ah sim, porque eu fico contando na carta, falando pra eles que fiz isso, que fiz aquilo, quando chega algum trabalho eu mando pra eles por carta, eles fica tudo orgulhoso, me dá mó força, escrevem falando: isso ai mana, num desiste e tal, nós amo junto. Ai peço livro, eles me mandam, é mó gostoso.

E: Então hoje você não tem visita de ninguém?

N: Não, não deixo minha família vir aqui, eles não merecem vir nesse lugar, ver certos tipos de coisas, eu num acho legal.

E: E enfim, nossa última pergunta aqui é... você acha que te alguma mudança em você, né? Devido a escola?

N: Sim, eu deixei de ser orgulhosa e metida, eu fiquei menos arrogante

E: Você se considerava arrogante, assim?

N: Muito, era muito arrogante, muito metida, muito orgulhosa e eu vindo estudar eu vi que eu num era nada disso, porque eu num sabia nada, tava aprendendo um monte de coisa, pra você ser tudo isso, você tem que saber tudo e eu num sabia nada, tô aprendendo. Isso me ajudo bastante, eu me tornar uma pessoa menos arrogante, menos orgulhosa, sei lá. A ter mais contato com as pessoas, a conversar mais com as pessoas. (E: Entendi) Me ajudou bastante, e tá me ajudando, né. Mas dependendo do que eu vejo aí, eu já me acovardo e quero sair. Ai eu converso com alguém, ai a pessoa fala: não, você não vai sair... (E: E continua aí, firme e forte) A dona A.P., nossa ela é um amor.

E: A.P. é a guarda?

N: É, a guarda.

E: E tem mais alguma coisa sobre escola, sobre educação que você gostaria de falar?

N: A só isso, que num podia ter aula vaga, podia ter mais aula prática pra praticar escrita. Eu num sei se lá fora ainda usa escrita, mas aqui dentro eu uso muito, eu escrevo muita carta e é isso mesmo, só isso. Ter aula mais, ter aula mais prática e num ter aula vaga, que aí fica mais gostoso.

E: Tá certo então. Muito obrigada.

N: De nada.

Entrevista 4 – Patrícia

E: É... Tá gravando. Bem, Patrícia, como eu comentei sobre a minha pesquisa, enfim, a gente vai fazer algumas per... ,falar um pouquinho sobre a educação, né? E primeiro, eu gostaria antes que você falasse então o seu nome, embora ele não apareça depois, mas é mais pro meu registro, a sua idade e o porquê que você tá presa. Não precisa entrar em detalhes, pode só falar o artigo pra eu tabular isso depois.

P: Meu nome é Patrícia , eu vou completar quarenta anos em Outubro. Tô presa por uma fatalidade. Lugar errado na hora errada. Mas também não sou santa. E? Que mais?

E: Qual que foi o artigo?

P: Tráfico.

E: Tráfico...

P: Mas eu não tava traficando. A droga tava na minha bolsa...

E: Trinta e três, trinta e cinco...?

P: A droga tava na minha bolsa pro meu uso. Minha maconha e minha farinha, entendeu?

E: Entendi. Tá certo. É.. Bem, então só pra esse registro. E também, antes de falar um pouquinho da escola, eu queria que você me contasse um pouco como é a sua rotina aqui. Então, que horas você acorda, o que que você faz...

P: Eu acordo cinco e meia, seis horas da manhã, espero o café chegar porque eu gosto de tomar o café quente. Espero passar a contagem as sete, tomo banho, venho pra escola. Segunda, terça, quarta e quinta eu faço curso de maquiadora na parte da tarde e nas mais horas vagas que eu estou no pavilhão, eu faço unha.

E: E você trabalha com isso...

P: Aham, eu sou manicure artística. Pelo menos aqui na cadeia.

E: Você já era fora?

P: Não, sempre fiz.

E: Hm, legal, e aí...

P: Mas eu gosto de cozinhar. Eu vou montar um restaurante.

E: Legal. Bem, então, tá. Já entendi um pouquinho a sua rotina aqui vamos falar um pouquinho da escola, e eu queria que você começasse falando um pouquinho da

sua história, da sua trajetória, antes do sistema, né? Antes de entrar no sistema. Quando você era criança, como é que foi que você entrou... Tem que contar um pouquinho dessa história aí da sua ida a escola.

P: Ai... Eu tive uma infância muito boa! Minha mãe sempre foi maravilhosa, nunca deixou faltar nada pra gente. Foi pai e mãe. E eu abandonei a escola porque eu me envolvi com droga.

E: E você entrou na idade certa, assim, com seis, sete anos?

P: : Entrei, entrei. Eu fiz a quinta série com dez anos. Mas eu não conclui.

E: : Você não concluiu a quinta?

P: : É. Aí, tipo, eu tô tirando cadeia desde noventa e seis. Se quando eu comecei a tirar cadeia já tivesse a escola como é hoje eu já teria terminado o meu estudo.

E:Uhum.

P: Mas não tinha, né? Então agora que eu consegui chegar na PE que a escola tá aqui, pela Secretaria da Educação, eu resolvi voltar a estudar porque... Pô, parei no tempo!

E: Entendi.

P: : Parei no tempo. Eu tenho nove filhos, como é que eu vou ensinar o meu filho a fazer lição de casa? Meu neto..., porque o meu filho mais velho vai fazer vinte e três anos. Como que vou ensinar ele a fazer a lição de casa?

E: : Aham.

P: E outra, depois que eu comecei a vir na escola eu descobri outra Patrícia Aquela que tava dormindo desde os meus dez anos de idade, sabe?

E: Então você parou a escola com dez anos?

P: Uhum. Dez pra onze.

E: Na quinta, né?

P: É.

E: E aí, antes disso, como é que era a escola? Você gostava? Você chegou a repetir alguma série?

P: Não...

E: Foi direto, né?

P: Nunca repeti, sempre fui boa aluna, cdf de verdade. Sempre fui boa aluna, nunca repeti. Eu era briguenta. Eu era briguenta porque eu esperava os menino e as menina na porta da escola pra bater neles. Mas meu único problema era esse.

E: Entendi.

P: Não vivia indo pra diretoria porque eu esperava pra sair da escola pra brigar com eles.

E: Pra não ser dentro da escola pra não dar problema.

P: Lógico. Eu ia pra clube, ia pra ACM... Me criei na ACM, né?

E: Você é aqui de São Paulo mesmo, não?

P: Eu nasci em Sorocaba. Eu fui goleira oficial de handball da ACM anos.

E: Entendi.

P: Só que a droga entrou na minha vida, né, e fez todo esse rebuliço.

E: Entendi. E – você falou um pouquinho já, mas assim – tem alguma experiência, situação muito marcante que aconteceu na escola durante sua infância? Algum passeio, alguma coisa assim? Alguma coisa que te marcou muito.

P: O que eu nunca consegui esquecer é... Na... Ai, quando eu tava na quinta-série a gente foi... Tem um quartel ali em Sorocaba, eles tem uma mini-pista e eles fornecem a bicicleta com rodinha, pra quem não sabe andar, e tem sinais, tem a rua aí dá o sinal, você tem que parar na faixa e tal. Ai, nunca esqueço porque era tão gostoso.

E: Era tipo uma educação no trânsito?

P: Isso, educação de trânsito! Aí a gente tirava a semana da criança e passava a semana toda indo no quartel. E como eu tenho um tio que ele era da policia florestal, ele tava sempre envolvido nessas brincadeiras com as crianças, né?, porque ele também trabalhava lá dentro do quartel. O quartel é uma corporação só, né?

E: Sim.

P: E era gostoso porque eu via meu tio vestido de palhaço! Nossa, aquilo era tudo! “Meu tio, gente! Meu tio, gente!”. Aí meu tio era o tio mamão, aí tinha o Mexerica... E era gostoso porque a gente passava uma semana assim. Uma semana indo lá e andava de bicicleta e fazia corrida de saco... Era gostoso, era gostoso.

E: E tudo isso eram eventos da escola?

P: Aham!

E: Entendi.

P: Juntamente com a polícia militar.

E: E o que que te motivava a ir pra escola, a frequentar as aulas?

P: Ai... Eu gosto de sempre ser a primeira a terminar a lição, gosto de sempre ser a melhor.

E: Então era isso que te motivava assim?

P: É.

E: Essa coisa da competição dentro da escola?

P: É, eu gosto de... Eu gosto de... Eu gosto de ser elogiada.

E: Aham.

P: (RISOS). Então é gostoso. E tipo assim, as vezes você vê uma conta, você vê lá uma lição de língua portuguesa, a professora te pede uma redação, “nossa!”, aquela tempestade num copo d’água, né? “Eu não vou conseguir, eu não vou fazer!” Meu, minha mentalidade é muito fértil, eu faço uma redação em dez minutos.

E: (RISOS).

P: E eu gosto de sempre, tipo assim, “professora, terminei”. É gostoso terminar e os outros não terem terminado ainda. Isso é...

E: Isso você tá falando de agora mas você tá falando que lá atrás também era...

P: Era a mesma coisa!

E: Sim.

P: Era a mesma coisa. Era a mesma coisa.

E: Uhum.

P: Sentava na frente da... A mesa da professora era aqui, a minha tava aqui. Ela passava, eu fazia rapidinho a lição. Era a primeira da classe. Nossa, aquilo era...

E: E fazia bem assim? Tinha nota boa e tudo?

P: Aham. Sempre era B, B mais, B menos, A. As vezes rolava um C, né? Tipo na Matemática porque eu odiava Matemática! Hoje em dia eu amo Matemática, mas eu gostava... Eu não gostava na época.

E: Uhum. E as suas relações? Como é que era na escola?

P: Ah, eu era amiga de...

E: Além de você querer brigar muito com as pessoas?

P: Então...

E: (RISOS).

P: Não, eu era legal! Era legal! As brigas aconteciam por causa do jogo!

E: Aham.

P: Né? Aí tipo a gente jogava...

E: O jogo de handball, você diz?

P: Não, no caso o jogo, que a gente ficava na quadra...

E: Aham.

P: ...com a bola na hora do intervalo ou então pulando corda. Aí a gente disputava quem conseguia ficar mais tempo pulando. Aí as vezes – eu era gordinha – e não conseguia pular muito, aí os meninos ficavam tirando sarro de mim. Os meninos ficam tirando sarro de mim aí eu ia e batia neles.

E: Aham.

P: Mas assim, era por causa de brincadeiras. Bolinha de gude! Nossa, eu era terrível.... Era pior do que os muleque. Bolinha de gude e estilingue! Aí a gente brincava de bolinha de gude. Nossa, quando os menino me rapelavam todas minhas bolinhas de gude aí eu esperava na porta da escola pra bater neles.

E: Pra pegar de volta?

P: Pra pegar de volta minhas bolinha de gude. No bafo! Lembra do bafo?

E: Aham.

E: Ai, lembra do bafo? O bafo também. Os meninos eles colocavam chiclete na mão, aquilo me deixava doida. Doida!

E: Tava uma trapaceada?

P: É. Aqueles pilantra!

E: Entendi. E o que que levou você a buscar a escola aqui na prisão? Que você falou que entrou em noventa e seis.

P: Comecei a tirar e noventa e seis. De dois mil pra cá fiquei só dois anos na rua. O que me levou...

E: Ah, tá. Você teve uma passagem....

P: É, é!

E: ...saiu de liberdade...

P: É, é, é. Eu tenho dezessete passagens.

E: Ixi. Currículo longo.

P: É. Tenho dezesseis termos de pena. Só tô devendo essa agora que tô pagando, graças a deus eu tô indo embora.

E: Falta muito?

P: Falta um ano. É... O que me levou a vim pra escola? Eu comecei a me ver, me olhar no espelho e conversar comigo mesma e achar que eu podia melhorar. E que se eu viesse pra escola quem sabe eu conseguiria reeducar minha voz, porque eu não falo, eu grito. É, dá pra ouvir, né?

E: : Dá.

P: Que eu não falo, eu grito! E pensando também nos meus filhos e no meu futuro porque eu quero montar um restaurante, se meu restaurante não rolar eu tenho que ter um plano B.

E: Uhum.

P: E daí esse plano B é eu terminar pra fazer uma faculdade de direito.

E: Entendi.

P: Que se eu vou fazer uma faculdade de direito eu vou ser uma boa advogada! Ah, sem sombra de dúvidas!

E: E esse é o seu plano B?

P: É.

E: Porque não plano A? O primeiro plano fazer faculdade?

P: Não, porque não.

E: Não sei, é só uma...

P: Porque não o plano A fazer a faculdade? Porque não. O Plano B é assim, não é que ele é um plano B, ele é um plano associado ao plano A, vamos por assim.

E: Ah.

P: Por quê? Se meu negócio de comida prosperar e eu consegui associar a faculdade com o meu restaurante eu vou fazer uma faculdade.

E: Então não é bem plano B. É tipo um e dois.

P: É um e o dois.

E: O que você quer fazer primeiro...

P: Associado. Se der certo, meu barato prosperar e eu conseguir dinheiro... Tipo meu marido vai sair da cadeia - meu marido tá há dez anos em Mirandópolis - ele falou que vai sair o restaurante ele vai me dar. Se tudo der certo, correr como mando o figurino, eu vou conseguir conciliar.

E: Aham.

P: Academia, filhos, escola e restaurante.

E: Sim.

P: Mais... Falaram pra mim que eu posso conseguir a carteirinha da OAB. Eu não sei se eu consigo. Se, por cargas d'água me der cinco minutos eu vou fazer assistência, a psicologia, o direito... Eu vou fazer assistência social.

E: Entendi. A carterinha da OAB, você fala, depois da faculdade, fazer a prova.

P: É.

E: Ah, é possível, né?

P: Minha irmã mesmo é advogada.

E: Entendi. E ela que cuida de você ou não?

P: Magina... Não pode.

E: Não pode? É eu não sei como funciona o...

P: Parente não pode advogar pra gente. Nem minha mãe, nem minha irmã, nem minha tia pode.

E: Eu não sei muito bem como funciona o código do direito. E aí então o que te fez aí voltar dessa... Você contou essa história pra...

P: Me reeduca. Pra me reeducar. Pensei bem, vou fazer quarenta anos, eu tenho filhos. Meu mais velho vai fazer vinte e três, mas o meu mais novo vai fazer quatro!

E: Aham.

P: Como é que eu vou ensinar meu filho a fazer lição da escola sendo que eu parei lá em mil novecentos e oitenta?

E: Sei.

P: Tudo mudou! Cartografia mudou, a Matemática tem mais coisas... E outra, e bom você vim pra escola, você se reeduca, você descobre que tem uma coisa dentro de você que você não sabia que existia.

E: Uhum.

P: Você descobre que você realmente é inteligente. E eu sou muito inteligente. E tá sendo muito bom vir pra escola porque eu tô me reeducando. Porém tá sendo bom vir pra escola porque agora a professora é da rua.

E: Entendi.

P: Porque quando era a Funap não era legal. Eu não gostava de estudar com presa.

E: E... Por qual motivo? Ou quais motivos?

P: Elas não tem o mesmo conhecimento que a professora da escola.

E: Aham.

P: Não têm.

E: Porque não necessariamente elas tinham alguma formação?

P: É, não tem formação. Como que uma pessoa que não tem formação vai me ensinar alguma coisa?

E: Entendi. Era mais difícil?

P: Pra pegar o livro ali, passar a lição do livro na lousa pra gente fazer a continha eu mesma faço na cela, eu sozinha. Eu pego o livro e vou estudar.

E: Entendi.

P: Nada contra as presas, mas pra mim é pela qualidade.

E: Aham.

P: É a qualidade. E hoje em dia vale a pena estudar. É a melhor coisa. Sou muito mais estudar do que trabalhar.

E: Entendi. Você escolheu estudar.

P: Eu optei por estudar. Faço unha. Dá pra tirar uns pacotinhos por mês pra comprar minhas coisinha e vamo que vamo.

E: É, mas aí você não quis o trabalho oficial da prisão, né?

P: Ah, não, eu não posso trabalhar, Ellen.

E: Porquê?

P: Ai, porque as mestrinha elas gostam muito de gritar com as presa. Presa grita com presa. Se uma presa com vinte anos gritar na minha orelha “tira a mão do meu bolso”, “cala a boca” ou “você tá errada!”, se ela me mandar eu me fuder ou tomar no meu cu eu vou... Entendeu? Então não posso. Porque eu trabalhava no dois aí a mestrinha chegou... E eu sou muito falante, eu sou hiper-ativa.

E: A mestrinha é a pessoa que coordena?

P: É, coordena a mesa. Não, essa aí [inteligível 13:25], da firma.

E: É de fora, não é presa?

P: Só que elas, elas tem que tratar a gente com educação. Tipo, eu tô calma, eu tô lá porque agora eu consegui passar no psiquiatra. É porque eu usei crack e cheiro pra caralho. E eu precisei tomar uma fluoxetina pra minha hiper-atividade.

E: Aham.

P: E eu tomo um diazepamzinho a noite pra conseguir dormir. É o que tá me mantendo serena. Só que assim, a mestra chegou na minha orelha e gritou “cala a boca!” no meu orelha, no meu ouvido. Ela é louca? Primeiro, pra ela exigir o meu respeito e minha educação... – que pra mim respeito de verdade como meu pai e com a minha mãe.

E: Aham.

P: ...ela tem que me respeitar! Como é que ela dá um grito no meu tímpano? E quer que eu... Ai, na hora que ela deu o grito eu sai correndo atrás dela. Aí pra evitar eu ir pro castigo, eu perder um pouco de remição que tenho, que eu tô cansada de tirar cadeia, eu preferi optar pela escola. Mas eu tô tentando estudar desde quando eu

cheguei aqui em dois mil e quatorze. Eu demorei um ano e quatro meses pra conseguir uma vaga pra me matricular na escola.

E: Entendi. E aí você acabou saindo do trabalho por livre e espontânea vontade?

P: Por livre e espontânea vontade...

E: Antes de ter alguma falta?

P: Por livre e espontânea vontade antes de ter algum problema.

E: Entendi. Aí, enfim, como você faz unha, você consegue trabalhar...

P: É, e eu também faço crochê, faço um monte de coisa.

E: Você consegue fazer outros trabalhos...

P: Deus ajuda...

E: ...sem ser o oficial.

P: Deus ajuda quem cedo madruga.

E: (RISOS).

P: E outra, a remição da escola é melhor. Imagina o juiz quando ver meu prontuário. Ó, meu prontuário é desse tamanho! Tenho duas rebelião. Tirei um ano e quatro no anexo de Taubaté. O juiz vê lá: "Presa não trabalha, não estuda, não faz porra nenhuma." Porra, aí ele vai lá ver, né?: "Porra, a reeducada Patrícia se regenerou, tá até estudando, vou dar uma boa remição pra ela!" E ir embora!

E: Entendi.

P: De dois mil pra cá eu só fiquei dois anos na rua, amiga.

E: De dois mil pra cá?

P: Você acha que isso é vida? Eu não tive vida própria! Então eu sei que se eu estudar, se eu fizer tudo certinho, eu sei que eu vou continuar estudando lá fora porque eu já tomei gosto pela coisa de novo.

E: Sim. E as outras cadeias que você tirou cê fez todo processo de progressão de pena até a liberdade condicional?

P: Liberdade condicional, RA...

E: Entendi. E aí voltou (RISOS).

P: Eu fiquei fugitiva na rua pra cuidar do meu bebê.

E: Entendi.

P: Meu bebê ficava numa creche, eu tava aqui na Unidade 2. Eu fiquei sete meses com ele, o João No COCE, que antigamente eu peguei a época do COCE que a gente amamentava lá e me deram sete meses, até oito meses pode ficar lá. Quando eu tava com sete meses...

E: O [inteligível 15:57] é o hospital?

P: É o Centro Hospitalar. Aí eu vim pra cá na Unidade 2.

E: Tá.

P: Aí eu fiquei dois meses aqui com o João. Aí eu e minha mãe a gente tava brigada, aí ela resolveu fazer as pazes comigo e vim buscar o João. Só que ela falou

que ia pegar o João mas não ia levar ele pra casa, que o seu Antônio - que é um taxista amigo meu - falou que ia colocar ele na creche. Eu trabalhava e mandava dinheiro pra ajudar na creche, na despesa dele. Aí quando eu sai em Agosto de dois mil e treze a dona da creche a dona da creche me falou que não podia mais ficar com ele.

E: Você saiu de liberdade ou de...

P: Sai de saidinha. Aí eu falei "Dona Célia, por favor, eu tenho mais uma saidinha até Outubro, fica com ele pra eu poder sair de vez e pegar ele, fica com ele até Outubro, por favor!". Era Agosto, era só mais dois meses. Ela falou que ela não podia porque ele tava praticamente morando na creche. Ela falou que não podia. Por eu estar brigada com a minha mãe, eu fiquei com medo de ir na casa da minha mãe falar "mãe, me ajuda, não tem com quem fique o João, a dona da creche não quer mais cuidar dele e eu tenho que voltar da saidinha", porque, quando eu saí, faltava dez meses pra minha cadeia vencer.

E: Entendi.

P: Então se alguém tivesse me amparado, tivesse ficado com o João... Mas eu não fui na minha mãe porquê? Minha mãe é louca crazy, cara. Minha mãe é daquelas que ela chama a policia pra mim, me manda pro hospital de louco psiquiátrico. Eu fiquei com medo!

E: Uhum.

P: Entendeu? De eu chegar lá na minha mãe ela vai chamar a ambulância e me internar no hospital de louco e tomar meu filho de mim. Eu fiquei com medo. Que eu tive nove filhos e eu não consegui cuidar de nenhum e do João eu tava cuidando. Entendeu? Do João eu tava cuidando. Minha amiga fechou a loja dela, ela me deu umas oito sacolas daquelas do Paraguai, com lingerie, então, amiga, eu não tava fazendo nada de errado. Eu não vendia droga, eu não roubava, não furtava, não fazia nada de errado! Nada de errado! A única coisa que eu fazia era ficar passando pano pros meninos ali na Paim, que eu sou daqui do Bixiga. Então eu ficava na esquina do churrasquinho só olhando o movimento da viatura, se a viatura tava subindo...

E: "Passando o pano" é...

P: Olheira.

E: Fazer a vigia.

P: É, eu só ficava de olheira. Aí eu ficava das cinco as dez da noite, meu filho na babá, pegava meu dinheiro, ia pro meu hotel e ia embora.

E: Só que nisso você já tava de fuga? É...

P: Fugitiva.

E: Fugitiva.

P: Então por eu estar fugitiva eu não tava dando tanto as minhas cara, não tava fazendo nada de errado. Aí eu ganhei uma droga do meu parceiro, né? "Tó, Patrícia, pra você, tal." Aí eu falei "puts, vou lá que eu vou pro funk.". Fazia cinco semanas que eu tava na rua.

E: Seu parceiro que tá preso agora? Ou é outro?

P: Não, tá na rua. Aí fazia cinco semanas que eu tava na rua e eu só tinha saído quando eu sai de saidinha, eu fui pro funk ali na, no Boi Maiado. Fui lá ver o Gui e a Lerquina. Aí eu falei “poxa vida”, né? Os meninos falaram “Patrícia, deixa o João na babá hoje e vamo pro funk com a gente, você precisa sair um pouco, você só fica trancada no hotel.”, porque dez horas da noite eu tava em casa dormindo. Eu ficava com o meu filho, eu tinha medo. Eu dava meus tiros, meus baseado fumava. Tipo, ele dormia aí eu dava um tirinho, tomava uma cerveja, fumava baseado, quando era meia noite eu ia dormir porque seis horas da manhã ele acordava com aquele gás todo, não precisava nem de academia, né, porque... Só de correr atrás de João porque tava engatinhando era tudo. Aí aconteceu de eu ganhar essa droga e ter uma meninas que elas tem inveja de mim, recalcadas comigo, não sei, não gostavam de mim. Aí eu no cabeleleiro, meu cabelo tava chanel de bico...

E: Você tinha ganhado pra uso?

P: Tinha ganhado pra mim usar, pra mim fazer o que eu quisesse. Aí como eu ia pro funk eu falei “não, vou pro funk já subo pra área vip, né?”, filha, porque é cocaína da boa, colombiana de cinquenta reais a capsula,” falei eu já vendo umas capsulas lá” porque eu tinha levado o João no hospital e a receita do João ficou em quatrocentos e setenta reais.

E: Nossa.

P: Aí eu falei já que já que eu ganhei pra mim cheirar, pra fazer o que eu quiser... Eu tava com vinte e seis gramas de maconha. Uma florescente, gostosa! Perdi minha maconha e perdi minha cocaína. Eu falei “já que eu vou pro funk eu vou vender”, eu já faço dinheiro. Por quê? Na sexta feira, treze de Setembro, eu ia mudar. Os meninos mandou reformar um quatinho com banheiro na Brigadeiro, na Brigadeiro ali uns dois quarteirões abaixo do Extra.

E: Aham.

P: Então eu ia mudar. Então eu falei, “já junto um dinheiro, o João fica na babá até umas duas horas da tarde, pelo menos eu já sei que ele almoçou e já jantou que ele, né, tá bem cuidado pra mim poder ir pro quarto limpar porque os pedreiro sujou, pintou, tal” só tinha que dar uma limpada, né? Deixar aberto, deixar um pouco arejado pra sair o cheiro da tinta. Só que, infelizmente, quando eu sair do salão de cabeleleiro eu fui caguetada. Aí me pegaram. Aí meu filho foi pro abrigo. E eu tô numa luta pra não perder ele.

E: Ele tá no abrigo ainda? E sua mãe num...

P: Minha mãe fez as pazes comigo ano passado. Ela tentou, ela pediu a guarda dele de volta, o juiz não quer dar.

E: Entendi.

P: Aí agora o Primeiro Comando da Capital, o PCC na cadeia, colocou uma advogada pras mães que tem crianças no abrigo, porque eu tenho o direito de ver o meu filho uma vez por mês.

E: Aham.

P: E eu não vejo o meu filho desde o dia doze de Agosto, de Setembro de dois mil e treze.

E: Entendi. E ele não tá com a sua mãe e tá no abrigo.

P: Tá no abrigo.

E: E os seus outros filhos?

P: Tão com a minha mãe.

E: Tão com ela?

P: Tão com a minha mãe, com as minhas tias porque eu paria um e vinha pra cadeia, paria e vinha pra cadeia. Tive três na cadeia. Então as minhas tias sempre me ajudaram.

E: E o seu atual marido também tá preso?

P: Uhum.

E: Entendi.

P: Mas tá pra sair agora em Maio, graças a deus.

E: E aí vocês trocam carta, enfim...

P: Muitas!

E: E alguém vem te visitar ou não?

P: Não.

E: Ninguém?

P: Ninguém.

E: Entendi. É... Bem, deixa eu voltar aqui, né? Tem algum momento que você considera mais prazeroso ou menos prazeroso hoje na sua rotina escolar?

P: A melhor coisa é hora que dá o sinal e eu posso vim pra escola. Que eu nem sinto aqui. Aqui é outro ambiente, eu nem lembro que tô na cadeia.

E: Uhum.

P: É um prazer aprender, é um prazer minha letra melhorar cada dia mais, porque minha letra é linda! Só não fica bem quando eu tô sem óculos, mas eu escrevo muito bem. E eu leio bem também, né? Por ter lido muito livro, né? Eu sei me expressar bem.

E: Você lê bastante?

P: Muito! Adoro! Cadê? Inclusive eu quero levar um livro seu.

E: É, eu não sei. Depois tem que ver com a moça aonde é que eles estão. Se estão emprestados...

P: Não, mas eu quero um de presente. Quero um de presente com uma dedicatória pra mim!

E: Então eu trago um pra você.

P: Tá.

E: Semana que vem eu tô aí, eu trago. É... Então você gosta de vir pra escola. Mas e na escola, tem alguma coisa que você gosta mais hoje? Menos? Em termos de aula, de organização, enfim...

P: O que que eu... Ai, o que eu... Tudo, tudo.

E: Tudo?

P: Tudo.

E: Até as provas que você tava fazendo aí, gosta?

P: É, porque assim, quando a professora ela pega no pé tem gente que acha que ela é chata. Eu já não acho que a professora é chata quando ela pega no pé e dá muita lição, e da muita conta difícil. É porque ela tá dando o melhor dela pra gente

E: Uhum.

P: Então eu acho que da mesma forma que a professora vem da rua e dá o melhor dela pra gente e faz a gente aprender... O bom de tudo é isso. É que a minha professora... Eu tô falando da minha professora! Eu melhorei cem por cento em todos os aspectos depois que eu comecei vim. É um prazer tá do lado dela por quê? Ela é calma, ela é amorosa, ela é carinhosa e um elogio, um sorriso da nossa professora é uma injeção de vitamina assim de tipo uma injeção de adrenalina.

E: Aham.

P: Tipo de você querer fazer sempre melhor! A professora ela te dá um ótimo. Puts, é muito prazeroso! Aí você quer sempre ganhar um ótimo, então você quer sempre dar o melhor de você também! Porque eu acho que eles merecem respeito.

E: Sim.

P: Da mesma forma que ela me respeita. E ela é amorosa, ela beija, ela abraça a gente... Ela não trata a gente como presa, como “arghhh”, um animal. Ela trata a gente como ser humano...

E: Você tem uma professora?

P: ...e é prazeroso isso. Uma professora. No período da manhã.

E: Que série você tá hoje?

P: Eu faço a quinta antiga que é o quarto ano de hoje.

E: Entendi. Então você já... Não, não é última série dessa sala, né? Tem mais uma, não é isso?

P: Não, tem até a quinta ali. É a quinta antiga.

E: Daí você...

P: Aí em Junho...

E: Você tá no quarto ano?

P: Eu tô no quarto ano de agora, mas a quinta da antiga, então em Junho eu passo pra sexta série.

E: Pra outra sala?

P: Uhum!

E: Entendi. E aí vocês fazem prova pra passar, né, de uma pra outra e tal e fecha o semestre, o ano.

P: Não, toda a interpretação de texto, toda redação, todo teste que ela dá ali, com dez continhas ali, vale ponto. Tudo isso ela vai juntando ponto pra ver se a gente tá apta a passar.

E: Pra fechar nota.

P: É, pra fechar a nota.

E: E quando que você falou que se você passar você muda pra outra turma?

P: No meio do ano.

E: Ah, no meio do ano.

E: Cada módulo.

P: São seis meses, né? O que um supletivo é.

E: Sim. E são de primeira a quarta na mesma sala?

P: Uhum! Desde a alfabetização.

E: Entendi.

P: E ela, e ela é mara, porque ela divide a lousa em três em quatro partes. Porque tem as que estão sendo alfabetizada, que não sabem nada. Tem aqueles que já tá na primeira e na segunda e aquelas que tá na terceira e na quarta.

E: Entendi. Ela passa pra...

P: Divide pra todas.

E: ... pra cada turma.

P: Todas! E eu vi menina que chegou ali não sabendo escrever nem ler e hoje já tá lendo, com nem dois meses de aula.

E: Legal.

P: Então a minha professora é mara, ela é boa no que ela faz.

E: Legal. E você estuda fora da sala? Você falou que tem seus afazeres...

P: Ah, eu gosto de levar lição pra casa. Ah, eu sou cdf (RISOS). Eu gosto de levar as continhas em casa, pra ceta pra fazer, tipo, expressão numérica que eu tenho muita dificuldade de montar as contas.

E: Aham.

P: Eu gosto. Ela não dá lição pra gente levar pra casa, mas eu fico per..., infernizando ela e as vezes ela dá. É gostoso, eu estudo. Eu tava tentando estudar espanhol, mas eu estou com uma dificuldade que eu não consegui um dicionário.

E: Entendi. Esses livros de espanhol aí não...

P: Então, eu tava com esses aqui, modulo um e tem outro aqui que eu tava também, esse Interat. Só que assim, eu sei lê o espanhol, eu ainda não sei, eu não consigo ainda... Como é que eu falo? Eu não consigo...

E: Falar.

P: ...falar bem ainda...

E: Tá.

P: Por quê? Tem coisa que eu não sei o que significa.

E: Aham.

P: Então se eu tivesse um dicionário eu já tava falando espanhol.

E: E não tem nenhuma companheira aí?

P: Que tenha dicionário?

E: Não, nenhuma companheira que fale espanhol?

P: Não, só na Unidade 2.

E: Só na Unidade 2.

P: Mas a Unidade 2 não me aceita, tanto é que quando eu sai de Franco da Rocha eu fui praí, eu fiquei cinco dias no estágio, quando eu desci pro convívio eu dormi uma noite do convívio e me enxotaram pra cá. Eu adorei, né?

E: Entendi. E... Então você estuda fora. E você consegue estudar com outras companheiras fora ou não? Porque cada uma...

P: Não, eu estudo na minha cela. Sozinha.

E: Mora só você e mais uma também?

P: Moro sozinha, graças a deus!

E: Mora sozinha?

P: Ninguém me aguenta!

E: (RISOS). É, porque eu sei que aqui são duas, geralmente, por cela. E você acha que a educação que é oferecida aqui dentro é diferente da oferecida fora?

P: Pelo que eu vejo o trabalho da minha professora, não, acho que aqui é até mais difícil pra elas.

E: Porque você acha?

P: Ah, porque é muito complicado você pegar uma mulher com quase cinquenta anos que não sabe ler e ter que ensinar ela lê, né? Deve ser complicado pra elas também.

E: É, mas isso também tem na rua. Também tem o supletivo na rua.

P: Não, mas mesmo assim tem... Lá a professora ela é pros adultos.

E: Aham.

P: Aqui não, aqui ela dá aula pros adultos aqui e pra adolescentes na rua.

E: Entendi.

P: Então ela tem que conciliar também e é complicado, porque aqui ela tem que ficar dando atenção, ensinando. Lá não. Lá passa e a gente faz.

E: Aham. Entendi. Mas você acha que não tem nada que diferencie então hoje...

P: Não, a qualidade de ensino depois que a Secretaria assumiu é a mesma...

E: De fora.

P: Da rua. É.

E: Entendi. E você acha que o aprendizado na escola vai contribuir pro seu processo de reinserção, né, na sua saída?

P: Vai, lógico que vai porque eu vou sair... Acho que eu já consegui... Não sei se no semi-aberto eu consigo terminar até o terceiro colegial. Mas eu já vou sair sabendo, com um puta de um conhecimento que quando eu voltei pra cadeia em dois mil e treze eu não tinha.

E: Aham.

P: Eu descobri a Patrícia que eu não conhecia de novo dentro de mim, entendeu?

E: E de que forma você acha que isso vai te ajudar lá fora?

P: Isso vai me ajudar lá fora porque? Se o meu calo aperta eu tenho um pouco de estudo. Eu posso ser secretaria, eu posso fazer um curso de computação, eu posso fazer uma aula de inglês e uma aula de... A gente já aprende inglês aqui, eu posso sair e fazer um espanhol. Se eu posso falar duas línguas... Eu tô fazendo meu curso de maquiadora, então se eu sair com um grau de escolaridade completo, com os dois cursos, com um curso bilíngue...

E: Aham.

P: Eu posso me inserir num navio, pra ser maquiadora num navio, entendeu? Eu posso atender em hotel chique...

E: Aham.

P: ...que vem pessoas de todo mundo. Eu posso fazer minha faculdade... Então é muito bom!

E: Vai te ajudar, né?

P: Vai, vai me ajudar muito.

E: Nessa questão do trabalho e tal.

P: No meu trabalho, vai me ajudar na minha vida, vai me ajudar na minha casa com os meus filhos também.

E: Uhum. Entendi. E você percebeu alguma diferença – você já falou um pouquinho, né, mas... – na educação, aqui na prisão, nos últimos anos? Essas diferenças na educação com as monitoras pra educação da Secretaria? Que mudanças foram essas?

P: Que mudanças foram essas?

E: Como é que você percebe?

P: Tudo isso eu vi na qualidade.

E: Você acha que principalmente foi a qualidade que...

P: Foi. Foi a qualidade. Porque é... Uma presa ela tá presa há cinco anos, certo?

E: Uhum.

P: Ela estuda até o terceiro colegial, mas ela já tá há cinco anos presa, então o que ela aprendeu há cinco anos atrás já evoluiu muito. Então ela vai te ensinar coisa que ela aprendeu há oito anos atrás?

E: Aham.

P: E não é isso que a gente quer quando a gente vem pra escola. A gente quer aprender o novo!

E: Entendi, então você acha que a qualidade no sentido de que os conteúdos são mais atualizados?

P: Aham. Tem muito mais conteúdo atualizado, exatamente.

E: E a organização da aula? Isso também mudou?

P: Bem melhor. Lógico! Bem melhor. Que se você estudava com a presa... Eu fiz a quinta série, eu tentei fazer a quinta série em Itapetininga. Tipo, tinha gente da quarta e da quinta série, da segunda série, ela dava a mesma lição pra todo mundo! Não é assim.

E: Entendi.

P: Eu acho que não é assim.

E: Uhum.

P: Se eu sou quinta série eu tenho que dá pra quinta série. Tenho que dividir a lousa um pouco pra cada e não era. A qualidade é fenomenal depois que veio a secretaria de ensino. É mil vezes...

E: Entendi então. Teve algumas mudanças aí nessa estrutura, né?

P: Teve, bastante.

E: E como é que são suas relações na escola hoje com as outras companheiras, com a professora...?

P: Ai, muito boa! (RISOS).

E: Você falou bastante da professora, né?

P: Muito boa as meninas, todas gostam de mim. Eu sou simpática, sou extrovertida então não tem como. Eu cativo as pessoas, todo mundo gosta de mim.

E: Hoje você não arruma mais as brigas que você arrumava de criança? (RISOS).

P: Não, não, não, não, não arrumo mais!

E: Então é tranquilo com as outras meninas também...

P: Uhum.

E: ...e com a professora? E você acha que alguma coisa poderia ser alterada na educação oferecida hoje? Alguma coisa poderia mudar pra...?

P: Eu acho que eles poderiam deixar a gente estudar com mais dignidade.

E: Como assim?

P: Porque a Secretaria manda cola, lápis de cor, guache, giz de cera, tesoura... A gente não recebe, a gente recebe um caderno, um apontador, um lápis e uma caneta. Eles mandam caneta vermelha e caneta azul, eles dão uma caneta azul só pra gente. Eles dão uma caneta, um lápis, uma borracha, um apontador e um caderno. E uma caixa de lápis de cor – com muito custo! E não é assim.

E: Uhum.

P: Porque se a Secretaria manda pra gente, tem que chegar na gente. Um tubo de cola pra cada, uma caixa de giz de cera pra cada, porque a gente tá vindo pra escola porque a gente quer estudar, a gente quer aprender. Mas você tá fazendo um trabalho, você tem que levantar toda hora: “Ô, seu Marcos...”, “Ô, Dona Marina, me dá a cola..”. Aí eles dão um restinho de cola no vidro. A tesoura tava cega, depois que eu mandei um pipa pra Dona Ana tá com uma tesoura boa lá. Mas eu acho que é o direito da gente, eu acho que eles tinha que dar o material da gente!

E: Aham. E esse material chega da Secretaria?

P: Chega! Lá no almoxarifado tá cheio de tesoura, de guache, de tinta... – eu levei uma caixa de guache -, de tinta, de tudo! É uma caneta vermelha e uma azul que vem pra cada presa, é o kit. Um giz de cera, um tubo de cola pra cada presa. Acabou tem direito de pegar outro! Eles dão no começo do ano uma borracha e um lápis.

E: Entendi. Então isso é uma coisa que você acha que poderia mudar?

P: Eu acho que poderia.. Eu acho que deveria mudar, eles deviam dar um pouco mais de cá.., dignidade pra gente estudar! Eu não venho pra escola só pra dar um caderno e depois voltar pra vender meu caderno e cheirar cocaína e fumar maconha. Eu venho pra escola porque eu quero aprender! Eu queria ter meu material, porque não pode entrar da rua. Guache não entra da rua... Muita coisa não entra da rua.

E: Por visita você diz, né?

P: Uma tesoura... Quem não tem visita aqui é um sacrilégio conseguir. Eu não acho justo ter que ficar toda hora pedindo pro guarda uma tesoura, sendo que a tesoura vem pra mim.

E: E é caro lá dentro, né? Esses materiais. Porque vale ouro, é raríssimo!

P: Ou, uma tesoura vale até três maços. Eu, de verdade, não dou vinte reais numa tesoura porque eu não tenho condição. Vinte reais é metade da compra que eu faço no mês pra comprar meu shampoo, meu condicionador, meu sabão em pó, minha cândida, meu desinfetante a minha cera.

E: Sim. Acaba sendo custoso ter isso lá dentro, né? E tem mais alguma coisa que você acha que poderia alterar, além dessa questão dos materiais didáticos e...?

P: Ah, eu acho que tá tudo legal, não teria acho nada mais pra alterar.

E: Entendi. E você acha que essa mudança, por exemplo, do material que você falou, facilitaria sua adesão, sua frequência na aula..?

P: Facilitaria não só a minha como a de muitas porque tem... A maioria das meninas que vem pra escola, não trabalham, são meninas carentes que não tem visitas. Eu ainda faço unha, ainda dou uma desenrolada, mas tem gente que não tem nada.

E: Você circula por aí ainda?

P: Oxi, mó barato!

E: Entendi. Então você acha que isso ia ajudar a melhorar...

P: Ia porque as pessoas “poxa, eu vou pra escola, ganhei todo o meu material!” É gostoso, a gente vai vir com material pra gente poder usar. A gente vai querer fazer trabalho, vai querer fazer tudo... Mas que graça tem você vir pra escola sendo que você não tem uma tesoura?

E: Entendi.

P: Aí você precisa de uma tesoura você tem que pedir pro guarda! Ah, pelo amor de deus!

E: Entendi. E você considera assim que sua relação tanto com as outras presas, com funcionários, com familiares, enfim, mudou ou vai mudar porque você tá estudando?

P: Ai... Bom, eu sempre fui educada, porque depois de tanta rebelião que eu fiz, depois de ter aprontado pra caramba já, hoje em dia contra a força não há resistência, mas, assim, eu acho que a gente é vista com um pouco mais de respeito também quando a gente vem pra escola pelas guardas.

E: Uhum.

P: As presa tipo, né? - O meu apelido é Capim.. As presas “pô, nossa, Capim. tá indo pra escola! É doidona, ela tá os tiro dela, fuma o baseado dela, faz as unha dela, mas vai pra escola todo dia!”. É gostoso porque as pessoas vêm a sua transformação. E quando eu cheguei na escola eu cheguei de modos horríveis. Eu fui hiperativa demais, eu não parava na sala de aula, eu falava alto, aquele loucurão todo. Agora não, eu já... Fez bem pra mim, me acalmou. Reeduquei a minha voz.

E: Uhum.

P: E tô me reeducando ainda porque todo dia a gente aprende, né?

E: Uhum.

P: E...

E: E aí, consequentemente, isso vai mudando...

P: Isso muda minha relação com elas. As guardas elas me respeitam, quando eu preciso de alguma coisa eu vou “Dona Amanda...”, “Dona Fulana...”, “tô precisando disso” elas me ajudam. É, enfim, melhor assim.

E: E com a sua família também? Com seus filhos, com a sua...?

P: Olha, a minha mãe ela não me escreve, quem escreve pra ela sou eu. Eu conto pra ela, contei pra ela que eu tô estudando...

E: Ela não te responde as cartas?

P: Não, não. Minha mãe ela tá com sessenta e dois anos e eu tenho os meus..., três crianças pequena lá, tadinha. A vida dela é corrida. Ela trabalha com sessenta e dois anos.

E: E ela é sozinha, né? Você falou que ela é pai e mãe.

P: É, não, tem meu padrasto. Ela se casou novamente. Mas o meu padrasto vive mais na estrada do que em casa. Meu padrasto vem, fica em casa uma semana, três dias e vai embora de novo.

E: Entendi.

P: Só vem pra trazer salário.

E: Entendi. E você? Né? O que você acha que tá mudando ou mudou devido a sua ida na escola? Que mudanças você consegue perceber?

P: Tá mudando tudo. Meu jeito de ser, meu jeito de pensar, meu jeito de agir, meu jeito de falar, a minha letra, o meu je... Tudo, tudo, tudo. Melhor coisa que me aconteceu foi ter voltado pra escola.

E: A sua relação com você mesmo tá melhor?

P: Comigo melhorou bem. Eu consegui diminuir bem na droga, entendeu? Eu ficava no pavilhão, queria ficar usando droga o dia inteiro. Eu venho pra escola as vezes eu chego e nem penso em ir atrás de nada. Por quê? Tem lição de casa pra fazer então

eu me preocupo com a minha lição, não vou me preocupar com droga. Então ela tá me ajudando muito a saí das drogas, que eu tô numa batalha grande pra parar.

E: E tem alguma...

P: Por isso que eu procurei o psiquiatra, pra tomar fluoxetina e tomar um remédio a noite pra mim dormir.

E: Isso que eu ia perguntar. Tem algum acompanhamento pra você conseguir parar?

P: Eu fui no psiquiatra, rasguei o verbo, abri o meu coração pra ele. Falei “doutor, cheiro mais que o Garfield come lasanha, eu tô precisando muito que o senhor me ajude...”

E: Entendi.

P: “... a me salvar de mim mesma.”. Que eu fumei crack, o crack eu parei faz cinco anos, parei já na rua. Mas eu quero parar de cheirar.

E: Entendi.

P: E não consigo.

E: Entendi.

P: Uma coisa compulsiva.

E: E aí, de alguma forma, talvez até a própria, o próprio envolvimento com a educação tá te ajudando, também te ajuda nisso?

P: Foi o que me ajudou.

E: Pra você pensar sobre parar ou não tem nada...

P: Foi, foi, foi, foi, foi. Depois que eu comecei a vim pra escola, eu comecei a me olhar no espelho... Que depois que eu comecei a vim pra escola eu dei um breque com a droga então eu fiquei mais bonita. A minha pele ficou mais bonita, eu durmo melhor, eu acordo melhor, entendeu? Eu só não como muito porque eu tenho que, né? Manter isso. Porque se eu engordar fica muito feio, então não posso passar dos sessenta.

E: Aham.

P: Mas assim, melhorou muito porque eu venho pra escola então eu chego preocupada em fazer uma lição de casa ou estudar pra uma prova.

E: Aham.

P: Então eu vou me preocupar em estudar, eu não vou me preocupar em ir atrás de droga. Então me ajudou muito, a escola tá sendo maravilhosamente boa pra mim. Por isso que eu vou dá continuidade na rua.

E: Entendi.

P: Faculdade, curso técnico pelo Paula Souza, qualquer coisa que tiver eu vou [inteligível 39:32].

E: Entendi. Legal. Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre a escola que talvez passou batido, que você lembra agora?

P: Não, falei tudo.

E: Falou tudo? Só mais uma coisa, a remição tá funcionando? Vocês estão conseguindo pedir remição?

P: Então eu vou fazer um PP, eu vou fazer um bilhete pro advogado hoje, né? Pra minha amiga tá pedindo na segunda-feira, né? Eu já mandar amanhã pra ele pra ele que ele tá puxando a minha remição. Porque eu tinha um advogado particular, eu tirei ele agora tem que ficar com o da casa. Apesar que meu marido falou que vai mandar o advogado dele me ver em Maio, assim que ele sair.

E: E o que que é um PP, que você falou?

P: Um PP é uma cartinha, tipo uma notificação...

E: Uhum. Pra solicitar.

P: É, uma solicitação. “Eu, reeducanda tal...”

E: “Matrícula tal...”, enfim.

P: É, preciso que eu puxo minha remição pela escola, “por gentileza, no período de tal até tal”.

E: E pelo que você sabe tá rolando tranquilamente?

P: Rola. Só não sei quanto rola, mas rola. E é muito bom, o juiz dá muito valor pra quem estuda. Que quem tá estudando ele tem com ele que quer mudar.

E: Sim.

P: Eu nunca estudei. Eu estudei, mas eu não gostava de estudar com as presas então nunca dei atenção, mas agora eu quero.

E: Entendi.

P: Até o meu último dia aqui eu tô na escola. E na rua eu vou dá continuidade, sim.

E: Legal.

P: Fiquei melhor comigo mesma depois que eu vim pra escola.

E: Que bom. Então acho que é isso. “Patrícia sobre a escola”. Tá bom? Obrigada.

P: Bom, falei tudo que eu podia falar porque eu sei que é pra você só, né? Pro seu arquivo pessoal.

E: Sim.

UNIDADE 2

Entrevista 5 – Célia

E: Então primeiro, se puder identificar pra gente, fala seu nome, a sua idade e o, o motivo pelo qual você tá presa

C: Oh, meu nome é Célia, eu tenho cinquenta e nove ano, to presa em sequestro, né

E: Ahã

C: Fiz catorze ano presa, agora tá preste de eu i embora, né

E: Falta bastante tempo?

C: Eu espero que não né?

E: Ah é?

C: Espero saí logo daqui, puquê eu pretendo reabri meu restaurante de novo e termina meu curso de enfermagem

E: Você fazia enfermagem antes?

C: É, tava fazeno, aí eu vim presa né

E: Entendi, e pra você sai tem previsão já, de tempo de meses?

C: Não, eu já montei o semi aberto né

E: Ahãn

C: Eu espero que a juíza me dê né, purquê eu to esses catorze ano aqui, eu nunca tive saidinha pra luga nenhum

E: Ahãn

C: É, aliás eu num conheço nem o mundo lá fora, pode se mais sincero, num sei nem i embora pra minha casa né (risos), pra se mais sincero, né

E: (risos)

C: Mais eu tenho fé em Deus que eu vo sai daqui esse ano e vo realiza tudo aquilo que eu deixei pra trás entendeu, deixei parado né

E: Você pretende continua o curso de enfermagem

C: Pretendo. Primeiro porque eu gosto né, eu gosto

E: Você gosta?

C: Eu gosto

E: Bacana

C: E também quero reabri meu restaurante de novo (telefone tocando ao fundo) purquê eu gosto muito de comida do norte né, então meu restaurante vai se só de comida do norte, eu, eu tinha já, eu tem o ponto né, só que aí minha filha foi trabalha lá, mas ela num acerto fazê comida do norte, o que que aconteceu? Perdeu todos freguêis

E: Risos

C: Os, os freguêis só vai lá pra toma uma cerveja ou então come uns salgadinho, uns salgadinho né

E: Ahãn

C: Que comida, uhun

E: E você já domina essa parte da...

C: É porque eu, eu sou nordestina né

E: Ahãn

C: Eu sou mato grossense e o mato grossense, ele tem mais... outra tradição de, da culinária, se sabe né

E: Ahãn

C: E aqui também eu fiz o curso de gastronomia com Alex Atala, que veio aqui e, e fiz outros curso de, é... aprender a empreender, né

E: Bacana. Muito bacana. E que atividade você faz tanto no seu dia a dia aqui na prisão? O que você faz tanto?

C: Ee.. eu...eu estava trabalhando na imbramed né

E: Ahã

C: Mas aí houve um problema lá, e eu fui mandada embora né, agora eu estou só no pavilhão, mas eu estudo aqui

E: Entendi

C: E vou entrar nus novo curso que vai tê aqui agora

E: Vai, vão abrir cursos aqui?

C: É, e eu vo entra também, purquê eu gosto de fazê curso, é sempre bom tá aprendendo né

E: Ahã

C: E outra coisa, entre trabalha e estuda, eu prefiro estuda, certo? Purquê assim que eu sai daqui eu vo tê que tê pelo meno, o, o tudo completo pra mim pode entra na faculdade né, purquê o curso de enfermagem é quatro ano né

E: Quatro anos

C: Então, aí eu quero entra na faculdade né e eu tenho fé em Deus que eu vo termina antes de eu morre né, aaaaah vo

E: Bacana. E... ah, você já falou um pouco disso, mais, como que foi a, a sua trajetória escolar antes de, de de se presa, como que, o que você estudou tanto, você fez o ensino fundamental, foi até o médio ou...

C: Não, quando eu tava na rua, eu fiz até eu tava, eu tava fazeno o fundamental né

E: Ahã

C: que se sa... a gente que é do norte, inda mais eu que sou assim bem , num vo fala (não dá pra compreender a fala), sou transformadora né, claro

E: Risos

C: Eu comecei a trabalha cum onze ano né, e nesse tempo ou eu trabalhava pra ajuda minha, na minha casa, meus pais ou eu estudava e meu pai preferiu que nós vinhesse trabalha né, aí nesse meio tempo eu deixei os estudo de lado, aí vem a adolescência aquele fogo de moça casa ou num casa, casa ou num casa, aí a jumenta caso logo sabe, né, aí eu tive meus filho, meu marido era aquele bem ignorante sabe e ele também num dexava estuda, de jeito nenhum, aí depois que eu cai pres... não antes disso, eu comecei a fazê um curso de enfermage naquele hospital defeitos da face, sabe onde é?

E: Não conheço

C: Santo Amaro

E: Santo Amaro?

C: É, aí eu vim presa

E: Entendi. E você, é...antes do curso de enfermagem, você chegou a fazer o EJA, que é o antigo..

C: Na rua?

E: É na rua

C: Não, eu fiz, eu fiz a matrícula na escola né

E: Ahã

C: Pra mim estuda né, que eu já tinha separado do meu marido memo né, aí eu fiz a matrícula na escola aí, aí eu estudava de noite e fazia o curso de manhã, mas aí a jumenta aqui foi entra em coisa errada sabe, oou mai é jumenta, tem hora que eu meio, que eu, até eu memo tenho vontade de me bate, aí eu vim presa, aí eu cheguei aqui, vim aqui pra cadeia, aí eu comecei a estuda aqui na cadeia

E: Ahã

C: Mas ai, eu, eu...como eu entrei na menopausa né, eu comecei a tê muito sangramento sabe, muito sangramento, muito sangramento e, e... eu tava estudano (uhun) aí eu deixei a escola de lado eu só ia trabalha né

E: Ahã

C: Purquê era muito sangramento que eu tinha né, eu tava cum miomas essas coisa

E: Trabalha você fala aqui noo...

C: Na cadeia, é

E: Na cadeia

C: Aí eu deixei de estudar (tosse ao fundo), purquê? Primeiro, purquê era as presa, entendeu, segundo purquê elas num tem paciência, terceiro purquê elas num sabe ensina direito, quarto purquê elas gostam de grita e se sabe, se tá na cadeia, você num qué que ninguém grite com você, purquê quando é as presa dando aula, elas qué se mais que a gente, entendeu?

E: Hum

C: Aí elas começa a grita, elas fala que elas que sabe mais do que nós, ta presa né, o bando de jumenta

E: Risos

C: Aí junto tudo, junto eu tá mens.. eu tá com muito sangramento sabe, aí eu...

E: Na menopausa

C: Aí eu vinha pra escola e fiquei aborrecida, é na menopausa, eu larguei de mão sabe, purquê eu sou meia, pavi.. paviu curto sabe, eu vo ouvindo, ouvindo, quando pensa que não a pessoa vem fala outra coisa pra mim, eu já num gosto né, eu gosto dos professó da rua, purquê eles são educado com a gente, hora nenhuma eles grita, tendeu

E: Ahã

C: A nossa conversa num é de cadeia, é de rua, tendeu? Ele.. eles num vê nós como presa, eles vê nós na escola que nem os professó fala, aqui vocês não estão presa, aqui é uma sala de aula, aqui vocês pode se senti na rua, puquê aqui nós trata vocês de igual, né, coisa que quando é professora presa elas num faiz, purquê elas qué se mais do que a gente né, aí começa a escumlhabação ai você sabe, muitas dela apanho aqui na escola

E: Ah é?

C: Claro, purquê tem presa que num tem paciência

E: Ahãn

C: Quando pensa que não enfia a mão na cara, olha o rolo que dá, tendeu? Aí eu larguei de mão sabe, aí agora eu voltei a estuda de novo, que eu gosto de estuda sabe

E: Ahãn

C: Só num so muito boa em matemática né, mais em física eu sou boa, e... eu gosto de estuda

E: E você comento que quando você tava fora, na rua né, é... você fez o, o curso de enfermagem qu... o que te mo.. motivava a procurar a esse curso, a estuda?

C: Porque eu via muita na gente na, na minha rua que eu morava sabe, vê as pessoas sofrendo, não te um filho pá fala assim, não vô fica cá minha mãe, vô fazê um curativo na minha mãe sabe (tosse ao fundo), só pensava em paga, paga, paga, né e com isso eu fui me acostumando sabe a tá cuidando assim de gente mais idosa sabe...

E: Ahãn

C: Que precisa da gente, os filho não tem paciência, puquê hoje em dia os filho não tem paciência né, prefere deixa jogado no asilo que nem cachorro né... e a partir disso que eu cuidei de uma senhora, eu pe.. comecei a pega amor sabe..

E: Ahãn

C: Puquê é tão bom você cuida de uma pessoa, você cuida dela, você vê ela feliz com você ali do lado dela, sabe que você se preocupa com ela sabe, até mesmo uma criança né, os neto da gente quando fica doente, a avô é a que mais se preocupa né, que quando fica doente, a.. a muié a filha e o filho faiz o que, liga pá minha mãe, minha mãe deve sabe o que fazê né, e eu gosto de enfermagem e também eu fui muitas vezes visita aquele hospital, é... a..é..aí esqueci o nome daquele hospital que tem ali na Washington Luiz.. AACD né, muitas vezes eu fui lá cu... com o povo lá da..da..da onde eu tava fazeno o curso e tem muita criança que precisa pelo meno dum abraço sabe, duma palavra amiga e fica lá sabe é tão triste, é muito triste

E: E você vê, que quando sai daqui você pretende retoma esse estudo na enfermagem?

C: Pretendo, pretendo também assim, ajuda pessoas, entendeu?

E: Ahãn

C: Como menina nova, que menina nova num tem paciência, ajuda pessoas mais de idade a gente i no hospital fazê uma visita sabe e nos asilo, onde os filho abandona seus filh... seus pais sabe, leva uma palavra de carinho, até memo leva uma bala que seja pá uma pessoa que tá lá tanto tempo jogada, cê num vê nesses hospital de câncer, tanta criança precisa dum ab... de pelo menos se alegra um dia né e também tanta gente tem saúde e não lembra disso, num lembra do seu semelhante né

E: Hum

C: É isso que eu penso, por isso que eu gosto de enfermagem, purquê é uma coisa que eu sei que eu vô fazê com carinho sabe.. Du memo jeito que eu cuidei dauqela senhora, ela chamava Ana Beatriz ela, ela teve dois derrame...ela não andava mais de jeito nenhum, quando eu comecei a cuida dela, ela tinha até ferida nas costa sabe, como é que chama aquela ferida.. aaah esqueci o nome

E: Num lembro

C: Ela tinha ferida nas costa, depois que eu passei a cuida dela ela saro eu levava ela pá minha casa, eu levava ela pá passeia eu, meu segundo marido que Deus o tenha né, purquê ele morreu, ele ficava bravo, mas você traz a muié pra cá, trago, eu trago... e ela se sentia mais bem comigo do que juntos com os filho, cê acredita, aliás cê sabe que tem hora que eu, eu deito assim lá na cela, eu fico pensando que foi que eu fiz da minha vida sabia, catorze ano aqui dentro perdido, que eu podia tá lá fora ajudando tanta gente sabe e ajudando a mim mesma né..

E: Ahãn

C: Purquê que eu num vi meus neto nasce é.. não, eu não ajudo cria meus neto, ajudo assim dando dinheiro pás minha filha mais num é a mesma coisa de eu te convivência cum eles todo dia né

E: Cê tem quantos filhos?

C: Três

E: Três?! Isso aqui acho que num vai pra pesquisa, mais...

C: Agora eu vô tê, minha filha veio domingo, ela tá esperando nenê de novo, esse vai sê o terceiro filho dela, sabe que eu to feliz, mais to pedindo tanto a Deus pra mim sai logo, sabe, pá cuida dela

E: Uhum

C: Purquê é.. do memo jeito que eu sofro aqui dentro cum falta deles, eles também sofre cum a minha falta, principalmente ela, que é muito apegada em mim né e ela chora que é uma beleza, chora, chora, chora falando comigo e ela falou, mãe eu tenho uma coisa pá te fala, eu falei fale, você vai sê Vô de novo eu falei ow beleza, eu espero que agora venha o Mateus né, eu quero um menino (risada)

E: Risadas. As duas filhas dela é menina?

C: Menina

E: E..ah isso você já contou um pouco também, as suas relações com alunos e professores, você contou quando era da FUNAP, como que é, agora, com esses professores e a relação entre os alunos da classe?

C: É ótima

E: Boa?

C: É ótima, purquê tem o respeito entre nós né, quando era as presa num tinha

E: Hum..

C: E eu gosto de estuda com eles sabe, cum os professó.. se (fala incompreensível) eu chego aqui, eu bejo, abraço eles eu num quero sabe de nada, eles tem idade pá sê meus filhos (risadas)

E: (Risadas) E... o que te levou a procurar a escola na prisão? O.. que.. acho que, o que motivou você a.. a começa o estudo aqui na...

C: Purquê eu preciso terminar meu curso... eu preciso apren...já tá cum o médio do EJA fun.. feito... purquê assim que eu sai, memo eu indo pro semi aberto, eu sei que eu posso estuda na rua, sabe

E: Ahãn

C: Eu sei que eu posso conclui, purquê diz que no semi aberto tem uns hospitais lá que eles pega as pessoas né, pra ajudar e na faculdade, tem uma faculdade que, num precisa você paga pra muito né bom, disso pouco né, espero

E: Uhum

C: Mas memo assim, sê for pra paga eu vô (tosse ao fundo), eu vô

E: Di.. é... me fala sobre os momentos que você acha mais, mais prazeroso, mais gostoso na..

C: Aqui?

E: É, na sua rotina escolar, não na presídio todo, na escola e o que você acha menos prazeroso

C: Bom, eu gosto muito de física, adoro quando é aula de física, cê acredita?

E: Ah é?

C: Uhum, o que eu menos gosto é artes, nossa senhora, não gosto de artes não, primeiro que eu não sei desenhar né. Ahãn, aí a professora, hoje é dia de desenha, nossa senhora, eu já falo, oh menina, tem certeza? (Risadas) Mais memo assim eu ainda arrisco sabe, eu faço aqueles desenho doido né, ela fala, óia a..a..a..a Ana Paula que é a professora de artes e inglês e ela fala pá mim, não, não, vamo aprende, mais eu num, num gosto da... a senhora sabe (fala incompreensível) eu num gosto de artes e nem de matemática, quando Paulo... quando o Paulo chega, nossa eu falo, Leandro, fala que hoje é aula de física por favor, não, não, não, hoje é aula de matemática, oh meu Deus, vamo muda de dia (risadas)

E: (Risada) E é... você já contou que tá no médio né, mais que série que você tá? No médio?

C: Esse ano, agora.. eu vô, é... eu vô termina esse ano..

E: Vai terminar esse ano?

C: É junho, acho que é junho, junho agora né?

E: Aqui é semestral né?

C: É. Esse ano, vô senti falta da escola sabe

E: Vai?

C: Vô, puquê aqui podia tê vim também professó da faculdade ensina, num podia? Purquê que o povo num põe?

E: Acho que agora que é a secretária de educação, acho que é um , é um processo diferente né, de, de escolha né...

C: Aahh...

E: E também e também.. não sei responde

C: É.. eu acho que eles podia coloca sabe. Purquê é, é bom pra nós que tamo presa, puquê uma hora a gente vai sai da cadeia, num é, e como no mundo hoje em dia tem tanto preconceito que se você sai da cadeia, pra você arruma um emprego, ninguém vai quere te dá, e quando puxa aquele tal do DVC, num é DVC que chama aquilo? Ah, sei lá como é que chama aquele negócio, aquele que dá no poupa tempo, que se quisé arruma um emprego, pra arruma um emprego pra num consta nada, que se, você foi presa ou não

E: Não lembro o nome

C: É, eu também não, se você arruma um emprego bom, que seja na casa de família, em qualquer lugar, quando puxa aquele papel que cê tem que leva lá na casa do, da pessoa que uma empresa, que vê que você é ex- presidiário, eles num qué, eles num qué... porquê o preconceito já vem de lá, de lá de fora e a gente saindo daqui já sabendo se.. é.. sabendo.. se formando aqui na, na cadeia fica, fica até mais fácil, puquê a pessoa vai fala não, ela tava lá presa, mas ela feiz por onde né, ela estudo, ela tem curso, ela tem isso, ela tem aquilo, né, que é o mais fácil né

E: Ahã

(silêncio de alguns segundos)

E: Quando você estudava, você estudo na escola de enfermagem né, o que diferencia, por exemplo de quando você estudava lá e... isso que você estuda aqui

C: Na escola?..

E: É.. no tipo de ensino.. o que você vê de diferença de quando você estudava por exemplo, nessa escola de enfermagem e agora que você estuda aqui na, na prisão?

C: Não, não tem muita diferença, porquê as medida pra aplica injeção tem que sabe né, as conta é as mesma, que é bem difícil né, mas em quando, quando eu estava lá, eu num errava na dosagem, purquê a gente tinha que fazê a dosagem nus boneco, aplica injeção, medi, medi tudo certinho né, mas o que, o que eu acho mais diferen.. de.. de.. diferente era as conta.. as conta.. mas aqui eu to tentando melhora, mas agora eu já to mais ou meno em matemática sabe, nós fizemo uma prova, eu tirei sete e meio, né

E: Muito bom

C: Pra quem num gosta de matemática de jeito nenhum

E: (Risada) Essa daqui que você já respondeu, vamo pra próxima. Você acha que teve alguma diferença na educação aqui na prisão nesses últimos anos?

C: Teve, teve diferença pra melhor

E: A é?

C: É, pra melhor.. porquê como os professores, eles tem mais paciência pra ensina, é mais fácil da gente aprende, comu eles tem paciência pra fala, explica tudo certinho é mais fácil pra gente aprende sabe, porquê (pigarro) cum as presa num tinha isso que a maioria do povo num queria vim pá escola né

E: Ahã

C: Só via uma falando da presa, cê viu aquela professora presa que ela num sei o que, pá num fala os nome né, que ela num sei o que, eu num vô pá escola mais e a maioria num vinha, então a dife...

E: Por conta das professoras

C: Das professoras presas

E: Entendi

C: Entendeu

E: E agora (tosse ao fundo) cum os professor não, cê vê os incentivo das menina, elas vem pá escola, vem com alegria sabe, cê vê que a age.. que a.. as menina aprende, que as coisas com mais facilidade, né?

E: Ahã

C: Mudo bem, eu espero que eles num tire é, os professó da escola viu, porque muito bom estuda com eles e também a gente num se sente tão presa, sabe

E: Por ter esse contato...

C: É

E: Com os professores

C: Sim, porque eles num fala de cadeia cum nós, eles fala que as coisa que eles tão ensinando, eles fala das coisa boa, num é assim que nem tê, que só fala de processo, meu processo, meu, fui condenada num sei o que, num sei o que, sabe, num é, é uma outra conversa sabe, é você Sab.. você conversa com eles sabe, fala cum eles da sua vida e eles senta, eles cunversam, eles escuta, eles brinca né

E: Essa aqui também já foi.. Essa daqui eu acho que você vai gosta.. O que você acha que poderia ser alterado na educação que é oferecida aqui na prisão, o que, o que você sugeria de mudança por exemplo

C: É, por enquanto eu acho que num precisa muda nada não, pudia muda uma coisa né

E: O que?

C: Aumenta os salário dos professó que é uma vergonha né, que eles vem aqui cum tanto carinho né, isso puderia muda, mais isso o governo num vê né, isso o govero num vê, porquê pra eles vim ensina aqui na, na cadeia, que é um lugar onde a maioria do povo não qué vim né, purquê já tem o preconceito de.. de nós presa, eu acho que devia sim aumenta o salário deles, aumenta o, os salários de salubridade né, purquê eles faiz isso cum a gente, vem aqui na, na escola na cadeia purquê eles tem amor por nós, sabe e purquê eles gosta do que eles faiz, purquê se eles num gostasse, num dava aula nem aqui dentro e nem lá na rua né, purquê na rua os aluno só falta mata os professó, no, na sala de aula né, nu.. to..to cansada de vê na televisão os aluno agredino os professó e o salário é uma vergonha, num é?

E: É

C: É verdade, cê é professor?

E: Eu sou de música

C: A tá

E: Eu não sou da minha área de psicologia ainda não

C: Hum

E: Espero um dia talvez pode dar aulas, mas por enquanto ainda não

C: É, purquê pra entra aqui na cadeia pá dá aula eles tem que na, na profissão que eles, eles tem viu, tem e graças a Deus pelo menos as presa respeita todo mundo sabe

E: Sim

C: Aqui na cadeia

E: Você sente isso?

C: Hum, respeita, sabe, num tem esse negocio de tá brigando cum professó, discutindo com professó, não

E: Legal isso. Vamo vê, tá quase no final aqui (silêncio) E....(tosse ao fundo) você acha que a sua relação tanto com as presas, com os familiares, os funcionários daqui,daqui da prisão, também mudo, ou você acha que vai muda por você tá estudando?

C: Não

E: Não?

C: Não, porque eu to presa nesses catorze ano, eu tenho amizade com todas as funcionária, tendeu, eu tenho amizade com todas as presa, se elas fala mal de mim é pelas costa né, e eu gosto muito da, da de todos os funcionário daqui, eu gosto das presa, qué dizê, tem umas que sê... cê sabe cumo que é né, tem umas que você engole por, pu... né.. mais a... a minha convivência aqui é boa né, memo purquê é eu me dou ao respeito e respeito todo mundo né, na escola eu respeito todos os professores, purquê eu num vejo eles, sabe como é que eu vejo os professores, como eles são tudo novo eu vejo eles como meus filho, cê acredita?

E: A é?

C:É, purquê são tudo, são tudo novo, igual você né, quantos anos cê tem menino?

E: To com vinte e seis

C: Pois é, sabe quando a, a minha filha caçula feiz vinte e nove, cê ainda é mais novo du que ela eu ten.. eu vejo você é os professor e você como um filho, né, então se... eu tenho que me dá o respeito, eu tenho que da o respeito pra vocês também me, do memo jeito que vocês dão pra mim, num é, então eu acho que... pra mim tá bom

E: Bacana. E pra gente finalizar, você tem alguma coisa que você gostaria de falar da educação, sobre a escola na prisão?

C: Não. Pelo meno eu gosto né

E: Ahãn

C: Eu gosto, eu gosto de vim estuda, eu gosto de tá aprendendo é mais né, do que quando no meu tempo, é que ninguém nos ouça, muitos anos atrás, no meu tempo num tinha essas conta que tem agora sabe, era só mais e meno, dividi e cabo as conta, hoje não, as conta é diferente né, bem diferente, é bem mais difícil de aprende e eu gosto de aprende, principalmente física né, adoro física

E: Muito legal, poucas pessoas tem esse interesse por física

C: Eu gosto de física, mas eu, eu to, me sinto bem aqui, eu vô, eu vô fica cum pena purquê esse ano eu termino né e a gente num pode vim pá escola mais, por isso

que eu acho que tinha que tê assim uns porefessores de faculdade sabe pá gen.. pá gente pode continua na cadeia né coisa..

E: Você fala dando algum curso, alguma coisa assim

C: É, dano.. dano aula, puquê como eu vô, como eu vô faz... temina meu curso de enfermagem, eu tenho que estuda esse tempo né, porque eu já até falei pra diretora assim, que ela podia também por cuso de enfermagem né, aqui na cadeia, eu era a primeira da lista viu, mas ai, aqui é difícil né, aqui é difícil, então eu tenho que sai daqui e fazê na rua memo né e outra coisa, nunca é tarde pra aprende né

E: Não

C: E nunca é tarde pra você ajuda o semelhante num é

E: É

C: Eu penso dessa forma né, o povo eu num sei, eu penso assim

E: Aqui a gente acabo. Vô desliga o gravador

Entrevista 6 – Paula

E: Éee, você poderia falar seu nome, idade e o, o por que você foi presa?

P: Meu nome é Paula, tenho vinte e nove anos, e estou presa no furto qualificado

E: E, e quais são as outras atividades que você faz aqui na, na prisão no seu dia a dia?

P: Eu trabalho, trabalho na firma de, que faiz... aparelho médico, que... pra salva vidas e, e estudo a noite

E: Você tá em,em que, que série?

P: To na segunda série

E: Segunda série?

P: É

E: E antes de você... é se presa, você estudo, na rua também ou não?

P: Estudei quando era criança, mas fui passada pra segunda série puquê a diretora me passo, puquê eu já era muito grande pá fica na sala de aula que era as meno... as crianças menores

E: Ahã, a segunda série do fundamental?

P: Do fu..fundamental, isso (tosse)

E: Aí depois você, você parou os estudos?

P: Parei, nunca mais estudei

E: Aí voltou agora na

P: Aí agora eu voltei, tive a oportunidade de voltar e voltei

E: Bacana. É... você pode relata alguma experiência que você considera assim, que foi marcante quando você estudava fora da prisão, na escola, quando você fez essa primeira e segunda série, alguma coisa que marcou, que foi forte pra você

P: O que marco, que minha mãe se esforçava pra mim estuda e aí eu acabei num indo mais, puquê ela veio a falece, aí eu deixei os estudos

E: Nesse período?

P: Nesse período

E: E o que te motivava ou é você a frequenta a escola?

P: A minha mãe

E: A sua mãe?

P: Isso

E: E como que eram as suas relações com os alunos, os professores?

P: Bem, era bem, muito bem

E: Tanto com alunos, quan..

P: quan.. tanto com os alunos, quanto com a professora

E: E o que levou você a vim procurar a escola aqui na, aqui na prisão?

P: Que eu preciso aprende mais, puquê eu tenho quatro filhos e pra eu, mim ensina eu tenho que apre.. apre.. sabe o que eu to falando, o que eu to explicano, por isso que eu quero se alguém na vida

E: Então você procuro pra aprender mais, pra pode educar os filhos

P: Sim

E: E... só dize pra mim, os momentos que você mais gosta aqui na escola, o que...

P: O que eu mais gosto é a matemática (risos)

E: Matemática (risos). E os que você menos gosta?

P: Portuguesis

E: Português (risos). Por que?

P: Ah, puquê aí começa a exigei mais a minha leitura né, e como eu num sei muito, aí fico meio assim, mais eu vo.. to aprendendo, to aprendendo bastante

E: É... e você estuda fora, fora da sala de aula?

P: Estudo, final de semana a professora passa lição, eu peço pra ela, ela passa pra mim, traz atividade, aí eu faço na cela

E: É... você acha que a educação que é oferecida aqui, aqui na prisão ela é diferente da que era, que você estudo fora da prisão, na rua? O que você acha que tem de diferente uma da outra?

P: Eu acho que num tem nenhuma diferença, a diferença só é que eu to presa, mais é professora normal, professora da rua, que agora nessa oportunidade de te uma professora né, que antes era, era as companheira que dava aula pra nós e agora tá tudo mudado com a presença da professora

E: E como que era esse relacionamento quando era as, as outras companheiras presas?

P: Elas num tinha muita paciência, a professora já tem paciência, explica direito, agora elas já num tinha paciência, puquê acho que o dia a dia né, a convivência, aí elas já num tinha mais tanta paciência de explica que nem a professora tem

E: Entendi, você acha que o aprendizado aqui na, aqui na escola vai contribui pra você, é resocializar, reinserção...

P: Com certeza, vai sim

E: E, e por que você acha?

P: Purquê aqui eu já to aprendendo, já sei lê um pouco, já sei fazê conta, já to aprendendo, bastante

E: Você percebeu alguma mudança no, no ensino, na escola aqui na prisão nesses últimos anos?

P: Percebi, pur causa que agora é professora da rua né e mudou totalmente depois que elas começaram a dá aula, pra melhor

E: Pra melhor?

P: Pra melhor

E: E... e como são as suas relações na escola hoje com as alunas...

P: Minha relação...

E: Com os professores..

P: Minha relação é bem, é bem, gosto muito da minha professora, vo leva ela no meu coração pra sempre

E: E... você acha que alguma coisa poderia se mudada, se alterada na educação que é oferecida aqui na prisão?

P: Não, pra mim tá bom, to aprendendo bastante

E: Vamo vê, você (tosse) considera que, você acha que essa, a relação com as outras presas, com os funcionários aqui, aqui da prisão, com os familiares mudou é... por você tá estudando?

P: Muda, muda bastante, puquê aí eles já vê nós com outros olhos né, puquê a gente tá pelo menos, a gente ta procurando estuda, sabe mais as coisa, tá se esforçando, num fica só de pavilhão, tá procurando uma ocupação, muda bastante

E: Muda assim pra melh...

P: Pra melhor, é, que aí num fica mais a toa né, aí ta procurano a melhora, aí muda bastante

E: E você acha que vo.. você mudou quan...

P: Eu mudei

E: Quando começou a escola

P: Mudei bastante, pra melhor

E: O que, que você acha que mudou tanto em você?

P: E tenho vontade de lê, agora passa a, a propaganda na televisão eu leio, passa eu, eu vejo alguma coisa eu quero lê, me esforço pra lê, coisa que eu não fazia

E: Entendi, e tem alguma coisa que você gostaria de... de fala, sobre a educação aqui, na escola, na prisão, alguma consideração, alguma...

P: Considero muito a minha professora, adoro ela e é isso aí que eu falei, vo leva ela no meu coração pra sempre, nunca mais vo esquecê dela, sou muito grata a ela, pur causa que agora eu, eu leio, to...

E: E você conseguiu aprender ler aqui?

P: A lê com ela, com a...com a paciência dela, cá sabedoria dela, to indo, to caminhando

E: Então, tá bom, a gente finalizou já

P: Que bom, se precisa...

E: Vou parar a gravação aqui

Entrevista 7 – Manuela

E: - É, eu gostaria de saber o seu nome? Como eu já sei. A idade? E se você pode falar porque está presa aqui?

M - É meu nome é Manuela É eu tenho 53 anos e eu to presa no tráfico internacional.

E: – Internacional?

M – Aham.

E: – Faz tempo que você está presa?

M – Dois ano é... dois ano? É três ano e três meses.

E: – Além da escola aqui, quais são as suas atividades do dia a dia aqui?

M – Atividade assim, trabalhei um pouco, agora eu to querendo me dedicar mais a escola, estudo, porque além desse estudo aqui na escola, eu faço um estudo por correspondência.

E: – Como é esse estudo por correspondência?

M - Teologia.

E: – Teologia? Que legal!

M - A minha filha que pediu que eu fizesse, e eu gostei muito.

E: – E você começou a pouco tempo a fazer?

M – Não, tem um ano já

E: – um ano. E, queria que você falasse um pouco da sua trajetória na escola antes de você ingressar no sistema penitenciário? Como que era a escola, você chegou a estudar antes? Ou não? Antes de entrar aqui.

M – Sim, eu cheguei a estudar em colégio de, colégio é pelo estado né, mas assim alguns anos atrás né, porque eu to com 53 anos, então eu nem me lembro mais quanto anos atrás eu estudei. Estudei até o primeiro, na época até o primeiro ano do segundo grau né, que na época não tinha ensino fundamental nem médio era primeiro, primeiro ano do segundo grau, segundo ano, terceiro ano. Aí eu fiz primeiro

ano, aí aqui eu comecei o segundo, lá na Unidade 1, porque depois de lá me transferiram pra cá, porque eu não sei.

E: – Quanto tempo...

M – O que? Minha transferência? Tem um ano, tem um ano.

E: - A tem um ano.

M - Aí fui transferida, aí quando eu cheguei no sistema prisional a primeira coisa que eu procurei foi uma escola. Antes de procura estudo, porque eu queria volta a estuda, eu queria pelo menos a oportunidade, porque na rua eu tava sem tempo né. Aí voltei a estuda, aí era o sistema da FUNAP né, as presas né, que foram preparadas pela FUNAP. E, então ai você quer saber a diferença? Qual é a próxima pergunta? (risos).

E: – A gente vai conversando e vai soltando, não tem problema. É, como, você consegue falar alguma experiência que foi marcante nesse período de escola para você, que você considera marcante?

M – Experiência?

E: – Na escola.

M – Toda experiência é marcante né, principalmente na área da cultura né, de aprendizado da cultura. O mais marcante foi agora nessa escola aqui, que eu encontrei professores muito bem preparados, eu não esperava tanto.

E: – Aqui?

M – Aqui! Nessa escola aqui. Tem professores muito bons. Tem um já que eu conheço de lá e eu gostava muito dele, gosto dele e ele tá aqui agora, ele começou a dar aula pa nossa turma agora. Que dizer, reencontrei o professor antigo que eu gostava muito, é um desses né, que é muito bom! Muito bem preparado!

E: – E fora da prisão, teve alguma experiência na escola que se lembre? Que seja marcante?

M - Não porque eu estudava em colégio de interior né, sou de Espírito Santo, e pouca preparação pra, pelo menos na minha época né. Nada assim de marcante, não teve.

E: – Não teve. E o que te motivava a frequentar as aulas fora, lá fora? Quando você ia tinha alguma coisa que motivava você? Quando você ia.

M – Não, pelo fato de ter que ir estuda né, de aprende alguma coisa, então estuda. E na minha época era difícil faculdade, faculdade na época era só, era só a federal né, hoje qualquer esquina tem uma faculdade. Então não tinha muita motivação também por esse lado, porque sabia que era difícil ingressar em uma faculdade, só federal e era muito difícil pa quem estudava em interior.

E: – Entendi.

M - Os professores não era bem preparado.

E: - Na época não eram?

M – Não.

E: - E, Como que era sua relação, na época, com os alunos, professores?

M – Muito boa, muito boa. Eu lembro que eu, eu tenho uma irmã gêmea.

E: – Você tem uma irmã gêmea?

M – Nós era assim as exemplares da classe, melhor nota, melhor comportamento, na época. Que eu me lembro né, assim coisa que é mais marcante é isso.

E: – Você falou um pouco já, o que levou você a procurar a escola aqui mesmo? Depois que você entrou no sistema penitenciário.

M – Quando eu já entrei, eu já entrei com a ideia que a primeira coisa que ia fazer era procurar uma escola, porque eu falei, já que eu to presa né, eu vou procurar fazer alguma coisa que eu já tinha vontade de voltar. Voltar a estudar, mas não tinha a oportunidade porque trabalhava muito. Tenho filha, casa, trabalho.

E: – Você tem uma filha?

M – Tenho uma filha.

E: Já é moça também?

M – Já, 33 anos, bem grandinha já. (Risos)

E: – É, queria que você falasse um pouquinho sobre o que você considera prazeroso aqui e menos prazeroso nessa rotina? O que você gosta mais dessa rotina escolar? Você pode falar um pouco?

M – Aqui, eu gosto mais é a interação com os professores. É, a gente conversa muito, não só das matérias, da vida. É essa interação, a relação que a gente tem entre os professo, eles não tem essa relação da gente como presa! Como uma pessoa normal.

E: – E, alguma coisa que você não goste? Que não ache tão prazeroso?

M – Não, não tem.

E: – Que série que você esta hoje?

M – Tô fazendo o terceiro ano.

E: – Terceiro ano?

M – O fundamental né? O médio! Eu faço confusão porque lá na minha época não era.

E: – É porque mudou né.

M - É, ensino médio.

E: – E, você estuda fora daqui da aula?

M – Não, fora daqui eu to fazendo esse curso por correspondência. É porque aqui não tem meios né de... tem que fazê e respondê e manda pa faculdade. Faculdade Internacional do Rio de Janeiro.

E: - É todo dia eu você faz? Como que é?

M – Não, eu vou responder todas as...é um livro, que eu tenho, são 840 perguntas, quando eu... não terminei ainda, to terminando. Quando eu terminar todas as esses questionários né, então eu vou mandar p lá. Pa vê... tem até um grau de porcentagem né, de acertos, pra vê se eu vou conseguir passar.

E: – Aí você passando, eles mandam tipo uma...

M – Manda uma carteirinha de conclusão do ensino.

E: – Que legal!

M – Aí depois tem a doutorado né.

E: - Ah tem tudo. Nossa bem legal então!

M – Tem.

E: – E tem vários cursos?

M – Não, não. É só mesmo! Nessa área.

E: – E, queria saber um pouco se a educação dentro da prisão e fora da prisão se diferencia muito? E se eles se diferenciam, o que você acha que tem diferença? Aqui dentro e lá fora, o que você conhece.

M - Em relação a escola?

E: - Isso a escola, o ensino.

M - A escola?

E: - A escola. Pode ser, a época que você ia para a escola, e hoje que você vem aqui, se tem alguma diferença? E se você vê a diferença, qual é?

M - Não, tem muita diferença, tá muito atualizado o ensino. São professores muito bem preparados. E, eu não sei a diferença, porque eu não estava estudando, mas eu só sei que eu vi uma preparação muito grande com os professores. São professores de alto nível. Não sei nem porque que eles tão aqui, acho que é por dedicação né, a profissão. Que poderia estar em uma escola particular né. Ganhar mais né. Porque a profissão não é bem remunerada, não é valorizada né. Professor não... não é valorizado né, deveria ser mais valorizada. Pela dedicação, pela gente né, entrar aqui nesse sistema, deveria ser.

E: – E, no que você acha que estudar aqui, aprender aqui na escola vai contribuir para você se reinserir socialmente? Você acha que tem...

M - Sim!

E: - O que? O por quê?

M – Contribui, porque a gente fica mais...mais preparada né, pra vida, pra tudo né! Se quise ingressa numa faculdade, então eu vou estar mais preparada.

E: - Você percebeu alguma diferença na educação na prisão nos últimos anos? Nesse todo processo que você estudou, o que mudou?

M - Cada vez foi mudando pra melhor.

E: – Tá.

M - Eu to, eu to sentindo que esse ano então, tá bem melhor.

E: – E tem alguma coisa que você possa falar, que mudou assim para melhor? O que, que mudou pra melhor?

M – As matérias. As matérias, os professores, cada vez estão inserindo uns professores melhores, mais preparados.

E: – E as matérias aumentaram? Ou não? São as mesmas matérias ainda?

M - Aumentaram. Quando o professor dedica mais, então se tem mais matéria, se aprende mais.

E: Huhum.

M – Então, cada vez assim tá melhorando mais.

E: - Agora eu vou fazer as perguntas das monitoras tá? Como era a educação na prisão na época das monitoras presas? Como que era?

M – Olha, não era tão mal assim. Era...deu pra aprender alguma coisa, só faltava assim...no quesito, acho que talvez um pouco... mais de... é...como que eu falo? Vou fala é... As matérias né! Por exemplo: Era o básico do básico, geografia, história, português, é inglês. Então faltava: literatura, tava faltando é mais matéria, mais professores.

E: - Entendi.

M – Mas era bem preparados!

E: – Eram bem preparados?

M – Era, eles foram bem preparados. A matemática, era uma boa professora de matemática. Eles foram bem preparados.

E: - Vocês conseguiam aprender?

M – Uhum, eu pouco. Eu estudei pouco tempo, três meses. Aí no ano seguinte já comecei é...outubro, novembro e dezembro. Aí no ano seguinte já começou a escola Antonio Lisboa, mas assim a medida cada vez que vai prolongando mais vai, vai melhorando os professores, vai melhorando as matérias.

E: - É... em relação hoje na escola, como que é sua relação com as alunas? Você já falou bastante sobre isso, mas só pra gente retomar um pouco, como que é sua relação hoje com as alunas e com os professores, aqui?

M – A relação é muito boa! muito boa com os professores, muito boa eu não tenho nada que reclamar.

E: - E com as alunas?

M – Com as alunas também! Com as companheiras né, é boa. E depende muito da gente também né.

E: - E a sala vai continuando? Passando ano por ano.

M – Não, a sala que eu to é sempre a mesma, porque, porque eu to no ensino médio, que eu comecei ano passado. Eu to sempre na mesma né, e vai termina em julho.

E: - E vai passando todo mundo junto? Todas...para próxima fase?

M – É,

E: - Você acredita que alguma coisa poderia ser alterado na educação que é oferecida hoje? Se sim, o que?

M – Alterado? Deixa eu ver...pensar...você que dizer alguma matéria? Alguma outra matéria?

E: - Pode ser matéria, alguma material sei lá. Alguma coisa que você acha que poderia ser alterado, hoje na educação que vocês tem aqui.

M – Poderia ter um sistema melhor né, de como que fala? É... a questão mais material escolar, livros é... poderia ter informática e não tem, ainda não tem. Mas eu acredito que ainda vai chegar, acredito que vai chegar.

E: – E essas mudanças você acha que facilitaria a visão e a frequência mais na aula?

M – Acho que sim.

E: – Como que você considera a sua relação com os funcionários e com os familiares? E você acha que mudou depois que você começou a estudar ou não? Com as próprias colegas...

M – Muda, muda.

E: – Mudou?

M – Muda.

E: - No que mudou assim mais ou menos? Com o pessoal que eu falei, funcionário, professor, família.

M - Muda porque você fica mais é mais interada né, com a... muda o comportamento da gente porque se fica mais mais interada com a questão de educação, de tudo né. Até da própria fala né. Eu morei muito tempo fora, então eu tinha esquecido o português. Isso que eu...

E: – Você morou onde?

M – Na Itália.

E: – Na Itália.

M - Quinze anos que eu morava lá, então eu já tinha, eu já não falava mais o português, só italiano e italiano.

E: – Você sabe falar bem o italiano?

M – Uhum, eu já esquecido principalmente do português. Aí eu precisava voltar! Na escrita, minha melhora também na escrita e na fala.

E: – Você escrevia tudo em italiano?

M – Tudo italiano (risos)

E: – Legal! (risos)

M – Eu precisava de melhorar meu português, porque pena né se ser brasileira e não falar português. Eu tenho essa dificuldade!

E: – Você tem ainda essa...

M – Ainda tenho! Um pouco de dificuldade. Aqui poderia ter, não sei mais aulas é... inseri mais recursos né, no aprendizado.

E: – Recurso você fala é de equipamento?

M – É de equipamento.

E: – Tá...

M – Ainda falta um pouquinho. Eu não sei como que é a escola lá fora, que eu não tenho conhecimento.

E: – Uhum

M - Mas falta um pouquinho de recurso.

E: – E, se acha que existe alguma mudança em você devido a sua ida pra escola? Quais são assim?

M – É como eu te falei, mudou e muda, sempre muda alguma coisa. Muda a educação, muda o modo de se comportar.

E: – Uhum.

M - De falar mais com as pessoas. Eu tive problemas no meu julgamento, porque não conseguia me expressar, quer dizer, né!

E: – Por que no seu julgamento você estava falando ainda italiano?

M – É, tinha esquecido como eu tinha dificuldade em me expressar. (risos)

E: – Aí foi difícil?

M – Foi difícil, eu tinha dificuldade. Hoje não, hoje já seria mais fácil.

E: – Por que você já está conseguindo mais dominar o português?

M - É, hoje seria mais fácil.

E: – E tem alguma coisa que você gostaria de falar mais sobre a educação aqui na prisão? Alguma coisa que você queria falar mais?

M – Não, eu to achando assim a qualidade muito boa da... agora! E a qualidade tá muito boa, e eu só tenho a agradecer.

E: – Uhum.

M – Agradece por essa oportunidade, tá? Não tem mais.

E: – É isso!

M - Se quiser fazer mais alguma pergunta, pode fazer! Que pra eu falar assim

E: – Não, aqui as nossas perguntas são só essas mesmo.

UNIDADE 5

Entrevista 8 - Andressa

E: Bem, primeiro eu gostaria que você me falasse o seu nome, a sua idade e o motivo que está presa. Não precisa entrar em detalhes.

A: Meu nome é Andressa, tenho quarenta e dois anos e tô presa por um assalto.

E: Entendi. É a primeira vez que cê tá...?

A: Não, não é a primeira vez.

E: Entendi. E que atividades você realiza aqui?

A: Bom, nessa unidade não está tendo. Não tá tendo nada pra fazer. Pelo menos no raio onde eu se encontro, não, que é raio oito. Agora vai começar o curso PET segunda-feira, que eu dei meu nome, vou começar a fazer.

E: Entendi, então você passa hoje o dia toda, todo na cela?

A: É, eu faço faxina, [inteligível 00:45].

E: Entendi. Nenhuma outra atividade. É, eu queria que você contasse um pouquinho como é que foi a sua ida a escola antes de entrar na prisão.

A: Foi normal.

E: É, você estudou...

A: Até quinta série.

E: Até a quinta série. Reprovou algum ano ou não?

A: Não, nenhum.

E: E tem alguma experiência que você viveu nessa época que te lembra... "Nossa, falar de escola eu lembro disso!", alguma coisa que te marcou nesse período?

A: Não.

E: Nada?

A: Redação que eu não gosto?

E: Do que? Redação?

A: (risos)

E: Marcou negativamente então?

A: Eu não gosto (risos).

E: Entendi. É... E o que que te motivava a ir pra aula? Porque que você ia pra escola?

A: Ah, eu gostava de estudar.

E: Você gostava?

A: Menos a matéria de português.

E: Menos português.

A: É, eu não gostava.

E: O que que você gostava?

A: Matemática.

E: Matemática.

A: Foi a única matéria que eu gostei de fazer.

E: Cé ia bem?

A: Ia bem.

E: E por quê que cé saiu da escola?

A: Parei porque comecei a matar aula. Ai o movimento daí com drogas e aí eu parei.

E: Entendi.

A: Parei na quinta-série.

E: É, acabou que...

A: Comecei a usar droga com onze anos.

E: Acabou desinteressando.

A: É.

E: Entendi. É... E como eram suas relações com outros alunos, com os professores...

A: Tranquilo. Tranquilo.

E: E aí você estudou na penitenciária? Você já estudou em outra prisão?

A: Então... Em dois mil e doze ou dois mil e treze. Eu estudei ali no CR Itapetininga.

E: Uhum.

A: Eu ia..., tava fazendo supletivo da quinta a oitava. Só que daí eu saí um pouco antes de terminar. Daí eu liguei lá, disse que não tinha achado os papéis, então ficou por isso mesmo. E eu fiz um curso de mudas e viveiro lá também...

E: Aham.

A: ...que eu tenho certificado.

E: Entendi. E aí, quando você estudou de quinta a oitava, você estudou com monitora?

A: É, com... Do... Mas dá...

E: Com monitora presa, né?

A: É, do CR mesmo.

E: E como é que era a escola com elas? Como é que funcionava?

Andressa: Não, *perai*, você diz com presa? Não. Com funcionário dali da cadeia mesmo. Ele trabalhava pra Fundap.

E: Não era monitora presa então?

A: Não, não era presa.

E: Era o que? Asp que dava aula ou não?

A: Acho que ele era estilo Asp ele era.

E: Entendi. Então então era funcionário...

A: Era funcionário.

E: ... que dava aula. E como é que era?

A: Ah, eu acho que ele se pegava muito em coisas de... Tipo... Eles *tavam* relembrando muito primeira, segunda, terceira série pras outras pessoas que estudavam junto.

E: Uhum.

A: Então, pra mim, não teve muito valor assim esse estudo deles aí.

E: Você reviu muita coisa que você...

A: É...

E: ...tinha visto.

A: Coisa de aprender a escrever, então pra mim não teve muita serventia.

E: Entendi. E...

A: Aí foi marcada a prova do Enem, né, pra gente que queria fazer e aí não deu tempo, eu saí, [inteligível 3:30] acabei não fazendo.

E: E cê não quis fazer depois aqui agora? Esse ano?

A: Acho que tem que ter uma preparaçõzinha, né? Umas recordações, se não, não adianta.

E: Entendi. Então cê estudou...

A: No caso eu teria que terminar a oitava pra fazer o Enem, né? Tem que ter o diploma da oitava.

E: Entendi. E aí perderam os papéis e...

A: É, não tem como. Não terminei.

E: ...e você teria que voltar.

A: É.

E: É... E o que que levou você a procurar a escola na penitenciária? Por que você foi?

A: Remição.

E: Proposta de remição.

A: Sempre remição e aprendizado, né? Sempre é bom cê tá aprendendo, né? Mas mais mesmo foi remição.

E: Não tinha trabalho lá no CR?

A: Remição de pena era o trabalho.

E: Ah, você trabalhava e estudava?

A: Trabalhava também. Era [inteligível 4:10] trabalhava, estudava...

E: Então aí você tinha remição pelos dois..

A: Tinha curso. Então tudo que é evento assim eu gosto de participar. Se tem trabalho, curso, escola, tudo eu tento, eu procuro fazer. Pra remir pena, né?

E: A principal motivação é essa?

A: É *remi*.

E: E o que que te manteve depois na escola? Que cê ficou um tempo.

A: Ah, sei lá. Acho que a remição mesmo, né, que achei que ia ter e no fim acabei nem tendo acho que remição daquela escola. Nem fui procurar saber também.

E: Entendi.

A: Eu não terminei, né? Fui embora.

E: E nesse período que você estudou lá teve alguma coisa que marcou muito? Que foi legal, que foi prazeroso?

A: O curso, o curso. O professor Jean, muito bom. Aí a gente teve prática também, né? Mexer com as mudas na rua. Foi legal, foi bom.

E: Entendi. É... E cê acha que a escola que tem dentro da prisão é diferente da de fora?

A: Ah, é diferente, né?

E: De que forma?

A: Ah, sei lá. Porque na... Tipo assim, na rua cê faz devido ao grau de escolaridade, né? [inteligível 5:15]. Alí não, geralmente eles vem lembrando porque tem muita gente que parou na terceira, na quarta então tá tudo junto ali, entendeu? Então lembra muito o anterior. Tipo, segunda, terceira-série, quarta-série...

E: E aí cê acha que...

A: Aí quem tá na sexta, na sétima, oitava já...

E: Mas cê acha que isso é...

A: É...

E: Acaba sendo ruim?

A: Acho que sei lá, né? Não é muito legal, né?

E: E tem alguma coisa mais legal do que a escola de fora?

A: Não... Acho... Eu acho que o aprendizado é menos, acredito que seja assim...

E: Aqui dentro? Menos?

A: Quando é preso – aqui não tem, acho que se deve ter é no raio..., noutros raios, no oito não tá tendo, parece que vai começar a ter agora. O PET sei que começa na segunda-feira, já tem outro curso. Eu vou começar segunda.

E: É? Curso do que que vai ter, sabe?

A: PET. Falaram curso PET.

E: Entendi.

A: Eu vou me informar pra ver o que é direito.

E: Entendi. E você acha que o aprendizado da escola contribui ou pod..., vai contribuir pra quando você sair?

A: Eu acho que é sempre bom, né?

E: No que que cê acha que pode ajudar?

A: Bom, se conseguir concluir tudo, né? Tipo, eu parei na quinta, se eu conseguisse concluir até a oitava já é um diploma, né?

E: Aham.

A: Que já poderia arrumar um serviço... Né? É melhor, sei lá. Acho que é isso.

E: Entendi. E... E dentro da prisão como é que eram suas relações com esses professores e com as outras alunas?

A: Super tranquilo.

E: Não tinha nenhum...

A: Normal, nenhum problema.

E: E você acha que alguma coisa poderia ser alterada, poderia ser mudada na escola que tem hoje ou a que você frequentou na prisão?

A: Acredito que mais escola, né?

E: Mais escola?

A: É. Ter escola, ter professores, né? Que tem muita gente que quer estudar, né? Que tem vontade de estudar.

E: Mas cê acha que teria aderência? As pessoas iriam pra escola?

A: Acredito que sim. Acho que tudo quanto é tipo de escola, curso... Tem muita presa que...

E: Aham...

A: ...quer fazer, né?

E: Entendi. E se tivesse mais escola, então, cê acha que as pessoas iriam mais, você voltaria...?

A: Eu voltaria, com certeza. Tranquilamente, pô. Se tivesse supletivo aí, eu voltaria. [inteligível 7:49].

E: É, porque aqui tem mais pouco, né?

A: Não sei qual raio que é que tem aqui. No oito num..

E: Faz quanto tempo que cê tá nessa unidade?

A: Vai fazer dois meses só.

E: Cê vai passar por sentença ainda? Ou não?

A: Vou. [Inteligível 08:03]. Eu ainda vou pra audiência ainda. Não tá nem marcada ainda a audiência.

E: Cê ficou quanto tempo fora? Antes de voltar?

A: Dois mil e treze... Não, ano passado eu fui presa novamente, fiquei dois meses. Um ano!

E: Entendi.

A: Um ano.

E: E quando você estudava tinha material, como é que era a...

A: Tinha...

E: ...tinha espaço físico, era bem equipado.

A: Tinha material, era sala de aula normal, com lousa, tudo certinho.

E: Tinha alguma coisa que cê acha que faltava? Que poderia melhorar?

A: Então, eu acho que só isso daí mesmo. Um aprendizado que tivesse uma de segunda-série, uma terceira, uma quarta. Tipo assim, entendeu?

E: Com salas separada, né?

A: É. Ou não separado, uma área, né? Que fosse área da primeira a terceira, uma área da quarta a sexta... Tipo assim, entendeu?

E: Uhum. E aí cê acha que isso ajudaria?

A: Pô, com certeza!

E: E você acha que o tempo que você foi pra escola ajudou você nas relações? A melhorar, de alguma forma, as relações com as outras pessoas?

A: Ajuda porque...

E: Funcionários, família...?

A: Ajuda porque os professores sempre conversa bastante, né? E não só estuda, rola umas conversas *da hora*, legal. Ajuda, sim.

E: Ajuda? E tem mais alguma coisa que você acha importante dizer da escola, da educação na prisão?

A: Não, só acho que deveria ter mais. Igual eu falei, né? Ter mais classes, mais horários pras... Mais diferenciado as séries, né?

E: Entendi.

A: Eu acho, né? Na minha opinião, assim.

E: Tá certo. Então tá bom. Acho que foi rapidinho, mas acho que deu pra

A: É?

E: Obrigada.

Entrevista 9 - Camila

E: Bem, primeiro eu gostaria que você falasse seu nome, a idade e por quê que você tá presa. Não precisa entrar em detalhes, só o motivo.

C: Camila, eu tenho trinta e dois anos e estou presa pelo artigo 157 e 33.

E: 157 e?

C: 33.

E: 33 é.. Tráfico?

C: Tráfico.

E: 157 é... Roubo a mão armada?

C: Isso.

E: É, e que... Quais são as atividade que você realiza no seu dia-a-dia aqui?

C: Aqui nenhuma.

E: Nenhuma? Você faz uso do que? Como é o dia seu?

C: Aqui eu faço crochê. Faço crochê todos os dias, leio a bíblia porque raramente eu pego um livro na mão, porque é um pouco difícil. Porque aqui é simplesmente um CDP, não é uma penitenciária.

E: Uhum.

C: Isso dificulta um pouquinho nossa vida. Então a gente vive num estado vegetativo.

E: Uhum.

C: Sempre.

E: Você já é sentenciada?

C: Não.

E: Não.

C: Vou pra audiência dia doze de Dezembro.

E: Entendi. É a primeira vez que você passa pelo sistema?

C: Não. Já é a terceira vez.

E: Pelos mesmos motivos?

C: Pelos mesmos motivos. Que eu sou dependente química também.

E: Uhum.

C: Esse é o motivo que nos leva a ter certos..., certas atitudes. Que a gente faz pra...

E: Pra manter o vício.

C: Pra manter o vício!

E: E aqui dentro você tem algum tratamento?

C: Não.

E: Pra... Pra dependência?

C: Não. Eu gostaria muito de ter. Que eu gostaria de sair desse vício e me inteirar novamente a sociedade.

E: Uhum. E então hoje você acorda e aí abre a cela, fica fazendo crochê...

C: Fico fazendo crochê...

E: Conversando...

C: Sim... Faz estudo bíblico que é o que mais se faz todos os dias, se prega a palavra.

E: Que é entre vocês mesmo.

C: Entre nós mesmo. E depois das tranca, entro pra dentro e vou assistir televisão.

E: Entendi. E que religião você é?

C: Eu sou da Deus é Amor.

E: Entendi. Tem bastante gente aqui?

C: Tem. Tem muitas.

E: Isso é bom que dá uma acolhida, né?

C: Isso.

E: É... E como é que era a sua trajetória escolar antes de entrar na prisão?

C: Muito boa. Gostava muito de ir pra escola, os educadores sempre nos respeitou. Sempre!

E: E você entrou com idade certa na escola?

C: Com a idade certa.

E: [inteligível 02:16] anos. E ficou..., estudou até que série?

C: Até a oitava série. E que depois eu saí que entortei, né, os pensamentos...

E: Entendi.

C: Aí já não continuei mais.

E: E tem alguma experiência que foi marcante assim, quando você *tava* na escola até a oitava série, alguma coisa que você falou “Putz, isso eu não esqueço nunca!”. Que aconteceu, que marcou muito.

C: Não.

E: Não? Nada marcou muito assim? Um passeio...

C: Não porque como era escola assim pública não tinha muitas condições de *tar* proporcionando esse tipo de passeio. Então era só mesmo proporcionava educação.

E: E mesmo dentro da sala de aula assim, nunca teve nenhuma situação...

C: Não, que gostava mais de ver, eu me interessava mais em que eu estava sendo ensinada. Então eu mantinha ali, focada, só naquilo. Então eu não botava muita atenção no que estava ao meu redor.

E: Aham.

C: Então era pra mim só estudar porque... Lembrança nenhuma.

E: Entendi. E o que te motivava pra ir pra escola?

C: A educação e o... Né? E ser alguma pessoa na vida. Ser algo na vida.

E: Uhum.

C: Que meu sonho era ser psicóloga também, né? Pedagoga. Mas, infelizmente, o sonho não deu certo.

E: Ah, mas ainda dá tempo.

C: Mas ainda dá tempo. Ainda dá tempo e eu gostaria só de poder continuar com esse sonho, mas a dependência não deixa.

E: Entendi. É, difícil. E como é que era as relações que você tinha com os professores...

C: Ótimas...

E: Alunos...

C: Ótimas. Brincava muito, né? Porque nessa época, era uma época... Boa. Pra mim foi ótimo! Pra mim eu não tenho nada do que reclamar. Das minhas educadoras, dos meus amigos...

E: Uhum.

C: Nada.

E: E aí você ficou até a oitava série?

C: Sim.

E: E por quê que você saiu?

C: Por causa que eu comecei a usar crack. Aí eu saí da escola. Eu já não me interessava mais. Nada me interessava mais, somente o crack.

E: Entendi.

C: Aí eu parei de estudar.

E: Isso cé tinha...? Quantos anos?

C: Ai, eu não me recordo. Com quantos anos eu sai? Com dezesseis pra qui... É, com quinze pra dezesseis eu sai da escola. Nunca repeti um ano. Então eu saí entre essa faixa-etária.

E: Entendi. E aí você estudou aqui na prisão, né? Depois que você...

C: Estudei, fiz cursos, fiz cursos PET. Mas não aqui nessa unidade.

E: Aham.

C: Na Unidade 1, em Ribeirão Preto... Então eu estudei. Fiz cursos, tenho os diplomas em casa, certificados... E é muito bom.

E: E você voltou pra escola normal também?

C: Voltei.

E: Pra escola regular.

C: Voltei.

E: E você estudou que séries?

C: Eu estudei a oitava e a nona e o primeiro. Que era supletivo.

E: Entendi.

C: Mas também aí eu não me interessei mais.

E: E a oitava, o nono e o primeiro você fez com monitora?

C: Sim, com a monitora do sistema prisional.

E: E como é que foi? Como é que era ter aula com a monitora?

C: Era bom. Ela ensinava tudo muito certinho, explica muito, tudo muito certinho.

E: Uhum.

C: Então dava pra gente compreender, as dúvidas que a gente tinha, ela explicava... Estudava muito também.

E: Aham.

C: Pra que pudesse dar uma aula decente pra nós. E era bom. Assim como aqui também é. Aqui tem monitoras aqui.

E: Uhum.

C: Elas são muito inteligentes.

E: Entendi. E... O que... Teve alguma situação nesse tempo que você estudou na Unidade 1, né, que você falou?

C: Unidade 1.

E: Teve alguma situação muito legal que aconteceu na escola...

C: Teve. O alvará das minhas companheiras que *tava* lá.

E: E aí foi uma festa?

C: Foi.

E: Na escola?

C: Foi. Aí nesse dia já não teve mais nem aula, foi a comemoração, né? Porque é um mérito, né? Uma glória alcançada.

E: Aham.

C: porque ganhou uma liberdade do qual o B.O era grande demais. Então elas achavam que elas não iam mais sair dali. Aí do nada pintou o alvará. Essa é uma lembrança boa que eu tenho dali.

E: Que aconteceu na escola?

C: É.

E: E alguma coisa ligada a escola em si? Aos conteúdos...?

C: Não..

E: As relações na escola?..

C: Era uma relação muito afetiva..

E: Uhum.

C: Com muitas brincadeiras, muitas gincanas... Muitas... Assim, jogo de palavras...

E: Aham.

C: Muito bom. A relação entre uma monitora prisional é muito boa.

E: E aí você parou no segundo ano?

C: Sim.

E: E aí veio pra cá ou parou [inteligível 06:59].

C: Não, aí eu fui pra rua, ganhei minha liberdade, voltei a usar droga, aí perdi totalmente o interesse em tudo.

E: Uhum.

C: Já não queria mais fazer mais nada disso porque a mente tava voltada somente no crack.

E: Aham.

C: Então aí depois de um tempo eu voltei pra cadeia.

E: E isso foi quando?

C: Faz uns oito meses.

E: É, e você não passou pela sentença de novo.

C: Não.

E: Então faz pouco tempo. Entendi. É... E você acha que a educação, a escola que é ofertada aqui dentro da prisão é diferente de fora?

C: É diferente, é diferente.

E: No que?

C: É diferente pela atenção.

E: Como assim?

C: A atenção de uma monitora pra uma professora de fora. A atenção é máxima!

E: Uhum.

C: Porque tá focado só naquilo. Porque, também, querendo ou não, ajuda até mesmo as monitores. Tenha uma forma de pensar diferente, então são vários termos que elas usam, várias atividades, então a gente acaba se envolvendo mais ainda naquilo.

E: Aham.

C: Porque é um negócio que eles envolvem. Já a escola de fora é só um conteúdo pra que a gente aprenda.

E: Entendi.

C: Porque acho que tem que ter, né? Um ambiente agradável, pra que a gente também seja educado mas que a gente se sinta bem no lugar onde nós estamos.

E: Entendi. E aí depois você estudou também com professor da rua na prisão?

C: Não.

E: Cê não chegou a acompanhar...

C: Só com monitores.

E: E você tem contato com alguém que estudou com professor da rua também?

C: Tenho.

E: E como é que cê avalia essa diferença? Se há diferença...

C: Não o...

E:...entre a monitora e a...

C: Não tem muita diferença, se tiver é bem mínima porque aqui nós estamos privados da nossa liberdade.

E: Aham.

C: Já rua já é um pouco diferente, porque a gente tá sempre ocupado com alguma coisa que a gente quer fazer depois da escola, então a preocupação é mais.

E: Entendi, mas eu digo assim, porque agora, hoje, são professoras da rua que dão aula aqui dentro, né?

C: Sim.

E: Cê não chegou a estudar com elas?

C: Não.

E: Cê tem contato com alguém que estudou na prisão com as professoras?

C: Não.

E: Não? Entendi. E você acha que muda alguma coisa?

C: Não. Não muda nada.

E: Entre monitora presa e a professora da rua?

C: Não

E: Mesma coisa? É... E você acha que tem alguma coisa que poderia mudar na educação dentro da penitenciária?

C: Também não.

E: : Material... Cé teve acesso?

C: Sim, material tem que ter bastante.

E: : Não tinha?

C: Não tinha.

E: E a estrutura física? Como é que era a escola, o espaço?...

C: Tá bom, tá bom.

E: E você acha que ter estudado ou estudar é... Pode te ajudar de alguma forma quando você sair?

C: Pode. Pode. Porque estudar, né, faz parte da vida de um ser humano, né?

E: Uhum.

C: Tanto pra arrumar um emprego decente, né? Pra ter uma boa linguagem de palavras, saber se expressar na hora certa... É saber colocar tudo no seu devido lugar. É bom, sim. É bom.

E: E você acha que isso, voltar pra escola, mesmo o pouco tempo que você estudou, mudou algo em você?

C: Mudou.

E: O que?

C: Mudou a minha mente. As gírias que eu usava, palavões... A cultura que se expandiu, né? Coisas assim que a gente tinha dúvidas hoje eu já tenho mais... E foi bom pra mim. Que abriu bem mais a minha mente.

E: Entendi. E você recebe visita?

C: Não.

E: Não? Não tem contato com a sua família?

C: Não.

E: Nem por carta?

C: *Tisc-tisc.*

E: Tem filhos?

C: Não.

E: Entendi. É... E você acha que ir a escola, esse processo todo, pode te ajudar a...

C: Pode.

E: Tô dizendo mas não sei se é isso... A retomar o seu contato com a sua família?

C: Não.

E: Não.

C: Mas pode me ajudar [inteligível 11:04].

E: Entendi.

C: Pra mim pode me ajudar e muito.

E: Cê pretende terminar seus estudos?

C: Pretendo.

E: E planos pra depois.

C: Quero ser pedagoga (risos).

E: Quer ser pedagoga...

C: Quero concluir meus estudos e fazer uma boa faculdade.

E: Entendi.

C: Por isso que eu tenho que cuidar de mim, primeiro eu, pra mim poder ter afinidade novamente com os livros, com caderno, com tudo isso.

E: E como é que você tá dando conta da sua dependência aqui dentro?

C: Ah, eu tenho que tentar me manter calma porque é difícil. Eu fico agitada, e dá muita, muita dor de cabeça, muita náusea, muita agitação que as vezes eu não consigo nem ficar parada, tem que ficar andando de um lado pro outro. Mas eu tô pedindo muita força pra deus.

E: E tem segurado bastante aí a religião?

C: Tem.

E: Você já era religiosa antes de entrar?

C: Já.

E: Uhum. E você acha que tem... Sei lá, você gostaria de dizer mais alguma coisa sobre escola na prisão, sobre educação na prisão...

C: Não...

E: Alguma coisa assim?

C: Não

E: Tá bom. Então acho que é basicamente isso.

C: Tá bom.

E: É rapidinho...

C: (risos)

Entrevista 10 – Tábata

E: Bem, primeiro eu gostaria que você se apresentasse, falasse seu nome...

T: Meu nome é Tábata

E: E qual a idade que você tem?

T: Vinte e nove anos.

E: Vinte e nove anos. E qual o motivo que você tá presa? Não precisa explica muito, mas só o motivo.

T: Tráfico.

E: Tráfico?

T: Uhum.

E: É a primeira vez?

T: Não, terceira.

E: Terceira. Quanto tempo você já que você já passou pelo sistema?

T: Eu tô agora no sistema faz oito anos e sete meses.

E: Entendi. Tem previsão de ser transferida daqui?

T: Não, acho que eu vou embora daqui. [Ininteligível – 0:34] minha cadeia o ano que vem em Abril?

E: Entendi.

T: Aí eu vou embora daqui.

E: Então você tá cumprindo a sua pena aqui no CDP?

T: Não, eu vim pra cá faz quatro meses.

E: Entendi.

T: Muito castigo, agressão a funcionário... Eu dei muito trabalho, sabe?

E: (risos) Entendi.

T: Então... Agora eu sosseguei, agora eu tô em paz.

E: Quatro meses você sai você falou?

T: Daqui há cinco meses eu saio. Em Abril.

E: De liberdade, é?

T: De liberdade. De vencida. Nove anos de cadeia.

E: Um tempinho, hein?

T: É, um tempo.

E: Nove anos e essa é a terceira vez entre de ida e volta?

T: Não. A primeira vez eu tirei um ano e onze, a segunda eu tirei três anos e essa vez eu tô tirando oito anos e sete meses.

E: Entendi. É, e quais as atividades que você realiza aqui no dia-a-dia?

T: Ah, eu faço bastante esporte. Eu pratico de esporte, leitura, gosto de ler muito...

E: Uhum.

T: Gosto de ler livros espíritas.

E: Entendi.

T: Zíbia Gasparetto... Gosto muito. Atualmente eu não tô lendo nenhum, porque não tem.

E: É isso que eu ia te perguntar, você tem acesso a biblioteca? Como é que funciona?

T: Não, não a biblioteca. Minha mãe manda pra mim.

E: Ah, entendi.

T: Os livros.

E: Entendi.

T: Eu já li todos que ela mandou, então... Eu empresto, sabe, pra quem se interessa também. Agora o que eu pratico mais é esporte.

E: E tem espaço pra..., pra, pra praticar esporte?

T: Tem, tem.

E: Que tipo de esporte você pratica?

T: Vôlei, futebol, queimada...

E: Uhum.

T: E gosto de jogar bastante dominó também (risos).

E: Ah.

T: Jogo bastante.

E: E você trabalha aqui, não?

T: Não. Aqui não tem serviço.

E: Não tem de forma geral ou tem...

T: Eu acho que...

E:...pra poucas pessoas?

T: Não, eu acho que só no raio quatro tem serviço, se eu não me engano. E eu sou do raio um. Agora que desativou o um pra reforma eu tô no raio três.

E: Uhum.

T: Então..., e não tem trabalho. O três tem escola.

E: E você quis entrar pra escola? Como é que é isso aí?

T: Não.

E: Não.

T: Não.

E: Mas você já estudou em outra unidade?

T: Estudei em outra unidade já.

E: Entendi. É... E você estudou onde?

T: Na Unidade 1 e Pirajuí.

E: Entendi. E você pegou a época que tinham as monitoras, presas?

T: Isso.

E: E como é que era? Se pode me contar um pouquinho.

T: Ah, elas faziam várias atividades. Elas davam curso PET... Elas faziam... Aí tinham gincanas... É..., e com premiações, sabe? Melhores redações... É... Gincana de leitura também. Dava um livro pra ler depois você tinha que fazer uma palestra do livro que você leu. É bem legal. Era bem legal.

E: E você só o PET ou você fez também a escola regular?

T: Eu fiz escola regular e fiz o PET.

E: Você chegou a concluir a escola regular ou não?

T: Não, parei no segundo.

E: Segundo do ensino médio?

T: Segundo do médio.

E: Aí não quis voltar mais?

T: Não porque eu vim de bonde.

E: Entendi.

T: Eu *tava* estudando quando eu vim de bonde.

E: Ah, quando você veio pra cá você *tava* na Unidade 1?

T: *Tava* em Pirajuí.

E: *Tava* em Pirajuí.

T: É.

E: É... E como é que foi a sua trajetória escolar antes de entrar na prisão?

T: Foi boa. Sempre fui uma boa aluna, nunca fui retido na escola... Mas, porém, as dificuldades... Minha mãe me mandou embora de casa, tudo... Aí eu parei de estudar.

E: Quantos anos você tinha quando você parou de estudar?

T: Quatorze anos.

E: E antes disso você entrou na idade certa?

T: Entrei na primeira série com seis anos de idade.

E: Uhum.

T: Com quatorze anos eu *tava* no primeiro colegial. Aí eu vim e terminei na cadeia. Aí estudei um pouco na..., em 1, de 1 fui pra Pirajuí, aí terminei de estudar lá, aí engatou meu bonde, parei no meio do caminho.

E: Você não quis terminar o terceiro aqui.

T: Porque não tinha.

E: Aqui não tem ensino médio?

T: Faz uma semana que eu *tô* na raia três.

E: Ah, entendi! E só quem tá na raia três pode estudar?

T: É.

E: Não pode transitar de uma pra outra?

T: É. Não, *tisc-tisc*.

E: E aí tem algum tipo de seleção de quem vai pra raia três?

T: Não. Assim, é porque eu sou medida de segurança.

E: Aham.

T: Por fato das minhas agressões a funcionários então... Eu tomo remédio controlado, que eu sou convulsiva! E eu tenho que ficar no raio um, que é o raio de medidas.

E: : Uhum.

T: Só que como desativou lá e eu fui pra raia três eu tô na raia três. Só que eu não tô por dentro de como é a escola na raia três.

E: Aham.

T: Eu sei que são poucas meninas que vão pra escola. São poucas. E... Acho que umas três, quatro que vão pra escola. De manhã. E mais uma três quatro a tarde.

E: Aham.

T: São poucas mesmo. Só que eu não sei como é que é, se é ensino médio, se é ensino fundamental...

E: Entendi.

T: Já não tô por dentro disso ainda.

E: E você tá pretendendo, se tiver, estudar?

T: Não, quero terminar na rua. Vou fazer o supletivo na rua. Em um ano eu termino o meu supletivo e vou fazer minha faculdade.

E: Você quer fazer o que?

T: Gastronomia. Meu sonho é ser chefe de cozinha.

E: Já sabe onde ou não?

T: Na FMU.

E: Entendi. É, gastronomia é um negócio legal.

T: É.

E: Vocês tem acesso a TV?

T: Temos.

E: Vocês assistem...?

T: Assistio...

E: Programas de...

T: De culinária!

E: Master Cheff, essas coisas?

T: Assistio. As vezes elas brigam que não querem assistir mas eu falo "Eu quero assistir, eu vou assistir!"

E: Uhum.

T: Assistio É Demais... É Demais, não, É de Casa!

E: Uhum.

T: É De Casa, programa da Ana Maria Braga... É Demais? Não, Mais Você!

E: Mais Você.

T: Assistio Mais Você também. Pego umas receitas... Na rua eu também fazia umas receitas dela. Mandeí já, quando eu *tava* na rua, mandei uma receita pra Ana Maria Braga, pela internet, e ela fez minha receita. Deu meu nome e tudo lá. Fez minha receita. Nossa, eu fiquei muito feliz!

E: Que legal.

T: (risos) Muito feliz eu fiquei.

E: E, quando você estudava, até seus quatorze anos, teve alguma experiência muito marcante na escola? Alguma coisa muito legal ou muito ruim ou...

T: Muito legal. Ruim não.

E: Das experiências que marcou muito...

T: Não...

E: De falar "Putz, de escola eu lembro disso!"

T: Teatro!

E: Teatro.

T: Nossa, como eu gostava de fazer teatro.

E: E tinha muito teatro na sua escola?

T: Muito. Muito teatro onde eu estudava. A gente fez a história da Bela e a Fera... Gostei muito. Ah... Foi no ginásio. A gente apresentou na escola... Porque era assim, cada sala ia fazer o seu teatro.

E: Uhum.

T: Tipo, a professora deu uma... Um tema! A gente tinha que elaborar. Então todos se unia, a gente foi tudo pra casa – cada dia fazia na casa de um – e fazia um grupo e montava o teatro. Aí nós ganhamos. Foi o melhor foi a Bela e a Fera. A gente ganhamos esse teatro e aí fomos pro ginásio de Interlagos apresentar lá. Interlagos não, Ibirapuera! Fomos pro Ibirapuera e apresentamos lá. Nossa, muito legal! Isso ficou marcante na minha vida.

E: Isso foi em que série?

T: Na oitava série, quando eu tinha treze anos. Foi na oitava série. E foi muito legal. Eu acho que isso marcou. Marcou minha vida.

E: E cé sente falta de teatro na sua vida?

T: Sinto! Eu gosto. Eu gosto. Já fiz teatro na cadeia também!

E: Ah, é?

T: Fiz, do nascimento de Jesus. Foi na semana santa, sabe? Na Páscoa... Aí a gente fez. Foi lá em Pirajuí.

E: Pra apresentar para as famílias?

T: Pra apresentar para as famílias. Apresentamos... Foi muito, muito legal também. Muito, muito legal.

E: E vocês que se organizaram?

T: É, agente mesmo. A gente *montamo* roupa... Porque lá não pode nada, sabe? Lá a cadeia é bem... É cadeia modelo, é bem restrito de muitas sanções. Então lá não

pode ter roupas, fantasias, nada disso. Então a gente improvisou. A gente pegou tinta de caneta aí misturamos a tinta com a outra... Esmalte *misturamo* um com o outro. Fizemos as roupas [inteligível 09:15] que eram os lençóis. Aí tinha uma.., um tiazinha lá que costurava, então ela costurou, fez as roupa pra nós, aí fomos, fizemos o teatro. Foi bem legal!

E: Que legal.

T: Bem legal.

E: E... E o que que motivava a ir pra escola quando você estava..., até seus quatorze anos? Fora da unidade.

T: O que motivava?

E: : É.

T: Que eu sempre gostei de estudar.

E: É?

T: Sempre gostei de escola.

E: O que que você gostava mais?

T: Matéria?

E: É, matéria ou... O que você mais gostava na escola?

T: Gosto de português, literatura, gramática. Gosto muito.

E: É, você falou que lê bastante, né?

T: É, eu leio bastante, gosto muito, de ler eu gosto muito. Adoro fazer uma redação! É comigo mesmo! Porém não gosto de escrever carta.

E: Uhum.

T: Aí, pra *saí* sai uma carta minha é muito difícil. Mas eu gosto assim, pra estudar eu gosto. Eu me entendo.

E: Entende? E você falou da sua experiência com o teatro, tal..., como é que era as suas relações com as outras alunas, outros anos e professores fora?

T: Bom, porque, assim, eu sempre fui uma pessoa muito educada, sabe? Isso aí eu acho que vem de berço, né?

E: Uhum.

T: Minha mãe deu uma educação muito boa. Eu é que não fiz por onde. Não julgo ela. [inteligível 10:37]. Mas eu tinha relação boa, eu sempre tive relação boa com as pessoas. Sempre sei entrar e sair de cabeça erguida, sabe, dos lugares.

E: Uhum.

T: Eu não tinha... É difícil ter algum inimigo, alguma inimizade. Não.

E: Não aprontava muito na escola?

T: Não, não. Isso não. Sempre gostei de escola mesmo. Tinha até as amigos e a os amigos que “Ah, *vamo* cabular aula!”, “Ah, *vamo* alí pra gente beber!”. Que eu não bebo, não uso droga... Isso eu nunca usei. Mas sempre falava “Vamos ali, vamos beber um vinho, vamos fazer um lual!” e eu “Não, gente, tem que estudar, vocês não querem estudar mais eu quero!”.

E: Uhum.

T: Então eu ficava na escola. Eu não gostava disso, *contraversões*.

E: Uhum.

T: A não ser depois que eu entrei no crime, né? (risos). Que isso também foi... Na necessidade!

E: Uhum.

T: Entendeu? A gente era muito nova, então, foi uma necessidade na minha vida.

E: Foi logo que você saiu de casa?

T: Foi. Eu saí de casa, não tinha emprego..., fui trabalhar num bar. Tinha uns amigos que faziam umas *contravenções*... E me envolvi.

E: Uhum.

T: Me envolvi, comecei a fabricar droga. Aí cai uma, cai duas, cai três... Mas agora não cai mais pra mim não, chega. Perdi uma vida.

E: É.

T: Muito perdi.

E: Dez anos.

T: Muito perdi.

E: Quase, né?

T: Muito perdi.

E: E... E qual o motivo que você saiu de casa? Claro, se você quiser falar.

T: Porque... Por causa do meu irmão. Amo muito meu irmão, sabe? Meu xodó. Só que ele mentiu um fato pra minha mãe e minha mãe acabou brigando comigo... Minha mãe me batia muito. Minha mãe é aquelas pessoas assim, uma super mãe! Dá tudo que a gente queria, do bom e do melhor, roupa de marcas, tênis de marca, comidas boas, passeios bons. Mas o principal faltava, que era o carinho, sabe? Eu nunca tive o pai. Meu pai faleceu quando ela tava grávida de mim. E..., minha mãe me batia muito. Aí um dia ela foi, por causa do meu irmão, por causa do fato ocorrido, ela foi e deu um tapa no meu rosto. Aí eu revidei. Aí ela me mandou embora de casa.

E: Uhum.

T: Me arrependo disso. Deus sabe disso. Peço perdão todas as noites por causa disso. Como ela também pede perdão por tudo que ela fez comigo. Não com os meus irmãos porque eu nunca deixei, porque eu sou a mais velha.

E: Uhum.

T: Tem meu irmão, tem dezoito anos, fez agora em Novembro dezoito anos e minha irmã que tá com vinte e quatro. Porém não falo com ela mas é minha irmã, né?

E: Uhum.

T: E por causa disso eu fui embora de casa.

E: Entendi.

T: Aí eu fui viver a minha vida. Fazer minha vida.

E: E aí achou um jeito de viver.

T: Que eu era muito nova, eu não tinha emprego...

E: Uhum.

T: Trabalhava num bar, ganhava uma mixaria, dormia em cima da mesa de bilhar... Durante um mês eu dormi em cima da mesa de bilhar! Cober... Me cobrindo com minhas roupas... Aí eu fazia jogo do bicho lá. Que o dono do bar, o Mané, me ensinou a fazer jogo do bicho.

E: Uhum.

T: Que ele era bicheiro, sabe? Aí um dia eu sonhei com borboleta. Eu tava deitada aí eu levantei, mudei de lugar aí bem de manhazinha joguei borboleta, aí fiz o jogo na cabeça. Joguei na cabeça borboleta. Aí ganhei mil e novecentos reais. Aluguei uma casa com dois cômodos. Pagava cento e cinquenta reais... O dono da casa era amigo do dono do bar, então ele nem quis depósito. Dei cento e cinquenta... Aí comprei os mantimentos pra me manter... Ele me deu um fogãozinho, aí depois outros amigos me ajudaram... Aí comecei entrar nessa vidado crime. Aí eu vi que o dinheiro era fácil. Consegui comprar carro, comprar moto.

E: Uhum.

T: Aí não quis saber mais de escola. Tudo era fácil, sabe? Mulheres, carro, moto, amigos. Aí...

E: Aí a escola ficou pra trás. E aí cê voltou a procurar escola depois que você tava presa?

T: Foi na Unidade 1.

E: E o que que te levou a procurar? Porque que você falou assim "Ah, vou voltar a estudar?".

T: Porque eu tava lendo um livro... É... Sabedoria Instantânea! Eu tava lendo esse livro e ele falava pra gente ter uma graduação nas nossas vidas. "A gente tem que estudar, temos que se empenhar porque nada cai do céu". Resumindo, né?

E: Uhum.

T: Aí, eu pensei e falei: "Tô aqui, tô presa, não sei quando eu vou embora. Vou estudar, porque quem sabe quando eu sair não faço uma faculdade e realizo meu sonho?!"

E: Uhum.

T: Aí... Fui estudar. Mas, porém, nessa vida do crime, ainda quando eu tava nessa vida do crime ainda tive..., fiz cursos no Senac... No Senac Penha, conhece?

E: Uhum!

T: Fiz curso lá de cozinha japonesa, chinesa...

E: Ah, então você já fez alguma coisa na área de gastronomia?

T: Fiz, fiz! Fiz um ano e três meses de curso. Aí eu fiz um estágio em Fernando de Noronha. Fizemos um estágio lá eu tinha dezesseis anos. Fiz um estágio lá. A gente foi num grupo, tudo pago. Noronha's Mar que era nome do restaurante Hotel. Aí fiquei durantes quinze dias lá...

E: Era vinculada ao..., ao Senac?

T: Ao Senac. Voltei. Aí acabou o curso, aí não quis mais me empenhar em nada, não. Aí só na cadeia mesmo que eu falei "Vou estudar". Tenho vontade de terminar! Mas tô indo embora, vou terminar na rua.

E: Entendi. É, e como é que eram as relações dentro da escola na prisão?

T: Ah... Boas.

E: Uhum.

T: Professoras boas...

E: Você chegou a pegar as monitoras, né? Que você falou...

T: Isso.

E: Aí depois você estudou com professor da rua também?

T: Professor da rua!

E: Depois de dois mil e... Treze?!

T: É. Com professores da rua.

E: E como é que foi essa mudança?

T: Assim, eu fazia curso... Primeiro eu fazia os curso PET. Fiz com as monitora. Elas falaram "Ah, por quê você não estuda, Táбата? É bom estudar..." Tato, né? Me chamam de Tato. "Por que você não estuda, Tato?" Aí eu falei "Será?", aí ela falou "Vai, meu, você é inteligente, *vamo* estudar!". Elas me ajudaram. Aí eu falei "É, então *vamo*!". Isso depois que eu tinha ido na escola na Unidade 1 e fui pra Pirajuí. Aí eu falei "Ah, *vamo* então!". Aí dei meu nome e tudo, aí comecei a estudar lá. Aí fiz os curso PET. Fiz duas vezes o curso PET e comecei a estudar. Aí eram professores da rua. Eram cinco professores.

E: Uhum.

T: Professoras! E Elas davam aula lá. E era gostoso, sabe? Todo mundo se empenhava. Não tinha aquele grupinho, sabe, que queria ficar..., que incomodava. Não, porque é tudo macaca *véia*, né? Já crescida. Se tá na escola é porque quer aula, né?

E: Uhum.

T: Não vai por ir. Até a professora mesmo falava: "Ceis tão aqui pra estudar, se ceis não quiser nada é melhor ficar na cela". Aí a gente falou "É verdade", então a gente estudava. Era muito bom.

E: Uhum. E... Mas aí com as monitoras presas cê fez só o PET, ou você fez escola ou você fez escola normal também?

T: Só o PET. Só o PET eu fiz, depois eu fiz escola normal.

E: Aí a escola normal já era com as professoras da rua.

T: Com as professoras da rua.

E: Foi depois de dois mil e treze?

T: Uhum.

E: Daí você entrou no primeiro... Você fez o primeiro de novo?

T: Fiz... Não!

E: [inaudível 19:07].

T: Eu fiz o primeiro e parei no segundo.

E: Você terminou o segundo?

T: Não.

E: Não.

T: Não, não terminei o segundo.

E: Aí você veio pra cá.

T: Ou terminei? Peraí (risos). Não, terminei o segundo, terminei o segundo. Agora é o terceiro. É, falta o terceiro pra mim fazer, terminar.

E: Uhum. E teve alguma..., alguma coisa prazerosa ou alguma coisa muito legal que aconteceu nesse período que você *tava* na escola já na prisão?

T: As professoras! Eram muito legais! Conversavam bastante, fazia círculos na sala de aula...

E: Uhum.

T: Todo mundo conversava, cada um contava um pouquinho da sua vida... Era legal. Eu gostava disso.

E: Mesmo dessa comunicação aí?

T: É. Dos diálogos.

E: Em relação aos conteúdos, assim, o que que você..., como você avaliava?

T: Matemática eu sou péssima.

E: (risos)

T: Odeio matemática! (risos). Não gosto. Mas, porém, fazia, né? Tentava.

E: Uhum.

T: Mas conteúdos...? Ah, Inglês é bom. As provas, eu gostava muito das provas também. Tinha as provas de dinâmica...

E: Hmm....

T: Hãn... Eu gosto muito de química. Eu tenho a tabela periódica de cor. Bário, Alumínio, Gálio, Índio, Táreo...

E: Eita!

T: Eu tenho de cor a tabela periódica.

E: E pra gastronomia pode ser útil, né?

T: Muito! Lógico! Muito! A matemática também, mas a matemática não entra na minha cabeça, é um conteúdo que não entra na minha mente! Mas eu tento ali, eu faço umas continha aqui, uma continha ali mas, nossa, não entra. Física também, nossa, é difícil. Mas a gente tenta, né? *Vamo* tentar.

E: E você estudava fora da sala de aula? Você levava trabalho?

T: Levava! Todo dia tinha lição de casa! Todos os dias elas passavam. Português era redação... Dava um tema ou se não, tema livre... Inglês tinha os verbos, verbo to be. É... Montar tabela periódica, aí pintar tudo... Elas davam tudo lá pra fazer.

E: Uhum.

T: Era legal. Eu fazia.

E: Entendi. E você acha que a escola, né, a educação como oferecida dentro da prisão, que você fez, era muito diferente da que você fez fora?

T: Muito. Na prisão parece que aumenta mais sua autoestima.

E: Uhum.

T: Parece que as professoras dão mais atenção.

E: Do que fora?

T: É! Por que no caderno direto era um bilhetinho, sabe? “Parabéns!”, “Tá ótimo!”, “Seu trabalho tá lindo!”, então é gratificante!

E: Uhum.

T: Na rua não, na rua a professora vai lá, dá um visto, “Tô, pronto!”, mal leu o que você escreveu. Tem ve... Na rua sabe o que eu fazia? Eu fazia uma redação.. Minha professora de português – professora Mariana, a última professora que tive – ela não era muito atenciosa. Eu falava “Eu vou fazer a redação tudo errado, *vamo* vê o que ela vai dar!”... Aí fui lá, fiz, escrevi as palavras erradas, sabe? Descer só com “c”... Hã... E ia escrevendo as palavras tudo errado, no meio da redação. No começo eu fazia certo. Aí no meio e no final eu fazia tudo errado assim, ia colocando as palavras errado. E dei pra ela! Ela foi lá colocou um visto e colocou dez! Falei: “Professora, tá certo essa nota?”, ela falou assim “Tá, Tá bata, tá certo!” aí eu falei “Não, não tá certo”, ela “ Por quê?”, eu “Lê! A senhora já leu?”. Ela falou assim “Não!”, eu falei “Então lê, professora!”. “Não mas eu já li, tá certo, eu li a primeira estrofe e não sei o que”. “Professora, lê!” Aí ela leu. Falei “Deu uma atenção?”. “Nossa, mas aqui tá tudo errado! Por que você escreveu errado? Você não escreve errado?!”. “Então, a senhora tá acostumada a eu escrever certo e avaliar tudo assim. E se fosse uma prova, e se fosse um vestibular que eu tivesse prestando? Eu iria passar? Ela “Não”. Falei “Avalia direito! Que eu tô aqui pra aprender!”. Depois disso eu mudei de classe. Ela me fez mudar de classe, *cê* acredita? Né? Então na cadeia elas se empenham mais as professoras.

E: Uhum.

T: Elas lêem tudo, elas avaliam... O que tá errado elas chamam você de canto, conversa. Explica quantas vezes for preciso! Elas tão passando lição na lousa, “Professora, eu não entendi aquilo!”, ela vai explica. A outra vai “Professora, eu não entendi aquilo!”. O mesmo exercício ela explica milhões de vezes, até entrar na cabeça de todo mundo! Então elas se empenham mais! Elas dão mais atenção.

E: Uhum.

T: Na rua já não era assim. Eu aprendi muitas coisas eu aprendi dentro da cadeia. Na rua eu não sabia.

E: Uhum.

T: Entendeu? Eu estudei bastante na rua e não... Aprendi. Então aprendi mais com leituras também, a gente lê muito.

E: O que que te motivava a ir pra escola? Lá na prisão.

T: Na prisão? Um livro que eu li!

E: Mas depois. O livro te motivou pra ir?

T: É.

E: E depois pra você continuar? Ainda esse livro?

T: Não, porque eu gostei.

E: Entendeu.

T: Eu gostei. Eu gostei do tratamento. Porque na cadeia... – será que não tem ninguém escutando?

E: (risos).

T: Na cadeia, a maioria dos policiais, das agente... – as funcionárias, né, porque elas por que elas não são polícia - tratam a gente como lixo, entendeu? Faz pouco caso da gente. Só porque a gente veste uma roupa escrota acham que a gente não tem família, acham que a gente é abandonada. Olham pra gente com indiferença. Não todas! Não generalizando.

E: Uhum.

T: Não todas. Tem umas que são muito humanas. Mas a maioria. Então te tratam de qualquer jeito. E as professoras já não, tratavam a gente como seres humanos, entendeu?

E: Uhum.

T: Como algo precioso. Falavam “Vocês são nosso futuro, Vocês podem sair daqui, vocês podem fazer uma faculdade, podem fazer um curso...”

E: Uhum.

T: Então as professoras viam a gente com outros olhos. Coisas que as policiais não vê. Então eu gostava de ir pra escola por causa disso. Porque eu odeio polícia, viu? Nossa, essa raça. Misericórdia, viu!

E: (risos).

T: Mas faz parte, né? Fiz por onde, tô pagando, não tem o que fazer.

E: É. E você acha que o que você aprendeu na escola nesse período que você *tava* estudando vai te ajudar quando você sair?

T: Muito! Muito, vai me ajudar muito!

E: No que você acha que vai ajudar?

T: Hã... Eu aprendia escrever melhor. Eu aprendi a... ler melhor! Sempre gostei de ler, mas sabe quando você lê e não dá atenção no que você tá lendo?

E: Uhum.

T: Hoje não, hoje em dia eu leio, eu falo “Não, mas peraí, eu não entendi a parte anterior”, eu voltou lá, releio... Então é algo que eu vou levar, atenção. É algo que eu vou levar pra rua: atenção. Coisas que eu não dava. Eu fazia e falava “Bom, tó, tá

bom, tá entregue..”. “Minha parte eu fiz”, entendeu? Mas eu mesmo não sabia o que foi exposto.

E: Uhum.

T: Entendeu?

E: Entendi. E você percebeu assim, tanto na sua experiência quanto na conversa com as.., com as outras mulheres, alguma mudança na escola nos últimos anos? Aqui dentro?

T: Como assim? Não entendi.

E: Assim, tanto você ia na escola, nas outras unidade que você tava e também em conversa, tem colegas, enfim... E vocês perceberam que a escola na prisão mudou nos últimos anos?

T: Muda. Gírias, por exemplo, você corta muito. Eu não gosto muito de falar gíria, mas depois que eu vim pra cadeia, a convivência, você acaba falando. “Mano”, “Poxa!”, sabe? Palavras que não é cabíveis.

E: Uhum.

T: No diálogo.

E: E tem muita gíria, né? Dentro da unidade

T: Muita gíria, tem muita gíria.

E: Pra tudo tem uma...

T: Tem gente que acha que pra ser malandro tem que falar “mano”, “meu”, “vixe”...

E: Uhum.

T: Não é assim.

E: E tem a linguagem mesmo de dentro. Ah, pra dormir no chão é uma coisa...

T: É... “Na praia”, é. Tem tudo... Na jéga...

E: “Praia”, “boi”...

T: “Boi”! Tem tudo isso. Mas é linguagens da cadeia, que não é legal. Eu se eu for conversar com uma pessoa e a pessoa falar, de dez palavras, cinco gírias, eu já paro de conversar.

E: Uhum.

T: Eu falo “Nossa, que feio”. Ainda mais mulher, né?

E: Uhum.

T: Pra todos, ambos os sexos. É feio falar gírias, mas pra mulher é mais ainda. E tem tanta mulher que fala tanta gíria!

E: Uhum.

T: Tem vezes que eu conheço uma mulher linda, que eu falo “Nossa, que menina bonita!”, vou conversar. Hm. Cê fala “Meu deus, você é muito bonita, amiga, mas de boca fechada” (risos).

E: Uhum. É... E você acha que, do que você viu na escola aqui dentro, alguma coisa poderia mudar, poderia ser diferente?

T: Na escola?

E: É.

T: Não.

E: Não? Tudo como era...

T: Pelo menos aonde eu estudei, muito bom.

E: E tinha materiais?

T: Tinha.

E: Caderno, caneta...

T: Aham. Caderno, caneta...

E: Faltava alguma coisa?

T: Não. Não. Tinta, lápis, giz de cera... Tudo.

E: E depois que você foi pra escola, você acha que a sua relação com as outras presas, com as funcionarias, família, mudou?

T: Mudou. Eu fiquei mais calma. Mais relevante. Porque, nossa, eu era terrível (risos). Meu deus.. Eu tenho quarenta e três agressões a funcionário. Pensa!

E: Isso antes da escola?

T: Antes da escola.

E: Depois da escola... Quando você voltou pra escola...

T: Aí eu tranquilizei.

E: Quarenta e três?

T: Tenho muitas. Já fui pra muita audiência de agressão a funcionário.

E: Já foi muito pro pote também?

T: Muito.

E: É pote, né?

T: É pote. É castigo.

E: Algumas vezes eu já... Já aprendi.

T: É, o pote. Muito, já fui muito. E apanhei muito também. Eu era dessa finura. Eu pesava quarenta e oito quilos. Imagina o quanto que eu não apanhava! Nossa... Era terrível. Aí depois que eu encontrei com a minha esposa... Aí a gente... Que eu tenho uma esposa, tô com ela há seis anos. [inteligível 31:13] saiu agora dia dez. Em Novembro ela saiu da cadeia, foi embora. E... Sosseguei depois que eu encontrei com ela de novo, que a gente se reencontrou. Aí eu sosseguei.

E: E ela vem te visitar ou não?

T: Ainda não, ela vai dar entrada nos documento. Que ela mandou um telegrama pra mim hoje... Porque eu tinha minha ex-mulher no roll. Como eu passei antes na cadeia em dois mil e doze eu tirei um ano de castigo aqui. E...

E: Aqui, aqui mesmo?

T: Aqui mesmo.

E: Você já passou por aqui já?

T: Já. Eu era do raio quatro, depois fui pro raio seis. Eu passei aqui em dois mil e doze. Aí eu saí em dois mil e treze, voltei pra 1. Então... – e ela tava presa na Unidade 1. Aí eu voltei pra lá, a gente ficou junto, aí eu cai com os aparelho, fogão, panela, garfo, faca, coca, carregador, droga... Cai com tudo, que era o que eu trabalhava lá na PE da Unidade 1. Aí depois de...

E: Lá dentro?

T: É, lá dentro. Aí cai com isso, fui pro castigo, aí do castigo eu catei um cabo de vassoura, quebrei na cabeça da guarda, fui de bonde pra Tupi. Aí ela foi, foi pro castigo também, porque ela queria ficar comigo. Aí eu fui de bonde aí ela falou “Eu também vou de bonde!”. Falei “Meu, cê não vai, fica aí, deixa que a gente se encontra”. Aí nisso aí ela foi e bateu na funcionaria, chefe de plantão. Aí ela arrancou um dente da chefe de plantão e foi de bonde pra Pirajuí, então desencontramos. Aí chegou em Tupi, aí eu comecei, toda guarda que eu via eu batia, toda guarda que eu via eu batia, toda guarda que eu via... Até que elas não aguentaram e me mandaram de bonde pra Pirajuí. Aí foi eu encontrei com ela. Aí foi onde eu sosseguei, comecei a estudar... Eu fiquei lá dois anos. Aí me mandaram pra cá.

E: Te mandaram pra cá. E ela saiu antes de você?

T: Aí me mandaram praça e mandaram ela pra Tremembé. Aí ela saiu agora de liberdade. Seis anos e dez meses ela tirou. Ela saiu de liberdade agora dia treze... Dia dez de Novembro!

E: Uhum.

T: E a minha vende dia dezesseis de Abril. É... Aí a gente troca cartas...

E: Ela tava por tráfico também?

T: Não, 157. Roubo a mão armada.

E: E você recebe visitas da sua família?

T: Recebo. Minha mãe.

E: Você tem filhos ou não?

T: Não. Sou assim desde que nasci mesmo (risos).

E: E tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre a escola, sobre a educação na prisão...?

T: Olha, eu acho que assim, única reclamação que eu tenho a fazer: Deveria ter mais professores. É porque é difícil, né? Os professores... Eu entendo também... Querer vim numa unidade prisional... Porque é medo. Querendo ou não a gente é visto como um bicho. Isso aí a sociedade, infelizmente é assim. E eu entendo. Porém não compreendo. Mas eu acho que deveria ter mais professores. Acho que deveria ter mais escolas na cadeia. Aqui, por exemplo, que não tem. Eu acho que deveria ter em todos os raios.

E: E você acha que as mulheres iriam? Procurariam a escola?

T: Aham. Eu ia dar uma força. Eu ia fazer um mutirão pra gente ir pra escola! Porque o estudo é tudo. É tudo! Sem estudo... Até pra você ser um gari hoje em dia você precisa ter o segundo grau completo. Não é? Então sem estudo cê não tem nada. Ó,

já é difícil pra preso, por exemplo. Já é difícil arrumar um serviço por causa da ficha criminal, por antecedentes criminais. É difícil arrumar um serviço porque não tem estudo. Agora pelo menos se você tiver um estudo... Porque eu sei que tem uma lei que hoje é obrigatório a cada empresa ter pelo menos um ex-presidiário e um deficiente físico. Ou visual.. Deficiente. Isso eu vi no Jornal Nacional, no ano passado. Então, cê vai trabalhar “Ah, tudo bem, você tem uma ficha criminal, já pagou o que você deve, já não deve mais nada pra justiça, você quer trabalhar, que ser uma pessoa digna, tudo bem, então vamos fazer o que? Você tem estudo?”, “Ah, não, não tenho”. Vai fazer o que? Tá entendendo?

E: Uhum.

T: Então é difícil. Complicado. Então tem que estudar. Mas pra isso, pra estudar tem que ter oportunidades e é onde as cadeia, muitas cadeias não têm.

E: Uhum.

T: É oportunidades. Porque dentro da cadeia a pessoa pra ir pra escola não é pra brincar, é pra estudar. O que que ele tem pra brincar já passou. A gente é tudo grande, barbadas. Já passou aquele tempo de “Ah, *vamo* ficar...”, “*Vamo* ali pra gente fumar uma *macoinha*, pra gente beber uma pinga”. Já passou essa época! Então, se tá indo na escola dentro da cadeia é porque quer estudar.

E: Uhum.

T: Se não quer estudar fica na cela. Tá entendendo?

E: Sim.

T: Então acho que falta oportunidade. É isso que acho que falta. Oportunidade! Acho que deveria ter mais professores, mais oportunidade pra gente estudar.

E: Entendi.

T: Entendeu?

E: Tá bom então, acho que é isso!

T: Tá bom?!

APÊNDICE F - Entrevistas transcritas dos Professores

UNIDADE 1

Entrevista 1 – Luana

E: Bem, primeiramente eu gostaria que você se apresentasse, falasse seu nome, sua idade e enfim.... Era isso.

L: Sou Luana, Paraibana - por isso o sotaque é assim (RISOS) Tenho vinte e oito anos. Tô no sistema prisional desde dois mil e treze. Acho que quinze de Abril de dois mil e treze. Dois mil e doze, dois mil e treze, não me recordo, Faz um bucado de tempo, né? Depois eu posso a informação precisa pra você. E sou formada em licenciatura plena em História, porém dou aula de História, Geografia, Filosofia e Sociologia. Ensino Fundamental e Médio. Mé... Fundamental não tem Sociologia e Filosofia então é só História e Geografia.

E: Entendi. Então sua área de formação é História...

L: Isso.

E: E você atua há quanto tempo como professora? Em dois mil e treze você entrou aqui, mas antes... Você já tá há quanto tempo?

L: Dois mil e... Não, dois mil e doze. É. Comecei em dois mil e doze. Dois mil e onze... Comecei em dois mil e treze, porque foi um processo bem sincrônico. Quando eu comecei... É, me formei, viajei... Em dois mil e onze, fins de dois mil e onze. Aí dois mil e doze eu passei sem lecionar, quando foi em dois mil e treze eu comecei simultâneo aqui e nas escolas.

E: Aham.

L: É.

E: Entendi. E como é que é, assim, fora? Né, cê... Você começou junto...

L: Sim.

E: Então você teve a experiência... Você já tinha dado aula antes em algum lugar?

L: Sim, na minha cidade eu já havia dado aula, sim. É, é bem diferente. Primeiro que o ensino da minha cidade pra aqui é diferente em si.

E: Você se formou lá então?

L: Eu me formei na Paraíba, é. E é tudo muito diferente. Até o processo avaliativo... É, muitas leis são adequadas pra região... Lá Também as pessoas respeitam mais essa questão da educação, lá elas tem uma visão mais diferente. E eu me deparei com isso aqui, porque você chega aqui na escola e você vê um descaso com os professores por parte dos alunos, por parte da família. Eu fiquei assim "meu deus!", na minha cidade as pessoas respeitam tanto! É uma coisa tão... Pelo menos, assim, por mais que todo mundo sabe das dificuldades da profissão, mas as pessoas ainda valorizam o profissional. Aí eu cheguei aqui e vi que a escola de São Paulo é totalmente diferente. Mas mesmo assim, é, mais diferença ainda entre a escola regular e o sistema prisional, porque aqui no sistema prisional você encontra o seu respeito, enquanto que na escola deixa a desejar.

E: Você dá aula de EJA também fora ou não?

L: Não.

E: Só regular?

L: Era regular. Regular.

E: Hoje você não dá mais aula fora?

L: Não porque eu tô tentando pegar aula mas não tô conseguindo, né? (RISOS).

E: Entendi. Então você... E aí você fora você dava aula só de História ?

L: Sim, só de História, terceiro ano do Ensino Médio. Duas turmas de terceiro ano de Ensino Médio. E vi essa diferença porque veja, assim, em termos de como lidar com o professor, e também na questão do próprio estudo porque as pess..., os adolescentes quase maduros não querem tanto. Eles não tão nem aí, então você percebe essa diferença, porque aqui, as que ficam, são as que de fato querem estudar.

E: Uhum.

L: Lá os alunos eles vão pra sala, põe o livro e vai pro corredor. Então tem que tá o funcionário todo hora, toda hora. Você uma atividade o aluno não quer fazer. Então... Aqui você vê um compromisso da parte das reeducandas. E eu encontrei, eu vi, eu vejo muita diferença! Esse ano eu dei umas aulas na Escola Vinculadora e como são alunos do Ensino Fundamental - que é a escola vinculadora - ,alunos do Fundamental eles até respeitam mais, eles fazem tudo o que você pede direitinho, mas o Ensino Médio, de fato eu vi muita diferença. Embora também fosse, fosse outra escola, né? Que cada escola tem um perfil diferente.

E: Ah, sim. Depende da localização e tal.

L: Isso, justamente, porque o público lá – dessa outra escola que eu dava aula no Ensino Médio, ficava próximo, no bairro do Limão, próximo a uma favela. Que é comunidade, né? Que, acho que era, Da Paz. Eles chamavam Favela da Paz. E daí era um público muito diferente da outra escola, entendeu?

E: Uhum.

L: E a gente sabe, né? Das situações cotidianas, das necessidades e tudo mais, né?, que se encontra. E da influencia cultural que a gente tem, né? Porque já que a cultura é tudo que a gente faz no cotidiano, né? Independente de cultura letrada ou não. De conhecimento da cultura letrada ou não. Então acaba trazendo esse perfil pra dentro da escola.

E: Sim.

L: Então a gente tem que ver também esse aspecto, porque são públicos realmente diferentes de uma escola pra outra.

E: Entendi. E como é que é pra você aqui dar aula de outras disciplinas que não da sua área de formação? Por que eu sei que isso é até frequente, né? Conversando com outros professores.

L: É frequente, porque quando a gente pega o bloco, você pode pegar todas, né? Aqui eles atribuem todo esse bloco. Só que é assim, é... Pra mim não foi tão... Foi mais difícil Geografia, porque por mais que eu tenha visto na Educação Básica, estudado Geografia, mas na minha grade curricular da faculdade eu não tive

Geografia. Porém Filosofia e Sociologia eu tive. Então dessas aí eu até consigo porque eu tive uma base, só que Geografia, não.

E: Aham.

L: E foi difícil. Muito difícil! Ainda eu me adapto né? Depois de tanto tempo eu ainda vou me adaptando. Aí eu tenho que tá olhando o currículo do Estado, estudando em casa... Não que eu não estude, mas pra essa é muito mais do que as outras, né?

E: Sei, é uma outra preparação.

L: Muito mais forte. Entendeu?

E: E hoje você dá aula em outras unidades também ou só aqui?

L: Não, agora eu só estou aqui, mas eu dava aula no sistema prisional na Unidade 2, na Unidade 2 e aqui. Agora estou só aqui. Um período só na Unidade 2 e agora só aqui.

E: E no masculino você nunca lecionou?

L: Não. Eu até já tive vontade, né? Porque é optativo estar aqui, né? De certa forma é optativo. Você se inscreve, passa por um processo, mas você não tem nenhuma obrigação, você não é designado, então... Eu até já pensei em ir pra lá porque dizem que é bem diferente daqui e dizem que é melhor. Se eu acho aqui melhor que a da rua então imagina lá? (RISOS)

E: É, se aqui é melhor que a da rua e lá é melhor que aqui...

L: Você tá entendendo? Imagina como deve ser?

E: (RISOS)

L: Mas por outro lado a gente tem aquele receio, né? Que, infelizmente, é uma cadeia. É masculina!

E: É, sim. Por ser mulher...

L: É, tudo isso.

E: E qual que é a sua categoria no Estado hoje?

L: O.

E: Categoria O. É só categoria O que pode dar aula em penitenciária, né?

L: Não, o F também pode. Inclusive tem um professor aqui que é F. Só não pode o efetivo, porque o F ele é estável, mas ele não é efetivo.

E: Entendi.

L: Então ele pode. E... Pronto. Por que agora o Estado só tem essas duas categorias, se eu não tô enganada. É. Que tentou unificar aí alguns que eram outras letras e aí passou a ser O. Tem dois anos passou a ser O.

E: E teve algum motivo específico pra você escolher dar aula nas prisões? Porque você veio de outro estado, começou a dar aula e aí... E de onde veio a prisão na sua vida?

L: Então, eu fui para a Diretoria de Ensino e era... Tava... O processo que tava aberto era esse e tinha outro pra atribuição de aula normal, pra escola normal mesmo. E daí eu fiz os dois. O motivo foi: eu precisava trabalhar. (RISOS). Eu precisava arcar com as minhas...

E: Não foi assim “nossa, quero muito dar aula na prisão pra ver o que é”. Foi...

L: Não, no começo não, mas...

E: Acabou surgindo.

L: É, quando eu cheguei lá que eu vi que estavam os dois abertos eu “ah, eu vou, deve ser interessante”. Inclusive na primeira atribuição que teve eu não consegui ir, quem pegou foi um senhor lá chamado Lorival e não sei por qual motivo ele acabou desistindo, por isso que eu entrei algu..., um mês e quinze dias após o início das aulas.

E: Entendi.

L: Entendeu? Por que ele acabou largando essas aulas, não sei por qual motivo, e me procuraram, pelo fato de tá inscrita, e me cederam. Mas aí eu já tinha pego as aulas. Na mesma semana eu já tinha pego as aulas na escola. E aceitei mesmo assim. Daí gostei. E também eu fui pra palestra, como eles falavam, de como era o ensino aqui e tal e eu fiquei curiosa. Depois que eu fiz a... O momento da inscrição foi porque eu precisava trabalhar.

E: Aham.

L: Mas depois que vi a palestra eu fiquei com vontade, sim.

E: Então tem uma preparação específica para os professores que vêm pra cá? Tipo, essa palestra, alguma coisa assim ou é pra todos os professores que se inscrevem?

L: Não, teve porque era o início do projeto. Foi o ano que o projeto iniciou.

E: Ah, tá.

L: Entendeu? Aí teve essa... Eles explicaram na hora da atribuição e daí explicou tudo como funcionária e tal... E que inclusive falou que poderia pegar o blocos, por isso que não precisava constatar a grade. Eu acho que também é por conta - essa questão de pegar todo o bloco de aulas - eu acho que é por conta de não ter tanto profissional que queira se inscrever, porque se você vê tem acho que Ciências a tarde, que tá sem professor ainda. Desde o início do ano.

E: E como é que quando você...

L: Porque tem pouco.

E: E como é que quando você fala pra outros professores que você dá aula aqui no sistema?

L: (RISOS).

E: Ou, por exemplo...

L: “Você é louca?!”

E: ...ou na sua casa?

L: Primeiro de tudo, “você é louca?!”, né? Sempre assim.

E: Aham.

L: Aí depois faz “ai, é bom?”. Aí você explica e faz “nossa, que legal!”. Mas a... O impacto é sempre assim: “você é louca”, porque até pra mim, porque eu nunca tinha entrado numa delegacia, nunca tinha entrado numa prisão, aí, de repente, venho dar

aula no sistema prisional e vejo que os tabus que a sociedade coloca em relação a..., de como são essas pessoas é totalmente diferente do que de fato é.

E: Uhum.

L: Porque a sociedade coloca como se fossem monstros, porque cometeu um crime aquela pessoas não tem mais coração, não consegue sentir sentimento de bom, bom por ninguém, que só vai fazer o mal, que ninguém pode encostar. Sabe o modelo a não ser seguido? Pronto, é esse.

E: (RISOS)

L: É esse.

E: Sim. Entendi.

L: Entendeu?

E: E você percebe assim... Você falou um pouco – você falou um pouquinho já, mas... – a diferença dos alunos aqui e fora?

L: Sim. Sim.

E: E o que que você acha?

L: Inclusive eu usava como exemplo quando eu dava aula, porque eles não queriam fazer nada. Ó, aqui você consegue desenvolver qualquer atividade. Sim, existem casos de alunos que tem um déficit de... de aprendizagem, né? Também motivo não falta, né? (RISOS) Então... É, têm mais dificuldades. Mas assim, numa questão mais ampla, a maioria consegue acompanhar tudo o que você propõe. Por exemplo, no Fundamental eu tenho duas alunas que eu tenho dificuldade com elas.

E: Aham.

L: Que tenho que insistir mais na disciplina, explicar mais vezes e por isso que o conteúdo não flui tanto, porque eu tenho que ficar reforçando com elas. Mas lá na rua, na escola, eu tive muito mais dificuldade com os alunos, porque, primeiro, que eles são dispersos, não conseguem se concentrar. O número da turma é enorme, aqui o número é reduzido, né?

E: Aham.

L: Porque só fica as de fato que querem, porque a escola pra elas é chata, né? Então não é qualquer uma que consegue ficar na escola. As crianças lá na escola – que não são crianças, são adolescentes – eles vão obrigados porque nessa idade eles praticamente não querem nada, os pais obrigam ir pra escola. Quando chega lá você pede pra fazer uma atividade, não faz. Aí você “você vai ficar sem nota!”, porque, infelizmente, a gente ainda avalia pela questão da nota, né?

E: Aham

L: “Mas não tem problema, quando chegar no final do ano eu passo”, porque sabe da aprovação continuada, sabe das leis que se você não tem frequência, se você tem frequência a escola não pode te reprovar. Se o aluno falta a própria legislação diz que você tem que fazer atividades de compensação de falta, independente do motivo!

E: Aham.

L: Certo? Então tudo isso eles sabem. Aí não facilita o trabalho. E daí você quer que o aluno aprenda aquela coisa, você se esforça pra fazer com que ele... Não é que ele não saiba, é que ele... Porque o que o que a gente aprende na escola tá impregnado nas nossas atitudes cotidianas. Só que assim, eles não têm conhecimento disso e você tenta mostrar pra eles, mas eles não... se disponibilizam, eles não se abrem. Simplesmente fecham a cara, viram, põe celular no ouvido, a toquinha no ouvido, o celular e não dá ouvido pra você e você fica falando aí pro... Pro nada. É muito descaso. São poucos que conseguem. Até a posição que eles se sentam na escola é diferente, né? Faz um U. O meio e afrente não fica ninguém, mas o fundão e assim ó, da segunda, terceira fila pra lá e o fundão é um U a sala. E aquele meio ali não fica ninguém. Mas foram poucos que eu ouvi dizer que queriam fazer vestibular no terceiro ano do Ensino Médio. Teve um aluno que chegou pra mim e disse assim “professora, pra que serve o ENEM? Eu sou obrigada a fazer?”.

E: Ah, o ENEM?

L: O ENEM! Aí eu olhei assim “isso é triste, viu? Você é obrigada a fazer.”. Aí ele deu risada, “sou mesmo professora?”. Aí eu fui explicar pra ele como funcionava e disse que não era obrigada. Mas não sabe, não qual a fina.. Como é que se entra numa faculdade, se tem que fazer vestibular ou não. Não sabe pra que. É, é, é.. Eu não sei se é falta de preparação só por parte dos alunos ou se o professor já tá tão desmotivado, pelo que ele enfrenta, das dificuldades do dia a dia e com os próprios alunos, que ele deixa certas informações passar. Mas eu acho que pra uma turma de terceiro ano de Ensino Médio... E eram as duas turmas que eu dava aula! - eram muito despreparados pra questão de vestibular.

E: Uhum. De perspectivas assim?

L: De perspectiva, de “ah, não, professora, eu já tô trabalhando, já sou jovem aprendiz...” E daí também desmotiva, porque você sabe, o que o estudo te dá vem a longo prazo, né? E o que o adolescente quer é dinheiro pra poder ir pro cinema, pra poder ir prum McDonald’s...

E: Sim.

L: Entendeu? E isso tudo é desmotivador. E também vejo que não tem esforço em casa, porque se você chega em casa, querendo ou não os seus pais tem uma responsabilidade com você e com o seu estudo, então ele tem que cobrar.

E: Aham.

L: Se você passa e o aluno chega no outro dia “ah, não fiz”. “E seus pais?”, “meus pais estão trabalhando...”. Os pais estão trabalhando, muitas vezes nem têm um grau de estudo que possa acompanhar as atividades, muitas vezes são até analfabetos, né? Então, tudo isso dificulta.

E: E aqui o que você sente que motiva elas a virem na escola?

L: Ah, porque quando chega aqui a gente já diz logo: “esquece que tá na cadeia”. Né? E daí a gente começa a falar um monte de coisas que não pode... Não... Primeiro de tudo, no primeiro dia eu me apresento, já digo que não me peçam nada, que não adianta que não vou trazer, vão se decepcionar. E digo assim “é direito de vocês pedir assim como é meu direito negar, certo? Vocês tem que me respeitar que eu sou professora e não tô aqui pra queimar ninguém, mas o que vocês fizerem coma gente a gente a gente pode relatar pro guarda porque vocês podem pegar

castigo por conta disso.”. Então já deixo ela bem..., elas bem claras sobre o que pode acontecer.

E: Aham.

L: Certo? Então elas já ficam um pouco “tem que ter cuidado”. Aí quando começa a vir no dia a dia a gente começa a conversar, desenvolver, mostrando pra elas que elas podem confiar na gente pra desenvolver, porque se elas não confiam no professor elas não aprendem. Tem muitos alunos que acabam desistindo porque não conseguem ter segurança com o professor.

E: Aham.

L: Entendeu? Porque até elas entenderem que você não é guarda, demora. “Guarda” como elas chamam. Até elas entenderem que você não faz parte da polícia demora. Né? E independente delas estarem relacionadas a facção ou não, aqui o sistema funciona dessa forma.

E: Sim.

L: De repente elas podem sofrer represálias por conta de outras companheiras, né? Então elas tem que ficar retraídas quanto a isso.

E: E isso vai interferindo na relação, né?

L: Sim, aí você tem que mostrar todos os dias quando elas te chamam “senhora”, e eu já digo “não me chame de senhora que eu não sou polícia.” “Me chame de profe ou de prô”, daí isso já vai mudando.. Aí elas chegam “ai professora, eu não tô boa de mente, não fiz a atividade”, “não tem problema, faça agora”, “mas eu não tô bem!”, “só aceito até amanhã, se não fizer não aceito mais”. Dou oportunidade, entendeu? Porque já está no sistema totalmente opressor, se você não faz com que elas... É... Você pede uma atividade: “Ah, não, não recebo mais e não sei o que..”, aquilo vai desestimulando. Agora se você vai dando outra chance.. “porra, eu não posso...” – eu falei palavrão, desculpa.

E: Não, não tem problema, não. (RISOS)

L: (RISOS) “...não posso, como diz elas, vacilar com a professora porque a professora me deu uma segunda chance”. “Professora, não deu, mas eu posso fazer agora?”, “pode”. Então você tem que ter, ser compreensiva. E outra coisa, elas dizem assim: “é tão bom, professora, vir pra escola porque aqui vocês tratam a gente como gente, então a gente esquece o que tá acontecendo lá dentro.” E não é porque elas estão aqui na condição de presas como assassinas, como bandidas que a gente não tem que deixar de cobrar delas, então a gente cobra só que com respeito.

E: Sim.

L: Aí, aí pronto! Vai fazendo atividade, vai...

E: Sem deixar muito solta, sem deixar, ser muito rígida?

L: Isso mesmo! A corda tem que tá ali, um pouco frouxa e depois você vai apertando, né?

E: Aham.

L: Aí, as vezes, como é muito complicado dar aula aqui, né, por causa da estrutura, mas a gente sempre traz algum filme relacionado a disciplina... Quando elas tão, por

dentro é muito giro, alguma coisa assim, né, de intervenção, a gente já bola uma atividade diferente. As vezes tem atividades – eu sou bem sincera -, as vezes tem atividades que nem se encaixa no meu conteúdo...

E: Programático.

E: ...programático. Mas aí tem outro professor que vai fazer, eu cedo minhas aulas porque é um ambiente diferente, entendeu? Então, é... A história ela não tem que ser mais factual nem de datas, mas, assim, eu gosto muito de usar algumas datas pra trabalhar atividades especiais com elas, pra passar um filme diferente, pra passar uma atividade de atividade lúdica, alguma coisa assim artesanal pra poder elas ficarem motivadas pra vir. Porque se for só giz e lousa não dá, não. Porque aqui a estrutura em si já não permite, né?

E: Como é que é dar aula em salas multiseriadas?

L: Ai...

E: Porque isso também é diferente de lá de fora, né? Acho que quase não existe mais sala fora multiseriada, né?

L: Não. Acho que é muito difícil. Deve ser muito no interior pra existir, né? Foi a maior dificuldade... É, não foi. É a maior dificuldade que eu tenho! Porque, por exemplo, eu tenho aluna que ela acompanha o conteúdo do Ensino Médio e está no Fundamental, mas, pelo que ela já vem desenvolvendo nesse semestre comigo, eu já percebi que ela tem base pra acompanhar o Ensino Médio. E eu tenho que dar conteúdo do quinto ano, do sexto ano, né? – que é a quinta série – por conta daquelas duas que não conseguem acompanhar. Então são quatro, praticamente quatro meses, dois bimestres, aí eu pego duas dis., dois conteúdos do sexto ano, depois posso dar um do sétimo, um do oitavo ano, e assim eu vou tentando. Só que antes, no primeiro dia de aula, queque eu faço? Eu faço uma avaliação diagnostica, um diálogo. Porque se cê já começa com atividade escrita elas também já não voltam pra escola, entendeu?

E: Elas já se sentem avaliadas no primeiro dia.

L: Isso. Aí eu vou, converso com elas: “e aí o que vocês acham que é Geografia? “, “o que vocês acham que é História?”, e vou fazendo um diálogo diagnostico com elas, porque aí eu vejo até onde elas sabem e a partir dali eu começo a trabalhar. E foi o que eu vi... Por exemplo, o primeiro conteúdo do sexto ano são as paisagens para a Geografia, né? Paisagem natural e paisagem humanizada. Elas não sabiam. E é porque EJA mesmo na matricula já tão dizendo que elas estão um ano a mais e tal. Daí eu vi que não sabia então tive que fazer essa retomada de conteúdo, e tentando acelerar o conteúdo pra ver se dá pra dar pelo menos um conteúdo de cada disciplina.

E: Aham.

L: Mas é...

E: E fora isso tem as vezes, tem vinte, trinta anos que não entra numa sala de aula, né?

L: Isso mesmo. É. Isso mesmo. Aí, outra coisa que, principalmente no fundamental, que eu faço. Quando elas tem muito tempo que não tão na sala de aula, aí eu trago aquelas atividades meio infantilizadas, sabe? Com desenho, com mapa... Aí trago no descobrimento do Brasil aquele barquinho, leiturazinhas assim mais... Pra ficar

mais fácil de vol..., delas compreenderem. “Ah, professora, lembro que vi alguma coisa sobre isso!”, sabe? Aí eu vou fazendo algumas atividades assim também.

E: Entendi.

L: Entendeu? Pra vê se facilita porque... As vezes eu faço jogos, eu... É, eu vou criando em casa um monte de coisa pra poder me adaptar, né? Porque se não, não conseguiria. Não conseguiria. Porque eu já tentei fazer assim, dividia a sala, “ah, esse aqui é sexto, esse aqui é...”, não dá! Porque são quarenta minutos. Se você fosse professor do Fundamental Um não dava porque você passa cinco, quatro, cinco horas com aquela turma. A gente não, a gente vai mudando, então não dá.

E: Sim.

L: Aí você tem que dar assistência na carteira de uma em uma. Não dá. Então eu vou alternando os conteúdos, eu vou pegando o currículo do Estado e vou alternando. De acordo como que elas...

E: E elas vão acompanhando conforme elas conseguem...

L: É. E aqui, pelo menos, tem muito livro que dá pra todas usarem. Mas lá na Unidade 2 vão poucos. Não sei agora esse ano, mas, normalmente, não ia. Então Você... O que que eu faço muito? Também trago muita atividade impressa. Embora aqui não forneça, eu mesma trago, né? Vou montando de qualquer forma pra economizar material, né, e trago pra elas pra elas fazerem, porque se for copiar, também não dá. Se for pra copiar tudo não dá. Você viu o tamanho do quadro, né? Aí tem essas duas alunas que eu falei pra você, elas copiam muito lento, então você perde muito tempo com isso.

E: Sim. E você acha que a educação vai contribuir ou contribui, de alguma forma, pra quando elas saírem daqui?

L: Eu acredito que sim, pelo menos o diálogo delas, né? Só que sempre vai ter aquelas que dizem “ah, não, professora, eu vou continuar!”. Sempre tem, né? Infelizmente, a sinceridade de alguns... (RISOS). Tem em todo lugar, né? Mas assim, a grande maioria diz que não quer mais. Que não vai querer mais, que vai sair, que vai continuar estudando. Muitas alunas minhas me disseram que iam fazer faculdade. Inclusive já tiveram algumas que terminaram e foram lá na escola atrás do histórico. Mas a maioria... É porque assim, depois que elas saem... É que São Paulo é grande, né? Muitas são do interior, muitas são de outros lugares e tão aqui, né? E você não encontra mais, você não tem esse vínculo mais, né?

E: Você não consegue saber o que aconteceu, né?

L: Isso. Aí não consegue saber. Mas tem alunas... Inclusive tem outras que são muito inteligentes, mas que não querem nada. Você fica todo dia “mulher, dá pra você fazer uma faculdade”, “você consegue fazer uma faculdade, se esforça mais!” você tem ler isso, você tem que ler aquilo!”. Tem aluna, tem aluna que lê teóricos filosóficos que..., filósofos que eu li na faculdade. É assim. Aí esse tipo de aluna você vê que dá. Mas tem outros que... De fato, como elas mesmo dizem, “não, eu vou continuar”. Mas acho que a maioria tem a intenção.

E: Sim.

L: Só que também é aquela coisa, quando sai é diferente, né? Porque querendo ou não a sociedade é exclusi... Ela exclui muito ainda, né? É excludente. Aí as pessoas saem querendo estudar, mas precisam trabalhar... Acostumadas com muito dinheiro,

né? Entre aspas, né? Muito dinheiro... Aí... Consegue pouco emprego, precisa estudar, quando diz que foi presa... E esse projeto é interessante porque não sai o nome da prisão no...

E: Agora sai o nome da escola, né?

L: Sai o nome da escola. Então isso já é um ponto a favor delas, né? Porque, tipo assim, se elas quiserem esconder pra poder seguir naquilo, elas podem, né?

E: Aham.

L: Eu acho interessante por conta disso.

E: Entendi. E... Como é que é a rotatividade aqui de alunas?

L: Ai. Aqui principalmente é diária (RISOS).

E: Cada dia surge... vai embora uma, surge outra...

L: Isso aqui não... Entra aluna aqui toda época do ano. Você vai fechar o bimestre amanhã, vinte, quando é dia dezoito, dezenove entra aluno. É muito... Isso dificulta! Eu acho assim, que é o direito do aluno, do preso chegar? É. Só que o sistema tinha que fazer o seguinte, alunos que não estão matriculados desde o começo, tem que ter outro tipo de projeto e não a aula normal assim, porque, me diga, um aluno que estudou dois meses... Já é EJA, né? Multiseriado. Aí um aluno que estudou dois meses aprende o que? Se a intenção é aprender e ressocializar... É complicado, né? Porque querendo ou não elas querem uma aprovação quando elas chegam aqui. Ah, professora, eu quero meu certificado", "ah, professora, dá um visto no meu caderno porque eu vou mostrar para a minha família, eu vou mostrar pra minha filha, pra minha netinha...". E assim fica, né? Aí dois meses você vai fechar o bimestre e você tem que se virar. O sistema quer uma nota. Ou você prejudica o aluno ou você dá uma nota porque entrou há dois dias do bimestre fechar. E aí? Essa rotatividade realmente... É o segundo ponto que dói muito, porque, por conta dessa rotatividade, a lista não sai – a lista de alunos. Então a gente passa... Por exemplo, a menos de uma semana do bimestre passar, do bimestre fechar, foi que saiu a lista de alunas. O nosso diário todo atrasado. Então você tem que fazer toda a chamada em lugar reservado e depois transferir tudo aquilo pro diário, só dá pra você passar o conteúdo.

E: Aham.

L: Entendeu? Então aí você tá lá, passando tudo direitinho, de repente a aluna tal entrou. Aí você tem que fazer tudo de novo. Quando não erram a lista, né? Porque ainda tem esse problema burocrático. Entendeu? Porque, pra nós, é uma coisa tão simples e esse povo consegue errar tanto (RISOS).

E: (RISOS). É.

L: Entendeu? Aí vai lá, coloca a aluna, as vezes você nem percebeu que aquela aluna tá na lista! A aluna as vezes não sabe que tá matriculada. Aí você chega no conselho de classe, a lista atualizada lá, aluno que você nunca nem viu. Essa questão da rotatividade...

E: Sim...

L: ...realmente dificulta muito. Então eu acho assim... Não tem a SAP, né? Esses programas que tem aí. Deveria ter, igual, não poder entrar de forma irregular nele...

E: Ah, da Funap [27:06]?

L: É, Funap.[Inteligível 27:08]. Nesses poderiam. Porque não é uma vida acadêmica, é um curso. É apenas um curso que a pessoa tá fazendo.

E: Sim. E talvez ter um preparatório pra entrar no próximo semestre, né? Alguma coisa assim, né?

L: Isso sim! “Ah, porque é o direito de estudar...”, mas não diz onde. Se lá dá remição também, eu acho que seria mais viável colocar nesses programas e nas escolas só a cada seis meses, ou então, por exemplo, até o primeiro, até os primeiros quinze dias de aula, tudo bem, ainda dava, né? Que daí você volta o conteúdo, pega o caderno da amiga, da uma ajeitada no... Porque também material, né? Né? Então era o tempo que consegue organizar já que o material também demora a ser disponibilizado. Aí aquela ainda consegue se encaixar nos quinze dias, mas um aluno que começou a semana passada, a gente no segundo bimestre: “Ai, professora, vou ter que copiar todo o conteúdo?”. “Vai.”. Eu vou fazer o que, dizer que não? “Vai, vai fazer uma atividade pra mim porque, se porventura, pedirem alguma nota pra você eu vou ter que dar”. Só que aí você passa o conteúdo de dois meses a pessoa vai copiar, imagina o tanto que tem?

E: É.

L: É cruel até com o próprio aluno. Né?

E: E como é que você faz pra preparar a aula em decorrência disso? Porque você falou que faz todo um diagnostico inicial e aí, de repente, surge alguém no meio do caminho.

L: Surge alguém. Aí ela vai ter que entrar, dançar conforme a música, porque, infelizmente, eu não vou ter como voltar mais.

E: Sim.

L: No roteiro não vai dar pra alterar, não, porque senão todo dia eu tenho que mudar, se for assim, entendeu? Aí você vai “ó, não...”. Por isso que a minha parte avaliativa eu avalio assim. Faço atividades em grupo, hoje eu faço uma atividade valendo tantos pontos, amanhã faço outra, porque, de repente, a aluna simplesmente hoje tá aqui e amanhã foi de semiaberto. Faltando um dia pra fechar o bimestre. Eu não vou deixar a aluna sem nota. Quando ela podia concluir naquele semestre, por causa de dois dias não vai concluir? Se ela fez a atividade durante o tempo que tava comigo, ela conclui, entendeu? Por isso que eu tento fazer essa avaliação assim, é uma atividade daqui outra dali, pingada, né? Como chama no Es... É... Avaliação...? Ai... Pro... Continuada!

E: Aham.

L: Aí é assim que eu faço, porque é o que facilita porque senão...

E: E aí, nesse sentido, então os setenta e cinco de frequência ele nem é tão rígido assim?

L: É outra questão que a gente enfrenta, porque quando você lança no sistema que a aluna começou naquele dia no seu diário ela tá naquele dia começado. Você risca até a data e a partir da data você consegue colocar frequência. Quando você chega no sistema, se você colocar falta ele vai expulsar a aluna. Certo? Vai dar as setenta e cinco e então você tem que colocar presença pra ela.

E: E isso, inclusive, quando tem blitz essas coisas, porque não tem reposição de aula aqui, né?

L: Isso. Então a gente fica lá na escola.. Inclusive saiu uma nova legislação que a gente já ficava e agora só reafirma que a gente tem que ficar lá e entrar na sala de aula lá.

E: Quando tem blitz aqui?

L: É. E que lá não houver professor... O professor faltou e algum aluno tiver sem professor, a gente tem que entrar como PAA, que é Professor Auxiliar..., de Apoio Auxiliar, alguma coisa assim. E dar aula e ficar a disposição da escola pra qualquer eventualidade, pra qualquer lugar que a escola quer que a gente trabalhe.

E: E isso só pra categoria O?

L: Só pra O.

E: Entendi. É porque...

L: Só pro prisional.

E: Ah, pra quem tá no prisional?

L: Só para o prisional.

E: Entendi. E aí nesse sentido então vocês acabam registrando muito mais aulas do que, de fato, existem, porque vira e mexe tem blitz, vira e mexe...

L: Isso mesmo.

E: ... sai gente, entra gente.

L: É, infelizmente, sim. Pelo menos, tem meses... É porque aqui entra muito, né? [Inteligível 31:04] porque a cadeia é muito maior, tem muito mais presa, né? Tem muito mais brasileira, então entra muito mais. Tem mais intervenção. Na Unidade 2 não tem tanta quanto aqui. E aqui... Mas se fosse pra repor muitas alunas já teriam ido embora. Outra coisa, a gente estava. Né? O problema é que não teve aula não foi por não estarmos. Nos estávamos aqui.

E: Uhum.

L: Entendeu? Por isso que não tem como repor. Porque você já pensou? A gente nunca ia ter férias?

E: É.

[Terceira pessoa]: Oi, tudo bom?

E: Tudo bem?

L: Entendeu?

E: Sim.

L: Não dá.

E: E sábado não dá também.

L: Não dá. Por isso que a gente tem que correr com o conteúdo, porque tem essas intervenções também.

E: E como você avalia – você falou um pouco, mas – a estrutura física e pedagógica das escolas na prisão, de certa forma? Você já tem experiência em outras também e tal.

L: Olha, sendo sincera, eu acho que esse projeto foi criado, mas foi, a implantação dele foi assim, jogou. Entendeu? Vamos só criar só pro povo saber que existe, porque, você vê, a estrutura é precária. Dessa unidade principalmente. Por exemplo, ontem choveu, você tem que afastar aluna com medo do teto cair. Molhou a menina... A gente tava fazendo atividade aqui fora e ela esqueceu o material, molhou o caderno da menina todinho. A estrutura física é super precária. Ó a sala dos professores, né? Ó o barulho, a acústica daqui. Volta e meia chega um professor na sua porta: “Prô, licença...”, “oi”, tem como você falar um pouquinho mais baixo aí porque eu tô fazendo atividade?”. Cê jura que você tá falando baixo? Porque professor fala alto por natureza, né?

E: (RISOS).

L: Você tá convicto que tá falando baixo e tem um professor pedindo pra você ser mais silencioso. Então a estrutura física daqui, sinceramente, só as cadeiras são boas, o resto... (RISOS). Deixa muito a desejar. E a parte pedagógica... Então, os professores são bem esforçados, são muito bons os professores – a maioria, né? Sempre tem algum assim, mas eu também não sei porque eu trabalho com os da manhã e a maioria da manhã são bons. O auxílio que a escola da pra gente é muito bom. Sinceramente, no que compete a eles e que eles podem resolver, eu nunca tive dificuldade, não. E olha que já é o terceiro diretor que eu pego lá na unidade. Seu Lorival, Dona Mariana e agora Carolina. Já é o terceiro e eu nunca encontrei dificuldade com eles.

E: São os diretores da escola?

L: Da escola, Escola Vinculadora! Mas aqui na Casa você encontra muita dificuldade. Muita mesmo. É escassez de material... Porque vem uma verba pra aqui, pra eles comprarem material...

E: Ah, vem a verba ou vem o material já?

L: Vem. Tem o cartãozinho que vem direto pra aqui a verba. Antes ia pra escola e depois foi transferido pra aqui. Todos os nossos materiais era a escola que dava, agora vem pra cá.

E: Só os livros didáticos que vem?

L: É, livro didático vem, vem direto. Assim como vai pra escola. Mas a verba é igual a escola. Vem uma verba destinada ao projeto, porque foi feita uma reunião conosco e nos foi informado isso.

E: Pra comprar caderno, lápis, etc.

L: Tudo. Todo o material que for necessário. Entendeu? E daí outra coisa que eu acho que deveria que ter era um coordenador aqui, só para o sistema prisional. E que viesse aqui! Porque é complicado pra gente. A gente trabalha aqui, mas a gente tem que se remeter à escola, porque tem muitas coisas que se a gente falar aqui o pessoal não vai gostar. O pessoal da educação não vai gostar. Aí eles diz logo assim: “é porque a gente não trabalha só com esse setor”. Por exemplo, essa questão de nota, se tivesse alguém - de cadastrar aluno –, se tivesse alguém, por exemplo um coordenador pedagógico que poderia desenvolver essa atividade.

E: Aham.

L: Só pra suprir as nossas necessidades, porque você também chega no ATPC... Não é nada relacionado a gente!

E: Porque daí você cumpre o ATPC na escola?

L: Na escola! Porque quando o projeto foi criado a gente fazia um mensal na unidade e os outros três na escola. Mas nesse um dava pra gente colocar alguma coisa em dia dava pra relatar as coisas, via como de fato é. A gente não precisava falar tudo, né?

E: Aham.

L: Porque algumas coisas tavam visíveis, mas sempre tinha... Quando eu entrei eu só tava na Unidade 2 e sempre tinha isso. Depois não mais. Só na escola.

E: E aí acaba... Muitas vezes você não encontra os professores que não dão aula aqui porque cada um cumpre ATPC num horário, num dia...

L: Isso. É.

E: E vocês acabam não tenho muito respaldo.

L: Muitas informações desencontra e é isso mesmo, não tem respaldo. É muito raso o respaldo que a gente tem.

E: E as vezes tem algumas dificuldades específicas, né? Relacionadas não só ao público que vocês atendem aqui como ao próprio sistema...

L: Isso.

E: ... a própria estrutura prisional.

L: Por exemplo, o professor de artes. A gente só se encontra na terça-feira. E encontra assim, eu vou chegando e ele vai saindo. Aí ele vai, faz ATPC e depois a gente não se vê mais. Aí vai ter o conselho de classe, quando chega lá no conselho de classe a aluna não teve nota com ele, teve comigo e como é que fica? Como é que a gente não teve consciência na hora?

E: É, porque vocês nunca conversaram, né?

L: Não conversa, não se vê.

E: E você acha que se tivesse essas melhorias tanto de estrutura física, de material, de organização pedagógica... Isso contribuiria para uma melhoria na própria organização da educação das prisões?

E: Sim, e até pra própria aluna porque tem informações que elas nos pedem que a gente não sabe dar. Suponhamos: "Professora, que série eu estou?". Não sei! Eu não sei uma série que nenhuma aluna minha tá, porque você não recebe essa informação, é multiseriado. E quando vem a lista do aluno não diz a série que o aluno tá.

E: É uma lista só pra todo mundo?

L: Entendeu? É uma lista só que tá todo mundo e você...

E: Quem sabe essa informação? Só a diretoria de ensino?

L: Não, a diretoria de educação daqui. Também nem sabe. (RISOS).

E: Não, a diretoria de educação daqui que você diz é a...

L: A Pamela

E: Ah, tá.

L: Entendeu?

E: O pessoal que trabalha aqui?

L: Isso. O setor da educação daqui. Entendeu? Aí seria bom porque essa parte de material.... Porque, olha, até um mês atrás as alunas não tinham recebido o material. Estavam em bloquinhos. Fazendo bloquinhos, bloquinhos, bloquinhos, bloquinhos. E vem a verba, entendeu? Aí não dá porque, no começo não dá porque senão pega e vai fazer comércio, desiste da escola e vende. Por isso que não dá. Mas depois de um mês? Se não tivesse essa rotatividade até isso diminuiria.

E: Mas de repente poderia ter um lugar pra deixar guardado aqui os materiais, né?

L: Por isso que na Unidade 2 não leva, deixa o material na escola.

E: Ah, fica na escola?

L: Mas aqui não tem lugar nem pro professor guardar o material.

E: Ah, não sabia que lá ficava na escola.

L: Fica na escola, elas não levam.

E: Aí leva o caderno, a caneta, o que precisa pra fazer atividade, né?

L: É. Só leva no dia que tem atividade. E aí pede autorização pra levar. Mas elas não podem levar o material. Nem caderno, nada, só as canetas que podem levar. Agora aqui não, aqui elas levam. Mas aqui não tem lugar nem pro professor botar material, vai ter pro aluno? Entendeu? Ó, a estrutura da Unidade 2 é mais semelhante a escola do que aqui. Você já entrou na sala dos professores, né?

E: Lá?

L: Lá na Unidade 2.

E: Eu conheço lá.

L: Pronto, você conhece. Você chega lá tem a biblioteca do professor, aí ele põe o material dos alunos, na sala dos alunos tem armário que pode ficar o material deles. Quando a guarda tranca fica lá fechado e o professor tem o seu espaço de deixar... Até mesmo o lanche. Porque quantas horas a gente passa na escola? No nosso intervalo aqui a gente não faz praticamente nada, são dez minutos. Mas lá tem um café, entendeu? Porque a guarda faz um café e deixa lá. Aqui, ó! Ó a bagunça que é isso aqui! Nem parece uma sala de professores.

E: Uhum.

L: Entendeu? Se você quiser trazer um lanche pra não ficar todo dia tendo que passar na revista pra você tomar um lanche na hora do intervalo, você não pode deixar aqui porque não tem onde guardar. Os meus diários eu fico morrendo de medo de deixar aqui, porque se um diário desse some eu sou a responsável pelo diário. Mas só que aqui eu já falei pra eles, se sumir a culpa não é minha, está na unidade. Se não tem tranca o armário a culpa não é minha. O diário tem que permanecer na unidade escolar. A lei diz isso. Então se sumir a culpa não é minha! Não deixo no armário lá fora, não deixo na minha casa, eu deixo aqui! Até um dia eles se tocarem que a gente tem que ter um armário! Quantos anos tem esse projeto e é assim?

E: Acho que falta diálogo, né, entre a Secretaria de Educação e a administração penitenciária.

L: Também. Antes, no começo, sempre a Diretoria de Educação, a Diretoria de Ensino sempre ia lá na Unidade 2. As vezes eles iam lá, pediam pra ver o diário de professor, olhava a estrutura física. Com certeza olhou aqui, né? E sempre tá fazendo fiscalização. Mas agora nem mais.

E: Isso foi só no início?

L: Só no início. Primeiro ano. Só que também eles chegavam e queria... Queria chegar sem marcar, né? E você tem que fazer, fazer uma solicitação. Como você não é um funcionário frequente, você tem solicitar um dia que você possa ir.

E: Aham.

L: Aí eles disponibilizam a sua entrada, deixa lá na frente liberado pra você entrar. Eles queriam chegar e ser atendidos, aí a diretora lá disse que pra eles irem eles tinham que fazer, agendar pra poder ir, que não podia funcionar assim porque é uma cadeia, né? Aí, depois disso, nunca mais foram.

E: E como é que você avalia a sua relação com as alunas?

L: Na maior parte do tempo é tranquilo. É boa. É muito boa. Só tive problema com umas duas alunas. Mas assim, também não foi nem problema muito grande, não. Foi que uma tava fazendo barulho e pedi pra ela fazer silêncio muitas vezes, inclusive eu estava com dor de garganta nesse dia e eu pedi umas três vezes ou quatro e não fizeram. Aí eu gritei na sala de aula "silêncio!". Daí ela saiu e veio falar com essa guarda aí que eu tava gritando com ela e que ela não ia gritar comigo. Que eu não ia gritar com ela! Aí eu passei e vi que ela tava conversando, sabia que era sobre mim mas não ia me intrometer. Até que ela me chamou e disse "tá vendo, L? Eu tô dizendo aqui pra guarda que você gritou e eu não gostei porque eu não sou criança e daí você não vai gritar comigo". E daí começou a querer se crescer, né? Aí eu escutei tudo que ela disse, daí quando ela terminou eu disse assim: "Na minha sala a autoridade sou eu, se você fizer barulho e eu pedir com educação e você não se calar, porque eu preciso de atenção pra dar aula, eu vou gritar de novo. E grito uma e grito mil vezes for necessário". Aí ela fez assim "comigo você não grita mais", "se tiver na minha sala eu grito, sim". Aí ela não voltou mais pra aula. Aí deu uma semana... Era aluno que não quer estudar, você conhecer o perfil do aluno que não quer estudar, entendeu? Passou uma semana e não veio mais pra aula.

E: Mas geralmente a relação é tranquila?

L: Tranquila.

E: É respeitosa...?

L: É, por exemplo, tem aula que a aluna diz "amanhã eu não venho que é aula de tal professor". Na minha aula elas dizem assim "ah, professora, eu venho amanhã na aula da senhora." Entendeu? Porque eu tento ver o lado delas, entendeu? Essa questão de, por exemplo, delas estarem com alguma dificuldade... As vezes elas chegam com algum problema aí você conhece o aluno, "qual o problema que você tá tão triste?". Aí ela vem e conversa alguma coisa com você. Por mais que você não tenha, não deva ter essa relação que você fala da vida pessoal, mas tem coisa que você não consegue, que é da sala de aula! Que os próprios teóricos, como Paulo Freire mesmo, diz que a gente tem que ter afetividade com o aluno. Se a gente não tem afetividade ele não consegue confiar em você e não consegue desenvolver as habilidades e as competências necessárias pro desenvolvimento da educação. Aí daí você tem que chegar no aluno e mostrar que você se preocupou

com ele. Aí as vezes elas conversam com você, precisam de uma... As vezes não diz o que é, “ai , prô, é que eu tô passando por um problema..”, aí você dá aquela ajuda, dá uma de psicóloga fajuta e daí vai tentando dar um conselho, fala que vai melhorar e tal, essas coisas assim que elas querem ouvir, né, pra levantar a autoestima delas e isso tudo contribui. Mas na maior parte das vezes eu me dou super bem. E elas todas fazem as minhas atividades. Todas!

E: E tem mais alguma questão que você acha que é pertinente de você falar sobre o funcionamento, sobre alguma coisa da escola?

L: Não. Acho que eu já falei demais, né? Que eu falo mais do que devia ser.

E/L: (RISOS).

L: Mais do que já tava na entrevista. Mas é isso que eu coloco pra você. O material vem atrasado, quando vem livro didático vem livro que já saiu de linha – vamos dizer assim -, de linha, né? Que não é o da proposta. As vezes você não consegue... Ah, as vezes você não consegue desenvolver algumas atividades, por exemplo, de filme porque, vejam só, em uma unidade desse tamanho é o mesmo setor educação e produção. Só tem um aparelho de DVD. Você tem que reservar com antecedência, ver disponibilidade pra fazer. Senão tiver... Escassez de material... É horrível.

E: E tem que ter autorização específica pra entrar o DVD também e tal.

L: Tem que ter autorização. Tudo isso. Aí a gente pede previamente. Só que, por exemplo, pela questão da autorização a gente já sabe porque tem as normas e tudo. Mas, por exemplo, se você consegue autorização, “ah, prô, até consegui a autorização, mas o DVD vai ser utilizado pelo pessoal da produção.”. Você já não pode fazer aquela aula, entendeu? Essa televisão? Linda, maravilhosa! Não funciona. A que funciona é aquela de tubo, desse tamanho que tá ali. Essa daqui pra funcionar e é melhor você nem tentar porque você perde sua aula. O som tá ali, mas não pra usar porque a acústica não permite. Não dá pra você trazer uma música, uma coisa diferente. Não dá! Entendeu?

E: Aham.

L: Então esse aspecto de material de apoio pedagógico é muito complicado. Mas no mais eu já falei tudo, né?

E: Tá certo.

L: Se precisar de mais alguma coisa, você se lembre e me pergunte.

E: Tá certo (RISOS). Obrigada!

L: De nada!

Entrevista 2 – Wagner

E: Ok, vamos lá! Primeiro eu gostaria que você se apresentasse, falasse seu nome, idade e sua área de formação.

W: Tá. Meu nome é Wagner, tenho vinte anos e estou me formando em licenciatura em matemática, né? Específica em matemática.

E: Entendi. Que ano que você tá?

W: Último.

E: Último?

W: Último ano.

E: E tem quanto tempo já que você atua como professor?

W: Vai fa... Esse é o terceiro ano que eu leciono já, no Estado de São Paulo.

E: Entendi. E no sistema prisional tem quanto tempo?

W: É o segundo.

E: Segundo ano então?

W: É.

E: Começou fora e depois veio pro sistema?

W: É. Eu fiquei um ano inteiro fora, no regular, né, aí a partir do segundo eu vim pro prisional.

E: E você já deu aula em outras unidades? Ou dá aula em outras unidades além daqui?

W: Eu já dei aula em reposição lá na Unidade 2. Unidade 2.

E: Mas mais tempo é aqui mesmo...

W: Sim.

E: ..que você dá aula?

W: Sim.

E: Entendi. E como é que você decidiu vir dar aula na prisão?

W: Então, eu tenho mais facilidade em relações de inclusão? Eu creio que eu tenho mais facilidade, o meu perfil é mais pra lecionar para pessoas de inclusão.

E: Aham.

W: Só que é... No primeiro ano eu comecei a dar aula na escola regular, né? Quando virou o ano, como os contratados é difícil pegar aula no começo do ano, eu fiquei sem aula. Eu tinha só quatro aulas de física lá na escola e eu precisava de mais aula.

E: Aham.

W: E como o outro professor de matemática daqui tinha entrado em duzentena, elas estavam sem o professor de matemática. Ficaram até março sem professor de matemática. Aí minha diretora perguntou se eu queria lecionar aqui pra dar matemática e física pra elas. Aí eu aceitei e comecei.

E: Entendi.

W: Fiz o projeto, né? Toda aquela burocracia. Fiz o projeto, entrevista, classificação saiu lá na diretoria...

E: Tem um processo seletivo específico...

W: Sim.

E: ...pra entrar aqui?

W: Sim. Tem que apresentar projeto, tem todo um edital, né? Tem um edital, período para inscrição, entrega de projeto, entrevista com a supervisora de ensino e com a diretora da escola... É... Aí é avaliação da pontuação de magistério...

E: E esse tipo de processo só tem pra lecionar na prisão ou tem em geral?

W: Então, esse tipo de processo é mais para projetos, né?

E: Tá

W: Essa coisa de entrega, de proposta de projeto é mais pra projeto. Educação nas prisões, classes hospitalares... Né? No regular não tem isso.

E: Que fujam da sala de aula regular?

W: Isso.

E: Tá. E qual que é a sua categoria hoje na...

W: Eu sou categoria O.

E: Categoria O.

W: O.

E: Desde que você entrou sempre. foi..

W: Sim, sempre fui O.

E: Até porque...

W: Não, eu entrei como V.

E: Entrou como V?

W: V. Aí depois eu me tornei O.

E: Qual a diferença de V e O?

W: O V ele é apenas eventual. Eventual. Cê contrata apenas pra eventual.

E: Entendi.

W: E depois eu me tornei "O".

E: O "O" você já consegue assumir algumas aulas?

W: Atribuir aulas.

E: Atribuir. Tá, entendi. E aí assim, teve algum motivo específico pra você escolher dar aula aqui além dessa da diretora te oferecer? Porque você poderia negar. O que que te fez escolher vir pra cá?

W: Então, pra falar a verdade mesmo foi só isso. Eu estava sem aula mesmo aí ela falou "tem não sei quantas aulas lá, você quer?", eu falei "quero". Porque assim, eu sei que eu tenho facilidade, eu tenho perfil...

E: Aham.

W: ...pra lidar com pessoas assim. E eu gosto bastante. Então não foi uma coisa de parar pra pensar. Eu não parei pra pensar, não. Eu falei "vou, vamos".

E: Foi necessidade a princípio?

W: A princípio, sim. Necessidade.

E: E você percebe alguma diferença nessa... -você já tem experiência - lá fora e aqui? Dos alunos fora da prisão e aqui dentro?

W: Nossa. Ai, totalmente.

E: Em que sentido?

W: Disciplina, respeito, valorização...

E: Aqui dentro você acha que tem mais?

W: Bem mais. São extremos, né? Elas não são obrigadas a estudar aqui, né? Elas estudam porque querem mesmo, né?

E: Aham. E fora você dava aula em EJA também, não?

W: Não, EJA eu já cheguei a dar aula como eventual, nunca atribui uma sala de EJA. EJA mesmo foi só elas mesmo, só as meninas.

E: E no EJA, mesmo lá fora você sente que tem essa diferença ou já é mais parecido quando é EJA, na sua experiência que você teve?

W: É mais parecido com o regular ou com....

E: Não, não, com elas.

W: Ah, se é mais parecido com elas?

E: É. O perfil do aluno de EJA fora e aqui dentro. Ou não?

E: É que assim, as pessoas, o pessoal do EJA é aquele pessoal que por algum motivo não conseguiu concluir os estudos. Eles são de uma época que o professor era valorizado. Então trabalhar com EJA já é diferente. Que eles não são dessa geração que não dá valor pra nada. Os valores são diferentes. Então o pessoal do EJA, em si, tem um olhar diferente pro professor. Por isso que é... É parecido sim.

E: Aham. Essa valorização?

W: Sim.

E: E isso fez você escolher posteriormente ficar só na penitenciária? Essa relação com o aluno, do aluno com o professor?

W: Ai, eu amo elas, né? Eu gosto bastante delas.

E: Isso acabou contribuindo de alguma forma?

W: Ô, bastante. Bastante. Porque eu não fico num lugar que eu não me sinto bem, se eu não gostasse eu não estaria mais aqui, não.

E: Aham. E você acha que a educação aqui pra elas vai ajudar, de alguma forma, a volta delas pra sociedade? Ou pode ajudar? Enfim...

W: Pela educação?

E: Isso. A ideia... Ter educação dentro das prisões pode contribuir pra volta dessas mulheres?

W: Olha, contribui. Contribui, sim.

E: De que forma você acha que pode ajuda-las?

W: Ah, a partir do momento que você agrega mais conhecimento, você tem um olhar diferente pras coisas, né?

E: Aham.

W: Mas não que... Assim, eu só queria separar, não que elas vão... Por exemplo, só porque estudaram aqui na escola, não que elas vão... Vão sair assim... É... Como eu posso te dizer? Porque assim, tem muitas meninas que querem concluir até lá fora, fazer faculdade, isso e aquilo. Só que nossa sociedade é tão assim que quando elas voltam, geralmente, elas voltam acometer o mesmo delito. Voltam na mesma estrutura, sociedade... Que influenciam bastante elas. Elas até querem mudar. Só que o ambiente, o ambiente influencia bastante, né, o ser? Então se ela convive num meio que não vai ajudar ela e que é propício a fazer coisa errada a tendência é fazer coisa errada, né? Essa coisa de oportunidade de mudar. Aqui elas... Têm. Né? Aqui elas têm mas não é só escola. Tem o regime disciplinar, tem tudo isso. Mas quando elas voltarem pra lá vão morar... A maioria são de periferia, a maioria convive com pessoas que não concluíram o segundo grau, com marginalidade... Então não sei se... A escola ajuda bastante, mas...

E: Mas vão ter outros fatores que vão...

W: Que influenciam.

E: que influenciarão ou não?

W: Sim.

E: Entendi. É... E assim, como é que funciona pra você organizar as aulas em salas multiseriadas? Porque essa é uma coisa que nem sei se existe fora mais... Isso existe em algum...

W: Nossa, eu nunca vi isso lá fora.

E: Ou deve ser em algum interior e tal. Como é que é pra você organizar uma aula pra pessoas que estão em salas diferentes, em níveis educacionais diferentes.

Professor: É, de primeiro momento eu falei “nossa, que que eu vou fazer?” Se numa sala de “Fund é de quinta, sexta ao nono ano.

E: Você dá aula sopra Fundamental Dois?

W: E médio.

E: E Médio, tá.

W: Pra Fundamental Dois é pior porque é sexto, sétimo, oitavo e nono. São quatro, numa sala só. Ó, de primeiro eu tive dificuldade. Depois eu fui analisando o perfil. Por quê? De primeiro contato eu passei uma avaliação diagnóstica. Eu peguei um pouquinho de algumas habilidades e competências de cada ano e coloquei numa avaliação diagnóstica. Quando elas fizeram e me entregaram eu pude avaliar, né? Qual o nível que..., qual é a média de nível que elas tão. Aí eu vi que umas estão no nível sexto... Porque é assim, a burocracia aqui diz que umas estão no sexto, sétimo, oitavo pra mim não é nada. O que me diz que ela sabe mesmo é ali, ela me mostrando, porque não adianta você ficar... Que nem, tem uma moça lá que tá no sétimo ano. Ela não é alfabetizada. Eu peço pra ela fazer uma continha de mais e ela não sabe nem qual é o sinal da operação de adição. Aí então eu vi. Eu pensei “quer saber eu vou pegar do básico e vou subindo”. Então o que que eu faço hoje em dia? Tem muita circulação de meninas, né? Eu dou conteúdo de sexto ano e vou caminhando com elas. Dependendo do que elas me respondem, eu avanço. Mas eu começo lá de baixo.

E: Aí independente se tem alguém que já tá mais avançado ou não.

W: Independente.

E: Você dá a mesma aula pra turma toda?

W: A turma toda. Aquela inclusive que sabe mais, pra ela não ficar desmotivada por achar que é muito fácil isso e aquilo, eu já passo um desafio em seguida pra ela ir fazendo.

E: Aham.

W: Que aí elas, geralmente, terminam mais rápido, né? No médio já é diferente. No médio eu, invés de começar do básico, lá do primeiro ano do ensino médio, eu não faço isso. Eu tento trabalhar conteúdos que têm um grau de dificuldade mais baixo.

E: Entendi.

W: Né? Porque as vezes elas vão pro ensino médio e não tem uma base boa lá do fundamental pra continuar, sabe?

E: Sim. E você comentou que dá aula de matemática e física, é isso?

W: Isso.

E: Tanto no Médio quanto no Fundamental Dois?

W: Fundamental Dois é só Matemática.

E: Tá. E como é que é pra você... A sua área de formação agora, que tá terminando aí, é de Matemática, como é que é pra você dar aula de outra disciplina? No caso, da Física?

W: É gostoso porque eu nunca tinha assim vivenciado dar aula de Física. E não gostava muito de Física. Aí ano passado eu dei aula pra dois Terceiros lá no regular, né?

E: De Física?

W: Eu me apaixonei! De Física. Eu me apaixonei. Gostei. É tão gostoso. É interessante, né? Tranquilo.

E: E é tranquilo pra você preparar aula?

W: Tranquilo, tranquilo. Porque ensino de Física é tratado muito como exato, sabe? Tem que ser tratado mais como uma ciência, como uma curiosidade.... Não é só cálculo. Que cálculo de Física, vou te falar, viu? (RISOS).

E: (RISOS).

W: É tudo em notação científica, né? Base dez. Aí elas tem que ter noção de potencia que é da matemática. Se elas não têm, já fura. Então você trabalha no com a Física num aspecto mais de curiosidades. Trabalha também com cálculos, mas não só isso. Mas é legal.

E: Você falou da rotatividade, né, das alunas? Em decorrência disso, como é que você faz pra preparar suas aulas? Porque de repente você tá, sei lá, chegando lá no sétimo ano com conteúdo e daí sai metade da sala e chega gente nova.

W: É..

E: Como é que você faz pra planejar aí?

W: Aí que que eu faço? Eu passo a... Eu sempre passo um exercício, né, uma atividade. Eu passo a atividade para elas fazerem aí aquelas que não pegou a explicação eu chego nelas e explico separadamente enquanto as outras fazem.

E: Pra tentar fazer com que elas acompanhem de onde a turma tá?

W: Isso, isso. Isso. Aí na hora da prova, né, da avaliação, eu só cobro de onde elas chegaram. As vezes eu tô carrasco, as vezes cobro tudo. Não quero saber, vai estudar (RISOS).

E: (RISOS). Entendi. Como você faz o processo de preparação de aulas? Então, antes de chegar aqui pra dar a aula? Como é que você faz pra preparar suas aulas?

W: Sempre ando com um livro. Eu saio daqui e eu vou andando pra casa lendo. Aí eu vejo um exercício bacana, já circulo ele pra passar pra elas. Aí vou pra faculdade também lendo. Saio da faculdade... Minha vida é vinte e quatro horas Matemática, né? Vinte e quatro horas. Aí chega lá o professor explica uma coisa diferente aí eu acho tão curioso que falo "vou passar pra elas isso". Porque não?

E: Aham.

W: Aí pego o meu caderno de anotação e eu também levo e entrego pras meninas. É assim.

E: Então você vai preparando no dia-a-dia cotidiano, nas vinte e quatro horas de Matemática.

W: Andando. Andando, andando. Andando, fazendo muito exercício.

E: E como é que você avalia a estrutura física e pedagógica da escola na prisão?

W: Ai, isso aqui é horrível. É horrível a sala. A estrutura física dessa escola.

E: E a parte pedagógica? A questão de materiais....?

W: Ó, até quem tem coisas boas aqui, viu? Encontrei até coisa do Objetivo, do Hexag, coisa boa. Só que tinha que ter um material específico, né?

E: Como assim?

W: Aqui é tudo regular, como se fosse... Porque o EJA é seis meses. Aqui tem livro de ensino regular, é tipo programação pro ano inteiro, né? Pro ano letivo inteiro. Pra duzentos dias, né?

E: Aham.

W: Tinha que ter um específico pro EJA. Apesar que tem. Só que eu acho tão fraco esses livros. O de Matemática é tão fraquinho, tão fraquinho. Muito fraquinho.

E: E os materiais pras alunas? Como é que você avalia isso? Material didático.

W: Não tem pra todas. A gente trabalha com o que tem, né? Eu trabalho bastante em grupo.

E: Caderno, essas coisas... Lápis, caneta, tesoura, cola... Material escolar.

W: E até legal. Elas guardam pra material, porque, como tem muita rotatividade, o que que a presa pode fazer? Entra na escola - ela é esperta -, fica dois dias, pega o material e não vem mais. O que ela faz com o material no pavilhão? Vende. Até acho legal isso deles, segurar um pouco. Não precisa segurar muito. Segura um pouco, vê se a moça tá com compromisso mesmo de continuar na escola e entrega.

E: Aham. E não teria possibilidade de deixar aqui, por exemplo, os materiais? Só levar o que for necessário pra cela?

W: Nessa penitenciária, não. Na Unidade 2 assim, elas deixam tudo na escola. Chegam e pegam. É tudo na escola. Deixam o caderno. Nessa penitenciária não trabalha assim, não.

E: E aí nesse sentido acabam limitando o material pra elas?

W: Sim, elas podem fazer o que quiser.

E: E o que você acha que se melhorasse, tanto a questão da estrutura física, do material didático e dos materiais escolares pra elas, isso ofereceria algum tipo de melhoria pro ensino?

W: Demais.

E: De que forma você acha?

W: Bom, ó, por exemplo, se elas ganhassem cadernos de geometria daria pra trabalhar com elas geometria plana. Se entregasse lápis de cor... – porque sabe que pintar também relaxa, né? Qualquer tipo de material... Porque elas entregam um caderno pras meninas. Elas tem quantas disciplinas? Várias. O que que elas fazem? Elas separam. Eu passo muita coisa no Ensino Médio. As vezes, tipo, minha disciplina falta duas folha e não tem mais, aí elas tem que ficar pegando, elas grampeiam folhinhas, né, e entregam pras meninas. Tipo quatro folhinhas e entregam. Se tivesse um material bom pra elas daria pra fazer um trabalho muito bom. O professor de artes mesmo se vira com o que tem aí. Daria pra fazer um trabalho ótimo.

E: E você acha que essas melhorias são possíveis?

W: São, né? É só mexer o pauzinhos. São.

E: Então você acha que falta um pouco de interesse, talvez?

W: Um olhar, né? Uma atenção.

E: Da unidade específica ou da Secretaria de forma geral?

W: Então, eu não conheço como é o repasse de verbas da secretaria pra unidade, mas, creio eu - sim, afirmo -, que a unidade deve dar mais atenção pra escola.

E: Aham.

W: Deve sim.

E: E como é que você avalia a sua relação com as alunas? Como é que você vê a sua relação com elas?

W: Boa. Bom. Eu me dou muito bem com elas, né? Eu não sou só um professor de Matemática, né? Porque assim, a Matemática, você sabe que todo mundo tem receio com Matemática, é um bicho de sete cabeças, então a gente tem que fazer de qualquer forma isso sumir. Tirar isso da cabeça delas. Então o que nós fazemos? – eu faço! Chego, pergunto como elas estão, "tudo bem ,margaridas?", faço um lugar de... É... Tiro da cabeça delas essa coisa "Matemática é isso", reforço a coisa. Eu chego, pergunto se elas estão bem, brinco com elas, faço piada...

E: Aham.

W: Passo um exercício como “Dona Jubiscreuza...”, pra elas dar risada, sabe? Faço umas coisas diferentes... Que a Matemática por si é chata, sim.

E: (RISOS).

W: É. Tem que gostar, tem que gostar. Mas pra quem não gosta você tem que fazer coisas diferentes.

E: Uma forma de chamar, né?

W: É. E pergunta como ela tá.. Porque elas são seres humanos também. Cê pensa, uma moça que tá em reclusão... Ainda mais aquelas moças que não recebem visitas, não recebe jumbo, não tem muitas amizades lá dentro, então é um momento de relação professor-aluno, mas é um momento também de relação humano-humano.

E: Aham.

W: Entendeu? Tanto que da porta pra... Da porta. Como se tivesse porta. Do mural que tem lá pra dentro a minha relação com elas é relação professor-aluno. Eu esqueço que existe isso aqui. Eu não quero nem saber. Sabe? Não quero nem saber. Eu sei que a casa tem suas regras, tem seus métodos, não pode fazer isso, não pode fazer aquilo. A gente segue que é regra da casa, né? Mas assim, a relação professor-aluno se for bem reforçada e se for bem positiva, influencia muito no processo de ensino e aprendizagem do aluno.

E: Uhum.

W: E eu acho – acho não, tenho certeza! -, aqui nessa unidade, na escola, muitas vezes algumas ações e atitudes dos agentes dificulta muito esse processo. Dificulta bastante. É difícil, viu?

E: Mas o processo de trabalho de professor ou da relação que as alunas vão estabelecer com os professores e com a escola?

W: Não, do trabalho do professor. Porque eles tão aqui pra cuidar da disciplina delas, né?

E: Sim.

W: Então lógico que elas tem que ver se as meninas tão... Né? Isso sim. Mas do meu trabalho, porque meu método de trabalhar é que nem eu te falei. Eu chego, pergunto se tá bem. É dessa forma. E muitas vezes eu sou olhado diferente por causa desse meu jeito.

E: E você acha que não tem uma influência da unidade na autonomia do professor? Ou tem?

W: Tem.

E: A unidade atravessa e fala “olha, isso não pode fazer...”...

W: Sim, sempre. É, “isso não pode fazer”, “o professor não pode entrar com isso”. Por exemplo, a gente não pode mexer com mídias digitais aqui dentro. Materiais, tem uma série de restrições que não pode.

E: Por exemplo?

W: Por exemplo, se você for reparar lá no caderno delas, se tiver uma eu duvido que tenha. Um tipo de material. Mas não pode caderno de...

E: Espiral.

W: É. Arame, né? É arame?

E: Aham.

W: Não pode. Que mais que eu não posso trazer aqui?

E: Mas assim, em relação a sua autonomia de conteúdo, por exemplo. Existe algum tipo de influência, alguma questão assim ou não? Tipo, “não pode falar sobre isso, sobre aquilo”...

W: Não...

E: Isso não?

W: A Mate... Não. Na Matemática não. A gente tem que tomar um pouquinho de cuidado na Física, né? Porque as vezes elas tem umas curiosidades que eu não sei da onde surge (RISOS). Né? E de materiais isolantes, condutores, né? O que pode abafar sinais... Elas têm umas perguntas assim, aí você tem que tomar cuidado, né?

E: Aham.

W: Se elas tão perguntando isso quer dizer que por aí, né?... tem.

E: Pode ter alguma outra ideia...

W: Ló...

E: ... por trás.

W: Mas em relação a conteúdo, não. Mas essa coisa de escutar o meu trabalho é...

E: Só na questão de material você sente mais, de não poder trazer tanta diversidade de materiais?

W: Não, até trago jogos. Tem jogos aí, depois eu vou te mostrar, que eu trouxe. Eu sinto mais essa questão de... Essa questão de... De desconfiança. Essa coisa de “professor não pode fazer isso”, “professor não pode fazer aquilo”, “tô de olho”, “tô de olho”, tô de olho”. Porque, querendo ou não, a gente compara, né, com os nossos outros colegas de trabalho, né? Que a metodologia deles é totalmente diferente. Mas...

E: Que os outros colegas de trabalho você diz, outros professores?

W: Isso.

E: Ah, tá.

W: E é chato, né? É chato.

E: Você sente então que tem alguma coisa com você específico, é isso?

W: Não, com...

E: Ou com os professores no geral?

W: É, no geral, né? Aí como os professores não são bestas nem nada eles seguem as regras que eles mandam.

E: Entendi. E como é que o apoio da escola? Porque você é vinculado a uma escola de fora. Como é... Tem algum apoio, como é que é? Não tem?...

W: Ó, nós fazemos ATPC, né? Que é uma reunião pedagógica entre professores uma vez por semana. Aí fica uma hora e quarenta, né? E como eles não têm, não sabe de... Não têm essa noção, essa experiência, esse convívio com elas, com a escola ou com a unidade mesmo, não tem nenhuma base pra dar pra gente, né? Então é assim, nas reuniões a gente simplesmente senta, nós discutimos, lógico, de uma aluna ou de outra, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo, mas é nós que nos viramos.

E: Mas nem sempre os professores que dão aula aqui estão aqui estão no mesmo horário de ATPC, né?

W: É. Graças a deus eu tô no horário que a maioria tá, que é de terça.

E: E aí quando não tem, não como você discutir.

W: Aí sei lá, fica fazendo diário, fica fazendo outra coisa.

E: Entendi..

W: Mas não tem, tipo um suporte, né, da vinculadora.

E: Aham. E como que é quando você fala, por exemplo, pras pessoas, pra família, amigos, etc, que você dá aula na prisão?

W: “Como elas são?”. “Nossa, você dá aula na prisão! Como elas são?”. “Elas são melhores que os meninos?”. Eles perguntam, né? Aí eu explico. Elas são melhores, sabia?

E: Você já deu aula em unidade de masculino também?

W: Não, não. Eles ficam espantadas, aí começa a pergunta: “Você é revistado?” e “nananã, nananã, nananã”.

E: E você sente que tem algum tipo de... Alguém te olha meio estranho, vamos dizer assim, tipo “como assim, você vai lá passar a mão na cabeça de...”. Tem esse tipo de reação? Já teve?

W: Não.

E: Não?

W: Não.

E: É muito mais de curiosidade pra saber como é?

W: É. Só lá na vinculadora lá, na escola que os professores de lá são meio assim, sabe? Na verdade, até os professores, quando você fala que dá aula na penitenciária ficam meio assim. Uns tem curiosidade: “Ah, eu queria, saber?”, outros falam “não, eu não, deus que me livre!”, com repudio, sabe? E fala que as meninas... Até... Entra por aqui e sai por aqui.

E: Entendi. E tem mais alguma outra coisa que você acha relevante, gostaria de falar sobre o funcionamento da escola, da organização da educação dentro das prisões?

W: Tenho duas coisas pra falar. Ó, a primeira é que eu sinto que na escola deve se olhar diretamente na educação pras meninas. Então lógico que a unidade penitenciária aqui tem suas regras. Tem disciplina de disciplina, isso e aquilo. Mas a gente... Nós temos que saber que esse espaço não é diferente de qualquer espaço escolar. É um espaço de conhecimento, é um espaço de relações. É um espaço de

relação professor-aluno. Então a escola aqui na penitenciária deve ser olhado como uma escola, vamos dizer, comum, né? Porque não há nada de diferente aqui. Há livros didáticos, há espaços para salas de aula, há alunas, há professores, como outra qualquer. Então deve-se olhar mais como um espaço escolar.

E: Sim.

W: E menos como um campo reformatório. Menos, bem menos. Bem menos.

E: Entendi. Você falou que tinha uma segunda coisa. Duas coisas.

W: As meninas são ótimas, viu? Elas são ótimas, ótimas, ótimas. Elas tem um interesse fora do comum.

E: Acho que tem um que é dele.

Terceira pessoa: Não esse é seu.

E: É dela, né?

W: É.

Terceira pessoa: Obrigada, tchau.

W: Elas tem um interesse fora do comum.

E: Entendi.

W: Muito interesse. Fazem, vêm com uma energia boa. Elas vêm com uma energia ótima! Pergunta se a gente tá bem. Muito boas.

E: Entendi.

W: E a direção também tem que... Olhar também. Mais.

E: Daqui você diz?

W: É. Da casa.

E: Tá certo.

W: Tá bom?

E: Obrigada!

W: Imagina.

UNIDADE 2

Entrevista 3 – Lucas

E: Eu queria que você começasse me dizendo seu nome e a sua idade

L: Bom, meu nome é Lucas, eu tenho vinte e quatro anos.

E: É, a sua área de formação?

L: Eu tenho licenciatura plena em física e tenho pós-graduação em ciência matemática.

E: E quanto tempo você atua como professor?

L: Eu atuo como professor desde dois mil e onze, né, assim que eu estava se eu não me engano entre o quarto e o terçei.. terceiro e quarto semestre da faculdade eu comecei a lecionar no Estado.

E: Uhum

L: Depois eu ingressei na rede particular depois da minha formação em dois mil e treze e... leciono desde então

E: E no sistema prisional?

L: Hmm.. Eu cheguei no sistema prisional no ano de dois mil e quinze, né, é a princípio eu tive um pouco de dúvida se eu realmente vinha pra cá, mas com um grande déficit de aulas que não tinha pra supri necessidade no estado eu acabei vindo pra atua no projeto do sistema prisional

E: Tá certo. E você já deu aula em outras unidades ou só aqui?

L: Eu dou aula aqui na Unidade 2 e também na Unidade 1, também tive a oportunidade de trabalhar um mês no CDP dois de Pinheiros que lá é uma penitenciária masculina

E: Masculina. Certo. E qual que é a sua categoria? É efetivo?

L: Eu sou categoria O. Sou professor contratado

E: Certo. E teve algum motivo específico pra você escolher o sistema prisional ou não?

L: Então, o que me trouxe aqui foi mesmo a questão de não ter aulas na rua

E: Uhum

L: e que me trouxe pra cá vendo a oportunidade de poder trabalhar e não ficar sem trabalho durante o ano de dois mil e quinze

E: Bacana. E você percebe alguma diferença das alunas da prisão e de fora?

L: Assim, eu... eu vejo que dentro do sistema prisional, não sei se por causa da estrutura que elas tem de.. de uma rigidez muito complexa, eu acredito que funciona melhor do que a rua em alguns aspectos, em outros é diferente, é, as vezes a gente tem que ter um equilíbrio, entre o que eu posso comparar como alunas de conteúdo de trabalhado e também sobre a vida que elas passam, né, a gente tem que ter meio que um pé entre a vida e a educação, entre a matéria específica, se a gente não souber conciliar os dois a gente acaba não conseguindo trabalhar, mas eu vejo que em questão de trabalhar na rua e aqui, aqui elas tem muito mais vontade, tem muita diferença que por não ter tecnologias na aula de matemática ou de física por exemplo, eu vejo que elas são obrigadas a fazerem cálculos manualmente, o que na rua não se existe e acho que assim que também é uma forma melhor de se apreender certos conteúdos

E: E você acredita que a educação dentro da prisão ela contribui pra reinserção dessas mulheres, quando elas saírem daqui né (risos)

L: Eu acredito que sim, porque eu vejo que a educação, ela é um dos pilares fundamentais pra reconstrução do pensamento do ser humano, daí enquanto professor, eu sempre penso que eu estou preparando um aluno pra frente, não pra trás né e... acredito que eu enquanto professor, dando as oportunidades, mostrando caminhos que elas, elas podem aplicar tudo que elas tão aprendendo, elas podem buscar um novo rumo, igual eu disse anteriormente, aqui na prisão, a gente não prepara só o aluno pra amanhã em questão educacional e sim pra vida também, a gente acaba sendo meio que um psicólogo né

E: Uhum

L: onde a gente aconselha, dá conselhos pra que elas não se sigam este rumo, que com que esta preparação mínima que a gente tá dando aqui na prisão não é uma preparação complexa elas possam querer ingressar numa universidade, procurar um curso técnico pra fazer alguma coisa na área quando saírem daqui pra buscar um novo rumo da vida e não viver mais a margem da sociedade

E: Bacana hein. Que bom que elas tem você como professor né (risos)

L: É a gente tenta, a gente tenta introduzir e trabalhar propriamente isso, porque as vezes a nossa fala é uma fala muito, é uma fala que chega de uma forma diferenciada da fala que elas vivem todos os dias, né, muitas inclusive dizem que vem a escola porque elas veem na escola a oportunidade de aprender e também vê na escola a oportunidade de alguém que venha de fora e que trate elas diferente do que a realidade que elas vivem o dia a dia e isso é o que elas esperam do professor

E: Ahã, bacana. E como que é a rotatividade das alunas?

L: É muito grande

E: Uhum

L: Né, aqui, aqui não tanto, né, as vezes nós começamos com vinte alunas e gente tinha uma média de dez.. quinze, esse ano graças a Deus, ano passado teve uma rotatividade muito maior, esse ano Graças a Deus, nós começamos com um número muito grande de alunas e conseguimos manter esse número, principalmente no ensino médio, onde tem a maior evasão delas, né, talvez muitos professores, muitas disciplinas, muitos conteúdos aprimorados, façam com que elas acabam, desis.. hum, é, comprometem com essa desistência delas do curso, mas no geral, a, a evasão é muito grande, infelizmente

E: E como que você faz pra preparar as aulas com essa rotatividade grande?

L: Bom, é assim, eu.. eu penso que eu não posso pri..pri..pri.. dar primórdio pra um grupo específico, que são aquelas que estão ali sempre, né, eu tenho que pensar no todo, então geralmente eu trabalho com o que eu chamo de leque de ir e vir, então eu sempre entrelaço uma matéria com a outra, então por exemplo, eu to numa matéria “x” eu introduzo uma matéria “y” mas dentro dessa matéria “y” eu tenho que voltar pra matéria “x” porque as vezes a aluna não veio na segunda e terça, e ela vem na quarta pra ela conseguir acompanhar essa matéria esse vai e volta, assim isso acaba comprometendo um pouco o conteúdo porque o que você poderia andar na terceira marcha de um carro, você anda na primeira

E: Uhum

L: Só que isso também ajuda a você evoluir em alguns pontos, tanto que hoje mesmo eu disse, eu não posso pensa só, é, no básico, eu tenho que pensa além do básico, porque eu não estou preparando vocês pra viverem aqui o resto da vida, estou preparando vocês pra irem pra fora, então eu não posso pensa como básico do básico, tenho que pensa como algo evolutivo consequentemente.

E: Bom, e como que você avalia a estrutura física e pedagógica daqui?

L: Bom, a estrutura física, acredito que a estrutura física é muito boa, é, nós temos salas de aula adequadas, nós temos bibliotecas com livros muito bons né, a parte pedagógica eu, eu avalio aqui que a parte pedagógica não da unidade, de que nós mesmos, os professores preparamos dentro da escola pra virmos pra cá, porque a

escola aqui, tem o a diretora principal da escola, mas toda parte pedagógica vem da escola onde ela é vinculada, a unidade

E: Uhum

L: Então lá que nós temos a reuniões pedagógicas, então lá que nós temos conselhos pra avaliar notas tudo, é a parte pedagógica é uma parte que este ano particularmente a gente tá trabalhando muito junto, todos os professores estão querendo buscar o mesmo caminho, então estamos tentando entrelaçar caminhos juntos né

E: Então vocês tem espaço pra discuti fora daqui

L: Sim

E: O ensino daqui de dentro?

L: Isso, todas as semanas, as terças-feiras, nós temos um espaço aí de duas horas, que a gente discute exclusivamente as unidades prisionais, tanto a Unidade 2 quanto a Unidade 1, o tanto os professores que dão aula aqui quanto os que dão aula na Unidade 2, nós nos unimos e a gente discute propostas pra melhora, a gente discuti aquele aluno que tá evadindo mui.. que ta evadindo, aquela aluna que é um aluno bom, mas por algum motivo ele não ta indo, que tá acontecendo, e a gente busca junto com a casa buscar este aluno para que ele volte.. pra gente pode trabalha né, algumas largam também porque o quesito profissional, mas a gente tenta explica pra elas que nós fazemos sacrifícios, assim como eu fiz sacrifício de trabalha e faz faculdade, elas seguem o mesmo padrão, né

E: Uhum

L: E.. e eu acredito que seja dessa forma, então tanto a parte física é muito boa e a parte pedagógica também, a gente sempre busca juntar os dois né, e tentar fazer um trabalho razoavelmente bom

E: Bacana. E você acredita que seria possível alguma melhoria? Aqui dentro? E se sim, quais?

L: Bom, eu, ai eu já falo um pouco mais da minha área de ciências, eu acho que nós poderíamos fazer.. melhorar no quesito de trabalhar por exemplo atividades experimentais com elas

E: Uhum

L: Infelizmente, nós por estarmos numa prisão, nós somos muito limitados a algumas coisas, por exemplo eu não posso trabalhar com fio, então por exemplo, eu quero construir um sistema elétrico com aluno meu do ensino médio, não consigo porque eu barro nessa possibilidade né, até em alguns momentos a diretora da escola ela consegue a liberar algumas coisas, só que assim, a gente não consegue ter um espaço físico por exemplo pra criar um laboratório, seria uma boa e uma excelente ideia pode junta o a parte teórica com a parte prática, só que infelizmente eu não tenho esse espaço e não consigo enxergar a possibilidade de ter por conta das regras disciplinares que a unidade tem e assim, eu enquanto professor venho de fora, eu não posso exigir que a unidade se adeque a mim, pelo contrário eu estou vindo de fora, eu tenho que me adequa a unidade, então o que é possível nós fazemos, ano passado por exemplo, eu fiz alguns experimentos com elas que foram possíveis e pertinentes e que foram possíveis trabalha aqui, mas os outros que eu

quero fazer eu não posso, a gente tem que sempre adapta ou buscar coisas que sejam relevantes pra trabalhar aquele conteúdo

E: Uhum. E você acredita que essas melhorias ajudariam na qualidade do ensino daqui?

L: Com certeza, eu, eu tenho plena certeza que sim, eu vejo por exemplo se eu, quando eu.. eu consigo juntar a parte prática com a parte teórica, a parte teórica é aquela parte que a gente diz que é aquela parte mais crua né, aquela parte que é mais massacrante, você tem que ler, você tem que observar, as vezes tem que calcula e quando eu trago aquela parte prática, você vê a aplicação daquilo, você vê como aquilo funciona, qual é a forma que aquilo ali tem, a tendência de pensa então eu ach.. eu tenho plena certeza se a gente pudesse fazer essas melhorias, o ensino seria muito melhor e essa parte prática prenderia mais o aluno, porque quando o aluno consegue ver algo né, inclusive as meninas perguntam muito pra mim, ah professor porque que eu vou usar isso na minha vida? Daí eu falo, gente isso aqui a gente usa na construção civil, elas, até brincam já que elas, elas já tão com esse ditado na ponta língua, mas professor, eu não vou construir um telhado quando eu sair daqui, o gente, mas eu não to falando que vocês vão construir um telhado, to falando que vocês vão ter a possibilidade de entender como se faz, de se olha por exemplo, eu levantei um..um argumento na ultima aula se elas tavam falando de alguns, algumas coisas e eu falei assim, cêis acham que é possível construir um edifício de cinquenta e oito andares de cento e quarenta toneladas em cima da areia? Não professor, isso é impossível, não isso é possível e mostrei um vídeo pra elas mostrando que um edi.. o maior edifício da Índia foi construído em cima da areia no meio do deserto e elas falaram, como isso é possível? Então gente na parte, na parte teórica, a gente vai ver e comecei a demonstrar pra elas na teoria e depois vendo o vídeo elas viram na prática aquela aplicação

E: E faz sentido

L: E viram que aquilo faz sentido. É justamente isso, quando a gente fala a parte teórica, em alguns momentos ela pode parecer que ela não faz sentido, quando eu mostro a aplicação prática, não, realmente isso acontece, realmente isso é isso mesmo

E: Ahã

L: E eu acredito que essa contraposição é muito importante e inclusive pro processo de ensino aprendizado, porque por exemplo, eu leciono em escola particular, na escola particular a gente trabalha muito mais a prática do que a teórica e funciona e quando o aluno vai pra parte teórica ele já viu a prática então ele já sabe onde aquilo se aplica. Então tem uma visão diferenciada, o que infelizmente aqui eu sou limitado nesse ponto não posso trabalha.

E: Uhum. E como que você avalia a sua relação com as alunas daqui?

L: Eu avalio que as nossas relações são muito boas

E: Uhum

L: É temos um, eu digo que sou mais um filho delas do que propriamente um professor né, eu.. eu digo que elas me abraçaram, me receberam e.. e eu também as recebi e sempre fui muito sincero com elas, falei que quando cheguei aqui a primeira vez, eu cheguei aqui pra ganhar dinheiro, eu não vim aqui por causa de preso, eu vim aqui pra ganhar dinheiro, depois de um mês aqui eu vi que ao, o meu

pensamento era um pensamento comum, eu vivia num senso comum do pensamento da sociedade, onde a sociedade, muitas vezes ela cria inversão de valores e a gente não entende o que propriamente é uma presa, hoje eu vej.. eu entendo que elas são abandonadas muita, muitas vezes pela própria família, pelo marido, algumas que não tem visitas são largadas e as, as únicas pessoas que elas tem são as próprias companheiras reeducandas e as pessoas que vem de fora, o professor, alguém que vai lecionar um curso e elas se aproximam mesmo por causa dessa carência muito grande e você acaba criando um vínculo com todas elas, eu tenho um vínculo muito bom é, não posso dizer que sou amigo, mas posso dizer que tenho um vínculo de... de união pra poder conseguir trabalhar meu curso e leva e ter certeza que lá na frente elas vão lembrar que elas tiveram um professor que além de ser professor, ele foi uma pessoa que esteve do lado delas pra apoiar elas no, pelo menos nas coisas mínimas da vida

E: Bacana, acho que encerrou nossa entrevista.

Entrevista 4 – Amanda

E: Bom, eu iniciei a gravação, qual o seu nome e idade.

A: Amanda, 27

E: Qual sua área de formação.

A: Letras, Português e Inglês.

E: Amanda, quanto tempo você atua como professora?

A: Aqui no sistema prisional ou no geral?

E: Pode ser no geral primeiro deis do início...

A: Eu leciono há três anos, e aqui no sistema prisional dêis do ano passado.

E: Aqui é a única prisão que você leciona?

A: Não, eu leciono na Unidade 1.

E: E qual é a diferença entre a unidade, essa unidade prisional e a outra que você da aula?

A: Na verdade, a aluna tem comportamentos diferentes. Lá, por exemplo, já a gente só tem escola pela manhã e a tarde, então as alunas, ou elas optam por trabalhar, ou estuda. Se você tá estudando, por exemplo, você tem que abdicar do trabalho e vice-versa, muitas também deixam de estudar quando são chamadas para trabalhar é um ponto importante isso. Vamos supor que elas estão matriculadas na escola “ai professora, a empresa me chamo para trabalhar e eu vou largar”, elas vão lá, assinam o termo de desistência e largam a escola.

E: Entendi.

A: Umas por necessidade, outras por preferência, é porque como existe a remição o intuito é não ficar sem fazer nada, daí a maioria esmagadora elas preferem trabalhar mesmo.

E: Tem diferença, desculpa perguntar, mas, tem diferença entre a remição elas estudando ou trabalhando?

A: Não, até onde eu sei continua sendo três por um, a cada três dias ou trabalhados ou estudado um é remido na pena.

E: Entendi.

A: É que aqui, por exemplo, só tem a escola no período vespertino né, que é das cinco as nove, ou das cinco e quinze as nove e quinze e elas trabalham na parte da manhã. Então quando elas chegam aqui, já tem todos os problemas do trabalho, tem os problemas de horário, às vezes não do tempo etc. Tem que janta, tem dias que não da tempo de janta, a gente tem outros tipos de dificuldades mas, basicamente é a mesma coisa.

E: O que mais interfere na sua aula, por exemplo? Uma dificuldade que seja latente, você tem alguma, em sala de aula com elas?

A: Não!

E: Não?

A: Nenhuma.

E: Tá jóia. Vou continuar tá?

A: Uhum!

E: Você teve algum motivo específico pra, que você escolhesse dar aulas no interior das unidades prisionais?

A: Não, não. Antes de lecionar na verdade no sistema, uma amiga que também leciona aqui comigo nós estudamos juntas há três anos, já tinha trabalhado na fundação casa tá. E ela disse não, existe um projeto, é tranquilo, a gente consegue desenvolver o projeto, consegue desenvolver o trabalho com tranquilidade, eu confio muito nessa minha amiga, e realmente eu consigo desenvolver um trabalho bacana aqui dentro. É um número reduzido de educandas, a gente consegue fazer um trabalho bom, em sala de aula!

E: Bacana! Qual é a sua categoria Amanda? Efetiva, O?

A: Eu sou categoria ò, contratada, por enquanto né?

E: Tá jóia. É, você percebe alguma diferença nos alunos dentro da prisão que não percebe fora, se você percebe quais seriam essas diferenças?

A: Eu nunca lecionei para a educação de jovens e adultos na rua, pra EJA na rua, eu lecionei só para a regular, são os adolescentes. É basicamente a percepção de mundo que você tem. Aqui as mulheres, ela vem de outra realidade, muito embora elas tenham ou a sua idade ou bem mais velhas do que você na maioria das vezes, é outra realidade uma com a qual a gente não esta acostumada ta. Muitas meninas, por exemplo, estudaram pela primeira vez numa unidade prisional, nunca estudaram na rua. Então assim, na rua você chega, você conversa com o aluno, às vezes ele esta desinteressado, desmotivado, ta lá pra cumprir tabela, ta lá por obrigação, e tudo isso a gente entende ou é da idade ou é por motivos familiares, de relacionamento. Agora aqui não, aqui elas têm um motivo ou é pela remição, mas a maioria das vezes elas se interessam mesmo pela atividade, elas fazem a atividade.

E: É eu percebi elas, bem interessadas na aula isso foi muito...

A: Sim, então essa pré-disposição, a pré-disposição, é uma coisa que a princípio eu penso, acredito que seja do EJA que seja de adultos, e a segunda é na verdade o interesse de seguir com os estudos.

E: Entendi. A próxima aqui, você acredita que a educação dentro das prisões contribui para a ressecção delas?

A: Acredito! Acredito de verdade, eu acho que na medida em que você aprende em que você vê uma saída, em que você vê diferentes estratégias pra você seguir com a sua vida das que você tinha anteriormente, dá esperança pra você continuar fazendo as suas coisas. “Não tenho só aquela saída”, “não é só aquilo que eu posso fazer”.

“Se eu conseguir me formar”, “se eu conseguir estudar”, “se eu conseguir aprender isso eu posso ir além”, “eu fiz isso então eu posso ir, além disso,”.

E: Elas passam isso pra você, você sente a diferença de quando você inicia com o grupo e posteriormente você consegue detectar isso, ou motivacional ou algum... Nesse sentido?

A: Com algumas...Tem a questão afetiva né, tem a questão afetiva, eu gosto de ter um vínculo por mais que seja complicado falar em vínculo, essa palavra é meio complicada neste contexto, mais eu gosto de manter isso, eu acho que essa proximidade faz com que elas permaneça. Se na rua você tem “há eu não gosto dessa professora, eu não gosto dessa fulana”, aí tem uma série de termos pejorativos, né?

Aqui a gente também tem essa proximidade, “ai, vem à professora”, “ai ela é isso”, “ai ela é aquilo”, “ela dá aula desse jeito daquele outro jeito”. Então acho que a princípio a afetividade é importante, e elas são bem interessadas assim, a maioria delas, elas conseguem focar assim como você viu na sala de aula.

E: Sim.

A: Ela tem interesse, quando elas conseguem fazer, que elas acertam, e aí que dá mais vontade por isso a minha preocupação não é nem falar se tá certo ou se está errado, “ ai eu errei”, “não, não errou não”. Nunca falo que errou, nunca coloco errado, assim para elas né, continuarem sendo, hã... se motivando, que eu acho que a frustração é um impedimento né.

E: É e é assim, pelo que eu percebi na aula é uma coisa muito... “Não consegui fazer”, “nossa”, é muito assim né?

A: Parece que o não conseguir fazer, aí pronto, o peso do mundo, aí o mundo desaba, não consigo levantar, daí você tem que fazer aquele serviço de ficar empurrando. Mas eu escolhi isso, eu, eu gosto de fazer isso, e eu acredito nisso que eu faço já na pergunta anterior, eu acredito muito nisso!

E: Bacana! Hã... Como é a rotatividade das alunas?

A: Enorme! (risos). É bem grande, por exemplo, a gente tava na sala de aula agora onze meninas, doze meninas e normalmente a gente começa o bimestre com vinte e sete, vinte oito, elas começam todas muito interessadas. Porque a palavra estuda, o estudar, o eu vou a escola é muito forte né, e aí elas começam muito motivadas.

Aí, ao menor empecilho, se elas não têm a proximidade de falar para você “aí professora, eu não consigo” ou “aí professora, me ajuda”. Se elas não conseguem te acessar elas desistem. Também tem o fator de mudar “eu vou sair do fechado e vou

para o semi – aberto”, “eu ganhei a liberdade”, eu vou, “há eu sou gestante eu vou ganhar neném”, “há eu fui transferida para outra penitenciária por conta de aproximação familiar”, aí eu, hã, vai para o castigo. Então assim, às vezes você numa semana tem sete, oito alunas, e na outra você tem vinte. E aqui, o pessoal da educação estão sempre inscrevendo as meninas, então eles colocam bastante menina na sala de aula, mais elas vão se esvaindo.

E: Isso pode ser voluntário? Isso pode partir delas?

A: É voluntario, elas dão o nome, as meninas lá na educação a Maria Júlia e a Vania, elas colocam o nome das meninas na lista e vão selecionando, e vão chamando as meninas para vir à escola.

E: Entendi! E como você faz, na questão, hã...dessa rotatividade como você faz para estruturar as suas... A sua matéria?

A: Então, aqui a gente não trabalha, eu não sigo o currículo do estado ao pé da letra, por que você tem de adaptar. Além de ser uma turma de EJA você tem uma série de assuntos para tratar, por exemplo, em língua inglesa. Eu tenho de ter uma unidade, eu tenho de, por exemplo, de mostrar para elas o que é um verbo, o que é um substantivo para que elas consigam si achar num texto por exemplo. Mas eu não chego passando a atividade, eu chego lendo um texto chego mostrando, “olha que tipo de texto é esse, num sei o que”.

Quando vêm novas alunas eu faço exatamente o mesmo trabalho, por que o meu trabalho não é paulada, não é pontuado, eu não começo passando “verbo, to be”, “isso é um aditivo”. Então elas não se perdem tanto, mas imagino que nas outras matérias podem ser um pouco mais complicada, é que a minha eu tenho como na verdade, deixar mais leve, mais tranqüilo.

E: Tem como flexibiliza?

A: Mas tem algumas alunas que você precisa pegar o trabalho, perdão... Pegar o livro, pegar o caderno e começar o trabalho do zero. “olha isso aqui eu já passei”, “dá uma lida nisso”, “vem aqui me procurar”. Às vezes elas chegam no final do bimestre, as vezes elas chegam e não tem nenhuma atividade aí você tem que colocar atividade, você dá atividade, é, dá atividade de recuperação, eu tenho que dá atividade, a minha função é essa eu tenho que explicar, a minha função é essa, então conforme elas vão chegando você vai desenvolvendo o trabalho até que elas consigam. Às vezes eu dou uma separada na sala, “meninas, aqui as alunas novas que não fizeram ainda”, “as alunas que já trabalharam comigo”, aí eu dou uma separada assim na sala.

E: Mas, o processo de avaliação depois, quando tem essa diferença muito grande?

A: Individual, completamente individual porque na verdade a minha avaliação é processual não é pontuada.

E: tá!

A: É o meu jeito de trabalhar aqui dentro, eu não dô uma prova, eu não dô um trabalho eu dô atividades, e vou acompanhando a evolução da aluna em sala de aula.

E: Entendi!

A: É a maneira mais simples, eu acho que mais eficaz de ver a melhora daquele indivíduo com aquilo que ele tá fazendo, não só memorizando entendendo mesmo, é

o processo de entendimento daquilo que eu tô pegando. Então eu vou avaliando individualmente, conforme ele vai evoluindo dentro da sala de aula, que às vezes eu tenho dentro da sala de aula, hã, que é multiseriada como se pode perceber, alunos de sexto ano e alunos de nono ano, então algumas alunas tem um nível de associação e compreensão muito maior do que algumas outras. Então algumas outras têm que se fazer um trabalho mais de formiguinha, algumas eu posso já soltar a mão e falar “ajuda sua companheira”

E: A aula que você estava agora é do sexto ao nono?

A: Isso, do ensino fundamental II, multiseriado do sexto ao nono, aí a outra sala é ensino médio da primeira série a terceira série do ensino médio, e a última ainda, alfabetização.

E: Entendi. Como você avalia a estrutura física dentro das prisões?

A: Dessa prisão específica eu acho muito boa, eu acho muito boa! É tanto com relação ao material quanto a estrutura física, aqui a gente tem, por exemplo, a gente tá numa biblioteca, ela é super equipada, a gente tem material didático pra funcionar, para trabalhar com elas e funciona, tem os dicionários, tem o data show, tem a televisão com vídeo que funciona, tem o rádio, agora eu tenho rádio para trabalhar, é, quando tá calor os ventiladores funcionam o quadro branco funciona.

Então assim, aqui é muito bom mesmo. Em outras penitenciárias, eu trabalho na outra penitenciária, por exemplo, é mais precário é mais complicado de trabalhar. As salas de aula não são de paredes de alvenaria, são de tapume, na verdade eu não sei o material, elas não vão até no teto, tem mais ou menos um metro e, sei lá, setenta, oitenta de altura. Os outros professores lecionando, você consegue ouvir os outros professores lecionando isso atrapalha, não tem porta, não tem ventilador, o quadro negro é ruim, é giz, é ruim, é tem uma dificuldade grande de você passar um vídeo, por que o equipamento é antigo tá, tem outras facilidades, sim, tem outras facilidades mas a física mesmo, aqui é muito bom.

E: bacana! Você acredita em alguma, que seria possível alguma melhoria, aqui? Se você acredita nessa melhoria, se é possível, quais seriam?

A: Melhoria? Poxa vida, deixa eu pensa, com relação ao espaço físico mesmo?

E: Pode ser até mesmo seu trabalho em aula, alguma mudança.

A: Eu acho bem satisfatório, eu acho que talvez, a gente já conseguiu arrumar o horário a gente conseguiu conversou, a Maria Júlia é uma pessoa bem atenciosa, a gente teve uma reunião a gente conseguiu adequar o horário. Talvez o tempo que elas tem de sair do pavilhão para chegar até aqui, as vezes elas saem com a janta, as vezes elas vêm correndo por conta do banho, as vezes a estrutura da casa não tem como a escola interferir infelizmente, a gente tem que respeitar as regras da casa não há meios de você chegar metendo o bedelho a onde você não foi convidada né, mas é só isso assim, de resto...

E: Você acha que essas mudanças, por exemplo, hã, sei que regras são regras né, mas você acha que se tivesse essa possibilidade isso ajudaria na educação?

A: Aqui dentro sim, sem dúvida, como você pode acompanhar elas tem esse problema “vou deixar de estudar por que não tem água quente”

E: Entendi, é!

A: Isso é real, aqui dentro isso é uma realidade! Então se você tem um horário para tomar banho quente no inverno, por exemplo, isso vai atrapalhar, isso vai atrapalhar a escola, “eu vou deixar de estudar, porque eu vou tomar banho quente”, “por que se eu tomar banho frio eu fico doente e aí depois eu preciso passar no médico para ter o remédio”, porque eles não dão remédio sem receita obviamente pra segurança delas mesmas. Então assim, Talvez se você tivesse um horário de liberação quando elas já tivessem estudado, perdão, já tivesse tomado banho, já tivessem jantado, talvez fosse mais fácil nesse contexto, mas por outro lado eu não sei se poderia, porque eu acho que tem um horário para elas circularem na área externa.

E: Ah tá, verdade!

A: Eu acredito que tem um horário para circular na área externa, então se você adia em meia hora o horário de entrada na escola, adia em meia hora logo no horário de saída né.

E: Sim.

A: Então acredito que por segurança também, elas tenham esse horário.

E: É provável!

A: É!

E: Verdade! Amanda uma última questão, como você avalia a sua relação com as suas alunas?

A: De zero a dez ou de ruim a ótimo? (risos). Olha uma nota, se fosse para colocar de um a dez eu colocaria nove, acho dez é um nível de excelência que eu não tenho em absolutamente nada na minha vida, ainda. Mas eu colocaria nove, eu consigo acessar, eu consigo conversar sem problemas, eu consigo conversar sem precisar usar autoridade, que aqui é um problema tão grande que você quase consegue tocar né, a gente tá numa prisão, então eu não preciso usar de autoridade. Eu acho que o meu jeito aqui dentro, eu consigo, como eu posso explicar pra você... Eu consigo ser mais aqui dentro do que eu sou na rua. Quando você lida com adolescente, tem aquela história né, “olha, você vai chegar na sala de aula, naquela turma, você chega você não sorri não mostra os dentes”

E: sim!

A: “Se chega seja dura seja rígida”, é aquele negócio. Aqui não!

Mas não é nem pelo fato, de “ai, mais também tem um policiamento”, não, não é isso! É mais o fato de, “há vem um professor da rua, aqui dentro da cadeia se sujeita a fazer, é, revista, a passar por tudo aquilo, vem aqui dentro ensinar para gente”, é mais um respeito, é mais um respeito pela figura que você é você está ensinando, na rua a molecada não respeita etc. É diferente, na rua, na verdade os adolescentes eles não tão muito aí para a sua figura, eles te vêem mais como inimigo, “aquele cara vai me dar zero” eu vou tirar... Na verdade não é você né, eles culpam mais o outro do que a si mesmo, e aqui não, “há professora eu não consegui fazer o trabalho posso fazer uma recuperação”?

Falo gente, eu passei uma série de atividades, eu passo uma série de atividades, se vai fazer outras atividades não têm problema. E eu sempre dou né, essa chance porque você nunca sabe o que está acontecendo. Esses dias eu perguntei para moça, aí cadê a fulana? Que aconteceu com a fulana? Aí a fulana tá internada com

problema respiratório. Então não tem como você ser oito ou oitenta, quando ela voltar passa a atividade e avalia.

E: Você acredita que a sua flexibilidade, mudou aqui dentro?

A: Muito! Meu jeito de ver a educação mudou, a parte ruim é que assim você chega super animado e elas sugam o que você tem, por que elas estão presas e você na rua. Então, toda sua energia de rua elas vão sugar, porque elas não estão lá fora, não sabem como tá o clima lá fora, senti saudade, “ai que perfume é esse”, “ai esse perfume é novo”, “qual é a moda da rua”, “e esse cabelo, não sei o que”.

Então assim elas querem te absorver, tudo que você tem para dar elas vão absorver você sai daqui cansada, tem vontade só de tomar um banho quente e descansar essa é a única parte ruim mais me ajudou muito em todas as outras áreas da minha vida assim, saber ouvir sempre foi um problema pessoal e aqui mudou, bem ou mal mudou!

E: Amanda, obrigada pela entrevista!

A: Não por isso, foi um prazer!

Entrevista 5 – Neuza

E: Queria pedir pra senhora falar seu nome e idade

N: Neuza, 50 anos.

E: Certo. Qual é a sua área de formação?

N: Licenciatura plena.. Pedagogia com licenciatura plena.

E: E a quanto tempo você atua como professora no sistema prisional? Não, como professora.

N: Como professora, há quinze anos.

E: E no sistema prisional?

N: Três anos.

E: Três? Certo. Você já deu aula em outras unidades? Ou dá?

N: Não, só aqui.

E: Só aqui? É, a categoria..é efetivo? Categoria O?

N: O.

E: Houve algum motivo específico para que você escolhesse dar aulas no interior das unidades prisionais?

N: Não, não teve, eu vi no edital, fui lá, me cadastrei, me chamaram, e eu vim com a cara e com a coragem, sem pensar, sem olhar pra trás.

E: Bacana.. e você percebe alguma diferença entre os alunos daqui de dentro e os de lá de fora?

N: Bastante. Bastante. Aqui elas têm vontade de aprender. Ainda mais na minha área, que são anos iniciais, as alunas que praticamente não sabiam nada, da alfabetização, e vão sair daqui com uma carga positiva, vão sair daqui sabendo ler, escrever, fazendo contas, que elas nem sabiam fazer contas...

E: É verdade, talvez até entrar em uma faculdade né?

N: Isso...nem, as vezes nem ir pra faculdade ou se elas saírem daqui, elas teriam uma noção básica, que elas não tinham, o que me impressionou aqui foi que elas não tinham conhecimento de nada, não sabiam ler, não sabiam escrever, não sabiam nem fazer contas, o básico, sabiam o que era aquilo, se você desse dinheiro pra elas, elas sabiam contar, mas se você colocava aquilo no papel, nada...era um bicho de sete cabeças aquilo.

E: É complicado né? Você acredita que a educação dentro das prisões contribui para a reinserção da mulher na sociedade?

N: Contribui, contribui bastante, elas vão se sentir mais aptas para o mundo lá fora, mais confiantes...

E: Sim, mais emponderadas né?

N: Isso...*Uhum...*

E: E como é a rotatividade das aulas?

N: É bem puxado na minha área, eu trabalho com alunos iniciais, eu trabalho com...são três categorias, as que não sabem nada, as que estão adiantadas e as que sabem muito. Então eu tenho que aplicar três, todo dia, três sistemas de ensino diferentes para conseguir no final do ano com que elas se entrossem. É puxado isso, é puxado...

E: Deve ser complicado mesmo...

N: Sim, muito...

E: E como você faz para planejar as aulas em decorrência disso?

N: Eu tenho tempo livre aos finais de semana..então aos finais de semana eu me debruço no computador e vou preparando...vou preparando pra...são seis, eu tenho seis alunas, e pra cada uma eu preparo uma aula diferente. Já pra semana, então eu já venho...de segunda à sexta-feira eu já venho preparada.

E: E aí você vai de mesa em mesa, assim, com cada uma?

N: Não, eu separo a minha lousa em três camadas, então eu coloco na lousa os exercícios, falo quem é que vai fazer, né, pra elas fazerem no caderno, depois que elas terminarem no caderno, elas vão até o quadro negro e elas vão passar aquilo que elas fizeram no caderno...sem olhar o caderno. Então elas têm que estudar duas vezes, elas têm que preparar duas vezes, o que elas fizeram no caderno e ir até a lousa. Isso também deu muito trabalho, no início elas não queriam. Tive muita briga com elas porque elas não queriam ir para a lousa. Elas se sentiam envergonhadas, porque as outras iam falar, e até trabalhar..tem que trabalhar com o psicológico também né.

E: E como que a senhora conseguiu fazer com que no decorrer do tempo elas fossem...?

N: Indo...falando: “Não, vai...vai!” Chegou uma época, que tava tendo aula e uma das meninas que são um pouco mais fracas, depois do exercício e falou: “Eu faço”, eu falei: “Então faz”, e estava quase na hora de bater o sinal de ir embora, ainda avisei a dona Elaine e falei: “Enquanto na minha sala não terminar, ninguém sai” Né? E a menina conseguiu...foi na base da pressão, né? E conversando, todo dia eu chego, bato um papo, vejo como que foi o dia, o final de semana, o que elas estão

fazendo, em que elas estão trabalhando, se elas receberam cartas, então primeiro eu converso com elas, primeiro eu me inteiro do que...delas...do que elas fazem, pra depois começar a aplicar a aula, pra elas se sentirem também...hã...importantes, e saberem que eu sou amiga delas, né, que não é porque eu to aqui na prisão, que eu sou uma professora, que vai lá, aplica a matéria e dane-se o resto. Não. Nós somos é...primeiro eu mostro que eu sou amiga, que eu me interesso por elas, pra depois conseguir alguma coisa, senão eu não consigo nada...

E: Bacana, tem que criar um vínculo né?

N: Precisa...isso...

E: É...la perguntar como você prepara suas aulas para as mulheres presas mas você já respondeu, né?

N: Isso, é o mesmo sistema que eu usava lá fora.

E: E como você avalia a estrutura física e pedagógica das escolas na prisão?

N: Eu só dou aula aqui na Unidade 2. E aqui eu não tenho o que falar...tudo o que eu preciso, a biblioteca, né, eu posso usar, se tem um filme pra passar eu posso passar, então a infraestrutura que eles me fornecem aqui é de excelente qualidade, eu não tenho nada pra reclamar. Se eu peço hoje, amanhã já está pronto.

E: Realmente, eu fiquei bem impressionada, eu conheci a escola da PII de Sorocaba, e aqui a estrutura é muito boa mesmo...Você acredita que seria possível alguma melhoria?

N: É possível, e tem bastante melhoria...

E: E quais seriam?

N: Leitura. Que é algo muito difícil e muito complicado, tanto aqui dentro como lá fora, porque as pessoas não querem mais saber de ler né, então é...hã...elas chegam, eu chego até a metade do ano com o incentivo de elas lerem, elas fazem leitura e eu consigo entender o que elas estão lendo e depois da leitura eu falo pra elas me falarem o que elas leram pra ver se elas também estão entendendo. Na parte da língua portuguesa é mais complicado por que elas não gostam, elas não gostam de escrever...elas gostam de escrever cartas, mas o básico, o que precisa elas não gostam, né, então é um trabalho muito puxado...as vezes elas perguntam alguma coisa pra mim, eu entrego o dicionário pra elas e falo: “Pesquisa”, né? Pra elas começarem a ver que o mundo é...gira em torno de um monte de coisa, de ideias, que a gente pode encontrar e que gente sabe, e elas...aí elas se sentem valorizadas porque elas conseguiram, né...matemática, matemática pra elas é um bálsamo, porque elas adoram, né, agora ciências, história, geografia, aí é complicado, mas a gente tem que fazer e vai na base da leitura né...então esse é um trabalho árduo em que eu chego e falo... o dia que eu falo “Vai ter português” ou “Vamos fazer ciências”, praticamente ninguém vem, então eu deixei de falar, tem que pegar elas de surpresa, senão elas fogem.

E: Entendi, e aqui dentro, em relação à estrutura, tem alguma coisa que poderia melhorar?

N: Pra mim não, pra mim do jeito que tá, tá de bom tamanho, em todos os sentidos, em sala de aula, o que a gente pede, tudo, eu não tenho queixa.

E: Em relação ao conteúdo, a senhora consegue passar normalmente, como é lá fora, administrar o tempo...é o mesmo?

N: Não, é bem diferente, aqui o conteúdo você tem que...se você for trabalhar com vogais, você tem que passar três semanas trabalhando com vogais. Se você for trabalhar com gramática, aí é quase...praticamente meio ano trabalhando com gramática...é complicado, é muito complicado, porque tem... problema daqui é que tem muitas, ainda mais na minha sala, vou falar da minha sala, tem muitas meninas que vieram do vício, né? Das drogas, né? E na minha sala é muito, mas muito complicado...que eu consegui, tem uma menina que eu achava que não fosse conseguir...eu consegui fazer com que ela lesse duas, três páginas, né? É lento o processo mas...hã...é árduo também, mas é uma satisfação de elas conseguirem, porque tem muitas que não conseguem, porque a mente já está bloqueada.

E: Por causa das drogas né?

N: Exato.

E: E como você avalia a sua relação com elas?

N: Eu sou uma professora bem enérgica, né...hã...eu sou amiga, mas ao mesmo tempo que eu sou amiga, hã, tem a hora de brincar, tem a hora de falar mas na hora que eu aplico a matéria elas sabem que tem que sentar, fazer e sem discutir, né? Porque eu preciso preparar elas pra saírem do ensino dos anos iniciais e pegar o ensino fundamental II, e muitas não querem, querem ficar aqui e eu falo “eu não posso”, né, eu falo “Ou eu trabalho pra vocês serem mulheres grandes lá fora ou vocês vão ficar sempre no *b-a-bá* aqui dentro”, é muito difícil, né, é uma briga...que eu faço isso todos os dias com elas, porque elas querem ficar sempre na mesmice, e eu não concordo com isso, né, elas falam “Eu não consigo”, daí eu falo: “Comigo não tem não conseguir”, já tive altas brigas na minha sala por causa disso. “Ah professora, eu não consigo”, “Como não consegue? Então vamos começar tudo de novo”. Então, eu zero, se eu estou num estágio avançado, e a menina fala “Eu não consigo”, então tá, a hora que ela fala “Eu não consigo”, eu volto tudo à estaca zero novamente, né, aí ela se cansa, ela fala “então eu consigo” aí ela vem pra onde eu quero, então eu tento buscar, porque senão elas querem ficar, elas acham que estando aqui na escola, elas vão conseguir a remissão delas, automaticamente sim, só estando na escola, mas é como eu falo pra elas: “eu não posso vir todos os dias aqui, chegar na sala de aula, ficar sentada olhando pra carinha de vocês e deixar o tempo passar, não é o meu perfil. O meu perfil é chegar, mostrar algo pra vocês e fazer com que vocês saibam que vocês são capazes de chegarem lá, e é isso que eu faço. Então de segunda à quinta-feira, sexta-feira é mais leve, mas de segunda à quinta-feira, elas sabem que vai ser pesado, mais pesado do que elas fazem lá fora.

E: Bacana. Então é isso, acabaram as perguntas, muito obrigada.

N: Magina.

UNIDADE 5

Entrevista 6 – Rosângela

E: Bem, Rosângela, eu gostaria de saber primeiro a sua idade e qual a sua área de formação.

R: É... Tenho quarenta anos e me formei como pedagogia.

E: Entendi. E já faz quanto tempo isso, que você se formou?

R: Tem quatro anos.

E: Quanto anos. E desde então você já atua como professora? Atuava antes?

R: É, então, não. Eu me formei no final de dois mil e treze e comecei já a entrar na área do projeto, né, da educação nos presídios. Então eu comecei em Abril de dois mil e quatorze. Logo que eu me formei já iniciei no projeto.

E: Entendi. E você deu aula também em outra... É...

R: Unidades?

E: Em outra escola regular, também fora?

R: Sim.

E: Da [inteligível 0:46].

R: Eu trabalhei, né, no Estado dentro do projeto, né? Que é Educação Dentro dos Presídios e trabalhava também na prefeitura, que aí seria dentro das escolas com educação infantil.

E: Sim. É... Então desde dois mil e quatorze você tá atuando como professora...

R: Isso.

E: Tanto fora quanto na prisão?

R: Isso.

E: E hoje você só atua dentro do sistema prisional?

R: Sim.

E: É... Você já deu aula em outras unidades ou dá aula em outras unidades prisionais também?

R: Então, dentro desse..., dentro de quatro anos eu já passei em três unidades. Que a primeira foi custódia um, né? Aqui no município. Passei pela P1 e tô mais tempo aqui no CDP feminino.

E: Entendi. E você é concursada pelo Estado? Você trabalha vinculada ao Estado ou a prefeitura?

R: Não, é vinculada ao Estado.

E: Ao Estado? E aí você tem alguma categoria dentro do Estado?

R: Sim. É, não sou efetiva, nós somos categoria "O"...

E: Entendi.

R: No meu caso.

E: É só categoria "O" que pode atuar nos presídios? Você sabe?

R: Não, pode ser também a categoria "F", não tem problema algum.

E: Só acho que só não pode ser efetiva, não é isso?

R: Então, essa informação eu não sei corretamente pra te dar. Eu sei que o "F" e o "O" pode.

E: Entendi. Que são... O "F" também é contrato temporário?

R: Então, o "F" ele é o "O"...

E: Eu não conheço. Conheço a categoria “O”, eu conheço, agora categoria “F” eu não...

R: A categoria “O”..., os “F” ele era como o “O”. É contrato. Só, o que aconteceu? Quando você passa a ficar mais de..., fica cinco anos em contrato com o governo ele é obrigatório te efetivar, então o “O” virou “F” por conta disso, ele já estavam com contrato, que venceu cinco anos e aí o que aconteceu? Eles tiveram que virar... O “F” é praticamente efetivo, que o governo teve que efetivá-los.

E: Entendi. É... E cê teve algum motivo específico pra você escolher dar aula nas unidade prisionais? Como é que foi esse processo de aproximação do projeto?

R: Então, como eu havia acabado de me formar, é..., dentro do... Assim, tem atribuições? Né? Você faz uma prova e depois o governo te dá oportunidade de você participar de algumas atribuições que acontece na escola no decorrer..., no começo do ano.

E: Hm.

R: Pra você atribuir e ficar um tempo, vai, pegando aula. E a primeira atribuição que eu participei pra mim estar pegando aula, teve a oportunidade, no momento de eu atribuir, de escolher, né? Essa vaga. Tinha essa vaga pra trabalhar dentro do projeto prisional. É, confesso que eu fiquei bem... – como posso falar pra você? – eu fiquei bem insegura por ser dentro de um presídio pra trabalhar com presas. Eu fiquei com um pouco de medo. Mas assim, a minha pessoa, né, falou “Não, eu acho que eu tenho que tentar”, né? Então eu abracei a oportunidade e vim conhecer. E gostei e tô esse tempo, quatro anos, dentro do projeto.

E: Você só trabalhou em feminina?

R: Não, trabalhei na P1, é com os meninos.

E: Ah, a P1 é masculina.

R: Trabalhei com os meninos e no Custódia 1 também são os meninos.

E: E você muita diferença entre as alunas mulheres e os...

R: Sim.

E: ...alunos homens.

R: Tem, o público é diferente.

E: Uhum.

R: Em algumas coisas você vê a diferença. Os homens nesse ponto eles são mais dedicados. As mulheres são um pouco mais assim... Elas questionam mais assim. Não sei se a palavra seria a correta, de mais.., de ter um pouquinho mais de preguiça...

E: Uhum.

R: ...de realizar as atividades.

E: Mas questionam em que sentido?

R: Questionam “Aí, professora...”. Dá atividade, não querer fazer... Ai,então os homens eles abraçam mais. Eles se dedicam mais. E as mulheres elas, a maioria realmente elas questionam na questão de não fazer. Preguiça... E elas são muito assim... Elas tem muito atritos, né, entre elas.

E: Mais do que os homens?

R: Sim. Os homens dentro da sala de aula eles respeitam mais. As mulheres não, elas levam muito, elas se..., tem um atrito, que você tem.. Tem momento que a professora tem que... Né? Entrar mesmo e falar “Não, aqui não é o lugar”, né?

E: Uhum.

R: “Tem que respeitar uma a outra”... Então tem essa diferença que eu percebi.

E: E você falou..., que comentou que você dá aula hoje pro fund... Fundamental I?

R: Seria Fundamental I.

E: E aí como é que funciona a sala? São todas as alunas independente do nível na mesma turma? É multiseriada?

R: É multiseriada, né? Então você vai pegar alunas desde que você vai ter que alfa..., alfabetiza-las e dividir a sala mesmo. As que não sabem ler e escrever com as que já tem um conhecimento. Então você tem que ver o nível, conhecer o nível de cada uma e dividir realmente as atividades a serem dadas.

E: E como é que você conse... É, faz pra preparar suas aulas frente a isso? Porque é... Assim, uma coisa é você alfabetizar, ensinar a escrever, outra coisa é você já está com alguém que está na última parte do ciclo.

R: Então, realmente. Eu trabalho assim, eu faço sondagem, né, que é pra ver o grau de conhecimento delas, dificuldade de escrita e divido a lousa e pesquiso mesmo. Que nem, a que não sabe, coloco primeiro ano. Então vou preparar atividade de primeiro ano pra alfabetizar. A outra, dependendo da sondagem, né, que ela está, o nível que ela está, eu vou preparar atividades voltada pra aquele nível, né? E aí eu vou trabalhar. Divido a lousa, divido as disciplinas...

E: Aham.

R: E como são poucas alunas dentro da sala é mais fácil.

E: Hoje cê tem quantas alunas?

R: Então, no momento eu tenho quatro alunas Quatro não. Eu comecei uma lista com quatro em Agosto, né, que é o semestre, e hoje eu tenho três. Por conta da unidade CDP. Então elas ainda não são sentenciadas.

E: Aham.

R: Então é muito entra e sai, muda muito o público, né? Então umas estão estudando comigo, dependendo sai o alvará delas elas tem que..., ou o bonde e elas tem que estar mudando. Então, aí tem que largar as aulas.

E: E como você lida com essa rotatividade. Porque também eu sou professora, enfim...

R: Ah.

E: E eu sei que é difícil você preparar a aula e aí, de repente, você chega e, sei lá, mudaram as quatro alunas, chegam outras quatro novas. Como é que você faz pra organizar sua rotina de trabalho?

R: Eu confesso que é um pouco complicada. Aqui eu não tenho tanta. O Responsável pela escola, ele... Eu não sei se tenho essa sorte ou eu.. Geralmente as que eu começo eu... Só nas últimas semanas assim que elas tem é... , são

transferidas. Mas eu tenho colegas de trabalho realmente que eles têm essa dificuldade. Que nem, as aulas estão pra se encerrar agora. É..., dentro de três semanas. E ontem no meu HDPC estava realmente este debate de estarem colocando novos alunos na lista. Realmente fica uma coisa... Não tem como você avaliar o aluno, né? Eu acho que é muito pouco tempo pra você avaliar.

E: Uhum.

R: Então tem um pouco de dificuldade.

E: E quais estratégias você lança mão pra conseguir dar o jogo de cintura e avaliar e conseguir ensinar a algo, passar algum tipo de conteúdo?

R: Em relação à minhas alunas?

E: É.

R: Desde o início?

E: Isso.

R: A Eu não entendi.

E: Ah, porque, assim, chega aluna e você vai fazer um projeto...

R: Tá, certo.

E: Avalia, faz a sondagem...

R: Certo

E: Fala “Essa aqui precisa aprender a escrever”.

R: Certo

E: Só que daí chega daqui três semanas ela sai. Ou ela sai em liberdade ou ela vai de bonde...

R: Então...

E: Como é que você maneja isso?

R: Então, as novas alunas é como iniciar do zero, né? Você vai fazer o mesmo trabalho, vai fazer a sondagem, vai ver o nível de cada uma... E não tem como você dar continuidade de uma..., do conteúdo que você estava dando... Porque cada aluno tem uma dificuldade, você não pode aplicar uma atividade que *tava* dando pra uma pra outra, cada um tem a sua dificuldade.

E Uhum.

R: Então você tem que o que? Preparar novas atividades e ver qual a dificuldade que tem? Em ler? Porque tem aluno que sabe ler e não sabe escrever. Tem aluno que sabe escrever e não sabe ler. Eu tenho dois casos assim dentro da sala de aula, então eu tenho que realmente trabalhar diferente. O que eu trabalho com uma eu tento trabalhar com a outra.

E: Entendi.

R: É diferente.

E: Você fala do HTPC...

R: Hm..

E: Como é que funciona? Você é vinculada a uma escola externa a unidade?

R: Isso.

E: E aí esse HTPC é na escola, como é que funciona?

R: Então...

E: Existe uma coordenadora específica do projeto prisional?

R: Sim. É, a escola vinculadora aqui das unidades do município.

E: Uhum.

R: E nós temos o HTPC todas as quintas-feiras. É, até o ano passado nós estávamos com coordenador que ele era só pro projeto prisional.

E: Aham.

R: Tá? Mas por conta de algumas mudanças do governo nós não temos mais um coordenador voltado somente pro projeto. Nossa coordenadora agora é a mesma que é a coordenadora lá, do ensino regular, também é do projeto. Então tá tendo muitas dificuldades porque elas não conhecem a realidade do presídio. Porque é uma outra realidade.

E: Uhum.

R: Né?

E: E aí vocês fazem o HTPC junto com todos os outros professores? Ou é separado?

R: Não. Separado. É, os horários dos professores que trabalham no projeto é separadinho do que quem trabalha no regular, ensino regular.

E: Então vocês conseguem trocar entre vocês?

R: Sim.

E: E aí é só essa unidade, não? São todos os professores que dão aula na...

R: Sim, é.

E: ...unidade 5?

R: É. Aí é dividido em dois períodos. Manhã e tarde. Né? Mas assim, ela tá aprendendo bastante com nossas informações porque realmente é uma realidade... Ela desconhece, então ela tá aprendendo bastante com os professores, ela mesmo fala.

E: Entendi. E você considera que você tem - nessa relação com a escola, com as diretrizes do governo - você considera que você tem autonomia pra trabalhar com as..., com as presas? De conteúdo, de método de trabalho? Existe algum conteúdo que é recomendado que não se trabalhe? Ou existe uma autonomia e aí você pode...

R: Então...

E: ... administrar seu trabalho?

R: Nessa parte nós temos uma autonomia, né, pra trabalhar com eles. E... Den... No começo, né, do ano, nós fazemos, vamos elaborar nossas atividades no currículo a serem dados. Nós tentamos trazer, trabalhar algo que seja a realidade dele, né? Dos

alunos aqui dentro. Porque é outra realidade, então essa parte o governo te dá uma autonomia pra você discutir, você ver o que trabalhar junto com eles. Não tem uma grade curricular igual lá fora...

E: Aham.

R: ... que você tem que alí, a risca, trabalhar livros. Não. Fica na autonomia do professor. Se ele quer trabalhar livros didáticos ele vai trabalhar, se ele quer trabalhar atividades, pesquisas, fica a critério do professor.

E: E em relação aos materiais didático? Isso vem do Estado, isso é disponível, não é? Como você avalia?

R: Então, agora. No começo não tinha, tá? Agora tá tendo.

E: No começo de dois mil e quatorze?

R: Ao longo de dois mil e quatorze, dois mil e quinze não tinha. Agora – já faz o que? Uns dois anos – que tem um livro que é de EJA que você trabalha com ele. Assim, não é próprio pro presídio, né? Ainda isso não tem. Então a gente pega alguns assuntos dentro do livro EJA. Fica a opção também. Fica... É opcional. Tem alguns aqui na unidade, aí você olha o que pode ser trabalhado, o que é legal pra trabalhar com a realidade do seu aluno, você trabalha. Mas ainda não tem um específico assim. Ah, “EJA dentro dos presídios”. Não tem.

E: E você acha que seria importante esse tipo de material?

R: Eu acredito que ajudaria bastante, né? Eu acredito que sim, seria. Seria muito bom.

E: Que tipo de conteúdos, vamos dizer assim, que diferenciaria, dentro da unidade, do que você vê num livro didático hoje?

R: Então, tem que ser trabalhado com o aluno... Eu acho que não é somente a grade, a matemática, a língua portuguesa. O... Você tem que trabalhar – eu penso assim com as minhas alunas, o que? – a *reasociá-las*. Não se é essa a palavra.

E: Uhum.

R: Né? De trabalhar... Com muitas você conversando com ela você vai ver que o histórico de vida dela é um histórico que, realmente, muito complicado. Então, talvez, nesse ponto. De você trabalhar essa *reassocila*..., *reassocí*... Qual que é a palavra?

E: Ressocialização.

R: É. Com elas. Seria bem legal de ter uma... Ter isso como apoio.

E: Isso você tá falando saindo da unidade? Ressocialização pra quando sair do sistema?

R: Isso. Pra você prepara-las. De prepara-las aqui dentro pra quando ela sair, né? Ela ter um novo olhar.

E: E você considera que a educação é importante nesse processo?

R: Com certeza. Nossa, muito importante. Porque nós tivemos já situações – não comigo, mas dentro – de alunos voltarem a estudar dentro da unidade prisional, conti..., terminar o ensino médio e lá fora fazer uma faculdade. Então ela mudou todinho o histórico de vida dela.

E: Uhum.

R: Né? Então eu acho que isso é um grande avanço. Isso mostra realmente que a educação dentro do presídio é você dar a chance para aqueles que não tiveram aqui fora.

E: Aham. Você já chegou a ter... Já teve contato com presas ou presos, enfim, que tiveram aulas com as monitoras? E aí passaram por professor da rua?

R: Hãh...

E: Porque antes de dois mil e treze, no Estado de São Paulo, eram as próprias monitoras e monitores presos...

R: Isso.

E: ...que ministravam aula. Você teve contato com algum aluno assim?

R: Tive. Eu tive assim do moni..., do monitor, né? No meu primeiro ano, trabalhando com Custódia I é ele que passou a organizar a biblioteca. Mas ele era um monitor, ele que aplicava as aulas.

E: E das alunas? Alguma aluna teve aula com monitor, com monitora?

R: Não.

E: Você não [inteligível 10:05].

R: Não, não tive esse contato.

E: Entendi. É... Você acha que... Desculpa, essa já foi. Como que você avalia a estrutura física e pedagógica das escolas dentro das unidades?

R: Dentro da unidade?

E: Isso.

R: Então, assim, eu acho que tem algumas unidades no qual eu passei que tem uma estrutura muito boa física.

E: Aham.

R: Né? E tem algumas unidades realmente ainda que tem que ser melhorada em questão da parte física, que não tá totalmente voltado pro... Nós temos algumas dificuldades.

E: Uhum.

R: Né? Algumas não tem banheiro, então isso dá dificuldade... É então, realmente, tem que ser melhorado nessa parte. Os espaços...

E: Pelos menos as escolas que eu conheci, nas unidades que eu já fui, a maioria delas a escola, as salas de aula, funcionam em ambientes improvisados.

R: Sim.

E: Que não foram destinados pra educacional. É um pouco disso que cê tá dizendo?

R: Sim. É. Porque por exemplo...

E: Por exemplo, tinha sala de aula em refeitório.

R: Pelas que eu eu passei, olha...

E: ...em refeitório.

R: Eu passei pela P1, né? A P1 ela realmente ela te dá a estrutura física realmente de uma escola, aonde tem várias salas no mesmo corredor, você tem banheiro, você tem a sala dos professores. Então, realmente, a P1 e a P2, nesse ponto, ela..., ela te dá um pouquinho mais de estrutura, né? Em relação a parte física. Aqui a gente já tem um pouquinho mais de dificuldade, porque é uma sala, realmente. Tem a lousa, tudo bonitinho, mas não tem um banheiro. Caso aconteça de você ter algum problema alí, você depende de um monte de coisa pra você...

E: Entendi.

R: Então nessa parte...

E: Não tem banheiro nem pros professores e nem pros alunos?

R: Não. É. Não tem.

E: Entendi. E aí você acredita que seria possível, necessário alguma melhoria na educação? Na escola dentro das unidades? Você falou um pouquinho do livro didático, mas...

R: Eu acredito que tem bastante coisa. Tá melhorando conforme... É..., porque, conforme... Tá melhorando bastante coisa, né? Em relação a crescimento dentro das unidades mesmo. Mas tem alguma que, eu acredito, que precisa ser melhorados, né? Mesmo que... Como você tá dentro de um presídio você tem muita dificuldade do que? De materiais, de você pode levar... Não são todos os materiais que você pode levar pra sala de aula, em questão realmente de segurança, então não é a mesma liberdade que você tem dentro de uma escola lá fora, que você vai aplicar, que tem vários projetos que pode ser trabalhado... Então tem esse..., tem... Tem essa... Essa dificuldade.

E: E você acha que se isso mudasse de alguma forma traria melhorias pra..., pra qualidade da..., do ensino ou algo assim?

R: Acredito que sim.

E: É... E como você avalia sua relação com as alunas? Como é que isso se constrói?

R: Então, eu nunca tive problema com alunas, tá? Eu sempre..., eu sempre coloco o que ? Uma troca de respeito. É, primeiro momento, eu sempre na primeira aula eu falo..., eu falo. Eu respeito elas e elas me respeitam, né? Então eu nunca tive problema algum, eu sempre trato o aluno não como um preso. Eu enxergo o meu aluno como um aluno ali que quer aprender. Eu procuro não saber qual foi o crime que ele cometeu aqui fora, mesmo pra mim não ter um julgamento.

E: Uhum.

R: Né? De querer julgar, olhar ele, como assim “Nossa, ele matou!”, “Ele roubou!”, “Ele *estrapou!*”, eu não tenho esse... Eu procuro não saber o que ele cometeu porque eu acho que isso, queira ou não, atrapalha sua relação com o aluno.

E: Uhum.

R: Então eu sempre procurei ter mesmo uma postura de tá ali pra ensinar, né, num ambiente de respeito entre eu e eles e eles a mim. Tanto que eu trabalhei com homens, mulheres. Nunca teve um caso que eu falei “Nossa...”, nunca. Sempre me respeitaram, sempre respeitei eles.

E: Com mulheres você trabalhou aqui só?

R: Sim.

E: Quanto tempo? Desculpa, você falou...

R: Aqui é o terceiro ano.

E: Terceiro ano.

R: Na feminina, né?

E: E você já presenciou alguma situação de violência com algum professor?

R: Sim.

E: Com você nunca teve..

R: Comigo nunca, mas, assim, teve alguns amigos, né? Algumas professoras que teve alunas que desrespeitaram. Até mesmo chutar mesa, cadeira e ela ficar um pouquinho mais agressiva, né? Isso foi bem, bem chato.

E: Esse tipo de coisa que você comentou, no masculino não acontece? Ou acontece menos? Ou você presenciou também no masculino essa...

R: Teve, mas não foi assim... Semestre passado eu *tava* na P1 e teve uma professora que os alunos trancaram ela pra fora, e ela pedia pra abrir, pra abrir e eles não queriam abrir, né?

E: Fora da sala?

R: Teve que... É, ela estava fora da sala e eles *tavam* dentro. Ela precisava entrar, eles dando risada, "Não vai entrar, não vai entrar!", teve que um asp ir até lá, né? E... Pra eles respeitarem. E falta... E teve uma professora também que faltaram com respeito, queriam o número do celular dela. Ficavam cantando ela a todo momento... Então teve algumas coisinhas assim.

E: É, não sei. Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre trabalhar em unidade prisional, dar aula? Alguma coisa que talvez eu não tenha perguntado mas que você acha importante? Tratando do ambiente prisional..

R: Ah, eu queria dizer assim.. Nesse tempo que eu trabalho dentro das unidades prisionais, eu acho assim, que foi... Não me arrependo. Muitas pessoas falam "Ai, mas você não tem medo?". Pra todas as professores que trabalham lá, "Aonde você trabalha? Aonde você dá aula?" e eu falo "Dentro do presídio" e as pessoas me ques..., todas, me questionam. Falam "Nossa, mas você não tem medo?" "Qual que é a experiência?". Eu não me arrependo de ter entrado. Eu gosto muito, né? Porque, queira ou não, você.., aqui dentro, eles tem um novo olhar. Lá fora muitos professores amigos meus têm mais dificuldade em dar aula, né, do que aqui dentro. Porque aqui dentro tem a disciplina, né? Algumas coisinhas que aconteceu aí, mas num..., num... Tem como relevar. Porque tem uma disciplina, tem um respeito e eles.., eles valorizam demais a educação.

E: Uhum.

R: Muitos alunos meus – eu acho que isso pra mim não tem preço – falam "Professora, eu não sei o que seria de mim sem a escola, sem eu poder vir estudar, essa é oportunidade que eu *tô* tendo" então eu acho que isso pra mim, eu acho que paga tudo, né?

E: Aham.

R: Paga tudo aquilo que você... Algumas coisas que você vê, que você passa, então eu acho que... Eu sinto muito prazer de poder ser uma professora que trabalho dentro do presídio.

E: E que...

R: Eu me sinto muito honrada de poder ajudar com o meu pouco essas pessoas que, as vezes, não tiveram oportunidade! Outras porque a cabeça estava voltada em outras situações, *tava* envolvida com crime... Então acredito que esse pouquinho que nós, professores, vem trabalhando, essa sementinha que nós plantamos todos os dias, eu acredito que ela vai ter um resultado.

E: Uhum.

R: Né? Eu acho que isso é muito gratificante a todos nós professores.

E: Então aquele medo que teve a princípio...

R: Não tem...

E: ...na hora da escolha...

R: ...não tenho.

E: Foi superado.

R: Foi. E eu falo “Nossa, que bom que eu..., que eu fui firme e falei ‘Não, eu vou entrar, sim, eu quero ter essa experiência!’”, né? “Não tem como eu falar uma coisa que eu não sei”. Então assim, eu sou muito honrada, muito gratificante mesmo, gosto muito do trabalho que eu faço...

E: Uhum.

R: Então...

E: Cê falou que fora da penitenciária você só deu aula pra criança? Você chegou a dar aula pra EJA também?

R: Não, só pra crianças.

E: É, é difícil ter um comparativo, né?

R: Então, muitas pessoas falavam “Ai, como que é? É melhor você trabalhar com crianças ou com..., dentro do presídio?”. Assim, o ano passado eu entrei das oito ao meio dia e entrava as treze as dezoito horas com as crianças dentro da prefeitura, né?

E: Ah, você *tava* nos dois?

R: É. Então eu saia daqui e dentro de meia hora eu *tava* dentro da escola. Então é uma coisa assim... Um ambiente, né, diferente em todos os aspectos. A criança ele é inocente, ela é pura, ela..., um clima de alegria. Aqui já é um clima mais tenso, né? Porque você tá dentro do presídio. É, são pessoas que tão ali, já cometeram alguns crimes, então é totalmente diferente, né? O lugar, a situação... Não tem como fazer essa comparação. É diferente.

E: Hoje você não tá mais na prefeitura?

R: Não, esse ano eu não peguei a prefeitura. Como que eu era contrato, né? Eu faço uma prova pra mim pegar, e aí eu não fiz provas e eu não passei, então aí eu fiquei só dentro do..., mesmo do presídio.

E: Entendi. Tá certo então! É, obrigada!

R: Imagina.

E: Pela sua disponibilidade aí pra conversar. Aí, qualquer coisa, você tem meu contato...

R: Tá bom, agradeço.